

SECÇÃO
DE
ESTAMPAS

As manifestações do bello que affectam a vista são mais duradouras e em geral mais delectosas do que as que entendem com os outros sentidos; já o velho Horacio havia dito:

*« Segnius irritant animos demissa per aurem,
Quam quæ sunt oculis subjecta fidelibus. »*;

e é talvez por isso que tamanha extensão têm tido as artes ditas do desenho.

Da gravura e das artes congeneres (lithographia, photogravura e outras), que reproduzem em grande quantidade de exemplares os desenhos, pinturas, esculpturas, &, tornando assim taes obras accessiveis á consulta frequente e apreciação prolongada dos proprios que nunca as viram em original, poder-se-hia dizer, como em outros tempos se dizia da philosophia escolastica em relação á theologia, que são *as servas da pintura, da esculptura e da architectura.*

D'estas ideas dimana a formação de collecções iconographicas; por isso nos paizes civilizados não só as bibliothecas publicas, mas tambem os amadores das boas artes põem a peito possuir collecções de estampas, chegando ás vezes a comprar por preços verdadeiramente fabulosos as obras primas ou raras dos grandes mestres, como ainda ha pouco succedeu em Londres, onde o Sñr. Clément comprou por 1510 libras esterlinas uma agua-forte de Rembrandt, no 1.º estado, repre-

sentando o retrato do *Advogado Tolling* (*). (*Revue Britannique*, pp. 289 a 290 do n.º 5, de Maio de 1883).

Sem pretender emparelhar com a Bibliotheca Nacional de Paris, o Museu Britannico e a Bibliotheca Imperial de Vienna d'Austria, a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro póde ufanar-se de possuir uma collecção iconographica digna de qualquer bibliotheca de primeira ordem, contendo numerosos desenhos originaes, principalmente da escola italiana, para mais de trinta mil estampas de quasi todos os mestres de todas as escolas, d'entre as quaes muitissimas obras primoras, grande numero de estampas raras e algumas peças *unicas*, que se não acham alhures.

O desejo de facilitar ao publico o exame e estudo d'estes thesouros e a necessidade de pôr a bom recato, em molduras, as famosas *batalhas de Alexandre Magno*, gravadas por Gerardo Audran e Gerardo Edelinck, e outras estampas de maxima grandeza, que dobradas andavam guardadas em pastas, estragando-se por este modo inconveniente de accommodação, foi o principal movel d'esta exposição.

Dito isto, resta-nos accrescentar algumas palavras sobre o modo, por que foi ella organizada. Na escolha das estampas que deviam ser expostas, tivemos em vista sobretudo apresentar as obras primoras dos mais notaveis gravadores e as peças raras ou unicas, ainda que nem sempre obras de summo valor artistico; entretanto algumas gravuras, não raras, de artistas de somenos merecimento fôram escolhidas para figurarem na

(*) A estampa é geralmente conhecida por esta denominação; entretanto o autor do *Catálogo de Burgy*, 1755, a designa sob o título de *Retrato famoso do Medico Pedro Van Tol* e mais recentemente Mr. Vosmaer, citado por Ch. Blanc (*L'Œuvre de Rembrandt*), afirma que a pessoa retratada é com effeito um Medico, de nome Arnaldo Tholinx e não Pedro Van Tol.

exposição sómente como specimens de cada escola.

Não podemos deixar de lastimar que ao lado das numerosas obras primas e das estampas raras dos mais celebres mestres das escolas italiana, allemã, hollandeza, flamenga, ingleza e franceza, deixe de figurar grande copia de bellas gravuras das escolas hespanhola, portugueza, americana e brazileira, que mais de perto nos interessam, por ser muito escasso o numero das estampas que d'essas escolas, já de si pouco ricas, possui a Bibliotheca Nacional.

Si logramos o intento de descrever methodicamente neste Catalogo as estampas expostas, seguindo as pegadas dos mestres na materia, nem sempre pudemos, na distribuição d'ellas pelas paredes e vitrinas, collocar-as na mesma ordem em que estão descriptas, como tanto fôra para desejar. Os differentes formatos das folhas e a necessidade de aproveitar o acanhado espaço, de que dispunhamos, nos obrigaram por vezes á aproximações destoantes; d'esta falta pedimos venia, e para attenuar-a adduzimos ao Catalogo os indices, que julgamos necessarios para facilitar as pesquisas.

Bibliotheca Nacional, 29 de Maio de 1884.

Dr. JOSÉ ZEPHYRINO DE MENEZES BRUM,

Chefe da Secção.

ESBOÇO HISTORICO

A historia da Secção de estampas, em seu principio obscura, confunde-se com a da Real Bibliotheca de Portugal e a da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro até 1.º de Abril de 1876: assim, pois, faremos antes o esboço historico das mesmas Bibliothecas até essa epoca do que o da collecção icognographica, da qual só trataremos por menor quando para isso tivermos dados positivos.

Tendo o terremoto de Lisboa de 1.º de Novembro de 1755 e o incendio que se lhe seguiu aniquilado a antiga Real Bibliotheca, tratou El-Rei Dom José I de prover á fundação de nova livraria para uso da Familia Real. É muito sabido como a maior e melhor parte dos fundos da nova bibliotheca foi constituida pela numerosa e riquissima livraria do erudito bibliophilo, Abbade de Santo Adrião de Sever, Diogo Barbosa Machado, offerecida por elle a El-Rei, e como a sua entrega á Casa Real foi effectuada de 1770 a 1773. (1)

Segundo o Catalogo de sua livraria, organizado e escripto pelo proprio Barbosa Machado, existente na Bibliotheca Nacional, a collecção icognographica do Abbade de Santo Adrião de Sever constava de:

3 volumes de estampas de brazões de di-

(1) Para mais pormenores sobre este assumpto vide *A Livraria Barbosa Machado* pelo Sr. Dr. B. F. Ramiz Galvão, nos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, 1, pp. 25 a 43.

versas familias (à folha 56), contendo estampas gravadas em metal e em madeira, pela mór parte tiradas de livros, e desenhos originaes com illuminuras ;

63 obras em 73 volumes (à folhas 111 a 113). (2)

D'entre os livros de estampas de Barbosa Machado merece especial menção a famosa collecção facticia, unica no genero, de retratos, dispostos por ordem chronologica, em 7 volumes (3) in-folio imperial, com folhas de rosto adrede impressas, da qual reza o Catalogo citado: « Esta collecção que consta de 6 volumes he de summa estimação pella raridade de muitos Retratos, e estarem a mayor parte d'elles metidos em Tarjas primorasas que lhes augmentaõ m.^{to} as figuras que representaõ. »

A respeito d'esta collecção de retratos diz o illustrado Sñr. Dr. Ramiz Galvão (*Annaes da Bibliotheca Nacional*, 1, 35 a 36): « Barbosa foi um collector intelligentissimo, e ao que parece grande conhecedor de livros; mas o senso artistico, o gôsto, o amôr do bello esse faltava á sua organisação e não fizera nunca o seu cuidado.

« ¿ Como dizer um iconophilo que um soberbo retrato de Edelinck, de Nanteuil ou de Vorsterman ganha merecimento dentro de uma communissima tarja de Bonnat ?

« ¿ Haverá consorcio mais absurdo aos olhos de um amator da arte do que o de uma gravura primitiva de Portugal com a arte de G. Audran em seu apogeu de gloria ?

(2) Á pagina 29 dos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, 1, se diz por inadvertencia « Livros de estampas... 64 obras, 76 volumes. »

(3) Contamos 7 volumes, porque aos 6 mencionados no Catalogo: 2 de *Retratos dos Reis, Rainhas e Príncipes de Portugal* e 4 de *Retratos de Varoẽs Portugueses insignes em Santidade, Litteratura, Sciencia militar e politica*, adicionamos o volume de *Retratos de Pontifices, Cardiaes e Bispos, Reis e Príncipes e Varoẽs insignes*, semelhante aos outros 6 no papel, no formato e na maneira por que foi organizado.

« Não ha negal-o; essa união hybrida, offensiva, quasi se-poderia dizer repugnante de retratos e de molduras das eschololas mais oppostas, de gravadores os mais distanciados na escala do merecimento e da idade, é a nossos olhos a demonstração viva de que ao nosso illustre bibliophilo eram completamente alheias as noções intuitivas do bello.

« Não insistamos porêm neste particular; em tudo o mais as colleções foram acondicionadas com aquelle amôr que distingue os mais zelosos, e são realmente admiraveis pelos thesouros raros que ahi se-conservam.

« Uma peculiaridade distingue ésta vasta collecção de retratos, e é que muitissimos d'entre elles trazem impresso no proprio papel em que se acham collados, — ou um epigramma latino em louvor do individuo, ou uma concisa indicação biographica, ou simplesmente o nome e os titulos do personagem.

« Temos noticia e examinamos em bibliothecas de Europa colleções de retratos mais ricas e mais bellas sob o poncto de vista artistico; mas dispostas com tanto trabalho e enriquecidas de inscripções impressas *ad hoc* cremos que não existem; a de Barbosa póde talvez lisonjear-se de unica. »

Existem ainda hoje na Bibliotheca Nacional livros e estampas, cuja aquisição póde talvez ser attribuida á um periodo intermedio á destruição da antiga Real Bibliotheca (1755) e á entrega da livraria de Barbosa Machado a El-Rei Dom José I (1770 a 1773); entretanto força é confessar que nenhum documento historico autoriza esta supposição, nem esclarece qual a data e o modo por que foram adquiridos taes livros e estampas.

Quanto a estas, devemos observar que muitas d'ellas trazem no proprio corpo da gravura as

assignaturas autographas dos seus antigos possuidores: *João Gresbrante* (4); — *He de Luiz da Costa tem estampas 34. | oje de seu filho Felix da Costa | agora he de André Gonçalves Pintor* (5); — *A. P.*; — *Costa*; — *Oliveira*; taes assignaturas porém não podem determinar de modo definitivo qual a data em que a Real Bibliotheca adquiriu essas estampas.

De Mss. da Bibliotheca Nacional conclue-se que a livraria do Collegio de Todos os Santos da Ilha de S. Miguel, que pertencêra aos Padres Jesuitas, foi incorporada á Real Bibliotheca da Ajuda, sendo afinal aproveitada sómente parte d'ella.

Em 8 de Janeiro de 1780 mandou o Marquez de Angeja consultar a Feliciano Marques Perdigão, Guarda da Real Bibliotheca, si conviria, á vista do Catalogo da livraria dos proscriptos Jesuitas da Ilha de S. Miguel, mandar vir para Lisboa todos ou sómente parte dos livros da dita livraria; a 9 de Novembro de 1790, por ordem do Visconde (*de Villa nova da Cerveira*) Mordomo Mór, entraram para a Real Bibliotheca 15 caixões com os livros em questão, caixões que foram conservados fechados até 1804, anno em que, diz o Padre Francisco José da Serra Xavier, foram « abertos por mim do que resultou por comidos do bixô e podres com tal corrupção que pedirão ser queimados, o que executei; conservando porem alguns para melhorar de tomos ou supprir faltas. 22 de Outubro de 1804. Serra X. »

De feito ainda hoje existem na Bibliotheca

(4) *Gresbrante* e não *Gresbante*, pintor inglez, que floresceu de 1651 a 1680 e trabalhou em Lisboa (Cyrillo, 79).

(5) Luiz da Costa nasceu em 1595 ou 1599 (Raczynski, *Dictionnaire*, 60); Felix da Costa, seu filho, é Felix da Costa Meessen, que floresceu no fim do XVII e principio do XVIII seculo? (Raczynski, *Dictionnaire*, 57). André Gonçalves II nasceu em 30 de Dezembro de 1692, ✕ a 15 de Junho de 1762 (Cyrillo, 90) e possuia, segundo Taborda (pag. 226) uma vasta collecção de estampas.

Nacional livros em cujas folhas de rosto occorre, no alto, a seguinte declaração: « *Livr.^a publica do Coll.^o da Comp.^a de JESV de Ponta Delgada.* »

Ha na Bibliotheca Nacional quatro volumes de estampas representando assumptos de historia natural, mappas geographicos, &, gravadas por diversos artistas portuguezes na *Officina calcographica, typoplastica e litteraria do Arco do Cego*, então sob a direcção do illustre botanico brasileiro Fr. José Marianno da Conceição Velloso. Tendo sido, por decreto de 7 de Dezembro de 1801, extincta a dita Officina, pode-se suppor que esses 4 volumes tivessem entrado para a Real Bibliotheca por essa epoca.

As chapas d'essas estampas, remettidas de Lisboa pelos Governadores do Reino e recebidas na Real Bibliotheca do Rio de Janeiro em 2 de Junho de 1813, ainda hoje se conservam na Bibliotheca Nacional.

Quando a Familia de Bragança, reinante em Portugal, veiu para o Brazil em 1807, trouxe consigo a Real Bibliotheca da Ajuda e a do Infantado, as quaes foram em 1810 accommodadas no Rio de Janeiro no local, então occupado pelo hospital da Ordem 3.^a do Carmo, que foi removido para o Recolhimento do Parto, pondo-se a Bibliotheca em communicação com a Capella Real por meio de um passadiço. A Bibliotheca não era publica; entretanto dava-se entrada hellá ás pessoas munidas de permissão especial para consultarem seus livros, estampas, &.

Por esse tempo foram nomeados conjuntamente directores da Real Bibliotheca no Rio de Janeiro o Franciscano Fr. Gregorio José Viegas e o Padre Joaquim Damaso, da Congregação do Oratorio.

Das aquisições feitas ⁽⁶⁾ desde então até a Independencia do Brazil mencionaremos por alto as que menos importam sob o ponto de vista iconographico, para nos occuparmos mais detidamente da collecção de estampas que pertenceu ao Conde da Barca.

D'entre aquellas devem-se contar :

1.º, o espolio litterario de Fr. José Marianno da Conceição Velloso, constante de livros, manuscritos e desenhos originaes, offerecidos pelo Provincial dos Religiosos Franciscanos da Provincia da Immaculada Conceição do Brazil, á Real Bibliotheca, nella recebidos a 13 de Novembro de 1811;

2.º, a livraria do Dr. Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, comprada em 1815;

3.º, desenhos á mão, pinturas, estampas, camapheus, moldes, livros impressos e manuscritos por compra feita ao architecto José da Costa e Silva, em 1818.

Fazia parte d'esta aquisição uma preciosissima collecção de esboços e desenhos originaes, de pennejado, a lapis, á sanguinea e á aguada, pela maior parte de mestres da escola italiana, trazendo cada um no verso da folha, escripto por letra do proprio Costa e Silva, o nome do pintor, á que é attribuido o esboço ou desenho.

Para melhor se poder avaliar o merecimento artistico d'esta collecção, damos em seguida a lista dos mestres, cujas obras contém : — Baglione (Cesar); Barbieri (João Francisco), dito *Guercino*; Beretino (Pedro), dito *de Cortona*; Brizio (Francisco); Burrini (João Antonio); Cambiaso ou Cangiagio (Lucas); Cantagallina (Remigio); Cantarini (Simão), dito *de Pesaro*; Canuti (Domingos

⁽⁶⁾ Vide nos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, iv, pp. 7 e seguintes, a *Introdução* do Catalogo dos Manuscritos.

Maria); Carracci (Agostinho, Annibal e Luiz); Castiglione (João Benedicto); Cavedone (Jacob); Cignani (Carlos); Creti (Donato); Dionysio José, portuguez; Franceschini [qual?]; Galli (Francisco), dito *Bibbiena*; Gandolfi (Caetano e Ubaldo); Garbieri (Lourenço); Gennari [qual?]; Gessi (Francisco); Guidesca [?]; Dona Ignez, portugueza; Metelli (José Maria); Miguel Angelo; Milani (Aurelio); Palma senior (Jacob); Palma junior (Jacob); Pellegrini senior (Peregrino), dito *Tibaldi*; Possino [?]; Raphael; Reni (Guido); Ricardo Antonio, portuguez; Robusti (Jacob), dito *o Tintoretto*; Roli (José Maria); Sabbatini (Lourenço), dito *Lorenzino de Bolonha*; Sole (João José dal); Sirani (João André e Isabel); Spada (Leonel); Spisano (Vicente), dito *Spisanello*; Stringa (Francisco); Tempesta (Antonio); Tiarini (Alexandre); Torri (Flaminio); Varotti [?] (José); Viani [qual?]; Vieira Lusitano (Francisco), portuguez; Zuccaro (Frederico). Si a respeito da authenticidade dos autores de alguns d'estes esboços e desenhos originaes se podem levantar duvidas, parece que pela maior parte devem elles ter sido feitos pelos proprios artistas, aos quaes são attribuidos.

Tendo fallecido o Conde da Barca em 1817 no Rio de Janeiro, foi a sua livraria (7) levada á praça *para pagamento da execução que a seu herdeiro movia o Conselheiro Antonio Fernando Pereira Pinto. Em 22 de Abril de 1822, depois de terem corrido mais de trez praças sem se-apresentar licitante algum, foram de novo trazidos a publico*

(7) Vide, para mais esclarecimentos a este respeito, o flosso artigo, *Do Conde da Barca, de seus escriptos e livraria*, nos *Annes da Bibliotheca Nacional*, II, pp. 5 a 33 e 359 a 403. Devemos entretanto advertir que nesse artigo alguns enganos escaparam, que vão corrigidos aqui em glypho.

De uns autos originaes, recentemente adquiridos pela Bibliotheca Nacional, cuja folha de rosto reza: « 1822 / Rio de Janeiro / Proprios Reaes e Nacionaes. / O Ill.º Sr. Cons.º Proc.º da Coroa e Fazenda / para se adjudicar / A Livraria do Ex.º Conde da Barca falecido / ... », extrahimos alguns dos dados que serviram para a correção d'esses enganos.

pregão de venda e arrematação os bens do dito Conde, que andavam em praça pela execução d'aquelle Pereira Pinto, e nessa occasião apresentou-se o P.^e Joaquim Damaso, Bibliothecario da Real Bibliotheca, dizendo que, por ordem de S. Alteza Real o Principe Regente do Brazil, vinha arrematar para a mesma Bibliotheca a livraria, posta novamente em praça, pelo preço da avaliação, si não houvesse quem mais desse; de feito, não apparecendo outro licitante, foi a livraria, depois de preenchidas as formalidades do estylo, arrematada pelo Governo por Rs. 16:730\$970, em que fôra avaliada, com a obrigação de entrar o arrematante com essa quantia para o Banco do Brazil, no prazo de tres dias.

Em seguida foi a livraria do Conde da Barca incorporada aos proprios nacionaes por Accordão do Tribunal da Casa de Supplicação do Rio de Janeiro de 28 de Setembro de 1822, mandado executar por sentença civil do Juizo dos Feitos da Fazenda de 26 de Novembro do mesmo anno.

Quanto á collecção iconographica Araujense convem dizer que:

Além do « *Grande Theatro do Universo* » e da « *Collecção de antiguidades romanas e gregas* », entraram para a Real Bibliotheca, mais alguns volumes de estampas, como por exemplo, a « *Œuvre de Joseph Vernet... représentant divers ports de mer de France et d'Italie, ainsi que plusieurs paysages de sa composition, gravés par Cochin, Le Bas, Aliamet, Le Veau, et autres célèbres graveurs françois. Paris. 1782. 2 volumes in-folio, com o ex-libris do Conde da Barca* »;

Do « *Grande Theatro do Universo* » possui a Bibliotheca Nacional 120 volumes, e não 119, porque existe o volume 125, que foi contado como perdido (*Annaes da Bibl. Nac.*, II, 401), vindo

portanto á faltar d'esta Collecção tão sómente cinco volumes: o 21.º, o 69.º, o 70.º, o 71.º e o 110.º

Antes de fazer ponto neste assumpto, sejam-nos permittidas duas cousiderações:

1.ª, que nos foi suggerida pela recente leitura do auto de arrematação da livraria do Conde da Barca: como é que, sendo essa livraria arrematada para pagamento do Conselheiro Antonio Fernando Pereira Pinto por execução, que movia ao herdeiro d'aquelle Conde, foi a importancia da arrematação recebida não pelo exequente, mas pelo representante de João Piombino, como cesionario dos executados?

2.ª, que até hoje a ninguem ainda occorreu: tendo a livraria do Conde da Barca sido arrematada por ordem de S. Alteza Real o Principe Regente do Brazil, em 22 de Abril de 1822 (no tempo portanto do dominio portuguez), era Portugal o verdadeiro devedor da sua importancia; tanto mais quanto nos dois milhões de libras esterlinas, que, pelo tratado e convenção addicional de 29 de Agosto de 1825, feitos no Rio de Janeiro entre Portugal e o Brazil, pagou este áquelle, foi incluída a indemnisação pelas propriedades particulares que deixou S. Magestade Fidelissima no Brazil (de cujo numero fazia parte a Real Bibliotheca, á qual tinha sido incorporada a livraria do Conde da Barca) e que se calcularam em libras esterlinas 250,000, « ... ficando com esta somma (2 milhões esterlinos) extinctas de ambas as partes todas e quaesquer outras reclamações, assim como todo o direito a indemnisações d'esta natureza (Art. 1.º da Convenção addicional). »

Além das acquisições acima mencionadas, a Real Bibliotheca fez outras parciaes e de menor valor, ás quaes os bibliothecarios chamavam *pro-*

pinas (doações voluntarias, remessas á que eram obrigados os editores, &?)

Regressando a Familia de Bragança para Portugal, em 1821, deixou a Real Bibliotheca no Rio de Janeiro, onde ficou até hoje, passando a ser de direito propriedade do Brazil pelo ajuste de contas feito entre Portugal e o Imperio.

Desde o anno de 1814 a Real Bibliotheca tornou-se publica por ordem do Principe Regente D. João, character, em que se tem conservado até o presente, sendo porém, depois da Independencia, denominada, nos proprios documentos officiaes, ora *Bibliotheca Publica*, ora *Nacional*, umas vezes *Imperial*, outras *Imperial e Publica* ou *Imperial e Nacional* até 4 de Março de 1876, em que finalmente tomou o titulo que actualmente tem.

Na falta de Frei Gregorio José Viegas, que acompanhou a Familia de Bragança para Portugal, e do P.^o Joaquim Damaso, que, por não querer adherir á causa da independencia do Brazil, resignou o emprego, foram nomeados por decreto de 23 de Outubro de 1822: Bibliothecario, o religioso franciscano Fr. Antonio de Arrabida, anteriormente Bispo de Anemuria, e Ajudante do Bibliothecario, o Padre Felisberto Antonio Pereira Delgado, o qual desde 3 de Agosto de 1822 já servia na Real Bibliotheca como encarregado especialmente da conservação e classificação dos manuscriptos.

Em 7 de Janeiro de 1824 adquiriu a Bibliotheca Nacional a livraria do distincto e illustrado medico brasileiro, Dr. Francisco de Mello Franco.

Por decreto de 13 de Setembro de 1824, assignado por João Severiano Maciel da Costa, depois Marquez de Queluz, então Ministro do Imperio, foram mandados pôr em execução os *Artigos Regulamentares para o regimen da Bi-*

bibliotheca Imperial e Publica que o zeloso Bibliothecario tinha organizado e submettido á approvação do Governo, em substituição dos *Estatutos da Real Bibliotheca*, publicados na Regia Typographia em 1821, que então regiam o estabelecimento.

Nas investigações, a que procedeu na Bibliotheca Nacional, encontrou Fr. Antonio de Arrabida o manuscrito e desenhos originaes da *Flora Fluminensis* de Fr. José Marianno da Conceição Velloso, ineditos, e tendo levado ao conhecimento do Governo este precioso achado, o então Ministro do Imperio Estevão Ribeiro de Rezende, mais tarde Marquez de Valença, por portaria de 25 de Agosto de 1825 manda *que o texto da sobredita obra seja aqui impresso debaixo da sua (do Bibliothecario) correccão e do D.^{or} João da Silveira Caldeira; ficando autorisado tambem para enviar os respectivos Desenhos a Pariz, a fim de se estamparem lithograficamente na Officina de Lasteurie, ou em outra de igual perfeição, tomando a seu cargo a direcção d'estes trabalhos louvaveis e muito analogos a seu patriotismo.*

Si quanto ás estampas a ordem foi então plenamente executada, sahindo ellas á luz da publicidade, em 1827, em Paris, na officina lithographica de Senefelder (N.^o 11,693 do *C. E. H.*), não o foi completamente quanto ao texto, porque só parte d'elle ⁽⁸⁾ foi impresso no Rio de Janeiro, na Typographia Nacional, de 1825 a 1827 (N.^o 11692 do *C. E. H.*)

Vieram para o Rio de Janeiro as estampas d'esta importante collecção iconographica, da qual muitos exemplares foram ter á Typographia Na-

(8) O resto do texto foi publicado em 1881, nos *Annaes do Museu Nacional* (volume v), sob a direcção do erudito e laborioso Director d'aquelle estabelecimento, Sñr. Dr. Ladislau de Souza Mello e Netto.

cional e á Academia de Bellas Artes, sendo porém o maior numero d'ellas confiado á guarda da Bibliotheca Nacional.

Por ordens do Ministerio do Imperio de diferentes datas receberam collecções completas da *Flora Fluminensis*: as Provincias do Imperio, o Museu Nacional, o Jardim Botânico, a Academia Militar, a Academia Medico Cirurgica (actual Faculdade de Medicina), a Sociedade de Medicina (hoje Academia Imperial de Medicina), o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, algumas pessoas particulares, estabelecimentos publicos estrangeiros....; mas ainda assim ficava em deposito na Bibliotheca Nacional grandissima quantidade de estampas da dita *Flora Fluminensis*, cuja historia vamos esboçar á vista de documentos existentes no Archivo da Bibliotheca Nacional.

Em officio de 4 de Março de 1839 informou o Bibliothecario Francisco Vieira Goulart ao Ministro do Imperio que nas lojas da Secretaria da Justiça, onde se achavam havia já nove annos mais de 200 caixões com estampas da *Flora Fluminensis*, tinham sido feitas accomodações especiaes para os ditos caixões, ficando elle de posse da chave da porta, que dá servidão para essas lojas.

Em officio dirigido ao Ministro do Imperio em 18 de Março de 1859, pondera o Bibliothecario Fr. Camillo de Monserrate que, si uma bibliotheca publica é com effeito um deposito de livros de uso effectivo e corrente, não deve ser o lugar normal para deposito permanente de muitos exemplares de uma só obra, e pede que sejam restituídos ao seu destino natural os salões da Secretaria da Justiça e da Bibliotheca Nacional, quer mandando remover d'ali para outro armazem independente da Bibliotheca Nacional os exemplares da *Flora Fluminensis* truncados, deteriorados

e inutilizados, quer ordenando que seja contractada a venda ou troca d'elles com uma fabrica de papel.

Por aviso do Ministerio do Imperio de 24 de Março de 1859 foi o Bibliothecario autorizado a « contractar a venda ou troca dos deteriorados ou truncados pelo modo por que lembra no seu officio de 18 do corrente, distribuindo os que estiverem completos, e em bom estado, pelas Bibliothecas das Faculdades, e pelas Provincias onde existirem taes estabelecimentos, e permutando-os com as Bibliothecas nacionaes ou estrangeiras, e ainda com os particulares por outras obras, cuja acquisição julgue importante, informando ao Governo Imperial do que occorrer posteriormente a esta declaração. »

Não consta do Archivo da Bibliotheca Nacional que a ordem supra fosse cumprida; sómente encontra-se um officio do Bibliothecario ao Ministro do Imperio, Sñr. Conselheiro José Antonio Saraiva, com data de 3 de Junho de 1861. que reza: « Tenho a honra de declarar á V. Ex.^a que apezar de se achar hoje muito limitado o numero dos exemplares da referida obra, existentes na Bibliotheca Nacional, pode-se comtudo dispôr d'um exemplar para o destino mencionado no Aviso, e que já se providencia para ser posto á disposição do 1.^o Secretario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o exemplar da *Flora Fluminensis* que elle sollicitou por officio de 23 de Maio proximo passado »; mas passa por certo, segundo a tradição, que as collecções da *Flora Fluminensis* foram emfim ter a uma fabrica de papel.

Hoje a Bibliotheca Nacional não possui d'esta preciosa collecção de estampas mais que dois exemplares.

Tendo o Bispo de Anemuria pedido e em 16 de Agosto de 1831 obtido a sua demissão, foi interinamente encarregado da administração da Bibliotheca Nacional o Ajudante do Bibliothecario Conego Felisberto Antonio Pereira Delgado, o qual por decreto de 12 de Agosto de 1833 foi exonerado do lugar, sendo por decreto da mesma data nomeado para o substituir o Padre Francisco Vieira Goulart.

Em 19 de Agosto de 1833 entregou o Conego Pereira Delgado a Bibliotheca Nacional ao Padre Goulart, mas a pretexto de não poder ser demittido, por ser vitalicio o lugar de Bibliothecario, e de estar encarregado da conservação da livraria do Infantado, continuou a residir na parte da casa que occupava e reteve em seu poder todos os papeis, livros e mais objectos pertencentes á Bibliotheca. Não obstante ter sido intimado por officio do Chefe de policia, Eusebio de Queiroz Coutinho Mattoso Camara, de 28 de Setembro de 1833, expedido em consequencia do Aviso do Ministerio do Imperio do dia antecedente, para despejar a casa por cima da Bibliotheca Publica, que então occupava, entregando ao seu successor todos os objectos á sua guarda pertencentes á mesma Bibliotheca, o Conego Pereira Delgado não cumpriu a ordem, sendo necessario, para que ella fosse executada, que pelo Juiz de direito da 1.^a vara civil da Côrte, Lourenço José Ribeiro, se expedisse em 21 de Outubro de 1833, mandado de despejo no praso de oito dias.

O novo Ajudante do Bibliothecario administrou a Bibliotheca Nacional nessa categoria até 11 de Janeiro de 1837, e como Bibliothecario de então em diante até ao seu fallecimento (21 de Agosto de 1839).

Na administração do P.^o Goulart entraram

para esta Bibliotheca: 122 pastas com papeis relativos a negocios que correram pelas diferentes secretarias de Estado de Portugal, enviadas por Francisco Gomes da Silva, por antonomasia *O Chalaça*; e por morte do Marquez de S. Amaro, occorrida em 12 de Agosto de 1832, 115 pastas com documentos mss. que pertenceram ao seu gabinete particular, referentes ao Governo Portuguez sob a regencia do Principe Dom João, depois D. João VI; finalmente, em Maio de 1838, os herdeiros do grande patriota José Bonifacio de Andrada e Silva doaram-lhe a sua livraria, importante não só á luz da bibliographia, mas tambem pelos documentos officiaes, manuscritos e cartas autographas de pessoas notaveis de todos os paizes.

O Conego Antonio Fernandes da Silveira, que desde 30 de Outubro de 1837 já servia de Ajudante do Bibliothecario, esteve á testa da Bibliotheca Nacional depois do fallecimento do P.^e Goulart até 5 de Novembro de 1839, dia em que o Conego Januario da Cunha Barbosa, nomeado Bibliothecario por decreto de 5 de Setembro do mesmo anno, tomou posse do lugar. A 7 de Novembro de 1839 foi o Conego A. F. da Silveira exonerado, a seu pedido, do cargo de Ajudante do Bibliothecario.

Fallecendo em 22 de Fevereiro de 1846 o Conego Januario da Cunha Barbosa, foi, por decreto de 5 de Março do mesmo anno, nomeado Bibliothecario o Dr. José de Assis Alves Branco Moniz Barreto, que falleceu prematuramente para as letras em 17 de Março de 1853.

Nomeado Bibliothecario, por decreto de 23 de Abril de 1853, o monge beneditino Fr. Camillo de Monserrate tomou posse do lugar em 29 do dito mez e anno.

Durante a administração de Fr. Camillo adquiriu a Bibliotheca Nacional: 1.º, em Julho de 1853, 41 volumes de manuscriptos do distincto medico e naturalista portuguez, Antonio Correia de Lacerda, os quaes « comprehendem noticias inéditas, abundantes e preciosas, sobre a historia natural e especialmente acerca de plantas do Pará e Maranhão e suas applicações medicinaes e economicas, sendo acompanhados os volumes d'esta colleção de desenhos coloridos de perfeita execução. » (*Annaes da Bibl. Nac.*, iv, pag. x); 2.º, em Dezembro de 1853, a importante livraria e manuscriptos de D. Pedro de Angelis, com o respectivo Catalogo.

Por estar a Bibliotheca Nacional mal accomodada no edificio do antigo hospital do Carmo, comprou o Governo a um particular, por 125 apolices da divida publica de conto de reis cada uma (Dr. Moreira de Azevedo, *O Rio de Janeiro* 11, 122), a casa, hoje n.º 48, do largo da Lapa, para nella collocar a mesma Bibliotheca. A nova casa era, em verdade, mais vasta que o antigo local; faltavam-lhe porém outros requisitos necessarios a um estabelecimento d'esta ordem, e já hoje é insufficiente.

Graças aos cuidados e zelo do digno Bibliothecario, tudo quanto havia na casa da fua de detrás do Carmo, livros, estampas, manuscriptos, trastes, &, foi removido sem estrago nem perda para a do largo da Lapa, ficando inteiramente concluida a mudança a 4 de Março de 1858; mas em consequencia de obras especiaes necessarias á accommodação da Bibliotheca no novo edificio, sómente a 4 de Agosto d'esse anno pôde ella ser franqueada ao publico.

Fallecendo Fr. Camillo de Monserrate a 19 de Novembro de 1870, foi, por decreto de 14 de

Dezembro do mesmo anno, nomeado Bibliothecario o Sñr. Dr. Benjamim Franklin Ramiz Galvão, que tomou posse do lugar a 22 do dito mez e anno. O talento, instrucção não vulgar, assiduidade ao trabalho, amor dos livros e conhecimentos bibliographicos, já provados, do novo Bibliothecario o recommendavam, diremos até, o impunham á sabedoria do Governo Imperial.

O intelligente e laborioso Ministro do Imperio, Sñr. Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, que referendou o decreto de nomeação do Sñr. Dr. Ramiz Galvão, não se limitou a prover a Bibliotheca Nacional de um director excepcionalmente idoneo; com a força de vontade, que lhe é peculiar, ordenou uma serie de medidas tendentes todas á reforma radical d'este estabelecimento:

Em 7 de Abril de 1873 nomeou o Sñr. Alfredo do Valle Cabral official addido á Bibliotheca, incumbindo-o de zelar, estudar, ordenar e catalogar os manuscriptos;

Encarregou o Bibliothecario de ir, em 1873, á Europa estudar a organização das suas mais notaveis bibliothecas, no intuito de adoptar para a do Rio de Janeiro os melhoramentos que lhe fossem applicaveis;

Nomeou uma *Commissão de Catalogos*, composta dos Sñrs: Dr. João de Saldanha da Gama, Dr. Antonio Mendes Limoeiro, Alfredo do Valle Cabral, Antonio José Fernandes de Oliveira, José Carlos de Faria, Bacharel Domingos Jacy Monteiro Junior, Dr. Francisco Moreira Sampaio e Antonio da Costa e Sá (que serviu por pouco tempo), para organizar os catalogos necessários á Bibliotheca, emquanto não levava a effeito as reformas que tinha em mente;

Finalmente, propoz e obteve do poder legislativo não só que a verba aquinhoadá á Bibliotheca

pelas leis do orçamento anteriores fosse elevada á altura das suas necessidades e serviços (Rs. 68:800\$500), mas tambem que o Governo ficasse autorizado a reformal-a sem augmento da despeza que então se fazia com ella (§ 1.º do art. 16 da lei n.º 20670 de 20 de Outubro de 1875).

Os vaivens da politica não permittiram que o illustre Ministro rematasse a cupula do edificio cujos fundamentos com tanto acerto assentára; é porém de rigorosa justiça que d'aqui lhe rendamos publica homenagem pelos relevantes serviços que ás letras prestou e que proclamemos o seu nome como o de um dos bemfeitores da Bibliotheca Nacional.

As principaes occurrencias da administração do Sñr. Dr. Ramiz Galvão até ao 1.º de Abril de 1876 são:

A sala de leitura até então franqueada ao publico de 9 horas da manhã ás 2 da tarde, o foi igualmente de 6 ás 9 horas da tarde, a começar do dia 6 de Maio de 1872;

O fallecido Dr. Alexandre José de Mello Moraes offereceu á Bibliotheca, em 1872, cêrca de 200 volumes de manuscriptos encadernados, « contendo muitos documentos officiaes, não todavia coordenados e vindo não poucos d'elles incompletos pelo nenhum cuidado que se-teve no seu agrupamento e arranjo. » (*Annaes da Bibl. Nac.*, iv, pag. x);

Em Janeiro de 1873 comprou-se á viuva do commendador Manuel Ferreira Lagos, por 28:000\$000 de réis, a melhor e maior parte da importante livraria, que fôra d'elle, constando de 3,475 volumes, 146 mappas, 231 manuscriptos, 2,000 folhetos, muitas gazetas e relatorios, e 1 volume com estampas lithographadas, coloridas á mão, para a obra da Commissão scientifica do Ceará (n.º 19,260 do *C. E. H.*);

Reimprimiu a *Prosopopea por Bento Teixeira*. Reprodução fiel da edição de 1601 segundo o exemplar existente na Bibliotheca Nacional e Publica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 1873;

Emquanto o Bibliothecario esteve em commissão em Europa, o estabelecimento foi interinamente administrado pelo 1.º official João Cesario da Silva, de 26 de Março de 1873 ao 1.º de Maio de 1874;

Adquiriu a Bibliotheca algumas estampas e copioso numero de livros, entre os quaes obras classicas sobre iconographia, tudo escolhido e comprado em Europa pelo proprio Bibliothecario no valor de cêrca Rs. 12:000\$000.

Em 31 de Dezembro de 1874 o Sñr. Dr. Ramiz Galvão apresentou ao Ministro do Imperio um luminoso Relatorio *sobre bibliothecas publicas de Europa* e a 13 de Março de 1875 outro *sobre os trabalhos executados na Bibliotheca Nacional da Côrte no anno de 1874, e seu estado actual* (Annexo D do Relatorio do Imperio de 1875).

Neste ultimo refere o Sñr. Dr. Ramiz Galvão como nas suas investigações chegou ao descobrimento mais precioso talvez de quantos tinha feito em 1874, isto é, *da riquissima e numerosa collecção de estampas de todas as escolas e dos mais afamados mestres, que em todo tempo illustraram a arte da gravura*; e reclama do governo, a bem do serviço publico, a reforma da Bibliotheca Nacional, para a qual tinha anteriormente apresentado um *projecto de regulamento formulado de accôrdo com os melhores que achou no velho mundo*.

Não foi o Governo surdo á voz da evidencia, e em bôa hora quiz attender a este importante ramo da administração, expedindo o decreto n.º 6141 de 4 de Março de 1876, referendado pelo Sñr. Con-

selheiro José Bento da Cunha e Figueiredo, dando á Bibliotheca Nacional a actual organização.

O novo Regulamento dividiu a Bibliotheca em tres secções: 1.^a, de impressos e cartas geographicas; 2.^a, de manuscriptos; 3.^a, de estampas; estabeleceu o pessoal de: 1 bibliothecario, 3 chefes de secção, 3 officiaes, 1 secretario, 8 auxiliares, 1 guarda e 1 porteiro, destacando para o serviço da secção de estampas 1 chefe de secção e 1 auxiliar; e creou os *Annaes da Bibliotheca Nacional* ⁽⁹⁾, revista periodica destinada á publicação dos manuscriptos interessantes da Bibliotheca e trabalhos bibliographicos de merecimento compostos pelos empregados da repartição ou por individuos extranhos a ella.

O autor d'estas linhas, nomeado chefe da Secção de estampas por decreto de 24 de Março de 1876, tomou posse do lugar em 1 de Abril do mesmo anno, dia em que foi posta em execução a reforma da Bibliotheca Nacional.

A Secção de estampas pois começa a ter existencia e historia proprias sómente depois d'esta reforma.

As acanhadas proporções do edificio em que funciona a Bibliotheca Nacional não permittiram que a Secção de estampas fosse melhor accommodada, pois que lhe comberam em partilha apenas duas pequenas salas do 3.^o andar, mal mobiliadas e insufficientes para as suas necessidades e serviços.

Graças ás perseverantes pesquisas e estudos do Sñr. Dr. Ramiz Galvão as estampas da Bibliotheca Nacional, em numero talvez superior a trinta mil, que espalhadas pelas estantes, armazens e es-

⁽⁹⁾ Os *Annaes da Bibliotheca Nacional* foram publicados sob a direcção do Sñr. Dr. Ramiz Galvão até ao IX volume (*Catalogo da Exposição de Historia do Brazil*), e sob a do actual Bibliothecario, Sñr. Dr. João de Saldanha da Gama, o *Supplemento* ao mesmo Catalogo e o outro volume posteriormente dado á luz (x).

conderijos da casa, tinham jazido esquecidas ou desconhecidas, pasto da traça e do cupim e victimas da poeira, da humidade e de outros agentes de destruição, haviam sido salvas de aniquilamento quasi certo, colleccionadas e guardadas no local da Secção de estampas, e uma selecta e numerosa livraria especial, constando de obras classicas sobre iconographia, de monographias, catalogos e livros diversos concernentes a assumptos de boas-artes, tinha sido adquirida para uso da Secção.

Com taes recursos foi inaugurada a Secção de estampas. O campo a lavrar era vasto; os instrumentos da melhor fabrica; o trabalhador, talvez carecedor de outras boas partes, era todavia dotado de muito boa vontade e de amor ao trabalho.

O Sñr. Dr. Ramiz Galvão tinha já feito importantes estudos sobre grande numero de estampas da Bibliotheca Nacional; apesar porém d'este valioso subsidio, pôde-se dizer que as riquezas da nossa collecção iconographica continuavam desconhecidas, tanta era a quantidade que d'ellas havia.

Depois de alguns exames e estudos preliminares foi assentado o plano dos trabalhos da Secção de estampas: 1.º, classificação; 2.º, arranjo e collocação; 3.º, limpeza, concerto, restauração e montagem ⁽¹⁰⁾.

1.º A classificação é feita segundo o systema adoptado na Bibliotheca Nacional de Paris (J. Duchesne ainé, *Galerie de la Bibliothèque Impériale*, pag. XIII) com ligeiras modificações que pareceram necessarias á nossa. Para facilidade das pesquisas ha tres catalogos em via de organização: por escolas, por materias, alphabetico geral.

(10) Por analogia da significação que dá Aulete ao vocabulo, empregamol-o aqui para designar a acção de collocar uma estampa sobre uma folha maior com o fim de dar-lhe margens facticias ou realçar-lhe a belleza.

a) No *Catalogo por escolas*, o mais desenvolvido, os nomes dos gravadores vão dispostos por ordem chronologica ⁽¹¹⁾ de nascimento; e no artigo relativo a cada artista ajunta-se á descripção das estampas por elle gravadas a sua biographia, como neste Catalogo.

b) *Catalogo por materias*, onde todos os assumptos das estampas são mencionados por ordem alphabetica, com indicação dos abridores que as gravaram e remissões ao 1.º

c) *Catalogo alphabetico geral* dos artistas, comprehendendo os nomes de todos os pintores, desenhadores, gravadores, &, mencionados nos dois precedentes catalogos, com as necessarias remissões a estes.

No 1.º catalogo estão até hoje inventariadas ou classificadas ⁽¹²⁾ cêrca de onze mil estampas, no 2.º perto de 2,000 e no 3.º sómente algumas centenas.

2.º Arranjo e collocação. Para accomodação dos fundos da Secção de estampas havia, na epoca do seu estabelecimento, sómente 2 estantes e 2 grandes mesas toscas; naquellas estavam arrumadas a livraria especial sobre iconographia e bôas-artes e as estampas encadernadas em volumes; as estampas avulsas achavam-se mettidas em pastas de diversos tamanhos amontoadas sobre as duas grandes mesas; e a *Collecção Araujense* arranjada do melhor modo possivel no soalho de uma das salas da Secção.

Com os pequenos recursos do seu orçamento ordinario e com uma valiosa consignação extraor-

(11) Emquanto não são conhecidas todas as estampas da Secção, esta disposição não é posta em pratica; os nomes dos gravadores se acham por ordem alphabetica, e as escolas promiscuamente reunidas.

(12) Denominamos inventariadas as estampas que estão indicadas apenas com os caracteres principaes, bastantes para as conhecer e distinguir; e classificadas as descriptas por menor, como as d'este Catalogo.

dinaria que o Sñr. Conselheiro Francisco Maria Sodré Pereira lhe concedeu em 1880, quando Ministro do Imperio, pôde a Bibliotheca Nacional prover a Secção de estampas dos principaes moveis, especialmente apropriados ao seu uso: um arcaz com 19 gavetões, uma grande estante, duas vitrinas com estantes na parte inferior e diversas molduras.

Das estampas inventariadas e classificadas as que estavam encadernadas como livros foram collocadas em estantes; as avulsas, em parte mettidas em pastas distribuidas por escolas e arrumadas nos gavetões do arcaz, contendo cada pasta as estampas de um gravador, e em parte expostas.

Quando a Bibliotheca Nacional dispuzer de meios pecuniarios mais avultados e de casa mais espaçosa, todas as estampas avulsas, que estão hoje guardadas em pastas no arcaz, serão convenientemente acondicionadas em encadernações mechanicas especiaes e collocadas em estantes como livros communs.

3.º Para a limpeza, concerto, reparação, montagem, &. das estampas creou-se uma officina em ponto pequeno com os utensilios mais necessarios para fazel-a funcionar.

Este serviço é um dos mais importantes da Secção e demanda, além de conhecimentos especiaes, muita paciencia, geito e delicadeza manual; felizmente para a Bibliotheca Nacional o auxiliar que serve na Secção, Sñr. Antonio Luiz Pinto Montenegro, é dotado de todos estes requisitos e já tem dado copia das suas habilitações nos numerosos trabalhos que tem executado, merecendo ser apontados com especial menção: a limpeza, concerto e restauração das folhas da preciosa *Colleção Araujense*, cujos volumes estão em maxima parte encadernados de modo condigno, e

de quasi todas as estampas agora expostas, principalmente das batalhas de Alexandre, cujo desenho foi admiravelmente restaurado pelo Sñr. Sebastião Augusto Sisson, distincto lithographo francez, mui conhecido entre nós pelos seus trabalhos, o qual com a maior benevolencia se constituiu collaborador gratuito da Bibliotheca Nacional.

Antes de passarmos adiante parece-nos que será bem cabido indicar aqui os seguintes trabalhos litterarios elaborados pela Secção de estampas, publicados nos *Annaes da Bibliotheca Nacional*: *Dos nigellos*, I, 142 a 149; — *Noël Garnier. Cinco estampas ainda não descriptas*, I, 355 a 362; — *Do Conde da Barca, de seus escriptos e livraria*, II, 5 a 33 e 359 a 403.

ACQUIZIÇÕES. As estampas adquiridas pela Secção, depois da sua organização, provém de doações e de compras; d'ellas apontaremos apenas as mais notaveis pelo seu valor artistico ou pelo seu numero.

DOAÇÕES. Em Outubro de 1880 foram offerecidas pelo Sñr. S. A. Sisson á Bibliotheca Nacional cêrca de 60 estampas gravadas em metal, das quaes 25 á agua-forte por Francisco Delessert, e muitas lithographias, entrando nessa conta 15 de Gavarni, antes da letra.

O Sñr. Jorge Leuzinger, typographo e editor estabelecido no Rio de Janeiro, doou á Bibliotheca Nacional em Fevereiro de 1881 dois grandes albuns, onde tinha cuidadosamente colligido não só as melhores provas das estampas que por sua conta mandara lithographar por diversos artistas no Rio de Janeiro e em Europa, mas tambem alguns dos desenhos originaes por que foram

ellas feitas. Todas estas estampas in-folio montam ao numero de 114.

Em Agosto de 1882 o Sñr. Frederico Antonio Steckel offereceu á Bibliotheca Nacional a serie de 35 estampas gravadas por José Longhi e outros artistas, segundo José Appiani, conhecida pela denominação de *Fastos de Napoleão I.º*, encadernadas em um rico album.

Manda a justiça que façamos aqui confissão publica do agradecimento da Bibliotheca Nacional pelos donativos que generosamente lhe fizeram não só os cavalheiros acima nomeados, como ainda todos os outros cujos nomes com pesar omittimos, mas que ficam perpetuados com veneração nos registros do estabelecimento.

COMPRAS. Em Janeiro de 1877 quatro estampas gravadas a aqua-tinta por Debucourt, de impressão colorida, que, como todas as gravuras d'este artista, vão tornando-se raras, pelo que se vendem a altos preços;

774 estampas, pela maior parte lithographadas, das quaes 397 retratos, quasi todos de brasileiros, compradas ao Sñr. Dr. João Antonio Alves de Carvalho;

Os Caprichos, serie de 80 estampas gravadas á aqua-tinta, de impressão monochromatica por Francisco Goya y Lucientes, compradas em 1878;

Les Œuvres de William Unger, Eaux fortes d'après les maîtres anciens: contendo 160 estampas, até hoje publicadas;

O famoso Missal de Estevão Gonçalves Netto, reproduzido em chromo-lithographia por F. Appel, de Paris, havido pela Bibliotheca Nacional em Junho de 1880;

O Brazil pittoresco, serie de 79 estampas lithographadas por diversos artistas, segundo pho-

tographias de Victor Frond (com lacuna de 2 folhas), adquirido em Novembro de 1880;

46 estampas, em geral raras, de gravadores holandeses, compradas em Fevereiro de 1881 a Frederico Muller, de Amsterdão, concernentes a assumptos da historia do Brazil no tempo da occupação hollandeza;

6 estampas de Raphael Morghen, havidas em Agosto de 1882;

230 estampas diversas (aquarellas, desenhos, gravuras e lithographias) sobre varios assumptos, compradas ao Sñr. José Rodolpho Marcondes do Amaral em Setembro de 1883;

80 aguas-fortes de Salvador Rosa, compradas a Miguel Navarro y Cañizares em 1884;

A Secção de estampas tambem augmentou a sua livraria especial, enriquecendo-se com obras classicas sobre iconographia, catalogos, monographias, &, que adquiriu por compra.

EXPOSIÇÃO CAMONEANA. — Quando o *Gabinete portuguez de leitura do Rio de Janeiro* commemorou nesta cidade o terceiro centenario do passamento de Luiz de Camões, a 10 de Junho de 1880, não quiz a Bibliotheca Nacional perder o ensejo de prestar publica homenagem de admiração ao principe dos poetas portuguezes e lembrou-se de concorrer com o seu contingente para abrilhantar a festa do grande epico, que escreveu na lingua que tambem é a nossa, fazendo uma Exposição Camoneana.

O Sñr. Dr. Ramiz Galvão teve a fortuna de, em menos de um mez, dirigir e levar a effeito essa exposição, constando: a) de differentes edições das obras do poeta (93 numeros); — b) de traducções das mesmas em differentes linguas (86 numeros); — c) de obras relativas a Camões em

diversas linguas (153 numeros); — d) de trabalhos d'arte allusivos ao poeta e ás suas obras (148 numeros; — e) de manuscriptos (6 numeros); publicando ao mesmo tempo o *Catalogo da Exposição Camoneana* e a *Memoria sobre o exemplar dos Lusíadas da bibliotheca particular de Sua Magestade o Imperador do Brazil pelo Conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha* (n.^{os} 284 e 469 do Catalogo da Exposição Camoneana).

A exposição permaneceu aberta de 10 a 16 de Junho de 1880, tendo á ella affluído grande numero de visitantes, não só meros curiosos e amadores, mas tambem tudo quanto então havia no Rio de Janeiro de mais selecto nas letras.

A festa da Bibliotheca não desmentiu os intuitos com que fôra projectada e correspondeu dignamente á grandeza do assumpto; assim os applausos que alcançou de doutos e indoutos, nacionaes e estrangeiros, foram unanimes.

EXPOSIÇÃO DE HISTORIA DO BRAZIL. A exposição camoneana suscitou a ideia de uma exposição de historia do Brazil. Quinze dias depois do encerramento d'aquella o incansavel Sñr. Dr. Ramiz Galvão, tendo já organizado a chave da classificação da projectada exposição, metteu mãos á obra e no dia 2 de Dezembro de 1881 logrou inaugural-a no proprio edificio da Bibliotheca Nacional, fazendo apparecer nesse dia o respectivo Catalogo.

« A Exposição de Historia do Brazil, feita pela Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, diz o Sñr. Dr. Ramiz Galvão (*Catalogo da Exposição de Historia do Brazil*, pag. v), é a execução d'um pensamento patriotico do ex.^{mo} sñr. conselheiro barão Homem de Mello. A esse pensamento

demos corpo, propondo ao Governo os meios de realiza-lo, e pondo á disposição de tão nobre causa não só os grandes recursos da Bibliotheca, si não tambem a actividade e as provadas habilitações dos empregados d'este estabelecimento, com cujo zêlo e patriotismo nos-era licito contar. Não foi illusoria a esperança; a Exposição é um factó na historia do paiz, e o seu catalogo vê hoje a luz da publicidade, para dar aos coevos e vindouros idéa dos nossos trabalhos e do manancial que pudemos reunir.»

Os objectos expostos, livros, mappas geographicos, manuscriptos, pinturas, gravuras, estatuas, moedas e medalhas, foram convenientemente dispostos e arranjados em cinco salas denominadas: *D. Pedro II, Ayres de Casal, Varnhagen, Velloso, e Silva Lisboa*, e em duas galerias, tendo cada objecto o seu numero correspondente ao do Catalogo.

O *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil* (IX volume dos *Annaes da Bibliotheca Nacional*), com 1758 paginas de texto, descreve summariamente 20337 objectos, dos quaes 2782 pertencentes á Secção artistica.

Passando por alto a parte relativa á secção litteraria, alheia ao nosso assumpto, trataremos sómente do que diz respeito á secção artistica, cujo trabalho foi exclusivamente elaborado pela Secção de estampas.

Os objectos descriptos na secção artistica acham-se distribuidos por 6 classes: (xv) *Vistas. Paisagens. Marinhas.*; (xvi) *Historia.*, subdividida em seis periodos e comprehendendo *Retratos (de estrangeiros, que se prendem á historia do paiz).*; (xvii) *Typos. Usos. Trajes.*; (xviii) *Genealogia. Heraldica.*; (xix) *Retratos. Estatuas. Bustos.*, subdividida em 7 §: *Reis de Portugal, Principes titu-*

lares do Brazil, Familia Imperial, Ministros de Estado, Corpo legislativo, Series e grupos varios, e Retratos avulsos.; (xx) *Historia natural.*, subdividida em 4 §: *Ethnographia, Zoologia, Botanica, e Geologia.*

Grato nos é consignar que, durante um mez em que esteve aberta, enorme concurrencia de visitantes honrou a Exposição, que mereceu os elogios dos entendidos e competentes, não sendo a secção artistica a menos aquinhoada do favor publico neste singular certame litterario e artistico, primeiro que se realizava no Imperio e quiçá no mundo.

Com chave de ouro fechou o Sñr. Dr. Ramiz Galvão a carreira da sua administração, levando a effeito a exposição de historia do Brazil.

Si acaso a lembrança d'esta festa litteraria e o nome do seu organizador viessem um dia a delir-se da memoria dos homens, ahi ficará o *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil*, monumento duradouro para os fazer sempre lembrados e que será o promptuario que ha de servir de guia a quantos se dedicarem ao estudo da historia patria.

Chamado pouco depois a exercer outro cargo, tão honroso quanto melindroso, o Sñr. Dr. Ramiz Galvão foi, a seu pedido, exonerado do de Bibliothecario a 22 de Julho de 1882.

Nos animos dos seus companheiros de lidas litterarias, aos quaes com a sua palavra autorizada, parecer avisado e exemplo de assiduo trabalho dirigia, aconselhava e animava no desempenho das suas funcções, suavizando-lhes ao mesmo tempo com a amenidade do trato as agruras da labutação diaria, deixou o illustre chefe indeleveis saudades; e na opinião publica obteve pela sua

administração intelligente, laboriosa e fecunda ⁽¹³⁾ o cognome de *Restaurador da Bibliotheca Nacional*, titulo que por certo a Historia no seu imparcial juizo não deixará de lhe confirmar.

Para dirigir interinamente a Bibliotheca foi designado o Chefe da Secção de impressos, Sñr. Dr. João de Saldanha da Gama, nomeado depois, por decreto de 28 de Outubro de 1882, Bibliothecario, lugar que até ao presente exerce e de que tomou posse a 31 do mesmo mez e anno.

EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE ICONOGRAPHIA. O projecto de expor permanentemente na Secção de estampas o que havia de mais precioso e raro no escritorio das suas joias artisticas, é de justiça confessal-o, foi idéa do ex-bibliothecario, Sñr. Dr. Ramiz Galvão; os trabalhos porém das exposições Camoneana e de historia do Brazil impediram-no de executar esse projecto, que sómente hoje é posto por obra.

Nas duas salas da Secção de estampas estão expostas as gravuras: umas mettidas em molduras pendentes das paredes, outras accomodadas em duas vitrinas com caixilhos moveis, engenhosamente dispostos, de modo a multiplicar o espaço das mesmas vitrinas, reservado para a Exposição.

O presente Catalogo, vasado nos moldes das obras classicas de iconographia, contém, parece-nos, quanto é necessario para bem apreciar e estudar as estampas expostas. Estão ellas divididas em tres grupos:

1.º, Nigellos; 2.º, Gravuras; e 3.º, Desenhos. Devendo o nigello ser considerado como precursor da gravura, de direito cabe ao que expomos a

⁽¹³⁾ Aos trabalhos publicados sob a direcção do Sñr. Dr. Ramiz Galvão, já mencionados, cumpre acrescentar ainda a *A arte de grammatica da lingua brazilica da nação Kiriri, pelo Padre Luiz Vicencio Mamiani* (publicada em 1699), Rio de Janeiro, 1877.

precedencia que lhe damos; quanto ás estampas e desenhos, estão distribuidos por escolas, e em cada escola os artistas dispostos por ordem chronologica de nascimento, para que assim possa o leitor melhor seguir e avaliar o gradual desenvolvimento da arte; precedendo á descripção das estampas de cada mestre a historia resumida da sua vida.

Praza a Deus que curiosos e entendidos acolham este tentame da Bibliotheca Nacional com benevolencia e tirem d'elle o gôso e proveito que da sua realisação possam advir.

Dr. JOSÉ ZEPHYRINO DE MENEZES BRUM.



BIBLIOGRAPHIA

DAS ORAS CITADAS NESTE CATALOGO.

Andresen.

Handbuch für Kupferstichsammler... von Dr. Phil. Andreas Andresen. *Leipzig, T. O. Weigel, 1870-1873, 2 vols. in-8.º*

Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. *Rio de Janeiro, G. Leuzinger & Filhos e Typographia Nacional, 1876-1883, 10 vols. in-8.º gr. ; publicados sob a direcção do Dr. B. F. Ramiz Galvão até ao 1x volume (Catalogo da Exposição de Historia do Brazil), e sob a do Dr. João de Saldanha da Gama o Supplemento ao mesmo Catalogo e o outro volume posteriormente dado á luz. Obra em via de publicação.*

Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro. *Rio de Janeiro, Imprensa Industrial, Typ. do Imperial Instituto Artistico, Typ. Economica de Machado & C., 1876-1881, 5 vols. in-4.º gr. Obra em via de publicação.*

Arte de grammatica da lingua brazilica da nação Kiriri, composta pelo p. Luiz Vicencio Mamiani... Segunda edição publicada a expensas da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. *Rio de Janeiro, Typ. Central de Brown & Evaristo, 1877, in-4.º*

Assis Rodrigues.

Diccionario technico e historico de pintura, esculptura, architectura e gravura composto por Francisco de Assis Rodrigues... *Lisboa, Imprensa Nacional, 1875, in-8.º*

Aulete. Diccionario.

Diccionario contemporaneo da lingua portugueza (por F. J. Caldas Aulete). *Lisboa, Imprensa Nacional, 1881, in-4.º gr.*

B. Vide Bartsh.

Barbosa Machado.

Memorias para a Historia de Portugal... escriptas por Diogo Barbosa Machado... *Lisboa, Officina de Joseph Antonio da Sylva e Sylvianna, 1736-1751, 4 vols. in-4.º gr.*

Bartsch.

Le peintre graveur, par Adam Bartsch. *Vienne, J. V. Degen, e Pierre Mechetti, ci-devant Charles, 1803-1821. 21 vols. in-8.º e 1 atlas in-4.º*

Basan.

Dictionnaire des graveurs anciens et modernes... par F. Basan... Seconde édition... *Paris, 1789, 2 vols. in-8.º*

Baverel & Malpez.

Notices sur les graveurs qui nous ont laissé des Estampes marquées de Monogrammes, chiffres... (par J. P. Baverel et Malpez). *Besançon, Taulin Dessirier, 1807-1808, 2 vols. in-8.º*

Blanc (Ch.).

Histoire des peintres de toutes les écoles... par M. Charles Blanc, ancien Directeur des Beaux-Arts. *Paris, V.º Jules Renouard; Librairie Renouard, Henri Loones, successeur; 1863-1874 (?)*, 14 (?) vols. in-4.º gr.

Ch. Blanc. L'Œuvre de Rembrandt décrit et commenté par M. Ch. Blanc... Ouvrage comprenant la reproduction de toutes les estampes du maître exécutées sous la direction de M. Firmin Delangle. *Paris, A. Quantin, MDCCCLXXX, 1 vol. in folio, com 3 de estampas.*

Bocher (E.). Lancret.

Les gravures françaises du XVIII.º siècle, ou Catalogue raisonné des estampes, eaux fortes, pièces en couleur, au bistre et au lavis de 1700 à 1800, par Emmanuel Bocher. Quatrième fascicule. Nicolas Lancret... *Paris, Librairie des Bibliophiles (D. Jouast), 1877, in-4.º gr.*

Br. Vide Brulliot.**Brulliot.**

Dictionnaire des monogrammes, marques figurées, lettres initiales, noms abrégés etc. par François Brulliot. *Munich, J. G. Cotta, 1832-1834, 3 tomos em 1 só volume, in-4.º gr.*

Bryan.

A biographical and critical dictionary of painters and engravers... by Michael Bryan... A new edition, revised... by George Stanley. *London, H. G. Bohn, 1849, in-8.º gr.*

Catalogo de Behague.

Catalogue des estampes... composant la Collection de M. Octave Behague dont la vente aura lieu, rue Drouot... Du... 19 Février au... 3 Mars 1877. *Paris, George Chamcrat. Sem data (1877). in-8.º gr.*

Catalogo da Exposição Camoneana realizada pela Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro a 10 de Junho de 1880 por occasião do centenario de Camões. *Rio de Janeiro, Typ. Nacional, 1880, in-8º gr.*

C. E. H. Vide **Catalogo da Exp. de Historia do Brazil.**

Catalogo da Exposição de Historia do Brazil, realizada pela Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro a 2 de Dezembro de 1881. *Rio de Janeiro, G. Leuzinger & Filhos, 1881-1883, 3 vols. (com o Supplemento), in-8.º gr.*

Faz parte dos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, com o titulo de volume ix.

Catalogo das obras expostas na Academia das Bellas Artes em 15 de Março de 1879. *Rio de Janeiro, Pereira Braga & C., in-8.º peq.*

Cyrillo. Vide **Volkmar Machado (Cyrillo).**

Delaborde.

Le Département des estampes de la Bibliothèque Nationale... par le V.^o Henri Delaborde. *Paris, E. Plon & C.^{ie}, 1875, in-8.º*

Duchesne ainé. Galerie de la Bibliothèque Impériale.

Description des estampes exposées dans la galerie de la Bibliothèque Impériale... par J. Duchesne ainé. *Paris, Simon Raçon et C.^{ie}, 1855, in-8.º gr.*

Duchesne ainé. Nielles.

Essai sur les nielles... par Duchesne ainé. *Paris, Merlin, 1826, in-8.º gr.*

Dumesnil (R.).

Le Peintre-graveur français... par A. P. F. Robert Dumesnil. *Paris, chez Gabriel Warée... (M.^{me} Huzard; veuve Bouchard Huzart)*, 1835-1850, 8 vols. in-8.^o Obra continuada por M.^r Duplessis (George) em mais 3 vols., *Paris*, 1865-1871.

Duplessis. Memoires de Wille.

Mémoires et journal de J.-G. Wille... publiés d'après les manuscrits autographes... par Georges Duplessis, avec une préface par Edmond et Jules de Goncourt. *Paris, V.^e Jules Renouard*, 1857, 2 vols. in-8.^o gr.

Duplessis. P. Graveur.

Le Peintre graveur français. — Vide **Dumesnil**.

Encyclopédie méthodique... par une Société de gens de lettres... *Paris, Panckoucke*, 1782-1792; *Agasse*, 1792-1832; 166 vols. in-4.^o, com estampas.

Exposição da classe de pintura historica da Imperial Accademia (*sic*) das Bellas-Artes no Anno de 1829. Terceiro anno da sua installação. S. l. (*Rio de Janeiro*), *R. Ogier*, s. d. (1829). In-4.^o

Exposição publica da Classe de pintura historica na Imperial Accademia (*sic*) das Bellas-Artes no Anno de 1830. 4.^o anno de sua installação. *Rio de Janeiro*, *R. Ogier*, s. d. (1830). In-4.^o

Firmin-Didot.

Les Drevet (Pierre, Pierre Imbert et Claude). Catalogue raisonné de leur œuvre précédé d'une introduction par Ambroise Firmin-Didot... *Paris, Firmin-Didot et C.^{ie}*, in-8.^o gr.

Gallia Christiana.

Gallia Christiana, in provincias ecclesiasticas distributa; qua series et historia archiepiscoporum, episcoporum et abbatum Franciæ vicinarumque ditionum ab origine Ecclesiarum ad nostra tempora deducitur et probatur ex authenticis instrumentis ad calcem appositis. Opera et studio Domni Dionysii Sammarthani... *Lutetiæ Parisiorum, Johannes-Baptista Coignard e Typ. regia*, 1715-1785, 13 vols. in-folio.

Gersaint & Bartsch.

Catologue raisonné de toutes les estampes qui forment l'œuvre de Rembrandt... par les Sieurs Gersaint, Hellé, Glomy et P. Yver. Nouvelle édition, entièrement refondue... par Adam Bartsch .. *Vienne, A. Blumaer, 1797, 2 vols., in-8.º*

Goncourt (E.). *L'Œuvre de Watteau.*

Catologue raisonné de l'œuvre peint, dessiné et gravé d'Antoine Watteau par Edmond de Goncourt. *Paris, Rapilly, 1875, in-8.º gr.*

Heineken, *Dictionnaire.*

Dictionnaire des artistes, dont nous avons des estampes, avec une notice détaillée de leurs ouvrages gravés. *Leipsig, Jean-Gottlob-Immanuel Breitkopf, 1778-1790, 4 vols., in-8.º*
— Sem nome do autor (Barão de Heineken). A impressão não passou das letras — D I Z —.

Huber & Rost.

Manuel des curieux et des amateurs de l'art, par Huber et Rost. *Zurich, Orell, Gessner, Fuesslin et Comp., 1797-1808, 9 vols., in-8.º*

Innocencio. *Diccionario.* Vide **Silva (Innocencio F. da)****Joubert.**

Manuel de l'amateur d'estampes... par F. E. Joubert. *Paris, 1821, 3 vols., in-8.º gr.*

Lalanne.

Dictionnaire historique de la France... par Ludovic Lalanne. *Paris, Hachette et C.^{ie}, 1872, in-8.º gr.*

Larousse.

Grand dictionnaire universel du XIX.º siècle... par Pierre Larousse. *Paris; Librairie classique Larousse et Boyer, e outras typ., 1866-1878: 16 vols. in-4.º gr.*

L. B. Vide **Le Blanc.****Le Blanc.**

Manuel de l'amateur d'estampes, par Charles Le Blanc. *Paris, P. Jannet, 1850-1857, 9 fascículos (obra não terminada), in-8.º gr.*

Leblanc. *Catalogue de l'Œuvre de Wille.*

Le graveur en taille-douce. — Catalogue de l'œuvre de J. G. Wille, par Charles Leblanc. *Leipzig, Robert Strange, 1848, in-8.º*

Lefebre.

Opera selectiora, quæ Titianvs Vecellivs Cadvbriensis, et Pavlvvs Calliari Veronensis inventarunt, ac pinxerunt, quæque Valentinvs Le Febre Bruxellensis delineavit et scvlpsit: Christianissimo Lydovico Magno Franciæ et Navarræ Regi invictissimo sacrat vovet Jacobvs Van Campen. MDCLXXXII. S. l. In-folio.

A Bibliotheca Nacional possui d'esta edição (2.ª) um exemplar, na célebre *Collecção Araujense*.

Loftie. *Beham.*

Catalogue of prints and etchings of Hans Sebald Beham, Painter, of Nuremberg, citizen of Frankfort, 1500 - 1550 (Por W. J. Loftie). *London, Noseda, 1877, in-8.º*

Magasin pittoresque (Le), XIX.^{me} année, *Paris, 1851*; — XXVII année, *Paris, 1859*.

Mariette.

Abecedario de P. J. Mariette et autres notes inédites de cet amateur sur les arts et les artistes, ouvrage publié d'après les manuscrits autographes, conservés au Cabinet des estampes de la Bibliothèque Impériale, et annoté par MM. Ph. de Chennevières et A. de Montaiglon. *Paris, J. B. Dumoulin, 1851 - 1860, 6 vols. in-8.º*

Meaume (E.).

Recherches sur la vie et les ouvrages de Jacques Callot... par Edouard Meaume... *Paris, V.º Jules Renouard, 1860, 2 vols. in-8.º gr.*

Memoria sobre o exemplar dos Lusíadas da bibliotheca particular de Sua Magestade o Imperador do Brazil pelo Conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, publicada a expensas da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro por occasião do centenario de Camões. *Rio de Janeiro, Typ. Nacional, 1880, in-4.º*

Occorre tambem no volume VIII dos *Annaes da Bibliotheca Nacional*.

Moreira de Azevedo (Dr.). — O Rio de Janeiro.

O Rio de Janeiro, sua historia, monumentos, homens notaveis, usos e curiosidades pelo Dr. Moreira de Azevedo. *Rio de Janeiro, B. L. Garnier, livreiro editor (typ. Cosmopolita), 1877, 2 vols. in-4.º*

Nagler. Lexicon.

Neues allgemeines Künstler-Lexicon... Bearbeitet von Dr. G. K. Nagler. *Munich, E. A. Fleischmann, 1835-1852, 22 vols. in-8.º gr.*

Nagler. Monogrammisten.

Die Monogrammisten und diejenigen bekannten und unbekanntenen Künstler aller Schulen... bearbeitet von Dr. G. K. Nagler. *Munich, George Franz, 1858-1870 (?) , 4 (?) vols. in-8.º gr. (obra não terminada?)*.

Naumann. — Archiv.

Archiv für die zeichnenden Künste mit besonderer Beziehung auf Kupferstecher und ihre Geschichte (Archivos das artes do desenho, occupando-se principalmente da historia dos gravadores em cobre e em madeira)... Herausgegeben von Dr. Robert Naumann... unter Mitwirkung von Rudolph Weigel... *Leipzig, Rudolph Weigel, 1855-1870, 16 (?) vols. in-8.º gr. Obra em via de publicação (?)*.

Novo almanack de lembranças luzo-brazileiro para o anno de 1884. *Lisboa, Lallemand Frères, 1883, in-16.º*

Ottley.

An inquiry into the origin and early history of engraving upon copper and in wood... by W. Young Ottley. *London, John and Arthur Arch, 1816, 2 vols. in-4.º gr., com estampas.*

Pas. Vide Passavant.**Passavant. P. Graveur.**

Le peintre-graveur, par J. D. Passavant. *Leipzig, Rudolph Weigel, 1860-1864, 6 vols. in-8.º gr.*

Passavant. Raphael.

Raphael d'Urbino et son Père Giovanni Santi par J. D. Passavant... Édition française... revue et annotée par M. Paul Lacroix... *Paris, V.º Jules Renouard, éditeur (P. A. Bourdier et C.º), 1860, 2 vols. in-8.º gr.*

Raczynski. Dictionnaire.

Dictionnaire historico-artistique du Portugal pour faire suite à l'ouvrage ayant pour titre: Les Arts en Portugal, Lettres adressées à la Société artistique et scientifique de Berlin et accompagnées de documents; par le Comte A. (thanase) Raczynski. *Paris, Jules Renouard & C.^{ie}, 1847. In-8.^o*

Raczynski. Lettres.

Les arts en Portugal, Lettres adressées à la Société artistique et scientifique de Berlin, et accompagnées de documents par le Comte A. (thanase) Raczynski. *Paris, J. Renouard & C.^{ie}, 1846. In-8.^o*

Relatorio apresentado á Assembléa Geral Legislativa na quarta sessão da decima quinta legislatura pelo Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio Dr. João Alfredo Correa de Oliveira. *Rio de Janeiro, Typ. Nacional, 1875, in-folio.*

Réveil & Ménard.

Musée de peinture et sculpture... dessiné et gravé à l'eau forte par Réveil avec des notes descriptives, critiques et historiques par Louis et René Ménard. *Paris, V.^e A. Morel & C.^{ie}, 1872, 10 vols. in-18.^o*

Revista trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil. *Rio de Janeiro, em diversas typ., 1839-1883, 46 tomos, in-4.^o*

Revue britannique... 59.^{me} année, n.^o 5, Mai 1883. *Paris (Hennuyer), 1883.*

Rocha Pitta.

Historia da America portugueza... composta por Sebastião da Rocha Pitta... *Lisboa, Officina de Joseph Antonio da Silva, 1730, in-fol.*

Sadeler. Recueil.

Recueil d'estampes, d'après Raphael, Titien, Carache, Baroque, Polydore, et autres, et principalement d'après Martin Devos, gravés par les celebres Sadeler. Contenant plus de cinquante estampes. *Paris, Laurent Cars, 1748, 2 tomos in-folio maximo (648 millimetros de altura, 475 millimetros de largura).*

O exemplar da Bibliotheca Nacional está encadernado em um volume; com o ex-libris de Diogo Barbosa Machado.

O 1.º tomo consta da folha de rosto e de 104 folhas com 272 estampas; e o 2.º da folha de rosto e de 105 folhas com 224 estampas: são portanto 496 estampas, e não para mais de 500, nem todas dos Sadeleros.

Parece que o editor d'esta collecção, aliás também gravador, tendo mais em vista os interesses do mercador do que os da arte, imprimiu e publicou estas estampas sem methodo, sem criterio e quiçá até com má fé: é assim que na mesma folha occorrem ás vezes estampas de series differentes, ou então vêm impressas em 1.º lugar estampas que por ordem chronologica de assumptos deveriam occorrer depois; e são incluídas na collecção dita dos celebres Sadeleros gravuras que, embora cópias das suas, são obras de outros artistas, como por exemplo as series: *Selvas Sagradas*, abertas por João Merlo e Jacob Piccini, e o *Trophéo da vida solitaria*, gravado por João Merlo.

Sainte-Marthe (Dionysio). — Vide **Gallia Christiana**.

Silva (Innocencio Francisco da).

Diccionario bibliographico portuguez, estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil. *Lisboa*, *Imprensa Nacional*, 1858-1883, 10 vols. In-8.º gr.

Soares de Souza (Gabriel).

Tratado descriptivo do Brazil em 1587, obra de Gabriel Soares de Souza... Edição castigada... e accrescentada... por Francisco Adolpho de Varnhagen. *Rio de Janeiro*, 1851. — Apud *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil*, vol. XIV, 1851.

Sousa.

Historia genealogica da Casa Real Portugueza desde a sua origem até o presente, com as familias illustres, que procedem dos Reys e dos Serenissimos Duques de Bragança... por D. Antonio Caetano de Sousa. *Lisboa*, *José Antonio da Silva e Officina Sylviana*, 1735-1749; 19 tom. in-fol. (inclusos os 6 das *Provas* e 1 do *Indice geral*).

Taborda.

Regras da arte da pintura... escriptas na Lingua Italiana por Michael Angelo Prunetti. Dedicadas ao... Marquez de

Borba... por José da Cunha Taborda... Accresce Memoria dos mais famosos Pintores Portuguezes, e dos melhores Quadros seus que escrevia o Traductor. *Lisboa, Impressão Regia*, 1815, in-4.º

Teixeira de Mello (Dr.).

Ephemerides nacionaes colligidas pelo Dr. J(osé) A(lexandre) Teixeira de Mello e publicadas na Gazeta de Noticias. *Rio de Janeiro, Typ. da Gazeta de Noticias*, 1881, 2 vols., in-8.º gr. a duas col.

Teixeira Pinto (Bento).

Prosopopea por Bento Teixeira. Reprodução fiel da edição de 1601 segundo o exemplar existente na Bibliotheca Nacional e Publica do Rio de Janeiro. *Rio de Janeiro, Typ. do Imperial Instituto Artístico*, 1873, in-4.º

Thausing.

Albert Dürer, sa vie et ses œuvres par Moriz Thausing, traduit de l'allemand avec l'autorisation de l'auteur par Gustave Gruyer... *Paris, Firmin Didot & C.º*, 1878, in-4.º gr.

Trusler.

The Works of William Hogarth... by the Rev. John Trusler and others... *London, The London Printing and Publishing Company*, s. d. (1833?), in-fol.

Van-Dyck.

Le cabinet des plus beaux portraits de plusieurs Princes et Princesses, des Hommes illustres, Fameux Peintres, Sculpteurs, Architectes, Amateurs de la Peinture & autres, faits par le fameux Antoine Van Dyck... Lesquels l'Autheur mesme a fait Graver à ses propres despens par les melieurs Graveurs de son temps. *A Anvers, chez Henry & Corneille Verdussen...* (sem data). In-folio.

Vapereau.

Dictionnaire universel des contemporains... par G. Vapereau. *Paris, Hachette & C.º*, 1870. 1 vol. in-8.º

Varnhagen.

Historia geral do Brazil... pelo Visconde de Porto Seguro (Francisco Adolpho de Varnhagen)... 2.ª edição... *Rio de Janeiro, em casa de E. & H. Laemmert (Vienna, Imprensa do Filho de Carlos Gerold)*, sem data (1876), 2 vols. in-8.º gr.

Vieira Lusitano (Francisco de Mattos Vieira, dito).

O insigne pintor e leal esposo Vieira Lusitano, Historia verdadeira, que elle escreve em Cantos Lyricos... *Lisboa, Officina Patriarchal de Francisco Luiz Ameno, 1780.* In-8.º, com os retratos do autor e de sua mulher em uma só estampa.

Villot.

Notice des tableaux exposés dans les galeries du Musée Impérial du Louvre par Frédéric Villot... 3.º partie. Ecole française. 3.º édition. *Paris, Charles de Mourgues Frères, 1864.* In-12.

Volkmar Machado (Cyrillo).

Collecção de memorias relativas ás vidas dos pintores, e escultores, architectos, e gravadores portuguezes, e dos Estrangeiros, que estiverão em Portugal, recolhidas, e ordenadas por Cyrillo Volkmar Machado... *Lisboa, Victorino Rodrigues da Silva, 1823,* in-4.º

Weigel.

Supplements au Peintre-Graveur de Adam Bartsch, recueillis et publiés par Rudolph Weigel... *Leipzig, R. Weigel, 1843,* in-12.º

Wolf.

Le Brésil littéraire. Histoire de la littérature brésilienne... par Ferdinand Wolf... *Berlin, A. Asher & C.º, 1863,* in-8.º gr.

Zani.

Enciclopedia metodica critico-ragionata delle belle arti dell'Abate D. Pietro Zani. *Parma, Typ. Ducale, 1819-1824,* 28 vols. in-8.º gr.

CATALOGO

I

NIGELLOS

MICHELLOS

ANONYMO I.

N.º 1. — O triumpho de Galathéa, segundo Raphael.

Galathéa, em pé, com o rosto voltado para a direita, dentro de uma grande concha com rodas, puxada por dois golphinhos que se encaminham para a esquerda, vem acompanhada de tritões e nereidas e precedida por um Amor, que segura com as mãos as barbatanas peitoraes de um dos golphinhos, parecendo como que o querer dirigir.

No ar voam mais quatro Amores, tres dos quaes despedem settas contra os tritões e nereidas, e um quarto carrega um feixe de settas. O fundo do nigello está coberto de talhos cruzados. Em baixo, á esquerda, acha-se a taboleta em branco de M. A. Raimondi (Vide o n.º 42 da taboa dos monogrammas, &).

Cópia invertida da estampa de M. A. Raimondi, n.º 350 de B. (xiv, 262); sem marca ou monogramma do copista, nem data.

Altura, 88 millímetros; largura, 62 millímetros.

D'este nigello, que aliás tem os caracteristicos proprios de taes provas de impressão, descriptos por Duchesne ainé, *Nielles*, ás paginas 84 e seguintes, diz o mesmo autor, á pagina 225 da dita obra: « O triumpho de Galathéa, que Raphael pintou no Vaticano, foi gravado por Marco Antonio, e este nigello é sem duvida uma cópia feita segundo a estampa d'este gravador, pois que traz a sua taboleta. Mas por ter o fundo coberto de talhos cruzados, deve esta peça ser considerada como prova de um nigello, provavelmente dos mais modernos, visto como o uso das alfaias d'esta natureza cessou inteiramente, segundo affirma Cellini, desde o principio do XVI seculo. »

Passavant, *P. Graveur*, n.º 236, vol. 1, pag. 279, diz que Zanetti conta somente quatro exemplares d'este nigello, impressos em papel; podemos pois adicionar que hoje é conhecido mais um quinto, o exposto na Bibliotheca Nacional.

Vide *Annaes da Bibliotheca Nacional*, artigo « Dos Nigellos », 1, pp. 142 e seguintes.

II

GRAVURAS

ESCOLA ITALIANA

MANTEGNA (ANDRÉ)

André Mantegna, pintor e gravador a buril, nascido em Padua em 1431 e fallecido em Mantua a 15 de Setembro de 1506, foi a principio pastor, mas a sua propensão para as artes de imitação o levou a empregar os seus lazeres em desenhar os objectos, que lhe impressionavam a vista. Francisco Squarcione, cognominado *o pae dos pintores*, tendo conhecimento d'esta aptidão de A. Mantegna, tomou a seu cargo a sua educação e tamanha amizade lhe teve, que acabou por adoptal-o por filho e instituil-o seu herdeiro.

A. Mantegna não foi por certo o inventor da gravura, mas não é menos verdade que contribuiu para o incremento d'esta arte, então na infancia; Bartsch, referindo-se a autores que não cita, diz ter sido elle o primeiro que exerceu a gravura em Roma, e accrescenta que, nesta hypothese, devia ter começado a gravar no anno de 1484.

As estampas de Mantegna são notaveis pelo gosto e correcção do desenho; outro tanto porém se não pode dizer da sua maneira de gravar, com sombras executadas por traços paralelos, duros, e não por traços cruzados (*hachures*).

Como pintor, A. Mantegna é ainda hoje muito estimado pelo conjuncto das suas boas partes: desenho correcto, judiciousa ordenação, excellent harmonia, conhecimento da perspectiva e do escorço e viveza do colorido.

A. Mantegna foi, pelos seus merecimentos, protegido por Luiz de Gonzaga, Duque de Mantua, que o nomeou cavalleiro, e pelo Papa Innocencio VIII.

N.º 2. — Jesus Christo descendo ao limbo.

No meio, o Salvador, visto pelas costas, com uma bandeira na mão esquerda, á porta do limbo; á esquerda, o bom ladrão, de pé, segurando uma grande cruz; á direita, 2 anciãos e uma mulher; e no alto da estampa, 3 demonios, dois dos quaes tocando trombeta.

No vão da porta, á esquerda de Jesus Christo, vêem-se duas figuras, uma a meio corpo e a outra mostrando somente a cabeça.

Bellissima estampa, muito rara.

O exemplar exposto está um pouco mutilado; as dimensões indicadas são pois as maiores encontradas:

Altura, 431 millímetros; largura, 333 millímetros.

N.º 5 de B. (XIII, 231).

Da Real Bibliotheca.

CADUCEU (MESTRE DO)



N.º 10.

Diversos são os nomes dados a este artista: uns erradamente o chamam *Francisco de Babylonia*; outros, em consequencia do lugar do seu nascimento e prolongada morada em Veneza, dão-lhe o nome de *Jacob Walch (Italiano)* ou *Jacob de Veneza*; estes o de *Jacometto*; e finalmente aquelles o de *Jacob de Barberino*, *Jacob de Barbaris* ou *de Barbarj*. Comquanto elle proprio se tenha assignado em um quadro existente na Galeria de Augsburgo *Jac.º de Barbarj P. 1504*, com a marca do Caduceu, e em um recibo, escripto em italiano, passado em 1510 a Diogo Flores, thesoureiro de Margarida d'Austria, *Jacobus de Barbaris*, tambem com o Caduceu, nem por isso é certo, segundo Passavant, *Le Peintre Graveur*, que o verdadeiro appellido de familia do artista seja esse, porquanto tendo elle angariado a protecção da distincta familia veneziana *Barberi* ou *Barberini*, é possível que esta lhe tivesse permittido tomar o seu nome, como então succedia em Italia; seja porém como fôr, em iconographia o artista é geralmente conhecido pela denominação de *Mestre do Caduceu*.

Sobre outros pontos da sua vida têm havido tambem controversias; e apesar das pesquisas até hoje feitas, persistem

ainda duvidas e incertezas: assim tem-se-lhe dado por patria a Allemanha, a Hollanda, a França e a Italia; a data do seu nascimento não é conhecida com exactidão; e o lugar e data da sua morte são inteiramente ignorados. A este respeito o que se tem podido apurar é que: nascêra cêrca de 1450, indubitavelmente em Veneza; em 1.º de Março de 1511 ainda vivia, como consta de um acto de Margarida d'Austria, Governadora dos Paizes-baixos, concedendo-lhe nessa data uma pensão annual de cem libras, em attenção aos seus bons e continuos serviços e á sua debilitação e velhice; a 17 de Julho de 1516 já era fallecido, porque no inventario, então feito, dos quadros, livros, joias e moveis, que possuia a mesma Margarida d'Austria no seu palacio de Malinas, se faz menção de varios quadros pintados pelo *fnado* Mestre Jacob de Barbaris; e que fôra pintor a oleo e em miniatura, nigellador, esculptor e gravador a buril e em madeira.

Por muito tempo viveu em Veneza o Mestre do Caduceu, considerado e estimado, trabalhando principalmente como pintor; pouco antes de 1495 fez uma viagem a Norimberga, onde conheceu e tratou de perto com Alberto Durero, voltando depois á sua patria não se sabe quando.

Segundo opinião, que prevaleceu por muito tempo, foi-se, em 1506, aos Paizes-baixos, em companhia do Conde Philippe de Borgonha, passando por Norimberga; Carlos Ephrusi porém (*Gazette des beaux-arts*, XIII do 2.º periodo, pp. 378 e seguinte) nega estes factos e data; entretanto não é menos certo que o nosso artista fôra chamado por este principe aos Paizes-baixos, que ahi residira por longo tempo, fazendo muitos trabalhos para o dito Conde e para Margarida d'Austria.

As gravuras abertas em metal pelo Mestre do Caduceu, umas no gosto allemão, outras no italiano, revelam mão habil em manejar o buril; a maneira porém por que são gravadas é muito desigual. Esta desigualdade tem facil explicação: alternadamente sujeito á influencias diversas e até contradictorias, á de João Bellini, de André Mantegna e dos Allemães, não possuindo o condão de imprimir ás concepções alheias certo cunho de originalidade, apanhando aqui e acolá o que estava nas forças do seu talento, o Mestre Caduceu nunca teve uma maneira inteiramente pessoal, nem podia deixar de ser desigual, como todos os artistas que, por mais habeis que sejam, substituem a inspiração pela experiencia, imitam antes obras alheias do que cream composições proprias. Deve-se ainda observar que, em muitas estampas, a maneira de gravar do nosso artista se aproxima da de Alberto Durero, principal-

mente nas primeiras obras d'este mestre; o que é talvez devido antes a terem ambos bebido na mesma fonte (Martim Schongauer?), do que a ter um d'elles imitado o outro.

A obra gravada do Mestre do Caduceu consta de 30 estampas abertas em metal: 24 descriptas por Bartsch e 6 por Passavant, *Peintre graveur*, e de um xylographia, o famoso plano de Veneza, gravado em 6 pranchas, de 1478 a 1500. Esta gravura é, ao que parece, a mais antiga das suas estampas conhecidas; traz a data de 1500; e mede 2,^m83 de altura e 1,^m36 de largura, quando todas as suas folhas estão reunidas. Passavant, *Peintre graveur*, attribue ao nosso artista mais duas xylographias (n.ºs 31 e 32); Emilio Galichon porém (*Gazette des beaux-arts*, XI do 1.º periodo, pag. 457) é de opinião que essas estampas não são obra do Mestre Caduceu, visto como nada têm do seu estylo e maneira.

O Mestre do Caduceu é, apesar dos seus senões, considerado como um dos mais famosos gravadores do seu tempo; as suas gravuras são com razão estimadas pelo seu merecimento e raridade.

Vide: Bartsch, VII, pp. 516-527; Passavant, *Peintre Graveur*, III, pp. 134-143; *Gazette des beaux-arts*, XI do 1.º periodo, pp. 311-320, 445-459; VIII do 2.º periodo, pp. 223-230; e XIII do 2.º periodo, pp. 363-382.

N.º 3. — A Sacra Familia.

Ao pé de uma arvore, no meio da estampa, a Virgem Santissima, assentada, tem a mão direita sobre um livro aberto, e com a esquerda achega a si o Menino Jesus, que está em pé junto d'ella. Por detraz e á esquerda da Virgem, vê-se uma Santa mulher, em pé; e á esquerda d'esta um anjo tocando guitarra. Um pouco aquem d'este grupo: perto de uma arvore, á direita, S. José, voltado para a esquerda, segurando com as duas mãos uma espada, cuja ponta assenta no chão, parece prestar attenção ao toque da guitarra; á esquerda, uma fonte de madeira.

A marca do gravador (n.º 10 da Taboa dos monogrammas,) occorre em cima, á esquerda. Sem data.

Altura, 155 millimetros; largura, 191 millimetros.

N.º 5 de B. (VII, 518); N.º 6 de L. B. (I, 143).

Estampa rarissima e muito bella, que pertenceu á Real Bibliotheca.

MONTAGNA (BENEDICTO)

Benedicto Montagna, pintor e gravador a buril, nasceu em Vicência; a data do seu nascimento é duvidosa: uns a dizem desconhecida, enquanto outros a mencionam com precisão, ainda que discordando entre si, 1458 (Huber & Rost), 1516 (Basan); parece porém certo que floresceu no começo do XVI seculo; e morreu em Verona em 1530. B. Montagna trabalhou durante quasi toda a sua vida em Veneza, tomando por modelos, na pintura, a João Bellini, e na gravura, a Marcos Antonio Raimondi.

As estampas de Benedicto Montagna são duras, talvez por terem sido abertas no começo da arte da gravura em Italia, e muito raras.

N.º 4. — S. Paulo o Eremita.

À esquerda, S. Paulo, de pé, encostado a uma arvore, com um livro na mão direita, fazendo com a esquerda um aceno, contempla S. Antão, morto, à direita, visto pelas costas, sentado, com o braço direito sobre uma pedra, á entrada da gruta em que morava. No 2.º plano: o mar e alguns barquinhos.

Sem data, nem assignatura do gravador.

Altura, 195 millímetros; largura 171 millímetros.

N.º 42 de Pas., *P. Graveur* (v, 156).

Da Real Bibliotheca.

RAIMONDI (MARCOS ANTONIO)




N.º 5. N.º 42.

Marcos Antonio Raimondi, mais conhecido por *Marco Antonio* ou *Marcantonio*, ourives, desenhador e gravador a buril, nasceu em 1487 ou 1488, em Bolonha, onde falleceu pelo anno de 1530.

Aprendeu o desenho e a gravura com Francisco Raibo-

lini, dito *Francia*, ourives e pintor, para quem trabalhou obras de nigello, em cujo exercicio se familiarizou com o manejo do buril e com os principios e pratica de gravar a talho-doce. As suas relações com Francia duraram muitos annos e foram tão intimas, que M. A. Raimondi foi cognominado *Marco Antonio di Francia*. De Bolonha passou-se para Veneza, onde viu pela primeira vez a *Pequena Paixão* de A. Durero, da qual fez uma cópia em aço, imitando exactamente a maneira das xylographias do grande mestre allemão; de Veneza passou-se para Roma. Nesta cidade travou relações com Raphael, captando-lhe em breve as boas graças; assistido dos seus conselhos, gravou muitas composições d'este mestre e até diz-se que este gravava os contornos nas chapas que o discipulo abria, para que o desenho d'ellas fosse reproduzido com toda a fidelidade.

Depois da morte de Raphael, Julio Pippi, cognominado *Romano*, empregou M. A. Raimondi em reproduzir pela gravura as suas composições, d'entre as quaes uma serie de 20 estampas sobre assumptos lascivos, ditas *As posturas*, acompanhadas de sonetos, tanto ou ainda mais livres que as estampas, compostos por Pedro Aretino. Por causa d'esta serie incorreu Marco Antonio no desagrado do Papa Clemente VIII, que o mandou encarcerar, sendo afinal posto em liberdade pela intercessão do Cardeal Julio de Medicis e do pintor Baccio Bandinelli. *O martyrio de S. Lourenço*, que M. A. Raimondi gravou segundo o mesmo Bandinelli, em gratidão ao serviço que este lhe prestára, agradou tanto ao Papa, que se constituiu desde então protector do gravador.

Á tomada e saque de Roma pelos Hespanhoes, em 1527, M. A. Raimondi perdeu todo o seu haver, o que o obrigou a tornar para Bolonha, onde viveu retirado até fallecer.

Marco Antonio, emulo de Alberto Durero e de Lucas de Hollanda, foi o primeiro gravador italiano que elevou a sua arte á perfeição até então desconhecida em Italia, principalmente nos assumptos que gravou segundo Raphael. A reputação d'este famoso gravador, espalhada não só pela Italia, como tambem por outras partes da Europa, attrahiu á sua escola muitos discipulos: Agostinho Veneziano, Marcos de Ravenna (os mais notaveis), o Mestre do dado, Julio Bonasone, Jacob Caraglio (João), Eneas Vico, os Ghisis, Nicolau Beatricio, Bartholomeu Beham, Jacob Binck e Jorge Pencz.

As estampas de M. A. Raimondi são muito desiguaes; e podem, segundo a maneira por que foram gravadas, ser divididas em quatro classes: nas duas primeiras devem ser incluídas as que gravou em casa de Francia, as quaes são

desenhadas sem muito gosto, por vezes incorrectamente, abertas com buril secco e duro, talhos mal ordenados e estreitos; as da 3.^a classe, executadas na pujança do talento do artista, pela maior parte segundo Raphael, são notáveis pela graça, expressão e correção do desenho e pela nitidez, bom gosto e delicadeza do buril; as da 4.^a finalmente, gravadas nos últimos annos da vida do artista, são um pouco inferiores ás da 3.^a classe (Vide B., xiv pp. ix a xi).

Marco Antonio trabalhou desde 1505 até ao anno em que falleceu.

N.º 5. — A Virgem Santissima sentada em um throno, segundo Raphael, ou discipulo da sua escola.

A Virgem assentada em uma cadeira, cujos pés representam patas de leão, pouisa a mão direita sobre um livro fechado, e com a outra segura o Menino Jesus, sentado no seu regaço.

Por detraz da cadeira vê-se uma cortina, como servindo-lhe de espaldar, e mais além um parapeito; no 2.º plano, uma paizagem com casaria.

A gravura não está acabada; as duas extremidades superiores da cortina e a pata do leão (á esquerda) estão abertas sómente a traço. Ao dizer de Passavant, a razão por que M. A. Raimondi não terminou esta obra, foi por se ter desgostado d'ella. Sem data, marca ou monogramma.

Altura, 176 millimetros; largura, 131 millimetros.

N.º 46 de B. (xiv, 52); N.º 19 de Passavant, *P. Graveur* (vi, 15).

Da Real Bibliotheca.

N.º 6. — O julgamento de Páris, segundo Raphael.

Páris, de perfil para a direita, sentado á esquerda da estampa, entrega o pomo a Venus, em pé diante d'elle, entre Juno, que o ameaça com a sua vingança, fazendo para elle um gesto com a mão direita, e Pallas, que se vê de costas, já tratando de embuçar-se no seu manto. Por sobre as cabeças

de Venus e Pallas, um genio alado, que adeja no ar, trata de pôr na cabeça da vencedora uma corôa de loureiro, que tem na mão direita; perto de Venus o Amor afagando-a; entre Páris e o grupo das contendoras, Mercurio dispondo-se a levar a nova aos deuses no Olympo; por detraz de Páris, na extrema esquerda da estampa, tres nymphas; e em baixo, á direita, dois Rios e uma Nayade, sentados no chão. No alto vê-se: no meio, precedido por Castor e Pollux, montados a cavallo, o Sol na sua quadriga, cercado dos signos do zodiaco; e na extrema direita, Jupiter, com a sua aguia, acompanhado por Ganymedes, Diana e outra deusa, são transportados no ar por um Vento. Em baixo lê-se: « SORDENT PRAE FORMA / INGENIVM. VIRTVS. / REGNA AVRVM », em uma taboleta, á esquerda; e « RAPH. VRB (e não VRBI) / (monogramma n.º 5 da Taboa dos monogr.) INVEN », um pouco para a direita. Sem data.

A estampa exposta, além dos precedentes caracteres descriptos pelos iconographos, apresenta a seguinte differença: a pequena porção do panno, perto da mão direita da figura que representa o Vento, está gravada sómente a traço e não sombreada.

Altura, 434 millímetros; largura, 293 millímetros.

N.º 245 de B. (xiv, 197), 1.º estado, não descripto.

Esta estampa é das mais perfeitas do buril de Marcos Antonio Raimondi. Para fazer sobressahir os claros da gravura, o artista passou pedra-pomes na chapa, depois de aberta; as estampas impressas pela chapa assim trabalhada apresentam um effeito de clarô-escuro muito notavel. Nas primeiras provas, a cujo numero pertence a estampa exposta, descobrem-se facilmente os traços da pedra-pomes em muitos lugares (Vide Pas-savant, *Peintre-Graveur*, n.º 137, á pp. 25 e 26 do vi).

Um soberbo exemplar d'esta bellissima gravura foi vendido em Paris, em 1875, no leilão da collecção de Emilio Galichon por 6705 francos.

Da Real Bibliotheca.

MUSI (AGOSTINHO DI), dito *O Veneziano*

Agostinho di Musi ou de Musis, mais conhecido por *Agostinho Veneziano*, desenhador e gravador a buril, nasceu em Veneza cêrca do anno de 1490 e falleceu em Roma pelo anno de 1540 (Huber & Rost). Os autores não mencionam quem foi o primeiro mestre de Agostinho Veneziano; entre-

tanto é certo que em 1516 já elle trabalhava em Florença, onde gravou uma estampa (n.º 40 de B., no vol. xiv, pp. 45-46), segundo André del Sarto. D'esta cidade passou-se A. di Musi á Roma e ahí trabalhou sob a direcção de Marcos Antonio Raimondi, cuja maneira de gravar imitou, por vezes mui felizmente. Foi na escola d'este mestre que travou relações com Marcos de Ravenna, com quem se associou, para gravarem juntos; depois de 1520, porém, separou-se d'elle e cada qual trabalhou por conta propria.

As estampas de Agostinho Veneziano, abertas com buril fino, são por vezes incorrectas no desenho, o que não obsta que elle seja considerado como um dos mais distinctos gravadores do seu tempo. A. di Musi floresceu de 1509 a 1536 (datas extremas que se encontram nas suas estampas).

N.º 7. — A batalha do terçado, segundo Julio Pippi, dito *Romano*.

A estampa representa os Carthaginezes combatendo contra os Romanos ao mando de Scipião. Por toda a parte cavalleiros batem-se com soldados a pé; á esquerda: no 1.º plano, jaz no chão um homem morto e junto d'elle um terçado, do qual a estampa tirou a denominação por que é conhecida, e no fundo, uma cidade ardendo em chammas.

As letras « *A·V·* » occorrem escriptas em uma taboleta, que se vê no chão em baixo, á direita. Sem data.

Altura, 337 millimetros; largura, 463 millimetros.

N.º 212 de B. (xiv, 173); N.º 40 de Passavant, *P. Graveur* (vi, 55).

Cópia invertida, cuidadosamente aberta, da estampa n.º 211 de B. (xiv, 172), gravada por Marco Antonio (?) ou por Marcos de Ravenna (?).

Da Real Bibliotheca.

N.º 8. — O guerreiro, segundo Raphael.

Nú, marchando para a direita, com o rosto voltado para esquerda, para onde aponta com o braço direito estendido, abraçando um escudo redondo no esquerdo, do qual pende um manto curto que lhe cahe sobre as costas. No 1.º plano,

à direita, uma cepa de arvore; e no 2.º, vista de mar com barcos.

Sem subscrição, monogramma ou marca do gravador e sem data, no corpo da estampa.

Altura, 155 millímetros; largura, 103 millímetros.

N.º 461 de B. (xiv, 243); N.º 106 de Passavant, *P. Graveur* (vi, 61), o qual diz a respeito d'esta estampa: « O desenho com certeza não é de Raphael e os talhos muito magros dão ensejo a que se duvide si se deve attribuir a execução d'ella a Agostinho Veneziano. »

A estampa exposta tem as margens mutiladas. Pertenceu á Real Bibliotheca.

GHISI (JOÃO BAPTISTA), dito *O Mantuano*.

IBM.

N.º 1.

João Baptista Ghisi, dito *Bertano* ou *Britano*, e tambem *Mantuano*, foi architecto, esculptor, pintor e gravador a buril e o chefe de uma familia de artistas, que tomaram todos o sobrenome patrio de *Mantuano*.

Reina a maior incerteza a respeito das datas de sua vida: para o nascimento encontram-se 1491 (Joubert, II, 81), 1500 (Huber & Rost), 1503 (Le Blanc), 1515 (Brulliot e Bartsch), e quanto á data da morte diz Bartsch que é absolutamente desconhecida; entretanto Le Blanc affirma que João Baptista Ghisi morreu em 1575. Este artista teve por mestres Julio Pippi, dito *Julio Romano*, e Marcos Antonio Raimondi. Joubert (II, 81) nega que Julio Romano tivesse sido mestre de J. B. Ghisi, allegando que este, nascido em 1491, não podia ter sido discipulo d'aquelle, que veio ao mundo um anno depois; como porém a data do nascimento de J. B. Ghisi pode ser 1515, este argumento de Joubert póde não ser de todo concludente.

O seu desenho é correcto, e a sua maneira de gravar assemelha-se á de Marcos Antonio Raimondi, e ainda mais especialmente á do Mestre do dado.

N.º 9. — Um Amor tocando cravo.

Um menino alado, visto pelas costas, quasi de perfil para a direita, sentado no chão, discorre o teclado de um cravo, posto diante d'elle, encostado a uma arvore; em baixo, á direita, vê-se um facho revirado, e, dependuradas na arvore, as armas do deus da guerra.

Em baixo occorre: á esquerda, o monogramma do gravador (Vide o monogr. n.º 1); e á direita, a data « 1538 ».

Altura, 86 millimetros; largura, 123 millimetros.

N.º 10 de B. (xv, 380); N.º 12 de LB. (II, 293).

Da Real Bibliotheca.

DENTE (MARCOS)



N.º 43.

Marcos Dente, mais conhecido pelo seu nome patrio *Marcos Ravignano* ou *de Ravenna*, nasceu nesta cidade em 1496 e morreu em Roma em 1550.

Foi discipulo de Marcos Antonio Raimondi ao mesmo tempo que Agostinho Veneziano, com quem trabalhou de parceria até 1520, anno em que se separaram, começando então cada qual a marcar as suas estampas com o proprio monogramma ou as letras iniciaes do seu nome.

O talho de M. Dente não é sempre uniforme; parece que não era forte no modo de dirigir os talhos cruzados (*hachures*), o que entretanto o não impedia de fazer cópias fidelissimas e muito bellas, como a *Matança dos innocentes*, sob n.º 10 d'este Catalogo, e outras.

As estampas de M. Dente parecem-se um pouco com as de Agostinho Veneziano e ainda mais com as de seu mestre M. A. Raimondi; entretanto um olho amestrado nunca as confundirá com as gravuras d'estes dois artistas.

Vide a descripção da estampa n.º 13 d'este Catalogo.

N.º 10. — A matança dos innocentes, segundo Raphael.

A scena passa-se em uma praça, onde se vêem carrascos, mulheres e crianças, ao todo 23 figuras, das quaes as mais notaveis são: á esquerda, um homem nú, desembainhando com a mão direita uma espada, e com a esquerda puxando pelo pé uma criança que sua mãe aperta ao seio, para a salvar; no meio, uma mulher, de frente, com a bocca aberta, corre espantada para o espectador, com o filhinho nos braços; á direita, outra, com um joelho em terra, repelle com a mão esquerda o braço de um carrasco, tambem nú, no acto de desfechar um golpe de espada contra o filhinho, que ella segura com a direita; &.

No 2.º plano: no meio, uma ponte e casaria; á direita, perto do canto superior, uma mouta de arvoredo, onde se não encontra uma arvore esguia, semelhante a um *pinheiro*; e á esquerda, sobre um pedestal, lê-se: « RAPHA / VRBI / INVEN. A F M em monogramma (Vide o monogr. n.º 5) ». Sem data.

Altura: á esquerda, 272 millimetros; á direita, 276 millimetros. Largura, 419 millimetros.

N.º 20, 2.º estado, de B. (xiv, 23). Cópia da estampa, dita do *pinheiro* (*au chicot, alla falchetta*), descripta por B. (xiv, 21) sob n.º 18.

As estampas n.ºs 18 e 20 de B., gravadas no mesmo sentido em 2 chapas differentes, distinguem-se entre si pela existencia ou não do pinheiro; além da sua belleza, ellas têm-se tornado celebres pelas discussões que têm motivado.

Tempo houve, em que se disse ter sido M. A. Raimondi o gravador de ambas as chapas; esta opinião porém, que se originou de uma anecdota contada por Malvasia, não é seguida hoje por quasi ninguem.

Bartsch é de opinião que a estampa com o pinheiro (N.º 18 de B.) é obra de M. A. Raimondi e que a chapa sem o pinheiro (N.º 20 de B.) foi gravada por Marcos Dente de Ravenna; Zani attribue, pelo contrario, a M. A. Raimondi a estampa n.º 20, e a M. Dente a n.º 18; finalmente Passavant diz ter plena convicção de que a estampa com o pinheiro é obra do buril de Jorge Pencz e que a estampa sem o pinheiro é indubitavelmente gravada por M. A. Raimondi. Na impossibilidade de darmos um juizo definitivo sobre o assumpto, e forçado a tomar um partido, adoptamos a opinião de Bartsch.

Vide Bartsch (xiv, 19-24); Zani (II parte, v pp., 349 e seguintes); Passavant, *P. Graveur* (iv, pp. 101 e 102, e n.º 9 no volume vi, pag. 12); Delaborde, n.º 22 (pag. 209);

Duchesne ainé, *Galerie de la Bibliothèque Impériale*, (n.º 49 pag. 31).

Esta estampa, muito bella e rarissima, é a obra prima do gravador. Pertenceu á Real Bibliotheca.

Um exemplar d'ella já foi vendido por 7,500 francos.

N.º 11. — Venus ferida por um espinho de roseira, segundo Raphael.

Á esquerda, perto de uma moita de matto espesso, Venus, nua, de perfil para a direita, sentada em um panno estendido no chão, tira do pé esquerdo um espinho de roseira. Em baixo, á direita, um coelho; e no 2.º plano, um castello no cume de um monte, por cujo sopé passa um rio.

Em baixo, occorrem: o monogramma n.º 43, sobre uma pedra, á esquerda; e « *Ant. Sal. exc.* », á direita.

Altura, 262 millímetros; largura, 168 millímetros.

N.º 321 de B. (XIV, 241 - 242).

Ainda que Bartsch não o diga, é fóra de duvida que esta bellissima estampa é cópia de outra gravada por Marcos Antonio Raimondi. No exemplar da obra de Bartsch da Bibliotheca Nacional, todo emendado e annotado por um amator muito entendido e criterioso, que nunca achámos em erro, primeiro possuidor do dito exemplar, occorre o seguinte additamento á descripção d'esta gravura: « L'original par Raimondi, très rare. 1,050 francs. » — Vide: Passavant, *P. Graveur*, n.º 30, á pag. 69 do VI; n.º 288, á pag. 44 do VI; e Ottley, n.º 251, á pag. 811 do II.

A estampa exposta pertence ao numero das impressas depois do retoque feito na chapa primitiva por Francisco Vilamena (B.).

Da Real Bibliotheca.

ANONYMO II

N.º 12. — Dido, segundo Raphael.

No meio de uma paizagem, Dido, em pé, segura com a mão esquerda um punhal em posição de quem vae craval-o no seio, e com a outra aponta para uma fogueira, á esquerda.

Em uma taboleta encostada á uma arvore, á direita, lê-se :
« ΑΥΤΥΕΙΣ (*sic*) / ΘΑΝΑΤΟΣ / ΖΩΗ ».

Em baixo, occorre o seguinte distico :

« HOSPES ABIT : SED VT EST EXTINGCTA PVDORIS HONESTAS.
ME FERRO EXTINGCTAM COGIT INIRE ROGOS. (*sic*) »

Sem data, marca ou monogramma.

Altura, 179 millimetros.

Largura: em cima, 130 millimetros ; em baixo, 127 millimetros.

Cópia invertida da estampa de Marcos Antonio Raimondi, n.º 187 de B. (XIV, 153).

É a cópia A de Bartsch, no 1.º estado, ou antes em outro differente (anterior a esse?), á vista da discordancia que ha entre o dizer latino que se lê na estampa e o mencionado por este autor.

Passavant, *P. Graveur*, dá mais uma copia (N.º 22, VI, pag. 23) desconhecida de Bartsch, por elle attribuida a Enéas Vico.

Da Real Bibliotheca.

ANONYMO III

N.º 13. — A Poesia, segundo Raphael.

Uma mulher alada, sentada sobre nuvens, com uma lyra na mão direita, sustentando com a outra um livro fechado, apoiado sobre o joelho esquerdo ; aos lados vêem-se dois genios, segurando cada um uma tabella. Na da esquerda lê-se :
« ΝΥΜΠΕ / ΑΦΛΑΤΥ / R ».

Sem data, nem monogramma ou marca.

Altura, 178 millimetros ; largura, 155 millimetros.

Cópia A de Bartsch da estampa de M. A. Raimondi, n.º 382 de B. (XIV, 291), reproduzida traço por traço em sentido inverso.

Bartsch (XIV, pp. XXII e XXIII) propende para a opinião de que esta estampa é obra do buril de Marcos Dente.

Da Real Bibliotheca.

BONASONE (JULIO)

Julio Bonasone ou *Bolonhez*, desenhador, pintor e gravador á agua-forte e a buril, nasceu em Bolonha em 1498 (?). Aprendeu a pintura com Lourenço Sabbatini e a gravura com Marcos Antonio Raimondi, cuja maneira de gravar adoptou. As suas estampas são abertas segundo as proprias composições, ou segundo as de Raphael, de Miguel Angelo, de Francisco Mazzuoli, dito o *Parmense*, e de outros; deve-se porém observar que Bonasone nem sempre gravava estas estampas exactamente segundo os quadros originaes dos pintores, mas antes segundo cópias que d'elles fazia, com alterações de sua invenção; taes estampas ordinariamente elle as subscrevia com o dizer: « *J. Bonasone imitando pinxit et celavit.* » Este artista trabalhou principalmente em Roma, onde morreu em 1580 (?).

N.º 14. — Scipião ferido na batalha do Tessino, segundo Polydoro Caldara, dito de *Cara-vaggio*.

No meio, Scipião, de perfil para a esquerda, com o braço direito envolto em uma atadura, meio levantado por seu filho Publio Scipião, depois cognominado o *Africano*, é carregado por um soldado visto pelas costas, para retiral-o do campo da batalha. Em baixo, á direita, lê-se: « *IV. BONASO IMITANDO PINSIT & CELAVIT / . A. S. SQDEBAT.* » Sem data.

Altura, á esquerda, 199 millímetros; altura, á direita, 203 millímetros; largura, em cima, 266 millímetros; largura, em baixo, 271 millímetros.

N.º 81 de B. (xv, 133); N.º 344 de L.B. (I, 448).

Da Real Bibliotheca.

DADO (MESTRE DO)



N.º 26 a. N.º 26 b.

O verdadeiro nome d'este artista é ainda hoje duvidoso: alguns o chamam *Beatricio o antigo*; Le Blanc, julgando-o

descendente de um pintor italiano, Bernardo Daddi, attribue-lhe o nome de B. Daddi; o certo porém é ser elle universalmente conhecido pelo nome de *Mestre do dado*, proveniente da marca de que usava.

Da sua vida pouco se sabe: acredita-se que nascêra no principio do XVI seculo (1512?); trabalhou em Roma de 1532 a 1550; e ignora-se inteiramente quando morreu.

O Mestre do dado, pintor e gravador a buil, indubitavelmente pertence, pela sua maneira de gravar, á escola de Marcos Antonio Raimondi. As suas estampas não têm igual merecimento; mas podese dizer que, em geral, são correctamente desenhadas e bem gravadas.

O principal senão que, como desenhador, se lhe pode notar é ter feito as figuras muito curtas, com cabeças muito grandes e braços e pernas muito reforçados.

N.º 15. — Santa Barbara, segundo desenho de um Mestre, que se aproxima da escola de Raphael, ou de João Antonio Razzi, dito o *Cavalleiro Sodoma*.

No meio de uma paizagem, com casaria no 2.º plano, vê-se a Santa, de frente, em pé, com a palma do martyrio na mão direita e pousando a esquerda em um modelo da torre, em que estivera prêsa.

Em baixo, á esquerda, está o dado com a letra B (Vide o n.º 26 a. da taboa dos monogr.). Sem data.

Altura: á direita, 207 millimetros; á esquerda, 209 millimetros.

Largura: 140 millimetros.

N.º 12 de B. (xv, 192); N.º 15 de L.B.

Quanto ao autor do desenho vide B. (ibidem) n.ºs 13, 14 e 15; e Passavant, *P. Graveur*, n.ºs 14 e 15 do vi, pag. 99.

Da Real Bibliotheca.

N.º 16. — Jogos de Amores, segundo Raphael.

Oito Amores: á esquerda, um, assentado no chão, ajudado por outro em pé, faz uma coroa de flores; estes trans-

portam feixes de flores e ramos de arvores; aquelles atiram maças nos outros; finalmente, um no fundo, á direita, segura um dardo com a mão esquerda levantada. Por baixo dos pés d'este está o dado com a letra B (n.º 26 b. da taboa dos monogr.).

A estampa acha-se um pouco mutilada.

Dimensões da gravura no seu estado actual:

Altura, 183 millímetros; largura, em cima, 281 millímetros; largura, em baixo, 279 millímetros.

N.º 30 de B. (xv, 206); N.º 69 de L.B. (II, 81).

Da Real Bibliotheca.

ANONYMO IV

N.º 17. — Ganymedes raptado pela aguia de Júpiter, segundo Miguel Angelo Buonarroti.

No alto, entre nuvens, vê-se Ganymedes, com os braços extendidos, e as pernas seguras pelas garras de uma grande aguia voando.

Em uma rica paizagem, um cão ladrando, em baixo, á direita. Na parte inferior da estampa occorre: « GANIMEDIS. IVVENIS. TROIANVS. RAPTVS. A. IOVE. » Sem data.

Altura, á direita, 417 millímetros; altura, á esquerda, 422 millímetros; largura, 276 millímetros.

N.º III, 1.º estado, de Passavant, *P. Graveur* (VI, 119), na obra de Beatricio, isto é, sem as palavras « MICHAEL ANG. »

Passavant attribue esta gravura a Beatricio; Robert Dumesnil (IX, 134-135) porém nega positivamente que seja do buril d'este Mestre, dizendo que está e outras estampas, que elle aponta no mesmo lugar, foram provavelmente executadas em Roma, na mesma epoca em que vivia Beatricio, e talvez ao lado d'elle.

Da Real Bibliotheca.

VICO (ENEAS)

Æ.V.

N.º 4.

Eneas Vico, desenhador e gravador em metal, nasceu em Parma pelo anno de 1520, floresceu de 1541 a 1560 e morreu em Ferrara em 1570.

Mudou-se, ainda muito moço, de Parma para Roma, onde teve por mestre um gravador mediocre, commerciante de estampas em larga escala, Thomaz Barlachi, para cujos fundos trabalhou por algum tempo. Não se sabe ao certo si Eneas Vico teve outros mestres melhores que Barlachi, nem quaes fossem elles; entretanto é innegavel que progrediu consideravelmente na arte, a ponto de ser considerado um dos mais habéis gravadores do seu tempo, apesar de algumas imperfeições das suas estampas.

Eneas Vico esteve em Florença, onde gravou a *Conversão de S. Paulo*, segundo Francisco Floris; e em 1568 foi chamado pelo Duque Affonso II á Ferrara, onde residiu até morrer.

As estampas de Eneas Vico anteriores a 1550 são gravadas á maneira de diferentes mestres: Julio Bonasone, Agostinho Veneziano, Jacob Caraglio e Marco Antonio; mas depois d'este anno Eneas Vico adquiriu uma maneira de gravar propria e caracteristica.

Eneas Vico não foi somente habil artista, mas tambem cultor das sciencias; estudou com particularidade a numismatica, e escreveu obras sobre esta disciplina, que nessa epoca foram muito estimadas.

Reina grande incerteza sobre muitos factos da vida d'este gravador; a esse proposito vide Bartsch, xv, 275 a 281.

N.º 18. — Os amores de Marte e Venus, segundo Francisco Mazzuoli, dito o *Parmegiano*.

Á esquerda, Venus, nua, sentada em seu leito, amamentando Cupido ao seio direito, passa o braço esquerdo sobre os hombros de Marte, que está sentado a seu lado, vestido de armadura.

Em cima, á esquerda, vê-se um Amor, tendo o corpo coberto de plumagem, com *crista, cauda e pés de gallo*, dor-

mindó, sentado sobre uma janella, pela qual entram largos feixes de raios luminosos (da aurora?).

No canto superior esquerdo, o monogramma n.º 4; na margem inferior: 1.º, quatro versos italianos, em duas columnas, « *Qui tra Venere... di Cesare' in Tesaglia.* »; 2.º *Ant. Sal. exc.* », no meio. Sem data.

Altura, sem a margem, 282 millímetros; altura, com a margem, 300 millímetros; largura, 200 millímetros.

N.º 21 de B. (xv, 292), 2.º estado, isto é, com o endereço de A. Salamanca.

Da Real Bibliotheca.

N.º 19. — Retrato de João de Medicis.

Em busto, de perfil para a direita; dentro de um oval, em um portico.

À esquerda, a Victoria; á direita, Marte; em baixo, dois escravos maniatados; em cima, duas mulheres aladas, segurando o braço do retratado; e por toda a parte, diversos attributos da arte da guerra. Lê-se no oval: « *IL S. GIOVANNI DE MEDICI.* »; em cima: « *COSMO FLOR. II. DVCI OPT. / INVICTISS. IOHAN. MED. FILIO. D. / ÆNEAS VICVS PARMEN. /* »; e nos pedestaes das estatuas da Victoria e de Marte: « *CVM / PRIVI / LE / GIO* », á esquerda; « *SEN. / VENE / TOR. / MDL. / Ant. Lafrerij Romæ.* », á direita.

Estampa um tanto mutilada.

Dimensões da estampa no estado actual:

Altura, á direita, 467 millímetros; á esquerda, 477 millímetros; largura, em cima, 300 millímetros; largura, em baixo, 307 millímetros.

N.º 254 de B. (xv, 338).

Passa esta bella gravura por ser uma das melhores do mestre.

Da Real Bibliotheca.

GHISI (ADÃO), dito *O Mantuano*

N.º 9.

Adão Ghisi, dito o *Mantuano*, desenhador e gravador a buril, filho de João Baptista Ghisi, nasceu em Mantua em 1530, segundo Hubert & Rost, trabalhou desde 1566 e morreu em Roma em 1574 (L.B.).

Adão Ghisi gravou varios mestres italianos; a sua maneira de gravar é muito semelhante á de seu irmão mais velho Jorge Ghisi; o seu buril porém não é tão firme nem tão delicado. Em desenho era Adão Ghisi tambem um pouco interior a Jorge.

N.º 20. — A escravidão, segundo André Mantegna.

Um moço, visto a 3 quartos, com o rosto voltado para a direita, carregando ao hombro uma canga, marcha com difficuldade para a esquerda, por ter presos os pés por uma pêa, á cuja extremidade está amarrado um grande pêso espherico.

Em baixo occorre: á esquerda, o monogramma do Mestre (Vide monogr. n.º 9); e no meio, «SERVVS EO LAETIOR QVO PATIENTIOR». Entre este dizer e os pés do moço lê-se o endereço de «*Gio: Jacomo Rossi le stampa in Roma alla Pace*». Sem data.

Altura, 203 millimetros; largura, 140 millimetros.

N.º 103 de B. (xv, 428); N.º 123 de L.B., 2.º estado (II, 291).

Da Real Bibliotheca.

ZENOI (DOMINGOS)

Domingos Zenoi ou Zenoni, pintor e gravador á agua-forte, natural de Veneza, onde floresceu de 1560 a 1580.

Além da sua officina de gravura, da qual sahiram estampas da propria lavra, notaveis pelo seu valor artistico, teve em sua cidade natal casa de negocio de objectos de arte (quadros e estampas), cujo commercio foi muito activo e extenso.

Da vida e obras d'este artista pouco se sabe. Para maiores esclarecimentos a esse respeito, vide Nagler, *Lexicon*, xxii, 262; e Brulliot, n.^{os} 669 da II e 301 da III.

N.º 21. — A Piedade, segundo João Baptista Franco.

Onze figuras em uma paisagem. No 1.º plano: á esquerda, J. Christo, morto, sentado sobre uma pedra, com o corpo meio levantado por um discipulo; á direita, a Magdalena de joelhos, com a mão direita no peito; por detraz d'ella, a Virgem Santissima, em pé, de manto na cabeça; e no meio, S. João, de mãos postas; — no 2.º plano, a cruz á direita, e 2 arvores, á esquerda.

Em baixo, sob os pés de J. Christo « Dominicus Zenoi Excidebat », e não « Excudebat. » como diz Zani; e á direita, as letras « F. B. » muito apagadas. Sem data.

Altura, 219 millímetros; largura, 158 millímetros.

Cópia invertida da estampa de João Baptista Franco (n.º 4 de L.B., n.º 17 de B.). Zani, II parte, VIII, 229, diz que esta cópia é bellissima e muito rara.

A estampa exposta pertence a um estado, não descripto, anterior (?) ao que traz o endereço « Ant. Lafrery Formis » por baixo da subscrição do gravador.

Da Real Bibliotheca.

CARRACCI (LUIZ)

Luiz Carracci, pintor e gravador á agua-forte e a buril, filho de um carneiro, nasceu em Bolonha em 1555. Teve por primeiro mestre a Prospero Fontana, e como os seus progressos eram muito lentos, este lhe aconselhou que renunciasse ao estudo da pintura; o discipulo porém não desanimou, e foi-se á Florença para tomar licções com André del Sarto e Domingos Creti, dito o *Passignano*, e á Parma para estudar as obras de Correggio. Depois de ter visitado Mantua e Veneza, voltou á Bolonha e ahí fundou, com o concurso de seus primos e discipulos Agostinho e Annibal, a celebre escola de

pintura, que denominou *Accademia delle Incamminati*. Ainda que inferiores ás de seus primos, as gravuras de Luiz Carracci são com razão muito estimadas.

Luiz Carracci morreu em Bolonha em 1619.

N.º 22. — A Virgem Santissima dos anjos.

A Virgem, sentada, de perfil para a direita, contempla o Menino Jesus, que sustenta nos braços. No alto, á direita, 4 anjos, dos quaes um, de thuribulo, incensando, e outro com uma naveta na mão esquerda.

Em baixo, á esquerda, occorre: « *Lo. C. Petri Stephany Exc.* » Sem data.

N.º 2 de B. (xviii, 24); N.º 5 de L.B., 2.º estado (1, 607).

Altura, 162 millímetros; largura, 116 millímetros.

Da Real Bibliotheca.

CARRACCI (AGOSTINHO)

Agostinho Carracci, pintor e gravador á agua-forte e a buril, filho de um alfaiate e primo-irmão de Luiz Carracci, nasceu em Bolonha em 1557. A principio exerceu a profissão de ourives; mas desamparou-a para dedicar-se ao desenho, á pintura e á gravura, tendo por mestres, de desenho e pintura a Prospero Fontana, de desenho a pennejado a Bartholomeu Passerotti, e de gravura a Domingos Tibaldi, Cornelio Cort, o qual por esse tempo trabalhava em Veneza, e a seu primo Luiz.

Como pintor, Agostinho Carracci occupa lugar distincto entre os artistas da escola italiana; associou-se a seu primo Luiz para fundar a *Accademia degli Incamminati* e collaborou com seu irmão Annibal na pintura da galeria do palacio Farnese, em Roma, onde executou os assumptos de *Cephalo e Aurora* e de *Galathæa*; e como gravador as suas estampas são trabalhadas com muita sabedoria e, salvos alguns pequenos senões, poder-se-hiam chamar perfeitas.

Agostinho Carracci tinha grande penetração de espirito

e era muito versado em diferentes ramos de letras e sciencias: philosophia, mathematica, geographia, astrologia, historia, poesia, medicina; e até em musica diz-se que fôra habil.

Morreu em Parma em 1602.

N.º 23. — Pan vencido pelo Amor.

Em uma paizagem: á esquerda, o Amor subjugando a Pan em presença de duas nymphas, á direita.

Em baixo, á direita: « 1599. A. C. IN »; e no alto no meio: « *omnia vincit Amor.* » em letras muito miudas. Como a estampa exposta está mutilada de margens, mal se vêem na margem inferior as letras « P. S. F », de que falla B.

Altura, 125 millímetros; largura, 184 millímetros.

N.º 116 de B. (XVIII, 103).

Da Real Bibliotheca.

CARRACCI (ANNIBAL)

Annibal Carracci, irmão mais moço de Agostinho e primo-irmão de Luiz Carracci, pintor e gravador á agua-forte e a buril, nasceu em Bolonha em 1560 e morreu em Roma em 1609.

Aprendeu os elementos de pintura com seu primo Luiz, e com o estudo aturado das obras de Paulo Veronense, de Correggio, de Raphael e do antigo conseguiu ser considerado o mais habil e amestrado pintor italiano depois de Raphael, Ticiano e Correggio. A pintura da galeria do palacio Farnese, em Roma, em que teve por collaborador seu irmão Agostinho, consumiu-lhe oito annos de aturado trabalho e custou-lhe a vida, porque, diz-se, morreu de desgosto pela ingratidão do principe Farnese, que recompensára mesquinhamente esta obra colossal, considerada por N. Poussin uma das maravilhas da arte. Annibal Carracci ajudou muito activamente a seu primo Luiz na direcção da *Accademia degli Incamminati*, na qual se formaram Domingos Zampieri, dito *Dominicano*, J. Lanfranc, J. F. Barbieri, dito *Guercino*, Francisco Albani e Guido Reni. Como gravador a sua obra não é numerosa; em compensação porém as suas estampas são muito bem desenhadas e acabadas.

N.º 24. — A adoração dos pastores.

Sete figuras, 2 anjos, 1 jumento e 2 carneiros.

No 1.º plano: o Menino Deus deitado sobre palhas, adorado pelos anjos, no meio; a Virgem Santissima ajoelhada e de mãos postas, á direita; e 4 pastores, dos quaes o que está ajoelhado perto do esteio de madeira tosca da cabana tem a mão direita apoiada nelle, á esquerda. No 2.º plano, á direita: São José dando ao jumento herva a comer.

Em baixo lê-se: á esquerda, « *Annibal Caracius fecit et inue.* »; e á direita, « *Nico. uan Aelst for.* » Sem data.

Altura, 104 millímetros; largura, 131 millímetros.

N.º 2 de B. (xviii, 181); N.º 2 de L.B. (1, 605); Zani (II parte, v, 15).

Esta gravura, geralmente conhecida pela denominação de *Presepe de Carracci*, é muito bella e rarissima.

A estampa exposta pertence ao numero das do 3.º estado de Zani e proveiu da Real Bibliotheca.

N.º 25. — A Piedade.

Cinco figuras. Jesus Christo, morto, deposto da Cruz no chão, com o tronco reclinado sobre os joelhos de sua Mãe Santissima, que desmaia entre os braços de uma das santas mulheres. Á direita da Virgem, S. João, levantando um pouco o braço direito do Salvador, mostra a chaga á Magdalena com o indicador da mão esquerda.

Em baixo: á esquerda, « *Annibal Caracius fe. Caprarolæ. 1597.* »; e á direita, « *Vincenzo Cenci Romæ. for.* »

Esta estampa, conhecida pelo nome de *Christo de Caprarola*, foi gravada á agua-forte e retocada a buril, em uma chapa de prata, segundo é tradição.

Altura, 123 millímetros; largura, 161 millímetros.

N.º 4 de B. (xviii, 182); — N.º 11 de L.B. (1, 591); — Zani (II parte, VIII, 207) qualifica esta bellissima gravura como a obra prima do Mestre e diz ser muito rara.

A estampa exposta pertence ás do 4.º estado de Zani.

Da Real Bibliotheca.

BRIZIO (FRANCISCO)

Francisco Brizio ou Bricci, pintor e gravador á agua-forte e a buril, nasceu em Bolonha em 1575 e morreu na mesma cidade em 1623. Foi a principio sapateiro; tal era porém a sua inclinação para o desenho, que deixou o seu primeiro officio para ir aprender desenho e pintura com Bartholomeu Passarotti, acabando de aperfeiçoar-se nestas artes com os Carraccis (Luiz e Agostinho), que lhe tinham grande afeição. Brizio collaborou com Agostinho Carracci em algumas das estampas gravadas por este e vice-versa. Ainda que se pareçam com as de Agostinho Carracci, as estampas de Brizio são-lhe inferiores na correção do desenho e na expressão. Brizio dedicou-se também á perspectiva e á architectura, tornando-se tão profecto nestas disciplinas que as ensinava em curso publico.

N.º 26. — A Virgem Santissima voltando do Egypto para a Judéa, segundo Luiz Carracci.

No 1.º plano: a Virgem Santissima caminha para a direita, levando o Menino Jesus pela mão, acompanhada de S. José, que com a mão direita levanta a fralda do seu manto; no 2.º plano: á direita, um anjo conduz um burro, ao qual dá feno a comer.

Em baixo, á esquerda: « *Lodo. car. in.* » Sem data.

Altura, 213 millímetros; largura, 134 millímetros.

N.º 2 de B. (xviii, 254), mas sem o dizer: « Fra. Briccio. » á direita; o que faz crer que a nossa estampa pertence a um estado anterior ao descripto por este autor.

Da Real Bibliotheca.

RENI (GUIDO)

Guido Reni, mais conhecido pelo seu nome de baptismo, *O Guido*, pintor e gravador á agua-forte, nascido em Bolonha em 1575, morreu na mesma cidade em 1642. Depois de ter aprendido os elementos da sua arte com Dionysio Calvaert, passou-se para a escola dos Carraccis, onde fez grandes progressos; mais tarde foi á Roma, no intuito de se aperfeiçoar

na sua arte, estudando as obras de Raphael e de outros grandes mestres.

Guido gravou com desembaraço e espirito; o seu desenho é puro e correcto; as cabeças das suas figuras são nobres e graciosas e as roupagens tratadas com muito gosto e mestria.

Como pintor G. Reni é tambem muito estimado, e os seus quadros correm parelhas em belleza com as suas gravuras. Trabalhou em Bolonha, Mantua, Napoles e Roma, onde encontrou um rival e inimigo figadal em Miguel Angelo Amerighi, dito *O Caravaggio*, e um protector no Pontifice Paulo V.

Escravo da paixão do jogo, que lhe acarretou a perda dos seus haveres e amigos e da estima publica, passou os ultimos annos da vida no esquecimento e na miseria.

N.º 27. — A Sacra Familia.

À esquerda, a Virgem Santissima, de perfil para a direita, assentada, olha para o Menino Jesus, á sua esquerda, o qual estende uma das mãos para levantar o manto de sua Mãe; á direita, S. José, sentado em frente a uma mesa, com a cabeça apoiada sobre a mão esquerda, tendo a direita pousada sobre um livro aberto. No alto, vêem-se dois anjos espalhando flores sobre a Virgem e o Menino Jesus.

Em baixo, á esquerda, occorre « GVIDVS RENVS, INVENTOR ET INCIDIT »; e na margem inferior:

« *Maria mater gratiæ, Mater misericordiæ,*
« *Tu nos ab hoste protege, Et hora mortis suscipe.* »

Altura (com a margem inferior), 223 millímetros; altura (sem a dita margem), 210 millímetros. Largura, 151 millímetros.

N.º 10 de B. (XVIII, 285). — Vide tambem os n.ºs 9 e 11 da obra de Reni em B.

Da Real Bibliotheca.

N.º 28. — A Sacra Familia e Santa Clara, segundo Annibal Carracci.

No meio da estampa, a Virgem, de frente, assentada, com o Menino Jesus ao regaço; á esquerda, Santa Clara, tendo na mão direita uma ambula, sobre a qual o Menino

Jesus pousa a mão direita; finalmente, no 2.º plano, á direita, S. José com um bastão na mão esquerda.

Na margem inferior occorre: á esquerda, « *Anibale Carracci fecit.* »; e á direita « *Nicolo uan aelst formis* ».

Altura: (á direita), 214 millímetros; (á esquerda), 217 millímetros.

Largura: (em cima), 178 millímetros; (em baixo), 182 millímetros.

N.º 50, 3.º estado, de B. (xviii, 303), o qual diz a respeito d'esta gravura:

« Esta estampa é admiravel pela arte do toque e do desenho. »

Da Real Bibliotheca.

N.º 29. — S. Roque distribuindo esmola aos pobres, segundo Annibal Carracci.

S. Roque, em pé, sobre um estrado elevado, no interior de uma columnata, segura com a mão direita uma bolsa aberta e com a esquerda distribue dinheiro por uma multidão de pobres, que occorrem de todos os lados.

Em baixo lê-se: á esquerda, « *Anibal Car. inuent.* »; no meio, « *P. Stephanonius formis Cum Priuilegio* »; e á direita, « 1610 ».

B. diz que a estampa não é inteiramente conforme á composição do pintor, por ter G. Reni addicionado dois velhos perto da mocinha, que se vê na extrema direita da estampa.

Altura: 285 millímetros; largura, 455 millímetros.

N.º 53, 2.º estado de B. (xviii, 305).

Além da copia feita por Balthazar Galanino (B., xviii, 341, n.º 51) ha outra, tambem invertida, por Anonymo francez, com o millesimo de 1610, e o endereço: « *Paris chez... aux Collones d'Hercule* », muito apagado, não descripta (?), da qual a Bibl. Nac. possui um exemplar.

Da Real Bibliotheca.

ANONYMO V

N.º 30. — A Virgem Santissima com o Menino Jesus, segundo Guido Reni.

A Virgem assentada, quasi de perfil para a direita, sustenta nos braços o Menino Jesus, que se lhe lança ao pescoço para beijal-a. Atravez de um arco, vê-se, no 2.º plano, S. José marchando a pé para a esquerda, em uma paizagem.

Na margem inferior occorre: 1.º, o distico latino:

« *Æternum Patrem refero pia Mater in ulnis.
Me pete qui ora cupis clara uidere Patris.* »

no meio; 2.º, « *Gui. Ren. In.* », á esquerda.

Sem monogramma ou marca; e sem data.

Altura: (com a margem inferior), 190 millimetros; (sem a margem), 178 millimetros.

Largura, 133 millimetros.

Cópia invertida, não descripta, da estampa de Guido Reni, n.º 1 de B. (xviii, 278).

Da Real Bibliotheca.

ANONYMO VI

N.º 31. — A Magdalena penitente.

A Santa, a meio corpo, voltada para a direita, de mãos cruzadas sobre o peito, contempla um crucifixo, que segura com a mão direita. Na sua frente vê-se, sobre uma pedra, uma caveira em cima de um livro aberto.

Sem data, nem assignatura do gravador.

B. diz que o desenho d'esta estampa é geralmente attribuido a Guido Reni, mas que parece antes ser de Odoardo Fialetti ou de Jacob Palma Junior.

Altura, 174 millimetros: largura, 130 millimetros.

N.º 24 de B. (xviii, 322).

Da Real Bibliotheca.

PASQUALINI (JOÃO BAPTISTA)

João Baptista Pasqualini, pintor e gravador á agua-forte e a buril, nasceu em Cento, perto de Bolonha, em 1583 (L.B.), ou em 1600 (Huber & Rost e Bryan). Aprendeu a pintura com Cyro Ferri; e gravou segundo muitos pintores Bolonhezes, principalmente segundo o seu compatriota João Francisco Barbieri, dito o *Guercino*, cujo estylo em balde tentou imitar nas estampas, que abriu segundo este mestre; entretanto, si não foi bem succedido neste particular, as suas gravuras não deixam de ter certo merecimento.

Trabalhou em Roma de 1619 a 1630; e se não sabe onde nem quando falleceu.

N.º 32. — Os peregrinos de Emaüs, segundo João Francisco Barbieri, dito o *Guercino*.

Tres figuras até aos joelhos, sentadas á mesa: á esquerda, Jesus Christo parte com as duas mãos o pão, e á direita, os dois discipulos tomados de pasmo. A estampa exposta parece ter sido impressa antes da chapa acabada, pois se vêem no indicador e polegar da mão esquerda e no indicador da direita de Jesus Christo alguns contornos somente esboçados por uma serie de pequenas linhas interrompidas por espaços em branco.

Na margem inferior lê-se: á esquerda, « IO. FRANCISCVS. CENTENSIS. INV. SVPERIORVM PPRMISS (sic) »; e á direita, « IO. BAPT.ª PASQUALINVS. CENTENSIS, SCVLP. 1619 (apenas visível) M·D·C·XIX »

Altura, 184 millímetros; largura, 244 millímetros.

N.º 9 de L.B. (III, 145; N.º 25 de Nagler, *Lexicon* (x, 556).

1.º estado, não descripto.

Da Real Bibliotheca.

CORIOLANO (BARTHOLOMEU)

Bartholomeu Coriolano, desenhador e gravador em madeira e a claro-escuro, nasceu em Bolonha em 1590. Aprendeu os elementos da arte com seu pae Christovão Coriolano, acabando de aperfeiçoar os seus estudos na escola de Guido Reni;

e abriu muitas chapas de madeira segundo este artista, os Carraccis, Paulo Macci e outros. Da sua obra parte é constituída por xylographias ordinarias e parte por claro-escuros, muito estimados. Estes são gravados em tres chapas de madeira: uma para os contornos e sombras fortes, a segunda para as meias tintas e a terceira para as partes claras.

B. Coriolano trabalhou de 1620 a 1650; e foi agraciado pelo Papa Urbano VIII com o titulo de cavalleiro da Ordem de N. Senhora do Loreto e com uma pensão, em consequencia de ter offerecido á Sua Santidade uma collecção das suas estampas.

Morreu em 1654.

N.º 33. — A Virgem Santissima com o Menino Jesus, segundo Guido Reni.

Dentro de um oval ao alto, inscripto em um parallelogrammo.

A Virgem, a tres quartos para a direita, vista até aos joelhos, sentada, sustenta com as duas mãos o Menino Jesus adormecido, sentado em um coxim sobre o regaço de sua Mãe. Á esquerda, á meia altura da estampa: « G. R. In. / B. Cor. / F. »; e em um cartuxo por baixo do oval: « IESVS MARIA. » Sem data.

Claro-escuro a tres pranchas de madeira, impresso em papel azulado.

Grande diametro do oval, 173 millimetros;

Pequeno diametro do mesmo, 143 millimetros.

Dimensões do parallelogrammo: altura, 202 millimetros; largura, 151 millimetros.

N.º 7 de B. (XII, 53). Vide tambem os N.ºs 5 e 6 do mesmo gravador (B., XII, 52-53).

A estampa carece de margens.

Da Real Bibliotheca.

BELLA (ESTEVÃO DELLA).

SB

N.º 15.

Estevão Della Bella, desenhador e gravador á agua-forte e a buril, nasceu em Florença a 18 de Maio de 1610. A prin-

cipio dedicou-se á pintura, tendo por mestre a Cesar Dandini; mas a sua manifesta inclinação para a gravura decidiu seu pae á mandal-o aprender esta arte com Remigio Cantagallina, em cuja officina teve por condiscipulo Jacob Callot. As suas primeiras estampas são no gosto d'este mestre; com o andar dos tempos porém adquiriu uma maneira de gravar propria, que se distingue pelo bom gosto e pela delicadeza e ligeireza da sua ponta. Della Bella trabalhou em Florença, em Roma, e em Paris; e em 1650 ausentou-se d'esta cidade para voltar a Florença, onde morreu a 22 de Julho de 1664 (*). Gravou assumptos de historia, caçadas, paizagens, marinhas, animaes e ornatos; a sua obra consta de mais de 1400 estampas.

N.º 34. — A batalha dos Amalecitas.

Em uma paizagem: no meio, dois Amalecitas a cavallo, fugindo para a esquerda; um d'elles defendendo-se em vão do ataque de um Israelita, que o fere com a sua lança; aquem d'este grupo, um cavallo e seu cavalleiro mortos, no chão; e além, o forte da batalha. Na margem inferior lê-se: 1.º, « *Stef della Bella In. et fe.* », á esquerda; « *Cum priuil Regis* », á direita; 2.º, « *Bataille des Amalecites* », no meio; 3.º, aos lados d'este titulo, quatro versos: um distico latino, á esquerda,

« *Tædeat haud suplices ad sydera tendere palmas
Moses; namque ense, plus agis ipse prece* »,

e a sua traducção em francez, á direita:

« *O Grand Legislateur esleue au Ciel tes bras
Ta priere fait plus que mille coutelas.* »

Sem data; entretanto Le Blanc dá-lhe a de 1663 (1.º estado?).

Altura, 104 millimetros; largura, 278 millimetros.

N.º 3 de L.B. (I, 251). Vide Zani, á pag. 179 do III da II.ª parte.

Da Real Bibliotheca.

(*) Quanto ás datas da vida de Della Bella, vide Mariette.

N.º 35. — Uma mulher, de perfil para a direita, toda envolta em um grande lençol, sentada em um escabello, de pernas cruzadas, e com o mento apoiado na mão direita.

Cópia de um baixo relevo, segundo L.B; ou da estatua de Agrippina sahindo do banho? (Vide: « Statues et bustes antiques des Maisons Royales », 1.^{re} partie, *Paris*, M.DC.LXXIX, estampa VIII).

Na gravura exposta não se vê a data de 1660, que L.B. lhe dá, por estar um tanto mutilada (?) ou por ser 1.^o estado (?).

Dimensões da gravura no seu estado actual: altura, 143 millimetros; largura, 130 millimetros.

N.º 484 de L.B. (I, 254).

Da Real Bibliotheca.

N.º 36. — Uma mulher, em pé, de perfil para a esquerda, esforçando-se por conter um boi preso por uma corda, que ella tem entre as mãos.

Em baixo, á direita, lê-se: « S. D. Bella »; e na margem inferior, á esquerda, o mesmo dizer com as tres primeiras letras como no monogramma n. 15.

Cópia de um baixo relevo (L.B.).

Na estampa exposta não se vê a data de 1660, que Le Blanc lhe dá; por estar um tanto mutilada (?) ou por ser 1.^o estado (?).

Dimensões da estampa no seu estado actual: altura, 154 millimetros; largura, 149 millimetros.

N.º 485 de L.B. (I, 254).

Da Real Bibliotheca.

SIRANI (JOÃO ANDRÉ)

João André Sirani, pintor e gravador á agua-forte, nasceu em Bolonha em 1610, e morreu na mesma cidade em 1670. Foi discipulo de Guido Reni e de Jacob Cavedone; imitou a maneira d'aquelle mestre, tanto em pintura comó em gravura;

e ensinou a pintura a suas tres filhas, Isabel, a famosa artista, mais adiante mencionada neste Catalogo, Anna e Barbara.

As suas estampas são gravadas com ponta extremamente espirituosa.

N.º 37. — Lucrecia.

Vista até aos joelhos, assentada perto de uma mesa, sobre a qual apoia o braço direito, segurando com a mão esquerda o punhal, com que acaba de ferir-se no seio, mostra na physionomia o desfallecimento precursor da morte.

Altura, 196 millimetros; largura: (em cima), 134 millimetros; (em baixo), 136 millimetros.

N.º 1, 1.º estado, de B. (XVIII, 148.)

Ainda que a estampa esteja privada das margens, o estado poude ser determinado pelas dimensões.

Da Real Bibliotheca.

N.º 38. — Apollo e Marsias.

Dentro de um oval, em largo.

À esquerda, Marsias, no chão, com o tronco recostado sobre uma eminencia, de braços abertos, e maniatado, com o joelho esquerdo em terra e o direito extendido para a frente, de bocca aberta (gritando), e mostrando na physionomia a expressão de dôr vivissima; á direita: defronte d'elle, Apollo, ajoelhado, tendo presa entre as suas a perna esquerda do Satyro, escorcha-o com uma faca na mão direita na altura da axilla esquerda, e com a mão esquerda levanta a parte da pelle já esfolada.

Em baixo lê-se: « SIRANO » por cima da flauta de Marsias, cahida no chão. Sem data.

Maior diametro (largura), 192 millimetros: menor diametro (altura), 136 millimetros.

N.º 2 de B. (XIX, 149).

Da Real Bibliotheca.

CARPIONI (JULIO)

Julio Carpioni, pintor e gravador á agua-forte, nasceu em Veneza em 1611. Aprendeu desenho e pintura com Alexandre Varotari, e em pouco tempo adquiriu a reputação de habil desenhador e pintor gracioso. As estampas, que gravou segundo as suas proprias composições, são desenhadas com muito bom gosto e executadas com mestria, ainda que por vezes com alguns pequenos defeitos; recordam a maneira de gravar de Guido Reni e de Simão Cantarini, aos quaes parece que Carpioni tomou por modelos neste particular. Trabalhou em Padua, Placencia, Vicencia e Verona, onde morreu em 1674.

N.º 39. — Santa Magdalena.

A Santa está de joelhos, quasi de perfil, voltada para a esquerda, olhando extatica para o alto, d'onde partem raios luminosos, que cahem sobre ella, com as mãos postas e os cotovellos apoiados sobre uma pedra, na qual se vêem uma caveira e dois fémures. No alto: á direita, 2 anjos e 2 cherubins; e á esquerda, mais um cherubim entre nuvens. Em baixo, á direita: « CARPIONI VEN. / FEC. » Sem data.

Altura: 211 millímetros (com a margem inclusa); 198 millímetros (sem a margem).

Largura, 138 millímetros.

N.º 10 de B., 1.º estado, isto é, sem o endereço « *Matio Cadorin forma In Pad.* » na margem inferior (xx, 184); N.º 13, 1.º estado de L.B. (I, 597).

Da Real Bibliotheca.

CANTARINI (SIMÃO)

Simão Cantarini, pintor e gravador á agua-forte, nasceu em 1612 em Oropezza, perto de Pesaro, d'onde lhe provém o sobrenome patrio de *Pesarese* ou *Pesarense*, por que é conhecido.

Os seus primeiros mestres foram Pandolfi e Ridolfi, que deixou para frequentar a escola de Guido Reni, de quem foi um dos melhores discipulos e cuja maneira de gravar imitou a ponto de terem sido as suas estampas algumas vezes attribuidas áquelle mestre.

Cantarini estudou em Roma a obra de Raphael ; trabalhou em Bolonha, onde estabeleceu uma escola de desenho, em Mantua e em Verona.

O seu character orgulhoso e invejoso alienou-lhe as boas graças de seu mestre G. Reni e de outros protectores seus, e fel-o adquirir muitos inimigos entre os officiaes do mesmo officio. Diz-se que se suicidára ; outros porém pensam que fôra envenenado por um de seus inimigos.

Morreu em Verona em 1648.

N.º 40. — A Sacra Familia, segundo Guido Reni.

À esquerda da estampa, a Virgem Santissima, de perfil para a direita, sentada ao pé de uma arvore, sustenta nos braços o Menino Jesus, sentado em seu regaço, com a cabeça reclinada em seu seio ; á direita, Santa Isabel, sentada perto de S. José, e entre elles S. João em pé.

Esta estampa, descripta por L.B. sob n.º 3 (1, 581) e por B. sob n.º 10 (XIX, 128), é cópia invertida de outra (n.º 2 de L.B. e n.º 9 de B.) do mesmo gravador. Segundo Bartsch as principaes differenças entre o original e a cópia são: no original, o nariz da Virgem é illuminado, na cópia porém ella tem o nariz e o rosto sombreados ; na cópia, o rosto do Menino Jesus está inteiramente coberto de sombras, ao passo que no original tem apenas poucas sombras ; finalmente, a differença capital consiste em verem-se, na cópia, os dois braços do Menino Jesus, que no original mostra sómente o direito.

A estampa exposta não tem dizer algum, monogramma ou marca, nem data.

Altura, 121 millímetros ; largura, 189 millímetros.

Esta gravura pertence ao 1.º estado (B.), o qual se differença do 2.º, por não trazer dizeres e não estar figurado o contorno interior do braço esquerdo de S. João.

Da Real Bibliotheca.

ANONYMO VII

N.º 41. — O repouso no Egypto, segundo Simão Cantarini, dito de *Pesaro*.

No meio, a Virgem Santissima, de frente, sentada no chão, levanta nos braços o Menino Jesus, que tem os seus abertos ;

á esquerda, S. José, de perfil para a direita, tambem sentado no chão, apoiando-se no braço direito, e com um bastão na mão esquerda; á direita, um sacco e um pucaro.

Na estampa não occorre monogramma, marca, ou dizer algum, nem data.

Altura, 178 millimetros; largura, 262 millimetros.

Cópia invertida da gravura de Simão Cantarini, n.º 6 de B. (xix, 126); n.º iii de Zani (pag. 38 do vi da II.ª parte). Como a estampa exposta tem as margens mutiladas, não se póde verificar si é alguma das cópias descriptas por Zani.

Da Real Bibliotheca.

ANONYMO VIII

N.º 42. — A Virgem Santissima com o Menino Jesus; segundo Simão Cantarini, dito de *Pesaro*.

A Virgem, sentada em uma gloria, sustenta em pé o Menino Jesus, segurando-o com a mão direita pelo tronco e com a esquerda pelos pés. Em baixo, á esquerda, vêem-se dois cherubins; e no fundo, á direita, tres anjos em adoração. Em baixo, no meio, lê-se: « *Si Stampa da Matteo Giudici alli Cesarini.* »

Sem data? (A estampa não tem margens).

Altura, 142 millimetros; largura, 112 millimetros.

Cópia invertida e não descripta (?) da estampa de Simão Cantarini, n.º 17 de B. (xix, 132) e n.º 10 de L.B. (1, 582).

Da Real Bibliotheca.

LOLI (LOURENÇO)

Lourenço Loli, pintor e gravador á agua-forte, nasceu em Bolonha em 1612 e morreu a 5 de Abril de 1691 (L.B.).

Foi discipulo de Guido Reni e de João Antonio Sirani; gravou com ponta facil e espirituosa, segundo as proprias composições e as de seus mestres, no gosto e maneira d'elles, a ponto de muitas das suas estampas serem attribuidas a estes. Loli era conhecido em Italia pelo nome de *Lorenzino de Signor Guido Reni*, em consequencia da particular affeição que este lhe tinha.

N.º 43. — Dois Amores lutando.

O da esquerda tenta resistir, firmando-se no chão com a perna esquerda e com o joelho direito sobre uma pequena eminencia do terreno, na qual se apoia com a mão direita, mas parece a ponto de succumbir; o da direita, com o pé esquerdo no chão e o joelho direito fincado na côxa esquerda do seu adversario, ataca-o com ambas as mãos. Em baixo, uma pequena margem em branco. Sem nome, monogramma ou marca do gravador e sem data.

Altura, com a margem, 172 millimetros; altura, sem a margem, 149 millimetros; largura, 126 millimetros.

N.º 19 de B. (XIX, 175).

Da Real Bibliotheca.

 ROSA (SALVADOR)

Salvador Rosa, pintor e gravador á agua-forte, nasceu a 20 de Junho de 1615 em Renella, villa perto de Napoles, e falleceu em Roma a 15 de Março de 1673.

De criança revelou grande propensão para o desenho, a musica e a poesia; embora seu pae o destinasse á carreira juridica, poz-se de motu-proprio a estudar desenho com seu tio Paulo Greco e pintura com seu cunhado Fracanzani. Mal adquiriu certa pratica de manejar o pincel, começou a dar passeios pelos arredores de Napoles e a pintar as paizagens e figuras que acaso encontrava.

Levado pelo seu genio aventureiro fez uma excursão pelo Abruzo, onde tendo-se internado, diz-se, fôra feito prisioneiro dos salteadores d'essa região, que o retiveram por muito tempo: as suas series, á agua forte, de *Salteadores* e *Soldados* parecem inspiradas pelos typos d'esses homens. Pouco depois da sua volta á Napoles, Salvador Rosa, ainda muito moço (18 annos), achou-se a braços com as maiores difficuldades: não só tinha de prover ás proprias necessidades, mas tambem de sustentar a numerosa familia de seu pae, cujo encargo lhe ficára por morte d'este.

Começou então a trabalhar com ardor; os adellos eram os unicos freguezes que lhe acudiam, os quaes entretanto mal lhe pagavam as suas pinturas. Arrastava assim a existencia, quando um dia o celebre pintor João Lanfranco, que então vivia em Napoles á lei da grandeza, passando de carruagem pela casa de um d'esses negociantes, viu um quadro, *Agar no*

deserto, que o impressionou, pintado por um artista obscuro, que não conhecia, a quem chamavam *Salvatoriello*; comprou o quadro e levou-o in-continenti consigo. Tanto bastou para realçar o merecimento de Salvador Rosa aos olhos dos seus freguezes habituaes; e desde logo as suas télas começaram a ter maior estimação e obter preços mais elevados.

Entrementes veiu o nosso artista a conhecer o então afamado pintor de batalhas, Aniello Falcone, e por intermedio d'este a José Ribera. Frequentou as officinas de ambos. Como os genios de Salvador Rosa e do *Hespanholetto* se não coadunavam, pouco duraram as relações entre elles; mas com A. Falcone succedeu justamente o contrario, pois tornaram-se amigos até á morte. Com a frequencia da officina de A. Falcone, Salvador Rosa offeioou-se ao genero de pintura predilecto d'aquelle e em pouco tempo conseguiu emparelhar com elle, a quem os Napolitanos cognominavam o *Oraculo das batalhas*.

Vendo que não fazia carreira na patria, resolveu mudar de terra; foi-se á Roma em 1635, onde, graças á intervenção de um antigo camarada de collegio, o abbade Jeronymo Mercuri, obteve a protecção do Cardeal Brancaccio, que o levou consigo a Viterbo para executar ali algumas pinturas, entre as quaes se conta a celebre *Incredulidade de S. Thomé* para o altar-mór da igreja *Della Morte*.

Aborrecendo-se da posição subalterna que tinha na casa do Cardeal Brancaccio deixou-a e tornou a Napoles. Dos trabalhos que executava nesta cidade mandava alguns á Exposição annual que se fazia no Pantheon em Roma: um d'elles, o *Prometheu*, causou então grande sensação. Julgando o ambicioso artista opportuno o ensejo para entrar na Academia de S. Lucas o que era naquelle tempo considerado como baptismo do talento e consagração de superioridade artistica, partiu de novo para Roma; não teve porém o gosto de ver realizados os seus desejos pela má vontade e inveja dos officiaes do mesmo officio. Apesar d'isto eram as suas pinturas bastante estimadas, quando um facto extranho á arte concorreu para tornar o nome do artista mais conhecido e popular: no carnaval de 1639 elle organizou uma mascarada, cuja principal figura, o *Signor Formica*, desempenhava, atirando a torto e a direito ditos espirituosos cheios de fino sal attico, espalhando epigrammas, distribuindo receitas contra todos os males particulares e calamidades publicas, cantando canções, &. Vivia ainda na cidade dos Papas quando arrebentou a revolta de Masaniello em Napoles (1647); correu a unir-se aos revoltosos e alistou-se na *Companhia da morte*, cujo capitão era seu amigo A. Falcone; sendo porém

suffocada a ephemera revolução, o nosso aventureiro artista voltou de novo á Roma. Ahí pouco se demorou; tendo nas suas poesias e em algumas das suas pinturas satyricas (entre outras, *A Fortuna distribuindo os seus favores*) feito allusões mui transparentes aos personagens da terra: pintores eminentes, Principes da Igreja, grandes Senhores, &, levantou contra si tamanha animosidade e celeuma, que julgou prudente ausentar-se de Roma ao menos por algum tempo. Aproveitando-se então da proposta do Grão-Duque de Toçcana, Fernando II, que o chamava á sua côrte para executar algumas pinturas, pôz-se a caminho para Florença. O Grão-Duque tratou-o antes como amigo do que como protegido: concedeu-lhe uma avultada pensão e muitas honras; a gente da côrte e a melhor sociedade de Florença porfiavam em acolhel-o com a maior benevolencia e agrado. No meio de tantas honras e proveito tinha saudades de Roma e pensava sempre em voltar para lá; de feito em 1652 deixou Florença para estabelecer-se naquella cidade, onde viveu até morrer, com excepção de algum tempo (1661), durante o qual esteve de novo na capital da Toscana para assistir ás festas por occasião do casamento do herdeiro presumptivo da corôa grão-ducal (depois Cosme III) com a princeza Margarida de Orléans.

A grande batalha, sua obra-prima, ainda hoje admirada no Museu do Louvre, pintada em quarenta dias, que foi offercida a Luiz XIV por Monsenhor Corsini, Nuncio na Côrte de França, e muitos dos seus melhores quadros foram feitos neste periodo da sua vida.

Cinco ou seis annos antes de morrer já não trabalhava mais; a doença o tinha condemnado á inactividade.

Salvador Rosa tratou de assumptos historicos, paizagens e batalhas; avantajando-se nestas mais do que naquelles.

As suas composições são cheias de calor, de vida e de energia de expressão; nellas resumbra entretanto certa melancolia e azedume, devidos talvez aos infortunios dos primeiros annos da sua vida; desenhava de modo antes grandioso que correcto; as suas figuras em geral não têm elegancia; e trabalhava com muita rapidez, o que não pouco influiu para que ás vezes os seus quadros não fossem bem acabados.

As suas paizagens principalmente, com velhos troncos de arvores carcomidas, fendidos pelo raio ou derribados pela tempestade, com rochedos escarpados e abruptos, com sitios de aspecto selvagem e lugubre, são admiraveis; neste genero não teve predecessores: tirou inspirações sómente do seu talento fecundo; e não terá talvez imitadores.

A obra gravada de Salvador Rosa, hoje bastante rara,

consta de 86 aguas-fortes (Nagler, *Lexicon*), abertas com ponta livre, fácil e espirituosa; muitas d'ellas são feitas segundo os seus proprios quadros.

Salvador Rosa não foi sómente pintor e gravador; cultivou tambem a poesia e a musica e foi no seu tanto actor. Taes prendas e dotes eram ainda realçados pela graça do dizer e pela facundia da sua conversação amena e agradável. Quando, depois do carnaval de 1639, foi conhecido o nome da pessoa que representou o papel de *Signor Formica*, o nosso artista deu o tom em materias de bom gosto tanto em Roma, como em Florença; a sua casa era o ponto de reunião dos seus amigos, dos homens de espirito e dos grandes senhores, que todos apreciavam e admiravam as boas partes de tão predicto filho das musas.

N.º 44. — Alexandre Magno visitando Diogenes assentado á entrada do seu tunnel, ás portas de Corintho.

Doze figuras e um cavallo, em uma paizagem. Á esquerda, Alexandre de perfil para a direita, tendo na mão esquerda um bastão de mando apoiado no chão, faz com a outra mão um gesto a Diogenes, que se vê á direita da estampa, sentado no chão á entrada do seu tunnel, olhando para o poderoso monarcha e fazendo-lhe com a mão direita um aceno de afastar-se, como para dizer-lhe: *não me fires a luz do sol que me não podes dar*. Em baixo, um pouco para a direita, os seguintes versos de Juvenal (Satyra XIV, versos 311-313), escriptos em um cartaz:

« Sensit Alexander testa quum uidit in illa
Magnum habitorem quanto felicior hic, qui
Nil cuperet, quam qui totum sibi posceret orbem. »

e por baixo dos versos: « Saluator Rosa Inu. ».

Sem data.

Altura, 445 millimetros; largura, 265 millimetros.

N.º 6 de Nagler, *Lexicon*, 1.º estado, não descripto por este autor, a saber: sem a palavra abreviada « scul. » em seguida a « Inu. »

Comprada no Rio de Janeiro pelo Bibliothecario, Sñr. Dr. João de Saldanha da Gama.

SIRANI (ISABEL)

Isabel Sirani, pintora e gravadora á agua-forte, nasceu em Bolonha em 1638, e morreu na mesma cidade em 1665.

Aprendeu a pintura com seu pae João André Sirani; e em breve, graças ao seu raro talento e assidua applicação, tornou-se astista consumada. As suas pinturas são no estylo gracioso do Guido, a quem tomou por modelo. Isabel Sirani formou em pintura muitas discipulas: Veronica Franchi, Vincencia Fabri, Lucrecia Scarfaglia, Genoveva Cantofoli, &c.

As gravuras de Isabel Sirani, tambem no gosto das de G. Reni, são abertas com ponta espirituosa e por isso muito estimadas.

Diz-se que esta artista morrêra envenenada por suas rivaes na arte. O seu corpo foi depositado no tumulo do Guido.

N.º 45. — A Virgem da legenda, segundo Raphael.

Dentro de um redondo, inscripto em um quadrado, a Virgem, vista até aos joelhos, sentada, segura com as duas mãos o Menino Jesus, que, com o pé direito sobre uma almofada e o esquerdo no regaço de sua Mãe, estende as mãos para tomar uma larga fita, que S. João, á direita da estampa, lhe apresenta; no fundo, á direita, um leito com a cortina tomada. Na margem inferior occorre: « *Opus hoc à Divino Raphaelē pictum, et à Fr. Bonaventura Bisio oblinitum, inter reliquas inuictissimi Ducis Mutinæ delitias conspicitur, Elisabetha Sirani sic incisū exposuit.* »

Altura sem a margem: á direita, 210 millímetros; á esquerda, 207 millímetros; altura da margem, 24 millímetros; largura: em cima, 208 millímetros; em baixo, 210 millímetros.

N.º 6 de B. (XIX, 154); N.º 4 de Andresen (II, 515).

Soberba estampa a chama Bartsch.

Da Real Bibliotheca.

ROSSI o Velho (JERONYMO)

Jeronymo Rossi, ou de Rubeis, Senior, pintor e gravador á agua-forte, nascido em Roma em 1640, floresceu pelo anno de 1670. Segundo Malvasia, foi discipulo de Simão Cantarini,

o qual muitas vezes o tomou por modelo de suas figuras, visto ser moço muito bello e bem proporcionado de fôrmas ; Nagler, porém, na sua obra, *Künstler Lexicon*, fundando-se nas datas do nascimento de Rossi, 1640, e da morte de Cantarini, 1648, nega formalmente estes assertos, por não ser possível que em tão tenra idade (8 annos) Rossi já tivesse aprendido a pintar e a gravar e servido de modelo para figuras de homem feito. Huber & Rost o dão como discipulo de Cantarini e de João Baptista Buoncore.

J. Rossi gravou apressada e negligentemente ; apesar d'isto, não deixa de ser considerado como distincto gravador.

N.º 46. — Duas crianças ; segundo Guido Reni.

Em uma paizagem, duas crianças nuas tentam apanhar um passarinho, que lhes fugira ; a da esquerda, é vista pelas costas, cahida no chão, e a da direita, correndo para a esquerda, está prestes a segurar na ponta de um cordel preso a um dos pés do passarinho. Em baixo, á direita, « G.^{do} R.^{no} ». Sem data.

Altura. 196 millimetros ; largura, 261 millimetros.

N.º 5 de B. (XIX, 237) ; N.º 5 de Nagler, *Lexicon* (XIII, 436).

Da Real Bibliotheca.

MATTIOLI (LUIZ)

Luiz Mattioli, nasceu em Crevaliore, lugarejo do Principado de Masserano, em 1662, e morreu em 1747. Quasi todos os autores o dizem pintor, desenhador e gravador á agua-forte ; Bartsch porém affirma que elle nunca exerceu a arte da pintura, mas somente o desenho e a gravura.

A principio foi discipulo de Carlos Cignani, e depois de José Maria Crespi, cognominado o *Hespanhol* ; e tal era a affeição que este dedicava a Mattioli, que lhe-permittia assignar o seu nome nas estampas que elle mestre gravava. Foi esta amigavel generosidade causa de se confundirem algumas das estampas d'estes dois gravadores ; entretanto Bartsch pretende ter dado o seu a seu dono na descripção, que faz das obras de ambos.

Mattioli gravou segundo varios mestres e os proprios desenhos; as suas estampas são correctamente desenhadas e abertas com ponta facil e bem exercitada, de modo que não deixam de ser agradaveis á vista e de merecer geral estimação.

N.º 47. — A ama de leite favorita de Antonio van Dyck, segundo o mesmo.

Uma mulher sentada, de perfil para a esquerda, com o rosto voltado para a direita, olhando espantada para uma ave de rapina, que se vê sobre uma janella aberta, segura com a mão esquerda um menino reclinado no seu regaço, e com o braço direito chega a si outra criança de pé, a seu lado. No fundo uma cortina tomada. Na margem inferior lê-se: 1.º, « *La Balia favorita di Ant.º Van-Dyck in casa del Sig.º Co: Senatore Orsi in Bologna ~* »; 2.º, por baixo e á direita d'este dizer « *Lud. Matthiolus f.* » Sem data.

Altura, á direita, 245 millimetros; altura, á esquerda, 243 millimetros; largura, 208 millimetros.

N.º 140 de Nagler, *Lexicon* (VIII, 458); N.º 13 de L.B. (II, 626). Vide tambem B., á pag. 411 do XIX.

Bella gravura e rara. Pertenceu á Real Bibliotheca.

PETRI (PEDRO ANTONIO DE)

Pedro Antonio Petri, Pitri ou de Pietri (*Pires*, em portuguez), pintor, gravador á agua-forte e a buril, nasceu em Premia, no Novarense (B.), ou em Roma (Basia), em 1663, segundo uns, ou em 1671 segundo outros; e morreu em Roma em 1716.

Teve por mestres de pintura a José Ghezzi, Angelo Mas-sarotti e Carlos Maratti, de quem foi dos mais distinctos discipulos. Gravou segundo as proprias invenções, trabalhando as suas chapas á agua-forte e retocando-as a buril com muito cuidado. Poucas estampas d'este mestre apontam os iconographos.

N.º 48. — O purgatorio.

No alto, a Virgem Santissima e S. José sentados sobre nuvens; á direita, S. Antonio pedindo aos Santos Esposos

que intercedam perante Deus pelas almas do purgatorio ; por baixo dos pés da Virgem e de S. José, um anjo derramando sobre as almas em pena um liquido contido em um grande vaso. Em baixo, á direita lê-se: « *Petrus de Petri Inuen. et Sculp.* » Sem data.

Altura, 389 millímetros ; largura, 255 millímetros.

Estampa bella e rara, mui bem acabada, descripta por Nagler, *Lexicon* (xi, 185), sob n.º 2, no 1.º estado.

Bartsch só conheceu o 2.º estado (n.º 2, XXI, 290), do qual diz que se lê, á direita, em baixo: « *Giuseppe Marini Fece Fare per sua Deuotione, e Ded. a Dio. Pietro A. de Pietri Inue. et sculp. A. 1694. — con lic. de sup.* »

Da Real Bibliotheca.

VOLPATO (João)

João Volpato, desenhador e gravador, nasceu em Bassano em 1730 (Nagler, *Lexicon*), ou em 1733, 1735 e 1738 (segundo outros), e falleceu em Roma em 1803.

Nos primeiros tempos da sua vida applicou-se á arte de bordar, que aprendeu com sua mãe, mas depois dedicou-se á gravura, não tendo a principio outro mestre nesta arte mais que o seu talento.

Querendo aperfeiçoar-se nella passou-se á Veneza, onde foi discipulo de José Wagner, gravador e mercador de estampas, e de Francisco Bartolozzi.

Tanta affeição lhe tomou este que o chamou a si, deu-lhe bom gazalhado na sua casa e instruiu-o em todos os segredos da sua arte ; tambem por isso teve Bartolozzi sobre o discipulo e a sua maneira de gravar muito mais influencia do que Wagner.

Em 1769 foi Volpato á Parma e ahi trabalhou por algum tempo ; voltou depois á Veneza, e durante esta segunda morada nesta cidade gravou muitas estampas para a casa commercial de Wagner ; finalmente mudou-se para Roma, onde se estabeleceu como mercador de estampas, continuando sempre a trabalhar como gravador.

Na escola de Volpato formaram-se habeis discipulos, que lhe seguiram as pegadas: Raphael Morghen, que se casou com sua filha, João Folo, Domingos Cunego e outros.

J. Volpato parece que viveu algum tempo em Paris (cêrca do anno de 1761), ou pelo menos trabalhou para mercadores de estampas d'essa cidade, como se infere do nome afrance-

zado, *João Rénard*, com que subscrevia as suas gravuras publicadas em Paris.

Em Veneza Volpato gravou segundo Piazzetta, Maiotto, Amiconi, A. Zuccarelli, M. Ricci, Brand o Velho, e Bartolozzi; e em Roma segundo os mais celebres artistas italianos, Raphael, Miguel Angelo, Paulo Cagliari, dito o *Veronense*, Leonardo de Vinci, *Guercino*, *Tintoretto*, &.

As gravuras abertas por J. Volpato em Roma são muito numerosas, e podem dividir-se em duas especies: não coloridas, e coloridas á aguarella.

Em grande numero d'estas ultimas, que tiveram então muita sahida e ainda hoje são estimadas e caras, Volpato teve por collaborador o pintor e gravador Suisso Pedro Ducros. Da obra de Raphael no Vaticano, que por essa epoca uma sociedade de amadores mandára gravar por varios artistas, as melhores estampas são abertas por Volpato.

J. Volpato soube alliar vantajosamente a ponta com o buril; ainda que as suas estampas se resintam por vezes de certa frieza na expressão, têm muito valor na opinião dos entendidos.

N.º 49. — O tumulo do Conde Francisco Algarotti, no Campo Santo de Pisa, segundo Carlos Bianconi.

Dentro de um nicho, cavado em um portico, vê-se uma grande urna funeraria, sobre cuja campa está Minerva reclinada, lendo; no alto do nicho dois anginhos, um dos quaes sustenta um medalhão com o busto de Algarotti. Em baixo: no meio, sobre o patamar de uma escada de tres degraus, um grupo de cinco pessoas em differentes posições; á direita, sentado em um dos degraus da escada, um mendigo, com seu cão ao pé de si, pede esmola ás pessoas do grupo acima, apresentando-lhes a sua gorra; finalmente na extrema direita, um moço, sustentando com a mão esquerda uma lapide, levantada do chão, mostra-a com o dedo indicador da direita ao mesmo grupo. Na parede, aos lados do portico, vêem-se varias pedras tumulares com inscrições, &.

No corpo da estampa occorrem os seguintes dizeres: 1.º, no entablamento do portico, « ALGAROTTO OVIDII ÆMYLO / NEWTONI DISCIPULO / FRIDERICVS MAGNVS », em uma lapide; 2.º, em outra, por baixo do medalhão, « ALGAROTTVS / NON OMNIS »; 3.º, na peanha da urna, « ANNO DOMINI MDCCLXIII »; e na margem inferior: « PISIS IN CEMITERIO », no meio;

« *Carol: Bianconi Bonon:is fec.* », á esquerda; e « *Joan. Volpatus sculp. Venet:is 1769.* », á direita.

Altura, 610 millímetros; largura, 431 millímetros.

N.º 35 de Nagler, *Lexicon*, xx, 523.

Bella gravura. O exemplar exposto, procedente da Real Bibliotheca, tem o senão de lhe faltarem as margens; mas apesar d'isto é uma optima estampa.

MORGHEN (RAPHAEL)

Raphael Morghen, gravador á agua-forte e a buril, nasceu em Florença a 19 de Junho de 1758, segundo affirma seu discipulo Nicolau Palmerini, que com elle privou e escreveu o Catalogo completo da obra do Mestre, publicado ainda em vida d'este.

Raphael Morghen era filho de um gravador de origem allemã, Philippe Morghen, com quem começou a aprender a gravura; aos 12 annos de idade abriu uma chapa bem soffrivel e aos 20 já tinha gravado algumas estampas de tanto merecimento, que seu pae, no intuito de lhe dar a maxima instrucção na arte, mandou-o para a escola de João Volpato em Roma. Em 1794, a convite do Grão-Duque de Toscana, Fernando III, veio residir em Florença, para abrir uma aula de gravura, mediante uma pensão de cêrca de dois mil francos e alojamento pagos por este.

Raphael Morghen gravou segundo Raphael, Leonardo de Vinci, Guido Reni e outros mestres; trabalhou ás vezes de parceria com Volpato e no fim da vida foi ajudado em suas estampas por seus discipulos.

Casou-se em 1781 com Domingas Volpato, filha de seu mestre, e falleceu em Florença a 8 de Abril de 1833.

Raphael Morghen avanteja-se pela harmonia, delicadeza e suavidade de suas gravuras, pelo que é considerado um dos primeiros gravadores d'este seculo, apesar dos senões que por vezes ellas accusam.

A sua obra é muito importante e foi muito bem descripta por Nicolau Palmerini, a quem R. Morghen tinha por habito dar um exemplar de cada estado das suas estampas desde o primeiro esboço até á prova cabal; este Catalogo foi copiado por Nagler, no seu *Künstler Lexicon*, e augmentado por elle com addições da propria lavra. A obra de R. Morghen foi comprada pelo Duque de Buckingham por 1,200 libras sterlingas.

N.º 50. — A Ceia de Jesus Christo com os Apostolos, segundo a famosa pintura mural, feita por Leonardo de Vinci no refeitório do antigo Convento dominicano de *Santa Maria delle Grazie* (hoje quartel de cavallaria), em Milão.

Treze figuras postas á mesa: no meio, Jesus Christo, de frente, com os olhos baixos, os braços abertos e as mãos apoiadas sobre a mesa; á direita do Salvador: S. João, com a cabeça inclinada, de mãos postas e olhos baixos, immerso em grande afflicção; junto do Discipulo predilecto vê-se Judas, com o rosto de perfil, segurando com a mão direita, apoiada sobre a mesa, a bolsa; S. Pedro, em pé, por detraz do traidor, de perfil, com uma faca na mão direita e pondo a outra sobre a espadua de S. João, consola-o na sua dôr; em seguida, estão tres outros Apostolos, de pé: o 1.º, a tres quartos, com as mãos abertas na altura do peito, em signal de espanto; e os outros dois de perfil, tendo o ultimo as mãos firmadas sobre a mesa. Á esquerda do Salvador: um Apostolo sentado, de braços abertos; por detraz d'este, outro, em pé, voltado para Judas, como o indicador da mão direita levantado, em ar de ameaça, por suspeitar que seria elle o traidor; junto do primeiro d'estes dois discipulos, outro, moço, em pé, com as mãos no peito, como quem pergunta: *Nunquid ego sum?*; em seguida a este, um grupo de tres Apostolos, em differentes posições, em colloquio a respeito do caso. Sobre a mesa: pratos com vianda e peixe, pães, garrafas, copos, &c. Por baixo da mesa vêem-se os pés dos convivas. No fundo, atravez de uma porta e duas janellas abertas, uma paizagem com casaria.

A estampa tem as margens mutiladas; da inferior resta apenas uma pequenissima porção, onde se lêem os seguintes dizeres: « *Leonardus Vinci pinxit* », á esquerda; « *Teodorus Matteini delineavit* », no meio; « *Raphael Morghen sculpsit* », á direita.

Dimensões da estampa no seu estado actual:

Altura, 434 millimetros; largura, 893 millimetros.

N.º 19 de L.B. Não se póde determinar si a estampa exposta pertence ao 4.º ou 5.º estado d'este autor, á falta de todos os dizeres da margem inferior; como porém os restantes estão abertos a buril, indubitavelmente ella não deve ser considerada como pertencente a nenhum dos tres primeiros

estados da chapa, nem tão pouco ao 6.º, por não apresentar signaes de retoque d'esta.

Apesar de estragada em alguns lugares, a nossa estampa dá bem ideia d'esta obra prima do gravador, a qual é já muito rara e muito cara; na venda Debois um exemplar no 3.º estado foi vendido por 2,030 francos, segundo L.B.

A estampa foi comprada no Rio de Janeiro pelo ex-Bibliothecario, Sñr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

N.º 51. — A Sacra Familia, conhecida em iconographia pela denominação da *Virgem do Sacco*, segundo André Vannucci, dito *André del Sarto*.

À direita, a Virgem Santissima sentada no chão, a tres quartos para a direita e com o rosto de frente, tendo ao regaço o Menino Jesus quasi nú; á esquerda, S. José, de perfil para a direita, tambem sentado no chão, com o antebraço direito apoiado em um sacco, lendo em um livro, que segura com a mão esquerda. Em baixo occorrem os seguintes dizeres escriptos em duas lapides: « QVÈ GENVIT / ADORA — / VIT », á esquerda; « AN. DOM / MDXX / V », á direita; e em cima, nos dois espaços triangulares aos lados do arco que limita a composição superiormente, « ANDREAS / VANNUC / CIVS / PINX. », á esquerda; « IN CLAVSTRO / SERVITA / RVM / FLOR », á direita.

Na margem inferior lêem-se:

1.º, « *Andreas Vannuchius pinx^t. vulgo dicto And. del Sarto* », á esquerda; « *Theodorus Matteini delin.* », no meio; « *Raphael Morghen Sculp: Flor:* », á direita;

2.º, por baixo dos precedentes dizeres a dedicatória, tendo de permeio o brazão da pessoa a quem é dedicada a estampa: « A SUA ECCELLENZA IL SIGNOR GENERALE MARCHESE MANFREDINI / Cavaliere Gran Croce de Santo Stefano... Proprietario / d'un Regimento... Toscana / Raffaello Morghen D: D: D: »

Sem data (1795).

Altura, 377 millímetros; largura, 725 millímetros.

N.º 95 de Nagler, *Lexicon*; N.º 13, 3.º estado, de L.B.

Rara e bellissima estampa, comprada no Rio de Janeiro sob a administração do actual Bibliothecario, o Snr. Dr. J. de Saldanha da Gama.

N.º 52. — Retrato de Francisco de Moncada, Marquez de Aytona, a cavallo, segundo Antonio Van Dyck.

Montado em um lindo ginete ruço argentado, a tres quartos para a direita, de cabeça descoberta, olhando para a frente, vestido de couraça tendo por cima um largo collarinho revirado, pousando a mão direita em uma das extremidades de um pequeno bastão de mando, que se apoia pela outra sobre a sella; em uma paisagem.

Na margem inferior lê-se:

1.º, « *Antonius Van-dyck pinxit* », á esquerda; « *Stephanus Tofanelli delineavit* », no meio; « *Raphael Morghen incidit Romae 1793* », á direita;

2.º, « *Imago equestris FRANCISCI DE MONCADA Marchionis Aytonae | Copiis Hispanicis in Belgio Praefecti, atque historiarum scriptoris quam è praeclara VANDYCKII tabula in aere cestro a se deformatam | PII SEXTI PONT. MAX. RESTITUTORIS ARTIUM | NOMINI MAIESTATIQUE inscribit RAPHAEL MORGHEN* »;

3.º, « *Tabula adseruatur in Pinacotheca Exc^{mi} Principis ALOYSII BRASCHI ONESTI... Equitis Hierosol. &c.* », em tres linhas.

Com o braço do Papa Pio VI cortando ao meio o 2.º e o 3.º dizeres.

Altura, 552 millímetros; largura, 419 millímetros.

N.º 43 de Andresen, 3.º estado.

Disputa a primazia á celebre *Ceia* do mesmo abridor (n.º 50 d'este Catalogo) esta bellissima estampa, hoje rara, mais conhecida pela denominação de *Cavalleiro de Morghen*. Um magnifico exemplar d'ella, antes de todas as lettras, foi vendido em 1867, na rua Drouot, em Paris, por 300 francos.

A estampa exposta pertenceu á Ex.^{ma} Sñr.^a D. Luiza de Queiroz Coutinho Mattoso Perdigão, que generosamente a offereceu á Bibliotheca Nacional.

LONGHI (JOSÉ)

José Longhi, desenhador, pintor e gravador á agua-forte e a buril, filho de um negociante de sedas, nasceu em Monza em 1766 e falleceu em Milão em 1831. Depois de ter feito com proveito os estudos necessarios á carreira ecclesiastica, para a qual seus paes o destinavam, resolveu, impellido por irresistivel inclinação para as boas artes, dedicar-se á pintura

e á gravura. Teve por mestre de desenho e de pintura a Julião Travallei e de gravura ao florentino Vicente Vangelisti, que trabalhava então em Milão.

Desejoso de aperfeiçoar-se no desenho, foi-se á Roma a estudar as obras de Raphael e de Guido Reni; nesta cidade dedicou-se tambem ao estudo da poesia e fez repetidas vezes o curso de anatomia com o professor José Cervi. Foi em Roma que J. Longhi travou relações de amizade com Raphael Morghen, relações que se tornaram cada vez mais estreitas e perduraram até á sua morte.

J. Longhi, depois de exercer a pintura por algum tempo, desamparou-a, para dedicar-se unicamente á gravura. Pela morte de V. Vangelisti (1798) foi nomeado professor d'esta arte em Brera e teve a felicidade de, com a boa organização da sua escola e o excellent methodo das suas lições, formar numerosos discipulos, que espalharam a sua nomeada por toda Europa.

J. Longhi foi poeta, escriptor sobre assumptos de bellas artes e socio de quasi todas as academias de arte, existentes em Europa; angariou pelo aprimorado das suas gravuras as boas graças de Napoleão I; e teve as condecorações da Corôa de ferro e de Constantino de Parma.

Poucos artistas têm deixado gravuras tão bem acabadas como Longhi. Os *Fastos de Napoleão I*, gravados de 1807 a 1816 por elle e por outros abridores sob a sua direcção, Miguel Bisi, Benaglia, José e Francisco Rosaspina, segundo André Appiani, merecem especial menção como collecção; a chapa do *Juízo final* de Miguel Angelo, segundo desenho de Minardi, e a da *Virgem do veo*, segundo Raphael, Longhi não as poudé terminar; esta porém foi acabada por seu discipulo, o cavalleiro Toschi.

N.º 53. — Os desposorios da Virgem Santissima, segundo Raphael.

Á direita, S. José apresentando o annel nupcial á Virgem, á esquerda; no meio, o Summo Sacerdote, sustendo-lhes as mãos. Cinco mulheres acompanham a noiva e cinco mancebos o noivo; são estes os mollogrados pretendentes á mão de Nossa Senhora (*). Um d'elles quebra ao joelho a sua vara;

(*) Raphael derivou esta parte da composição da seguinte lenda: varios mancebos de Jerusalem, que pretendiam esposar a Virgem Santissima, se lhe apresentaram, trazendo cada qual uma varinha na mão; tendo a de S. José florecido in-continenti, julgaram os outros que o Senhor o havia, por este milagre, querido indicar como o esposo da sua escolha, e por isso quebraram as suas varinhas. Vide — Réveil & Ménard, *Musée de peinture et sculpture*, 11, 25.

outro, agastado, quebra tambem a sua, servindo-se das mãos sómente; os tres restantes trazem-n'as levantadas. No fundo, uma praça publica com um templo, de dezeseis faces, cercado de uma columnata, tendo por cima do arco do meio: « RAPHAEL VRBINAS / MDIII ». No ultimo plano, uma paisagem. Na margem inferior, o brazão do Imperador d'Austria, no meio; e diferentes dizeres aos lados d'este: 1.º, « *Raffaello Sanzio dip: 1504.* », á esquerda; « *Gius.º Longhi dis: e inc: Milano 1820.* », á direita; 2.º, a seguinte quadra em italiano, disposta em duas columnas:

« Se di tai pregi adorno Mai non precorse il giorno
Fu Sanzio imberbe ancora; Più luminosa aurora. »;

3.º, a dedicatoria, « *All' Imp.º ... MAESTÀ di FRANCESCO I. Imperatore d'Austria... ed Illirio &c. &c. &c. D.D.D. in attestato d'osseq.ª sudditanza Giuseppe Longhi* »; 4.º « *L' Originale esiste nella I. R. Galleria di Brera in Milano* », á esquerda; 5.º, « *Lissant impresse in Milano.* », tambem á esquerda.

Altura, 719 millímetros; largura, 487 millímetros.

N.º 4, 5.º estado, de L.B. (II, 567).

Bella estampa comprada no Rio de Janeiro durante a administração do actual Bibliothecario.

CALAMATTA (LUIZ)

Luiz Calamatta, desenhador e gravador a buril e á maneira de lapis, nasceu em Civita-vecchia a 12 de Junho de 1802.

Pouco se sabe a respeito dos primeiros annos da sua vida; descendente de uma familia obscura e pobre, recebeu, em Roma, a educação artistica e gratuita, que então se dava na Escola de São Miguel, mantida pelo governo pontificio, tendo por mestres a Giangiacomo, Ricciani e Marchetti. Nesta cidade o nosso artista, então de 16 ou 17 annos de idade, travou relações com o pintor francez Ingres (João Augusto Domingos), relações que com o andar dos tempos se tornaram cada vez mais estreitas e amigaveis. De Roma passou-se á Florença (cêrca de 1820), onde residiu por algum tempo; e depois a Paris, não se sabe ao certo em que data, sendo porém averiguado que, quando Ingres voltou para esta cidade em 1824, já encontrou ahi L. Calamatta estabelecido e que fôra este quem o hospedára nos primeiros dias e lhe emprestára algum dinheiro para occorrer ás primeiras despesas.

Pouco depois de ter chegado a Paris, L. Calamatta publicou a sua gravura a *Mascara de Napoleão*, que desde logo se tornou celebre, não só pelo seu alto valor artistico, mas ainda por se lhe ter dado certa feição politica: de feito gravar naquella epoca a mascara do Imperador equivalia á uma demonstração de opposição aos Bourbons restaurados.

Entre os annos de 1825 a 1826 começou a gravar o *Voto de Luiz XIII*, segundo Ingres; circumstancias porém independentes da sua vontade o obrigaram a interromper esse trabalho; entrementes occupava-se em reproduzir pela gravura alguns dos assumptos mais apreciados no *Salão*. D'entre essas gravuras merece especial menção a de *Bajazeto e o pastor* segundo Dedreux Dorcy, aberta em collaboração com Coiny (1827).

Em Paris conheceu L. Calamatta um distincto gravador hollandez, Taurel, o qual, precisando de um collaborador, induziu o nosso artista a acompanhal-o á Hollanda pelo anno de 1830. Durante um a dois annos trabalhou L. Calamatta em Haya; si a sua residencia nesta cidade lhe não proporcionou outras vantagens, serviu pelo menos para restabelecer-lhe a saude.

Voltando a Paris, tratou de continuar a gravura da chapa do *Voto de Luiz XIII*, a qual só depois de sete annos de trabalho foi publicada (1837). D'esta afamada estampa dizia-se então que, si Ingres soubesse manejar o buril, não a teria gravado melhor.

Pouco depois da publicação do *Voto de Luiz XIII*, partiu L. Calamatta para Bruxellas, a convite do governo da Belgica, para fundar e dirigir nesta cidade a Escola de gravura, Escola em que formou muitos discipulos distinctos: Biot, Leopoldo Flameng, Desvachez, Meunier, Demannet, Lelli e outros. Não podendo por si só dar conta de todas as obras, que lhe encommendava o governo, o nosso artista encarregava a execução d'ellas a seus discipulos, limitando-se a superintender os trabalhos e ás vezes a retocal-os. O nome de Calamatta seguido da palavra *direxit* occorre em grande numero das estampas gravadas por seus discipulos, publicadas na Belgica; entretanto é forçoso confessar que muitas d'ellas são bem pouco dignas de ser subscriptas pelo nome de gravador tão distincto. Foram assim gravados: o *Museu belgico*, collecção de retratos historicos; as *Lojas* de Raphael no Vaticano, segundo as copias de Carlos Meulemeester; e uma serie de desenhos, segundo os grandes pintores italianos, feitos pelo proprio mestre quando esteve na Italia, gravados á aqua-tinta; entretanto a mais bella estampa d'esta serie, a *Visão*

de *Ezequiel*, segundo Raphael, foi, por excepção, inteiramente gravada só pelo proprio L. Calamatta.

Pensando sempre na sua Italia, vivia na Belgica o nosso artista como que desterrado; de vez em quando fazia alguma viagem ao seu paiz, sempre no interesse da arte; até que em 1862 pediu a sua exoneração de director da Academia de Bruxellas, por ter accettato, a convite do ministro italiano Mamiani, o lugar de professor da de Milão.

Encarregado pelo governo pontificio de gravar a *Disputa do Santissimo Sacramento*, a *Divina Disputa*, como elle a chamava, metteu mãos á obra, que não teve o gosto de acabar por ter fallecido antes.

L. Calamatta, desenhador provecto, costumava, ao contrario de Raphael Morghen, fazer pelas suas proprias mãos os desenhos das pinturas que pretendia gravar; taes desenhos são verdadeiras obras primas. Esta circumstancia e a maneira perita e algumas vezes peculiar com que manejava o buril e a ponta valeram-lhe a bem merecida nomeada de um dos melhores gravadores do seculo. Das suas mais perfeitas estampas as que gozam de maior estima são: as gravuras á maneira de lapis segundo Ingres, executadas com tão maravilhosa fidelidade e expressão de sentimento que a dois passos de distancia é impossivel distinguir a gravura do desenho original; o *Voto de Luiz XIII*, segundo Ingres; a *Virgem da cadeira*, segundo Raphael; a *Jucunda*, segundo Leonardo de Vinci; a *Virgem* e o retrato do *Conde Molé*, segundo Ingres; a *Disputa do Santissimo Sacramento*, segundo Raphael, &c.

L. Calamatta tinha por habito não gravar de um jacto as suas chapas: trabalhava alternadamente em muitas d'ellas, ora em umas ora em outras; corrigia assim, por continuas diversões, já que de todo o não podia evitar, o que tem de fastidioso o trabalho do abridor. É a esta circumstancia que se deve não ter podido terminar a chapa da *Disputa do Santissimo Sacramento*, ainda que durante oito annos se tivesse occupado com ella.

Obteve o nosso artista por occasião da Exposição do *Salão* de 1837 uma 1.^a medalha; e na Universal de Paris de 1855 uma medalha de 1.^a classe, sendo então promovido a official da Legião de honra, da qual já era cavalleiro; foi membro correspondente da Academia de bellas-artes de Paris.

Falleceu a 9 de Março de 1869, em Milão, de onde foi depois o seu corpo trasladado para a França e enterrado em Nohant, no castello de George Sand, cujo filho se casára com Lina, filha unica do artista.

N.º 54.—Retrato do Conde Molé, segundo Ingres.

Visto até aos joelhos, em pé, a tres quartos para a direita, vestido com um casacão quasi todo abotoado, segurando com a mão direita uma luneta prêsa a uma fita pendente do pescoço, e apoiando o cotovello esquerdo sobre o espaldar de uma poltrona. No fundo: á direita, livros e uma penna em cima de um grande movel; e á esquerda, em um dos pedestaes do dito movel; « J. INGRES PINXIT/1834 ». No alto, á direita, « MATHIEU LOUIS COMTE MOLÉ ». Na margem inferior: 1.º « PEINT PAR INGRES. », á esquerda; « PARIS, 1840. », no meio; « DISEGNATO E INCISO DA L. CALAMATTA. », á direita; 2.º, « Imp.º par Chardon ainé et Aze. », no meio, muito em baixo. Sem lettra.

Altura, 365 millimetros; largura, 283 millimetros.

N.º 13 de L.B.

Esta bella gravura foi comprada pelo ex-Bibliothecario, Sñr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

ESCOLA ALLEMÃ

SCHONGAUER (MARTIM)

M † S

N.º 39.

Martim Schongauer, ourives, pintor e gravador a buril, descendente de uma familia de Augsburg, de origem nobre, é mais conhecido pelo cognome de Schön (bello), que lhe deram os contemporaneos, por causa da singular *graca* das suas pinturas: « Colmaria. Habuit etiam Apellem suum Martinum illum qui ob singularem pingendi gratiam *Belli* cognomen meruit (Martin Schön). »—(*Beatus Rhenanus Institutiones rer. Germ... &*, citado por B.)

Ha entre os historiadores e iconographos grande divergencia acêrca do lugar e data do seu nascimento e do anno da sua morte (Vide: B., VI, pp. 103 e seguintes; Passavant, *P. Graveur*, II, pp. 103 e seguintes; e Ch. Blanc, *Histoire des peintres*: (Ecole allemande); seguimos porém nesta noticia biographica as opiniões de Ch. Blanc, por nos parecerem bem fundamentadas.

Martim Schongauer nasceu em Colmar entre os annos de 1420 e 1430 e falleceu na mesma cidade a 2 de Fevereiro de 1488; teve por mestre o pintor de Bruxellas, Rogero Vander Weyden, cuja influencia se revela nas obras do discipulo, tanto pinturas, como gravuras; e viveu por largos annos (pelo menos de 1469 até morrer), na sua cidade natal, onde ainda hoje se vêem muitos dos seus quadros.

Martim Schongauer é considerado como o fundador da escola allemã de pintura, dita *do Alto Rheno*. A seu respeito escreve Ch. Blanc, *Opere citato*: « A sua influencia faz-se sentir tanto na Italia como na Allemanha, pois que até as primeiras composições do proprio Raphael accusam reminiscencias do estylo do mestre de Colmar, de quem diz Jacques Wimpheling (Vide: *Wimphelingi Rerum German. Epitome, Cap. LXVI*) que: « elle se avantajava na arte da pintura em « tão eminente grau que os seus quadros, procurados com em- « penho, foram transportados para a Italia, a Hespanha, a « França, a Inglaterra e outros paizes do mundo. De todas as « nações vinham pintores copiar os existentes nas igrejas de « S. Martinho e de S. Francisco, em Colmar. De feito, segundo « a opinião de todos os pintores e de outros artistas, ninguem « saberia executar pinturas em que se vissem mais perfeitamente « reunidos a graça e a elegancia (?). » Sem partilhar o entusiasmo de Beatus Rhenanus e de J. Wimpheling pela « graça e elegancia », que justamente faltam nos quadros d'este mestre, não se lhe pôde recusar lugar mui proeminente, attendendo ao estado da pintura em geral naquella epoca. As suas figuras têm animação e notavel variedade de posições; as cabeças das suas mulheres são muitas vezes animadas de profundo sentimento; mas a ignobil magreza dos seus Christos traz á memoria o gosto byzantino; os contornos ordinariamente duros, as posições, frequentemente desagradaveis por sua extravagancia, offendem sempre as leis da esthetica. »

Apesar da sua grande nomeada como pintor, Martim Schongauer é muito mais célebre pelas suas gravuras do que pelas suas pinturas. Attribute-se-lhe erradamente a invenção da gravura a buril em Allemanha; o que porém é certo é que, embora antes d'elle tivessem apparecido á lume da publicidade varias estampas, em geral sem grande valor artistico, de mestres innominados, foi M. Schongauer o primeiro gravador de nome conhecido e portanto predecessor de Israel van Meckenen, pae e filho, de Martim Zagel, de Alberto Gloc-kenton, de Miguel Wohl-gemuth e de Alberto Durero.

Embora nenhuma das suas gravuras tenha data, presume-se que M. Schongauer principiou a gravar cêrca de 1460;

todas ellas demonstrem um buril facil, desembaraçado e igual, o que se explica pela longa practica da profissão de ourives que antes exercera.

Nas suas gravuras encontram-se as mesmas boas partes e defeitos dos seus quadros: riqueza de composição, muita variedade de posições e desenho correcto, a par de contornos mui asperos, de dobrás angulosas nas roupagens, de corpos magros e descarnados com extremidades e dedos muito longos.

B. e Passavant descrevem nas obras citadas, não só as estampas gravadas por M. Schongauer, mas tambem as que lhe são attribuidas com ou sem razão.

N.º 55. — A morte da Virgem.

Treze figuras. A Virgem é representada moribunda, deitada em um leito com sobrecéo, do qual pendem cortinas. Em torno do leito vêem-se os Apostolos, dos quaes: um sustentando com a mão esquerda um cirio que a Virgem tem na direita, e dois outros ajoelhados, á esquerda, lendo attentamente um livro apoiado no leito. Á direita, no 1.º plano, um grande candelabro com um brandão acceso. Em baixo, no meio, vê-se a marca do gravador (n.º 39 da Tábua dos monogrammas). S. d.

Altura, 258 millímetros; largura, 169 millimetrós.

N.º 33 de B.

Bella e rarissima estampa, que foi graciosamente offerecida á Bibliotheca Nacional pela Ex.^{ma} Sñr.^a D. Luiza de Queiroz Coutinho Mattoso Perdigão.

Na venda da Collecção *Gallichon*, realizada em Paris em 1875, uma bella prova d'esta gravura foi vendida por 1,305 francos.

DURERO (ALBERTO)



N.º 3 a. N.º 3 b. N.º 3 c.

Alberto Durero, pintor, gravador em metal, á agua forte e a buril, e em madeira, architecto e esculptor, nasceu em Norimberga a 21 de Maio de 1471 (Thausing, pag. 31).

Seu pae, de igual nome, húngaro de nascimento, de profissão ourives, ensinou-lhe o seu officio; mas, obrigado a condescender com o ardente desejo que tinha o filho de aprender a pintura, entregou-o, no dia 30 de Novembro de 1486 (Thausing, pag. 42), a Miguel Wohlgemuth (*), seu visinho, e pintor então de nomeada, para ensinar-lhe a sua arte por três annos (Thausing, pag. 42):

Antes de sahir da officina paterna, A. Durero já se dedicava ao desenho nas suas horas vagas, como bem o demonstra Thausing (pp. 42 e seguintes); os seus conhecimentos e pratica do officio de ourives e as suas relações com o futuro mestre, ajudados pelo proprio talento, explicam facilmente este facto.

Terminado o tempo do contracto com Wohlgemuth, A. Durero propoz-se a viajar, como costumavam por aquelle tempo fazer os artistas. De feito, depois da Paschoa (11 de Abril) de 1490, metteu-se a caminho e só voltou a Norimberga depois do Pentecostes de 1494 (18 de Maio). Ignoram-se ainda hoje todos os lugares por onde andou, sendo entretanto certo que d'esta feita não esteve nos Paizes-baixos, como muitos affirmam. Foi nesta excursão que conheceu os irmãos de Martim Schongauer: Gaspar e Paulo, ambos ourives, e Lutz, pintor, em Colmar (1492), e Jorge, ourives, em Basiléa, os quaes o trataram com muita benevolencia e amizade; e que fez uma primeira viagem á Veneza (1494), segundo prova Thausing, pp. 77 e seguintes.

De volta á patria, para condescender com a vontade de seu pae, casou-se com Ignez Frey, filha de um celebre mecnico de Norimberga. Esta mulher, que tanto tinha de formosa quanto de avara, imperiosa e briguenta, foi, segundo affirmã Bilibaldo Pirkheimer, amigo intimo do artista, seguido neste particular pelos biographos de A. Durero, o constante flagello do marido durante a sua vida, e talvez a causa da sua morte prematura, pelo trabalho sobreposse a que o obrigava com o fito de entesourar riqueza que viesse a herdar. Thausing, porém (pp. 115 e seguintes), esforça-se por negar esse character de Ignez Frey, attribuindo o juizo desfavoravel de Pirkheimer a respeito d'ella á misanthropia e irritabilidade, que contra tudo e contra todos mostrava este nos ultimos annos da sua vida, em consequencia da gotta de que soffria, e á

(*) Na interessante obra «*Chronicarum liber* (per Hartman Schedel). *Hunc librum... Antonius Koberger Nuremberge impressit... Anno 1493*», in-folio maximo, mais conhecida por *Chronica Mundi e Chronica de Norimberga*, occorrem cêrca de 2500 xylographias (contando com as repetidas) abertas por Miguel Wohlgemuth e Guilherme Pleydenwurff.

D'esta edição possui a Bibliotheca Nacional dois exemplares, um dos quaes exposto na Secção de impressos.

má vontade que tinha á viuva do grande artista, por não ter ella querido ceder-lhe um par de bellas pontas de veado, que fôra do defunto.

Em 1506 foi Durero pela segunda vez á Veneza e depois á Bolonha, onde pouco se demorou, porque no mesmo anno já estava de volta á terra natal.

Estando o Imperador Maximiliano I em Norimberga em 1512, encomendou a A. Durero varios trabalhos, dos quaes o artista se desempenhou com a maior galhardia, sendo entre elles digno de especial menção o *Arco triumphal do Imperador Maximiliano I* (N.º 138 de B.); por todos estes trabalhos o Monarcha agraciou-o com o fôro de nobreza e uma pensão annual de cem florins, pensão que lhe foi depois continuada pelo Imperador Carlos V.

A 15 de Julho de 1520 partiu A. Durero em companhia de sua mulher e de uma criada para os Paizes-baixos. Ahi foi geralmente muito bem acolhido; a propria Governadora, Margarida de Parma, muito o distinguiu a principio, mas depois, em consequencia de ter o artista esposado as ideias da Reforma, retirou-lhe as suas boas graças. Foi nesta viagem que Durero travou relações de amizade com Lucas de Hollanda, Luthero e Melanchton.

Depois de um anno de estada nos Paizes-baixos, voltou para Norimberga, onde falleceu, aos 57 annos de idade, no dia 6 de Abril de 1528.

Embora andasse em viagens, Durero trabalhava sempre como pintor e gravador, quando se demorava em qualquer parte por algum tempo.

Os criticos em assumptos de arte não se fartam, apesar dos pequenos defeitos que notam nas obras do grande mestre, de prodigalizar-lhe os maiores elogios e o consideram como o fundador da escola allemã de pintura e de gravura. As suas composições, - caracterizadas pela riqueza da imaginação, têm certa côr local, eminentemente germanica, que um olho exercitado facilmente reconhece e não deixam de ter certo ar de semelhança com as do Mestre do caduceu, com quem tratou de perto e cujas pinturas apreciava, talvez devido, como já aqui se disse, antes a terem bebido ambos na mesma fonte (Martim Schongauer?) do que a ter um d'elles imitado o outro.

Como gravador A. Durero é talvez mais celebre do que como pintor. Nos tempos hodiernos as suas estampas têm-se tornado raras e attingido a preços elevadissimos, por vezes fabulosos; já na sua vida ellas eram muito estimadas e procuradas, a ponto do proprio M. A. Raimondi não se dedignar reproduzir a buril a *Pequena Paixão*, simulando xylographias,

o que deu origem ao conto, em que ninguém mais acredita, de ter Durero dado queixa á autoridade judiciaria em Veneza contra M. A. Raimondi, por ter este falsificado a sua obra.

O buril de A. Durero é fino e facil; quanto às xylographias marcadas com o seu monogramma, ainda que descriptas pelos icognographos como estampas suas, não são todas gravadas por elle: Durero mui frequentemente fazia os desenhos na madeira, que era entalhada pelos seus discipulos e callaboradores; outras vezes, porém, eram estes que reproduziam os desenhos do Mestre na madeira e abriam a chapa assim desenhada. D'isto provém que essas xylographias apresentam entre si sensiveis differenças.

Nos *Archivos* de Naumann, VI (1860), pp. 186 e seguintes, R. von Rettberg dá a lista de todas as gravuras de A. Durero, em metal e em madeira, por ordem chronologica, indicando a data certa ou provavel de cada estampa. D'essa lista se vê que a primeira gravura de A. Durero, o *Grande Correio* (n.º 81 de B.), foi feita em 1486, isto é, dos 15 para os 16 annos da sua idade, quiçá quando ainda trabalhava de ourives na casa paterna.

I. — GRAVURAS EM METAL

N.º 56. — Adão e Eva.

Duas figuras, em pé, de frente, mas com os rostos de perfil; a serpente, um boi, um bode, um gato, um coelho, um ratinho, um papagaio e um cabrito; em uma paizagem, com a arvore do bem e do mal, no meio.

Á direita, Eva com uma maçã na mão esquerda, toma com a outra mão segunda maçã, que lhe dá a serpente; de frente de Eva, Adão segurando com a mão direita um ramo da arvore, em que pousa o papagaio e está pendurada uma taboleta, estende o braço esquerdo para tomar o fructo que Eva lhe vae entregar. Perto do canto superior direito, vê-se o cabrito sobre um rochedo, dispondo-se a saltar. Na taboleta lê-se: « ALBERT9 / DVRER / NORICVS / FACIEBAT; / o monogramma do gravador (n.º 3 a. da Taboa dos monogr.) / 1504 ».

Altura, 249 millimetros; largura, 190 millimetros.

N.º 1 de B. (VII, 30).

Estampa rarissima e muito bella, obra capital do gravador.

A gravura exposta é uma excellente prova, infelizmente em parte mutilada e estragada, que pertenceu á Real Bibliotheca.

N.º 57. — A Virgem Santissima e o Menino Jesus.

Em uma paizagem, vê-se, á direita, a Virgem sentada ao pé do tronco de uma arvore, sustendo nos braços o Menino Jesus e apertando-o contra o seio.

No alto, no meio, occorrem a data, 1513, e o monogramma (n.º 3 b. da Taboa dos monogrammas).

Altura, 117 millimetros; largura, 74 millimetros.

N.º 35 de B. (VII, 55); N.º 12 de L.B. (II, 161).

A estampa exposta, bella e rara, carece de margens.

Da Real Bibliotheca.

N.º 58. — O cavalleiro da morte.

Um cavalleiro, de perfil, armado de ponto em branco, dirigindo-se para a esquerda; ao seu lado direito marcha a morte, montada em um rossim, tendo na mão direita uma ampolheta; e após, o demonio com uma das garras extendida, como quem o vae tomar. Perto dos pés do ginete do homem armado vêem-se um cão a correr e um lagarto. Em uma ta-boleto encostada a uma pedra, á esquerda, lê-se a lettra s, a data, 1513, e o monogramma (n.º 3 b. da Taboa dos monogr.) e sobre a mesma pedra uma caveira. Em uma paizagem agreste, com um castello no 2.º plano.

Altura, 245 millimetros; largura, 190 millimetros.

N.º 98 de B. (VII, 106); N.º 98 de Passavant, *P. Graveur* (III, 155); N.º 80 de Delaborde, pag. 262.

Esta estampa, muito bella e rarissima, é uma das melhores do mestre; representa, segundo a opinião mais acceitavel, um cavalleiro christão da idade media, revestido de todas as peças de uma armadura.

A gravura exposta tem as margens mutiladas.

Na venda da collecção de Ch. F., em Paris, 1859, um exemplar d'esta gravura foi comprado por 760 francos, e na da collecção Brentano-Birkenstock, em Francoforte sobre o Meno, 1870, comprou-se outro exemplar da mesma estampa por 340 florins.

Da Real Bibliotheca.

N.º 59. — Retrato de Frederico III, o Sabio,
Eleitor de Saxonia.

Em busto, quasi de frente, um pouco voltado para a esquerda, de chapéu na cabeça. Nos cantos superiores occorrem os dois escudos das armas de Saxonia; e na altura do hombro direito do retratado o monogramma n.º 3 c., pouco visivel. Em uma grande taboleta por baixo do retrato, lê-se: « CHRISTO. SACRVM. / ILLE. DEI VERBO. MAGNA PIETATE. FAVEBAT. / PERPETVA. DIGNVS. POSTERITATE. COLI. / .D. FRIDR. DVCI. SAXON. S. R. IMP. / . ARCHIM. ELECTORI. / . ALBERTVS. DVRER. NVR. FACIEBAT. / .B.M.F.V.V. / .M.D.XXIII. »

Altura, 193 millimetros; largura, 124 millimetros.

N.º 104 de B. (VII, 112); N.º 90 de L.B. (II, 166).

A estampa tem as margens mutiladas.

Da Real Bibliotheca.

II. XYLOGRAPHIAS.

A Pequena Paixão.

Serie de 37 estampas, gravadas em madeira, de 1509 a 1510, descriptas por Bartsch sob n.ºs 16-52 (VII, 119-122).

R. Weigel, citado por Nagler, *Die Monogrammisten* (I, 183), considera como obra verdadeiramente original do grande Mestre somente a chapa que representa o *Homem das dores* (n.º 16 de B.), devendo as outras da serie ser attribuidas a gravadores muito habéis que, por aquelles annos, trabalhavam sob a direcção de A. Durero, segundo desenhos seus.

Todas as estampas d'esta serie trazem o monogramma de A. Durero; e, segundo Ottley (II, 729-731), somente quatro têm data: Adão e Eva expulsos do Paraiso, 1510; Jesus Christo conduzido perante Pilatos, 1509; Jesus Christo carregando a cruz, 1509; e o Santo Sudario, 1510.

Ha varias edições d'esta Paixão; as estampas da 1.ª edição, sem titulo, e sem texto impresso no verso, eram muito estimadas pelo proprio Durero, e por isso elle as reservava para presente a seus amigos.

Altura, 128 millimetros; largura, 97 a 98 millimetros.

Serie de estampas bellissimas e muito raras.

A Bibliotheca Nacional possui d'esta serie somente 31 estampas da 1.ª edição, infelizmente quasi todas muito estra-

N.º 57. — A Virgem Santissima e o Menino Jesus.

Em uma paizagem, vê-se, á direita, a Virgem sentada ao pé do tronco de uma arvore, sustendo nos braços o Menino Jesus e apertando-o contra o seio.

No alto, no meio, occorrem a data, 1513, e o monogramma (n.º 3 b. da Taboa dos monogrammas).

Altura, 117 millimetros; largura, 74 millimetros.

N.º 35 de B. (VII, 55); N.º 12 de L.B. (II, 161).

A estampa exposta, bella e rara, carece de margens.

Da Real Bibliotheca.

N.º 58. — O cavalleiro da morte.

Um cavalleiro, de perfil, armado de ponto em branco, dirigindo-se para a esquerda; ao seu lado direito marcha a morte, montada em um rossim, tendo na mão direita uma ampolheta; e após, o demonio com uma das garras extendida, como quem o vae tomar. Perto dos pés do ginete do homem armado vêem-se um cão a correr e um lagarto. Em uma tafoleta encostada a uma pedra, á esquerda, lê-se a letra s, a data, 1513, e o monogramma (n.º 3 b. da Taboa dos monogr.) e sobre a mesma pedra uma caveira. Em uma paizagem agreste, com um castello no 2.º plano.

Altura, 245 millimetros; largura, 190 millimetros.

N.º 98 de B. (VII, 106); N.º 98 de Passavant, *P. Graveur* (III, 155); N.º 80 de Delaborde, pag. 262.

Esta estampa, muito bella e rarissima, é uma das melhores do mestre; representa, segundo a opinião mais accitavel, um cavalleiro christão da idade media, revestido de todas as peças de uma armadura.

A gravura exposta tem as margens mutiladas.

Na venda da collecção de Ch. F., em Paris, 1859, um exemplar d'esta gravura foi comprado por 760 francos, e na da collecção Brentano-Birkenstock, em Francoforte sobre o Meno, 1870, comprou-se outro exemplar da mesma estampa por 340 florins.

Da Real Bibliotheca.

N.º 59. — Retrato de Frederico III, o Sabio,
Eleitor de Saxonia.

Em busto, quasi de frente, um pouco voltado para a esquerda, de chapéu na cabeça. Nos cantos superiores occorrem os dois escudos das armas de Saxonia; e na altura do hombro direito do retratado o monogramma n.º 3 c., pouco visivel. Em uma grande taboleta por baixo do retrato, lê-se: « CHRISTO. SACRVM. / ILLE. DEI VERBO. MAGNA PIETATE. FAVEBAT. / PERPETVA. DIGNVS. POSTERITATE. COLL. / . D. FRIDR. DVCI. SAXON. S. R. IMP. / . ARCHIM. ELECTORI. / . ALBERTVS. DVRER. NVR. FACIEBAT. / . B. M. F. V. V. / . M. D. XXIII. »

Altura, 193 millimetros; largura, 124 millimetros.

N.º 104 de B. (VII, 112); N.º 90 de L.B. (II, 166).

A estampa tem as margens mutiladas.

Da Real Bibliotheca.

II. XYLOGRAPHIAS.

A Pequena Paixão.

Serie de 37 estampas, gravadas em madeira, de 1509 a 1510, descriptas por Bartsch sob n.ºs 16-52 (VII, 119-122).

R. Weigel, citado por Nagler, *Die Monogrammisten* (I, 183), considera como obra verdadeiramente original do grande Mestre somente a chapa que representa o *Homem das dores* (n.º 16 de B.), devendo as outras da serie ser attribuidas a gravadores muito habéis que, por aquelles annos, trabalhavam sob a direcção de A. Durero, segundo desenhos seus.

Todas as estampas d'esta serie trazem o monogramma de A. Durero; e, segundo Ottley (II, 729-731), somente quatro têm data: Adão e Eva expulsos do Paraiso, 1510; Jesus Christo conduzido perante Pilatos, 1509; Jesus Christo carregando a cruz, 1509; e o Santo Sudario, 1510.

Ha varias edições d'esta Paixão; as estampas da 1.ª edição, sem titulo, e sem texto impresso no verso, eram muito estimadas pelo proprio Durero, e por isso elle as reservava para presente a seus amigos.

Altura, 128 millimetros; largura, 97 a 98 millimetros.

Serie de estampas bellissimas e muito raras.

A Bibliotheca Nacional possui d'esta serie somente 31 estampas da 1.ª edição, infelizmente quasi todas muito estra-

gadas; e algumas até imprestaveis, razão porque só expõe as 28 abaixo descriptas. Além d'estas, expõe tambem uma cópia por Anonymo da 1.^a estampa da serie, o *Homem das dores* (N.º 16 de B.). Vide o n.º 91 d'este Catalogo.

Vide B., *loco citato*; Nagler, *Lexicon* (III, 504 e seguintes); Passavant, *P. Graveur* (III, 159); Ottley, *loco citato*; e n.ºs 155-191 de L.B. (II, 168).

Provieram da Real Bibliotheca estas xylographias.

N.º 60. — O peccado de Adão e Eva.

Os dois peccadores abraçados; Eva tomando com a mão esquerda o fructo prohibido, que a serpente tem na bocca; á esquerda um cerdo, e á direita, um bode. No canto inferior direito, o monogramma n.º 3 b., em um uma taboleta (N.º 17 de B.).

N.º 61. — Adão e Eva expulsos do Paraiso por um anjo.

Á direita, o anjo, tendo uma espada levantada na mão direita, e, com a esquerda nas costas de Adão, expelle os dois peccadores do Paraiso.

Em cima, á direita, em uma taboleta dependurada nos ramos de uma arvore, a data, 15 10, e o monogramma n.º 3 b. (N.º 18 de B.)

N.º 62. — A Annunciação.

Á direita, a Virgem ajoelhada, olhando para o anjo, á esquerda. Por sobre a cabeça da Virgem, o Espirito Santo sob a fórma de uma pomba, cercado de uma aureola.

Em cima, á direita, o monogramma n.º 3 b. (N.º 19 de B.)

N.º 63. — A Natividade de Jesus Christo.

Cinco figuras e um anjo. Em baixo, á direita, o monogramma n.º 3 c.

(N.º 20 de B.)

N.º 64. — Entrada triumphal de Jesus Christo em Jerusalem.

Em cima, á direita, o monogramma n.º 3 c.
(N.º 22 de B.)

N.º 65. — A Ceia.

Com o monogramma n.º 3 b., em baixo, um pouco para a direita.
(N.º 24 de B.)

N.º 66. — Jesus Christo lavando os pés a seus discipulos.

O monogramma n.º 3 b., em baixo, á direita, sobre um cartaz.
(N.º 25 de B.)

N.º 67. — Jesus Christo orando no monte Olivete.

O monogramma n.º 3 b. ocorre em baixo, á esquerda, em uma taboleta.
(N.º 26 de B.)

N.º 68. — A prisão de Jesus Christo.

Com o monogramma n.º 3 b., em baixo, á direita.
(N.º 27 de B.)

N.º 69. — O Summo Sacerdote Caiphaz dilacerando as suas vestes.

O monogramma n.º 3 b. está em baixo, á esquerda.
(N.º 29 de B.)

N.º 70. — Jesus Christo escarnecido no Pretorio.

Seis figuras: o Salvador de olhos vendados; um judeu tocando buzina, e os outros em varias posições. Com o monogramma n.º 3 b., em baixo, á esquerda.

(N.º 30 de B.)

N.º 71. — Jesus Christo conduzido perante Pilatos.

Em baixo, para a esquerda, vê-se uma taboleta com a data, 1509, e o monogramma n.º 3 b.

(N.º 31 de B.)

N.º 72. — Jesus Christo arrastado á presença de Herodes.

Com o monogramma n. 3 b., em baixo, á direita.

(N.º 32 de B.)

N.º 73. — A flagellação.

Em baixo, no meio, vê-se o monogramma n.º 3 b.

(N.º 33 de B.)

N.º 74. — Jesus Christo coroado de espinhos.

Com o monogramma n.º 3 b., em baixo, á esquerda.

(N.º 34 de B.)

N.º 75. — O *Ecce homo*.

Traz o monogramma n. 3 b., em baixo, no meio.

(N.º 35 de B.)

N.º 76. — O santo sudario.

No meio, a piedosa mulher mostrando o sudario; á esquerda, S. Pedro; e á direita, S. Paulo. Em cima, no meio, 1510, sobre uma trave; e em baixo, no meio, o monogramma n.º 3 b.

(N.º 38 de B.)

N.º 77. — A crucificação.

O monogramma n.º 3 b. ocorre em baixo, á direita.

(N.º 39 de B.)

N.º 78. — Jesus Christo no limbo.

Com o monogramma n. 3 b., em baixo, á direita.

(N.º 41 de B.)

N.º 79. — O descendimento da cruz.

Vê-se, em baixo, á esquerda, uma taboleta com o monogramma n.º 3 b.

(N.º 42 de B.)

N.º 80. — O corpo de Jesus Christo, ao pé da cruz, pranteado pelas santas mulheres.

O monogramma n.º 3 b. ocorre em baixo, no meio.

(N.º 43 de B.)

N.º 81. — O entêrro.

Vê-se, em baixo, á esquerda, o monogramma n.º 3 b. em um cartaz.

(N.º 44 de B.)

N.º 82. — A resurreição.

Em baixo, á direita, occorre o monogramma n.º 3 b., em um cartaz.

(N.º 45 de B.)

N.º 83. — O Salvador apparecendo victorioso á sua Mãe Santissima.

Sobre uma pequena estante, á esquerda, está o monogramma n.º 3 c.

(N.º 46 de B.)

N.º 84. — Jesus Christo apparecendo á Magdalena, sob a fórma de jardineiro.

Em baixo, á esquerda, occorre o monogramma n.º 3 b., em um cartaz.

(N.º 47 de B.)

N.º 85. — Jesus Christo em Emaüs.

No tamborete, em que está sentado o discipulo da esquerda, vê-se o monogramma n.º 3 b., em um cartaz.

(N.º 48 de B.)

N.º 86. — A ascensão.

O monogramma n.º 3 b., em uma taboleta, occorre em baixo, á esquerda.

(N.º 50 de B.)

N.º 87. — O Pentecostes.

Em baixo, no meio, vê-se o monogramma n.º 3 b.

(N.º 51 de B.)

A vida da Virgem.

Serie de 20 estampas, gravadas em madeira, de 1504 a 1510. N.^{os} 76-95 de B. (VII, 131-133).

A Bibliotheca Nacional não possui a serie completa; mas sómente algumas estampas, mais ou menos estragadas, de quasi todas as edições e algumas cópias. Da edição sem texto no verso (a 1.^a) são expostas as duas estampas abaixo descriptas, as mais apresentaveis da serie :

N.^o 88. — S. Joaquim abraçando Santa Anna na porta aurea.

Em baixo, á esquerda, o monogramma n.^o 3 b., em uma taboleta; e no canto inferior esquerdo a data — 1504 —, e não — 1509, — como diz Bartsch.

Altura, 297 millimetros; largura, 209 millimetros.

(N.^o 79 de B.)

Rarissima e muito bella. Da Real Bibliotheca.

N.^o 89. — A circumcisão.

O monogramma n.^o 3 b., em uma taboleta, em baixo, á direita. Sem data.

Altura, 296 millimetros; largura, 209 millimetros.

(N.^o 86 de B.)

Rarissima e muito bella. Da Real Bibliotheca.

O Apocalypse de S. João.

Serie de 16 estampas, inclusive a de titulo. N.^{as} 60-75 de B. (VII, 127-129). Segundo Passavant, *P. Graveur* (III, 160-161) ha cinco differentes edições d'esta serie. A Bibliotheca Nacional possui diversas estampas da 1.^a edição, sem texto no verso (*a* de Passavant), e da 4.^a, com texto latino no verso, impresso em 1511 (*d* de Passavant), mas não tem nenhuma serie completa; e expõe somente a estampa abaixo descripta, por ser de todas a melhor:

N.º 90. — Os quatro cavalleiros montados em cavallos de differentes côres.

Dez figuras, um anjo, quatro cavallos e um dragão. No alto, um anjo voando para a direita; por baixo do anjo, quatro cavallos a galope dirigem-se para o mesmo lado, montados: o primeiro (do fundo para a frente), por um homem de coroa na cabeça e arco e flecha nas mãos; o segundo, por outro homem com uma espada na mão direita levantada; o terceiro, por um cavalleiro com uma balança na mão direita; e o quarto, por um velho, de ensinho nas mãos, figurando a morte. Por baixo do cavallo da morte, vê-se um dragão boquiaberto, em acto de tragar um homem coroadado, cahido no chão; e na frente dos cavalleiros, varias figuras, uma correndo, estas cahidas, aquellas cahindo no chão. O monogramma n.º 3 b., em baixo, no meio. A estampa exposta traz texto latino impresso no verso.

Altura, 395 millimetros; largura 280 millimetros.

Muito bella e rara, procedente da Real Bibliotheca.

ANONYMO IX

N.º 91. — O Homem das dores.

Jesus Christo coroadado de espinhos, sentado em uma pedra quadrada, descansando na mão direita o rosto, cujas feições exprimem grande tristeza e dor. Na pedra vê-se o monogramma n.º 3 b.; e por cima da imagem do Salvador lê-se: «... (FIGVRÆ?) PASSIONIS DOMINI / NOSTRI IESV CHRISTI.», em caracteres typographicos. Sem data.

Estampa mutilada.

Dimensões da estampa no seu estado actual: altura, á esquerda, 122 millimetros, á direita, 118 millimetros; largura, 85 millimetros.

A descripção que dá Bartsch (VII, 121) da cópia xylographica do *Homem das dores* (N.º 16) da *Pequena Paixão* de A. Durero, condiz com a estampa exposta, e por isso a consideramos cópia, e não original, ainda que Bartsch não faça menção do titulo: «... (FIGVRÆ?) PASSIONIS DOMINI / NOSTRI IESV CHRISTI», que, na estampa da Bibliotheca Nacional, foi impresso depois.

Vide nos n.ºs 60-87 a descripção da *Pequena Paixão*. Da Real Bibliotheca.

CRANACH Senior (LUCAS)



N.º 25.

Ainda que este artista seja denominado por uns *Lucas Muller* e por outros *Lucas Sunder*, o verdadeiro appellido de sua familia tem ficado até hoje ignorado; os seus contemporaneos chamavam-n'ò simplesmente *Mestre Lucas*, *Lucas Maler* (pintor), ou, segundo o uso da epoca, *Lucas Cranach*, por ser elle natural da cidade de Cronach, na diocese de Bamberg. Foi este ultimo nome que prevaleceu entre os autores de iconographia.

Lucas Cranach senior, pintor principalmente de retratos, e gravador, nascido em 1472, serviu por mais de sessenta annos na qualidade de pintor da cõrte dos Duques de Saxonia, o Eleitor Frederico, o *Sabio*, João, irmão d'este, e João Frederico, o *Magnanimo*, cujas bõas graças soube captar, a ponto de lhe ter o Eleitor Frederico conferido fõro e brazão de nobreza.

A obra de pintura de Lucas Cranach é muito numerosa e grangeou-lhe grande nomeada; poucas são as suas gravuras em cobre; em compensação porém as xylographias que trazem as suas marcas ou monogrammas são numerosas. A respeito d'estas xylographias devemos observar que não pôde dizer-se que fossem propriamente abertas por elle, e sim somente segundo desenhos seus por artistas que elle tinha ao seu serviço, como se deduz da desigualdade e variedade do buril d'essas estampas; entretanto não duvidamos, imitando os autores de iconographia, incluir na sua obra as estampas que aqui vão descriptas.

L. Cranach dedicou-se tambem ao commercio; teve não só loja de livros e papel, mas tambem pharmacia, por haver comprado em 1520 uma botica, para a qual obteve privilegio do Eleitor.

Além da marca citada neste Catalogo, usava este artista de muitas outras e de varios monogrammas. Para mais largos esclarecimentos sobre este ponto e sobre a sua vida e obra, vide Brulliot, n.º 1367 e 3276 da 1.ª, e Passavant, *P. Graveur*, IV, pp. 3 e seguintes.

Lucas Cranach falleceu em Weimar a 16 de Outubro de 1553, com 81 annos de idade.

A Paixão de Jesus Christo.

Serie de 15 xylographias, inclusa a do titulo, que é o seguinte: « *Passio D. N. Jesu Christi venustissimis imaginibus eleganter expressa, ab illustrissimi Saxoniae Ducis Pictore Luca Caranogio. Anno 1509.* » B., N.^o 6-20 (VII, 280-281).

A Bibliotheca Nacional expõe sómente as quatro estampas abaixo descriptas, que são as melhores da serie truncada que possue.

Da Real Bibliotheca.

N.^o 92. — Jesus Christo perante Caiphaz.

À esquerda, Caiphaz, sentado em um throno, faz com a mão direita um gesto para Jesus Christo, que está defronte d'elle maniatado. À esquerda do Salvador, um Judeu, visto pelas costas, toma-o pelo braço esquerdo; e á direita, outro segura com a mão esquerda a ponta da corda que prende os punhos de Jesus Christo, e mettendo a direita na bocca escarnece d'elle. Á direita da estampa, muitos Judeus, uns na sala, outros entrando por uma porta. A composição termina superiormente em arco; e nos dois tympanos, aos lados, vêem-se os escudos das armas da casa de Saxonia, de que usava o Mestre como marca, um á esquerda e outro á direita (Vide o n.^o 25 da Taboa dos monogrammas).

Altura, 245 millimetros; largura, 167 millimetros.

N.^o 93. — Pilatos lavando as mãos.

Quatorze figuras: á direita, um famulo, com uma bacia na mão esquerda e um jarro na direita, ministra a Pilatos, sentado, a tres quartos, olhando para os Judeus que estão á esquerda, a agua com que este lava as mãos. Á esquerda, Jesus Christo, maniatado; e no canto inferior do mesmo lado, um cão. Por cima da cabeça do famulo, vê-se a marca do gravador supra citada. Sem data.

Altura, 248 millimetros; largura, 169 millimetros.

N.º 94. — Jesus Christo, descido da cruz, pranteado pelas santas mulheres.

Nove figuras: Jesus Christo, morto, deposto no chão, com as pernas ainda presas no lençol com que o discipulo o descêra da cruz, tem a cabeça e o corpo reclinados sobre os joelhos de Sua Mãe Santissima, e o braço esquerdo meio levantado pela Magdalena, para beijar-lhe a mão. No fundo: o calvario e a cruz, á direita; e a cidade, á esquerda. No alto, á esquerda, a marca do gravador (Vide o n.º 25 da Taboa dos monogrammas). Sem data.

Altura, 249 millimetros; largura, 170 millimetros.

N.º 95. — O entêrro.

Dez figuras, em uma paizagem. Os dois discipulos depõem no sepulchro o corpo morto de seu Divino Mestre; no meio da estampa, a Virgem Santissima, contristada, de mãos cruzadas no peito, contempla seu Filho; e á direita, aquem do sepulchro, a Magdalena ajoelhada. Em cima, á esquerda, vêem-se os dois escudos das armas da casa de Saxonia (Vide o n.º 25 da Taboa dos monogr.), dependurados a uma arvore. Sem data.

Altura, 248 millimetros; largura, 170 millimetros.

BINCK (JACOB)

JB

N.º 13.

Jacob Binck nasceu em Colonia em 1490 (?) ou em 1504 (?).

O seu talento applicou-se a muitos misteres; é assim que Binck foi desenhador, pintor, architecto e abridor a talho doce e a talho forte.

Discipulo da escola allemã de Norimberga, entre cujos *Pequenos Mestres* é contado, gravou a principio em Allemanha (1525 a 1526), mas depois foi-se á Italia afim de estudar na escola de Marco Antonio, para quem trabalhou, segundo Sandrart. Diz-se ainda que visitou outra vez a Italia.

De 1544 a 1551 esteve J. Binck a serviço do rei de Di-

namarca, Christiano III, como pintor e architecto. Durante este periodo ausentou-se de Copenhague, com licença do rei, afim de trabalhar para o cunhado d'este, Alberto, Marcgrave de Brandeburgo. Em 1549 foi, de ordem do Marcgrave, a Antuerpia para erigir á Princeza Dorothea, sua mulher, um monumento funebre; aproveitando-se da sua estada nos Paizes-baixos desenhou muitos planos de fortalezas, reductos, jardins, & para o rei de Dinamarca; e em 1550 deu planos para as fortificações de Crempe, no Holstein.

Em 1551 deixou o serviço de Christiano III, por ter accedido um emprego com salario annual na côrte de Alberto de Brandeburgo, retirando-se com sua mulher e filhos para Königsberg, onde viveu até morrer, em 1568 ou 1569 (Passavant, *P. Graveur*, iv, 87).

Parece que J. Binck não foi propriamente gravador em madeira, mas que fazia os desenhos na madeira para gravadores nesta especialidade os abrirem depois.

O seu estylo assemelha-se um tanto ao de Aldegrever; Binck porém tem mais facilidade de execução e desenho mais correcto, e pelos ares mais agradaveis das suas figuras as suas estampas têm laivos da escola italiana.

N.º 96. — O soldado e sua familia.

À direita da estampa, um soldado, de frente, com uma alabarda na mão esquerda, volta o rosto para fallar á sua mulher, que se vê á esquerda, trazendo um cãozinho nos braços, acompanhada de um filho rapazote, segurando um gallo com a mão esquerda. No alto, á esquerda, occorre o monogramma n.º 13 da Taboa dos monogr., em uma taboleta. Sem data.

Altura, 60 millímetros; largura 46 millímetros (N.º 67 de B. (viii, 283).

Da Real Bibliotheca.

BEHAM (JOÃO SEBALDO)

13B

ISP

N.º 17. N.º 34.

João Sebaldo Beham ou Boehem, tambem chamado pelos Francezes *Sebaldo Been*, *Hisbens*, *Hispean*, *Hisbins Hispanien*, *Peham* e *João Sebaldo de Bohemia*, e pelos Italianos *Sebaldo*

Francesz (Huber & Rost), pintor e gravador em metal e em madeira, nasceu em Norimberga em 1500 e falleceu em Francoforte sobre o Meno em 1550.

Aprendeu a gravura a principio com seu irmão Bartholomeu (Loftie, pag. v) e depois com Alberto Durero, com quem tambem aprendeu a pintura.

Como pintor Sebaldo Beham não é muito conhecido, mas como gravador é estimadissimo e faz parte da pleiade dos famosos *Pequenos Mestres* da Allemanha. As suas gravuras são espirituosas e abertas com buril cheio de expressão e nitidez.

As estampas de J. Sebaldo Beham são marcadas com monogrammas compostos das letras HSB (n.º 17 da Taboa dos monogrammas) e HSP (n.º 34 da mesma Taboa).

D'este, empregado pela primeira vez em uma estampa com data de 1518 (N.º 1 de Loftie), usou elle até 1531, e d'aquelle (Vide o n.º 93 de Loftie) d'esta ultima data em diante.

Expatriando-se em 1540, foi recebido como cidadão de Francoforte sobre o Meno, onde viveu até fallecer. Nesta cidade continuou ainda por muito tempo a trabalhar como gravador, mas afinal deixou esta profissão, para estabelecer-se com negocio de bebidas.

Si as gravuras d'este mestre lhe grangearam bôa nomeada como artista, a sua vida desregrada fêl-o decahir muito na estimação publica.

O Barão de Heineken (*Dictionnaire*, II, 339 e seguintes) dá pormenores muito interessantes sobre este gravador. Vide tambem Huber & Rost, I, 161 e seguintes; e Loftie, pp. v a XII.

N.º 97. — Santo Antão, o Eremita.

O Santo, assentado, escrevendo em um livro, olha para um crucifixo, implantado em uma cepa de arvore, á esquerda. Por detraz do crucifixo vê-se a cabeça de um cerdo. Em baixo, á esquerda, occorre, em uma taboleta, o monogramma do mestre (n.º 34 da Taboa dos monogr.), com a data 1521 por cima.

Altura, 90 millimetros; largura, 61 millimetros.

N.º 64 de B. (VIII, 141); N.º 35, 2.º estado, de Loftie, *Beham*, pag. 9.

Da Real Bibliotheca.

N.º 98. — Os dois genios.

Dois meninos alados, assentados sobre animaes chimericos com as caudas ornadas de folhagem. O genio da esquerda é visto de frente, e o da direita pelas costas. Em cima, no meio, em uma taboleta, vê-se o monogramma do gravador (n.º 17 da Taboia dos monogr.), com a data, 1544, por cima.

Estampa em fórma de friso.

Altura, 34 millimetros; largura, 100 millimetros.

N.º 236 de B. (VIII, 217); Loftie, *Beham*, n.º 135, pag. 41.

Da Real Bibliotheca.

PENCZ (JORGE)

P
&

N.º 30.

Jorge Pencz, pintor e gravador, nasceu em Norimberga pelo anno de 1500 e falleceu em Breslau no mez de Outubro de 1550, segundo Neudörffer.

Depois de ter aprendido a pintura e a gravura com Alberto Durero, foi-se á Italia, onde estudou a obra de Raphael e gravou muitas estampas sob a direcção de M. A. Raimondi, cuja maneira de gravar soube imitar com summa fidelidade. Esta semelhança de buril é tal que muitas vezes têm sido attribuidas a um estampas do outro, como, por exemplo, a *Matança dos innocentes* (N.º 18 de B.), que Bartsch diz ser obra de Marcos Antonio Raimondi, e Passavant, *P. Graveur* (IV, pp. 101 e seguinte) de Jorge Pencz.

Nas estampas que este artista gravou segundo as proprias composições, o seu desenho deixa alguma cousa a desejar nas peças grandes; nas pequenas porém é irreprehensivel.

Alguns autores dão erradamente a Jorge Pencz o nome de *Gregorio Peinz*.

N.º 99. — Jesus Christo cercado de crianças.

O Salvador, em pé, de perfil para a esquerda, beija uma criança, que sustenta no braço direito, enquanto com a mão esquerda conchega a si outra criança, deitada em uma almofada,

apresentada por sua mãe; &. Em baixo, no meio, sobre um degrau, occorre o monogramma do gravador (n.º 30 da Taboa dos monogrammas). Sem data.

Altura, 79 millímetros; largura, 117 millímetros.

N.º 56 de B. (VIII, 334).

Muito bella e rara, segundo Zani (II parte, VII, 70).

Da Real Bibliotheca.

N.º 100. — O bom Samaritano.

Em uma paizagem, um Samaritano applica oleo e vinho na ferida de um homem desconhecido, deitado no chão, á esquerda da estampa. Por detraz de uma grande arvore, no meio, vê-se a cavalgadura do Samaritano; e no 2.º plano, de um e outro lado, varias figuras. Á direita, em cima, occorrem o monogramma do artista (n.º 30 da Taboa dos monogr.) e a data, 1543, em uma taboleta.

Altura, 75 millímetros; largura, 113 millímetros.

N.º 68 de B. (VIII, 339).

Da Real Bibliotheca.

N.º 101. — Páris enamorado de Enone.

Á esquerda, Páris, em pé, entalha na casca de uma arvore as expressões do seu amor para com Enone, que, sentada em frente, olha embevecida para elle. Sobre a arvore estão escriptas as palavras: « LOS NAM »; em baixo: á esquerda, perto do pé direito do amante, lê-se a palavra « BARIS » (*sic*), e á direita, o monogramma do gravador (N.º 30 da Taboa dos monogr.), sobre uma pedra. Sem data (1539?).

Altura, 117 millímetros; largura, 76 millímetros.

Estampa n.º 72 de B., que faz parte de uma serie, *Quatro assumptos da Fabula*, n.ºs 70-73 do mesmo B. (VIII, 34º e 341).

Da Real Bibliotheca.

N.º 102. — Marco Curcio.

A cavallo, abraçando um escudo e com a mão esquerda empunhando uma espada, precipita-se em um abysmo, em presença de quatro de seus concidadãos, tomados de pasmo por este rasgo de patriotismo. Em cima, á esquerda, em uma

taboleta, occorrem as palavras: « MARCVS / CVRIVS (*sic*) » e o monogramma do mestre (N.º 30 da Taboa dos monogr.), á direita. Sem data (1535?).

Altura, 117 millímetros; largura, 79 millímetros.

Esta estampa, n.º 75 de B., faz parte de uma serie de quatro por elle descriptas sob a denominação *Os quatro assumptos da historia romana*, n.ºs 74-77 (VIII, 341).

Da Real Bibliotheca.

N.º 103. — Tarquinio.

Tarquinio, armado de uma espada, entra no quarto de Lucrecia para a violar. Á esquerda, em cima, vê-se o monogramma do gravador (N.º 30 da Taboa dos monogr.), sobre uma pilastra. Sem data.

Altura, 78 millímetros; largura, 117 millímetros.

Estampa n.º 72 de B., fazendo parte da serie *Os quatro assumptos da historia romana*, por elle descripta sob n.ºs 78-81 (VIII, 342-343).

Da Real Bibliotheca.

N.º 104. — A mulher da harpa.

Nua, sentada no seu leito, segurando com a mão direita uma harpa. Em baixo no meio, vêem-se, em uma taboleta, o monogramma do mestre (N.º 30 da Taboa dos monogr.) e a data 1544.

Estampa redonda, cujo diametro é de 56 millímetros.

Rara.

N.º 96 de B. (VIII, 350).

Da Real Bibliotheca.

ALDEGREVER (HENRIQUE)



N.º 6.

Henrique Aldegrever, ourives, pintor e gravador, nasceu em 1502 e falleceu não se sabe exactamente quando, pare-

cendo certo (Bryan, pag. 11, e Nagler, *Die Monogrammisten*, I, pag. 288) que em 1562 ainda vivia. Quanto ao lugar do seu nascimento também discordam os autores, dizendo uns que é natural de Zoest, na Westphalia, enquanto Nagler (*opere citato*, I, pag. 287) afirma que nascêra em Paderborn, não obstante encontrar-se em um retrato do mestre, pintado por elle mesmo, o dizer « *Imago Hinrici Aldegrevers. Suzatien* (sic): *ab ipso autore ad vivam effigiem delineata* », porque a palavra « *Suzatien* » deve ser interpretada como significando *burguez* e não *natural* de Soest.

Depois de ter por algum tempo estudado na patria as estampas de Alberto Durer, foi-se a Norimberga para aprender a pintura e a gravura na escola d'este grande mestre, fazendo rapidos progressos nestas artes. Como pintor imitou a maneira do mestre e deixou muitos quadros, notaveis pelo bom colorido. Nos ultimos annos da sua vida dedicou-se exclusivamente á gravura. As suas estampas, de desenho um tanto gothico, mas em geral correcto, são gravadas com buril preciso e delicado.

Vide Passavant, *P. Graveur*, IV, pp. 102 e seguintes.

A historia de Loth.

Serie de quatro estampas, com a data, 1555, e o monogramma do gravador (n.º 6 da Taboa dos monogr.), em uma taboleta.

N.º 14-17 de B. (VIII, 366); N.º 13-16 de L.B. (I, 13). Bellas e raras.

D'esta serie a Bibliotheca Nacional só possui as duas estampas seguintes, expostas sob os n.º 105 e 106, as quaes provieram da Real Bibliotheca :

N.º 105. — Loth recebendo dois anjos em sua casa.

Á esquerda da estampa, Loth sahindo de casa vae ao encontro de dois anjos, extendendo as mãos para elles, como quem os convida a entrar. Em baixo, á esquerda, a taboleta com a data, 1555, e o monogramma n.º 6, por baixo.

Altura, 115 millimetros ; largura, 82 millimetros.

N.º 14 de B. ; N.º 13 (1) de L.B.

N.º 106. — Loth impedindo que os habitantes de Sodoma ultragem seus hospedes.

Loth, á entrada de sua casa, dirige-se para dois homens, que o seguram pelo braço direito, enquanto um dos anjos puxa-o pelo esquerdo. Em baixo, á direita, vê-se em uma taboleta a data, 1555, com o monogramma n.º 6 por baixo.

Altura, 114 millímetros; largura, 82 millímetros.

N.º 15 de B.; N.º 14 (2) de L.B.

N.º 107. — O juizo de Salomão.

Treze figuras. Á direita da estampa, o rei sentado no throno, entre dois ministros, indica com o sceptro na mão direita a mulher, que lhe fica em frente, ajoelhada, como a verdadeira mãe do menino em litigio. Em baixo, á direita, a data « 1555 » e o monogramma n. 6, em uma taboleta.

Na margem inferior lê-se: « . SALOMON . CAVSAM . INTER . DVAS . MVLIERES . DIRIMIT . I . REGVM 3 : »

Altura, 109 millímetros; largura, 79 millímetros.

N.º 29 de B. (VIII, 370).

Estampa muito bella e rara.

Da Real Bibliotheca.

Os (*pequenos*) festejadores da boda.

Serie de oito estampas, com o monogramma do artista (n.º 6 da Taboa dos monogr.) e a data, 1538, por cima.

N.ºs 144-151 de B. (VIII, 407-409); N.ºs 258-265 de L.B. (I, 19).

Altura, 54 millímetros; largura, 38 millímetros.

Bellas e raras estampas.

A Bibliotheca Nacional possui e expõe d'esta serie sómente as 5 estampas seguintes, que foram da Real Bibliotheca:

N.º 108.

Um homem e uma dama, ambos de perfil, dirigindo-se para a esquerda. O monogramma e a data, em cima, á esquerda.

N.º 146 de B.; N.º 260 (3) de L.B.

N.º 109.

Um homem, de punhal á cinta, segurando o chapéu com a mão esquerda, e com o rosto de perfil voltado para uma dama, vista de frente, á esquerda da estampa. O monogramma e a data, em cima, á direita.

N.º 147 de B. ; N.º 261 (4) de L.B.

N.º 110.

Um velho, com um chapéu muito baixo na cabeça, conduzindo uma dama, de cabeça descoberta; ambos de perfil, encaminhando-se para a esquerda. O monogramma e a data, em cima, á esquerda.

N.º 149 de B. ; N.º 263 (6) de L.B.

N. 111.

Um homem, de espada á cinta (lado direito), dansando, com o pé esquerdo levantado para a frente, segurando com a mão direita erguida a esquerda de uma dama. O monogramma e a data, em cima, á direita.

N.º 150 de B. ; N.º 264 (7) de L.B.

N.º 112.

Um homem, de perfil, com espada á cinta (lado esquerdo), abraçando e beijando uma mulher. O monogramma e a data, em cima, á direita.

N.º 151 de B. ; N.º 265 (8) de L.B.

Os (*grandes*) festejadores da boda.

Serie de 12 estampas numeradas, com o monogramma n.º 6 e a data « 1538 » por cima, em um cartaz.

N.ºs 160-171 de B. (VIII, 409-410); N.ºs 266-277 de L.B. (I, 19); N.ºs 121-132 de Huber & Rost (I, 176).

Altura, 117 millímetros; largura, 78 millímetros.
Estampas raras e bellas.

A Bibliotheca Nacional possui d'esta serie sómente as tres expostas sob n.º 113-115, que provieram da Real Bibliotheca.

N.º 113.

Um homem, com o chapéu na mão esquerda e um bastão na direita levantada, tendo o rosto de perfil para a direita, andando para a esquerda, acompanhado por um cão. No alto: o n.º 1, á esquerda; e o cartaz com o monogramma e a data, á direita.

N.º 160 de B.

N.º 114.

Um homem e uma mulher, dirigindo-se para a esquerda. O cavalheiro tem o antebraço esquerdo dobrado sobre o braço e toma com a mão direita a esquerda da dama, que com a direita arregaa a parte anterior do seu vestido. No alto vê-se: á esquerda, o cartaz com a data e o monogramma; e á direita, o n.º 4.

É a estampa n.º 163 de B.

N.º 115.

Um homem e uma mulher, marchando para a esquerda dando-se as mãos. O homem tem o braço esquerdo extendido e com a mão do mesmo lado segura o seu manto. Em cima, vê-se: á esquerda, o cartaz com a data e o monogramma; e á direita, o n.º 11.

É a estampa n.º 170 de B.

MESTRE DAS INICIAES I. B.



N.º 36.

Ignora-se o nome d'este gravador, que floresceu de 1523 a 1530, e já era conhecido antes de Jacob Bink. Gravou

imitando a maneira d'este e copiou algumas estampas de Durero, não se podendo entretanto assegurar si pertenceu á escola d'elle.

Passavant, *P. Graveur* (iv, 98), conta-o entre os *Pequenos Mestres* de Norimberga e diz que provavelmente visitou a Italia, por se encontrarem em algumas das suas estampas vestígios da escola italiana.

N.º 116. — O mercado.

Em uma paizagem, uma dama, á esquerda, acompanhada de sua criada, e um camponez, arrimado a seu cesto, á direita, apreçam um pato, que a criada tem entre as mãos. Em baixo, no meio, lêem-se as letras **IB**, em um cartaz (Vide o n.º 36 da Taboa dos monogrammas). Estampa circular, cujo diametro é de 58 millímetros. Sem data.

N.º 37 de B. (viii, 312); N.º 51 de L.B. (ii, 411); estampa n.º 46 do artista n.º 1950, apud Nagler, *Die Monogrammisten*, III, 813. Vide Br. n.º 1324 da II parte.

Da Real Bibliotheca.

MESTRE DO MONOGRAMMA



N.º 21.

Da vida d'este gravador sabe-se apenas que era allemão e florescêra de 1534 a 1539.

As suas estampas, que, no tocante á composição e ao desenho, se approximam das de Lucas Cranach, são gravadas com dureza.

N.º 117. — Mucio Scevola.

Acompanhado por tres outras figuras, mette a mão direita no fogo, feito em um grande fogareiro, á esquerda, onde estão escriptos a data, 1538, e o monogramma n.º 21. Em um oval ao alto.

Grande diametro, 99 millímetros; pequeno diametro, 77 millímetros.

N.º 16 de Passavant, *P. Graveur* (IV, 42). Vide tambem B., IX, pag. 17; Brulliot, n.º 1249 da I parte; e Nagler, *Die Monogrammisten*, II, n.º 55, pag. 20.

Da Real Bibliotheca.

MESTRE DO MONOGRAMMA

¶

N.º 33

Gravador em cobre e em madeira, cujo nome é desconhecido, da escola de Holbein, que viveu talvez em Basileá, e trabalhou indubitavelmente de 1536 a 1543.

N.º 118. — Duas sereias; vinheta, segundo Henrique Aldegrever.

Duas sereias, de costas uma para a outra e dando-se os braços, no meio de folhagem de ornato. Á direita e á esquerda, dois golfinhos com as caudas levantadas. Em baixo, no meio, occorre o monogramma do artista (n.º 33 da Taboa dos monogr.), em uma taboleta. Sem data.

Altura, 29 millimetros; largura, 91 millimetros.

A estampa, n.º 2 de B. (IX, 238), é cópia invertida e modificada da de H. Aldegrever, descripta por B. sob n.º 199 (VIII, 422). Vide tambem Brulliot, n.º 2449 da 1.ª parte; e Nagler, *Die Monogrammisten*, estampa n.º 2 da obra do Mestre do monogramma n.º 1307 do III.

Da Real Bibliotheca.

SOLIS (VIRGILIO)

¶

N.º 44

Virgilio Solis, nascido em Norimberga em 1514, era desenhador, illuminador, pintor e gravador á agua-forte e a buril.

À vista da grande differença que se nota nas gravuras em metal marcadas com o monogramma de V. Solis, parece que nem todas foram por elle gravadas, e sim pelos seus discipulos e collaboradores segundo os seus desenhos. V. Solis nunca foi gravador em madeira; as chapas das xylographias que trazem o seu monogramma foram ou desenhadas e abertas, segundo as suas composições, por outros artistas, ou desenhadas pelo proprio Mestre na madeira e entalhadas por differentes gravadores.

V. Solis é contado no numero dos *Pequenos Mestres* da Allemanha. A sua maneira de gravar, correcta e delicada, approxima-se da de João Sebaldo Beham; as suas estampas, segundo Raphael, Lucas de Hollanda, H. Aldegrever e as proprias invenções, são hoje muito raras.

Virgilio Solis falleceu em Norimberga em 1570.

N.º 119. — O triumpho da musica.

Em um carro tirado por duas moças, uma d'ellas, SIRIGINA (*sic*), com palmas nas mãos, vê-se uma mulher coroada, PITAG/RO (*sic*), sentada em uma almofada, com uma vara na mão direita, apresentando com a esquerda um papel de musica a uma figura, PAN, com sua flauta na mão direita levantada. A parte anterior do carro termina em uma especie de peanha, sobre a qual estão uma bigorna e dois martellos. Tres figuras: PALIS, ORFE (*sic*) e IYBAL precedem o carro, e quatro outras: ORION, uma innominada, MERCURI e APOLO (*sic*) o acompanham. Em baixo, no meio, lê-se: « DRIUMP. PITAGER. PATER. DE MVSICA. FVN ~ ». Na face anterior do carro vê-se o monogramma do gravador (n.º 44 da Taboa dos monogrammas). Sem data. Estampa em fórma de friso.

Altura, 57 millimetros; largura, 232 millimetros.

B., á pag. 271 do IX, sob n.º 223 da obra de V. Solis, descreve esta estampa nos seguintes termos: « Le triomphe de la musique, représenté par Pythagore assis dans un char, précédé et suivi par Palis, Orphée, Jubal, Sirigine (Syrinx?), Pan, Orion, Mercure et Apollon. Au bas de l'estampe... & ».

Da Real Bibliotheca.

TREU (MARTIM)



N.º 40

Martim Treu, gravador a buril, sobre cuja vida nada se sabe, excepto que trabalhou pelos annos de 1540 a 1543, pertence ao numero dos *Pequenos Mestres* da escola allemã e viveu talvez em Norimberga.

A historia do filho prodigo.

Serie de 12 estampas numeradas, n.ºs 3-14 de B. (IX, 69-71), da qual a Bibliotheca Nacional só possui a que expõe.

N.º 120.

À esquerda, o filho prodigo, ricamente vestido e montado em um cavallo bem ajaezado, chegando a uma cidade, na qual se vêem mais seis figuras: duas na rua, em frente ao cavalleiro, duas por detraz de um parapeito, e duas ás janellas de uma casa. Em uma taboleta, no canto inferior direito, occorrem a data, 1541, e o monogramma do gravador (n.º 40 da Taboeta dos monogr.); e por cima da taboleta o n.º = 2 =.

Altura, 71 millimetros; largura, 83 millimetros.

N.º 4 de B.

Estampa rara, que proveiu da Real Bibliotheca.

MESTRE DO MONOGRAMMA



N.º 32

Ignora-se até hoje o nome d'este gravador; a conjectura de que elle se chamava Henrique Meyer não tem fundamento, segundo Passavant (*P. Graveur*, IV, 54). O seu estylo é o de Lucas Cranach e a sua maneira de gravar aproxima-se da de João Brosamer. Trabalhou de 1543 a 1550.

N.º 121. — Uma dama.

De perfil para a direita, ricamente vestida, com um chapéu de plumas na cabeça, e a mão esquerda estendida para a frente; em uma paisagem. O monogramma do gravador (n.º 32 da Taboa dos monogr.) ocorre á meia altura do lado direito. Sem data.

Altura, 74 millímetros; largura, 44 millímetros.

N.º 10 de Passavant, *P. Graveur* (iv, 55).

Da Real Bibliotheca.

MESTRE DA INICIAL L

ℒ

N.º 38.

Gravador anonymo, que floresceu na primeira metade do XVI seculo e copiou estampas de Alberto Durerro e de Lucas de Hollanda.

N.º 122. — Combate de centauros.

Vinheta, ornada com muitas folhagens, onde se vêem quatro centauros trazendo moças ás garupas. Os dois do meio combatem, lutando braço a braço, tendo o da esquerda uma massa na mão direita. Em baixo, á esquerda, entre as patas do ultimo centauro, occorre a inicial **L** (Vide o n.º 38 da Taboa dos monogrammas). Sem data.

Altura, 29 millímetros; largura, 83 millímetros.

Estampa não descripta e rara. Vide B., ix, 10; Passavant, *P. Graveur*, iv, 134; e Nagler, *Die Monogrammisten*, n.º 86 do iv.

Da Real Bibliotheca.

BRUN (FRANCISCO)

Francisco Brun, gravador a buril,^a floresceu de 1559 a 1563 e gravou no gosto de João Sebaldo Beham.

Algumas das suas estampas são copias das de A. Durerro; outras têm sido falsamente attribuidas a Frederico Brantel.

Vide Br., I, n.º 892; II, n.º 769.

N.º 123. — Um arlequim.

Marchando para a direita, com o rosto de frente e a cabeça descoberta, rindo-se; faz um gesto com a mão esquerda levantada, e com a direita segura uma rodilha. Em baixo, á esquerda, occorrem as letras **FB** Sem data.

Altura, 73 millimetros; largura, 48 millimetros.

A estampa, n.º 85 de B., faz parte de uma serie de quatro descriptas por elle sob n.ºs 83-86. (IX, 464-465). Vide Passavant, *P. Graveur*, IV, 176.

Da Real Bibliotheca.

HULSIO (FREDERICO)

Frederico Hulsio, ou van Hulsen, desenhador e gravador em metal, nasceu em 1566, em Middelburg, na Zelandia (segundo Nagler, *Lexicon*, e outros), ou em Francoforte sobre o Meno (segundo Bryan). Não se sabe ao certo quem foi seu mestre; entretanto F. Le Comte diz que F. Hulsio fôra discipulo de Theodoro de Brye, de cujo estylo as suas gravuras têm laivos.

F. Hulsio viveu algum tempo em Londres, mas nos ultimos annos do XVI seculo passou-se para Francoforte sobre o Meno, onde estabeleceu negocio de estampas, sem por isso deixar de trabalhar como abridor. Gravou para livreiros frontispicios e vinhetas de livros, as estampas das *Antiguidades de Roma*, de Boissart, e retratos, alguns dos quaes para a *Bibliotheca Calcographica* do mesmo Boissard.

Falleceu em 1640 (?).

N.º 124. — Moysés e Aarão.

Duas figuras a meio corpo: á esquerda, Moysés, a tres quartos para a direita, segurando as taboas da lei com a mão esquerda; e á direita, Aarão, de frente, segurando as mesmas taboas com a mão direita.

Por baixo da figura de Moyses lêem-se: á esquerda, **FH**; e á direita, « *Haec reuisa sunt & approbata per Venerand... ad sexennium* », em 4 linhas. Sem data.

As duas figuras foram gravadas em uma só chapa, e constituem uma estampa in-folio, em largura.

A estampa exposta acha-se mutilada, isto é, não apresenta as taboas da lei, a cercadura de perolas e as margens, constando sómente das duas figuras de Moysés e Aarão separadas.

Dimensões de cada uma das figuras no estado actual:

altura, 315 millímetros; largura, 204 millímetros.

N.º 1 de L.B. (II, 402); N.ºs 1 e 2 de Nagler, *Lexicon* (VI, 360). Vide Brulliot, n.º 824 da II parte.

Da Real Bibliotheca.

HOLLAR (WENCESLAU)

Wenceslau Hollar, desenhador e gravador á agua-forte e a buril, nasceu em Praga em 1607 e falleceu em Londres a 28 de Março de 1677.

Como Jacob Callot, era gentil-homem e apaixonado pelas artes do desenho.

Tendo seu pae perdido todos os seus haveres (1619) em consequencia das desordens occorridas na Bohemia no principio da guerra de Trinta-annos, retirou-se Hollar para Francoforte sobre o Meno, onde se aperfeçoou na gravura na escola de Mattheus Mérian. Aos dezoito annos fez os seus primeiros ensaios, que foram: um *Ecce Homo* e uma *Virgem*.

Hollar passou quasi toda a vida a lutar contra a sorte adversa e sem nunca ter assento duradouro em parte alguma. Desde que poude dispensar as lições do mestre, poz-se a viajar: de Francoforte foi-se á Colonia; depois á Antuerpia; d'esta cidade voltou de novo á Colonia, com intenção de ali estabelecer-se. De feito ahi passou alguns annos, occupando-se em gravar principalmente vistas segundo os proprios desenhos. O Conde de Arundel, embaixador da Allemanha, que se achava em Colonia em 1635, tendo conhecimento dos desenhos e gravuras do nosso artista, tomou-o sob a sua protecção, levou-o comsigo na sua viagem por diversas cidades da Allemanha e afinal á Inglaterra (1637).

De 1638 a 1640 gravou Hollar grande numero de objectos raros da celebre collecção do seu protector; varias series de trajes de mulheres inglezas e das differentes nações da Europa: *Ornatus mulierum anglicarum*, 1640; *Theatrum mulierum*, 1644; e *Aula Veneris*, 1644; diversas vistas; &.

Em Inglaterra começava a sorte a sorrir-lhe propicia, quando cahiu do throno Carlos I. Hollar, que era adherente á Familia Real na qualidade de professor de desenho do

Príncipe de Galles (depois Carlos II), vendo-se fulto de recursos, não teve remedio sinão tomar parte na guerra civil, servindo como militar no corpo de tropas sob o commando do marquez de Winchester. Feito prisioneiro em Baring-House, poudo felizmente escapar-se do inimigo e ir ter com o seu protector, o Conde de Arundel, que se achava então em Antuerpia.

Tinha este, apesar da precipitação da sua fuga de Inglaterra, conseguido levar consigo a sua preciosa collecção. Hollar continuou pois em Antuerpia a reproduzir pela gravura os bellos objectos da mesma collecção: desenhos de Leonardo de Vinci, entre outros; um livro de caricaturas; &.

Tendo o Conde de Arundel sido obrigado pelo mau estado da sua saude a retirar-se de Antuerpia para Veneza, onde falleceu em 1646, ficou W. Hollar reduzido á maior penuria e, forçado pela necessidade, poz-se então a trabalhar para os mercadores de estampas e livreiros, os quaes mal lhe pagavam pelas suas obras o estrictamente necessario para viver. Ainda assim permaneceu por cinco ou seis annos em Antuerpia, onde gravou, além dos objectos da collecção arundeliana, muitas estampas segundo os proprios desenhos e segundo as composições dos mestres dos Paizes-baixos: Luiz de Vader, Jacob van Artois, João Wildens, João Breughel, Boaventura e João Peters, Paulo Bril, David Teniers Junior, &.

São d'essa epoca: a serie, *Muscarum, scarabæorum, vermiumque varie figura et formæ*, 1646 (N.º 133-144 de L.B.), e a *Cathedral de Antuerpia*, uma das suas obras primas mais admiraveis.

Em 1652 tornou W. Hollar para Londres, onde trabalhou constantemente para os livreiros e mercadores de estampas, os quaes não foram mais equitativos, nem menos avaros que os flamengos. Das suas estampas publicadas então nesta cidade as mais notaveis são as que representam animaes (N.º 101-112; 113-120 de L.B.; &); algumas d'estas tinham sido gravadas anteriormente em Antuerpia.

Poucos annos depois da sua restauração, Carlos II mandou W. Hollar a Tanger, em companhia do governador Lord Howard, para tirar a vista e planta d'esta cidade com os seus fortes. Depois de ter escapado de ser prêza de um corsario turco, na viagem para Tanger, e depois de um anno de aturado trabalho, deu Hollar conta da mão, publicando diversas vistas de Tanger em 6 estampas (n.º 571-576 de L.B.). Por esta serie pagou-lhe Carlos II apenas cem libras esterlinas, concedendo-lhe ao mesmo tempo o titulo de *Scenographus regis*, titulo que foi talvez uma consolação para o artista ma-

gnanimo, que tinha em maior estimação antes a honra do que o dinheiro.

W. Hollar gravou á agua-forte com summa intelligencia e foi um dos que melhor souberam imitar com a ponta a perfeição do buril ; todavia o seu desenho é por vezes defeituoso. Reproduziu pela gravura estampas raras de Alberto Durero e de Rembrandt, algumas das bellas composições de Julio Pippi, dito *Romano*, de Ticiano, de Leonardo de Vinci, de João Holbein Junior ou o 3.º, de Elzheimer, de A. Van Dyck, &, ; gravou muitas vistas de cidades da Europa e grande numero de monumentos de Inglaterra, principalmente de Londres.

Os Inglezes, que o consideram quasi como seu compatriota, têm as suas estampas em grande apreço. A obra de Wenceslau Hollar é muito numerosa (cêrca de 2400 estampas) e as mesmas gravuras, que tão mal lhe foram pagas em vida, são hoje muito estimadas, procuradas e vendidas a altos preços.

N.º 125. — Retrato de Thomaz Howard, Conde de Arundel, segundo A. Van Dyck.

A meio corpo, de tres quartos para a direita, vestido de armadura, com o bastão de marechal na mão direita e pousando a esquerda sobre um elmo.

Na margem inferior occorrem :

1.º, « ILLVSTRIS:^{us} & EXCELLENT:^{iss} D:^{ominus} THOMAS HOWARD, COMES ARVNDELÆ & SVRRLE... & Generalis Militiæ Dux. » ;

2.º, por baixo do precedente dizer: « *Ant. van Dyck eques pinxit.* », á esquerda ; e « *W. Hollar fecit, 1646.* », no meio.

Altura, 246 millimetros ; largura, 192 millimetros.

N.º 247 de L.B. (II, 376) ; N.º 90 de Nagler, *Lexicon* (VI, 265).

Da Real Bibliotheca.

FALCK (JEREMIAS)

Jeremias Falck, desenhador e gravador á agua-forte e a buril, nasceu em Dantzig em 1629.

Trabalhou muito em Paris, para a casa de negocio de

estampas de Francisco Chauveau; em Hollanda, onde gravou muito para o famoso gabinete de Reynst; em Hamburgo, em Copenhague e em Stockolmo; e nos ultimos annos da vida retirou-se para a sua cidade natal, onde morreu em 1709, segundo Brulliot (n.º 749 da II) e outros. Entretanto Andresen (I, 471) discorda d'essa opinião, dizendo que parece que J. Falck falleceu em Hamburgo em 1667. Seja porém como fôr, o que é certo é que a mais recente data que nas suas gravuras se encontra é a de 1661.

As suas estampas são muito bem gravadas e por isso muito estimadas pelos entendidos em iconographia.

N.º 126. — Retrato do Principe Carlos Gustavo (depois Carlos X, Rei da Suecia), segundo David Beck.

Em busto, a tres quartos para a esquerda, vestido de armadura, com uma larga banda a tiracollo; dentro de um oval, ao alto.

Por baixo do oval, em uma lapide, lê-se a dedicatoria: « *Serenissimo et Celsissimo Principi... Carolo Gustavo, Comiti Palatini ad Rhe. in Bav.... Dno suo Clementissimo hanc Suae Serenitatis effigiem caelo exculptam, dedicat consecratque, Suae Serenitatis obsequentissime deuotus I. Falchius.* »; e por baixo da dedicatoria: « *D. Beck prinx.* », á esquerda; « *I. Falck sculp. et excu. Cum priu. R. S.* », no meio; e « *Stockolmia. 1649.* », á direita.

A estampa carece de margens, e acha-se dividida em duas partes, o oval e a taboleta ou lapide.

Dimensões do oval no estado actual da estampa:

Grande diametro, 257 millimetros; pequeno diametro, 210 millimetros.

N.º 99 de L.B. (II, 216).

Da Real Bibliotheca.

SCHMIDT (JORGE FREDERICO)

Jorge Frederico Schmidt, desenhador e gravador a buril e á agua-forte, nasceu em Berlim a 24 de Janeiro de 1712 e falleceu na mesma cidade a 25 de Janeiro de 1775.

Destinado á carreira de artesão, Schmidt, á força de

constancia, venceu todos os obstaculos que se lhe oppunham e conseguiu dedicar-se á profissão de artista, para a qual tinha irresistivel vocação. Na sua patria aprendeu o desenho e a gravura na Academia e com o gravador em cobre, Jorge Paulo Busch. Desejoso de aperfeiçoar-se na gravura, sahio de Berlim para estudal-a em Paris; de passagem por Strasburgo, conheceu a João Jorge Wille, cuja amizade cultivou até á morte, e d'ahi partiram ambos para aquella cidade, onde chegaram em Julho de 1736. Em consequencia de recommendação que trazia do pintor Antonio Pesne para Nicolau Lancret, este o apresentou a Nicolau de Larmessin Junior, que o recebeu na sua officina.

A vocação de J. F. Schmidt para a gravura, a sua assiduidade ao trabalho e as lições do mestre, que lhe ensinou todos os segredos da sua arte, fizeram do discipulo um gravador perito, cujo renome perdurará sempre.

Entremettes teve Schmidt a fortuna de conhecer o famoso pintor retratista Jacintho Rigaud, o qual lhe dispensou a sua protecção e lhe proporcionou muitas occasiões de pôr em evidencia o seu grande merecimento artistico.

Em 1742 foi J. F. Schmidt, por ordem expressa do Rei Luiz XV, admittido como membro da Academia de pintura e de bellas artes de Paris, apesar de seguir o protestantismo.

Em 1744 foi chamado á Berlim e nomeado gravador do Rei; na sua cidade natal trabalhou desde então até 1757, quando, á convite da Imperatriz Isabel, foi á Russia.

Em S. Petersburgo organizou a Escola de gravura, na qual se formaram discipulos notaveis, entre outros Tschemesow, e gravou os retratos da Imperatriz segundo Tocqué e de muitas outras pessoas gradas, assim como muitas estampas.

Em 1762 voltou a Berlim, onde trabalhou com muita actividade até á sua morte.

Nas suas aguas-fortes J. F. Schmidt tomou por modelo a Rembrandt, cuja maneira imitou.

J. F. Schmidt gravou retratos e assumptos galantes e de historia; sem contar os seus pequenos trabalhos feitos para livreiros, a sua obra monta a cêrca de 200 estampas.

N.º 127. — Retrato do Conde d'Evreux, segundo Jacintho Rigaud.

Visto até aos joelhos, a tres quartos para a esquerda, com o rosto voltado para a direita, de cabeça descoberta, ornada

de grande cabelleira, vestindo uma armadura e segurando com a mão esquerda o bastão de commando, pousado em um monticulo de terra, á esquerda, onde se vê o capacete do retratado; no 2.º plano, um combate de cavallaria. Em uma paisagem.

Na margem inferior occorre :

1.º, « *Louis De La Tour d'Auvergne Comte d'Evreux... Gouverneur de l'Isle de France etc.* »

2.º, « *Presenté à Son Altesse Monseigneur le Comte d'Evreux, par son tres humble et tres obeissant serviteur Schmidt.* »

3.º, « *Peint par Hyacinthe Rigaud Chër (sic) de l'ordre de S.^t Michel.* », á esquerda; e « *Gravé par Georges Frederic Schmidt. à Paris en 1739.* », á direita.

Altura, 425 millimetros; largura, 325 millimetros.

N.º 48 de Nagler, *Lexicon* (xv, 308).

Da Real Bibliotheca.

WILLE (JOÃO JORGE)

João Jorge Will ou Wille, desenhador e gravador a buril, nascido em Bieberthal, perto de Königsberg, no landgraviado de Darmstad, a 5 de Novembro de 1715 (Duplessis, *Memoires... de Wille*, I, pag. 1; II, pag. 391), foi primeiramente armeiro, profissão que depois deixou para dedicar-se unicamente á arte da gravura.

Ainda moço poz-se a viajar; demorando-se algum tempo em Strasburgo, ahì conheceu a Jorge Frederico Schmidt, com quem travou relações de amizade, as quaes o tempo e a conformidade dos gênios e da sorte dos dois artistas tornaram cada vez mais estreitas.

Em 1736 partiram os dois amigos de Strasburgo para Paris, onde se dedicaram ao trabalho com afinco. Nos primeiros tempos da sua estada nesta cidade Wille gravou em todos os generos, principalmente retratos; e quando o celebre pintor retratista Jacintho Rigaud, reconhecendo o seu merecimento, o tomou sob a sua protecção, a reputação de Wille como gravador aprimorado ficou estabelecida de modo inconcusso. Nem foi somente no genero retratos que elle se avantajou; reproduziu pela gravura, com igual mestria, composições de pintores das escolas hollandeza e allemã, Terburgo (Gerardo), Douw (Gerardo), Mieris, Metz, Schalcken, Netscher, &c.

Wille foi membro da Academia de pintura e de bellas-
-artes de Paris e das de Ruão, Augsburg, Vienna d'Austria,
Berlim e Dresda; e na sua escola formou muitos discipulos
distinctos, d'entre outros, Schmutzer, J. G. Muller, Bervic,
Chevillet, os irmãos Guttenberg e Vangelisti.

As datas extremas das gravuras de Wille são 1738 e 1790.

Wille falleceu, segundo Le Blanc, *Catalogue de l'œuvre de Wille*, a 5 de Abril de 1808.

N.º 128. — Retrato de Mauricio de Saxonia, se-
gundo Jacintho Rigaud.

De frente, com o rosto a tres quartos para a esquerda,
vestido de armadura com um manto de pellucia por cima,
pousando a mão direita no quadril do mesmo lado; dentro de
uma moldura em fôrma de janella, sobre uma especie de pe-
destal, onde se vê o braço do retratado e o seguinte dizer,
assim :

<i>Maurice</i>	(Brazão)	<i>de Saxe</i>
<i>Duc de Curlande</i>		<i>et de Semigallie</i>
<i>Maréchal</i>		<i>de France.</i>

Na margem inferior lê-se: « *Peint par Hiacinthe Rigaud Chev. de l'Ord. de St Michel.* », á esquerda; « *Et Gravé par J. G. Will, 1745.* », á direita; e o endereço « *A Paris chez l'Auteur Quay des Augustins entre les Ruës Pavée et Gilecœur, au logis de M. Emery.* », no meio.

Altura, 446 millímetros; largura, 324 millímetros.

N.º 14 de Huber & Rost (II, 128); N.º 72 de Nagler, *Lexicon* (XXI, 477).

A estampa exposta pertence a um estado, não descripto, intermedio aos dois mencionados por Nagler, isto é: com a letra, mas antes do endereço da viuva *Jean*.

Da Real Bibliotheca.

ROSBACH (JOÃO FREDERICO)

João Frederico Rosbach, gravador em metal, viveu em Lipsia.

Gravou, de 1725 a 1745, muitos retratos á maneira de João Martinho Bernigerroth, a quem tomou por modelo. Os melhores d'esses retratos, em geral mediocres, são os que cita Nagler, *Lexicon* (XIII, 392).

N.º 129. — Retrato de João Christovão Freund, segundo Adam Manyoky.

A meio corpo, de frente, com o rosto a tres quartos para a esquerda, de gorra na cabeça, e com um copo na mão direita; dentro de um oval sobre uma peanha. Do canto superior direito pende uma cortina, que vae até abaixo, encobrindo parte do oval e da peanha..

No oval occorre: « JEAN CRISTOP...E FREUND. PEINTRE DE S. A. S. M.^{GR} LE DUC D'ANHALT-COETHEN. »;

e na peanha: 1.º, os seguintes versos:

« *Lorsque Le verre en main, Je me Sers | du Pinceau |
Le Divin jus m'inspire une adresse | nouvelle |
Tout est dans mes Portraits, fin, délicat et beau |
Je Surpasse Zeuxis, Je defierois Apelle. C. G. H.*

D. E. P. P. »;

2.º, « *AD. Manyoky pinx.* », á esquerda; e « *Rosbach Sc. Lips.* », á direita.

Finalmente, na margem inferior, á direita, lê-se o endereço: « *Jeremias Wolff excudit. Aug. Vind.* » Sem data.

Altura, 361 millimetros; largura, 255 millimetros.

N.º 1 de Nagler, *Lexicon* (XIII, 392).

Da Real Bibliotheca.

SALATHÉ (FREDERICO)

Frederico Salathé, pintor paizista e gravador em cobre, nasceu em Biningen, perto de Basiléa, na Suissa. Os seus primeiros estudos artisticos foram feitos nesta cidade, mas em 1819 foi aperfeiçoal-os em Italia, vivendo por algum tempo em Roma, onde pintou vistas dos arredores da cidade. De volta á patria pintou em 1821 uma serie de vistas do S. Gothardo; mas depois abandonou a pintura a oleo para dedicar-se exclusivamente á gravura em cobre, principalmente á gravura á aqua-tinta.

Em algumas das suas estampas occorre o endereço de Steimann, editor e negociante de estampas em Basiléa e no Rio de Janeiro.

Da obra gravada de Salathé cita Nagler, *Lexicon*, somente 14 estampas, cujas datas extremas são 1831 e 1837; nesse numero não estão incluidas as que d'elle conhecemos.

Nada mais pudemos saber a respeito da vida e obra d'este artista, nem tão pouco si vive ainda.

Vide Nagler, *Lexicon*, XIV, pp. 206 e 207; *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil*, n.ºs 16899, 16973, 17041, 17042, 17043, 17044 e 17082.

N.º 130. — Panorama do Rio de Janeiro, segundo o panorama pintado em Paris por G. P. Ronmy pelos desenhos de Felix Emilio Taunay (Barão Taunay), enviados do Rio de Janeiro.

A estampa representa um dilatado panorama circular, tomado do telegrapho aereo no morro do Castello, compreendendo a cidade e parte da bahia do Rio de Janeiro, Nitheroy, a barra, o Pão de assucar, o Corcovado, a Tijuca, a serra dos Orgãos, &c. Gravada á agua-tinta em duas chapas e impressa em duas folhas.

Na margem superior de cada folha occorre o dizer: « PANORAMA DE RIO JANEIRO. »; e na inferior o seguinte: 1.º, a legenda explicativa: « *Couvent d'Ajuda. Eglise N. D. de Lapa. Eglise Notre Dame de la Gloire... Rue des Carmes. Bibliotheque. E.º N. D. de la Candellaria.* », em uma das folhas; « *Chapelle Royale. Eglise des Carmes. Arsenal de la Marine. Couvent de S^t Benoît. Ile du Gouverneur... Habitation particulière. Eglise S^t Sébastien. Pain de Sucre.* », na outra folha; 2.º, em ambas as folhas, á esquerda, logo abaixo do traço inferior da estampa, o endereço: « NEPVEU Libraire Passage des Panoramas. N.º 26. ». Sem data.

A estampa exposta, impressa com duas côres e retocada a guache, tem as duas folhas reunidas pelos quatro lados, de modo a formarem um cylindro, representando um panorama circular.

Altura, 164 millimetros; circumferencia do cylindro, 1 metro.

É o 3.º dos quatro estados da estampa, descripto no *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil* sob n.º 17043.

Para maiores pormenores sobre os outros estados vide tambem no mesmo Catalogo os n.ºs 17041, 17042 e 17044.

Estampa rara; comprada no Rio de Janeiro pelo ex-Bibliotecario Sr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

WAGNER (FREDERICO)

Frederico Wagner, gravador em metal, nasceu em Norimberga em 1803.

Destinado por seu pae á carreira litteraria, recebeu a primeira educação no Gymnasio da cidade natal; mas a sua inclinação e amor ás artes levaram-n'o a dedicar-se ao estudo d'estas.

De feito, em 1818 começou a aprender o desenho e depois a gravura sob a direcção de Alberto Reindel.

Passou algum tempo em Munich; e esteve em Paris (1827-1828), onde se relacionou com os mais notaveis mestres. Voltou á patria em 1828.

Em Norimberga trabalhou então para os livreiros e copiou a *Ceia* de Raphael Morghen, segundo Leonardo de Vinci, levando seis annos a executar esta gravura.

Viajou pela Italia (1842?) e em 1848 pela Belgica, Hollanda e Inglaterra.

Trabalhou para a *Liga Artistica de Alberto Durer*, para o *Instituto bibliographico de Hildburghausen* e para o *Art-Journal*. As suas melhores gravuras começaram a apparecer em 1824.

Os reis de Wurtemberg, da Prussia e da Suecia e o Grão-Duque de Saxonia Weimar conferiram-lhe medalhas de ouro em premio das suas obras artisticas.

F. Wagner foi tambem poeta.

Ignoramos outros pormenores sobre a vida e obra completa d'este artista, assim como si ainda vive.

N.º 131. — A Ceia de Jesus Christo com os Apostolos, segundo a famosa pintura mural, feita por Leonardo de Vinci no refeitório do antigo convento dominicano de *Santa Marie delle Grazie* (hoje quartel de cavallaria), em Milão.

(Vide a descripção do assumpto á pag. 657 d'este Catalogo, sob n.º 50).

Na margem inferior occorre: 1.º, « *Leonardo da Vinci pinxit* », á esquerda; « *Fried. Wagner sculpsit* », á direita; 2.º, « *LA CENA DI LEONARDO DA VINCI* », no meio; 3.º, por baixo do precedente dizer: « *Bibl. Ins.^t exc.^{ta}* ». Sem data (1840, segundo Andresen; 1842, segundo Nagler, *Lexicon*).

Altura, 426 millímetros; largura, 886 millímetros.

N.º 5, 4.º estado de Nagler, *Lexicon* (xxi, 58); N.º 3, 3.º estado, de Andresen (II, 696).

Bella cópia no mesmo sentido da estampa de Raphael Morghen.

Comprada no Rio de Janeiro pelo ex-Bibliothecario Sñr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

MERZ (GASPAR HENRIQUE)

Gaspar Henrique Merz, gravador a buril, nasceu em S.^t Gall, na Suissa, em 1806. Na sua patria aprendeu o desenho, e aos 19 annos de idade veiu para Munich, onde se aperfeiçoou nesse estudo, desenhando segundo o antigo e a natureza. Com Samuel Amsler, professor de gravura na Academia de Munich, aprendeu a gravar, tornando-se por fim tão eminente nesta arte que a maior parte dos mais celebres pintores modernos allemães o têm encarregado de reproduzir pela gravura as suas obras.

Apesar das pesquisas que fizemos, não encontrámos outras informações concernentes á vida e obra d'este gravador: Tambem ignoramos si ainda vive.

Vide Nagler, IX, 158; L.B., III, 16; Andresen, II, 162.

N.º 132. — A destruição de Jerusalem por Tito e suas legiões; gravada a buril, segundo o fresco pintado por Guilherme de Kaulbach no Novo Museu de Berlim.

Composição com muitas figuras, terminando superiormente em fórma de arco.

No 1.º plano:

a) em baixo: no meio, o Summo Sacerdote, depois de ter ferido mortalmente os membros de sua familia, suicida-se cravando um punhal no peito; á esquerda, Ahasvero, o Judeu errante, rasgando as proprias vestes, foge perseguido por furias; e á direita, um bello grupo, constante de uma familia christã, desertando a cidade sob a protecção de tres anjos;

b) em cima, no meio: entre nuvens, os prophetas Isaias, Jeremias, Ezechiel e Daniel, que prophetizaram a destruição

da cidade, tendo por baixo sete anjos brandindo espadas cham-mejantes.

No 2.º plano :

À direita, Tito a cavallo, precedido de trombetas, entra á frente das suas legiões em Jerusalem ; e á esquerda, parte da cidade incendiada.

Nos tympanos, aos lados do arco, lê-se : = ET CIVITATEM ET SANCTUARIUM / DISSIPABIT POPULUS CUM / DUCE VENTURO, ET FINIS EJUS VASTITAS, / ET POST FINEM / BELLII STATUTA / DESOLATIO. / DAN. IX. / XXVI. = , á esquerda ; e = ET CADENT IN ORE GLADII, ET CAPTIVI / DUCENTUR IN OMNES GEN- / TES, ET JESUSALEM CAL- / CABITUR A GENTIBUS, / DONEC IMPLEAN- / TUR TEMPORA / NATIONUM. / LUC. XXI. / XXIV. = , á direita.

Na margem inferior occorre : á esquerda, = W. v. Kaulbach invenit et pinxit = ; e á direita, = H. Merz sculpsit = . Sem mais outros dizeres, e sem data.

Altura, 722 millímetros ; largura, 853 millímetros.

N.º 9, 4.º estado, de Andresen (II, 162).

Um exemplar d'esta bella e rara estampa do 4.º estado já foi vendido por 56 1/3 thalers (Andresen).

Comprada no Rio de Janeiro pelo ex-Bibliothecario Sñr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

COBURGO GOTHA (DOM FERNANDO, DUQUE DE SAXONIA), OU DOM FERNANDO II, REI DE PORTUGAL

F

N.º 19

O Sñr. Dom Fernando Augusto Francisco Antonio, Duque de Saxonia Coburgo Gotha, mais conhecido, depois de 16 de Setembro de 1837, pelo nome de Dom Fernando II, em consequencia de se ter casado (9 de Abril de 1836) com D. Maria II, rainha de Portugal, nascido a 29 de Outubro de 1816, não se limita a ser grande amator e fautor das boas artes, mas tambem as cultiva com gosto e proficiencia, dando-se a trabalhos de pintura, de gravura, &.

Não cabendo aqui tratar da vida politica do Rei, limitar-nos-hemos a dar o esboço historico do artista, tanto quanto

nos for possível, á vista da exiguidade de noticias que a esse respeito pudemos colher.

O Sñr. Dom Fernando tem gravado á agua-forte segundo as próprias composições e segundo quadros e aguarellas de outros mestres. Ainda que por vezes de desenho um tanto fraco, as suas chapas são abertas com ponta ligeira e espirituosa. Raczyński, *Dictionnaire*, pp. 86 e seguintes, descreve 45 estampas gravadas por Sua Magestade, de 1837 a 1845; Nagler, *Die Monogrammisten*, II, n.º 16, pp. 7 e 8, cita mais 8, abertas de 1845 a 1850; e a Bibliotheca Nacional possui ainda, além da estampa exposta, 11 outras com datas de diferentes annos desde 1850 até 24 de Abril de 1863. Entretanto é certo que a obra do Real gravador é muito mais numerosa; nós mesmo tivemos occasião de ver na *Exposição Portugueza*, feita no Rio de Janeiro em 1879, cêrca de 200 estampas suas.

Não se encontram á venda no commercio de estampas as gravuras do Sñr. Dom Fernando, porque Sua Magestade as reserva para presentear com ellas a personagens illustres, notabilidades artisticas ou pessoas a quem dispensa a sua protecção.

S. Magestade, retirado da politica, vive ainda hoje como simples cidadão na mesma capital, em que por tantos annos figurou como Rei; e, ao que parece, depoz a ponta espirituosa do agua-fortista, com grande sentimento dos entendidos e amadores.

N.º 133. — O sapateiro remendão.

Um velho, de semblante descarnado, com bonet na cabeça, visto de frente, sentado na classica tripeça, segura com a mão esquerda um botim descançado sobre a coxa direita, e com a outra mão um martello em posição de disparar o golpe sobre a obra. Á esquerda vê-se uma grande tina com dois pauzinhos dentro; em redor do mestre, espalhadas pelo chão, varias peças de obra velhas, para serem concertadas; na extrema direita um cãozinho saltando; finalmente, em um dos portaes de uma porta, que fica por detraz do official, vêem-se dois cartazes de theatro, e por baixo d'elles, « F. C. (em monogramma, vide o n.º 19 da Taboa dos monogr.) *fec* | 1856 | á *Lisbonne* ».

Altura, 166 millimetros; largura, 116 millimetros.

Estampa não descripta; comprada no Rio de Janeiro pelo ex-Bibliothecario Sñr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

ESCOLA HOLLANDEZA

LUCAS DE HOLLANDA

L

N.º 37.

Lucas Huygens ou Hugens (e não Lucas Damesz ou Damissen, como o chamam alguns biographos), geralmente conhecido pelos nomes patrios de Lucas de Leyden ou de Hollanda, filho de um pintor sobre vidro, Hugo Jacobsz, de quem tomou o nome patronimico de Huygens ou Hugens, nasceu em Leyden em 1494.

Pintor sobre vidro, á tempera e a oleo, e gravador á agua-forte e a buril, Lucas de Hollanda aprendeu a pintura a principio com seu pae e depois com Cornelio Engelbrechtsen, o manejo do buril com um ourives e a gravura á agua forte com um armeiro que empregava este processo para abrir ornatos nas couraças que fabricava; entretanto foi ao seu talento superior e assiduidade no trabalho que deveu os seus progressos e fama.

Já gravava aos nove annos de idade e aos doze já pintava. Depois estudou e trabalhou *manu nocturna et diurna*; só tanto afan pôde explicar como em tão curta existencia conseguiu produzir tanto.

Desejoso de conhecer de perto os pintores dos Paizes baixos e estudar-lhes as obras, projectou Lucas de Hollanda fazer uma viagem á esta região; para o que mandou, em 1527, equipar com luxo, á sua custa, um hiate. Em Middelburgo visitou a João Gossaert, de Maubeuge, dito *Mabuseu*, e offereceu-lhe um grande banquete. Desde então Gossaert, que tambem era amante do fausto e da boa mesa, ligou-se com tal amizade a Lucas de Hollanda que o acompanhou durante toda esta excursão. Em Gand, em Malinas, em Antuerpia, emfim por toda a parte Lucas tratava os seus collegas á lei da grandeza e os banqueteava com magnificencia. Infelizmente, de volta á Leyden, sentindo-se doente, cahiu de cama, onde permaneceu quasi sempre durante os seis ultimos annos da sua vida. Para mais amesquinhar o nosso artista e aggravar-lhe a molestia, apoderou-se-lhe da mente a ideia de ter sido durante a viagem envenenado por algum official do

mesmo officio, invejoso da sua bôa nomeada e do seu luxo. Tal suspeita de envenenamento não tem razão de ser; para explicar sufficientemente a doença do grande artista bastam a sua constituição debil e cachetica e o excesso com que se dava ao trabalho. Apesar de já se não levantar da cama, Lucas de Hollanda não deixava de trabalhar em pintura e em gravura; diz-se até que, momentos antes de fallecer, estava occupado em gravar a estampa que representa Pallas (n.º 139 de B.), a qual, depois da sua morte, foi encontrada, não acabada, no leito.

Casara-se Lucas de Hollanda com uma moça nobre da familia Boschhuysen, de quem houve uma filha. Teve esta um filho, que veio ao mundo nove dias antes da morte do avô materno; d'este tomou a criança o nome de Lucas e do pae o patronimico de Damissen (C. Blanc, *Histoire des Peintres*, Ecole hollandaise, 1, Lucas de Leyde, pag. 10).

Alberto Durero e Lucas de Hollanda foram emulos cavalheirosos e não rivaes invejosos; esta emulação tornou-se com o tempo e o trato commum em fraternal amizade, que só a morte poude acabar.

Lucas de Hollanda falleceu na cidade natal em 1633, aos 39 annos de idade.

Pintor com razão muito estimado, Lucas de Hollanda o é ainda mais como gravador. A elle deve a arte da gravura um dos seus progressos mais essenciaes, o claro-escuro, ulteriormente tão aperfeiçoado na Hollanda; de feito, foi elle quem primeiro teve a ideia de enfraquecer as côres para representar as distancias.

Lucas de Hollanda abria as suas chapas com talho fino e delicado, do que resultava que ellas não resistiam a muitas tiragens; além d'isto o cuidado que punha o artista em que as suas estampas sahisses á luz nitidamente impressas e perfectas, fazia com que inutilizasse todas aquellas em que havia a menor mancha ou defeito. São estas duas circumstancias a causa da raridade das estampas do grande mestre: já na sua vida eram ellas muito procuradas pelos artistas e amadores e pagas por preços elevados, e com o andar dos tempos tem-se tornado cada vez mais raras e caras.

Passa por certo que as xylographias descriptas na obra gravada de Lucas de Hollanda são desenhadas por elle nas chapas de madeira e abertas por um habil gravador, mas não pelo proprio Lucas.

A Paixão de Jesus Christo.

Serie de 14 estampas, descriptas por Bartsch sob os n.ºs 43 - 56 (VII, 362 - 369), da qual a Bibliotheca Nacional só possui a que expõe.

N.º 134. — Jesus Christo ultrajado no pretorio.

Seis figuras : Jesus Christo, de perfil para a direita, sentado debaixo de uma abobada, de olhos vendados, com as mãos cruzadas sobre os joelhos, é escarnecido pelos Judeus de modos differentes.

Em cima, para a esquerda, occorre a letra **L**, como no n.º 37 da Taboa dos monogr., e em baixo, no meio, a data, 1521.

Altura, 116 millimetros ; largura, 75 millimetros.

N.º 47 de B.

Bellissima e muito rara.

Da Real Bibliotheca.

N.º 135. — A Magdalena entregue aos prazeres mundanos ; estampa geralmente conhecida entre os iconophilos pela denominação de *Dansa da Magdalena*.

Quatro anjos, grande numero de figuras, cães, cavallos e um veado, em uma rica paizagem. No 1.º plano : quasi no meio da estampa, a Magdalena com a cabeça circulada por um grande resplendor, conduzida por um homem que lhe dá a mão, dirige os passos para a direita, dansando ao som de uma flauta e de um tamboril, tocados por dois homens, que estão perto de uma grande arvore, á direita ; muitos outros grupos de homens e mulheres, em differentes posições, vêem-se espalhados por toda a parte. No 2.º plano : a Magdalena a cavallo, e outras figuras a pé e montadas, correndo um veado, acossado por cães ; e perto do cume de um alto rochedo, no fundo, a alma da Magdalena levada ao ceo por quatro anjos.

Em um cartaz, em baixo, no meio, lê-se : a data, 1519, e a letra **L**, como na Taboa dos monog., n.º 37.

Altura, 289 millimetros ; largura, 396 millimetros.

N.º 122 de B. (VII, 402).

Bellissima estampa, hoje muito rara, e uma das melhores que o Mestre gravou na pujança do seu talento. Um bello exemplar d'esta gravura custou, na venda da Collecção Galichon, 8,500 francos.

Da Real Bibliotheca.

N.º 136. — Marte e Venus.

Á esquerda: Venus, de frente, sentada, com o cotovello direito sobre um pedestal, e a cabeça apoiada na mão direita, achega para si o Amor, que se vê, em pé, a seu lado, e volta um pouco o rosto para a direita, olhando para Marte, que, sentado, tem a seus pés o seu escudo e capacete, e segura com a mão esquerda um espadão, cuja ponta descança no chão.

Em cima, á direita: a data, 1530, e por baixo a letra **L**, como no n.º 37 da Taboa dos monogr.

Altura, 184 millímetros; largura, 243 millímetros.

N.º 137 de B. (VII, 411).

Estampa rara; e uma das mais bem gravadas por Lucas de Hollanda, segundo Bartsch.

Da Real Bibliotheca.

N.º 137. — Os musicos.

Á esquerda, um homem sentado, temperando as cordas de uma guitarra, para afinar-a pelo tom da rabeca de uma mulher, que se vê, tambem sentada, á direita e um pouco para traz.

Esta estampa é exposta, apesar de mutilada, por ser uma das que Lucas melhor gravou. Faltam nella a data, 1524, em cima, á direita; e a letra **L**, escripta ás avessas, em cima, no mcio.

Dimensões da estampa no estado actual:

Altura, 106 millímetros; largura, 73 millímetros.

N.º 155 de B. (VII, 421); N.º 73 de Huber & Rost (v, 58).

Da Real Bibliotheca.

N.º 138. — Retrato de um moço.

A meio corpo, de tres quartos para a direita, com um chapéu ornado de grandes plumas na cabeça, apontando com a mão direita para uma caveira que tem na esquerda, meio occulta no regaço do gibão. A estampa exposta, provavelmente por mutilada, não apresenta a lettra **L**, em baixo, á esquerda, de que falla Bartsch, o qual diz que a chapa parece ter sido gravada em 1519.

Dimensões da folha no estado actual:

Altura, 183 millimetros; largura, em cima, 116 millimetros; largura, em baixo, 122 millimetros.

N.º 174 de B. (VII, 433).

Este retrato tem passado pelo de Lucas; entretanto B., *loco citato*, e Huber & Rost, n.º 3, á pag. 61 do v, não concordam com esta opinião.

Da Real Bibliotheca.

CORT (CORNELIO)

Cornelio Cort, desenhador e gravador a buril, nasceu em Horn, na Hollanda, em 1536.

Presume-se que fôra discipulo de Jeronymo Cock, para cuja casa de negocio abriu muitas chapas, todas subscriptas com o nome do mestre.

Cort já era vantajosamente conhecido pelas suas boas estampas, gravadas segundo pintores hollandezes e flamengos, quando deliberou passar-se á Italia. Em Veneza travou relações com Ticiano, o qual lhe deu gasalhado em sua casa e o fez gravar algumas das suas mais bellas composições. Depois de longa estada em Veneza, mudou-se para Roma, onde continuou sempre a trabalhar como gravador, e estabeleceu uma escola de gravura, da qual sahiu, entre outros, o celebre Agostinho Carracci.

No principio Cornelio Cort gravava estampas de pequenas dimensões; depois publicou-as de maiores formatos.

As suas gravuras, principalmente as que executou em Roma, são muito apreciadas pela correcção do desenho, pela maneira espirituosa e pelo bom gosto com que são abertas.

Cornelio Cort falleceu em Roma em 1578.

N.º 139. — S. Jeronymo no deserto, lendo um livro, segundo Ticiano.

Em uma rica paizagem, S. Jeronymo, de frente, sentado sobre uma pequena eminencia, tendo o rosto apoiado na mão direita, segura com a esquerda um livro, aberto sobre as coxas, em que lê; á direita do Santo, um livro fechado e uma ampolheta; perto do canto inferior direito da estampa, uma caveira; finalmente, á esquerda, um leão sahindo de uma caverna.

Em baixo, á direita, lê-se: « 1.º, « *Titianus Iētor* »; 2.º, « *Cornelio cort fe. Cum privilegio, 1565* ».

Altura, á esquerda, 290 millímetros; á direita, 297 millímetros; largura, em cima, 262 millímetros; em baixo, 254 millímetros.

N.º 106 de L.B. (II, 53).

Da Real Bibliotheca.

PASSEU Senior (CRISPIM)



N.º 24.

Não estão de accôrdo os biographos a respeito do lugar do nascimento de Crispim Passeu Senior: affirmam uns ter sido Colonia, outros Utrecht e finalmente outros Harmuyde, na Zelandia; á vista porém do dizer que occorre na folha de titulo das *Metamorphoses de Ovidio*, edição de Paris, 1602 (N.º 2 de Nagler, *Lexicon*, x, 565), « ...édit. per C. Passæum Zeeland. calcogr... », parece que a patria do artista é antes Harmuyde, na Zelandia, do que Colonia ou Utrecht.

Huber & Rost dizem que C. Passeu Senior nascêra em 1536, Le Blanc em 1540 e Bryan dá o anno de 1560 como a data provavel do seu nascimento.

C. Passeu Senior aprendeu o desenho e a gravura com Theodoro Coornhaert; travando depois relações com Martim Freminet, P. P. Rubens, Abrahão Moreelze e Vander Burg, teve occasião de estudar as obras d'estes mestres, o que muito concorreu para que fizesse grandes progressos na sua arte.

Viveu e trabalhou em Amsterdão, em Colonia e em varias cidades de Inglaterra e de França, principalmente em

Londres e em Paris; foi porém em Utrecht que passou a maior parte da vida.

Le Blanc affirma que C. Passeu Senior falleceu em Utrecht em 1629; outros biographos dizem que se não sabe ao certo a data da sua morte, sendo entretanto fóra de duvida que chegou á idade muito propecta (mais de oitenta annos).

A sua obra, muito numerosa, é executada com nitidez, mas de maneira por vezes um tanto dura.

C. Passeu Senior gravou não sómente segundo os proprios desenhos, como tambem segundo varios mestres; os seus retratos têm em geral muito merecimento e são estimados.

É difficillimo distinguir as estampas de C. Passeu Senior das de seu filho de igual nome, porque ambos gravavam da mesma maneira e usavam do mesmo monogramma.

N.º 140 — Retrato de Americo Vesputio; em um oval, inscripto em um parallelogrammo, ao alto.

Em busto, de perfil para a direita, tendo na cabeça uma gorra e aos hombros um manto. Nos quattros cantos vêem-se: um papagaio; um arco e flechas em uma aljava; duas ancoras; a cabeça, um braço e um pé de um indio. Em volta do oval occorre: « AMERICVS VESPUTIVS FLORENTIVS. TERRÆ BRESILIANÆ INVENTOR ET SUBACTOR. ✠ »; e por baixo do busto, em uma taboa: « NIL INTENTA - / TVM », e o monogramma n.º 24.

Em uma margem, por baixo do oval, lêem-se 6 versos hexametros latinos: « *Dignus ego ante alios... pars Orbis America dicta.* »; e o numero = 9 = no canto inferior direito. Sem data.

Altura, com a margem, 130 millimetros; altura, sem a margem, 112 millimetros; largura, 93 millimetros.

N.º 17828 do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil*.

Pelo numero = 9 =, que occorre na gravura, vê-se que ella faz parte de uma serie, não descripta (?).

Estampa rara, que proveiu da Real Bibliotheca.

GOLTZIO (HENRIQUE)

HG

H. Goltzius

N.º 29 a

N.º 29 b.

Henrique Goltz ou Goltzio, pintor, desenhador e gravador a buril e em claro-escuro, nasceu em Mulbrecht, no Ducado de Juliers, em 1558 e falleceu em Harlem no 1.º de Janeiro de 1617.

Seu pae, pintor sobre vidro, ensinou-lhe o desenho e a pintura, e Theodoro Coornhaert a gravura; a sua nomeada, porém, como gravador provêm-lhe antes do proprio talento e applicação do que das lições do mestre.

Como era debil de constituição e de pouca saude, poz-se a viajar e em tão boa hora o fez que acabou por tornar-se forte e sadio. Depois de ter andado pela Allemanha e Italia, onde estudou as obras dos mais celebres mestres d'estes paizes, estabeleceu-se em Harlem em 1585. Goltzio é menos celebre como pintor do que como gravador. As suas estampas, muito numerosas (323 segundo B.), são correctamente desenhadas e gravadas ora com buril largo e afoito; ora com buril fino e cerrado, imitando a maneira de Alberto Durero e de Lucas de Hollanda, de modo a poderem ser confundidas por pessoas menos peritas em iconographia com as d'aquelles mestres. Entretanto o seu talho resente-se de certa affectação e extravagancia, e pode ser acoimado o artista de haver ignorado ou pelo menos descurado o claro-escuro. Apesar, porém, dos seus senões, as estampas de Goltzio são muito procuradas e estimadas pelos amadores e entendidos em gravura.

Goltzio formou discipulos notaveis: entre outros, Jacob Matham, seu enteado, João Müller, João Saenredam e Hermano Swanevelt, que imitaram a sua maneira de gravar.

N.º 141. — Thamar.

Quasi de frente, com a rosto a tres quartos para a esquerda, tendo os olhos velados, sentada debaixo de uma grande arvore, com a mão esquerda levantada. Embaixo, para a esquerda: « *Iudas et Tamar* | *Gene: 38.* » No fundo, á direita, vê-se Thamar em colloquios com Judas. Em uma paizagem.

Estampa circular, segundo desenho do proprio gravador, e na sua primeira maneira. Sem assignatura, nem monogramma; sem data.

Diametro da estampa, 203 millímetros.

N.º 1 de B. (III, 11).

Estampa sem margens, proveniente da Real Bibliotheca.

N.º 142. — A Sacra Familia, segundo Bartholomeu Spranger.

À esquerda, a Virgem Santissima, vista até meio corpo, de perfil para a direita, com uma pera na mão esquerda, olhando com affecto para o Menino Jesus, assentado sobre um coxim, tendo o tronco reclinado no braço de sua Mãe; à direita, S. José, quasi de perfil, olhando para os dois. Em baixo, occorre: « *B. Spranger Inuent.* », no meio; e « *H. Goltzius* (como no monogramma n.º 29 b.) *sculp.* », à direita; e na margem inferior, quatro versos latinos, em duas columnas: « *Virgo Palestinas... blanditur alumno.* », subscriptos por « *F. Estius.* » Sem data.

Altura: à direita, 270 millímetros; à esquerda, 268 millímetros; largura, 210 millímetros.

N.º 275 de B. (III, 84), o qual diz d'esta estampa: « Gravé d'une manière fort libre ».

Da Real Bibliotheca.

N.º 143. — Retrato de João Boll, pintor de Malinas.

Em busto, a tres quartos para a direita, olhando para a frente; dentro de um oval, ornado de muitos enfeites e attributos.

No oval occorre: « IOANNES BOLLIVS MECHLINIENSI... PICTOR. ÆT. LVIII. A.º CID.ID.XCIII. ~ »; e em uma peanha, por baixo do oval, seis versos latinos:

« *Celatam Vitrice effigiem... cupe mente manue.* »

O monogramma n.º 29 a. vê-se no canto inferior esquerdo.

Altura: à direita, 263 millímetros; à esquerda, 260 millímetros; largura, 179 millímetros.

N.º 161 de B. (III, 48); N.º 150 de L.B. (III, 307).

Da Real Bibliotheca.

DOLENDO (ZACHARIAS)

Zacharias Dolendo, desenhador e gravador a buril, nasceu em Leyden em 1561 (Brulliot e Le Blanc) ou em 1567 (Huber & Rost).

Foi discípulo de Jacob de Gheyn, cuja maneira imitou, burilando as suas chapas com firmeza e propriedade de execução.

A data e lugar em que falleceu são desconhecidos.

N.º 144. — A Virgem com o Menino Jesus, sentada em um throno e coroada por anjos, segundo Jacob de Gheyn.

A Virgem Santissima, de frente, assentada em um throno, segura com ambas as mãos o Menino Jesus, sentado no seu regaço, tendo na mão esquerda uma pera. A Virgem está com os olhos enlevados no filho amado, enquanto elle os tem levantados, olhando para o anjo da esquerda. No alto, dois anjos sustentam, por cima da cabeça da Virgem, uma corôa de flores.

Em baixo: á esquerda, « *I. D. Ghein Inuen.* », como no monogramma n.º 27; e á direita, « *Z. dolendo. schu.* »; e na margem inferior, dois versos latinos: « *Tu virgo... mortalibus ægris.* »

Altura, 153 millímetros; largura, 120 millímetros.

N.º 3 de Huber & Rost (v, 205); N.º 4 de L.B. (II, 135).

Bella estampa, proveniente da Real Bibliotheca.

SAENREDAM (JOÃO)

João Saenredam, desenhador, pintor e gravador a buril, era natural de Leyden, segundo Bavarel & Malpez e Joubert; Nagler, porém, no seu *Lexicon* affirma que outros com mais verdade dizem ter J. Saenredam nascido em Zaandam (tambem Saerdam ou Saanredam). A data do seu nascimento tambem varia segundo os autores: uns a dão em 1570 e outros em 1565; a inscripção, que se lê no seu tumulo, reza que elle morrêra com 42 annos de idade, e como falleceu em 1607, a data de 1565 deve ser a do seu nascimento.

Sem nunca ter tido a menor instrucção artistica, J. Saenredam já tinha dado cópia da sua vocação para as boas-artes,

desenhando a pennejado algumas aves e animaes, quando um tio seu, a quem estava confiado, resolveu dedical-o á carreira das artes.

No principio aprendeu a pintura com Jacob de Gheyn, mas depois applicou-se exclusivamente á gravura, tendo por mestre a Henrique Goltzio, a quem tomou por modelo e imitou tão perfeitamente que muitas das suas estampas podem ser confundidas com as d'este mestre.

J. Saenredam trabalhou em Amsterdão, em Leyden e em Assendelft, onde viveu por longo tempo e morreu.

J. Saenredam gravou com buril firme, facil e largo; nas estampas, segundo as proprias composições, o seu desenho é mais correcto e menos amaneirado do que nas que abriu segundo H. Goltzio e outros mestres; razão por que aquellas são mais estimadas do que estas.

A historia de Adão, segundo Abrahão Bloemaert.

Serie de seis estampas numeradas, n.^o 13-18 de B., á pp. 225-226 do III, das quaes a Bibliotheca Nacional expõe somente uma das duas que possue.

N.^o 145. — Adão e Eva expulsos do paraiso terrestre, depois da sua desobediencia.

Duas figuras, um anjo, a serpente e uma lebre.

No alto da estampa, á esquerda, o anjo, armado de uma espada chammejante, expelle do paraiso os dois peccadores; Eva, em pé, de frente, com as mãos postas e os olhos voltados para o anjo, como quem lhe dirige uma supplica, e Adão, de costas, ajoelhado, segurando-a pelo pé direito e com o braço esquerdo extendido, tentando retel-a. Em baixo, á direita: « *A. Bloemaert inuen. | J. Saenredam sculps. 4.* »; e na margem inferior quatro versos latinos, em duas columnas: « *Reddita lux oculis;... defendat vindice siluas.* » Sem data.

Altura, 260 millimetros; largura, 194 millimetros.

N.^o 16, 4 de B. (III, 225).

Da Real Bibliotheca.

Jupiter, Neptuno e Plutão com suas mulheres, segundo Henrique Goltzio.

Serie de tres estampas numeradas, n.^o 53-55 de B. (III, 239), das quaes a Bibliotheca Nacional só expõe a seguinte:

N.º 146. — Plutão e Proserpina.

Em uma paizagem, Plutão sentado debaixo de uma arvore, á esquerda, acariciado por Proserpina, que em pé, junto d'elle, passa-lhe o braço direito sobre os hombros. Por detraz de Plutão vêem-se duas das cabeças de Cerbero; no 2.º plano, á direita, grandes labaredas de um incendio. No canto inferior esquerdo, lê-se: « 3/H. G. (em monogramma. Vide o n.º 29 a. da Taboa dos monogr.) »; e na margem inferior, quatro versos latinos, em duas columnas: « *Persephone umbrarum... et Æacus vrna.* » Sem data.

Altura: á direita, 313 millímetros; á esquerda, 310 millímetros; largura, 215 millímetros.

N.º 55, 3 de B.

Da Real Bibliotheca.

MÜLLER (JOÃO)

João Müller, desenhador e gravador a buril, nasceu, segundo alguns, em Amsterdão.

Pouco se sabe da sua vida; elle passa por parente de Herman Müller; e a julgar pelas suas gravuras foi indubitavelmente discipulo de Henrique Goltzio. As datas extremas que se encontram nas estampas de J. Müller são: 1589 e 1625, d'onde se póde talvez inferir que nasceu cêrca do anno de 1570 e morreu pouco depois de 1625.

Bartsch descreve 88 estampas d'este gravador, dizendo ser possivel que elle tivesse aberto mais algumas, que se parecem com as suas pela maneira de gravar, as quaes, entretanto, por mediocres, são geralmente attribuidas a Herman Müller, tambem discipulo de Goltzio. Weigel (I, 145) aponta mais duas estampas não mencionadas por B.

O seguinte trecho de Levêque (*Encyclopedia methodica*, tomo I, parte II, Bellas artes, pagina 370), citado por Bartsch e por outros iconographos, aprecia magistralmente os trabalhos de João Müller:

« João Müller, hollandez, diz Levêque, é talvez o gravador que com mais afouteza manejou o buril. Merecerá sempre ser estudado pelos artistas que desejarem distinguir-se na gravura, sendo porém mister que temperem com discernimento o excesso de audacia que elle é capaz de inspirar. Ninguem nunca soube mais a fundo a arte da gravura: é

impossível abrir no cobre com mais destreza e empregar menor numero de talhos para representar os objectos. Fica-se admirado de ver com que habilidade elle obriga o mesmo talho a servir-lhe de primeiro e de segundo para fazer uma figura inteira. Raras vezes emprega terceiro talho e, quando o faz, é em alguma parte de pequena extensão que deseja sacrificar. Apesar d'esta judiciosa economia, não pôde ser acoidado de monotonia no effeito geral, nem de uniformidade na execução: todos os seus planos são artisticamente variados no trabalho e no tom. J. Müller era perito desenhador, sem o que nunca teria conseguido executar o processo de que usava; entretanto é com razão censurado por ser amaneirado nas extremidades, imitando neste particular o pintor Bartholomeu Sprangers, segundo o qual gravou muitas estampas.

Como não fazia uso de pontos para empastar e se obstinava em empregar sómente dois talhos para uma figura inteira, succedia que muitas vezes formava grupos de lisonjas em grande numero, de aspecto desagradavel, que os gravadores comparam aos do dorso da sarda ou cavalla ».

N.º 147. — O repouso no Egypto.

Em uma paisagem, a Virgem Santissima, sentada á sombra de uma grande arvore, contemplando o Menino Jesus que tem nos braços; e no 2.º plano, á direita, S. José dando a beber ao burro; &c. Por baixo dos pés da Virgem está escripto: « *Joannes Muller: fecit. 1593.* »; e na margem inferior: 1.º, os dois seguintes disticos latinos:

« *Quid mortem Infanti moliris percitus ira?
An metuis Regno, sæue Tyranne, tuo?
Falleris, ah, demens: non hæc inferna requirit,
Qui dare, quandò libet, Regna superna potest.* »

em duas colomnas; 2.º, o endereço « *Harman Mul: excud.* »

Altura, 209 millimetros; largura: (em cima) 194 millimetros; (em baixo) 197 millimetros.

N.º 6 de B. (III, 267); N.º 15 de L.B. (III, 66); N.º 6 de Nagler, *Lexicon* (IX, 569).

Da Real Bibliotheca.

MATHAM (JACOB)

Jacob Matham, desenhador e gravador a buril, nasceu em Harlem a 15 de Outubro de 1571.

Henrique Goltzio, seu padraço, ensinou-lhe o desenho e a gravura, fazendo d'elle um habil artista.

Em 1593 (Larousse) foi J. Matham para a Italia e ali passou alguns annos, principalmente em Roma, onde abriu muitas estampas segundo os grandes pintores italianos; depois tornou á patria, e ali continuou a gravar segundo os mais babeis pintores dos Paizes-baixos.

J. Matham manejava o buril com grande desembaraço; muitas das suas estampas parecem-se de tal modo com as de seu mestre, que podem ser-lhe attribuidas por pessoas menos entendidas ou mal precatadas.

Falleceu em Harlem a 20 de Janeiro de 1631.

N.º 148. — *Noli me tangere*, segundo Henrique Goltzio.

Em uma paizagem: á direita, Jesus Christo, depois de sua resurreição, apparece, sob a figura de jardineiro, á Magdalena, que ajoelhada defronte d'elle, de perfil para a direita, com a mão direita ao peito, dá mostras de grande admiração.

Em baixo lê-se: « *Cum privil. Sa. Cæ. M. H Goltzius* (como no monogramma n.º 29 b. da Taboa dos monogr.) *Inue. J. Maetham sculp. et excud. | Anno. 1602.* »; e na margem inferior:

« *Odit amor latebras, dilectum quæris IESVM?
Quem tibi fles raptum, Magdali, vivus adest.
Vivus adest, domitor Mortis, Stygyque tyranni:
Quo redivivo hominum vita renata fuit.* »

em duas columnas, com o monogramma n.º 35 em seguimento á palavra *fuit*.

Altura, 258 millímetros; largura, 188 millímetros.

N.º 103 de B. (III, 159).

Da Real Bibliotheca.

DELFF (GUILHERME JACOBSZ)

Guilherme Jacobsz Delft, Delff ou Delphio (Wilhelmus Jacobi Delphius), pintor e gravador a buril, nasceu em Delft em 1580 e falleceu na mesma cidade em 1638.

G. J. Delphio era o terceiro filho de Jacob de Delft, bom pintor de retratos. Com seu pae aprendeu os rudimentos da pintura e terminou a sua educação artistica com Miguel Mirevelt, cuja filha depois desposou.

O seu parentesco e a convivencia com este levaram G. J. Delphio a dedicar-se em pintura mais particularmente ao genero *retratos*; entretanto, ainda que seja tido em conta de bom pintor, é muito mais conhecido e estimado como gravador.

As suas estampas, desenhadas com muita correcção, são abertas com buril fácil, nitido e expressivo.

G. J. Delphio teve um filho, Jacob Wilhelmsz Delff (Jacobus Wilhelmi Delphius), que não deve ser confundido com seu pae.

N.º 149. — Retrato de Miguel Mirevelt, pintor;
segundo Antonio Van Dyck.

A meio corpo, quasi de perfil para a direita, olhando para a frente, embuçado em uma capa, e tendo na mão direita as luvas descalças. Á direita, sobre uma mesa, uma palheta, pinceis e um tento.

Na margem interior lê-se: 1.º, « MICHAEL MIREVELT, / ICONVM PICTOR IN HOLLANDIA. »; 2.º, « *Ant. van Dyck pinxit* / *Wilhelm. Jac. Delphius sculpsit.* », á esquerda; « *cum privilegio* », á direita. Sem data.

Altura, 234 millimetros; largura, 188 millimetros.

N.º 17, 4.º estado, de Andresen (1, 341).

A estampa faz parte da collecção dos *Cem retratos* de A. Van Dyck.

Da Real Bibliotheca.

VISSCHER (NICOLAU ENNES)

Visscher Feit

N.º 22.

O nome d'este artista não é João Nicolau Visscher, (Br., I, n.ºs 1344 a, e 1494; II, n.º 1397), nem tão pouco Nicolau João Visscher (Bryan; e Huber & Rost, v, 394), e sim Nicolau Ennes Visscher, que é a tradução portugueza do nome com que o proprio gravador se assignava: *Claes Jansz: Visscher* (estampa n.º 17417 do *C. E. H.*) e *Nicolaus Joannis Piscator* ou *Visscherus* (estampas: 17423 do *C. E. H.* e n.ºs 26-29 de Nagler, *Lexicon*, xx, pag. 421); Nagler, *Lexicon*, xx, 418 e 419, discute com proficiencia este assumpto e distingue Nicolau Ennes Visscher de seu pae João Nicolau Visscher (nascido em 1550? e fallecido em 1612?), gravador e mercador de estampas em Amsterdão, de seu filho Nicolau Visscher e de seu neto, filho d'este, tambem de nome Nicolau Visscher.

Nicolau Ennes Visscher, desenhador, gravador á agua-forte, editor e mercador de estampas, nascido em Amsterdão, cêrca do anno de 1580 (Huber & Rost), era provavelmente parente de Cornelio Visscher e João Visscher, tambem gravadores.

Nicolau Ennes Visscher no principio da sua vida de artista trabalhou nas casas de Jodoco Hondio e de Guilherme Blaeu, editores e gravadores, abrindo cartas geographicas; mas depois o fez por conta propria.

Herdando (em 1612?) a officina e casa de negocio de seu pae, Nicolau Ennes Visscher continuou a dedicar-se ao officio de gravador e manteve o commercio de estampas até á sua morte, que se suppõe ter occorrido cêrca do anno de 1660.

Da obra de Nicolau Ennes Visscher, Nagler, *Lexicon*, menciona 42 numeros, dos quaes uns dizem respeito a series e outros a estampas avulsas. A Bibliotheca Nacional possui outras estampas que não as apontadas por Nagler.

N.º 150. — Um rapaz tirando passarinhos de um ninho, segundo David Vinckebooms.

Em uma paisagem, com duas grandes arvores no meio, um rapaz, trepado em uma das arvores, tira do ninho um

passarinho para o reunir a dois outros, que já estão recolhidos no seu chapéu, e para os quaes olha com interesse.

À esquerda, no chão, vêem-se, olhando boquiabertos para o rapaz, tres camponios, dos quaes o da direita tem as mãos apoiadas na arvore, em que está o ninho, e o da esquerda faz com uma das mãos um gesto para o rapaz, enquanto mette a outra na patrona do camponez do meio, como que tirando d'ella alguma cousa.

Em baixo: « *C. I. Visscher Fecit* » (como no monogramma n.º 22 da Taboa), á direita; e « *D. V. B.* (como no monogramma n.º 16 da Taboa) *inventor* », á esquerda. Sem data.

Altura, 200 millimetros; largura, 146 millimetros.

Estampa não descripta (?) e rara.

A gravura exposta tem as margens mutiladas e pertenceu á Real Bibliotheca.

MATHAM (THEODORO)

Theodoro (ou Dirk, em hollandez) Matham, pintor e gravador a buril, filho de Jacob Matham, nasceu em Harlem em 1589 (Nagler, *Lexicon*, e L.B.), ou em 1598 (Siret), ou em 1600 (Bryan).

Teve por primeiro mestre a seu pae; mas, depois de haver trabalhado por algum tempo na cidade natal, foi-se á Italia e entrou para a escola de gravura de Cornelio Bloemaert, em Roma, afim de aperfeiçoar-se nesta arte. Em Roma gravou, conjunctamente com o dito Bloemaert, Persyn, Nathalis e outros, as estatuas do palacio Giustiniani. De volta á patria abriu muitas estampas sobre differentes assumptos, sobretudo retratos.

Na gravura das suas chapas T. Matham empregava ordinariamente o buril, muitas vezes, porém, usava simultaneamente d'este instrumento e da ponta.

Segundo Terwesten, citado por Siret, foi T. Matham um dos fundadores da sociedade, dita *Pictura*, de Haya.

Siret affirma que T. Matham fallecêra nesta cidade no anno de 1660; mas á vista da estampa gravada por este artista, *Titulo allegorico do Virgilio de J. v. Vondel, 1666*, descripta sob n.º 17 por Nagler, *Lexicon* (VIII, 430), aquella data parece insustentavel. O mesmo Nagler diz que o anno da morte de T. Matham é inteiramente desconhecido; entretanto Larousse o dá como fallecido em 1677.

N.º 151. — Retrato de Gaspar Barlaeus, segundo Jacob von Sandrart.

A tres quartos para a direita, e a meio corpo, de beca e capa, com grande collarinho virado, apontando com a mão direita para um livro fechado que tem na esquerda; no 2.º plano, á direita, outros livros e um busto de Hippocrates.

Na margem inferior lê-se :

1.º, « CASPAR BARLEVS MED. D. PHILOS. IN ILL. AMSTELOD. GYMNASIO PROFESSOR. » ;

2.º, quatro dísticos latinos, em duas columnas, « *Hic vir hic est... nemo cohorte potest.* », subscriptos por « Art. Ions-tonus Med. Regius. » ;

3.º, da esquerda para a direita :

« I. Sandrart Delineavit » ; — « *Theod. Matham Sculp.* » ; e « *C. Dankerts excudit.* » Sem data.

Altura, 237 millímetros ; largura, 187 millímetros.

N.º 23 de L.B. (II, 621) ; N.º 17666 do *Catalogo da Ex-posição de Historia do Brazil.*

Comprada em Hollanda no tempo da administração do ex-Bibliothecario, Sñr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

VOERST (ROBERTO VAN DER)

Roberto van der Voerst, desenhador e gravador a buril, nasceu em Arnheim em 1596, segundo uns, ou em 1610, segundo outros, e morreu em Londres em 1669 (Andresen).

Sendo ainda moço, passou-se á Inglaterra e trabalhou por muitos annos em Londres, principalmente em retratos. Das estampas que ali gravou a mais recente tem a data de 1635.

R. van der Voerst foi gravador distincto pelo seu talento e um dos mais felizes imitadores de Egidio Sadeler, como o prova grande numero dos seus retratos, executados magistralmente, sobretudo no tocante á expressão do colorido e das physionomias.

Segundo van der Dort, R. van der Voerst foi gravador do Rei de Inglaterra Carlos I.

N.º 152. — Retrato de Roberto van der Voerst, segundo Antonio Van Dyck.

A meio corpo, de tres quartos para a esquerda, com um rôlo de papel na mão esquerda.

Na margem inferior occorre: 1.º, « ROBERTVS VAN VOERST, / CALCOGRAPHVS LONDINI. »; 2.º, « *Ant. van Dyck pinxit | R. V. Vorst sculp.* », á esquerda; « *cum priuilegio* », á direita. Sem data.

Altura, 216 millimetros; largura, 164 millimetros.

N.º 1 de Nagler, *Lexicon* (XX, 473).

Pertence esta estampa á Collecção dos *Cem retratos* de A. Van Dyck.

Da Real Bibliotheca.

GERRITZ (HESSEL)

Hessel Gerritz é um gravador em metal, de cuja vida nada se sabe. Nagler, *Lexicon*, v, pag. 116, diz que elle e Henrique Gerrez, pintor de origem indiana, de quem trata na mesma pagina, são provavelmente uma e a mesma pessoa. Viveu em Amsterdão no começo do XVII seculo.

N.º 153. — Retrato de Pieter (Pedro) Pieterzen (Pires) Heyn.

Em busto, a tres quartos para a esquerda, vestido de armadura, com um medalhão pendente de uma corrente de muitas voltas, a tiracollo; dentro de um oval, inscripto em um parallelogrammo. No oval occorre: « PIETER PIETERSZ. HEYN, GHEBORN VAN DELFSHAVEN ». Por baixo da gravura lêem-se tres disticos latinos e seis versos holandezes (traducção dos latinos), dentro de uma tarjeta, tudo impresso com caracteres typographicos:

« *Talis es Auriferas primus spoliare Carinas
Ausus, & Hesperio ponere frena mari,
Frustraque Sacratos bis sternere victor Iberos,
Cum tua Brasilidum Pantheon arma domant;
Fulgur & attoniti, Heiniadi, tu flamma Philippi,
Hunniadae, tanti nominis, omen habes.* »;

e em seguida os versos holandeses :

« *De blixem, die het... den doodsteek wech.* »

Sem data.

Dimensões da gravura : altura, 127 millímetros ; largura, 99 millímetros.

Dimensões da composição typographica : altura, 105 millímetros ; largura, 162 millímetros.

N.º 17722 do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil.*

Muito rara. Comprada em Hollanda durante a administração do ex-Bibliothecario, Sñr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

HONDIO (GUILHERME)

Guilherme Hondt ou Hondio, desenhador e gravador a buril, nasceu em Haya pelo anno de 1600 (Huber & Rost) ou em 1601 (Brulliot).

Com seu pae, Henrique Hondio Junior, aprendeu o desenho e a gravura. Trabalhou por algum tempo na cidade natal e depois em Dantzig ; e foi um dos mais distinctos artistas empregados por Van Dyck em gravar a sua serie de retratos.

As estampas de Hondio são abertas com muito gosto e perfeição.

N.º 154. — Retrato de Henrique Cornelio Lonck, segundo Isaac Mytens.

Em busto, a tres quartos para a direita, olhando para a frente, com uma grande medalha pendente de uma corrente em muitas voltas, a tiracollo ; dentro de um oval inscripto em um parallelogrammo.

No oval occorre : « VOOR GODES EERE T'VADERLANTS VRIJHEIT. » e « ÆTAT. 62. » ; e na margem inferior : 1.º, « MAGNANIMUS VIR, D. HENRICUS CORNELIUS LONGKIUS, / ROSEN-DALIENSIS BRABANTUS, SOCIETATIS INDIE OCCIDENTALIS, / PERMISSÆ, A PROVINCIIS CONFOEDERATIS, PRÆFECTUS CLASSIS STRENUISSIMUS. » ; 2.º, « *Isaacq. Mytens pinxit. Wilhelmus Hondius sculpsit. Hagæ-Comit. Cum privil. Illust: D. D. Ord. Gener. foed. Belg. | CIQ. IQ. CXXX.* »

Altura, 369 millímetros ; largura, 287 millímetros.

N.º 9 de Andresen (I, 691); N.º 7 de Nagler, *Lexicon* (VI, 283); N.º 17747 do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil*.

Estampa bellissima e muito rara, que faz *pendant* ao retrato de Theodoro de Weerdenburg pelo mesmo gravador (n.º 155 d'este Catalogo). Comprada em Hollanda durante a administração do ex-Bibliothecario, Sñr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

N.º 155. — Retrato de Theodoro Weerdenburg.

Em busto, a tres quartos para a direita, olhando para a frente; dentro de um oval inscripto em um parallelogrammo. No oval occorre: « PRO PATRIA AC BONA CAUSA: »; e na margem inferior: 1.º, « NOBILISSIMO AC MAGNANISSIMO THEODORO AB WEERDENBURGIO, / DOMINO A LENT TRIBUNO LEGIONUM SOCIETATIS INDLÆ OCCIDENTALIS / PERMISSÆ, VICTORI AC GUBERNATORI PERNAMBUCI OMNIUMQUE CASTELLORUM / EIUS, ET CONSILIARIO IBI EIUSDEM SOCIETATIS PRIMO. »; 2.º, « Hanc effigiem dedicatam. Schulptore Guilliemo Hondio. *Cum privilegio Illust: D.D. Ord: General: foed: Belg: etc.* | CLOCC.XXXI. »

Altura, 369 millimetros; largura, 289 millimetros.

N.º 6 de Andresen (I, 691); N.º 6 de Nagler, *Lexicon* (VI, 283); N.º 17843 do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil*.

Bellissima e mui rara estampa, fazendo *pendant* ao retrato de Henrique Cornelio Lonck pelo mesmo gravador (n.º 154 do presente Catalogo).

Foi adquirida por compra feita em Hollanda no tempo do ex-Bibliothecario, Sñr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

SWANEVELT (HERMANO)

Hermano Swanevelt, dito *Hermano de Italia*, pintor e gravador á agua-forte, nasceu em Voerden, na Hollanda.

A data do seu nascimento varia segundo os autores: 1618 (Zani, citado por Bryan), 1620 (Andresen, Huber & Rost), e 1626? (Andresen); entretanto C. Blanc (*Histoire des peintres, École hollandaise, Herman Swanevelt*, pag. 2),

fundando-se no testemunho de João Baptista Passeri, coevo e conhecido de H. Swanevelt, o dá como provavelmente nascido em 1600.

Não se sabe ao certo quem foi o primeiro mestre de H. Swanevelt, ainda que geralmente se diga que fôra Gerardo Dow; C. Blanc (*opere citato*) acha pouco fundamento nesta asserção, visto como G. Dow era 10 a 12 annos mais moço que H. Swanevelt.

Ainda muito novo, H. Swanevelt mudou-se para Roma, sendo porém artista já feito, e tomou por mestre nesta cidade a Claudio Geleu, dito o *Loreno*, que lhe serviu de modelo nas suas composições. Não contente com as lições d'este grande mestre, poz-se a estudar a natureza e o antigo, fazendo frequentes excursões pela campanha de Roma, onde são tão abundantes assumptos d'este ultimo genero. De taes excursões, da sua assiduidade ao trabalho e da vida retirada e solitaria que levava proveiu-lhe o cognome de *ermitão* e o grande apreço que tiveram as suas obras, ainda na sua vida.

H. Swanevelt gravava de uma maneira que lhe era propria, maneira que se não póde confundir com a de Goyrand, que abriu chapas segundo os seus desenhos (Bartsch). As suas estampas, em numero de 116, representando paizagens, são perfeitissimas e por isso muito estimadas e procuradas pelos entendidos e amadores.

Falleceu em Roma em 1655 (C. Blanc, *opere citato*), e não em 1690, como é opinião corrente.

N.º 156. — A montanha; paizagem.

Á direita, uma alta montanha coberta de vegetação, cortada obliquamente por um caminho, onde se vê, á meia altura, á direita, um homem tocando um burro carregado, e mais para baixo, á esquerda, cinco outros viandantes. O sopé da montanha é banhado por um riacho, que, no 1.º plano, á direita, fórma uma cascatinha. Neste mesmo plano, á esquerda, um homem, com as duas mãos arrimadas a seu bastão, escuta a outro, que, tendo tambem um bastão na mão direita, aponta com a esquerda para o lado da montanha. Na margem inferior lê-se: « *Herman van Suanevelt Inventor fecit et excudit* », á esquerda; e « *cum privilegio Regis.* », á direita. Sem data.

Altura, 295 millímetros; largura, em cima, 237 millímetros; largura, em baixo, 239 millímetros.

Esta bella estampa, n.º 113, 1.º estado, de B., pertence a uma serie, de quatro, por elle descripta sob n.ºs 112-115 (11, 316-319), da qual a Bibliotheca Nacional possui a exposta e outra (n.º 112 de B.). Ch. Blanc (*École hollandaise*, 1) descreve esta estampa sob n.º 80, com a denominação de *Cascatinha*, e d'ella dá uma copia em xylographia.

Da Real Bibliotheca.

BLOEMAERT (CORNELIO)

Cornelio Bloemaert, pintor, desenhador e gravador á agua-forte e a buril, nasceu em Utrecht em 1603.

Aprendeu com seu pae, Abrahão Bloemaert, os elementos do desenho e da pintura. Dedicou-se a esta por algum tempo, mas desamparou-a por fim para applicar-se tão sómente á gravura, tendo por mestre nesta arte Crispim Passeu, a quem em muito sobrepujou.

Em 1630 foi a Paris, onde trabalhou; merecendo especial menção entre as estampas que ali gravou a serie de 59 folhas (N.ºs 90-148 de L.B.) abertas para a obra *O Templo das Musas*. De Paris passou-se C. Bloemaert á Roma e ahi fixou a sua residencia até morrer (1680).

Watelet, citado por Huber & Rost, fazendo longa apreciação da maneira de gravar de C. Bloemaert, diz que seria tão injusto recusar alta estimação ás suas obras, quanto perigoso imital-as sem intelligencia. A maneira de C. Bloemaert teve muita acceitação em Paris; tambem os gravadores francezes Carlos Audran, Estevão Baudet, Estevão Picart, dito o *Romano*, Guilherme Vallet e Francisco Poilly são considerados como seus discipulos ou imitadores.

A obra de C. Bloemaert, descripta por Le Blanc, consta de 321 n.ºs.

N.º 157.— A Virgem Santissima, o Menino Jesus e S. João com um cartaz na mão, segundo Ticiano.

A Virgem, vista até aos joelhos, a tres quartos para a esquerda, sentada, sustenta com as duas mãos a seu Filho, que em pé, um pouco voltado para ella, a contempla com enlevo, tendo na mão esquerda uma maçã; á direita, S. João,

a meio corpo e de perfil, apresenta, com a mão esquerda, ao Menino Jesus um cartaz alongado, em que se lê: « ECCE AGNVS DEI »; e em torno da Virgem, dezeseis cherubins.

Na margem inferior occorrem : 1.º, a dedicatória :

ILL.^{MO} DÑO MARCH.^{NI} (Brazão) VINCENTIO IVSTINIANO
Cornelio Bloemaert (D.D. et sculpsit. Romæ. »;

2.º, « Titianus pinxit. », á esquerda; « Cum priuil : S. C. Maj.^{tiis} et Regis Christ.^{mi} », no meio; e « Superiorũ licentia. », á direita. Sem data.

Altura, 259 millímetros ; largura, 215 millímetros.

N.º 24 de L.B. (I, 374).

As margens da estampa, excepto a inferior, essa mesma um pouco mutilada, foram cortadas.

Da Real Bibliotheca.

N.º 158. — S. Lucas pintando o retrato da Virgem Santissima, segundo Raphael.

Quatro figuras e um boi : S. Lucas, sentado, a tres quartos para a esquerda, pinta em uma tela o retrato da Virgem, que está entre nuvens, á esquerda, a meio corpo, com o Menino Jesus nos braços, servindo de modelo; por detraz do Santo, o boi e um mancebo em pé.

Na margem inferior, lêem-se : 1.º, dois disticos latinos, em duas columnas, « Quid tabula Luca... pingere jussit amor. »; 2.º, « S. Lucæ Evangelistæ imaginem a Raphaele Sanctio olim depinctam et Academiae Pictorum dono datam | Cornelius Bloemaert æri incidit Romæ Superiorũ licentia cū priuil. S. C. Maj.^{tiis} et Regis Christ.^{mi} »; 3.º, no canto inferior direito, o endereço, « Io. Iacobus de Rubeis formis Romæ | ad Templum S. M.^æ de Pace. cū P. S. P. ». Sem data.

Altura, 365 millímetros ; largura, 259 millímetros.

N.º 52 de L.B. (I, 375).

Este autor assevera, firmando-se em uma nota de Mariette, que o mancebo que se vê por detraz de S. Lucas é o retrato de Raphael.

Da Real Bibliotheca.

BRONCHORST (JOÃO GERRITZ VAN)

João Gerritsz van Bronchorst, pintor e gravador á agua-forte, nasceu em Utrecht em 1603.

Aos doze annos de idade começou a aprender a pintura sobre vidro com João ver Burg.

Em 1620 poz-se a viajar: em Arras trabalhou na casa de Pedro Mathys, e em Paris na de Camus, tambem pintores sobre vidro. De volta á patria, em consequencia da amizade que travou com o pintor Cornelio Poelenburg, inclinou-se á pintura a oleo, e de 1637 em diante dedicou-se exclusivamente a ella, dando de mão á sua antiga arte.

As estampas de Bronchorst, gravadas á agua-forte e reto-cadas a buril, são em geral bem acabadas.

Falleceu em 1659 (Andresen) ou em 1680 (L.B).

N.º 159. — Retrato de João de Laet.

A meio corpo, de frente, com barba e bigodes, trajando gibão, collarinho revirado e capa e pousando a mão esquerda sobre um livro aberto em cima de uma mesa. No fundo, uma cortina tomada, deixando ver uma livraria. Em baixo, á direita, « *I. v. Bronchorst fecit.* »; e na margem inferior, « IOANNES DE LAET ANTWERPIANUS. | Anno. Ætatis. lx. ciii. cxxlii. »

Altura, 204 millimetros; largura, 176 millimetros.

N.º 7 de Andresen (I, 190), 1.º estado, a saber: com o nome de João de Laet... &, mas sem os 16 versos na margem inferior.

N.º 9, 1.º estado, de B. (IV, 61).

N.º 17737 do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil.*

Comprada em Hollanda sob a administração do ex-Bibliothecario, Sñr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

REMBRANDT (HARMENSZ VAN RYN)

Filho de um moleiro, Harmen (Hermano) Gerretsz, cognominado *van Ryn*, por ter o seu moinho sito á margem de um canal do Rheno na cidade de Leyden, perto da Porta Branca (*Wittepoort*), segundo C. Blanc (*École hollandaise*, 1,

Rembrandt, pag. 2), e não entre as villas de Leyerdorp e Koukerck, nasceu Rembrandt na casa paterna a 15 de Junho de 1606.

Na pia baptismal recebeu o nome de Rembrandt e de seu pae tomou o patronimico *Harmensz* e o patrio *van Ryn*; entretanto é geralmente conhecido sómente pelo nome de Rembrandt van Ryn.

Destinado á carreira das letras, começou Rembrandt a fazer os seus estudos na Universidade de Leyden; como porém já se sentia arrastado pela sua vocação para as boas-artes e lhe dava mais prazer a contemplação de uma bella estampa do que a leitura dos autores latinos, atirou para o canto todos os livros e dedicou-se inteiramente aos estudos artisticos.

Não estão de accordo os biographos de Rembrandt sobre quem fôra seu mestre: Jacob van Swanenburg, Pedro Lastman, Jacob Pinas e Jorge van Schooten são apontados como taes; seja porém como for, o que é indubitavel é que muito mais concorreram para formar o grande artista as suas felizes disposições naturaes do que as lições de todos estes mestres.

Rembrandt foi pintor e gravador á agua-forte e a buril; nos primeiros tempos da sua vida artistica trabalhou na casa paterna, tendo por modelos sómente as pessoas e as cousas que o cercavam quotidianamente; em 1630 foi-se a Amsterdão, onde estabeleceu escola de pintura e de gravura, muito frequentada, da qual sahiram notaveis discipulos.

Além de cem florins annuaes, que cada um dos seus discipulos pagava ao grande mestre pelo aprendizado, as cópias que faziam dos quadros celebres lhe pertenciam. Rembrandt as retocava ás vezes e vendia-as por conta propria como originaes; Sandrart affirma que só estas vendas rendiam ao mestre cêrca de 2500 florins por anno.

Demais, Rembrandt apurava grandes sommas na venda das suas proprias obras de pintura e de gravura, não só pelo seu merecimento intrinseco, mas tambem pelos meios artificiosos que empregava para augmentar-lhes a procura e encarecer-lhes o preço: não trabalhava á vista de testemunhas; não vendia certas obras suas a qualquer que lhe apparecesse, sem que primeiro o pretendente lhe fizesse a côrte; deu-se uma vez por morto, e depois de ter vendido a bom preço os seus trabalhos, reappareceu; fazia tiragem de algumas estampas antes de acabar as chapas, e depois de acabadas retocava-as, fazendo nellas repetidas mudanças, para de cada estado tirar uma edição; finalmente chegou ao ponto de mandar vender as suas gravuras por seu proprio filho, Tito, aconselhando-o que as fizesse passar por furtadas a elle Rembrandt. Estes embustes

deram corpo á asserção de Sandrart, geralmentt acreditada, de ter sido Rembrandt muito avaro; entretanto pondera C. Blanc (*Opere citato*) que não merece esta qualificação quem, como Rembrandt, tratava sua mulher com luxo, comprava por preços fabulosos estampas bellas ou raras, quadros de mestres antigos e objectos de arte, soffrêra penhora por dividas e morrêra afinal pobre e insolvente.

Rembrandt foi grande pintor e inimitavel gravador. As suas boas partes e os seus senões são os mesmos, tanto em pintura como em gravura: os assumptos das suas composições são ás vezes triviaes e o seu desenho incorreto; mas ninguem melhor do que elle soube ser mestre no claro-escuro, no toque e na expressão. Os rostos dos seus retratos, além da exacta parecença com os originaes, exprimem os caracteres dos retratados.

Rembrandt gravava de uma maneira livre, dextra, firme, original e propria, emfim inimitavel; as suas aguas-fortes são immortaes e têm sido vendidas por preços elevadissimos.

Rembrandt casou-se 1634 com uma rica moça de Le-waarden, a bella Saskia Uylenburg, representada com seu marido na estampa n.º 160 d'este Catalogo; d'ella teve quatro filhos, todos fallecidos antes da morte do artista.

Depois do fallecimento de Saskia, em 1642, conviveu Rembrandt maritalmente com Hendrikje Jaghers (não ha documento algum que prove o casamento dos dois), de cuja união teve um filha; e por fim casou-se com Catharina van Vijck, havendo com ella dois filhos, que lhe sobreviveram (C. Blanc, *Opere citato*).

Tendo morrido em Amsterdão, foi Rembrandt enterrado na igreja de oeste (*Westerkerk*) da mesma cidade, a 9 de Outubro de 1669.

N.º 160. — Retratos de Rembrandt e sua mulher Saskia Uylenburg.

Á direita, Rembrandt, a meio corpo de perfil para a esquerda, com o rosto de frente, de chapéu na cabeça, collarinho desabotoado, sentado defronte de uma mesa, sobre a qual descança a mão esquerda, segurando uma canneta, como quem vae desenhar; á esquerda, além da mesa, a mulher do artista, quasi de frente, com o rosto um tanto voltado para a direita, sentada. O fundo da estampa é claro. Em cima, á esquerda, lê-se: « *Rembrandt f. | 1636* ».

Altura, 104 millímetros; largura, 91 millímetros.

N.º 19 de Gersaint & Bartsch, á pag 17 do 1.

Estampa rara e bellissima, proveniente da Real Bibliotheca.

N.º 161. — Retrato de Menasse Ben Israel.

A meio corpo, de frente, com grande collarinho virado e chapéu desabado na cabeça. Á direita, á meia altura da estampa, occorre: « *Rembrandt f. | 1636* ». A gravura termina inferiormente por um traço curvo.

Dimensões da folha no seu estado actual: altura, 136 millímetros; largura, 107 millímetros.

N.º 269 de Gersaint & Bartsch, á pp. 221 - 222 do 1.

Bella e rara estampa, que foi da Real Bibliotheca.

TROYEN (JOÃO VAN)

João van Troyen, hollandez, gravador á ponta e a buril, nasceu cêrca de 1610. Gravou muitos assumptos da collecção de quadros do Archiduque Leopoldo, em Bruxellas, segundo pintores italianos.

As suas estampas são mediocres, em geral duras na maneira de gravar e muitas vezes incorrectas no desenho.

Floresceu cêrca do anno de 1650 (Bryan), e não se sabe quando morreu.

N.º 162. — Judith mettendo a cabeça de Holo- phernes em um sacco, segundo Carlos Saraceni, dito o *Veneziano*.

Duas figuras, a meio corpo: Judith, de frente, levanta com a mão direita a cabeça de Holo-phernes, para mettel-a em um sacco, que uma criada, de perfil para a esquerda, sustenta aberto, prendendo-o entre os dentes e segurando-o com ambas as mãos. A scena é illuminada por uma vela accesa que a criada tem na mão direita.

Na margem inferior lê-se: « *C. Venetiano p.* », á esquerda;

« 6 Alta. 5 Lata. », no meio ; « I. Troyen s. », á direita. Sem data.

Altura, 210 millímetros ; largura, 162 millímetros.

N.º 9 de Nagler, *Lexicon* (XIX, 135) ; N.º 266 da III parte de Brulliot.

Da Real Bibliotheca.

KITTENSTEYN (CORNELIO)

Desenhador e bom gravador a buril, trabalhou em Harlem na primeira metade do XVII seculo (Nagler, *Lexicon*, VII, 35). Segundo Andresen (I, 747), era natural de Delft e falleceu em 1671 (?).

Nada mais se sabe da vida d'este artista.

N.º 163. — Retrato de Pieter Pieterzen Heyn.

A meio corpo e a tres quartos para a esquerda ; com um medalhão pendente de uma corrente em muitas voltas, a tiracollo ; tendo na mão esquerda um bastão de mando ; dentro de um oval, onde se lê : « PETRVS HEYNIVS P. F. HEROS BATAVUS. CLASS. COLL. INDIE OCCID. PRÆFECTVS. ». Á esquerda do oval vê-se um tritão, e á direita, uma sereia, que sustentam um grande cartucho, onde estão representados tres feitos gloriosos do retratado, com os dizeres : « 1624 / S. SALVADOR », á esquerda ; « 1628 / MATANCA (*sic*) », no meio ; e « 1627 / S. SALVADOR », á direita. Em um grande cartuxo, por baixo do oval, occorrem tres disticos latinos :

« *Neptuni Batavi simul hæc est Martis imago,*
HEYNIADES Zischâ major et Hunniade.
Succubuit bis Baija tibi, te Classis Iberæ
Cubaque victorem vidit, et obstupuit.
HEYNI insta, diri donec mens efferâ Mauri
Omni se victam sentiat esse modo. »,

subscriptos por S. Ampzing ; e no canto inferior esquerdo : « C. Kittensteyn exc ». Sem data.

Altura, 317 millímetros ; largura, 206 millímetros.

N.º 2 de Andresen (I, 747). N.º 17721 do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil*.

A estampa foi comprada em Hollanda no tempo do ex-Bibliothecario, Sñr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

MAES (EVERT VAN DER)

EVan. der. maes fe

N. 18.

Pintor e gravador á agua-forte, que trabalhou em Haya na primeira metade do XVII seculo, e visitou a Italia (Andresen, II, 101).

N.º 164. — S. João Baptista.

Em uma paizagem: a tres quartos para a esquerda, sentado, junto de uma grande arvore, sobre uma pequena elevação do terreno, da qual jorra um fio de agua, tendo a cruz na mão direita, pousada sobre o carneiro a seu lado, com o braço esquerdo estendido e segurando com a mão correspondente uma escudella. Em baixo, á esquerda, lê-se: « *E. C. Van. der. maes. fe* », como se vê no n.º 18 da Taboa dos monogrammas.

O dizer « *Hominum redemptor Christus etc.* », citado por Andresen, não se encontra no exemplar exposto, por lhe faltarem as margens. Sem data.

Dimensões da estampa no seu estado actual: altura, 175 millímetros; largura, 123 millímetros.

N.º 1 de Andresen (II, 101).

Da Real Bibliotheca.

BLOOTELING (ABRAHÃO)

Abrahão (ou Antonio?) Blooteling, desenhador e gravador á agua-forte, a buril e á maneira negra, nasceu em Amsterdão em 1634.

Geralmente se acredita que fôra discipulo de Cornelio Visscher; entretanto Andresen o dá como filiado á escola de Cornelio van Dalen. Trabalhou a principio em Hollanda, depois, durante algum tempo, em Londres, onde as suas estampas foram muito apreciadas, e finalmente em Amsterdão. Gravou segundo as proprias composições e as de outros mestres, mostrando-se artista muito perito em todas as maneiras de que usou. Le Blanc descreve da sua obra 256 peças.

Falleceu na cidade natal no fim do XVII seculo: 1676, segundo Nagler; 1685, segundo Andresen; 1690 ou 1695, segundo L.B. Tambem se não sabe ao certo si se chamava Abrahão, ou Antonio, visto como em todas as suas estampas o seu primeiro nome nunca vem escripto por extenso e sim indicado somente pela inicial A.; entretanto Gandellini acredita que deve ser Abrahão.

N.º 165. — Retrato do Vice-Almirante Miguel Adriano Ruyter.

Em busto, a tres quartos para a esquerda, olhando para a frente; dentro de um oval inscripto em um parallelogrammo, cercado por toda a parte de attributos de guerra e da arte nautica. Em um largo pedestal, por baixo do oval, occorre: 1.º, « *De Heere Michiel Adriansz Ruyter, | Ridder, L^t Admirael over de Provincie | van Hollandt ende Westvrieslandt.* »; 2.º, « *A. Blotelingh fecit aqua forti et Exc.* ». Sem data.

Altura, 280 millimetros; largura, 216 millimetros.

N.º 172 de L.B. (1, 386); N.º 17795 do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil*.

Bellissima e rara estampa; comprada em Hollanda no tempo do ex-Bibliothecario, Sñr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

ANONYMO X

N.º 166. — Retrato de João Nieuhoff.

Em busto, a tres quartos para a esquerda, com longos cabellos cahidos, tendo uma especie de murça rendada e uma faxa a tiracollo; no fundo, uma cortina meio tomada, deixando ver, no 2.º plano, um navio no mar; dentro de um oval, ornado de folhas de loureiro, sobre uma peanha.

Nesta, vêem-se o nome e o brazão do retratado.

« Joan (*Brazão*) Nieuhoff »;

e na margem inferior seis versos hollandezes: « *Dus zietmen Nieuhoff... is past dubbeldé lauwwieren.* », subscriptos por « *Jan Vos.* ». Sem data.

Altura, 208 millimetros; largura, 154 millimetros.

Os versos foram abertos e impressos por uma chapa menor, como facilmente se-vê examinando a estampa.

As dimensões d'esta chapa são:

Altura, 46 millimetros; largura, 155 millimetros.

N.º 17776 do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil*.

A estampa foi comprada em Hollanda sob a administração do ex-Bibliothecario, Sñr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

SCHALCKEN (GODOFREDO)

Godofredo Schalcken, pintor e gravador á agua-forte, nasceu em Dortrecht em 1643 e falleceu em Haya em 1706.

Seu pae, reitor do Collegio d'aquella cidade, dedicou-o primeiramente á carreira litteraria; em consequencia porém da sua natural propensão para a pintura, mudou de resolução e fel-o estudar esta arte.

G. Schalcken aprendeu os rudimentos da pintura com Samuel van Hoogstraten e acabou o seu aprendizado artistico com Gerardo Dow, sob cuja direcção se tornou pintor notavel; entretanto nunca as suas pinturas chegaram a emparelhar com as d'este mestre. Ao deixar a escola de G. Dow, G. Schalcken, no intuito de engrandecer o seu estylo, poz-se a estudar as obras de Rembrandt, mas desesperado de imitar o vigoroso toque d'este extraordinario artista, continuou a pintar no seu estylo proprio.

No reinado de Guilherme III, G. Schalcken esteve por algum tempo em Inglaterra, onde pintou muitos retratos; e depois, tornando á Hollanda, estabeleceu-se em Haya até morrer.

Apesar da incorrecção no desenho das figuras, os quadros de G. Schalcken são estimados, principalmente pelo effeito de luz.

Como gravador, este artista é menos conhecido; d'elle Nagler, *Lexicon* (xv, 133), cita apenas quatro estampas.

N.º 167. — Retrato de Mattheus vanden Broucke, segundo Samuel van Hoogstraten.

A meio corpo, com o tronco a tres quartos para a esquerda, mas com o rosto de frente, trazendo a tiracollo uma

corrente em muitas voltas, com um medalhão pendente, segurando na mão direita um bastão de mando, &c. No 2.º plano, vista de mar com muitos navios.

Na margem inferior occorrem: 1.º, dez versos em hollandez, « *Het Borst — cieraad... en laaste Reden Sloop.* », subscriptos por *J. Oudaan*; 2.º, « *S. v. Hoogstraten. Pinxit. G. Schälcken. Fecit.* ». Sem data.

Altura, 152 millímetros; largura, 140 millímetros.

N.º 2 de Nagler, *Lexicon* (xv, 133); N.º 17684 do *Catologo da Exposição de Historia do Brazil*.

A estampa exposta pertence ao 1.º estado, por trazer a ultima palavra do 3.º verso escripta assim: « *klouck* »; e não « *Klouck* ».

Bella e extremamente rara. Adquirida por compra em Hollanda na administração do ex-Bibliothecario, Sñr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

ESCOLA FLAMENGA .

BOS (CORNELIO)

es

N.º 12.

Cornelio van den Bosch ou C. Bos ou Bus, desenhador, gravador a buril, editor e mercador de estampas, nasceu em Bois-le-Duc, cêrca do anno de 1510 (Huber & Rost, v, 71).

Ainda moço mudou-se para Roma, onde, depois de algum tempo, se estabeleceu com officina de gravura e casa de negocio de estampas.

A julgar pelo seu estylo, parece que C. Bos foi discípulo de Marcos Dente, de Ravenna, e de Eneas Vico; entretanto, ou por falta de talento ou porque puzesse mais a peito o commercio de estampas do que ser perito na sua arte, nunca attingiu á perfeição d'estes mestres. A sua maneira de gravar é dura e sem effeito. As estampas que abriu, segundo Raphael e Julio Romano, são mais bem executadas do que as que gravou segundo os proprios desenhos.

N.º 168. — Explicação de doutrina (?)

Um homem, vestido de habito talar e murça, de gorra na cabeça, sentado em uma cadeira sobre um estrado, folheando com a mão esquerda um grande livro, collocado em uma estante a seu lado, faz com a direita um gesto, explicando a doutrina do livro a um auditorio de 14 pessoas, que em diferentes posições o escutam muito attentas. Entre os ouvintes nota-se, á direita da estampa, um rapaz, sentado no estrado, lendo attento um livro. Em cima, á direita, vê-se a data, 1546, e o monogramma n.º 12; e no canto inferior direito o n.º « 1 ».

Altura, 77 millimetros; largura, 112 millimetros.

A estampa exposta não tem margens; pelo numero que nella occorre conclue-se que faz parte de uma serie.

Não descripta?

Da Real Bibliotheca.

 SUAVIO (LAMBERTO)

Os nomes de Lamberto Suavio e Lamberto Lombardo ou Suterman têm sido dados a um só artista por diferentes iconographos e ás vezes confundidos com os de Lamberto Sustris, pintor de Amsterdão, e Lamberto van Ort, de Amerfort; Passavant (*P. Graveur*, III, 109) porém os distingue, dando ao celebre architecto e pintor de Liège (n. 1506; + 1560) o nome de Lamberto Lombardo ou Suterman e ao nosso artista o de Lamberto Suavio, attribuindo-lhe a profissão de gravador e, segundo Guicciardini, também a de architecto.

Lamberto Suavio nasceu em Liège em 1510 e floresceu de 1544 a 1572 (Andresen); a tradição o dá como discípulo de Lamberto Lombardo.

O seu estylo de desenho revela estudo profundo do antigo, como o demonstra a estampa representando o Colisseu, a qual parece também indicar que o artista esteve por algum tempo em Roma. A sua maneira de gravar, ás vezes dura, é nitida como a dos Flamengos e approxima-se do gosto dos mestres italianos; entretanto as attitudes das suas figuras, geralmente esguias, são raramente bem escolhidas ou adaptadas ao assumpto. Os seus retratos, principalmente os pequenos, são de execução extremamente fina e delicada.

Lamberto Suavio gravou muito segundo seu mestre e os proprios desenhos; a maior parte das suas estampas são marcadas com as letras iniciaes do seu nome « *L. S.* »

Nada mais se sabe sobre a sua vida.

N.º 169. — S. Pedro e S. João curando um paralytico, sob o portico do templo.

Vinte e nove figuras principaes; no fundo, á direita, mais 12, algumas das quaes subindo uma escada.

No 1.º plano: á esquerda, S. Pedro, de perfil para a direita, colloca o pollegar da mão esquerda por baixo da direita de um paralytico, que se vê sentado no chão, com um cão deitado ao pé de si; por detraz de S. Pedro, S. João com a mão esquerda no peito; e á direita, um Phariseu em pé, fallando a outro, que, com a cabeça apoiada na mão esquerda, aponta com o indicador da direita para o paralytico; &.

Sobre uma pedra, em baixo, á direita, lê-se a data, « 1553 »; e numa taboleta, encostada á mesma pedra, « *Hūiūs Protīpi / Inūen / Sūaiūūs.* ». Por baixo do paralytico, estão duas grandes taboletas unidas, com 6 versos latinos em cada uma: « *Haud equidē mirū... procul terrena facessit.* »; e no alto, á esquerda, occorre a dedicatoria: « *Sereniss. simul ac Potētiss. Regni Hungarici | Viduæ Reginæ Mariæ ab Austria: Diui Caroli. | Quint. Max. Cesaris Germaniæ Sorori, | Cæterarūque Prouinc. Ducat. Comit. Insulari | Brab: Fland. Holan. Cohæredi Gubernatri. | Pie Castæ Felici Dedicabat.* », em uma grande taboleta, segura por duas mãos, entre nuvens.

Altura, 309 millimetros; largura, 427 millimetros.

Estampa bellissima e extremamente rara; é a obra prima do mestre.

N.º 4 de Nagler, *Lexicon* (xvii, 535); N.º 4 de Passavant, *P. Graveur* (iii, 111); N.º 2 de Andresen (ii, 567). A gravura exposta pertence ao 1.º estado, isto é, traz o dizer « *Hūiūs Protīpi Inūen Sūaiūūs* », e não « *INVENTORE AC CÆLATORE SVAVIO* », em baixo, á direita.

Da Real Bibliotheca.

BOS (JACOB VAN DEN)

Jacob van den Bos, ou Jacob Bosio ou Bossio, também conhecido pelo cognome patrio de *Belga*, desenhador e gravador a buril, nasceu cêrca do anno de 1620.

Trabalhou quasi sempre em Roma (1550 a 1562) por conta de Antonio Lafreri. O seu estylo faz presumir que aprendêra a gravura com algum dos discipulos de M. A. Raimondi. Quanto a outros factos da sua vida nada mais se sabe.

As estampas de J. Bossio não deixam de ter certo merecimento; fôra entretanto para desejar que o desenho d'ellas fosse mais correcto e a maneira de as gravar menos dura.

N.º 170. — A velha com pretensão á mocidade provoca o riso da moça, segundo Sophonisba Anguisciola.

Duas figuras a meio corpo: á esquerda uma velha, de rosto muito enrugado, garridamente vestida, sentada em uma cadeira, tendo na mão direita um cravo e na esquerda uma tabella, em que está escripto um alphabeto, em tres linhas: « ✕ A. a. b. c. . . . x. y. z. & . bus. : ~ » , para o qual olha attentamente; á direita, uma moça, de perfil para a esquerda, com o rosto a tres quartos, olhando para o expectador, rindo-se, com a mão esquerda apoiada sobre um dos braços da cadeira e a direita levantada apontando para a velha. Em baixo, á esquerda: « *Jacobus Bos belga, incidebat* »; e na margem inferior: « LA VECCHIA RIMBAMBITA MVOVE RISO ALLA FANCIVLETTA. | *Opera di Sofonisba Gentildona Cremonese.* | *Ant. Lafreri Sequani formis Impressa Romæ.* ». Sem data.

Altura, 323 millímetros; largura, 425 millímetros.

Não descripta nos autores de iconographia (?); entretanto, á pagina 361 do volume XIX (1851) do *Magasin pittoresque*, occorre uma reproducção d'esta estampa, gravada em madeira por J. Facnion, seguida de um artigo explicativo tendo por titulo — *Dame enseignant à lire à une jeune fille.* — *Estampe du seizième siècle, tirée de la collection d'estampes et de desseins historiques de M. Hennin.* — *Dessain de Hadarnard.* — Ao contrario d'esta opinião, parece, segundo a letra da estampa da Bibliotheca Nacional, que é a velha quem aprende a ler, o que provoca o riso da moça.

Pela descripção feita pelo *Magasin pittoresque* da estampa de J. van den Bos, infere-se que ella pertence a um estado anterior ao da exposta, por esta não ter lettra na margem inferior.

Estampa proveniente da Real Bibliotheca. Rarissima.

BROECK (CRISPIM VAN DEN)

CV. in.

N.º 14.

Crispim van den Broeck, pintor, architecto e gravador a buril e a claro-escuro, nasceu em Antuerpia em 1530 e morreu na Hollanda pelo fim do XVI ou principio do XVII seculo (1600, L.B. ; 1602, Nagler, *Lexicon*).

Discipulo de Francisco Floris, C. van den Broeck foi pintor distincto de historia e amestrado gravador, executando com muita intelligencia e bom gosto os assumptos de que tratou.

A maneira extravagante com que costumava assignar-se nas suas obras, chamando-se indistinctamente *Crispin* ou *Crispyn*, *Crispiae*, *Crispiniae* e *Crispine*, deu causa a que o Abbade de Marolles fizesse de cada um d'estes nomes um artista differente.

N.º 171. — Santa Anna e S. Joaquim na porta aurea.

No meio, os dois esposos, Santa Anna á esquerda e S. Joaquim á direita, abraçam-se; na extrema esquerda da estampa, uma mulher ajoelhada e de mãos postas; um pouco retiradas, cinco figuras em diversas posições, tomadas de admiração. No 2.º plano, mais duas figuras de costas, e casaria com a porta aurea.

Por baixo dos pés de S. Joaquim occorrem « *C. V. B. in.* », como no monogramma n.º 14, e « *A. H. ex* », como no monogramma n.º 7.

Em uma taboleta por baixo da composição lêem-se dois disticos latinos, em duas columnas: « *Feruet in amplexus... amore novæ.* ». Sem data.

Altura sem a taboleta, 242 millímetros; altura, com a taboleta, 260 millímetros; largura, 184 millímetros.

Pertencerá esta estampa á serie de 19 folhas, *A Vida da Virgem*, n.º 17-35 de L.B., I, 524?

Da Real Bibliotheca.

MATSYS (CORNELIO)

MA

N.º 2.

Presume-se que Cornelio Matsys, Met ou Metensis, pintor, desenhador e gravador a buril, nascêra nos Paizes-baixos cêrca do anno de 1500.

« Este mestre, diz Passavant (*P. Grav.*, III, 97), era pintor e gravador em Antuerpia e pertencia á numerosa familia de artistas d'esta cidade, os Massys, cujo maior ornamento foi Quintino Massys. Em muitos documentos, com datas dos annos de 1466 a 1577, occorre o nome d'esta familia escripto: Mertsys, Metsys e Matsys, as mais das vezes porêem Massys. No livro da confraria de S. Lucas, intitulado *Lyggere*, encontra-se o nome de Cornelio inscripto, em 1531, como mestre approved e recebido na confraria. Parece que Cornelio era neto de Quintino e filho de João Matsys, o qual fôra em 1501 recebido como mestre na mesma confraria. Em mais nenhum documento se faz menção de outro artista de nome Cornelio. »

As differentes maneiras pelas quaes C. Matsys marcava as suas estampas levaram Bartsch (IX, pp. 90 e 97) a consideral-as como obra de dois artistas diversos; entretanto Passavant (*Opere citato*), Huber & Rost (V, 78), Bavarel & Malpez (II, 61) e Brulliot (I, n.º 225, 371, 1202; III, 254) pensam com razão que ellas são obra do mesmo gravador, Cornelio Matsys.

Acredita-se que C. Matsys trabalhou por muito tempo na Italia. As suas figuras são feitas no gosto italiano, elegantes e bem proporcionadas; entretanto as cabeças, principalmente as das mulheres, têm falta de expressão. O estylo de C. Matsys parece-se um pouco com o do mestre do Caduceu.

C. Matsys floresceu de 1544 a 1560 e gravou segundo as proprias composições e os mestres italianos; a sua obra gravada consta de 109 estampas (Passavant).

Ignora-se quando e onde morreu.

N.º 172. — S. João baptizando Jesus Christo no Jordão.

À esquerda, junto de uma grande arvore, S. João, com um joelho em terra, lança agua na cabeça de Jesus Christo, em pé, dentro do rio. No alto, por cima da cabeça do Salvador, o Divino Espirito Santo em uma aureola. Em baixo, á direita, o monogramma n.º 2, com a data, 1550, por cima. No alto, á direita, o n.º « 3 ».

Altura, á direita, 81 millimetros; á esquerda, 79 millimetros; largura, 101 millimetros.

N.º 29 de B.

Esta gravura faz parte de uma serie de oito estampas numeradas: *A vida de S. João Baptista* (N.ºs 26-33 de B., IX, 106-108), das quaes a Bibliotheca Nacional possui unicamente a que expõe.

Da Real Bibliotheca.

SADELERO Senior (JOÃO)

Descende de um tauxiador de Bruxellas, a celebre familia de gravadores, os Sadeleros (*), notavel na arte da gravura e no commercio de estampas, não só pelo grande numero das que gravaram, mas ainda pelo bem acabado de muitas d'ellas. João Sadeler, o mais velho dos filhos d'esse tauxiador, deve ser considerado chefe d'esta familia de artistas, por ter sido o mestre e protector dos outros seus parentes, que mais se avantajaram na gravura.

João Sadeler Senior, desenhador e gravador a buril, nasceu em Bruxellas pelo anno de 1550. Foi a principio tauxiador, como seu pae, mas aos 20 annos começou a gravar a buril e até ao fim da vida dedicou-se a este mister, gravando segundo varios mestres e os proprios desenhos.

No intuito de melhor estudar a sua arte, percorreu em companhia de seu irmão Raphael muitas cidades da Europa, principalmente da Allemanha e da Italia, entre outras: Amsterdão, Colonia, Francoforte sobre o Meno, Munich, Verona, Roma e Veneza. De Amsterdão sahiu em 1587; a Munich chegou em 1588, e ahí trabalhou muito segundo os mestres

(*) Da obra gravada pelos Sadeleros possui a Bibliotheca Nacional, além de algumas series e estampas avulsas, um volume contendo 496 estampas, publicado em Paris, 1748, por Lourenço Cars. Vide na Bibliographia: Sadeler, *Recueil*.

allemaes; por motivos porém ignorados retirou-se da Baviera para a Italia em 1595. Como em Roma o Papa o não tivesse acolhido benignamente, seguiu para Veneza, onde se conservou não se sabe ao certo por quanto tempo, e morreu nesta cidade, segundo uns em 1600, segundo outros em 1610.

A sua maneira de gravar não foi sempre a mesma; depois da sua viagem á Italia modificou-a, gravando com buril mais largo. A boa reputação de que gozou a escola italiana de gravura no XVII seculo é em grande parte devida aos seus assíduos estudos e continuos trabalhos e de seu irmão Raphael.

João Sadelero Senior gravou assumptos de historia, retratos e paizagens. Teve um filho do mesmo nome, João Sadelero Junior.

N.º 173. — A adoração dos pastores, segundo Jacob da Ponte, dito *Bassano o Velho*.

Sete figuras, dois carneiros, um boi, um jumento, uma cabra, um cão e dois pombos. Á esquerda, a Virgem Santissima, de perfil para a esquerda, ajoelhada, levanta com as duas mãos o lençol que cobre o Menino Jesus, para mostral-o a tres pastores, dos quaes: um, de costas e ajoelhado, tem dois carneiros junto de si, no chão; outro, em pé, de perfil, passa o braço direito por cima do pescoço do boi, e o terceiro, tambem em pé, tirando o chapéu da cabeça. No alto, á esquerda, vê-se um dizer em caracteres hebraicos, do qual parte um raio luminoso, em que se lê: « *Filius meus es tu ego hodie genui te. Ps. 2.* » Em baixo occorre, da esquerda para a direita: « *I. Ponte Bassa. p̄ix.* »; — « *cũ priuil. Sum. Pontif. et S. Cæs. Mai.* »; — « *Joa. Sadeler sculpsit et excud. Venetijs 1599.* »; e na margem inferior: « *ILL.º AC R.º D.D. LEONARDO. MOCENIGO ELECTO EPISCOPO, & PRINCIPI / CENETENSI AC COMITI THARSI, PATRONO NOSTRO COL.º DD.* »

A estampa está um pouco mutilada.

Dimensões da gravura no estado actual:

Altura, 204 millimetros; largura: em cima, 292 millimetros; no meio, 297 millimetros; em baixo, 294 millimetros.

Vide Zani, pp. 5-6 do v da II parte.

A estampa exposta pertenceu á Real Bibliotheca.

Ha uma copia por Anonymo n.º XI. Vide a estampa n.º 178 do presente Catalogo.

N.º 174. — O descanso na fuga para o Egypto.

Em um oval, em largura. Zani (pag. 7 do VI da II parte) diz que a estampa é gravada segundo um Anonymo italiano, accrescentando porém que Mariette attribue a invenção da composição a Luiz Carracci, e que ainda ha outros entendedores que a julgam obra do proprio João Sadelero.

Tres figuras: a Virgem e S. José vistos até aos joelhos, e o Menino Jesus em corpo. Á esquerda, a Virgem, de perfil para a direita, sentada ao pé de uma arvore, amamenta seu divino Filho, enlaçando-o entre os seus braços; em frente d'ella, S. José, tambem sentado, quasi de perfil, olhando para o expectador, com o braço esquerdo sobre uma albarda, aponta com o indice da mão direita para o fundo da paizagem. Sobre a albarda lê-se: « *Ioân. Sadeler scalpsit et ex.* »; e em volta do oval: « *MANE SURGAMVS AD VINEAS... IBI DABO TIBI VBERA MEA. CANT: VII CAP.* ». Sem data.

Grande diametro, 151 millimetros; pequeno diametro, 109 millimetros.

Da Real Bibliotheca.

N.º 175. — Jesus Christo na casa das irmãs Martha e Magdalena, segundo Jacob da Ponte, dito *Bassano o Velho*.

Oito figuras, um gato, um cão, quatro pombos, peixes em uma cesta, patos mortos e depennados no chão, utensilios de cozinha, &. No 1.º plano: á direita, Jesus Christo, acompanhado de dois discipulos, entra por uma porta, em cujo patamar se vê a Magdalena, de costas, ajoelhada em frente ao Senhor. Um pouco para a esquerda, Martha, em pé, de perfil para a direita, faz com a mão esquerda um gesto e com a direita aponta para uma criada, que, com um prato na mão direita e uma escumadeira na esquerda, observa uma panela que está ao fogo; &. No 2.º plano: uma paizagem, com uma figura, quatro pombos e um cão. Em baixo lê-se: « *I. P. Bassan pinxit.* », no meio; e « *Cũ priuul. Sũmi Pontificis. et S. Cæs. Maies.* », á direita. Na margem superior occorre: « *MARTHA MARTHA SOLICITA ES, & TVRBARIS ERGA PLVRIMA: PORRO VNVM NECESSARIVM EST. MARIA OPTIMAM PARTEM ELEGIT, QVÆ NON AVFERETVR AB EA. LUC. 10.* »; e na inferior: « *IN GRATIAM ADMODVM MAGNIFICI ATQZ EXCELLENTIS VIRI DÓI PETRI*

CORNERETTI VENETI/IOAN. SADELER SCALPSIT. M. D. XCVIII. »

Altura, 201 millímetros; largura, 286 millímetros.

N.º 80 de Nagler, *Lexicon* (XIV, 142); N.º 3 de Huber & Rost (v, 157).

Uma das obras primas do gravador, bellissima e rara, conhecida pela denominação de 2.ª *Cosinha de Bassano e dos Sadeleros* (Zani, pp. 351-352 do VI da II parte).

Ha d'esta estampa uma cópia, invertida e reduzida pelo Anonymo XII. Vide o n.º 179 d'este Catalogo.

A estampa exposta pertenceu á Real Bibliotheca.

N.º 176. — O opulento guloso regalando-se á mesa e o mendigo Lazaro, segundo Jacob da Ponte, dito *Bassano o Velho*.

Treze figuras, dois cães, um gato, um macaco, seis pombos, um mocho em cima de um telhado, alguns peixes, caça silvestre, utensilios de cosinha, &, nos planos anteriores. No 1.º plano, á direita, Lazaro de costas, com o rosto de perfil para a esquerda, sentado, tendo ao lado dois cães, que lhe lambem a chaga da perna esquerda; e mais para o fundo do mesmo lado, o rico senhor comendo ao som de musica. No meio e á esquerda, outras figuras occupam-se em diversos serviços de cosinha: uma mulher pisando em um gral; outra, de costas, carregando dois baldes de agua, pendentes de uma vara, que traz ao hombro esquerdo; e terceira, fazendo ao fogo um assado de espêto, &. No ultimo plano, vê-se o homem opulento nas chammas do inferno, e Lazaro no seio de Abrahão. Em baixo occorre: « *Bassan inuēt. Ioā Sadeler sc.* », á esquerda: « *Cū priuul S. Cæs. M.* », no meio; e « *ex S. Lvc. xvi. cap.* », debaixo dos pés de Lazaro, á direita. Na margem inferior lê-se a dedicatória em duas linhas: « *PRO ILLUSTRIS ... D. IOANNI ALBERTO LIB.ºº BAR.ºº À SPRINZESTAÏ ET NEVHAUS... pinxit Iacobus de Ponte Bassan: ... et Ioān. Sadeler scalps. et del.* ». Sem data.

Altura, 220 millímetros; largura, 297 millímetros.

N.º 81 de Nagler, *Lexicon* (XIV, 142); N.º 2 de Huber & Rost (v, 156). Zani (pp. 251-252 do VI da II parte) diz que esta bellissima estampa, obra prima do gravador, é denominada a 1.ª *Cosinha de Bassano e dos Sadeleros*.

Da Real Bibliotheca.

N.º 177. — A Virgem, o Menino Jesus e um anjo, segundo Carracci (Annibal?); em um redondo.

A Virgem Santissima, de frente, com um grande resplendor em torno da cabeça, vista até aos joelhos, sentada, tem o menino Jesus deitado sobre o regaço e lhe segura a cabeça com a mão direita; á esquerda da Virgem, um anjo, a meio corpo, visto a tres quartos, de frente para a esquerda, e de mãos postas sobre o peito. Traz á esquerda,

= *Caraz. invēt. | I. Sadeler. | fecit.* =,

e em uma orla circular, em volta da composição,

= PRO PVERO MATER... CORDE ANIMOQVE PVER. =

Sem data.

Diametro da estampa sem a orla, 105 millímetros.

Será esta gravura a cópia invertida da estampa n.º 4 de Annibal Carracci, de que falla Le Blanc, á pag. 606 do 1º?

Da Real Bibliotheca.

ANONYMO XI

N.º 178. — A adoração dos pastores, segundo Jacob da Ponte, dito *Bassano o Velho*.

Cópia invertida da estampa de João Sadelero, n.º 173 d'este Catalogo.

As principaes differenças entre o original e a cópia são : nesta faltam : 1.º, o dizer em hebraico, e o latino « *Filius meus... genui te* »; 2.º, os nomes dos artistas, &, até á data, « *I. Ponte... 1599* », que no original occorrem em baixo; finalmente, na margem inferior da cópia, em vez da dedicatoria do original, vê-se: 1.º, « *Pastores loquebantur ad inuicem... erat illis de puero hoc. Luca 2 cap.* », em duas linhas; 2.º, « *I. Bassan pinxit.* », á esquerda. Sem data.

Altura, 199 millímetros; largura, 287 millímetros.

Não descripta?

Da Real Bibliotheca.

ANONYMO XII

N.º 179. — Jesus Christo na casa das irmãs Martha e Magdalena, segundo Jacob da Ponte, dito *Bassano o Velho*.

Cópia invertida, reduzida, e não descripta (?) da estampa de João Sadelero, sob n.º 175 d'este Catalogo. Sem data e sem subscripção, monogramma ou marca do gravador. Em uma estreita margem inferior lê-se: « MARTHA MARTHA SOLICITA ES, & TVRBARIS ERGA PLVRIMA. PORRO VNVM EST NECESARIVM. MARIA OPTIMAM PARTEM ELEGIT QVÆ / NON AVFERETVR AB EA. LUC. 10: ». Sem nenhum dos outros dizeres do original.

Altura, sem a margem, 118 millímetros; altura, com a margem, 124 millímetros; largura, 169 millímetros.

Para a descripção por menor do assumpto, vide o n.º 175 d'este Catalogo.

Estampa rara, que proveiu da Real Bibliotheca.

SADELERO Senior (RAPHAEL)

Raphael Sadelero Senior, desenhador e gravador a buril, nasceu em Bruxellas em 1555 e morreu, segundo Huber & Rost, Joubert e Andresen, em 1616, em Veneza; Nagler (*Lexicon*) porém affirma que elle morrêra não em 1617 (*sic*), mas provavelmente em 1628 e em Munich. O certo é que Raphael Sadelero Senior não podia ter morrido em 1616 ou 1617, á vista da data (1624) e dizeres, que occorrem no frontispicio gravado do II volume da *Bavaria Sancta*, que provam que elle trabalhava ainda em 1624.

Raphael Sadelero Senior foi tauxiador no principio da sua vida, mas deixou esta profissão pela de gravador, tendo por mestre a seu irmão João, de cujos trabalhos e sorte foi collaborador e companheiro; durante algum tempo applicou-se tambem á pintura, por se lhe ter enfraquecido a vista com o exercicio da gravura; como, porém, depois melhorasse d'esse encommodo, tornou de novo á profissão de gravador.

Era muito entendido em representar o corpo humano, cujas extremidades figurava com muito cuidado e precisão. Si bem que grande numero das gravuras de R. Sadelero Senior

não sejam escoimadas de defeitos, as suas boas estampas são buriladas com nitidez e sem dureza ; e muito estimados os seus retratos.

R. Sadelero Senior gravou muito segundo pinturas de mestres allemães.

Teve um filho do mesmo nome, tambem gravador, Raphael Sadelero Junior.

N.º 180. — Jesus Christo na casa das irmãs Martha e Magdalena, segundo Martim de Vos.

Seis figuras em uma cosinha de rica architectura. No 1.º plano: no meio, a Magdalena, quasi de frente, sentada com o rosto um pouco voltado para a esquerda, folhea um livro aberto sobre as suas coxas ; á direita, Martha, em pé, de perfil para a esquerda, com uma cesta cheia de hortaliças na mão direita, toca com o indicador da esquerda o braço de sua irmã, como quem a chama para ajudal-a no serviço da cosinha ; á esquerda, Jesus Christo, sentado, com o rosto de perfil para a direita, olha para Martha, apontando para a Magdalena com o indicador da mão direita ; no canto inferior direito: peixes e hortaliças pelo chão ; uma tina com dois peixes dentro d'agua e uma cesta cheia de comestiveis. No 2.º plano, á direita, tres Apostolos em colloquio. Em baixo, á esquerda, lê-se: « *M. de Vos inuen. Raphael Sadler sculp. et excud. anno 1584.* » ; e na margem inferior: « *Martha, Martha, sollicita es... quæ non auferetur ab ea. Lucae, X.* »

Altura, 188 millimetros ; largura, 281 millimetros.

N.º 7 de Andresen (II, 418).

Da Real Bibliotheca.

N.º 181. — A Magdalena junto do Sepulchro, com S. João e S. Pedro, segundo Jodoco de Winghe.

No meio, a Magdalena, de frente, sentada junto ao Sepulchro descuberto, com um frasco de oleo na mão direita e a mão esquerda sobre o peito ; á esquerda, S. João, admirado, olhando e apontando com o indicador da mão direita o Sepulchro vasio ; á direita, S. Pedro, tambem tomado de admiração, segurando um livro com ambas as mãos e tendo na direita duas chaves pependentes de um cordão.

Na margem inferior lê-se: 1.º, um distico latino: « *Parce piis lachrimis... posse latere putes.* »; 2.º, « *Jodocus a winghe inventor. Raphael Sadeler fecit et excudit. 1591.* »

Altura, 188 millímetros; largura, 141 millímetros.

N.º 33 de Huber & Rost (v, 162).

Da Real Bibliotheca.

N.º 182. — A Virgem Santissima e o Menino Jesus com uma maçã na mão, segundo Agostinho Carracci.

A Virgem, a meio corpo, em pé, de tres quartos para a esquerda, com um grande resplendor em volta da cabeça, sustenta nos braços o Menino Jesus, que tem uma maçã na mão esquerda e com a direita acaricia o rosto de sua Mãe. Em uma margem, por baixo da composição occorre: 1.º, « *IVVENI QVEM / DILIGIT ANIMA / MEA. / Cant. 3.* »; 2.º, « *A: Caraz. invent.* », á esquerda; 3.º, « *Raphael Sadeler fecit. Monachij. 1593.* », á direita.

Altura, sem a margem, 133 millímetros; altura, com a margem, 157 millímetros; largura, 107 millímetros.

N.º 25 a. de Heineken, na obra de Agostinho Carracci, (III, 633).

Da Real Bibliotheca.

N.º 183. — O julgamento de Páris, segundo João de Achen.

Paizagem, onde se vê, no meio, o grupo das tres deusas contendoras: Venus, acompanhada de Cupido, entre Minerva e Juno, recebe com a mão esquerda o pomo, que Páris, visto pelas costas, sentado, lhe entrega. Por cima da cabeça da vencedora vóa um genio alado trazendo-lhe uma corôa de folhagem. No alto, á direita, Mercurio, acompanhado por outro genio alado, faz um gesto com a mão direita levantada, indicando a Páris que por ordem de Jupiter fôra elle escolhido juiz do pleito. No 1.º plano, á direita, um homem em escorço, de costas, com um remo na mão direita, entre cannas, á margem de um regato. No 2.º plano, á esquerda, um grupo de quatro mulheres (das quaes tres sentadas e uma em pé) e de um homem de costas symbolizando um rio. Em baixo, á esquerda:

« *Hans von Achen Inuentor | Raphael Sadeler fecit. 1589.* » e na margem inferior: 1.º, dois disticos latinos em duas columnas, « *Pastoris phrygij... præmia digna deæ.* »; 2.º, o endereço, « *A Paris Chez Nicolas Langlois ruë S.^t Jacques a la Victoire.* », á esquerda.

Altura, 272 millimetros; largura, 374 millimetros.

N.º 42 de Huber & Rost (v, 163); N.º 122 de Nagler, *Lexicon* (xiv, 151).

Da Real Bibliotheca.

SADELERO (EGIDIO)

Egidio Sadeler, pintor, desenhador e gravador a buril e á ponta, nasceu em Antuerpia, em 1570, e morreu em Praga, em 1629.

Segundo Huber & Rost, Joubert e outros, era sobrinho de João Sadeler Senior e de Raphael Sadeler Senior; Nagler (*Lexicon*) entretanto o dá como filho d'este.

A principio dedicou-se á pintura, mas depois deixou esta, para trabalhar na gravura sob a direcção de João Sadeler Senior e Raphael Sadeler Senior, aos quaes acompanhou á Allemanha e á Italia. A chamado do Imperador Rodolpho II estabeleceu-se em Praga, então residencia imperial, onde gravou grande numero de estampas segundo os mestres d'este paiz; Rodolpho II concedeu-lhe uma pensão e seus successores, Mathias e Fernando II, continuaram a dispensar ao nosso artista protecção e favores.

O desenho de Egidio Sadeler é em geral correcto; havendo porém tido a fraqueza de copiar Bartholomeu Spranger, as estampas que abriu segundo este mestre não honram muito o seu buril.

Egidio Sadeler gravou, segundo as proprias composições e as de outros mestres, com buril, ora fino, á maneira de A. Durero, ora largo e afoito, á maneira de H. Goltzio e João Muller, distinguindo-se principalmente nos retratos e paizagens.

A Egidio mais do que a nenhum dos outros Sadeleros cabe o elogio, que d'elles faz Watelet, citado por Huber & Rost (v, 168).

« É admiravel o successo com que os Sadeleros gravaram a paizagem a buril puro: os troncos das velhas arvores são representados com a facilidade do pincel; si a sua folhagem não consegue ter a agradavel delicadeza da agua-forte, tem

a leveza d'esta; as aguas tombantes em cascata, os rochedos despedaçados e ameaçadores e os sombrios fundos das florestas não poderiam ser melhor representados por nenhum dos outros processos da arte; as plantas, que ornão os primeiros planos d'essas estampas, têm o porte, a fôrma e a flexibilidade da natureza; as casarias vistas ao longe são tratadas com gosto; só nos terraços é que a falta da agua-forte se torna sensível. »

Egidio Sadeler foi cognominado a *Phenix da gravura*, apreciação indubitavelmente exaggerada; todavia é muito superior a seus mestres e parentes, João Sadeler Senior e Raphael Sadeler Senior, pela originalidade do desenho, pelo bom gosto e pelo calor e amplidão do buril.

Os retratos de Egidio Sadeler são muito afamados; entretanto no dizer dos entendidos é a *Sala de Praga* a sua obra prima de gravura.

N.º 184. — A Virgem e o Menino Jesus, com S. João, Santa Isabel e S. Zacharias, em uma paizagem, segundo José Heinz.

Seis figuras, um anjo e um cão. Á esquerda, a Virgem Santissima, assentada debaixo de uma tamareira, junto de um edificio em ruinas, sustenta com a mão esquerda o Menino Jesus e com a direita colhe os fructos da palmeira, cujos cachos um anjo e uma moça nos ares abaixam até á altura da mão da Virgem; o Menino Jesus, visto pelas costas, mas com o rosto voltado para a direita, tem na mão esquerda uma maçã e segura com a direita a cruz que S. João, ajoelhado diante d'elle, lhe apresenta; por detraz de S. João, Santa Isabel, de pé, empurra docemente o filho, para chegar-se ao Deus Menino; finalmente, á direita, S. Zacharias, em pé e de perfil, com um bastão na mão direita.

Em baixo: á esquerda, sobre uma pedra, « *Illustriss: Dño | Joãn: Vincen: Pinelle | D.D. | Jos: Heinz Heluet: Jnue: | G: Sadeler scalpt.* »; á direita da pedra, « *Petr. de Iode excud.* »; e na margem inferior:

1.º, á esquerda, « *anno 1593* ».

2.º, dois disticos latinos, em duas columnas, « *Quid PVER alma... spondet opem.* ».

Altura, 325 millímetros; largura, 258 millímetros.

Não descripta? Proveniente da Real Bibliotheca.

N.º 185. — A Esclavonia, segundo Ticiano.

Ricamente vestida, vista até aos joelhos, a tres quartos para a direita, olhando para a frente, arregaçando com a mão direita o vestido, e apoiando a esquerda sobre o hombro direito de uma criança moura, que lhe fica ao lado. Na margem inferior lê-se: 1.º, « ADMODVM ILLVSTRI ET GENEROSO VIRO DOMINO LVCE VAN VEFFELE / PATRONO SVO ÆTERNVM COLENDO OPVS HOC A SACRÆ CÆSARÆ / MAIESTATIS SCVLPTORE ÆGIDIO SADELER ÆRI INCISVM MARCVS / SADELER OBSERVANTIÆ ERGO DONAT DEDICAT »; 2.º, em baixo, á direita, « *Cum priuilegio S. C. M.ºis / Marco Sadeler excudit* ». Sem data?

Altura, 288 millímetros; largura, 230 millímetros.

N.º 67 de Nagler, *Lexicon* (XIV, 115), 2.º estado, a saber: com o endereço de Marco Sadeler; N.º 11 de Huber & Rost (v, 172).

Esta gravura é uma das obras primas do mestre.

A estampa exposta tem a margem inferior em parte mutilada, e carece inteiramente das outras tres.

Da Real Bibliotheca.

ANONYMO XIII

N.º 186. — O anjo annunciando aos pastores o nascimento do Messias, segundo Jacob da Ponte, dito *Bassano o Velho*.

Cinco figuras, um anjo, duas vaccas, uma cabra, tres ovelhas e um cão. Em cima, um anjo, entre nuvens, aponta para o alto com o indicador da mão direita, e com a esquerda faz um gesto para um pastor, que se vê á esquerda, em pé, de perfil para a direita, com a mão direita levantada á altura dos olhos; aquem d'este pastor, outro sentado no chão, tocando uma gaita, que tem na mão esquerda. Á direita da estampa, uma moça ordenhando uma das vaccas.

Na margem superior occorre: « QVIA NATVS EST VOBIS HODIE SALVATOR. LVC. II »; e na inferior: 1.º, seis dísticos latinos em tres columnas, « *Angelus æterea demissus ab arce... Virginitatis opes.* »; 2.º, « *EX PROMPTVARIO PERILL.º COMITIS HIERONYMI DE IVSTIS EXARATA.* »; 3.º « *Iacobus de ponto Bassanensis inuenter. Sadeler excud. Venetijs.* » Sem data.

Altura, 244 millímetros; largura, 204 millímetros.

Cópia invertida, e mui bem imitada, de uma estampa de Egidio Sadeler. Vide Zani, cópia A, na pagina 162 do IV da II parte.

Da Real Bibliotheca.

GALLEU Senior (CORNELIO)

Cornelio Galleu Senior, desenhador, gravador a buril e mercador de estampas, nasceu em Antuerpia cêrca do anno de 1570 e morreu na mesma cidade em 1641.

Era filho de Philippe Galleu e irmão mais moço de Theodoro Galleu. Depois de ter aprendido a gravura com seu pae, foi-se á Roma, onde se demorou por muito tempo completando a sua educação artistica. É sensível a differença entre as estampas que abriu antes e depois d'esta viagem: naquellas, gravadas com certa dureza, reconhece-se o estylo de seu pae; nestas o desenho é correcto e o buril manejado com liberdade e bom gosto.

Depois de ter gravado em Roma grande numero de estampas segundo muitos mestres italianos, tornou á patria, onde estabeleceu officina de gravura e casa de negocio de estampas, e continuou a trabalhar segundo as proprias composições e segundo os mestres flamengos.

C. Galleu Senior hobreou com os mais famosos gravadores e levou a melhor a todos os Galleus.

N.º 187. — S. Philippe Nery.

Em busto, a tres quartos, paramentado de casula, com a mão esquerda um pouco levantada, olha extatico para uma larga facha de raios luminosos, que vem do alto, á esquerda; dentro de um oval, enfeitado de flores e fructos. Em um cartuxo, em baixo, occorre: « S. PHILIPPI NERII / VERA EFFIGIES, CONGREGATIONIS / ORATORII FVNDATORIS. », no meio; e « C. Galle », á direita. Sem data.

Altura, 431 millimetros; largura, 330 millimetros.

Não descripta? Procedente da Real Bibliotheca.

N.º 188. — Mercurio e Jupiter na casa de Philemon e Baucis, segundo João van Hoeck.

Os dois deuses sentados á mesa: Jupiter, de frente, olhando para Philemon, que se vê á esquerda da estampa,

em pé, de costas, lançando-lhe vinho no calice; e Mercurio, voltado para a direita, fazendo um gesto para Baucis, que com as mãos extendidas se inclina para elle.

Junto de Mercurio, um pato grasnando.

Na margem inferior occorre: 1.º « *BAUCIS et PHILEMON, vt inter mortales beatissimi, | quod suã sorte essent contenti à IOVE et MERCVRIO INUISUNTUR.* »; 2.º, « *Ioã van hoeck inue* », á esquerda; « *P. de Balliù excudit.* », no meio; e « *Corn. Galle sculp.* », á direita. Sem data.

Altura, 249 millímetros; largura, 344 millímetros.

N.º 36 de L.B. (II, 263).

Da Real Bibliotheca.

SADELERO (JUSTO)

De Justo Sadelero, gravador a buril e mercador de estampas, filho de João Sadelero Senior, diz Joubert que nascêra em Munich em 1580; mas Nagler (*Lexicon*) assegura que em menino viera com seu pae para esta cidade e d'ahi seguira com elle para Veneza, onde trabalhou sob a direcção paterna e de seu tio Raphael.

Joubert e Bavarel & Malpez asseveram que morreu em Leyden em 1620; entretanto Nagler (*Lexicon*), citando Gandellini, affirma que em 1620 se casára e só veiu a morrer em 1629, em Amsterdão.

Justo Sadelero gravou com muita actividade; ainda que de somenos merecimento que seu pae, trabalhou á maneira d'elle em assumptos de historia e de devoção, em paizagens e em retratos. As suas estampas apresentam grande differença entre si, o que pôde explicar o juizo contradictorio de Nagler e de Zani acêrca do merecimento do nosso artista.

N.º 189. — S. José e a Virgem Santissima preparando-se para fugirem para o Egypto, segundo João Rottenhamer.

No 1.º plano, á esquerda, S. José, allumiado por uma lanterna que um anjo tem na mão esquerda, põe a albarda num burro, que está na estribaria junto com um boi; no

2.º plano, á direita, a Virgem Santissima, sentada, enfaixa o Menino Jesus, e junto d'ella um anjo aquece um cueiro ao fogo.

D'esta estampa diz Zani (v, 260 da II parte), « Nel marg. 4 versi: *Hinc Superum ecc. Johan. Rottenhamer inve. Jus. Sadeler sculp. et excudit* (in due righe). » A estampa exposta tem as margens mutiladas, e por isso não se encontram os versos e dizeres indicados por Zani.

Altura, 172 millímetros; largura, 224 millímetros.

Da Real Bibliotheca.

SCHUT Senior (CORNELIO)

Houve em Antuerpia mais de um artista chamado Cornelio Schut. O autor das estampas abaixo descriptas, Cornelio Schut tio ou Senior, pintor e gravador á agua-forte, nasceu na dita cidade em 1597.

C. Schut Senior aprendeu a pintura com Rubens; parece que em 1618 já trabalhava por conta propria como mestre filiado á confraria de S. Lucas, pois que em 1619 fazia parte da sociedade de soccorros mutuos dos pintores.

Apesar de nunca ter visitado a Italia, como o faziam todos os discipulos de Rubens a conselho do mestre, C. Schut Senior não deixou de ser pintor de merito, como o attestam as numerosas télas que deixou.

Gravou á agua-forte com ponta facil e espirituosa, de modo magistral. As suas estampas sobre varios assumptos e de diferentes dimensões montam a 133 (?).

C. Schut Senior foi infatigavel no trabalho não só pelo amor da arte, mas tambem para achar distracção, que ao menos lhe lenificasse as dôres pela perda de suas duas mulheres.

C. Schut Senior teve um sobrinho de igual nome, tambem pintor, filho de seu irmão Pedro Schut, architecto de Philippe IV de Hespanha. Este sobrinho, que tem sido confundido com o nosso artista, trabalhou quasi sempre em Sevilha, tomou grande parte na creação da Academia de pintura d'esta cidade, fundada em 1660, e foi successivamente fiscal, consul e presidente da mesma Academia.

C. Schut Senior falleceu em Antuerpia a 29 de Abril de 1655.

As quatro estações.

Serie de quatro estampas não descriptas (?). Sem data.

D'esta serie a Bibliotheca Nacional só possui as tres estampas abaixo mencionadas, provenientes da Real Bibliotheca.

N.º 190. — A Primavera.

Em uma paisagem, duas crianças sentadas debaixo de um toldo: a da esquerda, de costas; e a da direita, de frente, com o braço direito estendido para a esquerda. Na margem inferior, á esquerda, lê-se: « *C. Schüt inü cüm priü Primavera.* »

Altura, 66 millímetros; largura, 98 millímetros.

N.º 191. — O Verão.

Em uma paisagem, duas crianças: a da esquerda, de frente, sentada, com um bastão na mão esquerda e com a direita colhendo fructos de uma arvore; e a da direita, de perfil para a esquerda, em pé, com os braços estendidos para a frente, como querendo tomar o producto da colheita. Na margem inferior, á direita, occorre o dizer: « *Corn. Schüt. inü cüm priüilegio* », escripto ás avessas.

Altura, á direita, 64 millímetros; altura, á esquerda, 62 millímetros; largura, 95 millímetros.

N.º 192. — O Outomno.

Em uma paisagem, um menino, a tres quartos para a direita, sentado em uma charrua, com a cabeça ornada de espigas, abarcando um mólho de trigo e de fructos; no extremo horizonte, á direita, vê-se o sol poente. Na margem inferior, á direita, lê-se o dizer: « *... n: Schüt inüentor cüm priüileg:* », escripto ás avessas.

Altura, 63 millímetros; largura, 95 millímetros.

DYCK (ANTONIO VAN)

Antonio Van Dyck, pintor e gravador á agua-forte, filho de um mercador de pannos que tambem era pintor sobre vidro, nasceu em Antuerpia a 22 de Março de 1599.

Já tinha aprendido os rudimentos da arte com seu pae, quando aos 11 para 12 annos foi mandado para a escola do pintor Henrique van Balen; em 1615 entrou para a officina de Rubens, onde trabalhou até 1618, umas vezes ajudando o mestre a terminar as suas télas, outras fazendo cópias dos seus quadros. Tendo sido reconhecido como mestre da confraria de S. Lucas a 11 de Fevereiro de 1618, A. Van Dyck trabalhou desde então por conta propria.

Em 1620 esteve por pouco tempo em Inglaterra. Por conselho de Rubens emprehendeu uma viagem á Italia; de feito, em fins do anno de 1621 poz-se a caminho para esse paiz. Ao passar porém pela villa de Saventhem, sita entre Bruxellas e Lovaina, ficou de tal modo preso de amores por uma bella moça, Anna van Ophen, que por ella esqueceu Rubens, a Italia e a gloria, emfim tudo, menos a pintura, pois que nesse lugar fez o retrato da sua amada e dois quadros que esta offereceu á igreja da villa. Desprendido emfim dos laços da paixão, partiu A. Van Dyck de Saventhem e seguiu para a Italia, onde se demorou até 1626, visitando Veneza, Genova, Roma, Florença e Palermo. Em Veneza estudou as obras de Giorgione, de Paulo Veronense e de Ticiano; e pôde dizer-se com C. Blanc (*Histoire des peintres*, École flamande, I, A. Van Dyck, 6) que *Veneza rematou a educação de Van Dyck e que no joven mestre o grave Ticiano temperou o feroso Rubens.*

Em todas as cidades, por onde andou, pintou A. Van Dyck quadros e retratos. Si por um lado o primor das suas obras, a elegancia da sua pessoa e a distincção das suas maneiras lhe grangearam a amizade e protecção dos altos potentados e das mais nobres familias italianas: o Cardeal Bentivoglio, os Bracchis, os Corsinis, os Colonnas, &; por outro lhe acarretaram a má vontade e inveja dos pintores flamengos, então residentes em Roma, os quaes se colligaram contra elle e lhe moveram guerra crua e injusta.

De 1626 a 1632 A. Van Dyck viveu e trabalhou quasi sempre em Antuerpia. Foi ahi que concebeu o projecto de pintar os retratos dos personagens illustres contemporaneos, politicos, artistas, &, principalmente dos existentes no seu paiz, mandal-os gravar á sua custa e com elles formar uma galeria. Doze das chapas d'esta famosa collecção, dita dos *Cem re-*

tratos, foram abertas pelo proprio A. Van Dyck e as outras pelos mais celebres gravadores flamengos da epoca.

A Bibliotheca Nacional possui um exemplar d'esta collecção, publicada em Antuerpia por Henrique e Cornelio Verdussen. Sem data.

(Vide: *Van Dyck*, na Bibliographia.)

A chamado do Rei de Inglaterra Carlos I, grande amador e fautor das boas-artes, mudou-se A. Van Dyck, em 1632, para Londres, onde El-Rei mandou dar-lhe alojamento á custa do seu bolsinho. Em signal do seu agrado o monarcha concedeu-lhe ulteriormente varios outros favores: a dignidade de cavalleiro, uma pensão de 200 libras esterlinas, o titulo de « principal pintor ordinario de Sua Magestade » e valiosissimos presentes.

Em Londres pintou A. Van Dyck diversos retratos do Rei e da familia Real e de grande numero de personagens notaveis, principalmente da Côrte, ainda hoje com razão admirados.

Casara-se A. Van Dyck com Maria Ruthven, neta do Conde de Gowrie, de uma das mais illustres familias da Escossia, da qual houve uma filha unica, Justiniana, nascida oito dias antes da morte de seu pae.

No principio do anno de 1641 emprehendeu A. Van Dyck uma viagem a Paris no intuito de obter o encargo de pintar a grande galeria do Louvre; não podendo porém alcançar o que desejava, pouco se demorou nesta cidade e voltou para Londres.

Ganhou A. Van Dyck avultadas sommas pelas suas pinturas; entretanto nunca pode ajuntar dinheiro, porque em phantasias de luxo, em prazeres e festas e em presentes que fazia ás pessoas a quem estimava, despendia tudo quanto adquiria pelo seu assiduo trabalho.

Extenuado de forças, combatido de doença e ralado de desgostos não pode A. Van Dyck resistir a tantos soffrimentos e falleceu em Blackfrias a 9 de Dezembro de 1641, sendo enterrado dois dias depois no côro da antiga cathedral de S. Paulo em Londres.

As obras de pintura de A. Van Dyck são tidas pelos entendidos na maior estimação: no genero retratos, em que foi de uma espantosa fertilidade, nenhum artista o excedeu. As suas primorosas gravuras, em pequeno numero, pela maior parte representam tambem retratos, dos quaes em geral só fazia a cabeça e as mãos, sendo algumas vezes as chapas terminadas por outros artistas.

N.º 193. — Ticiano e sua amante, segundo o mesmo.

Duas figuras, a meio corpo: á esquerda, Ticiano, de perfil, apalpa com a mão direita o ventre de sua amante, que está a tres quartos, voltada para elle, tendo o antebraço esquerdo apoiado sobre uma especie de vitrina encerrando uma caveira. Na margem inferior occorrem: 1.º, quatro versos italianos, em duas columnas, « *Ecco il belveder!... l'arte del magno Ticiano.* »; 2.º, a dedicatoria, em duas linhas, « *Al molto illustre... LVCA VAN VFFEL... il vero ritratto del vnico Titiano Ant. van Dyck.* »; 3.º, « *Titian Inuentor cum Priuilege Regis A. Bon enfant excu.* ». Sem data.

Altura: á esquerda, 261 millimetros; á direita, 267 millimetros; largura, 224 millimetros.

N.º 12 de Huber & Rost (v, 347); N.º 18, 4.º estado, de L.B. (II, 176-177).

Muito bella e rara; proveniente da Real Bibliotheca.

Além da estampa exposta, a Bibliotheca Nacional possui outro exemplar, prova esplendida, na collecção Araujeuse.

PONCIO (PAULO)

Paulo Du Pont ou Poncio, desenhador e gravador a buril, nasceu em Antuerpia pelo anno de 1599 (Huber & Rost; Nagler, *Lexicon*; e Bryan) ou em 1603 (Andresen).

Aprendeu a gravura com Lucas Vorsterman Senior; aos conselhos porém de Rubens, que lhe dedicava particular amizade, deveu a summa perfeição que attingiu nas suas gravuras. De feito, Rubens comprazia-se em fazer o discipulo gravar de baixo da sua inspecção e em dirigir-lhe o buril.

Desenho correcto, expressão apropriada das figuras e dos seus caracteres, bella execução do claro-escuro e buril amestrado, taes são as qualidades principaes d'este grande artista, digno emulo de Lucas Vorsterman e de Schelte de Bolswert, tambem, como elle, discipulos amados de Rubens.

As estampas historicas de P. Poncio são com razão admiradas; os seus retratos não o são menos, principalmente pela expressão com que soube caracterizar as cabeças.

P. Poncio falleceu a 16 de Janeiro de 1658 (Andresen).

N.º 194. — Retrato de Auberto Mireu ; segundo Antonio Van Dyck.

Visto a meio corpo e a tres quartos para a direita, olhando para a frente, com o antebraço direito apoiado sobre uma mesa e a mão esquerda descansando sobre elle.

Na margem inferior lê-se : 1.º, « AVBERTVS MIRÆVS BRVXELENSIS / DECANVS ANTVERPIENSIS. » ; 2.º, « P. Pontius sculp. », á esquerda ; « Ant. van Dyck pinxit », no meio ; e « Cum privilegio », á direita. Sem data.

Altura, 213 millímetros ; largura, em cima, 168 ; em baixo, 166 millímetros.

N.º 36 de Nagler, *Lexicon* (xi, 513).

Esta estampa faz parte da collecção dos *Cem retratos* de A. Van Dyck ; e proveiu da Real Bibliotheca.

JODE Junior (PEDRO DE)

Pedro de Jode Junior, filho de Pedro de Jode Senior, desenhador e gravador a buril, nasceu em Antuerpia a 22 de Novembro de 1606 (L.B.).

Aprendeu os elementos da arte com seu pae ; si na correcção do desenho se equiparou ao mestre, no modo de tratar as partes do nú levou-lhe grande vantagem ; tambem é geralmente considerado como melhor gravador do que elle.

Ignora-se si esteve na Italia ; é porém certo que acompanhou seu pae a Paris, onde ambos gravaram muitas chapas para os mercadores de estampas d'esta cidade. De Pedro de Jode Junior diz Basan que « em muitas das suas estampas igualou-se aos melhores gravadores do seu tempo e em outras mostrou-se inferior a si mesmo ». Apesar d'isto P. de Jode Junior é tido em conta de habil gravador e digno de emparelhar com os melhores artistas contemporaneos : os Bols-werts, os Vorstermans, Paulo Ponce, &c.

As estampas que Pedro de Jode Junior gravou para a collecção dos *Cem retratos* de A. Van Dyck são irreprehensíveis.

Não se sabe ao certo quando falleceu ; segundo Bryan, a ultima data authentica das suas estampas é 1659, embora Nagler, *Lexicon*, mencione uma com o millesimo 1699 (provavelmente erro typographico) ; entretanto Andresen affirma que em 1667 ainda trabalhava em Bruxellas.

N.º 195. — Retrato de Henrique Liberti, segundo Antonio Van Dyck.

A meio corpo, visto a tres quartos para a esquerda, com um grande collar em tres voltas a tiracollo, tendo na mão direita um papel de musica com a lettra, « *Ars longa... vita brevis* ». Na margem inferior lê-se: 1.º, « HENRICVS LIBERTI. / GROENINGENSIS CATHED. ECCLESIAE ANTVERP. ORGANISTA. »; 2.º, « *Anton. van Dyck pinxit.* », á esquerda; « *Petrus de Iode sculpsit* », á direita. Sem data.

Altura, 242 millimetros; largura, 197 millimetros.

N.º 96 de L.B. (II, 432).

Faz parte da collecção dos *Cem retratos* de A. Van Dyck; e pertenceu á Real Bibliotheca.

WYNGAERT (FRANCISCO VAN DEN)

Francisco van den Wyngaert, desenhador, gravador á agua-forte e mercador de estampas, nasceu em Antuerpia cêrca do anno de 1612.

Tendo-se estabelecido com casa de negocio de estampas na cidade natal, comprou muitas chapas abertas por diversos artistas e, depois de as ter retocado, fez por ellas novas tiragens. O seu endereço: *F. v. W. exc.*—*F. van Wyng. exc.*—*F. van den Wyngaerde exc.*—occorre em muitas das estampas de Roberto van den Hoecke, J. Ruysdael, L. van Uden, L. de Vadder, Egidio Neyts, D. Teniers, Guilherme Paneels, C. Mattue, João Livens e outros.

A data da sua morte é desconhecida; pode ter occorrido cêrca de 1660 (Nagler, *Lexicon*).

As estampas d'este habil artista são gravadas com ponta facil e espirituosa; e, ainda que nem sempre de desenho muito correcto, são estimadas e procuradas pelos amadores e entendidos.

N.º 196. — Santa Catharina.

Á esquerda, a Santa Martyr, de perfil para a direita, ajoelhada em cima de um fragmento de roda, aponta

com o indicador da mão esquerda para o Menino Jesus, a quem a Virgem Santissima, á direita, sentada sobre nuvens, de perfil para a esquerda, sustem no regaço, segurando-o pelos braços. Abaixo da roda, uma grande espada. No alto, á direita, muitos cherubins e um anjo com uma corôa e uma palma nas mãos. Sobre uma especie de pedestal, em baixo, occorre: 1.º, « S. CATHARINA », no meio; 2.º, *franciscus van Wyngaert fe. et excu.* », á direita. Sem data.

Altura, 229 millímetros; largura, 133 millímetros.

Estampa não descripta (?), que foi da Real Bibliotheca.

ANONYMO XIV

N.º 197. — Suzanna accommettida por dois velhos, ao sahir do banho, segundo Pedro Paulo Rubens.

Suzanna, sentada, quasi de perfil para a esquerda, com o tronco meio inclináo para a frente, o pé direito ainda dentro d'agua, e a coxa esquerda traçada sobre a direita, olhando para o expectador, encobre os seios com os braços e mãos. Á direita, um velho, de capuz na cabeça e com o semblante risonho, tira pelo lençol, em que ella se envolve, emquanto outro, á esquerda, tenta allicial-a a seus desejos. Na margem inferior occorrem os seguintes dizeres escriptos todos ás avessas: 1.º, a dedicatoria, « *Lectissimæ Virgini ANNÆ ROEMER VISCHERS illustri Bataviae sijderi, multarum Artium peritissimæ, Poëtices vero studio, supra sexum | celebri, rarum hoc Pudicitiae exemplar, Petrus Paulus Rubenus. L.M.D.D.* »; 2.º, em letras muito miudas: « *P. P. Rubens pinxit.* », á direita; « *Cum privilegijs, Regis Christianissimi, Principum Belgarum, & Ordinum Bataviae ~* », no meio; e « *Lucas Vorsterman sculp. | et excud. An.º 1620.* », á esquerda.

Altura: á esquerda, 376 millímetros; á direita, 371 millímetros; largura, 278 millímetros.

Bella e rara cópia invertida, não descripta (?) da estampa de Lucas Vorsterman Senior (n.º 76 de Nagler, *Lexicon*, xx, pag. 546). Vide Zani, vol. iv da II parte, pp. 213 - 214.

Da Real Bibliotheca.

BERBE (JOÃO)

Pouco se sabe d'este artista: suppõe-se que trabalhou em Antuerpia na primeira metade do XVII seculo. Em todo o caso é diferente de João Baptista Barbé, com o qual não deve ser confundido.

N.º 198. — A Virgem Santissima e o Menino Jesus, em um nicho, segundo Francisco Franck Junior.

A Virgem, de frente, sentada, com seu Divino Filho no regaço, tem sobre o joelho direito um passarinho, para o qual o Menino Jesus olha com interesse; á esquerda, uma gaiola vasia; e em baixo, o chão alastrado de flores.

No arco do nicho, em cima, lê-se: « DILECTVS MEVS MIHI, ET EGO ILLI. CANT. II. »; e numa taboleta, em baixo: 1.º, dois disticos latinos em duas columnas: *En sincerus AMOR ... tota calet.*; 2.º « *Franciscus Franc inuentor.* » — « *Ioan Berbe sculpsit.* » — « *Theodor. Galle excudit.* » Sem data.

Altura, 228 millimetros; largura, 140 millimetros.

N.º 1 de L.B. (I, 275). Vide Nagler, *Lexicon*, I, 422.

Da Real Bibliotheca.

SCHUPPEN Senior (PEDRO VAN)

Pedro van Schuppen Senior, desenhador e gravador a buril, nascido em Antuerpia em 1623, falleceu em Paris em 1702 (Huber & Rost). Quanto ás datas do seu nascimento e morte, diz Bryan que a maior parte dos escriptores dão este artista como nascido em 1628 e fallecido em 1702 e que Laborde, discordando de todos os biographos, assevera que Pedro van Schuppen Senior nascêra entre 1625 e 1630 e fallecêra entre 1710 e 1715.

Depois de ter aprendido os rudimentos da gravura na cidade natal, mudou-se para Paris, onde foi discipulo de Nanteuil e gravou não só muitos retratos, segundo os proprios desenhos, no estylo d'este mestre, mas tambem assumptos historicos segundo varios mestres. Desenhava correctamente e manejava o buril com muita firmeza e destreza; pelo que é considerado como um dos melhores gravadores a buril.

N.º 199. — Retrato de Maximiliano Henrique, Arcebispo Eleitor de Colonia; dentro de um oval.

Em busto, a tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, com grande cabelleira e de cruz pastoral ao peito. Em volta do oval: « MAX. HENRIC. D. G. ARCHIEP. COLON. S. R. I. PRINCEPS ELECTOR, EPISCOPVS ET PRINCEPS LEOD. HILD. ETC. V. B. D. ETC. »; e na parte inferior do mesmo oval, o braço do retratado. Em baixo, á direita, lê-se: « *P. van Schuppen faciebat. 1671. cum pri... e.* »

Dimensões da estampa no estado actual:

Altura, 450 millímetros; largura, 387 millímetros.

O exemplar exposto tem as margens mutiladas e está um pouco estragado.

Bella estampa, não descripta (?), que proveiu da Real Bibliotheca.

BERGHEM (NICOLAU)

Berrighem.

N.º 11.

Nicolau Berghem, pintor e gravador á agua-forte, nasceu em Harlem em 1624, viveu quasi constantemente em Amsterdão e falleceu naquella cidade a 18 de Fevereiro de 1683.

Foi successivamente discipulo de seu pae, Pedro Klaasze, pintor mui mediocre, de João van Goyen, Nicolau Moojaert, Pedro Grebber e João Baptista Weenix, a todos os quaes se avantajou.

A sua assiduidade no trabalho e a perfeição das suas pinturas grangearam-lhe em pouco tempo grande e bem merecida nomeada e elle teve o prazer de ver as suas obras muito procuradas e pagas a bom preço, ainda em vida.

N. Berghem gravou com ponta facil e espirituosa, de maneira firme e magistral. As suas estampas, em numero de 58, algumas das quaes muito raras, são consideradas como modelos perfeitos para o estudo e, depois das de Rembrandt, são as mais procuradas e estimadas na Hollanda.

Animaes.

Serie de oito estampas, tendo por titulo « Animalia ad vivum delineata et aqua forti æri impressa. Studio et arte Nicolai Berchemi », descriptas por L.B. sob n.º 27-34 (I, 285), com a denominação « Cahier à l'homme assis sous les arbres. », das quaes a Bibliotheca Nacional possui e expõe somente as 2 seguintes, pertencentes ao 1.º estado, isto é, gravadas á agua-forte pura e sem os numeros no canto inferior esquerdo, que lhe foram offerecidas pelo Sñr. Comendador José Thomaz de Oliveira Barbosa.

N.º 200. — Duas cabras.

Uma deitada, vista de perfil para a direita; a outra, de frente, em pé, um pouco para o fundo. No angulo inferior esquerdo lê-se: « C. Berrigheim », como no monogramma n.º 11 da Taboa dos monogr. Sem data.

Dimensões da chapa: altura, 100 millimetros; largura, 110 millimetros.

N.º 33 (7) de L.B.

N.º 201. — Tres cães de caça.

Um deitado, no meio da estampa; outro, tambem deitado, visto pelas costas, amarrado ao tronco de uma arvore, á direita, um pouco para o fundo; e o terceiro, em pé, á esquerda. Sem assignatura do gravador e sem data.

Dimensões da chapa: altura, 101 millimetros; largura, 111 millimetros.

N.º 34 (8) de L.B.

ANONYMO XV

N.º 202. — O enterro de Jesus Christo, segundo Raphael.

No meio; dois discipulos, S. João e Maria Salomé depõem o corpo morto de Jesus Christo no sepulchro, á entrada de uma gruta; um pouco para traz d'este grupo, Maria Cleophas

sustentando a Virgem Santissima; á esquerda, a Magdalena, de costas, inclinada para a frente, com os cabellos desgrehados, beijando os pés do Salvador. Na margem inferior occorre: 1.º, « O TRISTE ANIME LACRYMAS INFRINGITE MORS / HÆC EST HOMINI IANVA LÆTITIÆ »; 2.º, « a *Raphaello Vrbin. delin.* » Sem data.

Altura, 154 millimetros; largura, em cima, 152; em baixo 149 millimetros.

Cópia invertida (A de Zani, IX, 39 da II parte), no 1.º estado, isto é, sem o endereço, « *Mich. van Lochoem excud.* », da estampa gravada por Lucas Vorsterman, o Velho, N.º 17 de Ardresen (II, 689).

Estampa rarissima e muito bella, que proveiu da Real Bibliotheca.

LEFEBRE (VALENTIM)

Valentim Lefebre ou Lefebvre, cognominado *Lefebre de Veneza*, pintor e gravador á agua-forte, nasceu em Bruxellas em 1642.

Em Veneza, onde morou longo tempo, gravou uma serie de estampas segundo os mais bellos quadros de Ticiano e de Paulo Veronense: « *Opera selectiora, quæ Titianus Vecellius... et Paulus Calliari... inventarunt et pinxerunt... 1682.* » (Vide: *Lefebre*, na Bibliographia), em cuja execução não foi tão feliz como era de esperar de um pintor bem reputado, como elle.

As suas estampas são em geral destituidas de harmonia e de effeito; as partes nuas das suas figuras não são propriamente incorrectas, mas executadas em estylo tão amaneirado que lhes dá certo aspecto desagradavel; entretanto não se lhe pôde negar espirito, facilidade e destreza de mestre no manejo da ponta.

Valentim Lefebre morreu em Veneza cêrca do anno 1700 (Andresen).

N.º 203. — A Sacra Familia com S. João e S. Zacharias, segundo Ticiano.

Cinco figuras, das quaes quatro a meio corpo: no meio, a Virgem, de frente, com o rosto a tres quartos para a esquerda, toma com a mão esquerda umas cerejas, que S. João,

á direita da estampa, oferece ao Menino Jesus, o qual se vê em pé sobre uma mesa, sustentado por sua Mãe, tendo já entre as mãos outros fructos da mesma qualidade; á esquerda, S. José, de perfil para a direita, com um bastão na mão; á direita, S. Zacharias, de frente, achegando seu filho para junto da Virgem.

Por detraz da Virgem uma cortina cahida. Na face anterior da mesa lê-se: « TITIANVS. IN. P. »; e na margem inferior, á esquerda, « V. lefebvre del. et sculps. » Sem data.

Altura, 150 millimetros; largura, 186 millimetros.

Segundo Nagler, *Lexicon*, pag. 259 do IV, e n.º 22, á pag. 312 do XVI, esta estampa foi gravada por Lefebvre e Godofredo Seuter, havendo porém exemplares, a cujo numero pertence a estampa exposta, gravados á agua-forte pura por Lefebvre sómente.

A nossa gravura tem as margens quasi inteiramente mutiladas e faz parte da serie « *Opera selectiora, quæ Titianus Vecellius... et Paulus Calliari... inventarunt et pinxerunt... 1682* ».

Vide: *Lefebvre*, na Bibliographia.

Da Real Bibliotheca.

N.º 204. — S. João Baptista no deserto, segundo Ticiano.

Em uma paizagem com um regato, S. João, em pé, a tres quartos para a direita, com o rosto de frente, tendo na mão esquerda uma cruz tosca, aponta com o indicador da mão direita para o lado esquerdo da estampa; á direita do Santo, vê-se o cordeiro deitado. Na margem inferior occorre: 1.º, « TITIANVS VECCELLIVS. CAD. INVENT. & PINXIT. »; 2.º, « V. lefebvre del. et sculp. », á esquerda; e « I. Van Campen. Formis. Venetijs. », á direita. Sem data.

Altura, 297 millimetros; largura, 236 millimetros.

A estampa faz parte da serie « *Opera selectiora, quæ Titianus Vecellius... et Paulus Calliari... inventarunt et pinxerunt... 1682* ».

Vide: *Lefebvre*, na Bibliographia.

Da Real Bibliotheca.

WESTERHOUT (ARNOLDO VAN)

Arnoldo van Westerhout, desenhador e gravador a buril, e á maneira negra, nasceu em Antuerpia em 1666 (Nagler, *Lexicon*).

Aprendeu os principios da arte na sua patria; trabalhou por algum tempo com seu irmão Balthazar em Praga e finalmente mudou-se para a Italia, onde desenvolveu grande actividade no exercicio da gravura.

Em 1692 o Grão-Duque de Toscana, Fernando, tomou-o ao seu serviço. Foi nesse anno que A. van Westerhout gravou o retrato d'este principe á maneira negra, processo ainda novo na Italia.

Durante a sua residencia em Florença A. van Westerhout occupou-se em fazer reproduzir pela gravura os quadros do Museu Florentino, sendo do seu buril muitas das estampas d'essa serie. Em 1700 passou-se á Roma, onde encontrou o seu compatriota Roberto van Audenaerde, de quem foi emulo na gravura.

A. van Westerhout gravou segundo as proprias composições e as de outros mestres; as suas estampas, muito numerosas, são abertas com buril agradável; fôra entretanto para desejar que tivessem mais vigor e effeito. Os seus trabalhos á maneira negra, em pequeno numero, devem ser considerados como incunabulos da arte neste genero de gravura (Nagler, *Lexicon*).

Falleceu em 1725.

N.º 205. — Adão e Eva expulsos do paraíso depois do peccado, segundo José Passeri.

Em uma paisagem: no alto, á direita, o Padre Eterno entre nuvens, acompanhado de um anjo que segura uma tableta, onde se lê: « Ipsa conteret / caput tuum. / *Genes. Cap. 3.* », aponta com a mão direita para a Virgem Santissima, que se vê em uma gloria circular, no canto superior esquerdo da estampa, e com a esquerda faz um aceno para a serpente, que, no chão, de collo erguido e cabeça levantada, olha para o Senhor; em baixo: Adão em pé, cabis-cahido e de braços cruzados; e Eva, ajoelhada, olhando para o Padre Eterno, mostra-lhe com a mão esquerda a serpente

tentadora. Na margem inferior occorre: « *Joseph Passarus Rom.º Inu. et del. Arnoldus V. Westerhout Antu.º Ferd. Mag. Princ. Etru.º Sculptor fec.* ». Sem data.

Altura, 150 millímetros; largura, 102 millímetros.

Não descripta?

Da Real Bibliotheca.

ESCOLA INGLEZA

HOGARTH (GUILHERME)

Guilherme Hogarth, desenhador, pintor e gravador á agua-forte e a buril, nasceu em Londres a 10 de Novembro de 1697 e foi baptizado na parochia de S. Bartholomeu da mesma cidade a 28 do dito mez e anno (Trusler).

A principio aprendeu o officio de ourives com um lavrante de nome Gamble; finda a aprendizagem, deixou a officina do mestre, com quem aliás pouco se adiantou no desenho, e entrou para a Academia, sita em *S.º Martin's Lane*, afim de estudar a desenhar do natural.

Os primeiros tempos da sua carreira artistica não foram felizes: ganhava apenas o estrictamente necessario para viver, abrindo em metal brazões e endereços para as chapas das portas dos negociantes e desenhando e gravando cartuchos, rotulos, &c. Depois passou a gravar para os livreiros, segundo os proprios desenhos: as estampas que fez para o poema satyrico de Samuel Butler, *Hudibras*, são a sua melhor producção neste genero.

Tendo travado relações com o cavalleiro Jacob Thornill, pintor do Rei, foi G. Hogarth acolhido por elle na sua officina para ensinar-lhe a pintura; o discipulo porém não poude conservar-se por muito tempo na companhia de Thornill, não só porque vivia constantemente a criticar-lhe desapiedadamente as theorias e a maneira de pintar, mas tambem por ter-se casado clandestinamente e contra a vontade do pae com a filha do mestre (1730), da qual se enamorára.

G. Hogarth começou por este tempo a dedicar-se á pintura de retratos. Como antes de tudo amava apaixonadamente a verdade e reproduzia na téla os seus modelos com rigor

absoluto, sem omitir nem corrigir cousa alguma, succedeu que os freguezes, achando os seus retratos horrivelmente semelhantes e feios, desertaram da sua officina do pintor.

A bôa cópia de observações sobre os diferentes caracteres dos homens, adquiridas nas excursões que tinha feito pelas tavernas, pelos cafés e pelas viellas da cidade, levaram-n'o a applicar-se a novo genero de pintura, que de mais a mais estava de perfeita harmonia com a sua natureza e o seu genio; assim dizia elle (citado por C. Blanc, *Histoire des peintres*, Ecole anglaise, Hogarth, pag. 6): « Estou resolvido a compor comedias na tela, a pintar, não assumptos classicos, mas retratos burguezes; não pintarei mais heroes imaginarios. Serei util. » Dedicou se portanto a pintar os defeitos e vicios do seu seculo: tudo quanto lhe parecia ridiculo ou reprehensivel foi assumpto das suas composições; caracterizou nellas os personagens conhecidos ou celebres do seu tempo, os usos, trajes e moveis do seu paiz e da sua epoca com verdade, de maneira tocante e ás vezes até pathetica; eram verdadeiros dramas, com exposição, enredo e catastrophe, de sorte que se pode dizer que foi antes escriptor de comedia a pincel do que pintor. As suas series: *Os degraus do vicio da mulher perdida* (*Harlot's progress*), *Os degraus do vicio do dissoluto* (*Rake's progress*), *O casamento à la moda*, *A actividade e indolencia* (*Industry and Idleness*) e *As eleições* devem ser consideradas como as suas melhores composições neste genero.

G. Hogarth dedicou-se tambem á pintura historica; mas a incorrecção do desenho, a fraqueza do colorido e a falta de nobreza e de graça estavam nelle de tal sorte arreigadas que nunca poude ser bem succedido neste genero.

Pouco depois da paz de Aquisgrão (1748) foi á França. Estando em Calais a desenhar uma das portas da cidade, foi preso como espião; mas, tendo sido reconhecido innocente, foi solto, assegurando-lhe então o commandante da praça que si a paz já não estivesse assignada entre a França e a Inglaterra, elle seria immediatamente enforcado.

G. Hogarth voltou á patria incontinenti e logo depois (1749), para vingar-se dos Francezes, publicou uma estampa satyrica, *A Porta de Calais*, com o dizer « *O the roast Beef of Old England.* »

G. Hogarth foi tambem escriptor sobre assumptos de arte. *A Analyse da belleza*, em que procurou demonstrar que a immobilidade é contraria á arte, que a variedade lhe é essencial e que a linha *serpentina* (curva) e não a recta é a fôrma mais agradável á vista, é uma misturada de ideias novas

e verdadeiras, de boas reflexões e de absurdos em materia de arte.

A obra fez grande barulho e foi muito criticada pelos contemporaneos, philosophos, estheticos e pintores ; mas, apesar dos seus defeitos, não deixou de ser plagiada por Diderot e seus amigos.

G. Hogarth, que sempre se tinha abtido de intrrometer-se em politica, envolveu-se nella no fim da vida, publicando, em 1762, duas estampas satyricas, *Os tempos* (*The Times*), contra o famoso ministro Pitt. Tendo João Wilkes, escriptor politico, e o seu acolyto, o poeta Carlos Churchill, tomado partido por Pitt e atacado violentamente o nosso artista, este respondeu-lhes, publicando contra elles duas estampas : o retrato de J. Wilkes, famoso pela fidelidade com que foi reproduzido o character do retratado, e a caricatura de Churchill, figurado sob a fórma de um urso, segurando com uma mão um porrete e com a outra um pucaro de cerveja, com o seguinte titulo : « *The Bruiser Charles Churchill* (*O Pugillista Carlos Churchill*). »

Em consequencia de ter seu cunhado, Thornill, resignado o lugar de pintor do Rei, em beneficio de G. Hogarth, foi este nomeado para o dito lugar, cujas funcções começou a exercer a 16 de Junho de 1657.

As estampas de G. Hogarth são em numero de 260, umas inteiramente gravadas por elle, outras por elle conjunctamente com outros artistas, que trabalhavam debaixo da sua direcção.

O grande merecimento de G. Hogarth consiste na invenção dos assumptos e na expressão das paixões ; todos os seus esforços tendiam a exprimir a alma, e para produzir este effeito menosprezava o corpo, isto é, a parte mecanica da arte.

As suas composições são defeituosas no desenho, no colorido e no claro-escuro. apreciando este conjuncto de boas partes e de senões do nosso artista, C. Blanc diz d'elle (*Opere citato*, pag. 14) : « Não o admirar seria injusto, mas imital-o seria perigoso. »

G. Hogarth falleceu na villa de Chiswick, perto de Londres, a 26 de Outubro de 1764, em consequencia da ruptura de um aneurisma.

Foi enterrado na dita villa de Chiswick ; na sua sepultura depois levantou-se um monumento com um epitaphio em versos, composto por seu amigo Garrick.

N.º 206. — O Tribunal.

Quatro figuras, a meio corpo, sentadas, com as classicas cabelleiras dos juizes inglezes, vestidas de toga de magistrado, presidindo á sessão do Tribunal, á qual, vê-se, não prestam a menor attenção; no meio, um dos juizes, de olhos ao nariz, no cumulo do orgulho e da vaidade, com uma penna na mão direita, e lendo um papel que tem na esquerda; á direita d'esta figura, outro juiz, de perfil para a direita, tambem lendo um papel, e á esquerda, dois outros collegas: o mais proximo, de perfil para a direita, com um rôlo de papel na mão esquerda, embevecido nos seus pensamentos, e o mais distante, dormindo a somno sôlto. No alto: as armas do Reino Unido da Inglaterra, Escossia e Irlanda, tendo á direita um = R =.

Na margem superior lê-se: « CHARACTER »; e na inferior: 1.º, « *Design'd & Engrav'd by W. Hogarth* », á esquerda; « *Publish'd as the Act directs. 4. Sep. 1758.* », á direita; 2.º, « *The BENCH. | Of the different meaning of the Words Character, Caracatura and Outré in Paiting and Drawing.* ». Por baixo do precedente dizer occorre uma longa inscripção, impressa por outra chapa: « *There are hardly.... to the pre-judice of Character. — + See Excess, Analysis of Beauty. Chap. 6.* »

Dimensões da estampa: altura, 166 millimetros; largura, 198 millimetros.

Vide: John Trusler, *The Works of William Hogarth*, pp. 29 - 30; L.B., n.º 121 (II, 368).

A estampa exposta foi impressa pela chapa no seu 1.º estado, a saber: antes das alterações que o proprio gravador lhe fez em 1764, apagando as armas do Reino Unido, a lettra = R = e o dizer « CHARACTER » na margem superior, e substituindo as armas e a lettra = R = por um grupo de oito cabeças, algumas das quaes somente a traço, por ter sido o artista sorprehendido pela morte antes de as ter acabado.

Segundo Trusler (*Opere citato*), as quatro figuras da estampa, no 1.º estado, representam os retratos (na ordem em que acima ficam descriptos) de: *Lord Chief Justice Sir John Willes, Sir Edward Clive, Mr. Justice Bathurst e Hon. William Noel*.

Le Blanc não interpretou com exactidão, ao que parece, o assumpto d'esta estampa, quando a descreve: « 121. The Bench; caricature contre les medecins. 1758. P. en Haut. »

Bella gravura, que foi da Real Bibliotheca.

ESCOLA FRANCEZA

GARNIER (NOEL)

NOEL

N.º 41 a.

NOEL

N.º 41 b.



N.º 41 c.

Noel Garnier, ourives e gravador do numero dos antigos mestres da escola franceza, viveu no fim do XV seculo até ao meiado do XVI e floresceu na primeira metade d'este ultimo, segundo Andresen e Nagler, *Die Monogrammisten*, de 1520 a 1540; mas á vista da data de 1544, que vem na estampa descripta pelo Sñr. Jorge Duplessis no *Peintre Graveur français*, xi, pag. 107, não se pode negar que o mestre trabalhou pelo menos até esse anno. Excepto o que precede, nadá mais se sabe da sua vida.

D'este mestre diz R.-Dumesnil (vii, 1) o seguinte :

« Sobre Noel Garnier, antiquissimo e muito mediocre gravador a buril, não ha outros dados além das estampas que gravou, as quaes são da maior raridade. »

Segundo Passavant, as gravuras de Noel Garnier são executadas em estylo archaico, mas sempre particular á nação que elle representa, mui duras e de desenho muito fraco.

As estampas gravadas por Noel Garnier não têm data, excepto a descripta pelo Sñr. Jorge Duplessis; umas não têm monogramma, nome ou marca; outras, porém, trazem-n'os, ora um só d'elles, ora mais de um combinados. Entretanto o verdadeiro nome do gravador d'essas estampas foi por algum tempo desconhecido, até que o descobrimento da descripta por R.-Dumesnil sob n.º 50 (vii, 15) dissipou todas as duvidas, que a tal respeito havia.

Para outras informações por menor, concernentes a Noel Garnier e á sua obra, vide *Annaes da Bibliotheca Nacional*, I, pp. 355 - 362 e as obras ahi citadas.

As divindades dos sete (?) planetas.

Serie de sete (?) estampas, sem data, provavelmente cópias das gravadas por João Sebaldo Beham, descriptas por B. sob n.º 113-120 (VIII, pp. 161-163).

Altura, 85 millímetros; largura, 49 millímetros.

Em nenhum iconographo encontrámos noticia d'esta serie de estampas; o illustrado Sñr. Jorge Duplessis, conservador adjunto do departamento de estampas da Bibliotheca Nacional de Paris, autoridade tão competente nesta materia, tambem não as conhece, como o declara na carta abaixo transcripta dirigida ao ex-Bibliothecario, o Sñr. Dr. B. F. Ramiz Galvão:

« Paris, 13 juillet 1877. — Monsieur. J'ai reçu les deux fascicules des Annales de la Bibliothèque Nationale de Rio de Janeiro que vous avez bien voulu m'adresser et je vous en remercie. J'y ai trouvé avec plaisir la mention du nielle que vous possédez (le triomphe de Galathée) et *la description de cinq estampes de Noël Garnier que je ne connaissais pas*. Si jamais je fais une nouvelle édition du *Peintre Graveur français* j'aurai soin d'indiquer ces pièces, de dire à qui j'en dois la connaissance et où elles se trouvent. Veuillez me croire, cher Monsieur, bien à vous — George Duplessis. »

E pois não será temeridade afirmar que são ellas as *unicas conhecidas*.

D'esta serie a Bibliotheca Nacional possui tão somente as cinco estampas abaixo descriptas, que pertenceram á Real Bibliotheca.

N.º 207. — Saturno.

Com as inscrições: NOEL, em uma taboleta (Vide o n.º 41 b. da Taboa dos monogr.), em baixo, no canto da esquerda; e « SATVRNE » em cima, um pouco para a direita. A estampa representa um homem moço, de perfil para a esquerda, de pé, tendo a perna direita cortada pouco acima da articulação tibio-tarsiana e o coto dobrado sobre a coxa e apoiado a uma perna de pau; trajando apenas como que umas bragas curtas, que lhe cobrem a parte inferior do tronco e superior das coxas, e uma capa sobre os hombros; com uma espada curta á cinta, do lado direito; levando á bocca uma criancinha, que segura com as duas mãos, em ar de quem a quer comer. Vê-se mais: no primeiro plano: em baixo, á esquerda, uma grande foice emhastada; á direita, um bode voltado de frente para a direita (*Capricornius*); e em cima, no canto da esquerda, um monstro com cara de homem e cauda de peixe,

voltado para a direita, entre nuvens, despejando agua de um vaso (*Aquarius*); no segundo plano: á direita, altos rochedos; á esquerda, uma paisagem com casas.

(Vide a estampa n.º 1).

N.º 208. — Jupiter.

Com o dizer « NOEL G. » (como no n.º 41 c. da Taboada dos monogrammas) em uma taboleta dependurada á uma arvore perto do canto superior esquerdo da estampa; e com a inscripção « IVPITER » em cima, para a direita. No meio da estampa vê-se um guerreiro de frente, com o rosto de perfil para a esquerda, de capacete na cabeça, com uma cotá de armas, e sobre esta um manto preso por um laço ao hombro direito; de grevas e alpargatas; segurando com a mão esquerda um espadão descansado sobre o hombro do mesmo lado, e com a direita um escudo oblongo, terminado inferiormente em ponta, apoiado no chão: nesse escudo estão figurados os signos de *Sagittarius* em cima, e *Pisces* em baixo. No segundo plano: á esquerda, uma arvore; á direita, uma paisagem com vista de cidade.

(Vide a estampa n.º 11).

N.º 209. — Marte.

Sem nome, monogramma ou marca do gravador. No meio da estampa vê-se um guerreiro, de perfil para a esquerda; armado de ponto em branco com uma armadura pesada da idade média: capacete de viseira abaixada, gorjal, couraça, ombreiras, braçoes, cotoveleiras, guantes, toneletes, joelheiras, grevas, sotulares, cimitarra á cinta do lado direito, segurando com a mão esquerda uma alabarda descansada no chão e embracando um escudo com o braço direito. No segundo plano vê-se: á esquerda, um carneiro (o signo de *Aries*), deitado sobre o ventre, voltado para a esquerda, de frente para um castello meio desmantelado; á direita, uma casa.

(Vide a estampa n.º 111).

N.º 210. — Venus.

Sem nome, monogramma ou marca do gravador. No meio de uma paisagem com uma grande arvore vê-se á esquerda, no segundo plano, uma mulher moça, em pé, de perfil para a esquerda, com longos cabellos soltos ao vento, trajando um

vestido de mangas mui largas, cuja saia fluctua á mercê do vento que sopra pela frente, de pés descalços, tendo na mão esquérda um coração flammejante (com sete chammas) e na direita uma grande setta descansada sobre o hombro direito. Em baixo vê-se: á direita, uma balança (*Libra*) no chão; e á esquerda, um boi deitado sobre o ventre e voltado para a esquerda (*Taurus*).

(Vide a estampa n.º iv).

N.º 211. — Diana.

Sem nome, monogramma ou marca do gravador. A estampa representa Diana sob a figura de uma mulher moça, vista de frente, com o rosto a tres quartos para a direita, de cabellos soltos pelas espaldas, vestida, mas com os pés descalços, em pé sobre uma secção de esphera, tendo debaixo dos pés um camarão (*Scorpio*) e segurando com a mão esquerda uma lança apoiada no chão e com a direita um crescente de lua. No segundo plano: á esquerda, uma grande arvore; e á direita, vista de uma cidade.

(Vide a estampa n.º v).

N.º 212. — Apollo dansando com as Musas.

Apollo no meio, quatro Musas á direita, e cinco á esquerda, dão-se as mãos, fazendo uma grande roda e dansando.

Em baixo, á esquerda, lê-se, escripto em uma taboleta oblonga: « NOEL. », como no n.º 41 a. da Taboia dos monogrammas.

Altura, 54 millimetros; largura, 156 millimetros.

N.º 55 de R.-Dumesnil (VII, 17).

A estampa é cópia invertida da que descreve B. sob n.º 2 (x, 133), gravada por um artista anonymo do XVI seculo.

Rarissima. Foi da Real Bibliotheca.

PERRIER (FRANCISCO)

Francisco Perrier, pintor e gravador á agua-forte e a claro-escuro, filho de um ourives, nasceu em 1590 em Macon, segundo Guillet, ou em S.^t Jean de Losne, segundo os registros da Academia de pintura e de esculptura de Paris, ou ainda em Salins, no Franco-Condado, segundo outros; em todo

o caso na Borgonha, como elle proprio o declara, assignando-se *Burgundus*.

Ignora-se quem fôra seu mestre de desenho. Foi da sua cidade natal para Lyão, onde pouco se demorou á falta de recursos; de Lyão partiu para Roma conduzindo um cego, o que lhe permittiu fazer a viagem sem nada despende. Nesta cidade empregou-se na casa de um negociante de quadros, que o occupou em pintar; foi ahi que fez conhecimento com João Lanfranco, de quem aproveitou excellentes lições para o exercicio da pintura. F. Perrier, que se tinha formado gravador com a mesma facilidade com que se tornára pintor, gravou então, á instigações de Lanfranco, a *Communhão de S. Jeronymo*, segundo Agostinho Carracci.

Depois de longa estada em Roma, tornou á França em 1630; de passagem por Lyão, pintou na Cartucha d'esta cidade: a *Vida de São Bruno* no claustro e a *Ceia* no refeitório, ambas a fresco; e varios quadros para a igreja do mosteiro. Em 1631 foi á Paris, onde se relacionou com Simão Vouet, que o empregou em executar segundo os seus desenhos decorações em varios palacios e castellos.

Não obstante a boa reputação que lhe grangearam estes trabalhos, F. Perrier, cujo temperamento e talento se não coadunavam com o papel secundario que representava na execução de taes obras, tornou de novo á Roma (1635).

Em Paris já tinha gravado algumas estampas; em Roma publicou muitas outras, principalmente as series á agua-forte: *Estatuas antigas* (1638) e *Baixos relevos da antiga Roma* (1645).

Voltando para Paris em 1645, occupou-se em pintar a fresco o tecto da galeria do palacio de La Vrillière, o palacio de Raincy e ainda varios quadros. As suas pinturas são cheias de imaginação e de fogo; mas o seu desenho é ás vezes incorrecto, o seu colorido muito carregado de preto e as suas figuras não têm belleza nem graça.

A sua obra gravada consta de 95 estampas (R.-Dumesnil), executadas com ponta espirituosa e ligeira no gosto de Miguel Dorigny. As duas series acima citadas, publicadas em Roma, merecem em parte a boa reputação de que gozam; mas não reproduzem com fidelidade os originaes. Nas estampas de F. Perrier elle proprio escrevia o seu nome de varios modos: *Perier*, *Perrier* e *Paria* (á italiana); e em algumas d'ellas accrescentava ao apellido de familia o sobrenome patrio *Burgundus*.

F. Perrier foi um dos fundadores (1648) da Academia de pintura e de esculptura de Paris, a qual o elegeu um dos

seus *Anciãos* ou *Professores*, como depois foram denominados. Foi mestre do célebre Carlos Le Brun; e ainda que se tivesse casado, não teve filhos.

Falleceu em Paris em 1650.

N.º 213. — Minerva mostrando o templo da gloria a um joven guerreiro; allegoria, segundo Simão Vouet.

Minerva, com um globo na mão esquerda e um ramo de loureiro na outra, mostra o templo da gloria, á esquerda, a um joven guerreiro, que põe a mão direita sobre o globo, como quem o vae tomar. Na margem inferior, lê-se: 1.º, « *Simon Vouët pinxit | Cum privilegio Regis* », á esquerda; « *François Perrier | sculp. parisi. 1632.* », á direita; 2.º, um distico latino, no meio:

« *Quisquis ad hoc sacrum, concurris limen honoris
Aspice quod virtus strenua pandit iter ~ »*.

Altura, 242 millimetros; largura, 113 millimetros.
N.º 16 de R.-Dumesnil (vi, 170).

Da Real Bibliotheca.

VOUET (SIMÃO)

Simão Vouet, pintor e gravador á agua-forte, nasceu em Paris a 9 de Janeiro de 1590 e falleceu na mesma cidade a 30 de Junho de 1649 (Villot; e Ch. Blanc, *Histoire des peintres: École française*, Vouet, 1).

Seu pae, Lourenço Vouet, pintor mediocre, foi o seu primeiro mestre. Diz-se que aos quatorze annos já era tão habil retratista, que foi chamado á Inglaterra para pintar o retrato de uma nobre dama, refugiada naquelle paiz. Depois de alguns annos de estada em Inglaterra tornou á França. Graças á nomeada, de que então já gozava, e talvez tambem ás suas maneiras, foi designado para acompanhar á Constantinopla (1611) o embaixador Achilles de Harlay, Barão de Sancy, afim de tirar o retrato do Sultão Achmet I, retrato que sahira muito parecido, ao que se diz, não obstante ter sido feito de memoria, segundo as recordações que o pintor conservou do Sultão na unica vez que o viu no acto da recepção do embaixador.

Em Novembro de 1612 partiu S. Vouet de Constantinopla para Veneza, onde estudou as obras de Ticiano e de Paulo Veronense; de Veneza foi-se á Roma em 1613. Ahi executou com bom exito muitos quadros, tomando a principio por modelos as obras de *Caravaggio* e de Valentim e depois as de Guido Reni.

Em 1620 partiu para Genova a chamado da familia Doria, afim de executar algumas pinturas (o retrato de João Carlos Doria, filho do Doge, Jesus Christo crucificado, &), e no fim de dois annos voltou de novo á Roma. Estabeleceu-se então nesta cidade, trabalhando sempre com afinco; angariou a protecção do cardeal Barberini (depois Urbano VIII), que lhe encommendou o seu retrato e os de seus sobrinhos; em recompensa do seu merecimento foi eleito Principe da Academia de S. Lucas de Roma e obteve de Luiz XIII de França uma pensão; casou-se com Virginia de Vezzo, velletrana, que tambem cultivava a pintura.

O Rei de França chamou-o então á sua Côte; em obediencia a essa ordem chegou S. Vouet a Paris a 25 de Novembro de 1627, com sua mulher, uma filha de quatro mezes, seu sogro e seus discipulos: Albino Vouet, seu irmão; Jacob Lhomme, de Troyes; e João Baptista Mola. O nosso artista foi acolhido por Luiz XIII e pela Rainha-Mãe do modo mais honroso e nomeado 1.º pintor da Côte, agraciado com uma pensão consideravel e alojado no Louvre. El-Rei encarregou-o de muitas obras e os grandes senhores, uns por gosto, outros para imitarem o Monarcha, encommendaram ao nosso artista trabalhos importantes: assim S. Vouet desenhou os cartões para as tapeçarias da Corôa; decorou o Louvre e o Luxemburgo; executou numerosas obras para S.^t Germain-en-Laye; tirou muitos retratos de Luiz XIII, assim como os de todos os senhores da Côte; trabalhou para o Cardeal de Richelieu no Palais-Royal e no castello de Reuil (1632); pintou a famosa galeria do palacio de Boullion (1634) e as do Marechal d'Effiat, em Chilly, e do Duque d'Aumont, a capella do palacio do Chancellor Séguier; e fez retabulos e grande numero de outras pinturas para quasi todas as igrejas de Paris. Ainda que trabalhasse muito activa e expeditamente, S. Vouet não podia dar vasão ás encommendas; limitava-se pois muitas vezes a fazer os desenhos, que serviam de modelos a seus discipulos, succedendo que nem sempre tinha tempo para retocar-lhes as pinturas.

Durante a sua vida gozou S. Vouet da fama de grande pintor; a posteridade porém tem-lhe agorentado um pouco os excessivos elogios dos coevos; reconhecendo a afouteza do seu

pincel, a abundancia do seu talento facil e prompto, censura-lhe haver apenas conhecido os rudimentos do claro-escuro, não ter tido sciencia das gradações da luz e ter pintado demasiadamente por practica e não do natural.

A maior gloria de S. Vouet consiste em ter formado na sua escola célebres discipulos, que honraram a patria com as suas obras primas e tornaram immorredoura a memoria do mestre; Carlos Le Brun; Pedro Mignard; Eustaquio Lesueur; seus irmãos, Albino e Claudio Vouet; seus genros, Francisco Torteбат e Miguel Dorigny; Francisco Perrier, o *Borguinhão*; Miguel Corneille Senior; João Ninet de l'Estaing; Carlos Affonso Dufresnoy; Nicolau Chapron; Luiz Testelin; Remigio Wuibert; Carlos Meslin, o *Loreno*; Frei José, dos Bernardos Fullenses; Carlos Poerson; &c.

Tratando da obra gravada de S. Vouet, R.-Dumesnil (v, 71-72) exprime-se nos seguintes termos: « Ainda que nenhum dos seus biographos o tenha dito, deve-se a este célebre artista uma estampa gravada á agua-forte: é uma Sacra Familia, executada com pureza, franqueza e elegancia, á maneira de Francisco Perrier. Sabe-se quanto Vouet se avantajou em assumptos da Virgem Santissima. » Além d'esta, Nagler, *Lexicon* (xx, 571), descreve sob o n.º 2 mais outra estampa gravada por S. Vouet: *A Magdalena*, no deserto, ajoelhada, voltada para a direita, segurando com a mão esquerda o crucifixo e tendo a direita sobre um livro; com quatro versos latinos, « Amore... lambere. » e os dizeres: « Vouet juven. » e « le Blond excud. », na margem inferior.

Em Outubro de 1638 perdeu S. Vouet sua mulher Virginia de *Vezzo*, de quem teve quatro filhos; dois annos depois contrahiu segundas nupcias, das quaes houve ainda tres filhos. Passou os ultimos annos da vida sempre adoentado, em tal estado de fraqueza que não podia pintar nem tão pouco dedicar-se a qualquer trabalho espiritual.

N.º 214. — A Sacra Familia.

Tres figuras em uma paizagem: á esquerda, a Virgem Santissima, a meio corpo e a tres quartos para a direita, sustenta nos braços o Menino Jesus. Este, com duas cerejas na mão direita, tenta tomar com a esquerda um passarinho, que S. José, á direita, lhe apresenta sobre o indicador da mão direita.

Na margem inferior lêem-se: 1.º, no meio, dois versos italianos;

« *Siede in braccio à la Madre il figlio Dio,
Dona l'augello à lui giuseppe pio.* »;

2.º, « *Si Vouët jn sculp.* », á esquerda; « *Cum Priuilegio Regis | 1633.* », á direita.

Altura: á esquerda, 170 millímetros, e á direita, 173 millímetros; largura, 206 millímetros.

N.º 1, 2.º estado (com a data), de Nagler, *Lexicon*, xx, 571. É a mesma estampa de que falla Robert-Dumesnil.

Da Real Bibliotheca.

CALLOT (JACOB)

Jacob Callot, desenhador, gravador a buril e á agua-forte, descendente de uma familia originaria da Borgonha, estabelecida na Lorena, nasceu em Nancy em 1592 (Maume, 1, 4 e 5) e falleceu na mesma cidade a 24 de Março de 1635, com 43 annos de idade.

« Jacob Callot, diz Mariette (1, 258 e seguintes), nasceu em Nancy de paes nobres, que, destinando-o á outra profissão que não a do desenho, se impacientavam por verem-n'º desprezar os estudos para empregar todo o seu tempo no exercicio d'esta disciplina. Querendo impedir o filho de desenhar, aguçaram com isso os seus desejos a tal ponto que, para não ser obstado nos seus intentos, resolveu, si ãem tivesse apenas doze annos, abandonar a casa paterna e ir procurar na Italia os meios de aperfeiçoar-se na arte que era a constante preocupação dos seus pensamentos. Assim, sem attender aos perigos a que o expunham os seus verdes annos, a sua pouca experiencia e mais que tudo a má companhia d'aquelles, a quem á falta de dinheiro fôra obrigado a associar-se para fazer a viagem, um bando de ciganos, chegou á Florença, onde não levou muito tempo sem encontrar pessoas das suas relações, as quaes o obrigaram a voltar com ellas para Nancy. Em segunda viagem que fez á Italia algum tempo depois não foi mais feliz; seus paes, accedendo ás suas instantes sollicitações, permitiram-lhe enfim que voltasse pela terceira vez áquelle paiz e desde então começou a dedicar-se sinceramente á gravura.

« Quem primeiro lhe ensinou o manejo do buril foi Philippe Thomassin, de nação francez, que estava estabelecido em Roma; na casa d'este mestre trabalhou Jacob Callot por algum tempo, gravando a buril puro, o que não condizia

com o seu character: tinha nascido para ser inventor de um novo genero de producções, que em pequeno espaço representassem grandes assumptos, talento que não herdára de pessoa alguma e que teve occasião de manifestar de modo brilhante ao começar a gravar á agua-forte, quando deixou Roma e veio á Florença.

« As primeiras obras d'esta natureza, feitas para o Grão-Duque Cosme II, que o havia tomado ao seu serviço, foram em breve seguidas de outras da mesma especie, nas quaes o desenho, a composição e o toque são tão bem acabados que não é possível desejar-se nada mais perfeito. Assim, quando depois da morte do Grão-Duque, seu Mecenas, Callot tornou á Lorena, a sua boa reputação já se tinha espalhado por toda a Europa. A infanta Dona Isabel, Soberana dos Paizes-baixos, mandou-o vir a Bruxellas para desenhar o famoso sitio de Bréda, que elle depois gravou, e El-Rei Luiz XIII chamou-o á França para gravar os sitios do Rochella e do forte de S. Martinho, na ilha de Ré. São estas tres estampas as de maiores dimensões que Jacob Callot fez; todas as outras, aliás em grande numero, são pequenas; apesar porém da sua pequenez não deixam de conter grandes composições, taes como: a série, em que tão magistralmente exprimiu todas as especies de supplicios, dita *As Calamidades da guerra*, os assumptos da *Paixão*, da *Vida da Virgem Santissima* e dos *Martyrios dos Apostolos*, *A vida do filho prodigo* e muitas outras inventadas do modo mais agradável; mas nenhuma d'estas estampas emparelha com a que gravou em Florença, representando a feira que se faz annualmente em N. Senhora de Imprunetta, no Estado de Florença: é o quadro perfeito de tudo quanto imaginar-se póde para exprimir um grande concurso de povo occupando-se em differentissimos misteres.

« J. Callot executou esta composição da maneira mais feliz e nada é mais capaz de dar a conhecer a vastidão do seu genio. Que variedade nos pensamentos! quanta nobreza em uns! quanta simplicidade e ingenuidade em outros! Cada grupo, cada figura contribue para formar um todo, em que cada objecto se acha tão appropriadamente no seu lugar, que se lhe não percebe a menor confusão. Ha outro genero ainda em que Callot se avantajou: na representação de assumptos phantasticos e extravagantes, cujo lado ridiculo tão bem exprimiu que ao vel-os ninguem poderá conter o riso. Estas composições distrahiam-n'o e alegravam-n'o, e como que ao mesmo passo o descançavam das suas occupações mais sérias.

« Callot tinha um talento singular para imaginar posturas, physionomias, trajas, figuras çhimericas, cada qual mais extra-

vagante e burlesca que as outras. Neste genero *A tentação de Santo Antão* é uma obra prima. Que pena que tal artista, tão habil, tão amado e tão estimado de todos os Principes e grandes senhores que o conheceram, tivesse morrido na flor da idade, quando mais do que nunca trabalhava com ardor e promettia augmentar consideravelmente o numero das suas obras, que no seu tempo causaram admiração aos entendidos e ainda hoje são procuradas com grande empenho.»

Os mestres de J. Callot foram: em Nancy, Claudio Henriet, que lhe ensinou os rudimentos do desenho, e Demange Crocq os da gravura; em Florença, Remigio Cantagallina, com quem se aperfeçoou no desenho e na gravura a buril; e em Roma, o já citado Philippe Thomassin.

A obra gravada de Jacob Callot é numerosissima: Le Blanc attribue-lhe 1405 peças.

N.^{os} 215-232. — As calamidades da guerra.

Serie de dezoito estampas numeradas, conhecida em iconographia pela denominação de *Grandes calamidades da guerra*, para distinguir de outra de sete estampas, gravadas pelo mesmo artista, denominada *As pequenas calamidades da guerra*.

Todas as estampas, menos a do titulo, trazem no corpo da gravura a subscrição do editor, « *Israel excudit Cum Priuilegio Regis* », escripta em breve de diferentes modos, e na margem inferior, seis versos francezes, obra do Abbade de Marolles, dispostos em tres columnas com dois versos em cada uma; os numeros de ordem occorrem na dita margem, á direita.

Altura, 76 a 78 millimetros; largura, 184 a 189 millimetros.

N.^{os} 564-581, 2.^o estado (isto é, com os versos e os numeros) de E. Meaume (II, 265-271); N.^{os} 1252-1270, 2.^o estado de L.B. (I, 570).

Estampas bellissimas e muito raras, que pertenceram á Real Bibliotheca.

N.^o 215. — Titulo.

Em uma taboleta, adornada em cima e em baixo com trophéos de armas, lê-se: « *LES MISERES ET LES MAL-HEVRES / DE LA GUERRE. / Representez Par JACQUES CALLOT / Nobis*

Lorrain. | ET mis en lumiere Par ISRAEL | son amy. | A PARIS | 1633 | Avec Privilege du Roy. De cada lado da taboleta vê-se um general, coroado de louro, acompanhado de soldados.

N.º 216. — O alistamento da tropa.

Em um acampamento fóra dos muros de uma cidade: uns officiaes, á esquerda, alistam recrutas e lhes distribuem armamento, enquanto outros, á direita, fazem-lhes pagamento do soldo; no meio, vê-se tropa de infantaria e de cavallaria formada. Os versos na margem inferior rezam:

*« Ce Metal que Pluton dans ses veines encerre
Il faut que sa vertu s'arme contre le vice. »*

N.º 217. — A batalha.

No meio da estampa, um combate de cavallaria; aquem dos combatentes, homens e cavalloos mortos; no fundo, á direita, o recontro de tropas de infantaria.

*« Quelques rudes que soient les atteintes de Mars,
Du sang des ennemis arrousent leurs Lauriers. »*

N.º 218. — O roubo.

Um troço de soldados invade uma hospedaria; uns batem-se na rua com os habitantes ou os viajantes, e outros carregam os despojos.

*« Ces courages brutaux dans les hosteleries,
Quand on les á soulez, et seruis á leurs mode. »*

N.º 219. — O saque.

No interior de uma casa vasta e bem provida, soldados commettem todas as especies de crimes, o roubo, o rapto, o assassinio, o estupro, &c.

*« Voyla les beaux exploits de ces cœurs inhumains
Le vol, le rapt, le meurtre, et le violement. »*

N.º 220. — A devastação de um mosteiro.

No meio, vê-se ardendo em chammas uma igreja, sobre cujo portal se lê: « S. MARIA »; á esquerda, soldados pilhando um convento de freiras e raptando as religiosas; aquem da igreja, uma carroça, puxada a quatro cavallos, tomando a carga dos despojos; &.

« Icy par un effort sacrilege et barbare

Quils osent enlever pour estre violées. »

N.º 221. — Saque e incendio de uma aldeia.

A igreja e muitas casas pegando fogo; á direita, um soldado tocando o gado que tirára da estribaria; no meio, duas carroças tomando a carga dos despojos; e á esquerda, os habitantes da aldeia conduzidos prisioneiros por soldados.

« Ceux que Mars entretient de ses actes meschants

Ny les pleurs et les cris les puissent esmouuoir. »

N.º 222. — O roubo nas estradas reaes.

No meio, soldados emboscados no matto atacam e roubam um carro puxado a quatro cavallos; aquem do carro, um dos viajantes assassinado, extendido no chão, tendo junto de si sua mala aberta; na extrema esquerda, dois soldados investem contra um bufarinheiro.

« A l'escart des forests, et des lieux solitaires

D'oster aux Voyageurs et le bien et la vie. »

N.º 223. — A prisão dos malfeitores.

Á esquerda e á direita, a justiça bate o matto, para descobrir os soldados nelle refugiados; no meio, os malfeitores são conduzidos presos pela autoridade.

« Apres plusieurs excez, indignement commis,

Un chastiment conforme a leur temerité. »

N.º 224. — O supplicio da polé.

No meio, um condemnado suspenso na polé, prestes a ser precipitado d'ella; em frente d'elle um regimento formado, de bandeiras desfraldadas, cujas primeiras filas se preparam para fazer fogo no suppliciado; á direita, outro condemnado, maniatado, sahindo da prisão, e dirigindo-se para a polé; á esquerda, quatro soldados, igualmente maniatados, montados em um cavallo de madeira, assistindo á execução.

*« Ce n'est pas sans raison que les grands Capitaines
Rendent celles daustry laches et desreglées. »*

N.º 225. — O supplicio da forca.

No meio da estampa, vê-se um grande carvalho, do qual apparecem apenas o tronco e os ramos inferiores, tendo nestes muitos enforcados dependurados; por uma escada, encostada á arvore, sobe um condemnado, conduzido pelo carrasco e acompanhado por um religioso; outros criminosos esperam a sua vez; dois d'elles, perto do carvalho, jogam os dados sobre uma caixa de guerra.

*« A la fin ces voleurs infames et perdus
Desprouer tost ou tard la iustice des Cieux. »*

N.º 226. — O arcabuzação.

Um condemnado, amarrado a um poste, á direita da estampa, é arcabuzado por soldados, postados á frente de um corpo de tropas, formado, de bandeiras desfraldadas, á esquerda da estampa; no chão, perto do poste, vêem-se os cadaveres de dois malfeitores já executados; no 1.º plano, á direita, apparece outro condemnado, assistido por um religioso, encaminhando-se para o supplicio.

*« Ceux qui pour obeir a leur mauuais Genie
Sont ainsi chastiez, et passez par les armes. »*

N.º 227. — A fogueira.

No meio da estampa, um condemnado, amarrado a um poste dentro de uma fogueira, é estrangulado pelo carrasco, em presença de dois corpos de tropa, formados á esquerda e á direita. No 1.º plano, á esquerda, vê-se outra fogueira meio armada; e no 2.º, uma igreja e casas ardendo em chammas.

*« Ces ennemis du Ciel qui pechent mille fois
 Ils sont eux memes enfin aux flammes immolez. »*

N.º 228. — O supplicio da roda.

Em uma praça publica, apinhada de tropa e de povo, levanta-se sobre um alto estrada a roda, a que está amarrado o condemnado, assistido por um padre, soffrendo o supplicio, que lhe inflige o carrasco. Na extrema esquerda da estampa apparece outro condemnado, acompanhado por um religioso, dirigindo-se para o patibulo.

*« L'œil tousiours surueillant de la diuine Astrée
 Puis luy mesme deuiet le ioüet d'une roüe. »*

N.º 229. — O hospital.

Á esquerda da estampa, e perto de uma igreja, vê-se um hospital, para onde se encaminham soldados doentes, estropeados e mutilados.

*« Voyez que c'est du monde et combien de hazars
 Et les autres s'en vont du Camps a L'Hospital. »*

N.º 230. — Os mendigos e os moribundos.

No meio de uma rua de aldeia, soldados licenciados, espalhados por toda a parte, pedem esmola, emquanto outros,

jazendo sobre monturos (no 1.º plano), a morrer de miseria, recebem de um padre e de outras pessoas caridosas os ultimos soccorros.

« *Que du pauvre soldat déplorable est la chance!
De voir l'objet présentant des peines qu'il endure.* »

N.º 231. — A desforra dos camponios.

Camponezes, emboscados á bocca de um matto, atacam soldados que voltam do saque, e lhes infligem a pena de talião, despojando a uns, matando a outros, &.

« *Après plusieurs degast par les soldats commis
Des pertes de leurs biens, qui ne viennent que deux.* »

N.º 232. — A distribuição das recompensas.

Um Rei, sentado no throno, no meio da estampa, distribue recompensas aos militares que se distinguiram na guerra. Em baixo, á direita, occorre: « *Callot fecit Israel excudit.* »; e na margem inferior os versos:

« *Cet exemple d'un Chef plein de reconnoissance,
La honte, le mespris, et le dernier supplice.* »

ANONYMO XVI

N.º 233. — Vista do Louvre, segundo Jacob Callot.

Muitas embarcações correm um pareo naval no Sena; d'entre ellas, as duas mais adiantadas, á direita, trazem bandeiras e flamulas floreteadas de lizes. Grande multidão de gente, espalhada pelos caes, ou embarcada, assiste ao especta-

culo; á esquerda, no 1.º plano, a torre de Nesle; á direita, mais ao longe, o Louvre e as Tulherias. Em baixo, á esquerda, sobre a agua, lê-se: « *Callot In* »; e na margem inferior: « *Gagniere exudit* (sic). » Sem data.

A estampa exposta acha-se um tanto mutilada.

Dimensões da gravura no estado actual; altura, 153 milímetros; largura, 299 millímetros.

Cópia, no mesmo sentido do original, da estampa de Callot (n.º 713 de E. Meaume, á pag. 339 do II), descripta pelo mesmo autor ás pp. 638 - 639 do II, sob o titulo 2.ª *Serie*, no 3.º estado.

Da Real Bibliotheca.

OS PERELLES

Gabriel Perelle, desenhador e gravador á agua-forte e a buril, chefe d'esta familia de artistas, nasceu em Vernon-sur-Seine em 1595 ou em 1598 e falleceu em Paris em 1675. Teve dois filhos, Nicolau, o mais velho, e Adão. O primeiro, desenhador e gravador como seu pae, e tambem pintor, nasceu em Paris em 1625 e falleceu em Orléans em 1692; aprendeu a pintura com Simão Vouet, que o estimava muito. O segundo, Adão, pintor e gravador, nasceu em Paris em 1628 e falleceu na mesma cidade em 1695 ou em 1702.

As estampas gravadas por Gabriel Perelle e por seus filhos devem necessariamente ser reunidas, não só porque o genero e a maneira de gravar de todos elles são os mesmos, mas tambem porque nas suas estampas não declararam datas, nem marcas ou distincções, pelas quaes se possa com certeza attribuir cada estampa ao artista que a gravou, com excepção apenas das que representam as estações e os elementos, nas quaes occorre o monogramma particular de Nicolau.

A obra dos Perelles, muito consideravel, consta, quasi exclusivamente, de vistas e paizagens segundo Paulo Bril, Cornelio van Poelenburg, Gaspar van Wittel, João Asselyn, Jacob Fouquières, Jacob Callot e principalmente Israel Silvestre.

As paizagens, pela maior parte pequenas, são gravadas com muito bom gosto e graça, muitas vezes ornadas de casaria muito pintoresca e de figuras. Os Perelles são com razão arguidos de terem gravado as suas paizagens antes por prática do que segundo a natureza. Gravaram tambem assumptos militares segundo o engenheiro Beaulieu.

N.^{os} 234-237. — As quatro estações.

Serie de quatro estampas circulares. Sem subscrição, monogramma ou marca (?); e sem data (?). As estampas estão cortadas pelas beiras do desenho.

Diametro dos redondos, 167 a 172 millímetros.

Da Real Bibliotheca.

N.^o 234. — A Primavera.

No 1.^o plano, sete figuras em diversas posições e um animal carregado, visto pelas costas; no 2.^o: no meio, uma ponte sobre um rio, que mais abaixo fórma uma cascatinha, e á direita, casas e dois pastores tocando um rebanho.

N.^o 235. — O Verão.

No 1.^o plano, dois homens em pé; no 2.^o: á esquerda, segadores ceifando uma seara, e no meio, dois pastores seguindo um rebanho; espalhadas pela paizagem muitas casas.

N.^o 236. — O Outomno.

No 1.^o plano, á esquerda, um portico em ruinas; no 2.^o, á direita, caçadores correndo um veado.

N.^o 237. — O Inverno.

No 1.^o plano, á esquerda, um lenheiro cortando os ramos de uma arvore junto de um rio, que desce da direita; mais além: á esquerda, um animal carregado de lenha e dois homens, vistos pelas costas, e á direita, outro animal tambem carregado e dois homens dirigindo-se para uma casa que lhes fica em frente.

Inclinamo-nos a crer que esta serie é do buril de Nicolau Perelle, sem comtudo o affirmar, á falta de dados positivos.

MELLAN (CLAUDIO)

CM

N.º 23.

Claudio Mellan, desenhador, pintor e gravador á agua-forte e a buril, nasceu em Abbeville em Maio de 1598 (Andresen) ou em 1601 (L.B. e Huber & Rost).

Em Paris, para onde foi muito moço, aprendeu os rudimentos da arte; d'ahi foi-se á Italia; em Roma seguiu a escola de pintura de Simão Vouet, a qual desamparou para dedicar-se tão somente á gravura sob a direcção de Francisco Villamena.

Claudio Mellan trabalhou em Roma e em Paris, ás mais das vezes segundo os proprios desenhos. Os seus contornos são puros, o seu traço fluente, as suas cabeças de homens exprimem o character proprio de cada um e as de mulheres são cheias de graça. Nas suas primeiras estampas, gravadas em Roma, usava, como todos os gravadores, de talhos cruzados, mas depois mudou de maneira e empregou talhos não cruzados, ora mais ou menos largos, ora finos, segundo o exigiam as fórmas e o tom que desejava dar aos objectos que gravava.

Em Claudio Mellan deve-se admirar o como com tão poucos trabalhos pode produzir tanto vigor e tanta côr nas suas estampas; a sua maneira singular, nunca desmentida na sua longa carreira artistica, e a mestria, com que a executava, grangearam-lhe grande e bem merecida reputação.

Luiz XIV concedeu ao nosso artista uma pensão e alojamento no Louvre. Claudio Mellan trabalhou até aos ultimos tempos da vida; tambem a sua obra gravada é numerosa: Nagler (*Lexicon*) menciona d'ella 336 estampas. A Santa Veronica de Jesus Christo, adiante descripta (n.º 238), é muito afamada, não porque seja a sua melhor gravura, mas pela maneira singular com que foi executada. Falleceu em Paris a 9 de Setembro de 1688.

N.º 238. — A Santa Veronica de Jesus Christo.

A gravura é executada com um só talho gyrante, que começa na ponta do nariz do Salvador,

Embaixo occorre: 1.º, « FORMATVR VNICVS VNA / NON ALTER »; 2.º, « C M (como no monogramma n.º 23) ELLAN G. P. ET F. / 1649 »; 3.º, « IN ÆDIBVS REG. »

Altura, 430 millímetros; largura, 314 millímetros.

N.º 33, 2.º estado (com a letra) de L.B. (III, 3).

Da Real Bibliotheca.

N.º 239. — A Virgem Santissima e o Menino Jesus.

Em uma paizagem, a Virgem, sentada ao pé de uma cepa de arvore, a tres quartos para a esquerda, com a cabeça inclinada para a frente, conchega ao seio o Menino Jesus, sentado sobre os seus joelhos. No canto inferior direito, sobre uma pedra, vê-se um escudo de armas, á cuja direita se lê: « C. Mellan G. / *inuen. et sculp. cum priuilegio* ». Sem data.

Altura, 233 millímetros; largura, 349 millímetros.

N.º 26 de L.B. (III, 3).

A estampa exposta carece de margens.

Da Real Bibliotheca.

CHAPRON (NICOLAU)

Nicolau Chapron, pintor e gravador á agua-forte, nasceu em Chateaudun, verisimilmente em 1599 (R.-Dumesnil).

Em pintura foi discipulo de Simão Vouet. Parece que não tendo sido feliz nas pinturas de sua invenção, se resignára a pintar copiando outros artistas; entretanto applicou-se de preferencia á gravura.

Para aperfeiçoar-se no desenho foi á Roma, e ali gravou as pinturas das lojas do Vaticano, conhecidas pelo nome de *Biblia de Raphael*, em 52 estampas publicadas sob o titulo: *Sacræ historiæ acta à Raphaele urbin. in Vaticanis xyctis ad picturæ miraculum expressa a Nic. Chapron... et a se delineata et incisa. Romæ, 1649*, in fol. obl.

Estas estampas, consideradas boas cópias das excellentes pinturas de Raphael, são em geral bem desenhadas, mas não têm a correcção de stylo, a pureza de desenho e principalmente a nobre verdade de expressão que caracterizam os originaes.

N. Chapron soube variar a sua maneira de gravar segundo os assumptos; é o que se pôde facilmente verificar comparando

as estampas da *Biblia de Raphael* com as suas bacchanaes segundo as proprias composições.

O nome d'este artista occorre escripto nas estampas gravadas por elle de differentes modos: *Chapron, Chappron e Chaperon*. Adoptámos o primeiro, seguindo a opinião de R.-Dumesnil (VII, 213-214).

N.º 240. — A alliança de Baccho e de Venus.

Em uma paizagem: á esquerda, debaixo de um toldo preso a grandes arvores, as duas divindades em pé, olhando uma para outra; no meio, uma bacchante dormindo, e perto d'ella, um satyro e uma criança segurando uma cabra deitada no chão, em cuja teta se vê outra criança mammando; &. Na margem inferior occorre: 1.º, « *N. Chappron jnu et sculp. 1639.* », á esquerda; 2.º, um distico latino:

« *Conformis patet amborum Natura Deorum
Nudus Vterque; et amat Bacchus, Amorque bibit* »,

no meio; 3.º, « *F. L. D. Ciartes excudit Cum Priuil. Regis Christ.* », á direita.

Altura, 297 millimetros; largura, 385 millimetros.

N.º 58, 2.º estado (com o endereço de Ciartes), de R.-Dumesnil, á pag. 232 do VI.

Da Real Bibliotheca.

BOULANGER (JOÃO)

João Boulanger, desenhador e gravador a buril, nasceu em Amiens ou em Troyes, na Champanha, entre os annos de 1607 a 1613 e falleceu em Paris em idade muito proveccta.

« As obras de gravura de Boulanger são acabadas com tanto esmero e tamanha nitidez, que não ha estampas que a gente contemple com mais prazer. São todas abertas a buril somente, e a maior parte representa assumptos religiosos ou retratos de personagens illustres, visto ter Boulanger preferido escolher estes sujeitos mais convinhaveis ao seu genio, que não era muito elevado nem bastante fogoso para tratar de outros, cujo merecimento consistisse na belleza dos caracteres e das expressões. Assim, este gravador se limitava tão somente á pratica da gravura; empregava todo o cuidado em dispor os

seus talhos com igualdade, de modo que o accôrdo das sombras e das meias-tintas produzisse uma côr suave e agradável; nesse intuito, sem se importar muito com o tempo que nisso gastaria, imaginou exprimir as sombras das carnes por meio de grande quantidade de pontos collocados perto uns dos outros, como se pratica nas pinturas á miniatura, em vez de as representar, como até então se fazia, por meio de talhos ou traços. Esta nova maneira de gravar sortiu-lhe muito bem e foi depois seguida por muitos outros artistas que, como elle, capricharam em gravar com extrema nitidez.» (Mariette, 1, 167 e 168).

Este gravador não deve ser confundido com o seu homonymo, pintor, natural de Troyes, que nasceu em 1606 (?) e falleceu em 1660.

N.º 241. — A Virgem Santissima contemplando o Menino Jesus, que dorme; segundo Simão Vouet.

A Virgem, vista até aos joelhos, sentada, a tres quartos para a direita, olha com affecto para seu Divino Filho, adormecido no seu regaço, e com a mão esquerda levanta a ponta do lençol em que elle está deitado.

Na margem inferior occorre: 1.º, um distico latino:

*« Virgo silet, placidum nati mirata soporem;
Integra quo nobis est vigilante quies. »;*

2.º, « *S. Vouet pinxit.* », á esquerda; « *Franc. Tortebat del. ex. cum priuil.* », no meio; « *I. Boulanger cœlauit 1657.* », á direita.

Altura, 242 millimetros; largura, 202 millimetros.

N.º 21 de L.B. (1, 489).

Da Real Bibliotheca.

DARET (PEDRO)

Pedro Daret, desenhador e gravador a buril, nasceu, conforme a versão mais seguida, em Paris em 1610 e falleceu, segundo uns, na mesma cidade em 1675, segundo outros, em Ax, nas charnecas de Bayonna, em 1684.

Depois de ter aprendido os rudimentos da arte na sua

patria, foi á Roma para aperfeiçoar-se no desenho e na gravura. Trabalhou em Paris e na Italia; a sua obra gravada consta de mais de 400 folhas, em cujo numero se conta uma serie de retratos: *Tableaux historiques ... où sont gravés en taille douce les illustres François et étrangers de l'un et l'autre sexe ... grav. par Pierre Daret, Louis Boissevin et B. Moncornet, Paris, 1652-1656, 2 vols. in-4.º*

P. Daret imitou a maneira do pintor Simão Vouet; o seu buril é bello, artistico o seu toque, mas falta-lhe certa morbidez, o que faz com que as suas estampas pareçam seccas.

No fim da vida o nosso artista abandonou a gravura pela pintura, a que se tinha dedicado no principio da sua carreira.

P. Daret formou habéis discipulos, entre outros o celebre Francisco de Poilly. Foi membro da Real Academia de pintura de Paris. Escreveu a vida de Raphael, que não é mais que traducção livre da de Jorge Vasari.

N.º 242. — A Virgem Santissima e o Menino Jesus, segundo Simão Vouet.

Á Virgem, a tres quartos para a esquerda, vista até aos joelhos, sentada, achega a si com a mão direita o Menino Jesus ajoelhado no seu regaço; em cima vê-se uma cortina tomada.

Na margem inferior lê-se: 1.º, « EGO DILECTO MEO ET AD ME CONVERSIO EIUS, *Cant.* »; 2.º, « *Simon Vouët pinxit* », á esquerda; « *Cum privileg. Regis* », no meio; « *Daret Sculpsit Parisij: 1638.* », á direita.

Altura, 239 millimetros; largura, 175 millimetros.

Estampa não descripta (?), que proveiu da Real Bibliotheca.

N.º 243. — A Virgem Santissima e o Menino Jesus, segundo Simão Vouet.

A Virgem, de perfil para a esquerda, vista até aos joelhos, sentada junto a uma columna, sustenta no regaço o Menino Jesus, que com a mão esquerda lhe afaga o rosto, e com a direita lhe segura no véo. Na margem inferior occorre: 1.º, um distico latino:

« *Quo puer aspicitur, quo spectat lumine Matrem
Non alio cupiunt sidere, cuncta regi.* »;

2.º, « *Simon Vouët pinxit* », á esquerda; « *Cum privilegio Regis. 1640.* », no meio; « *Petr. Daret sculpsit Parisij.* », á direita.

Altura, 266 millímetros; largura, 202 millímetros.

N.º 4 de L.B. (II, 94).

Da Real Bibliotheca.

ROUSSELET (EGIDIO)

Egidio Rousselet, desenhador e gravador a buril, nasceu em Paris em 1614 e morreu cego na mesma cidade em 1686.

A sua maneira de gravar parece-se com a de Cornelio Bloemaert; os seus trabalhos porém são mais largos, mais variados e a sua execução tem mais calor. Muitas das suas estampas provam que era bom colorista e que sabia reproduzir pelo buril os estofos e os diversos objectos que entram na composição de um quadro; muitas d'ellas têm ao mesmo tempo suavidade e viveza. E. Rousselet gravou com feliz exito tanto assumptos historicos como retratos.

A sua obra gravada consta de 334 estampas.

N.º 244. — S. Miguel victorioso do demonio, dito o *Grande S. Miguel do Louvre*, segundo Raphael.

Em uma paizagem, o Archanjo, de frente, com um dardo nas mãos, em posição de quem vae ferir o demonio, visto em escorço no chão, sob um dos seus pés.

Na margem superior lê-se: 1.º, « *Saint Michel victorieux du Demon* », á esquerda; « *Michael Archangelus Cacodemonem conculcans* ». », á direita; 2.º, « *d'Apres le tableau de Raphael d'Vrbin... dans le cabinet du Roy.* », á esquerda; « *ad tabulam Raphaelis Vrbin ... in Pinacotheca Regia.* », á direita; 3.º, á direita, « *Egid. Rousselet sculps.* » Sem data.

Altura, 390 millímetros; largura, 243 millímetros.

N.º 55 de Nagler, *Lexicon* (XIII, 494); N.º 32 de Réveil & Ménard, na obra de Raphael (II, pag. 32).

Da Real Bibliotheca.

DORIGNY (MIGUEL)

Miguel Dorigny, pintor e gravador a buril e á agua-forte, nascido em 1617 em S. Quintino, falleceu em 1662 em Paris, onde viveu e trabalhou quasi toda a sua vida.

Foi discipulo de Simão Vouet, cuja maneira adoptou tanto na pintura como na gravura. As suas estampas são gravadas segundo as proprias composições e as de outros mestres; nestas, principalmente nas abertas segundo S. Vouet, M. Dorigny representou fielmente o character dos originaes, o que quer dizer que lhes copiou tambem todos os defeitos. A sua execução é desembaraçada; soube distribuir com parcimonia a luz nas figuras destacadas e dar boa disposição ao traçado das roupagens; mas no que descahiu foi no desenho, principalmente dos pés e das mãos.

R.-Dumesnil (IV, 249 e seguintes) descreve 135 estampas do nosso artista, sem contar as que não viu, citadas por outros autores.

M. Dorigny casou-se com a filha mais moça de S. Vouet, seu mestre; e foi professor na Real Academia de pintura de Paris.

N.º 245. — S. Pedro libertado da prisão, segundo Simão Vouet.

O Principe dos Apostolos, guiado por um Anjo cercado de uma aureola, sahindo da prisão e encaminhando-se para a esquerda; aos lados d'este grupo dois soldados, sentados, dormindo. Na margem inferior lê-se: 1.º, « *Tu dirupisti vincula mea: Tibi sacrificabo hostiam laudis. | Psal. 115.* »; 2.º, « *Sim. Vouët pinxit in Oratorio D. D. Petri Seguierij Francie Cancellarij* »; 3.º, « *Cum privilegio Regis Christianiss.ⁱ* », á esquerda; « *M. Dorigny Sculps. Parisijs 1638* », á direita.

Altura, 291 millímetros; largura, 195 millímetros.

N.º 57 de R.-Dumesnil (IV, 271).

Da Real Bibliotheca.

N.º 246. — Diana, segundo Simão Vouet.

Sentada no chão, ao pé de um rochedo, de frente para a direita, tem na mão direita uma setta e com a outra afaga um de dois cães, que se vêem a seu lado, presos a trellas,

cujas pontas estão atadas ao seu braço esquerdo; dentro de um oval, em largo. No canto inferior esquerdo, lê-se: « *S. Voüet pinxit | Cui priuilegio* », e no direito, « *M. Dorigny scul. | Parisi 1638* ».

Dimensões do oval: pequeno diametro, 157 millimetros; grande diametro, 208 millimetros.

A estampa (N.º 60 de R.-Dumesnil) faz parte de uma serie de tres, descripta por este autor sob n.ºs 60-62 (iv, 272-273) e por L.B. (II, 138) sob n.ºs 44-46.

Da Real Bibliotheca.

SILVESTRE (ISRAEL)

Israel Silvestre, desenhador e gravador á agua-forte, nasceu em Nancy em 1621 e falleceu em 1691 em Paris, onde se tinha estabelecido.

Foi discipulo de seu tio Israel Henriet. Gravava paizagens e vistas com tanta intelligencia e bom gosto, que Luiz XIV o empregou em desenhar e gravar os palacios reaes, as praças de guerra que conquistára e festejos publicos. Depois concedeu-lhe este Rei o titulo de mestre de desenho do Delphim, uma pensão e alojamento no Louvre.

I. Silvestre foi por duas vezes á Italia, de onde trouxe grande numero de desenhos, que posteriormente gravou. A sua maneira participa das de J. Callot e de E. Della Bella. Os seus desenhos são ornados de figurinhas tratadas com muito espirito e bom gosto.

A obra do nosso artista é muito numerosa (mais de mil estampas).

I. Silvestre teve muitos filhos, dos quaes o mais notavel foi Luiz que, chamado a Dresda, ali trabalhou durante trinta annos e foi agraciado por Augusto III, Rei da Polonia e Eleitor da Saxonia, com o titulo de primeiro pintor da Côte.

N.º 247. — Vista de um porto de mar, nas costas de Roma.

Á esquerda, uma arvore perto de uma torre redonda; para o meio da estampa, casaria e outra torre redonda; embarcações de diversos tamanhos e especies, espalhadas pelo mar, &c. Estampa circular.

Na margem superior lê-se: « *Veü d'un Port de Mer, sur* (á esquerda) *les Costes de Rome, à Naple.* » (á direita); e na inferior: « *I. Silvestre fecit* », á esquerda; « *Auec priuilege* », no meio; e « *le Blond excudit* » á direita. Sem data (1648).

Diametro do circulo, 130 millimetros.

A estampa faz parte de uma serie de 6 vistas de portos de mar de Napoles e seus arredores, descripta por Huber & Rost sob n.º 17 (VII, 185).

A gravura exposta tem as margens um pouco mutiladas.

Da Real Bibliotheca.

NANTEUIL (ROBERTO)

Roberto Nanteuil, desenhador e gravador a buril, filho de um negociante de Reims, nasceu nesta cidade, em 1618, segundo Balducci, ou em 1630, segundo a opinião mais geral; entretanto o autor do artigo sobre Nanteuil do *Magasin pittoresque*, xxvii (1859), pp. 322 e 323, attribue a data provavel do seu nascimento ao anno de 1623, á vista da noticia do *Mercure galant* de Dezembro de 1678, em que se diz ter elle fallecido nesse anno na idade de 55 annos.

R. Nanteuil começou os seus estudos classicos em um Collegio de Jesuitas de Reims; arrastado por irresistivel vocação para as artes do desenho occupava-se, nos lazeres dos seus estudos e ainda nas classes, a desenhar os retratos dos seus companheiros; e como os Jesuitas lhe contrariavam a vocação e a applicação a trabalhos de arte, R. Nanteuil passou-se para o mosteiro dos Benedictinos d'aquella cidade, os quaes, se não oppunham ás inclinações artisticas do discipulo, antes as animavam, facultando-lhe copiar e gravar antiguidades, epitaphios, quadros da igreja e do mosteiro, illuminuras de livros, &c.

Não se sabe quem ensinou os rudimentos da arte a R. Nanteuil; affirma-se entretanto que se aperfeiçoou no desenho e na gravura com Nicolau Regnesson, seu compatriota, a quem excedeu e cuja irmã desposou.

As primeiras estampas que abriu são: um *Tambor*, segundo Jacob Callot; um retrato de *Luis XV*, dentro de um oval, segundo Lasne; e duas estampas que entalhou em arvores do campo — *Jesus Christo* e a *Virgem Santissima* —, quando ainda estava no Collegio dos Jesuitas. Varios trabalhos, infelizmente perdidos, e o retrato do benedictino *Estevão Vuille-*

quin (n.º 9 de Robert-Dumesnil), do qual se diz inverisimilmente ter sido aberto com um prego, convenientemente aguçado em forma de ponta de buril, são gravados em 1644.

A estampa que serviu para ornar a sua these de philosophia não foi, como se tem dito, a *Sacra Familia* gravada por Nicolau Regnesson e por Nanteuil (n.º 7 de Huber & Rost, na obra de Regnesson), nem tão pouco outra *Sacra Familia* burilada somente por Nanteuil em 1645 (n.º 2 de Robert-Dumesnil), mas uma estampa *representando tres figuras, a Piedade, a Justiça e a Prudencia, saudando a Universidade, a qual estampa serviu para a these de philosophia que sustentei em 1645* », segundo diz o proprio Nanteuil, citado pelo *Magasin pittoresque* á pag. 323 do xxvii (1859).

Em 1648 foi Nanteuil para Paris, onde se estabeleceu e viveu até á data da sua morte.

O seu talento, applicação e obras fizeram-n'o em pouco tempo muito conhecido; o proprio Rei, Luiz XIV, dispensou-lhe as suas boas graças: em 1650 baixou, a seu pedido, o célebre edito de S. João da Luz a favor da gravura, reconhecendo a excellencia, as prerogativas d'esta arte e as vantagens que ella proporciona, distinguindo-a das artes mechanicas, libertando-a dos obices a que era sujeita e confirmando-lhe para sempre a distincção e a liberdade devidas ás artes liberaes; e creou em seu favor (1658) o lugar de desenhador e gravador do Real Gabinete, com uma pensão annual de mil libras.

A obra gravada de R. Nanteuil consta de 234 estampas, pela maior parte retratos. Antes de os gravar, Nanteuil os fazia a pennejado, a lapis preto e a pastel, com muita perfeição e parecença, o que contribuia para que as gravuras sahisses tão bem acabadas. Parece certo que em grande numero de retratos Nanteuil teve por collaboradores a artistas distinctos, taes como Nicolau Pitau, Nicolau Regnesson, Pedro Simão e Cornelio Vermeulen. As chapas abertas por Nanteuil soffreram muitas alterações tanto durante a sua vida, como depois da sua morte, alterações ás vezes tão consideraveis que algumas estampas do ultimo estado parecem antes impressas por chapas diversas das que serviram para a impressão das estampas correspondentes no 1.º estado, como, por exemplo, o retrato do bispo du Mans, *Beaumont de Lavardin* (n.º 35 de Robert-Dumesnil).

É para lamentar que os retratos de Nanteuil tivessem sido feitos em busto, por quanto a ausencia dos accessorios lhes diminue um tanto a importancia. Ha do nosso artista 32 retratos, de tamanho natural, gravados em toda a pujança do

seu talento, pelos quaes se mostrou burilista superior aos seus predecessores.

Si depois d'elle têm apparecido trabalhos superiores, cabe-lhe a gloria de ter desbravado a estrada que percorreram com tanta ou maior gloria os gravadores que lhe succederam. Estes, graças a seculos de experiencia e de progresso, têm elevado a arte á perfeição; mas as boas partes das suas gravuras existem em germen nas estampas de Nanteuil; entretanto algumas d'estas podem rivalizar com as obras primas dos gravadores modernos.

R. Nanteuil variava a sua maneira de gravar segundo os objectos e o seu capricho: ordinariamente representava as meias-tintas com pontos; gravava com talhos sem pontos (a cabeça do retrato de *Eduardo Mollé*, n.º 193 de Robert-Dumesnil), com pontos somente (o retrato da Rainha Christina da Suecia, n.º 67 de Robert-Dumesnil) e finalmente com talhos não cruzados á maneira de Claudio Mellan.

Roberto Nanteuil falleceu em Paris em 1678.

N.º 248. — Retrato de Pedro Seguier, Marquez de S.^t Brisson.

A meio corpo, de tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, com grande cabelleira, vestido de armadura tendo por cima uma facha a tiracollo; dentro de um oval sobre uma mesa.

No oval occorre: « MESSIRE PIERRE SEGVIER CHEVALLIER MARQUIS DE S.^t BRISSON PREVOST DE PARIS &c. »; e por baixo d'elle, o brazão do retratado; a cujos lados se lê: « *Nanteuil ad vivum* (á esquerda) *del. et sculpebat 1659* (á direita) ».

Altura, 262 millimetros; largura, 184 millimetros.

N.º 224 de R.-Dumesnil (IV, 176).

A estampa tem as margens mutiladas.

Da Real Bibliotheca.

AUDRAN (GERARDO)

A celebre familia Audran contou em seu seio numerosos artistas, mais ou menos distinctos, principalmente gravadores, que floresceram no XVII e no XVIII seculos; de todos elles porém o mais afamado é Gerardo Audran.

Gerardo Audran, desenhador, gravador a buril e á agua-forte, e editor de estampas, nasceu em Lyão a 2 de Agosto de 1630 e aprendeu a gravura com seu paé Claudio I., gravador mediocre, e com seu tio Carlos. As suas primeiras obras resentem-se de certa dureza e incorrecção de desenho; mas o seu talento, a sua assiduidade no estudo, a morada que fez em Roma (1665-1668), os conselhos de Carlos Maratti, de Cyro Ferri e sobretudo de Carlos Le Brun fizeram d'elle um desenhador correctissimo e o mais notavel gravador de historia da escola franceza, talvez sem rival nas outras escolas.

G. Audran trabalhou em Paris de 1660 a 1664, e em Roma de 1665 a 1668; de volta á França obteve, mediante recommendação de C. Le Brun, as boas graças de Colbert, ao qual deveu a protecção de Luiz XIV, que mandou dar-lhe aposentadoria na fabrica dos *Gobelins* e o nomeou seu gravador ordinario, com pensão. A Academia de pintura tambem o distinguiu, recebendo-o no seu gremio, como socio (1674), e depois (1681) nomeando-o seu conselheiro. São da sua ultima estada em França (1668 a 1703) os seus melhores trabalhos. G. Audran morreu em Paris a 23 de Julho de 1703.

Os processos empregados por G. Audran differem dos até então usados; as suas estampas, com excepção de poucas gravadas sómente a buril, são trabalhadas á agua-forte e a buril, servindo-lhe este utensilio apenas para aperfeiçoar aquillo que a ponta não tinha exprimido com nitidez.

É aqui bem cabida a apreciação que faz Levesque (*Encyclopédie méthodique: Beaux Arts*, 1, 384) da maneira de gravar de G. Audran: « Si o merecimento de Gerardo Audran consistisse tão somente no optimo gosto do desenho, as suas estampas deveriam ser procuradas: elle porém pintava com a ponta e com o buril, e nas suas mãos estes instrumentos tinham a facilidade do pincel. Pela sua mestria todos os objectos eram representados com o character que lhes era proprio. As garupas de alguns cavallos das *Batalhas de Alexandre* accusam o mais energico buril; em outras partes reconhece-se tão sómente a agua-forte pintoresca. Para representar os planos remotos bastam-lhe talhos chatos: pontos de diferentes fórmulas exprimem as diferentes encarnações (*). Um gravador perito poderá, ao contemplar as pinturas reproduzidas em gravura por Gerardo Audran, graval-as em imaginação de maneira differente, mas quando attentar nas estampas por elle abertas, ha de reconhecer que não podiam ser melhor gravadas e con-

(*) Vide a palavra *encarnação*, em Assis Pinheiro (Bibliographia).

cluir que os seus trabalhos têm attractivos e razão de ser que não teriam quaesquer outros da mesma especie por que fossem substituidos. Reconhece-se que todos esses trabalhos eram inspirados por um sentimento profundo da gravura e da pintura. Gerardo Audran não pôde ter imitadores: para gravar como elle, só elle. »

A ser verdadeiro o dito attribuido a C. Le Brun, que G. Audran nas quatro gravuras das *Batalhas de Alexandre* tinha aformoseado as suas pinturas, nenhum outro elogio pôde ser mais honroso ao celebre gravador.

G. Audran teve officina de gravura e negocio de estampas em Paris, a principio *Aux Gobelins*, e depois na *Rue S.^t Jacques, aux deux piliers d'or*, onde tambem publicou, como editor, obras de seus sobrinhos e de outros gravadores. Elle assignava as suas estampas dos seguintes modos: — *G. A.*; — *G. Au.*; — *Ge. Audran*; — *Gi. Audran*; — *Ger. Audran*; — *Gir. Audran*; — *Gira. Audran*.

As batalhas de Alexandre Magno.

Serie de cinco estampas gravadas á agua-forte e a buril, segundo Carlos Le Brun, das quaes quatro por Gerardo Audran e uma, a *Tenda de Dario*, n.º 258 d'este Catalogo, por Gerardo Edelinck.

Quasi todos os iconographos dizem que as quatro estampas de G. Audran são gravadas em 13 chapas; entretanto R.-Dumesnil diz que cada uma das estampas: *Passagem do Granico*, *Batalha de Arbelles* e *Pôro ferido, levado á presença de Alexandre*, é aberta em quatro chapas, e a *Entrada triumphante de Alexandre em Babylonia* em duas, o que prefaz o total de 14 e não de 13 chapas; de feito as quatro estampas expostas constam de 14 folhas.

Os dizeres na margem inferior são em francez e latim (aquelles á esquerda, e estes á direita).

Convem observar que as estampas expostas apresentam, na largura, pequena diminuição em relação ás dimensões de R.-Dumesnil e outros, provavelmente por terem ellas sido coladas outr'ora inconvenientemente,

N.ºs 57-60 de R.-Dumesnil; N.ºs 15-18 de Andresen; N.ºs 212-215 de Delaborde; N.ºs 228-231 de Le Blanc.

Provieram da Real Bibliotheca as estampas d'esta serie.

N.º 249. — Passagem do Granicho.

No meio da estampa, Alexandre a cavallo, de espada em punho, e por detraz d'elle Clyto descarregando uma machadada sobre Spithridates, prestes a ferir o heroe; á esquerda, o exercito macedonico passando o rio a vau; e á direita, cavalleiros persas vindo ao encontro do inimigo, armados de lanças; etc.

Em baixo, á esquerda, lê-se: = *Gir. Audran sculps. 1672.* =; e na margem inferior (da esquerda para a direita):

1.º, = *Graué par Gir. Audran, sur le tableau de M.^r le Brun, premier Peintre du Roy: | Ce tableau est dans le Cabinet de sa Ma.^{te} il a 16 pieds de hault sur 30 pieds de long.* =;

2.º, = *LA VERTV SVRMONTÉ TOVT OBSTACLE. | Alexandre ayant passé le Granique, attaque les Perses a forces inegales, | et met en fuite leur innombrable multitude* ~ =;

3.º, = *VIRTVS OMNI OBICE MAIOR | Alexander superato Granicho... exercitum fundit* ~ =;

4.º, = *Aeri incisus... 16 pedes alta et 30 pedes lata.* =
Altura, 651 millimetros; largura, 1^m,380.

N.º 57 (1) de R.-Dumesnil, IX, 280; N.º 212 de Delaborde, 394.

A estampa exposta pertence ao 3.º estado, a saber: no 1.º dizer da margem inferior a palavra *Peintre* (2.º estado) foi substituida por *Peintre*.

N.º 250. — Batalha de Arbelles.

No meio da estampa, Alexandre a cavallo, de espada em punho, abraçando o escudo, arremette contra o inimigo; por sobre a cabeça do heroe paira uma aguia, como que symbolizando a sua grandeza; á direita, Dario assentado em um carro puxado por dois cavallos, que escravos fazem recuar; no 1.º plano da extrema direita, um cavalleiro catafractario atirando uma setta; &c.

Em baixo, á esquerda, lê-se: = *Gir. Audran sculps. 1674.* =; e na margem inferior (da esquerda para a direita):

1.º, = *Graué par Gir. Audran, sur le tableau de M.^r le Brun premier Peintre du Roi. | ce tableau est dans le Cabinet de sa Ma.^{te} il a 16 piedz de hault, sur 39. pi. 5. pou. de long.* =;

2.º, = LA VERTV EST DIGNE DE L'EMPIRE DV MONDE. | Alexandre apres plusieurs Victoires deffit Darius dans la bataille qu'il donna pres d'Arbelle, et ce dernier combat | ayant acheué de reuerser le throsne des Perses, tout l'Orient fut soumis a la puissance des Macedoniens ~ = ;

3.º, = DIGNA ORBIS IMPERIO VIRTVS. | Post multas victorias... cessit imperij ~ = ;

4.º, = Aeri incisus... 16 pedes alta, et 39 p. et 5. poll. lata. =

Na margem lateral direita vê-se em caracteres romanos, figurados por series de pontos, o numero XIIIHHIII.

Altura: 654 millímetros (à esquerda), 648 millímetros (à direita);

Largura, 1^m,580 (em cima), 1^m,570 (em baixo).

N.º 58 (2) de R.-Dumesnil, IX, 281; N.º 213 de Delaborde, 394.

A estampa exposta pertence ao 3.º estado, por trazer no 1.º dizer da margem inferior a palavra *Peintre*, e não *Pintr*, como no 2.º estado.

N.º 251. — Póro ferido, levado á presença de Alexandre.

Em uma paisagem, Alexandre a cavallo, á frente de outros cavalleiros, recebe com benevolencia a Póro ferido, que dois soldados conduzem em braços á sua presença, no meio da composição; um elephante, traspassado de settas, jazendo por terra, na extrema esquerda; carros quebrados, homens, elephantes e cavallos mortos por toda a parte; &.

Em baixo, á direita, lê-se: = *Ger. Audran sculp. 1678.* = ; e na margem inferior (da esquerda para a direita):

1.º, = *Graué par Gir. Audran, sur le tableau de M. le Brun premier Peintre du Roy: | ce tableau est dans le cabinet de sa M.ª, il a 16 piedz de hault, sur 39. pi. 5. po. de long.* = ;

2.º, = LA VERTV PLAIST QUOY QUE VAINCVE ~ | Alexandre n'est pas seulement touché de compassion, en voyant la grandeur d'ame du Roy Porus qu'il a vaincu, | et fait son prisonnier, mais il luy donne des marques honorables de son estime, en le receuant au nombre de ses amis, | et en luy donnant en suite vn plus grand Royaume que celuy qu'il auoit perdu ~ ;

3.º, = SIC VIRTVS ET VICTA PLACET ~ | *Pori Regis victi... ampliori regno ~ = ;*

4.º, = *Aeri incisus... 39 p. et 5. poll. lata. =*
 Altura, 650 millímetros; largura, 1,™570.

N.º 59 (3) de R.-Dumesnil, IX, 282; N.º 214 de Delaborde, 394.

A estampa exposta pertence ao 2.º estado, isto é, tem letras.

N.º 252. — Entrada triunphante de Alexandre em Babylonia.

Em um carro puxado por dois elephantes, ricamente ajaezados, Alexandre, de pé, segurando com a mão esquerda um sceptro tendo a figura da Victoria na parte superior, e empunhando uma espada com a direita; quem do carro, um cavalleiro dando ordens a dois escravos, que carregam em uma padiola um rico vaso cinzelado; etc.

Em baixo, á esquerda, lê-se: = *Gir. Audran sculps. | 1675. = ;* e na margem inferior, á esquerda:

1.º, = AINSY PAR LA VERTV S'ELEVENT LES HEROS. | *Entrée Triumphante d'Alexandre dans Babilone, au milieu des concerts de | musique et des acclamations du Peuple. = ;*

2.º, = *Gravé par Ger. Audran, sur le tableau de M.º le Brun premier Peintre du Roy. Ce tableau est dans le cabinet de Sa M.º il a 16 pieds de hault, sur 21 pi. 5 pou. de long. = ;*

e á direita:

1.º, = SIC VIRTVS EVEHIT ARDENS. | *Alexander Babylonem... ingreditur ~ = ;*

2.º, = *Aeri incisus... 21 p. et 5. poll. lata. =*
 Altura, 655 millímetros; largura, 917 millímetros (em cima), 920 millímetros (em baixo).

N.º 60 (4) de R.-Dumesnil, IX, 283; N.º 215 de Delaborde, 394.

A estampa exposta pertence ao 2.º estado, a saber, tem letra, mas não o nome de *Goyton*.

LEVIEUX (REINALDO)

Reinaldo Levieux, pintor e gravador á agua-forte, nascido em Nimes cêrca de 1630, era filho de um ourives d'esta cidade.

Aprendeu os rudimentos da arte de pintura na sua provincia; mas entendendo que os seus estudos nunca seriam completos sem ir á Italia, foi por diferentes vezes a esse paiz, de onde colheu todo o fructo de sciencia de que era capaz: muita mestria na composição, grande correcção de desenho, brilho e verdade no colorido, pelo que veiu a merecer lugar distincto entre os pintores de segunda ordem.

R. Levieux pintou grande numero de quadros; como gravador, só se conhece d'elle a estampa que vae adiante descripta.

N.º 253. — O repouso na fuga para o Egypto.

Em uma paizagem: ao pé de uma arvore, á esquerda, a Virgem Santissima, sentada, de perfil para a direita, sustenta nos braços o Menino Jesus visto de frente; no fundo, á direita, S. José, de perfil para a esquerda, lendo um livro. Em baixo, para a esquerda, occorre o dizer: « *Leuieux f. J.* » Sem data.

Altura, 120 millimetros; largura, 90 millimetros.

N.º 1 de R.-Dumesnil (VIII, 271-273). Vide L.B. (II, 549); e Zani, á pagina 29 do VI da II parte.

Le Blanc e R.-Dumesnil descrevem esta estampa com o titulo de *Sacra Familia*; julgamos porém preferivel adoptar a denominação que lhe dá Zani.

A respeito d'esta bellissima gravura diz o já citado R.-Dumesnil: « Ha de Levieux, como gravador, uma Sacra Familia muitissimo rara. Gravada á agua-forte com ponta extremamente espirituosa, e sem duvida na Italia, onde provavelmente a chapa se terá perdido, só conhecemos d'ella um unico exemplar, pertencente ao Sñr. Prospero de Beaudricour. »

Da Real Bibliotheca.

PICART (ESTEVÃO), dito o *Romano*

Estevão Picart, dito o *Romano*, desenhador e gravador á agua-forte e a buril, nasceu em Paris em 1631 (Huber & Rost

e Bryan) ou em 1632 (Nagler, *Lexicon*, e Andresen) e falleceu em Amsterdão a 12 de Novembro de 1721.

Depois de ter recebido lições de Egidio Rousselet, foi, por conselho de Carlos Le Brun, á Roma, onde permaneceu por muito tempo e tratou de perto com Carlos Maratti. Por causa da sua prolongada residencia nesta cidade tomou, quando voltou á patria, o cognome de *Romano*, em parte tambem para distinguir-se de um mau gravador seu homonymo e contemporaneo.

Estevão Picart foi gravador do Rei; e, em 1664 (Larousse) ou em 1684 (Nagler, *Lexicon*), a Real Academia de pintura, de esculptura e de gravura de Paris recebeu-o no seu gremio.

Por motivos de religião expatriou-se com seu filho, Bernardo Picart, e foram ambos residir em Amsterdão, onde trabalharam constantemente até morrerem.

Além de algumas estampas que gravou para a collecção dita *Le Cabinet du Roi*, reproduziu pela gravura pinturas de muitos mestres italianos e francezes, gravou retratos segundo os proprios desenhos, e vinhetas e outros trabalhos para livreiros. Na abertura das suas chapas muitas vezes empregou simultaneamente a ponta e o buril; mas como deixava a agua-forte mordel-as muito, as estampas assim gravadas têm aspecto um tanto duro. Gravou á maneira de Francisco de Poilly e reproduziu pela gravura pinturas do harmonioso Correggio, mas sem accôrdo e de maneira secca e dura.

N.º 254. — Santa Cecilia cantando os louvores de Deus, segundo Domingos Zampieri, dito o *Dominichino*.

A Santa, em pé, vista até aos joelhos, a tres quartos para a direita, com o rosto de frente e os olhos levantados para o céu, toca violoncello; defronte d'ella, um anjo, nú, de perfil para a esquerda, apresenta-lhe um livro de musica aberto, que elle apoia sobre a cabeça, segurando-o com as duas mãos, no qual se lê: « *Fiat cor meum immaculatum ut nõ confundar.* » Na margem inferior occorre: 1.º, « *S.^{te} Cecile chantant les Louanges de Dieu.* », á esquerda; « *Cecilia Virgo Domino decantans.* », á direita; 2.º, « *Graüee d'apres le tableau du Dominicain... poulces de large.* », á esquerda; « *Æri*

incisa ex tabula Dominicani... pollices lata. », á direita; 3.',
« *Steph. Picart Romanus sculp.* », á direita.

Altura, 384 millímetros; largura, 271 millímetros.

N.º 20 de Nagler, *Lexicon* (xi, 256).

Da Real Bibliotheca.

BAZIN (NICOLAU)

Nicolau Bazin, gravador a buril, editor e mercador de estampas, nasceu na cidade de Troyes, na Champanha, pelo anno de 1636 e trabalhou em Paris, ajudado por artistas que estipiendiava, de 1681 a 1707.

As suas estampas são ordinariamente de um só tamanho, in-4.º, d'onde provém a denominação — *Formato* ou *Papel Bazin*, que ás vezes se dá ás estampas in-4.º

« Nicolau Bazin, gravador a buril, diz Mariette, I, pag. 88, dedicou-se principalmente a representar assumptos religiosos, e ninguem melhor do que elle soube dar-lhes o ar edificante que inspira a devoção, da qual aliás elle proprio vivia muito penetrado; a sua vida era exemplarissima; só frequentava e tinha relações de amizade com ecclesiasticos ou pessoas religiosas recommendaveis pelas suas virtudes. Foi discipulo de Mellan, a quem muito ajudou nos trabalhos dos ultimos annos da sua vida; mas depois abandonou a maneira do mestre para tomar a que lhe era propria, e que lhe comprazia pelo seu bem acabado, maneira que entretanto é fria, languida e sem espirito. Não ha sal em tudo quanto fez este gravador; as suas obras representam perfeitamente o seu genio, que era extremamente pacato. Desenhava com muita nitidez e paciencia; e nada mais.

« Alguns annos antes de morrer Bazin dispoz de todas as suas chapas, foi para Troyes, na Champanha, onde se estabeleceu e morreu como tinha vivido, isto é, imbuido nos sentimentos de um perfeito christão, cheio de humildade e do amor de Deus ».

Não nos consta em que anno falleceu.

N.º 255. — David cantando os louvores de Deus, segundo Domingos Zampieri, dito o *Domini-chino*.

O santo Rei, sentado, a tres quartos para a esquerda e olhando extatico para o alto, toca harpa; na sua frente um

anjo, em pé, apresenta-lhe um livro aberto; no 2.º plano, á direita, uma criança escreve em um livro aberto e segura com a mão esquerda uma espada, cuja ponta descança no chão; ao longe, á esquerda, uma paisagem.

Na margem inferior occorrem: 1.º, quatro versos em francez, dispostos em duas columnas:

*« Charmer les sens de l'homme en mesme temps, l'instruire
C'est ce que fait David en louant le Seigneur »;*

2.º, « *Peint par le Dominiquin.* », á esquerda; « *Se Vend à Paris Chez N. Bazin rue de S. Severin devant l'Eglise, aux armes du Roy.* », á direita. Sem data.

Altura, 228 millimetros; largura, 185 millimetros.

N.º 2 de L.B. (1, 211).

A estampa é cópia reduzida da gravada por Egidio Rousselet (N.º 2 de Andresen, á pagina 402 do II).

Da Real Bibliotheca.

SIMONNEAU (CARLOS)

Carlos Simonneau, desenhador e gravador á agua-forte e a buril, nascido em Orléans cêrca de 1639, falleceu em Paris em 1728.

Aprende a desenhar com Noel Nicolau Coppel e a gravar com Guilherme Château, a quem, a todos os respeitos, excedeu; mas foi antes ás suas felizes disposições naturaes para esta arte que deveu a perfeição que nella attingiu. Desenhava muito bem; e gravou segundo as proprias composições e as de varios mestres.

A sua maneira é espirituosa e agradável; costumava empregar a agua-forte para representar as meias tintas e os planos remotos e o buril para as partes mais vigorosas. Gravou com feliz exito quasi todos os generos: assumptos historicos, retratos, vinhetas, &c. Em algumas das suas estampas assignouse: « Simonneau l'ainé », para distinguir-se de seu filho Luiz Simonneau.

Em 1710 foi recebido na Real Academia de pintura, esculptura e gravura de Paris, apresentando como *obra de recepção* o retrato de Julio Harduino Mansard; e pouco depois obteve o titulo de gravador do Rei, com ordenado.

As suas estampas excedem o numero de 130.

N.º 256. — Os comicos italianos, segundo Antonio Watteau.

No meio, duas mulheres dansando; á esquerda, um homem, com o rosto quasi todo encoberto pelas abas do chapèu, sobraçando um bandolim; á direita, um *pierrrot*, e por detraz d'este um palhaço tomando uma cortina, que cahe do alto. No fundo, uma paizagem com um busto de satyro.

Na margem inferior lê-se: 1.º, « *Peint et Gravé à l'eau forte par Wattaux et (à esquerda) retouché au burin par Simonneau l'ainé. (à direita)* »; 2.º, duas quadras em francez, subscriptas por *Gacon*, em duas columnas:

« *Les habits sont Italiens,
De la France et de l'Italie* »;

3.º, o endereço do mercador: « *A Paris chez SIROIS sur le Quay Neuf aux Armes de France. C. P. G.* » Sem data.

Altura, 277 millímetros; largura, 200 millímetros.

N.º 1, 3.º estado (a saber, com a lettra e o endereço de Sirois), de E. Goncourt, *L'Œuvre de Watteau*, pag. 11.

Como a propria estampa o diz, a chapa foi trabalhada á agua-forte por Watteau e retocada a buril por Simonneau, o qual, por mais que fizesse, só poude conseguir que a estampa sahisse de mediocre merecimento.

Tratando dos defeitos de Watteau como aquafortista, diz Goncourt (*Opere citato*, pag. 11): « Devemos confessar que as aguas-fortes de Watteau não passam de meras curiosidades, mas curiosidades da ordem das cousas rarissimas. »

Da Real Bibliotheca.

EDELINCK (GERARDO)

Gerardo Edelinck, desenhador e gravador a buril, o mais célebre artista de uma familia de gravadores de origem flamenga, nasceu em Antuerpia em 1640 (R.-Dumesnil, VII, 170) e falleceu em Paris a 2 de Abril de 1707.

Foi discipulo de Cornelio Galleu. A convite de Colbert mudou-se em 1665 para Paris, onde se estabeleceu e trabalhou

até fallecer. Luiz XIV deu-lhe aposentadoria nos *Gobelins* e encheu-o de beneficios, pelos quaes o nosso artista votou sempre ao grande Rei a maior gratidão.

Em 1677 foi G. Edelinck recebido membro da Academia Real de pintura e de esculptura. Ainda que flamengo de nascimento, deve ser considerado como mestre da escola franceza, não só por ter sido em Paris que aperfeiçoou o seu talento, mas especialmente porque ninguem melhor do que elle pode caracterizar a maneira de gravar d'essa escola. As suas estampas são em numero de 339 (R.-Dumesnil, VII, 171).

Levesque (*Encyclopédie méthodique: Beaux-Arts*, I, 385) aprecia do seguinte modo o merecimento artistico de Gerardo Edelinck: « Reconhece-se nelle o compatriota dos famosos gravadores, discipulos de Rubens. O seu trabalho, ao mesmo tempo desembaraçado e precioso, denuncia profundo sentimento da côr. O seu buril é mais apurado que o dos Vortermans e dos Bolswerts, sem ser menos pintoresco; este apuro porém não degenerava em minudencia nem o obrigava ás delongas, que os gravadores empregam hoje em abrir as suas chapas, delongas que lhes inspiram aborrimto á sua arte e os tornam tibios. As dimensões e o numero das suas estampas attestam a sua admiravel facilidade no trabalho. Lançando um rapido olhar sobre a sua *Magdalena penitente*, admira-se-lhe o effeito, a expressão, a nitidez; examinando-a com mais attenção, fica-se sorprendido da afouteza de toque, que nella se vê, e é justamente esse toque que lhe dá espirito de vida. Parece que este segredo morreu com elle, em mal dos gravadores a buril. Julgado por esta estampa, Le Brun parece grande colorista e força é confessar que este habilissimo pintor, traduzido por Edelinck e por Audran, parece haver tido perfeições que lhe faltavam. Edelinck não fez obras mediocres; em todas ellas ha calor; todas as suas cabeças são vivas. Entre as suas obras primas contam-se: a *Sacra Familia* segundo Raphael; a *Familia de Dario em presença de Alexandre*, a *Magdalena* e o *Christo dos anjos*, segundo Le Brun; os retratos de *Desjardins*, de *Le Brun*, de *Rigaud*; mas de todas as suas estampas era ao retrato de *Champagne* que elle, tão competente na materia, dava a preferencia. A mais gabada das suas gravuras é a *Sacra Familia*, por ter sido a primeira obra que lhe deu reputação; quando o autor se excedeu a si proprio, continuou-se a repetir os elogios a principio dados a esta estampa, que é com effeito de grande belleza. »

N.º 257. — A Sacra Família, segundo Raphael.

Cinco figuras e dois anjos: o Menino Jesus, sahindo do berço, lança-se nos braços de sua Mãe Santissima; á direita, S. João, de mãos postas, adorando-o, junto de Santa Isabel que, de joelhos, o sustenta pelos braços; á esquerda S. José, com o rosto apoiado na mão direita, absorto em meditação; no 2.º plano, á direita, um dos anjos deitando flores sobre a cabeça da Virgem e o outro de mãos cruzadas no peito; no fundo, á direita, uma paisagem. Em baixo vê-se: á esquerda, «*Raphael Pinx.*»; á direita, «*G. Edelinck sculp.*»; e no meio, os vestigios de um escudo de armas existente no 3.º estado da chapa. Na margem inferior occorre: 1.º, «*La Sainte famille de Jesus Christ.*», á esquerda; «*Sacra Christi Familia*», á direita; 2.º, «*D'après le tableau de Raphael d'urbin... au Cabinet du Roy*», á esquerda; «*Ex tabulâ Raphaelis urbinatis... in pinacothecâ Regia.*», á direita. Sem data.

Altura, 393 millímetros; largura, 297 millímetros.

N.º 4, 4.º estado (com o brazão do Abbade Colbert apagado), de R.-Dumesnil (VII, 178-179).

Esta composição é conhecida pelas denominações de *Grande Sacra Família do Louvre*, ou de *Francisco I.*

A estampa é uma das obras primas do gravador; a Bibliotheca Nacional possui, além do exemplar acima descripto, proveniente da Real Bibliotheca, outro no 2.º estado, que é raro, no volume LX da Collecção Araujense.

N.º 258. — A familia de Dario aos pés de Alexandre; estampa gravada em duas chapas e impressa em duas folhas, segundo Carlos Le Brun, geralmente conhecida pela denominação de *Tenda de Dario*.

Em uma paisagem: á direita, Alexandre acompanhado de Ephestião, á entrada de uma rica tenda, onde se vêem as pessoas da familia de Dario: Sisygambis, mãe do Rei vencido, confusa por ter tomado Ephestião pelo vencedor, prosternada perante este, pedindo-lhe perdão do seu engano e recebendo do heroe esta resposta: — « Não vos enganastes,

minha mãe; este é outro Alexandre » — ; a mulher de Dario, de joelhos e supplicante, apresentando-lhe seu filho; Statira, enxugando o pranto e sua joven irmã de mãos postas, ajoelhadas, implorando a clemencia do vencedor; &.

Na margem inferior lê-se:

na folha da esquerda:

1.º, logo abaixo do traço terminal da estampa, á esquerda: = *C. le Brun pinxit G. Edelinck sculpsit* = ;

2.º = *Il est d'un Roy se vaincre soy mesme ~ | Alexandre, ayant vaincu Darius prez la ville d'Isse, entre dans vne tente, ou estoient la Mere, la femme, et | les filles de Darius, ou il donne vn exemple singulier de retenüe e de clemence ~* = ;

3.º, = *Graué par le Sr. Edelinck, d'apres le tableau qu'en a fait M. le Brun premier peintre du Roy. et que sa Ma.^{te} prenoit plaisir de luy voir peindre a fontainebleau en lannée 1661 ~* = ;

na folha da direita:

4.º, = *Sui victoria indicat Regem ~ | Alexander, Dario ad Issum victo, tabernaculum Reginarum ingreditur, vbi singulare ~ | clementie ac continentie præbet exemplum ~* = ;

5.º, = *Aeri incidit Gerardus Edelinck, ad tabulam Caroli le Brun Regij Pictoris primarij, quem, illam pingentem Rex videre dilectabatur apud fontem bellaquæum anno. 1661. =*

Altura: 615 millímetros (á esquerda), 618 millímetros (á direita);

Largura: 893 millímetros, em cima; 897 millímetros, em baixo.

N.º 42 de R.-Dumesnil, VII, 200; N.º 13 de Andresen, I, 431.

O exemplar exposto pertence ao 6.º estado, isto é, tem o nome de *Goyton* ás avessas, na margem inferior, á direita, apagado, de modo a mal poder ser lido; e traz, na margem lateral direita, a 132 millímetros da parte superior da gravura, uma serie de 20 pontos, mui proximos ao traço terminal da gravura.

A largura d'esta estampa não condiz com a que dá R.-Dumesnil, talvez por terem sido as duas folhas colladas outr'ora de modo inconveniente.

Bellissima estampa. Da Real Bibliotheca.

Os barbas grandes.

Serie de oito retratos, descriptos por Huber & Rost sob n.º 8-15 (v, 178-179), dos quaes a Bibliotheca Nacional possui seis, e expõe somente os abaixo descriptos, pertencentes ao 3.º estado de R.-Dumesnil (com o endereço de Drevet).

Da Real Bibliotheca.

N.º 259. — Retrato de Alberto Durero.

A meio corpo, de tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, segurando com a mão esquerda uma chapa de cobre e com a outra um buril, além de uma mesa, em que apoia o braço esquerdo. Parte da manga esquerda do gibão da figura está cahida, encobrindo um pouco a face anterior da mesa; nesta mesma face lê-se: « *Albert Durer G.^{ur}* »; e na margem inferior da estampa o seguinte: « *Edelinck scul.* », á esquerda; « *Drevet excud.* », á direita.

Altura, 307 millímetros; largura, 201 millímetros.

N.º 193, 3.º estado, de R.-Dumesnil (VII, 253-254).

A estampa exposta tem as margens quasi inteiramente mutiladas.

N.º 260. — Retrato de Ticiano Vecelli, de Cadora.

A meio corpo, de pé, de tres quartos para a esquerda, com o rosto voltado para a direita, olhando para a frente, tendo na mão esquerda uma palheta e um molho de pinceis, e na direita um tento á guisa de bengala.

Em baixo, no meio, lê-se: « *Titien* »; e na margem inferior: « *Edelinck Scul.* », á esquerda; « *Drevet excud.* », á direita.

Altura, 312 millímetros; largura, 202 millímetros.

N.º 327, 3.º estado, de R.-Dumesnil (VII, 329).

A estampa exposta tem as margens quasi inteiramente mutiladas.

N.º 261. — Retrato de Luiz XIV, segundo Carlos Le Brun.

Em duas folhas. No alto da estampa: no meio, Luiz XIV, a cavallo, vencedor dos seus inimigos, que, symbolisados por diversos animaes e figuras humanas, se vêem por baixo e aos lados dos pés do ginete; por cima da cabeça do Rei, a Providencia pairando no ar, tendo na mão direita o sceptro e na esquerda a corôa de França; á esquerda, o anjo exterminador; á direita, outro anjo segurando uma bandeira, onde se lêem, 1.º, os nomes das praças conquistadas por Luiz XIV: « S. Omer, Fribourg, Cambray »; 2.º, « *Monstra iam desunt mihi | sensere Terræ Pacis auctorē suæ | senec in here f.* »

Na parte inferior da estampa: um grupo com varias figuras allegoricas, a inveja, a hypocrisia, &, derribadas no chão, e um monstro lançando pela bocca fogo e fumo; e perto do traço terminal, « *Le Brun Inuenit* » á esquerda; e « *Edelinck sculp. c p r* », á direita.

Entre o grupo dos inimigos do grande Rei e o da parte inferior da estampa occorre: « *Ludouico Magno | Europâ Terrâ Marique Compositâ | Vol. Pub.* »

Na margem inferior, por baixo do nome de Edelinck, vêem-se tres pequenas linhas parallelas, assim: ≡.

Sem data (1677).

Altura, 1^m, 079; largura, 753 millímetros.

N.º 259 de R.-Dumesnil, VII, 292; N.º 214 de Le Blanc, II, 188. No 2.º e 3.º estados esta gravura é conhecida pelo nome de *These da Paz*.

A estampa exposta pertence ao 3.º estado, cujos principaes caracteres são: na bandeira, a palavra *Valencienne* (1.º estado) foi apagada, accrescentando-se o dizer « *Monstra iam... in here f.* », que não existia no 1.º estado; o texto da these do Abbade Colbert, escripto por baixo dos inimigos do grande Rei (1.º estado), foi apagado e substituido pelo dizer « *Ludouico Magno... Vol. Pub.* » e pelo grupo da parte inferior da estampa (caracteres communs ao 2.º e ao 3.º estados); os tres traços parallelos ≡, na margem inferior, por baixo do nome de Edelinck (peculiar ao 3.º estado).

Da Real Bibliotheca.

N.º 262. — Retrato de Nicolau Verien, segundo Jouvenay.

Em busto, embuçado na sua capa, com o tronco voltado para a esquerda, o rosto de frente e a mão direita no peito; dentro de um oval, meio truncado aos lados, sobre uma peanha. Nesta occorre: 1.º, sobre a parte superior, « *Jouvenay Pinx.* », á esquerda; « *Edelinck Sculp.* », á direita; 2.º, na face anterior:

« *Nicolas Verien ~
Graucur a Paris.
1685.* »

Altura, 138 millímetros; largura, 90 millímetros.

N.º 335, 3.º estado, de R.-Dumesnil (VII, 333).

Da Real Bibliotheca.

SCOTIN (GERARDO)

Gerardo Scotin, gravador a buril, nasceu em Gonesse, perto de Paris, em 1642, floresceu na 2.ª metade do XVII seculo e principio do XVIII e falleceu em 1718.

Foi discípulo de Francisco de Poilly Senior; mas, ainda que manejasse o buril com muita nitidez, as suas gravuras não têm a morbidez das do mestre; demais o desenho das suas figuras é um tanto incorrecto.

Parece que teve casa de commercio de estampas, visto como se encontra o seu endereço em uma serie de estampas segundo Pedro Boel.

O nosso artista não deve ser confundido com Luiz Gerardo Scotin, que passa por seu sobrinho.

N.º 263. — Os desposorios de Jesus Christo com Santa Catharina, segundo Alexandre Turchi, dito Alexandre *Veronense* e tambem *O Orbetto*.

Á direita, a Virgem Santissima, a tres quartos para a esquerda, vista até aos joelhos, sentada, sustenta com a mão esquerda o Menino Jesus no seu regaço; á esquerda, Santa Catharina, em pé, de perfil para a direita, apoia a mão direita em um fragmento de roda e estende a esquerda, sustentada pela Virgem, para receber o anel nupcial que o Menino Jesus

lhe põe no dedo. Na margem inferior occorre: 1.º «*Iesus Christ espouse S.^{te} Catherine.*», á esquerda; «*Catharinam Virginem sibi desponsat. Christus.*», á direita; 2.º «*D'après un tableau d'Alexandre Veronese... de large.*», á esquerda; «*Ad tabulam Alexandri Veronensis... Regia.*», á direita; 3.º, «*G. Scotin sculps 1676.*», á direita.

Altura, 243 millímetros; largura, 331 millímetros.

N.º 4, 2.º estado (com o nome de Scotin), de Nagler, *Lexicon* (xvi, 176).

Da Real Bibliotheca.

FARJAT (BENTO)

Bento Farjat, gravador a buril, nascido em Lyão em 1646, foi discipulo de Guilherme Chasteau, a quem, á custa de applicação e com o andar do tempo, levou a melhor pela sua maneira de gravar mais larga e morbida.

Accompanhou o mestre á Italia; estabeleceu-se definitivamente em Roma, onde se casou com a filha do célebre paizista Francisco Grimaldi, dicto o *Bolonhez*, e viveu até a data da sua morte.

As suas estampas, gravadas segundo os mais notaveis mestres italianos, são muito procuradas e estimadas pelos entendidos.

Bento Farjat com certeza era vivo em 1718; geralmente se diz que fallecêra cêrca de 1720.

N.º 264. — Homero e a Musa da Poesia, segundo Agostinho Scilla.

No 1.º plano, o Poeta, de frente, sentado sobre uma pedra á borda do mar, coroado de louro, com a tuba na mão esquerda, e o braço direito extendido para o lado esquerdo da estampa, ouve attento o que lhe diz ao ouvido a Musa da Poesia, de pé, ao seu lado esquerdo, com a lyra na mão direita e o braço direito extendido para a esquerda; no 2.º plano, dois exercitos inimigos ferem batalha. Em baixo occorre: á esquerda, «*Aug. Scilla Messi: Inu. et del.*»; e á direita, «*Benedetto Fariat sculp.*» Sem data.

Altura, 123 millímetros; largura, 257 millímetros.

N.º 20 de L.B. (II, 219).

Da Real Bibliotheca.

AUDRAN (BENTO I)

Bento I Audran, desenhador, gravador á agua-forte e a buril, filho de Germano Audran, nasceu em Lyão a 25 de Novembro de 1661.

Na idade de 17 annos foi para Paris, onde aprendeu a gravura com seu tio Gerardo Audran.

Trabalhou muito nesta cidade, em cuja Academia de pintura foi recebido membro em 1715; obteve a nomeação de gravador do Rei e falleceu na sua propriedade rural de Louzouer, perto de Sens, a 2 de Outubro de 1721.

Bento I Audran morou em Paris na rua de S.^t Jacques, à *l'Image de Saint Prosper* (1698), e depois no Palacio do Luxemburgo (1714), em um aposento que lhe foi dado como pensionario do Rei.

Dos Audrans foi Bento I quem mais se aproximou da perfeição de Gerardo Audran; as suas estampas são gravadas de maneira larga e facil; o seu buril é doce, desembaraçado e afoito; o seu desenho correcto; os seus contornos determinados, as suas cabeças expressivas e as extremidades das suas figuras bem acabadas. São estas boas partes que distinguem as estampas de Bento I das de Bento II, seu sobrinho, com as quaes têm sido por vezes confundidas.

As estampas de Bento I são geralmente assignadas: « *B. Audran* »; « *Bened.^s Audran.* »

N.º 265. — Retrato de João Baptista Colbert, segundo Claudio Le Febvre.

A meio corpo, de tres quartos para a direita, olhando para a frente, com a condecoração do Espirito Santo; dentro de um oval, em cima de uma peanha. Um anjo, debruçado sobre a parte superior do oval, despeja de uma cornucopia, que tem nas mãos, grande quantidade de fructas; á direita da estampa, uma cortina, que cahe do alto a baixo. Na peanha vê-se, no meio, o brazão do retratado tendo por baixo: « JOANNES BAPTISTA COLBERT. », e aos lados d'este dizer: á esquerda, « *C. le Febvre Effigiem pinxit.* »; e á direita, « *Benedictus Audran sculpsit.* ». Sem data.

Altura, 506 millimetros; largura, 386 millimetros.

N.º 245 de L.B. (1, 76).

A estampa exposta tem as margens mutiladas.

Da Real Bibliotheca.

DREVET (PEDRO)

Pedro Drevet, gravador a buril e editor de estampas, nasceu na communa de Loire, cantão de Condrieu, departamento do Rhodano, no antigo Lyonnez, a 20 de Julho de 1663 e falleceu em Paris a 9 de Agosto de 1738 (Firmin-Didot, pp. v e xv).

Aprendeu a gravura em Lyão com Germano Audran; veio, não se sabe quando, para Paris, onde trabalhou a principio na officina de Gerardo Audran, irmão mais moço de seu mestre Germano Audran; entretanto as relações que travou com o celebre pintor retratista Jacintho Rigaud, o induziram a dedicar-se á gravura de retratos de preferencia a assumptos religiosos e historicos, que Gerardo Audran cultivava. Estas relações tambem lhe foram de grande proveito, pelos sabios conselhos que recebeu d'este famoso pintor sobre assumptos da arte, como o proprio gravador o declara no dizer que occorre no retrato do dito J. Rigaud (n.º III, 2.º estado, de Firmin-Didot), que é uma das suas obras-primas: « *Hyacinthus Rigaud... Hanc ab ipso mèt coloribus expressam effigiem, æri incidit Petrus Drevet...; perenne grati animi monumentum; quod illum in artis peritia sapientibus consiliis juvenit (sic, aliás juverit) anno MDCC.* »

Em 1692 P. Drevet estabeleceu-se com casa de negocio de estampas por conta propria; em 1696 foi nomeado gravador do Rei, provavelmente em consequencia de ter gravado no anno anterior o retrato de Luiz XIV, a meio corpo, a contento do retratado; em 28 de Setembro de 1703 foi admittido como Aggregado na Real Academia de pintura, de esculptura e de gravura e recebido Academico a 27 de Agosto de 1707.

Em remuneração dos seus trabalhos El-Rei Luiz XV concedeu, a 27 de Julho de 1726, a Pedro Drevet e a seu filho Pedro Imbert Drevet alojamento nas galerias do Louvre com sobrevivencia de um para outro.

« Pedro Drevet é notavel pela pureza do buril, pela energia do traço, pela perfeição dos mais minuciosos pormenores e pela harmoniosa gradação dos tons, que substitue de algum modo a côr, a tal ponto que ninguem com facilidade seria mais fiel interprete da pintura. Passarei por alto as suas estampas religiosas, das quaes entretanto *O sacrificio de Abrahão* é de merecimento, para somente considerar Drevet Pae naquillo que constitue o maior titulo da sua gloria: a gravura de retratos.

« Possuia a qualidade primordial, essencial, ainda mais indispensavel ao retratista do que ao gravador de historia: a

sciencia profunda do desenho. Si teve a fortuna de gravar a maior parte da sua obra segundo dois mestres como J. Rigaud e Nicolau de Largilière e si o brilho das pinturas d'estes se reflecte sobre a interpretação do buril, é força confessar que Pedro Drevet se manteve na altura dos seus modelos. As figuras com as suas physionomias proprias, vivas, destacam-se tão bem sobre o papel, como sobre a têla, a despeito do fausto esmagador das roupagens, tão exprobrado a Rigaud e ao seu émulo. Drevet não tinha á sua disposição um grande recurso, a côr, mas, a poder de tenacidade e de perseverança, teve a habilidade de produzir com o buril tudo quanto pôde substituir esta grande encantadora.» (Firmin-Didot, pp. xxiv e xxv).

Pedro Devret foi coadjuvado na gravura de algumas das suas estampas por seu filho Pedro Imbert Drevet, razão por que têm ellas sido attribuidas pelos autores ora a um, ora a outro d'estes artistas; na obra de Firmin-Didot (pp. xxxi - xxxiv) este ponto de controversia é tratado com muito criterio.

Conhecem-se de Pedro Drevet 125 estampas; d'ellas a obra capital é o retrato de Luiz XIV, em corpo, de pé, gravado em 1712 (n.º 55 de Firmin-Didot), e a ultima, o retrato de Luiz Boulogne (n.º 27 de Firmin-Didot).

N.º 266. — Retrato da Duqueza de Nemours, segundo Jacintho Rigaud.

Vista até aos joelhos, a tres quartos para a esquerda, sentada, com a mão direita sobre uma corôa ducal. Na margem inferior occorre: 1.º, « *Hyacinth. Rigaud pinxit* », á esquerda; « *Pet. Drevet sculpsit 1707.* », á direita; 2.º, o titulo, tendo de permeio um cartucho com o brazão da retratada em dois escudos unidos pelos lados:

« *Marie, par la grace de* (Brazão) *Dieu, Souveraine de Neufchâtel et Vallagin, Duchesse de Nemours* ».

Altura, 421 millimetros; largura, 335 millimetros.

N.º 91 de L.B. (II, 143); N.º 115 de Firmin-Didot, pag. 79.

Da Real Bibliotheca.

TARDIEU (NICOLAU HENRIQUE)

Nicolau Henrique Tardieu, desenhador e gravador a buril e á agua-forte, nasceu em Paris em 1674 e falleceu na mesma cidade em 1749.

Successivamente discipulo de João Lepautre e de Audran (Gerardo, segundo uns; João, segundo outros), fez-se em pouco tempo conhecido pelos seus bellos desenhos, facilidade e assiduidade no trabalho. Antonio Coypel, 1.º pintor do Rei, conhecendo o seu merecimento como abridor, encarregou-o de gravar algumas das suas pinturas da galeria do *Palais Royal*. N. H. Tardieu tambem gravou muitas das estampas de outras collecções publicadas no seu tempo: a de Crozat; a dos quadros de Carlos Le Brun na galeria de Versalhes, segundo desenhos de Massé; a historia de Constantino, segundo Rubens; &.

N. H. Tardieu empregava simultaneamente talhos cruzados (*hachures*), regulares ou livres, e alliava a ponta ao buril, segundo os caracteres dos diferentes objectos, produzindo assim estampas cheias de muito bom gosto e perfeição.

Entrou para a Real Academia de pintura, esculptura e gravura de Paris em 1720. Entre os discipulos que formou contam-se: Jacob Nicolau Tardieu, seu filho; Lourenço Cars; Jacob Philippe Lebas; Bernardo Baron.

Como Nicolau Henrique Tardieu e seu filho, Jacob Nicolau Tardieu, muitas vezes subscriviam as suas estampas somente com o appellido « Tardieu » e ambos gravaram diferentes estampas de uma mesma serie ou collecção, é ás vezes difficil distinguir quaes são as do buril do pae, quaes as do filho.

A mulher de Nicolau Henrique Tardieu (*) dedicou-se tambem á gravura.

N.º 267. — A Virgem Santissima e o Menino Jesus, segundo João Baptista Santerre.

A Virgem, de frente, sentada em um banco, em cujo encosto descança o braço direito, com o pé direito sobre um

(*) Das informações contradictorias, que encontrámos nos biographos e iconographos, não pudemos tirar a limpo quem fóra a mulher do nosso artista: si Isabel Clara Tournay, segundo Huber & Rost (VIII, 20) e Nagler, *Lexicon* (XIX, 31), si Maria Anna Horthemels (nascida em Paris em 1682, + a 24 de Março de 1727), segundo Lalanne, nos artigos *Horthemels* e *Tardieu*. O mesmo Lalanne diz mais que Jacob Nicolau Tardieu, filho de Nicolau Henrique Tardieu, se casára em primeiras nupcias com Joanna Francisca Luiza Duvivier (+ a 6 de Abril de 1762) e em segundas com Isabel Clara Tournay, nascida em Paris em 1731, onde falleceu a 3 de Maio de 1773. Convém ainda notar que todas estas mulheres foram gravadoras.

escabello, olha com affecto para seu Divino Filho, que sentado a seu lado, com semblante risonho, estende os braços para ella. Na margem inferior occorre: 1.º, « *J. B. Santerre pinxit* », á esquerda; « *Tardieu sculp. 1715* » á direita; 2.º, dois versos hexametros latinos:

« *Dum blando arridet Matri puer ore ; Redemptor,
Corde suam effuso meditatur sanguine mortem.* »,

á esquerda; com a traducção dos mesmos em quatro outros francezes,

« *Comme enfant il sourit tendrement a sa mere.
Comme victime de son Pere,
Animé d'un Divin transport,
Son coeur brusle en secret du desir de la mort.* »,

á direita; 3.º, « *A Paris chez N. Tardieu rue S. Jacques au Mecenat.* », á esquerda.

Altura, 316 millimetros; largura, 234 millimetros.
N.º 16 de Nagler, *Lexicon* (xviii, 111).

Dá Real Bibliotheca.

N.º 268. — Retratos de Antonio Watteau e de João de Julienne, segundo o proprio Watteau.

Em uma paizagem: Watteau, em pé, segurando com a mão esquerda uma palheta e pinceis, e com a direita um tento apoiado no chão á guisa de bengala, por detraz de seu amigo João de Julienne, sentado, tocando violoncello; á direita, uma tela sobre um cavallette.

Lê-se na margem inferior o seguinte: 1.º, « *A. Watteau pinxit.* », á esquerda; « *Tardieu Sculp.* », á direita; 2.º, seis versos francezes em duas columnas:

« *Assis, au près de toy, sous ces charmans Ombrages,
Du temps, mon cher Watteau, je crains peu les outrages;
Trop hereux ! si les Traits, d'un fidelle Burin
En multipliant tes Ouvrages,
Instruisoient l'Univers des sinceres hommages
Que je rends à ton Art divin !* »;

3.º, « *a Paris Avec Privilège du Roy.* »

Altura, 380 millimetros; largura, 295 millimetros.
N.º 14 de Goncourt, *L'Œuvre de Watteau*, pag. 22;

N.º 63 de Nagler, *Lexicon* (xviii, 113); N.º 17 de Andresen (ii, 584).

Ainda que Nagler e Andresen descrevam a estampa como retratos de Watteau e do proprio gravador, N. H. Tardieu, preferimos seguir a opinião do Sr. E. de Goncourt, que diz serem os retratados Watteau e João de Julienne.

Da Real Bibliotheca.

DUPUIS (CARLOS)

Carlos Dupuis, desenhador e gravador á ponta e a buril, nasceu em Paris em 1675 (Andresen) ou em 1685 (Huber & Rost) ou ainda em 1695 (L.B.).

Foi discipulo de Gaspar Duchange, cuja filha veiu depois a desposar; trabalhou por algum tempo em Inglaterra, mas viu-se obrigado a voltar para a patria por lhe não convir á saude o clima d'aquelle paiz. A maior parte das suas estampas são gravadas á agua-forte e acabadas a buril. Profundo conhecedor da arte, C. Dupuis gravou com muito bom gosto; a sua maneira é larga e o seu toque magistral.

Ainda moço foi membro da Real Academia de pintura, de escultura e de gravura de Paris. Abriu retratos e assumptos de historia. Falleceu em Paris em 1742.

N.º 269. — Retrato de Nicolau de Largillière, segundo Carlos Estevão Geuslain.

Em busto, de tres quartos para a esquerda, olhando para a frente; dentro de uma moldura oval sobre uma larga peanha. Parte da capa do retratado vê-se fóra da moldura, cahida sobre a peanha. Nesta occorre: 1.º, *Peint par Geuslain*, á esquerda; « *Gravé par Charles Dupuis pour sa Reception à l'Académie en 1730.* », á direita; 3.º, « *NICOLAS DE LARGILLIERRE Natif de Paris, Peintre ordinaire du Roy, et Recteur en son Académie Royale.* », no meio.

Altura, 348 millimetros; largura, 241 millimetros.

N.º 12 de L.B. (ii, 158).

Da Real Bibliotheca.

N.º 270. — O philosopho casado, segundo Nicolau Lancret.

À direita, um homem gordo, a tres quartos para a esquerda, de chapéu na cabeça e bengala na mão esquerda, estende risonho a direita para o philosopho casado, que se vê no meio da estampa, de perfil para a direita, com o chapéu debaixo do braço, extendendo-lhe a mão esquerda. Perto do homem gordo, outro, de perfil para a esquerda, arrimado á sua bengala, comprimenta o philosopho com a mão direita. Á esquerda da estampa, um grupo de tres figuras: no meio, um moço segurando com ambas as mãos o chapéu na altura do peito; á esquerda, uma mulher de mãos cruzadas; e á direita, outra segurando o leque com as duas mãos. Não fundõ, á direita, terceira mulher sentada.

A scena passa-se em uma vasta sala ornada de columnas, tendo, no fundo, á esquerda, uma porta envidraçada com um dos batentes aberto.

Na margem inferior occorre: 1.º, « *N. Lancret pinxit* »; á esquerda; « *C. Dupuis Sculpsit* » á direita; 2.º, « *LE PHILOSOPHE MARIÉ Acte V. Scene dernier* » no meio; 3.º, oito versos, em duas columnas:

« *A ce mauvais plaisant d ce railleur grossier,*

Et l'autre par ses ris prouve son mauvais cœur.

N. D. »;

4.º, por baixo do titulo, o seguinte endereço: « *a Paris chez la Veuve de F. Chereau graveur du Roy rue S. Jacques aux deux pilliers d'Or Avec privilège du Roy.* » Sem data.

Altura, 327 millímetros; largura, 438 millímetros.

N.º 61, 1.º estado (com a palavra *cœur*, em vez de *ceur*, no ultimo verso), de E. Bocher, *Lancret*, pag. 47.

Esta estampa faz *pendant* á outra, *O glorioso*, gravada por Nicolau Gabriel Dupuis, descripta por Bocher, *Opere citato*, sob n.º 37, á pag. 29.

Da Real Bibliotheca.

LARMESSIN Junior (NICOLAU DE)

Nicolau de Larmessin Junior, gravador a buril, nasceu em Paris em 1684 e falleceu na mesma cidade, segundo uns, em 1755, e segundo outros, um anno depois.

Foi discipulo de seu pae, de igual nome, a quem exce-

deu; chegou a ter certa nomeada, em consequencia das estampas que gravou para a collecção Crozat; mas arrastado pela moda da epoca perverteu o seu gôsto, gravando somente assumptos de genero segundo Watteau, Lancret e Boucher. Abriu retratos e assumptos historicos; a sua maneira de gravar é nitida, entretanto as extremidades das suas figuras não são convenientemente tratadas.

O celebre Jorge Frederico Smidt, de Berlim, trabalhou em Paris sob a direcção de N. Larmessin Junior e muitas das estampas gravadas por aquelle segundo Lancret estão marcadas com o nome de seu mestre.

N. Larmessin Junior foi gravador do Rei.

N.º 271.— *L'après dinée*, segundo Nicolau Lancret.

Á sombra de grandes arvores de um parque jogam o gamão um homem e uma mulher, moços. O taboleiro está em cima de uma mesa, entre os jogadores; á esquerda, a dama, assentada, de perfil para a direita, segurando o copo com a mão esquerda e pousando a direita no taboleiro; á direita, o cavalheiro, tambem sentado, voltado para uma mulher, de pé, por detraz d'elle, mostrando-lhe o jogo, como quem pede conselho. Além da mesa outra dama, em pé, com a mão esquerda sobre o encosto da cadeira do cavalheiro.

Na margem inferior lê-se: 1.º, « *Lancret pinxit.* », á esquerda; « *De Larmessin Sculp.* », á direita; 2.º, « *L'APRES DINEE* (sic) »; 3.º, quatro versos francezes, em duas columnas:

« *Ce Jeu doit exercer l'étude et la Fortune*

Dans d'autres Demelez un Tiers nous importune

M.º Roy. »;

4.º, o endereço do mercador, « *a Paris chez De Larmessin graveur du Roy ruë des Noyers la 2.ºme porte cochier adroite entrant par la ruë S.º Jacques. A. P. D. R.* ». Sem data.

Altura, 283 millimetros; largura, 361 millimetros.

N.º 10, 1.º estado (a saber, sem o endereço de Crepy), de E. Bocher, *Lancret*, pag. 10.

A estampa pertence a uma serie de quatro (*Le Matin, Le Midi, L'après dinée* e *La Soirée*), gravadas pelo mesmo artista, segundo N. Lancret, denominadas *As quatro horas do dia* (N.ºs 25-28 de L.B., á pag. 493 do II).

Da Real Bibliotheca.

WATTEAU (ANTONIO)

Antonio Watteau, pintor e gravador á agua-forte, nasceu em Valenciennes a 10 de Outubro de 1684 e falleceu em Nogent-sur-Marne a 18 de Julho de 1721.

Filho de um telhador, manifestou desde a infancia tamanha propensão para o desenho que o pae o poz a estudar na officina de um mau pintor da sua cidade natal, onde não ficou por muito tempo. Ou desgostoso por ter o filho desamparado o officio, ou á falta de recursos, o que é certo é que o pae de A. Watteau não continuou a fornecer-lhe os meios pecuniarios para a sua educação artistica; nem por isso porém desanimou o nosso artista e, resolvido a seguir a sua vocação, poz-se a caminho para Paris (1702) sem dinheiro e sem outra roupa mais que a do corpo. Nesta cidade entrou logo para a officina de um certo Métayer, borrador, que negociava em quadros grosseiramente executados: Virgens, Meninos Jesus, todos os Santos do paraiso, flores, paizagens, &., que vendia ás duzias aos negociantes das provincias. Tinha o mestre um processo singular para executar estas obras de fancaria; dos artistas por elle empregados cada qual trabalhava exclusivamente em uma especialidade: um fazia os ceus, outro as roupagens, este as cabeças, áquelle dava os brancos, &.; estas pinturas assim feitas tinham aos olhos do mestre tanto mais merecimento quanto mais depressa eram acabadas. Em pouco tempo avantajou-se A. Watteau aos seus companheiros pela sua aptidão para todos os trabalhos e rapidez com que os executava; durante muito tempo levou a pintar sómente quadros de S. Nicolau, e tantos fez que já os pintava de cór e sem modelo, recebendo pelo seu trabalho tres libras por semana e a sopa diaria. Entretanto esta vil occupação não arrefecia o entusiasmo do nosso artista, que não cessava de estudar nas suas horas de lazer, á noite, aos domingos e dias santos, desenhando do natural, &.

Aborrecido afinal de trabalho tão monotono e não esperando melhorar de posição em casa de Métayer, passou-se A. Watteau para a officina de Gillot, que pintava com gosto bacchanaes, scenas campestres, arliquinadas, assumptos de modas (*Caprichos*), &. Foi este quem iniciou A. Watteau no genero em que tanto se distinguiu depois. Pouco duraram as boas relações do novo mestre e do discipulo; foi-se este então a trabalhar com Claudio Audran, ajudando-o na decoração do Luxemburgo, onde teve occasião de aperfeiçoar-se estudando os quadros dos grandes mestres ali existentes, principalmente os de Rubens.

Desejoso da sua liberdade, deixou A. Watteau a companhia de Claudio Audran a pretexto de visitar sua familia em Valenciennes; de feito partiu para a cidade natal, onde pouco se demorou pela versatilidade do seu genio, tornando de novo para Paris. Os dois primeiros quadros do seu pincel (n.ºs 52 e 53 de Goncourt), pintados para Sirois, sogro de Gersaint, já tinham feito conhecido o talento do nosso artista em Paris, o que muito facilitou a sua boa fortuna na carreira artistica. Travou então relações com o celebre amator, o Conde de Crozat, que poz ao seu dispor todas as riquezas da sua famosa Collecção, cujas obras primas estudou e copiou, podendo dizer-se que foi ali que A. Watteau verdadeiramente formou o seu bom gosto; entretanto o nosso artista não ficou por muito tempo na companhia de tão benevolo protector.

Desejando visitar a Italia para estudar os grandes mestres italianos, concorreu para o premio de Roma em 1709, mas obteve somente o 2.º premio. Para levar a effeito o seu intento recorreu então a um artificio; mandou collocar em uma das salas do Louvre, por onde passavam os membros da Academia de pintura quando iam ás sessões, os seus dois primeiros quadros, que foram muito apreciados pelos Academicos, principalmente por Carlos de Lafosse. Este, informado de que os quadros eram de um pintor que sollicitava da Academia a graça de recommendal-o a El-Rei para obter a pensão de Roma, mandou-o chamar á sala das sessões e disse-lhe: « Que ides fazer á Italia, meu amigo? Vós sabeis mais do que nós. Não é o caminho da Italia que deveis tomar, sim o da Academia. » A. Watteau foi immediatamente (1712) admittido na Academia como Aggregado e cinco annos depois (a 28 de Agosto de 1717) recebido como Academico, com o titulo novo e bem merecido de *Pintor de festas galantes*. Tambem depois d'isto nunca mais pensou na viagem á Italia.

Tão subita mudança na fortuna de A. Watteau não teve entretanto influencia sobre o seu genio, ao mesmo tempo tímido, versátil, sombrio, atrabilario e caustico, nem sobre a sua maneira de viver solitario. Continuou sempre a estudar e a trabalhar, mas como não tinha fé no proprio merecimento e nunca estava contente com as suas obras, gastava muito tempo a fazer e desfazer nellas as partes que lhe pareciam más.

Em 1720 foi á Inglaterra, mas como o clima de Londres lhe fosse infenso á saude voltou para Paris em 1721. Foi então que pintou em oito dias a famosa taboleta (n.º 95 de Goncourt) para a loja de seu amigo Gersaint, mercador de quadros em Paris, em cuja casa fôra morar. Com Gersaint

esteve oito mezes; mas como o seu estado de saude exigia que mudasse de ares, retirou-se para Nogent-sur-Marne, onde falleceu da molestia de peito que havia muito o consumia.

Deixou A. Watteau alguma fortuna em dinheiro (9 mil libras) e grande numero de desenhos, que legou a seus quatro amigos: Gersaint, o Abbadè Haranger, Julienne e Henin.

A. Watteau desenhava correctamente; os seus quadros (em n.º de 563, segundo C. Blanc, *Histoire des peintres: École française*, Watteau, II), são vivos, espirituosos, poéticos e conservam sempre muita naturalidade no meio dos seus comediantes, pastores convencionaes, &c. As pinturas do nosso artista foram muitissimo afamadas no seu tempo; depois descahiram em completo descredito e até desprezo, e modernamente são de novo estimadas e procuradas, apesar do defeito de estarem muito ennegrecidas em consequencia do oleo graxo que empregava nellas. João Baptista Pater e Nicolau Lancret foram seus discipulos e imitadores.

As estampas gravadas á agua-forte por A. Watteau denunciam a falta de habito e o desazo artistico de um pintor inexperiente no manejo da ponta; não podem portanto ser tidas em conta de boas gravuras e devem antes ser consideradas como verdadeiras curiosidades, mas curiosidades que entram na ordem das cousas rarissimas.

Segundo Goncourt a obra gravada por A. Watteau consta de nove estampas; entretanto o mesmo autor, conformando-se com a opinião de D'Argenville, não desespera que ainda virá um dia em que se descubram outras gravuras do nosso artista.

N.º 272. — Os recrutas indo reunir-se ao seu regimento.

Oito recrutas a pé marcham para a esquerda, tendo á frente o commandante a cavallo, acompanhado por dois cães.

Na margem inferior occorre: 1.º, « *Wateaux pinxit* », á esquerda; « *Thomasin sculp.* », á direita; 2.º, o titulo, « RECRUË | ALLANT IOINDRE LE | REGIMENT »; 3.º, doze versos francezes, em duas columnas, aos lados do titulo, subscriptos por *Gacon*:

« *A Voir marcher cette Recruë,*

De la fatigue du Voiage »;

4.º, por baixo do titulo, o endereço do mercador: « *Seveni* (sic) *A Paris Chez Sirois... de france. A. P. R.* »

Altura, 207 millímetros; largura, 333 millímetros.

N.º 2, 2.º estado (com o endereço de Sirois), de Goncourt, *L'Œuvre de Watteau* pag. 12. Vide também em Huber & Rost: o n.º 13 da obra de Thomassin Filho (Henrique Simão), no vol. VII, pag. 302, e o n.º 2 da obra de Watteau, á pag. 43 do VIII; e Robert-Dumesnil, á pp. 182 e 183 do II.

O Sñr. E. de Goncourt, apoiando-se em uma nota inedita de Mariette, afirma positivamente, em contradicção á opinião de Robert-Dumesnil, que esta estampa é gravada á agua-forte por Watteau, e não por Boucher, e terminada por Thomassin Filho (Henrique Simão).

Da Real Bibliotheca.

SURUGUE (LUIZ)

Luiz Surugue, desenhador e gravador á agua-forte e a buril, nasceu em Paris em 1686 (Nagler, *Lexicon*) ou em 1695 (Huber & Rost) e falleceu em Grand-Vaux, perto de Savigny, em 1762 (Nagler, *Lexicon*) ou em 1769 (Huber & Rost).

Ainda moço foi-se á Hollanda, em companhia de seu mestre Bernardo Picart, de quem foi collaborador, principalmente na grande obra da Galeria do Presidente Lambert. Em 1716 voltou de vez para a França, onde gravou muitas estampas, umas avulsas, outras fazendo parte de series, nas quaes diversos gravadores também trabalharam: a *Grande Escada de Versalhes*, a *Historia de Dom Quichote*, o *Romance comico*, a *Galeria de Dresda*, &c.

Gravou, combinando admiravelmente a ponta com o buril, os mais differentes sujeitos, segundo mestres italianos, francezes e hollandezes: André del Sarto e Coypel, Le Brun e Teniers, Chardin e Rembrandt; foram porém as pinturas de A. Watteau e de João Baptista Pater os seus assumptos predilectos.

Foi recebido na Real Academia de pintura, de escultura e de gravura de Paris a 30 de Junho de 1735.

Luiz Surugue era simultaneamente eminente gravador e iconophilo apaixonado e intelligente: para seu regalo tinha escolhido d'entre as estampas, que lhe passavam pelas mãos, as obras primas de cada gravador, as quaes se comprazia em contemplar e estudar frequentemente. Esta importante collecção foi vendida a 20 de Novembro de 1769, depois da morte do artista. É talvez d'ahi que provém a data attribuida por Huber & Rost á sua morte.

N.º 273. — *Arlequin, Pierrot et Scapin*, segundo Antonio Watteau.

No meio, um arlequim, em attitudo burlesca, levando a mão direita ao chapéu; á esquerda, uma mulher vestida a *pierrot*; á direita, outra tocando guitarra, em conversa com um *scaramouche*, sentados ambos; no fundo, um pantalão arregaçando uma cortina. Na margem inferior occorre: 1.º, « *Watteaux pinxit* », á esquerda; « *L. Surugue Sculp. 1719* », á direita; 2.º, duas quadras em francez, em duas columnas:

« *Arlequin, Pierrot et Scapin*

De ce qui se passe en la vie. »;

3.º, o endereço do mercador: « *Se vent a Paris chez Sirois... Armes de France. A. P. R.* »

Altura, 187 millímetros; largura, 232 millímetros.

N.º 75, 2.º estado (com a letra), de E. Goncourt, *L'Œuvre de Watteau*, pag. 72.

Da Real Bibliotheca.

N.º 274.—O casal feliz, segundo Antonio Watteau.

Á esquerda, uma mulher moça, de perfil para a direita, sentada, com dois filhinhos ao pé de si, canta por um livro de musica que tem nas mãos, ao som de um bandolim tanguido por um homem, sentado em frente d'ella. Por detraz da dama, outro homem, em pé, debruçado sobre o espaldar da cadeira, em que está sentada.

Na margem inferior lê-se: 1.º, « *Watteaux pinxit* », á esquerda; « *L. Surugue Sculp. 1719* », á direita; 2.º, duas quadras em francez, em duas columnas:

« *Pour nous prouver que cette belle
Trouve l'hymen un nœud fort doux,*

Pourroit bien goûter quel que jour. »;

3.º, o endereço do mercador: « *Sevent (sic) A Paris chez Sirois... de France. A. P. R.* ».

Altura, 184 millímetros; largura, 238 millímetros.

N.º 177, 2.º estado (com a letra), de Goncourt, *L'Œuvre de Watteau*, pag. 152.

Da Real Bibliotheca.

THOMASSIN (HENRIQUE SIMÃO)

Henrique Simão Thomassin, desenhador e gravador á agua-forte e a buril, mais conhecido por Thomassin Filho para distinguir-se de seu pae, Simão Thomassin, nasceu em Paris em 1688 e falleceu na mesma cidade em 1741.

Foi a principio discipulo de seu pae, Simão Thomassin; aperfeiçoou-se porém na gravura sob a direcção de Bernardo Picart, em cuja companhia seguiu em 1726 para Amsterdão, onde se demorou por dois annos. Tornando para Paris, entrou em 1728 para a Academia de pintura, de esculptura e de gravura d'essa cidade, apresentando como *obra de recepção* o retrato allegorico de Luiz XIV, segundo Luiz de Boullogne Junior, uma das obras primas do nosso artista.

Foi gravador do Rei e teve alojamento no Louvre. Gravou com feliz exito tanto retratos, como assumptos historicos. A sua maneira de gravar era livre e pintoresca; compenetrava-se perfeitamente do espirito dos pintores, cujas obras reproduzia pela gravura, e sabia alliar engenhosamente a ponta com o buril.

N.º 275. — *Coquettes*, segundo Antonio Watteau.

Cinco figuras a meio corpo: á direita, uma dama, de perfil para a direita, sentada, com uma mascara na mão esquerda, preparando-se para ir ao baile; ao pé d'ella um negrinho; á esquerda, um homem, em pé, de perfil para a direita, com longos cabellos cahidos, tendo o chapéu na mão esquerda e bengala na direita; &c.

Na margem inferior occorre: 1.º, « *Peint par Watteau* », á esquerda; « *Gravé par H. S. Thomassin fils.* », á direita; 2.º, oito versos francezes, em duas columnas:

« *Coquettes qui pour voir galans au rendez-vous,
Voulez courir le bal, en dépit d'un Epoux,*

Que cornes me viendroient, sans que j'en visse rien. »;

3.º, os endereços dos mercadores: « *Se vend a Paris chez Thomassin pere et fils, et chez Duchange graveurs du Roi rue St. Jacques.* » Sem data.

Altura, 196 millimetros; largura, 242 millimetros.

N.º 78 de Goncourt, *L'Œuvre de Watteau*, pag. 74;
N.º 52 de Nagler, *Lexicon* (XVIII, 376).

Da Real Bibliotheca.

Os recrutas indo se reunir ao seu regimento,
segundo Antonio Watteau.

(Vide o n.º 272 d'este Catalogo.)

DREVET (PEDRO IMBERT)

Pedro Imbert Drevet, gravador a buril, filho unico de Pedro Drevet, nasceu em Paris a 22 de Junho de 1697 e falleceu na mesma cidade a 27 de Abril de 1739.

Dotado das mais felizes disposições para a gravura, fez sob a direcção de seu pae sorprendentes progressos e tornou-se em mui pouco tempo artista tão consumado, que ainda muito moço já era seu collaborador.

A proposito da precocidade de Pedro Imbert Drevet na gravura tem-se dito que aos treze annos de idade já tinha burilado uma estampa que em muitas das suas partes despertaria zelos a gravadores provecos; Firmin-Didot porém não julga esta asserção sufficientemente provada.

A principio Pedro Imbert Drevet gravou sómente assumptos religiosos segundo varios mestres: *A apresentação da Virgem Santissima no templo*, segundo Carlos Le Brun (anterior a 1716), descripta por Firmin-Didot sob n.º 4, primeira estampa aberta sómente por elle, a qual Mariette chama a sua obra de ensaio; e a *Resurreição*, segundo F. João Andray, 1716 (n.º 8 de Firmin-Didot), são as suas primeiras estampas neste genero. Em 1718 começou a dedicar-se á gravura de retratos, dando á luz o do Arcebispo de Ruão, Luiz de la Vergne Tressan, Conde de Lyão (n.º 31 de Firmin-Didot); depois continuou a trabalhar simultaneamente em assumptos religiosos e em retratos; mas por fim abandonou inteiramente o primeiro genero para occupar-se unicamente do segundo. Revelou-se desde então artista de genio; o retrato de Bossuet (n.º 12 de Firmin-Didot), que gravou na pujança do seu talento, quando tinha 26 annos de idade (1723), bastaria só por si para assegurar-lhe gloria immorredoura. Foi, a 30 de Dezembro de 1724, admittido como Aggregado da Real Academia de pintura, de esculptura e de gravura de Paris e, a 21 de Abril de 1729, nomeado gravador do Rei.

Pedro Imbert Drevet foi nos ultimos annos da sua vida atacado de alienação mental; mas nos intervallos lucidos ainda trabalhava: a parte que tomou na gravura do retrato do Cardeal de Fleury (n.º 48 de Firmin-Didot na obra de

Pedro Drevet) e os retratos de Adriana Lecouvreux (n.º 24 de Firmin-Didot, na obra de Pedro Imbert Drevet) e de Renato Pucelle (n.º 29 de Firmin-Didot, na obra de Pedro Imbert Drevet), ultima estampa por elle aberta, são trabalhos executados durante esses intervallos lucidos.

Na sua obra *Les Drevet* (pp. xxxi-xxxiv) Firmin-Didot discrimina quaes as estampas propriamente do nosso artista, quaes as exclusivamente de Pedro Drevet e finalmente quaes as gravadas por este com o adjutorio de seu filho; e descreve (pp. 91 - 113) 33 estampas abertas sómente por Pedro Imbert Drevet.

N.º 276. — Retrato de Jacob Benigno Bossuet, Bispo de Meaux, segundo Jacintho Rigaud.

Em pé, de frente, com o rosto a tres quartos para a esquerda, em habitos prelaticios, tendo a mão direita sobre um livro fechado a prumo em cima de uma mesa e segurando com a esquerda o barrete. Espalhados por baixo da mesa papeis e livros in-folio; na lombada de um d'estes está escripto: « PEINT / PAR H. / RIGAUD », e em um papel, pendente de entre as folhas de outro volume, lê-se: « *graué / par. p / dreuet. f. s* ».

Na margem inferior occorre: 1.º, « *Hyacinthus Rigaud pinxit* », á esquerda; « *Petrus Drevet sculpsit 1723.* », á direita; 2.º, o braço do retratado com os seguintes dizeres aos lados:

« JACOBUS BENIGNUS <i>Meidensis... Delphini synarius... Aprilis 1704. Hanc Effligiem... curavit</i>	(Brazão)	BOSSUET EPISCOPUS <i>praeceptor... Eleemo- Jacobus...Trecensis ex fratre nepos.»</i>
--	------------	---

Altura, , 479 millimetros; largura, 333 millimetros.

N.º 12, 4.º estado, de Firmin-Didot, pag. 99.

A respeito d'esta bellissima estampa diz o mesmo autor: « *Obra prima de gravura que Drevet Filho executou aos vinte e seis annos de idade. Não se pôde desejar nada mais perfeitamente executado do que esta admiravel estampa, diz Mariette.* »

Da Real Bibliotheca.

CARS (LOURENÇO)

Lourenço Cars, desenhador e gravador a buril e á agua-forte, nasceu em Lyão, não se sabe ao certo em que anno, em 1699, em 1701, em 1702 ou em 1703, e falleceu em Paris em 1771.

Ainda moço foi para Paris em companhia de seu pae, gravador mediocre, que lhe tinha ensinado a gravar. A principio L. Cars dedicou-se á pintura, mas pouco tempo depois deixou de exercel-a para entregar-se inteiramente á arte da gravura. É um dos melhores gravadores do XVIII seculo e por seu merecimento póde ser considerado pouco inferior a Gerardo Audran. As suas melhores estampas são as gravadas segundo Francisco Lemoine e d'ellas a obra prima é *Hercules e Omphale*: nessas gravuras L. Cars reproduziu com sentimento e verdade não só o que havia de bom nos originaes, toque, empastamento e côr, mas tambem os seus senões, pelos quaes entretanto não deve ser arguido.

L. Cars abriu muitas chapas de retratos e de assumptos historicos. Em 1733 foi recebido membro da Real Academia de pintura de Paris.

N.º 277. — A buena-dicha, segundo Antonio Watteau.

Cinco figuras e um cão em uma paizagem: á esquerda, uma cigana, de perfil para a direita, acompanhada de um menino e do cão, diz a buena-dicha á uma dama, que lhe fica em frente, da qual toma a mão esquerda espalmada na sua direita, levando o indicador da esquerda á bocca.

Na margem inferior lê-se: 1.º, « *A. Watteau pinxit.* », á esquerda; « *Cars Sculp.* », á direita; 2.º, o titulo em duas linguas: « *LA DISEUSE D'AVENTURE | Gravée d'après le Tableau original Peint par | Watteau, de mesme grandeur.* », á esquerda; e « *FUTURORUM PRÆNUNTIATRIX | Sculp̄ta juxtà Exemplar Ejusdem magnitudinis | à Wateavo Depictum.* », á direita; 3.º, entre estes dois titulos: « *du Cabinet de M.^r Oppenort.* »; 4.º, por baixo do precedente dizer: « *a Paris chez F. Chereau... deux pilliers d'Or* », no meio; e « *Avec Privilège du Roy* », á direita.

Altura, 340 millímetros; largura, 273 millímetros.

N.º 127, 2.º estado, de Goncourt, *L'Œuvre de Watteau*, pag. 118.

Da Real Bibliotheca.

AUBERT (MIGUEL)

Miguel Aubert, gravador á ponta e a buril, nasceu em Paris cêrca do anno de 1700 e morreu na mesma cidade em 1757.

Gravou assumptos de historia e retratos, mas em nenhum d'estes generos ganhou brilhante reputação. A sua maneira de gravar é livre e ligeira; em algumas das suas estampas historicas imitou o estylo de Gerardo Audran, não com grande successo.

N.º 278. — O homem entre duas idades e suas duas amantes, segundo Sebastião Leclerc Filho.

Um homem maduro e meio calvo, de perfil para a direita, mirando-se a um espelho, é depennado por duas mulheres: uma, já idosa, á direita da estampa, sentada com elle na mesma cama, arrancando-lhe os cabellos pretos, e outra, moça, em pé, á esquerda, arrancando-lhe os brancos.

Na margem inferior occorrem: 1.º, « *S. le Clerc pinx.* », á esquerda; e « *M. Aubert Scul. 1728* », á direita; 2.º, « *L'Homme entre deux âges, et ses deux Maitresses | Fable 17. de la Fontaine Liv. 1.ª* »; 3.º, o endereço: « *à Paris chez Jaurat au bas des fosses S. Victor.* », á direita.

Altura, 236 millímetros; largura, 190 millímetros.

N.º 76 de L.B. (1, 65).

Da Real Bibliotheca.

DEBRIE (GUILHERME FRANCISCO LOURENÇO)

As noticias que dão os autores sobre este artista são poucas e ás vezes inexactas: Cyrillo (pag. 282) e Raczyński (Dictionnaire, pp. 39 e 66) o chamam *Gabriel Francisco Luiz Debríé*; e Heineken (iv, 558) attribue a um certo

Deprie o desenho de um retrato de *Diego de Mendoza gravêe* (sic) *par Gaillard marqué Deprie pinx. à Lisbonne, apparemment artiste différent du précédent* (Debrie). É provavel que Heineken nunca tivesse visto a estampa citada; não teria então transcripto incompleta e erradamente os dizeres d'ella. A Bibliotheca Nacional possui um exemplar d'este retrato (de Diogo de Mendonça Corte Real) no volume III dos *Retratos dos Varoens Portuguezes insignes na campanha e gabinete* da célebre Collecção de retratos de D. Barbosa Machado, sob n.º 140, em cuja margem inferior occorrem: « G.^{me} F.^s L.^s Debrie Fecit a Lixboa ano (sic) 1730 », á esquerda; « R. Gaillard Sculp. », á direita. Si, apesar do que precede, pudesse restar ainda alguma duvida a respeito do verdadeiro nome do nosso artista, ella desappareceria inteiramente á vista de uma estampa gravada por elle em 1745, existente na Bibliotheca Nacional, representando duas estatuas de S. João Nepomuceno, identicas em tudo, excepto na posição das cabeças. Na margem inferior d'esta estampa lêem se os seguintes dizeres:

1.º, gravado na propria chapa: « Verdadeira Representação da estatua de bronze de S. JOÃO NEPOMUCENO, que se erigio na ponte da Cidade de Praga em 31 de Agosto de 1683 / como se Representa no N.º 1.º; a qual no mesmo dia 31 de Agosto de 1744, virou milagrosamente as Costas ao Exercito Prussiano e o Rosto para a parte chamada / a Cidade pequena, olhando para a Catedral (da qual foi Conego, e em que está depozitado o seu santo Corpo) e para o Castello e Palacio Real, como se representa no N.º 2.º / ficando para major evidencia do milagre, fixos, na propria base, e sem mudança alguma, os pés da dita Estatua. »;

2.º, na margem em branco, por baixo do precedente dizer, fóra da chapa, um requerimento manuscripto pelo proprio gravador (como se deduz da inteira semelhança das letras dos dois dizeres): « O Gloriozo S. JOÃO NEPOMUCENO protege a Guilherme Francisco Lourenço Debrie para romper o silencio, sendo o motivo tão justo, como de implorar a / Real Clemencia de S. MAGESTADE; para que se compadeça da sua familia, que na sua falta experimentará grandissimo prejuizo, e dezemparo; E ainda que / o Cardeal ODDI lhe deo esperanza da piedosa grandeza de S. MAG.^s quer com tudo dever ao patrocínio de tão grande S.^{to} a satisfação de seus dezejós, vendo que depois / de sua morte ficão sem ter com que sustentar-se sua mulher, e sete filhos todos menores; e o mesmo S.^{to} retribuirá o caritativo despacho desta humilde supplica. / E. R. M.^{CR} ».

Guilherme Francisco Lourenço Debrie, desenhador e gravador a buril, nasceu em Paris, como elle proprio o declara no frontispicio gravado da obra: *Joannes Portugallia Reges ad vivum expressi Cálamo a P. Emmanuele Monteiro... Caelo a Guil.º Franc.º Laur.º Debrie, Parisino... Ulissipone: Typis Franc... da Sylva... 1742*, in-folio pequeno. Foi discipulo de Bernardo Picart, trabalhou por algum tempo na sua cidade natal, a convite d'El-Rei Dom João V foi para Portugal, onde gravou muito principalmente para livreiros: a *Historia genealogica da Casa Real Portuguesa*, as *Memorias dos Templarios*, e outras obras publicadas em Portugal no XVIII seculo, abundam de estampas, titulos, cabeções de paginas, vinhetas e letras capitaes gravados por G. F. L. Debrie. As datas extremas que encontrámos nas estampas, abertas pelo nosso artista em Portugal, são: 1732 e 1753; entretanto Le Blanc aponta uma, o retrato de Clemente Marot com o millesimo 1729, e Raczynski menciona duas outras com a data de 1754.

Ignoram-se as datas do nascimento e morte de G. F. L. Debrie; em todo o caso é provavel que tivesse morrido com mais de cincoenta annos, porque deveria ter sido contratado para trabalhar em Portugal homem já feito e artista consummado.

Cyrillo e Raczynski affirmam que G. F. L. Debrie tivera um filho de igual nome, nascido em Lisboa, o qual foi tambem gravador.

Conhecemos da obra por G. F. L. Debrie em Portugal cêrca de 580 estampas, incluindo neste numero as letras capitaes e outros trabalhos miudos feitos para livreiros.

N.º 279. — As quatro idades do homem, segundo Antonio Quillard.

Em uma paizagem: no 1.º plano, uma moça quasi nua, sentada no chão, ao pé de uma grande arvore, apoiando-se na mão esquerda para ter o tronco levantado, e com a direita expremendo a mamma direita para fazer cahir leite na bocca de uma criança, de perfil para a direita, deitada no chão; por detraz d'este grupo, estão, á direita da estampa, uma mocinha, de perfil para a esquerda, em pé, colhendo fructos na grande arvore; e á esquerda, um velho de costas, com o rosto de perfil para a esquerda, sentado no chão, com uma muleta na mão direita; no 2.º plano: um rio em cascatas; um lavrador arando a terra com uma junta de bois; e

um grupo, composto de um homem deitado no chão e de uma mulher sentada também no chão.

Na margem inferior occorre:

1.º, « *A. Quillard inven. et dispos. 1732* », á esquerda; e
« *G. F. L. Debrie del. et sculptor Regius Portug. cell. sculps. 1743.* », á direita;

2.º, por baixo dos precedentes dizeres, a seguinte inscripção polyglotta, em 4 columnas, a saber:

á esquerda,

« *Ætatis primæ Pueritia tempora complet;
Hac verò elapsâ, grata Iuventa subit.
Illico succedit nulli cessura Virilis;
Postremoque sedet tarda Senecta Loco.*

P. Emm. Monteyro. Cong. Orat. »;

no meio,

« *L'âge Enfantin fini; vient la belle Jeunesse:
Puis tout a coup on passe a cet âge parfait
Qu'on appelle Viril, qui passe comme un Trait
Et qui bien tost fait place a la foible Vieillesse.*

P. Ph. Morel. »;

e á direita,

« *He da Humana Idade a Pueril
A que os primeyros annos entretem:
Despoes della se segue a Iuvenil,
Em que todas as graças se contem:
Maes Robusta, e maes agil a Viril
Em terceyro lugar seu lugar tem;
E a Vethice emfim, que as segue tarda,
No ultimo se assenta já cançada.*

P. Emm. Mont. Cong. Orat. »;

em duas columnas.

Altura, sem a margem, 271 millímetros.

Dita da margem, 31 millímetros.

Largura, 377 millímetros.

Estampa rara, não descripta, que pertenceu á Real Bibliotheca.

DAULLÉ (JOÃO)

João Daullé, gravador a buril, nasceu em Abbeville em 1703 e falleceu em Paris em 1763.

Aprendeu os elementos da arte na sua cidade natal com Roberto Hequet; ainda moço foi para Paris, onde trabalhou durante o resto da sua vida.

« A sua primeira estampa gravada segundo Mignard representa a Condessa de Feuquières, filha d'este pintor, sustentando com uma das mãos um retabulo com o retrato de seu pae. Si Daullé tivesse continuado a fazer progressos na gravura, poucos abridores a buril mereceriam ser-lhe preferidos; teria ao mesmo tempo tido poucos concurrentes, si pelo menos tivesse sabido sustentar-se; mas ainda que nenhuma outra estampa houvesse depois feito comparavel áquella, deve ser considerado artista muito estimavel. Em outro seculo mais feliz para as artes J. Daullé ter-se-ia limitado ao genero que melhor lhe convinha; a necessidade porém de viver do producto do seu talento o obrigou a cultivar generos com que a sua natureza se não coadunava ou, o que tanto vale, com que se não coadunavam as primeiras impressões que recebêra ao entrar na carreira das artes. » (Levesque, *Encyclopédie méthodique, Beaux-Arts*, 1, 389).

Em 1742 João Daullé foi membro da Real Academia de pintura de Paris.

N.º 280. — Retrato de Catharina Mignard, Condessa de Feuquières, segundo Pedro Mignard.

Vista até aos joelhos, de frente; de cabeça descoberta e cabellos annelados, enfeitados com um ramo de flores; trajando um vestido decotado, que deixa entrever parte dos seios, de mangas curtas de fofos, apertado na cintura por um cinto bordado; tendo sobre o hombro direito um manto fluctuante pelas costas; arregaçando com a mão esquerda a parte d'este que lhe cahe pela frente, e segurando uma trombeta com a mão direita, apoiada sobre uma tēla, em que está representado o retrato de seu pae, Pedro Mignard, posta em pé sobre uma mesa, onde se vêem tres estampas e uma regua. Na parte inferior da tēla está escripto: « *P. Mignard p.^r Peintre du Roy.* »; e na margem inferior da estampa:

1.º, « *Peint par P. Mignard.* », á esquerda; « *et Gravé par J. Daullé en 1735.* », á direita;

2.º, a letra, com o braço da retratada de permeio:

« *Catherine* (Braço) *Mignard*
Comtesse () *de Feuquiére.* »

Altura, 398 millímetros; largura, 303 millímetros.

N.º 22 de Andresen, em um estado não descripto por este autor, a saber, sem o endereço: « *chez l'auteur place de Cambray.* »

Da Real Bibliotheca.

N.º 281. — Retrato de Carlos Francisco Le Febvre de Laubrière (*), Bispo de Soissons, segundo Aved (Jacob André José).

A tres quartos para a direita, olhando para a frente, trajando habitos prelaticios, sentado em uma cadeira de espaldar, defronte de uma mesa, folheando um grande livro apoiado nella; no fundo, á direita, uma livraria, em parte encoberta por uma cortina meio corrida. Em baixo, no meio, vê-se o braço do retratado, em um redondo. Sem letra e sem data; o exemplar exposto porém traz os seguintes dizeres, manuscriptos com tinta de escrever: 1.º, aos lados do escudo:

« *Carolus Franciscus* (Braço) *le Febvre de Laubriere*
Episcopus Suessionensis () *Regi ab omnibus*
Consilii () *et Parliamentis* »;

2.º, na margem inferior: « *Peint par Aved* », á esquerda; « *Gravé par Daullé 1730* », á direita; e « *Offerebat Hieronymus Nicolaus Henrion Canonicus Ecclesiae (sic) Suessionensis* », no meio.

Altura, 498 millímetros; largura, 364 millímetros.

A estampa exposta pertence ao 1.º estado de Nagler, *Lexicon*, III, 284, isto é, não tem letra nem data. Vide tambem Huber & Rost, n.º 7, á pag. 110 do VIII; e L.B. n.º 32, á pag. 97 do II.

Da Real Bibliotheca.

(*) O verdadeiro nome do retratado é o que damos (Vide *Gallia Christiana...* Paris, 1751, n. LXXXVII, volume IX, á pp. 383-384), e não os mencionados por Huber & Rost, L.B. e Nagler, *Lexicon*.

DREVET (CLAUDIO)

Claudio Drevet, gravador a buril, filho de um irmão de Pedro Drevet (Floris Drevet), nasceu, provavelmente em Lyão, cêrca do anno de 1705, e falleceu em Paris a 23 de Dezembro de 1781 (Firmin-Didot, pp. XIX e XXII).

Não se sabe quando foi para Paris; mas é certo que foi nesta cidade que aprendeu a gravura com seu tio Pedro Drevet. Aos dezoito annos de idade C. Drevet já era tido em conta de bom gravador, como o prova o facto de ter sido associado aos melhores abridores da epoca que gravaram a serie de estampas que occorrem na obra de Danchet: *Le Sacre de Louis XV dans l'église de Reims le 25 Octobre 1722. Paris, 1723*, in-folio maximo, para a qual fez o retrato de Le Pelletier des Forts (n.º 10 de Firmin-Didot).

C. Drevet obteve o titulo de gravador do Rei, ignora-se em que data; é porém certo que a 8 de Maio de 1739 Luiz XV concedeu-lhe os mesmos aposentos das Galerias do Louvre que em vida occuparam seu tio Pedro e seu primo Pedro Imbert.

Gravou a principio assumptos religiosos, mas depois dedicou-se unicamente á gravura de retratos. Ainda que tivesse vivido 76 annos, a sua obra gravada conhecida não é numerosa: Firmin-Didot (pp. 117-125) descreve d'ella somente 15 estampas.

Por morte de seu tio e de seu primo, herdou C. Drevet todas as chapas gravadas que lhes pertenceram.

N.º 282. — Jesus Christo crucificado, pranteado pelos anjos, segundo Carlos Le Brun.

Vinte e cinco anjos, nove no chão, ajoelhados, e dezeseis no ar, pranteam a Jesus Christo, que expira na cruz; ao pé d'esta vê-se, sobre uma almofada, a coroa real de França. Na margem inferior occorre: 1.º, « *Car le Brun pinxit* », á esquerda; « *Cl. Drevet sculpsit.* », á direita; 2.º, « *Angeli pacis amare flebunt. Isai. c. 33.* », no meio, tendo por baixo os seguintes versos:

*« Anges de paix, Anges fidelles,
Pourquoy pleurer amerement ?
Dieu ne meurt pas pour vous; il meurt pour des rebelles.
Que pleurés vous ? Helas ! c'est notre aveuglement. »;*

3.º, o endereço: « *A Paris chez P. Drevet Graveur du Roy rue S.^t Jacques a l'Annonciation* ».

Sem data.

Altura, 332 millímetros; largura: em cima, 235 millímetros; em baixo, 238 millímetros.

Cópia invertida e reduzida da estampa de Gerardo Edelinck, geralmente conhecida pela denominação de *Jesus Christo dos Anjos* (N.º 16 de L.B.), descripta por Zani (VIII da II parte, 126) sob o título *Cópia B.*; N.º 3 de Firmin-Didot, pag. 118.

Da Real Bibliotheca.

N.º 283. — Retrato de Margarida Henriqueta de La Briffe, 4.^a mulher de Cardin Le Bret, Presidente do Parlamento d'Aix, por isso dita Madame Le Bret, segundo Jacintho Rigaud.

Vista até aos joelhos, representando Ceres, em uma paisagem, sentada em um monticulo, de frente, com a cabeça descoberta e os cabellos enfeitados de flores campestres e de espigas de trigo, trajando um vestido de seda decotado, que deixa entrever parte dos seios, com mangas curtas e largas, tendo no corpinho um broche com uma perola e na cintura um cinto amarrado em laço, segura com a mão esquerda uma fouchinha e com a direita uma mancheia de flores do campo e de espigas de trigo.

Na margem inferior occorrem:

1.º, « *Hyacinthe Rigaud pinx.* », à esquerda; « *Claud. Drevet sculp. 1728.* », à direita;

2.º, oito versos francezes, em duas columnas:

« *La faucille à la main c'est ainsi que Cérés
Aussi brillante, aussi belle que Flore,
Mais plus féconde et plus utile encore,
Vient moissonner pour nous ses plus riches guerets.
En recevant les biens qu'elle nous donne,
Defendons nous de ses attrait vainqueurs:
Jeune et riante elle moissonne
Moins d'épics encor que de Coeurs.* »;

3.º, o endereço: « *A Paris chez P. Drevet Graveur du Roy aux Galleries du Louvre* », á direita.

N.º 9, 3.º estado, de Firmin-Didot.

Da Real Bibliotheca.

AVELINE (PEDRO)

Pedro Aveline, desenhador e gravador a buril e á ponta, nasceu em Paris em 1710 e morreu na mesma cidade em 1760.

Foi discipulo de João Baptista de Poilly, cuja maneira se revela nas suas gravuras. Merece ser contado no numero dos bons gravadores francezes; entretanto a sua reputação seria muito maior, si não tivesse consumido boa parte da vida a gravar esboços e si tivesse sido menos facil na escolha dos assumptos que gravava.

P. Aveline foi membro da Academia de pintura de Paris.

N.º 284. — A loucura, segundo desenho de Cornelio de Visscher.

Duas figuras: um moço, a meio corpo, de frente, sorrindo-se, com os cabellos desgrenhados, o olhar fixo, a mão direita por detraz do tronco, tendo na esquerda uma gorra ornada de guizos e pluma; á esquerda da estampa, por detraz d'elle, outra figura, da qual se vê sómente o rosto, de perfil para a esquerda, com a bocca aberta, tendo na cabeça uma gorra semelhante á do moço.

Na margem inferior lê-se:

1.º, « *C. de Vischer. del.* », á esquerda; « *P. Aveline sculp.* », á direita; 2.º, « *LA FOLIE* », no meio; 3.º, por baixo do titulo, dois versos francezes em uma só linha:

« *Combien de Curieux empressés à me voir
Pourront, en me voyant, se passer de miroir ?* »;

4.º, « *A Paris chez Huquier... avec Privilège du Roy.* »

Altura, 257 millimetros; largura, 326 millimetros.

N.º 103, 2.º estado (com a letra), de L.B. (1, 110).

Da Real Bibliotheca.

FRANÇOIS (JOÃO CARLOS)

Franco. & Sc.

N.º 20.

João Carlos François, desenhador e gravador em muitos generos de gravura, nasceu em Nancy a 4 de Março de 1717 e falleceu em Paris a 21 de Março de 1769 (Andresen) ou em 1786 (Bryan).

Como era filho de um negociante abastado, aprendeu o desenho por mero prazer; diz-se que em gravura não teve outro mestre sinão o seu talento e applicação. Desejando aperfeiçoar-se nella, deixou a sua cidade natal para ir a Lyão, onde viveu sete annos a trabalhar pela arte e a lançar as bases da obra que escreveu sobre os principios do desenho e os processos da gravura; aspirando sempre attingir nella a summa perfeição foi para Paris, afim de estudar as obras dos mais notáveis artistas francezes e seguir-lhes os conselhos e instrucções.

Foi J. C. François quem primeiro gravou á maneira de lapis; e a tão alto grau de perfeição elevou este genero de gravura, que obteve a nomeação de gravador do Rei, com a pensão annual de 600 libras; entretanto alguns gravadores contemporaneos, Magny, Bonnet e Demarteau, pretendêram ter tido a prioridade da invenção e moveram-lhe por isso tão crua guerra, que lhe abreviaram os dias de existencia.

J. C. François gravou os retratos da obra de Alexandre Saverien, *Histoire des philosophes modernes, avec leurs portraits, gravés dans le goût de crayon. Paris, 1760-1769, 4 vols. in-4.º*, em cujo 1 volume occorre, em forma de carta, a obra do nosso artista sobre os principios do desenho e os processos da gravura. O retrato do medico Francisco Quesnay, segundo Francisco Fredou, aberto por J. C. François, é executado nas differentes maneiras que praticava: a cabeça á maneira negra, a roupagem a buril, a moldura e o fundo á maneira de lapis, os accessorios, como livros, &, á maneira de aguada e o pedestal á maneira de lapis preto e branco.

A mulher de João Carlos François foi pintora.

N.º 285. — Busto de um mancebo, segundo Francisco Boucher.

De frente, com cabellos annelados, o rosto inclinado para a direita da estampa, olhando para o mesmo lado.

Em baixo occorre: « *F. Boucher del.* », á esquerda; « *du Cabinet de M.^r Bergerer* », no meio; o monogramma n.º 20, á direita. Por cima d'este, na altura do hombro esquerdo da figura, lê-se: « *avec | privilege* ».

Dimensões da folha (que está um tanto mutilada) no seu estado actual: altura, á direita, 363 millímetros; altura, á esquerda, 366 millímetros; largura, 266 millímetros.

Gravura á maneira de lapis.

Da Real Bibliotheca.

DENON (DOMINGOS VIVANT, BARÃO)

Domingos Vivant Denon, depois Barão Denon, desenhador e gravador á agua-forte, nasceu em Chalons-sur-Saône a 4 de Janeiro (Larousse) ou a 4 de Fevereiro (L.B.) de 1742 e falleceu em Paris a 27 ou 28 de Abril de 1825.

Foi escriptor, diplomata, artista e mais que tudo cortezão fino e cadimo; o que porém mais nos interessa é a sua vida de artista.

Fez os seus estudos em Lyão; terminados elles, foi para Paris na idade de vinte annos. Ahi tentou fortuna por todos os modos; escreveu para o theatro; dedicou-se á pintura; captou as boas graças de Luiz XV e foi por elle nomeado successivamente guarda das pedras gravadas, que Madame de Pompadour deixára a El-Rei, e gentil-homem ordinario da Real Camara.

Serviu como diplomata na Russia, na Suissa e em Napoles; voltando á França, poz-se a gravar á agua-forte para a obra do Abbade de Saint-Non (*Voyage pittoresque ou description du royaume de Naples et de Sicile*, Paris, La fosse, 1781-1786, 4 tomos em 5 vols., in-folio maximo) os numerosos desenhos que tinha trazido da Italia. Em 1787 a Real Academia de pintura, de esculptura e de gravura de Paris abriu-lhe as portas: *A adoração dos pastores*, segundo Lucas Jordão, foi a sua estampa de recepção. Desejando gravar as obras primas dos mestres venezianos foi-se á Veneza, mas não podendo levar avante esse projecto, refugiou-se na Suissa

por algum tempo. Da Suíça correu a Paris por ter sabido que os seus bens tinham sido confiscados; em Paris pdeu insinuar-se no animo de Napoleão Bonaparte e conseguiu acompanhá-lo na expedição do Egypto. Fez então muitos desenhos, pelos quaes gravou as estampas da sua obra, *Voyage dans la basse et haute Egypte pendant les campagnes du Général Bonaparte*, Paris, Firmin-Didot, 1802, 2 vols. in-folio maximo.

Elevado ao throno imperial, Napoleão continuou a dispensar a D. V. Denon decidida protecção: nomeou-o director geral dos Museus imperiaes e Barão. Depois da Restauração recolheu-se D. V. Denon á vida privada; empregou-se então a classificar os materiaes para a obra, que não teve o gosto de ver publicada, por ter morrido antes: *Monuments des arts du dessein... recueillis par le Baron Denon pour servir à l'histoire des arts...*, Paris, Firmin-Didot, 1829, 4 vols. in-folio, com estampas lithographadas.

A obra gravada de D. V. Denon é consideravel (325 estampas). As suas melhores gravuras são as que fez á maneira de Rembrandt.

N.º 286. — Paizagem.

No 1.º plano: dez bois vadeando um riachio, tocados por um pastor; na extrema direita da estampa, dois pastores sentados, tendo junto a si dois carneiros; além do rio, á esquerda, um portico em ruinas. No 2.º plano: uma ponte perto de uma casa.

Em baixo, á direita: « *Denon f.* », escripto ás avessas. Sem outros dizeres, e sem data (?). A estampa tem as margens mutiladas.

Altura, 151 millimetros; largura, 203 millimetros.

Não descripta?.

Da Real Bibliotheca.

DEBUCOURT (PHILIBERTO LUIZ)

Philiberto Luiz Debucourt nasceu em Paris a 13 de Fevereiro de 1755 e falleceu em Belleville, então perto da mesma cidade (hoje intra-muros), a 22 de Setembro de 1832.

Aprendeu a pintura com José Maria Vien e fez muitos quadros de genero, hoje muito procurados e estimados pelos

amadores. Só depois que entrou para a Real Academia de pintura de Paris (1782) é que começou a gravar, sem ter tido outro mestre d'esta disciplina mais que o seu talento e applicação; cultivou muitos generos de gravura: á maneira negra, de aguada e de lapis, á agua-tinta e em côres. D'estas ultimas, *O passeio da galeria do Palais-Royal* e *O passeio publico* são as suas peças capitaes.

As suas estampas, hoje raras, são, como os seus quadros, cada vez mais procuradas e apreciadas, e por isso têm sido nos ultimos tempos pagas a preços elevados.

Ph. L. Debucourt foi membro correspondente do Instituto de França e gravador do Rei.

O nome d'este artista não é Philippe Luiz Debucourt, como quasi todos os autores o dão, e sim o que adoptámos, á vista da certidão do seu baptizamento e das dos seus dois casamentos, transcriptas integralmente, a paginas 210 e 211 do volume XX da *Gazette des beaux-arts*, pelos Sñrs. Edmundo e Julio de Goncourt.

N.º 287. — Passeio á galeria do *Palais-Royal*, em Paris.

Grande numero de figuras, moços, velhos, fidalgos de envolta com peões, casquilhos, nymphas, emfim uma mistura de typos parisienses da epoca, trajados á moda do tempo, em diferentes posições, passeando e conversando. Entre outras notam-se, no 1.º plano, no meio: uma mulher moça, de perfil para a direita, com grande cabelleira de rabicho empoada, trazendo uma pellissa azul orlada de arminho, segurando com a mão direita um regalo encarnado, marchando para a direita, acompanhada por um pequeno lacaio de jaleco vermelho e chapéu de grandes abas, sobraçando um livro e uma grande caixa de papellão; um grupo de tres moças, dando-se os braços, risonhas: d'ellas, a que está mais á frente tem um signal perto do olho esquerdo e traz grande chapéu preto, enfeitado com altos topes de fita e plumas, um ramalhete de rosas ao peito e duas cadeias de relógio com berloques; &c. No fundo, duas das galerias do *Palais-Royal*, illuminadas por dois lampeões; em uma d'ellas os mostradores de diferentes lojas, das quaes cinco numeradas de 162 a 166.

Na margem inferior occorre: 1.º, a data, 1787, á esquerda; 2.º o titulo, em duas columnas: « *The Palais Royal - gallery's Walk.* » , á esquerda; « *Promenade de la*

galerie du Palais Royal. », á direita; 3.º, por baixo do titulo, no meio, « *A Paris Cour du vieux Louvre la 5.ª porte | a gauche* (sic) *en entrant par la Colonnade au premier* ». Sem o nome do gravador.

Altura, 292 millimetros; largura, 560 millimetros.

Estampa muito bella e rara, de impressão colorida por meio de chapas diversas (cujo processo é hoje desconhecido?), fazendo *pendant* a *La Promenade publique* (n.º 2623 do Catalogo de Behague).

É uma das obras primas do gravador.

N.º 43 de L.B. (II, 102); N.º 2624 do Catalogo de Behague.

A estampa exposta custou em Paris, em 1876, 850 francos.

MASSARD (JOÃO BAPTISTA RAPHAEL URBANO)

João Baptista Raphael Urbano Massard, pintor e gravador a buril, nasceu em Paris a 10 de Setembro de 1755 e falleceu na mesma cidade em 1831 (Andresen) ou em 1849 (Larousse).

Aprendeu o desenho com Luiz David e a gravura com seu pae João Baptista Massard. Trabalhou em Paris, em cuja Exposição de 1810 obteve uma medalha pela sua *S.ª Cecilia*, segundo Raphael. Gravou muitas das estampas das obras de *Virgilio* e de *Racine*, publicadas por Firmin-Didot, do *Musée français*, de Robillard & Laurent, Paris, 1803-1811, 4 vols. in-folio maximo, e dos *Lusiadas* de Camões, publicados pelo Morgado de Matheus na casa de Firmin-Didot, Paris, 1817.

J. B. R. Urbano Massard teve, como gravador, boas partes: correcção de desenho, firmeza de buril e nobreza de toque; entretanto increpa-se-lhe certa frieza e dureza na maneira de gravar.

N.º 288. — Retrato do Imperador Dom Pedro I, segundo Henrique José da Silva.

Em corpo, a tres quartos para a esquerda, de pé no throno, fardado a militar, de manto imperial aos hombros, tendo na mão direita o sceptro; á esquerda, sobre uma mesa, a coroa imperial. Do mesmo lado, no fundo o Pão de Assucar, visto atravez da abertura de um arco. Na margem in-

ferior occorre: 1.º, « *Peint par Silva* », á esquerda; « *Gravé par Urbain Massard* », á direita; 2.º, « DOM PEDRO I. / IMPERADOR, E DEFENSOR PERPETUO DO BRASIL. »; 3.º, « *Pintado por Henrique Iozé da Silva, Pintor da Camara de S: M: I., e Director da Imperial Academia, e Escola das Bellas Artes do Rio de Janeiro.* » Sem data.

Altura, 634 millímetros; largura, 445 millímetros.

Bella estampa, não descripta. Comprada no Rio de Janeiro pelo ex-Bibliothecario, Sñr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

TARDIEU (PEDRO ALEXANDRE)

Pedro Alexandre Tardieu, gravador a buril, nasceu em Paris a 2 de Março de 1756 e falleceu na mesma cidade em 1843 (Nagler, *Lexicon*), ou a 3 de Agosto de 1844 (Andresen).

Foi a principio discipulo de seu tio Jacob Nicolau Tardieu; as gravuras do pae d'este, Nicolau Henrique Tardieu, exerceram tambem certa influencia na sua educação artistica; foi porém sob a direcção de João Jorge Wille que se aperfeiçoou na arte. Imitou com felicidade a maneira d'este ultimo mestre e levou a melhor a todos os outros membros de sua familia, que o precederam.

Trabalhou por muitos annos e abriu muitas e excellentes estampas, em cujo numero se contam como obras primas: o *Archanjo S. Miguel*, segundo Raphael; *Ruth e Boos*, segundo Hersent; a *Communhão de S. Jeronymo*, segundo o Dominiquino, estampa em que trabalhou durante quinze annos.

P. A. Tardieu entrou em 1822 para o lugar do Instituto de França vago pela morte de Bervic. Até aos ultimos tempos da sua vida frequentava esta sábia corporação; trabalhava ainda na mais propecta idade, como o prova o retrato de Luiz XIII, que em 1843 ainda não tinha sido dado á luz.

O Barão Boucher-Desnoyers foi seu discipulo.

N.º 289. — Retrato do Conde d'Arundel, segundo Antonio Van Dyck.

A meio corpo, de tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, sentado, com um papel na mão esquerda, segurando com a direita um medalhão pendente de uma fita ao

pescoço. Por detraz da cadeira, uma cortina meio tomada, deixando apparecer no fundo uma paizagem.

Na margem inferior occorre: 1.º, « *Peint par Van-Dyck.* », á esquerda; « *Dessiné et Gravé par P. A. Tardieu.* », á direita; 2.º, « *Le Comte d'Arondel* ». Sem data; entretanto no exemplar exposto lê-se, antes das palavras « *Dessiné... Tardieu.* », o seguinte dizer, manuscripto a lapis, « *En Juillet le 11. 1789.* ».

Altura, 200 millimetros; largura, 157 millimetros.

N.º 16 de Nagler, *Lexicon* (xviii, 114); N.º 11, 2.º estado (com a letra), de Andresen (II, 585).

Da Real Bibliotheca.

BOUCHER-DESNOYERS (AUGUSTO, BARÃO)

Augusto Boucher-Desnoyers, desenhador e gravador a buril, nasceu em Paris em 1779 e falleceu na mesma cidade a 15 de Fevereiro de 1857.

Aprendeu o desenho com Guilherme G. Lethière e a gravura com Pedro Alexandre Tardieu.

A *Bacchante*, segundo Grévedon, gravada a pontelhé (*) em 1796, foi a primeira estampa que attraheu a attenção do publico para o nosso artista, que produziu depois grande numero de assumptos do mesmo genero muito bem acolhidos pelos entendidos. A sua *Venus desarmando o Amor*, segundo Roberto Lefèbre, obteve no *Salão* de 1799 um premio de dois mil francos.

B.-Desnoyers teria cortado a sua carreira artistica, nos ultimos tempos do Consulado, por ter sido chamado como conscripto a assentar praça no exercito, si o Conselho de revisão o não tivesse julgado incapaz do serviço. Desde então trabalhou incessantemente; os seus grandes e rapidos progressos grangearam-lhe immensa nomeada e o collocaram na primeira plana dos gravadores modernos. Reproduziu pela gravura quasi todas as obras primas do Louvre, que lhe foram muito bem pagas.

B.-Desnoyers alcançou as boas graças de Napoleão I e teve a habilidade de conservar na Côte de Luiz XVIII o mesmo favor de que tinha gozado na do Imperador.

Foi em 1816 recebido membro do Instituto de França,

(*) Vide as palavras: *Gravura e Pontelhé*, em Assis Pinheiro.

em 1825 nomeado gravador do Rei e em 1828 agraciado com o título de Barão.

Era membro das Academias de pintura de Vienna d'Austria e de Genebra.

Tendo-lhe a idade enfraquecido a vista e agravado a mão, B.-Desnoyers não trabalhou mais de 1848 em diante.

As suas chapas buriladas não têm a mesma liberdade e desembaraço que as abertas a pontelhé. Este processo estava mais em relação com o seu talento, tímido, paciente, sem afouteza e sem energia.

As suas melhores estampas são : a serie de *Virgens*, segundo Raphael e Leonardo de Vinci; a *Transfiguração*, segundo Raphael; os retratos de *Napoleão I* e de *Talleyrand*, segundo Gérard; *Ptolomeu Philadelpho*, segundo Ingres, pela qual B.-Desnoyers obteve a grande medalha de ouro e um premio de 500 francos.

O nome d'este artista varia segundo os autores: Luiz Agostinho Boucher-Desnoyers (L.B.), Augusto Gaspar Luiz Boucher-Desnoyers (Nagler, *Lexicon*; e Bryan); entretanto nas estampas da Bibliotheca Nacional elle proprio se assigna: *Augusto Boucher-Desnoyers*.

N.º 290. — A Transfiguração, segundo Raphael.

No alto: Jesus Christo suspenso no ar, cercado de uma grande aureola, com os braços abertos, tendo á sua direita Santo Elias e á esquerda Moysés; no cume do Thabor, pouco abaixo dos pés do Salvador, S. Pedro, S. João e S. Thiago maior, deslumbrados pelo clarão da aureola; e á esquerda da estampa, um pouco para o fundo, dois diaconos, talvez Santo Estevão e S. Lourenço. Em baixo: á direita, em um grupo de dez pessoas, uma mulher moça, ajoelhada, vista de costas, com o rosto de perfil para a esquerda e os cabellos em bastas tranças enroladas na cabeça, aponta para um moço possesso do demonio, apresentado pelo pae aos nove Apostolos para que elles o curassem; estes, que se vêem á esquerda da estampa, no sopé do monte, á espera de Jesus Christo, reconhecendo-se incompetentes para tanto, indicam seu divino Mestre como o unico capaz de curar o doente.

Na margem inferior occorre: 1.º, « Peint à Rome par Raphael en 1520 (année de sa mort) », á esquerda; « 1839. », no meio; « Gravé par le B.^{on} Boucher Desnoyeres d'après la copie à l'huile qu'il a faite à Rome en 1834 »; 2.º « LA TRANSFIGURATION. »

Altura, 727 millímetros; largura, 497 millímetros.

N.º 15, 3.º estado, de L.B. (II, 118).

Bella; uma das obras primas do artista.

O exemplar exposto (n.º 10 da edição) foi comprado em 1874, em Paris, por 120 francos, pelo ex-Bibliothecario o Sñr. Dr. B. F. Ramiz Galvão; nelle se lê a seguinte dedicatória autographa do gravador, a lapis: « *A... (apagado) affectioné confrère et Ami, B. Desnoyeres* ».

POTRELLE (JOÃO LUIZ)

João Luiz Potrelle, pintor e gravador a buril, nasceu em Paris em 1788. Foi discipulo de Luiz David, de cujo ensino tirou mais proveito no desenho do que na pintura, o que foi talvez devido a não ter elle grande queda para esta; em todo o caso é certo que mais tarde trocou definitivamente a palheta e os pinceis pelo buril, tendo por mestres na gravura Pedro Alexandre Tardieu e o barão Boucher-Desnoyers.

Em 1806 alcançou o grande premio por um desenho segundo o antigo e por uma figura desenhada e gravada do natural.

Abriu algumas estampas segundo mestres italianos e retratos de personagens distinctos.

As gravuras de J. L. Potrelle têm certo merecimento, não porém tamanho, que o eleve acima do nível de abridor de segunda ordem, na qual é geralmente collocado pelos entendidos.

N.º 291. — Retrato de Jacob Luiz David, segundo Francisco José Navez.

Em busto, a tres quartos para a direita, olhando para a frente, com uma condecoração á botoeira da casaca.

Na margem inferior occorrem os seguintes dizeres: 1.º, « *F. I. Navez Pinx.º* », á esquerda; « *J. L. Potrelle Sculp.º* », á direita; « *L. DAVID. | D'après le Tableau peint à Bruxelles en 1817.* » no meio; 3.º, « *Déposé à la Direction* », á direita; 4.º, « *A Paris chez Chaillou Editeur, M.º d'Estampes, Rue S.º Honoré, n.º 140.* »

Altura, 215 millímetros; largura, 164 millímetros.

N.º 9 de Nagler, *Lexicon* (XI, 540).

Da Real Bibliotheca.

HENRIQUEL-DUPONT (LUIZ PEDRO)

Luiz Pedro Henriquel-Dupont, gravador a buril, á agua-forte e á agua-tinta, nasceu em Paris em 1797.

De 1812 a 1815 estudou desenho e pintura com Pedro Guérin, depois dedicou-se exclusivamente á gravura, tendo por mestre Bervic, e, quando se julgou bastante industriado nesta arte, abriu officina (1818) e começou a trabalhar por conta propria.

A principio assignava as suas estampas com o nome de *Dupont* somente, mas de 1830 em diante começou a sub-screvel-as com o de *Henriquel-Dupont*.

Henriquel-Dupont gravou segundo varios mestres: Ingres, Ary Scheffer, Luiz Hersent e principalmente Paulo Delaroche.

A peça capital da sua numerosa obra é a gravura representando o *Hemicyclo do Palacio das Bellas-Artes* de Paris, famosa pintura á encaustica, executada na parede semi-circular da sala da distribuição de premios da Escola de Bellas-Artes, pelo celebre pintor Paulo Delaroche (nascido a 17 de Julho de 1797: + 1856).

Esta composição, que o pintor levou tres annos e meio a fazer e pela qual recebeu 80 mil francos, foi reproduzida em gravura por Henriquel-Dupont de modo que não só nada perdeu do seu vigor e belleza, mas até ganhou, como diz o Sñr. Ph. Burthy (*Gazette des beaux arts*, II, 211): « ... ella porém (a photographia) jámais poderá empannar a gloria do Sñr. Henriquel-Dupont, que na sua gravura do Hemicyclo produziu alguma cousa mais completa que o original, visto como restituiu á esta composição a poderosa unidade que o seu colorido pouco epico lhe não dá em alguns lugares. »

De feito, o gravador, pondo em pratica ora os processos antigos, ora maneiras de gravar propriamente suas, revelou-se artista de primeira plana, digno de emparelhar com os seus predecessores, os grandes mestres da escola franceza, os Audrans e os Edelincks, a ponto de ser considerado pelos entendidos como o mais notavel gravador francez dos tempos hodiernos.

Quando o Sñr. Robert Fleury foi encarregado de restaurar a famosa pintura de P. Delaroche estragada por um incendio, a gravura de Henriquel-Dupont serviu lhe de modêlo para esta restauração.

Membro da Academia de Bellas-Artes de Paris desde 1849, Henriquel-Dupont foi nomeado professor de gravura da Escola de Bellas Artes da mesma cidade em 1863.

N.º 292. — O Hemicyclo do Palacio das Bellas Artes de Paris, gravado a buril, segundo a pintura mural de Paulo Delaroche, em 3 chapas e impressa em 3 folhas, que podem ser reunidas formando uma só estampa.

A composição é simples, mas de grande effeito; não é uma allegoria propriamente dita, e sim a representação anachronica, só desculpavel á vista da licença horaciana concedida aos pintores, dos mais afamados artistas, esculptores, architectos e pintores de todas as épocas e nacionalidades, com os seus trajes habituaes e em varias posições, com muita arte e bom gosto dispostos, em uma especie de conselho, onde se vêem apenas cinco figuras allegoricas.

No meio: em um portico, estão assentados sobre uma especie de throno os tres grandes artistas da antiguidade, Ictino (o architecto do Parthenon), Apelles, o pintor, e Phidias, o esculptor, como que presidindo á distribuição de coroas de louro, que o Genio das Artes, sob a fórma de uma bella mulher, a seus pés, se dispõe a distribuir; aquem do throno, duas mulheres personificando as artes grega e romana, e mais proximas do expectador duas outras, caracterizando a arte gothica (retrato da mulher do pintor, filha de Horacio Vernet) e a Renascença; á direita, os architectos e pintores notaveis como desenhadores; e á esquerda, os esculptores e pintores coloristas. Os nomes de todos são os seguintes, da esquerda para a direita:

1.ª FOLHA (a da esquerda)

PINTORES

- 1 CORREGGIO (Antonio Allegri, dito o)
- 2 PAULO VERONESE ou VERONENSE (Paulo Cagliari, dito)
- 3 ANTONELLO DE MESSINA
- 4 MURILLO (Bartholomeu Estevão)
- 5 VAN EYCK (João)
- 6 TICIANO VECELLI
- 7 TERBURG (Gerardo)
- 8 REMBRANDT van Ryn
- 9 VAN DER HELST (Bartholomeu)
- 10 RUBENS (Pedro Paulo)
- 11 VELASQUEZ (Dom Diogo Rodrigues da Silva e)
- 12 VAN DYCK (Antonio)

- 13 CARAVAGGIO (Miguel Angelo Amerighi, dito o)
- 14 BELLINI (João)
- 15 GIORGIONE (Jorge Barbarelli, dito o)
- 16 RUYSDAEL (Thiago)
- 17 POTER (Paulo)
- 18 CLAUDIO LORENO (Claudio Gelleu, dito)
- 19 GUASPRES POUSSIN (Gaspar Dughet, dito)

ESCULPTORES

- 20 FISCHER (Pedro)
- 21 BONTEMPS (Pedro)
- 22 LUCAS DELLA ROBBIA
- 23 BENEDICTO DE MAIANO
- 24 JOÃO PISANO
- 25 BANDINELLI (Baccio)
- 26 DONATELLO
- 27 Ghiberti (Lourenço)
- 28 PALISSY (Bernardo)
- 29 GOUJON (João)
- 30 CELLINI (Benevenuto)
- 31 PILLON (Germano)
- 32 PUGET (Pedro)
- 33 JOÃO DE BOLONHA

2.ª FOLHA (a do meio)

- 34 À ARTE GOTHICA
- 35 A ARTE GREGA
- 36 ICTINO
- 37 APOLLOS
- 38 PHIDIAS
- 39 O GENIO DAS ARTES
- 40 A ARTE ROMANA
- 41 A RENASCENÇA

3.ª FOLHA (a da direita)

ARCHITECTOS

- 42 DELORME (Philiberto)
- 43 PERUZZI (Balthazar)
- 44 ERWIN DE STEINBACH
- 45 SANSONO (Jacob Tatti, dito o)
- 46 ROBERTO DE LUZARCHES
- 47 PALLADIO (André)

- 48 BRUNELLESCHI (Philippe)
- 49 JONES (Inigo)
- 50 ARNOLFO DI LAPO
- 51 LESCOT (Pedro)
- 52 BRAMANTE (Donato Lazzari, dito o)
- 53 MANSART (Francisco)
- 54 VIGNOLA (Jacob Barozzio, dito)

PINTORES

- 55 BEATO ANGELICO (Frei João de Fiesole, dito)
- 56 MARCOS ANTONIO RAIMONDI
- 57 EDELINCK (Gerardo)
- 58 HOLBEIN (João)
- 59 LE SUEUR (Eustachio)
- 60 ORGAGNA (André)
- 61 SEBASTIÃO DEL PIOMBO (Frei Sebastião de Luciani, dito)
- 62 DURERO (Alberto)
- 63 LEONARDO DE VINCI
- 64 DOMINQUINO (Domingos Zampieri, dito o)
- 65 FREI BARTHOLOMEU
- 66 MANTEGNA (André)
- 67 JULIO ROMANO (Julio Pippi, dito)
- 68 RAPHAEL SANZIO, de Urbino
- 69 PERUZINO (Pedro Vannucci, dito o)
- 70 MASACCIO (Thomaz Guidi, dito)
- 71 MIGUEL ANGELO BUONARROTI
- 72 ANDRÉ DEL SARTO (André Vannucci, dito)
- 73 CIMABUE (João)
- 74 GIOTTO
- 75 POUSSIN (Nicolau).

Sem data ; segundo porém Vapereau, *Dictionnaire des contemporains*, o artista empregou dez annos em fazer este trabalho, que foi terminado e exposto em 1853.

Na margem inferior occorre : na 1.^a folha (a da esquerda),

1.^o, « *Peint par Paul Delaroche* » ; 2.^o, « Berlin-Verlag von Goupil & C.^{le} » ;

na folha do meio, 1.^o : « L'HEMICYLE DU PALAIS DES BEAUX-ARTS » ; 2.^o, « Paris — Imprimé & Publié par Goupil & C.^{le} — 19, Boulevard Montmartre — & 12, rue d'Enghien. / London — Published by P. & D. Colmaghi & C.^o, 13 & 14, Pall Mall East. » ;

na 3.^a folha (a da direita), « *Gravé par Henriquel-Dupont.* »

Altura, 406 millímetros; largura da folha do meio, 555 millímetros; largura de cada uma das duas folhas lateraes, 1,^{mo}16.

N.º 8 de Andresen (1, 661); N.º 5 de Le Blanc (11, 332); N.º 259 de Delaborde, *Le Département des estampes*, pag. 430.

Bellissima gravura.

No 3.º estado esta gravura tem sido vendida em Paris por 150 francos.

A nossa estampa, do 3.º estado (com a letra) de Le Blanc, foi comprada em Paris pelo ex-Bibliothecario Sñr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

BOUCHARDY

Bouchardy, gravador á maneira negra, de quem não encontrámos noticia nos diversos iconographos e biographos que consultámos. Floresceu na primeira metade do seculo actual e trabalhou em Paris.

N.º 293. — Retrato de Francisco Alberto Teixeira de Aragão.

Em busto, de perfil para a esquerda, sem condecoração ao peito; dentro de um redondo, por baixo do qual se lê: « *Dessi et gra par Bouchardy, successeur de Chretien in du physionotrace rue neuve des petits Champs n.º 33 (às avessas) a Paris* ». Sem data.

Dimensões da chapa: altura, 96 millímetros; largura, 81 millímetros; diametro do redondo, 62 millímetros.

Gravura á maneira negra.

N.º 20222 do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil*, 1.º estado (sem condecoração).

Estampa rara, não descripta (?). Offerecida á Bibliotheca Nacional pelo Sñr. Eugenio Augusto da Costa Passos.

FLAMENG (LEOPOLDO)

Leopoldo Flameng, desenhador e gravador á agua-forte e a buril, nasceu de paes francezes em Bruxellas a 22 de Novembro de 1831.

Aprendeu os rudimentos da arte na escola publica de gravura da sua cidade natal, sob a direcção de Luiz Calamatta. Tendo ido estabelecer-se em Paris em 1853, os seus primeiros trabalhos foram feitos para o *Artiste*, a *Gazette des beaux-arts* e para os livreiros.

As suas estampas, *O Manancial* e *Angelica*, segundo Ingres, gravadas a buril, são com razão estimadas.

N.º 294. — A lição de anatomia, segundo Rembrandt.

Em uma sala de amphitheatro, abobadada, um homem (o professor Nicolau Tulp) faz sobre um cadaver, deitado em uma mesa, de escorço, a demonstração de um assumpto da anatomia do antebraço. O mestre, á direita da estampa, a tres quartos para a esquerda, de gibão e capa, com chapéu desabado na cabeça, olhando para a frente, como quem se dirige a um auditorio, que se não vê, levanta, com uma pinça na mão direita, o musculo flexor superficial dos dedos, dissecado, para demonstrar o modo por que funciona, e com a esquerda faz um gesto explicativo. Á direita do professor, cinco figuras, e aquem da mesa, á esquerda da estampa, mais duas; todas ellas de cabeça descoberta, em diferentes posições, attentas á lição do mestre. Não são jovens estudantes, mas Doutores em medicina, cujos nomes estão escriptos em um papel que um d'elles tem na mão; todos, menos um, mestres jurados na Corporação dos Cirurgiões de Amsterdão. Á direita, junto dos pés do cadaver, um livro in-folio, aberto. No fundo, lê-se: « *Rembrandt f. 1632.* » Na margem inferior, no meio, occorre: « *Leop. Flameng d'après Rembrandt* », aberto á ponta.

Sem data (1876).

Altura, 280 millimetros; largura, 378 millimetros.

Bella estampa, descripta (?). Comprada sob a administração do ex-Bibliothecario, Sñr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

ROUSSEAUX (EMILIO ALFREDO)

Emilio Alfredo Rousseaux, desenhador e gravador a buril, nasceu em Abbeville em 1831 e falleceu em Paris em 1874.

As notaveis disposições artisticas, que desde muito moço manifestára, induziram a sua cidade natal a conceder-lhe uma pensão para ir estudar em Paris. Tinha dezeseite annos de idade quando partiu para esta cidade. Ahí foi a principio discipulo de Francisco Eduardo Picot, sob cuja direcção se tornou habil desenhador, e depois aprendeu a gravura com Henriquel-Dupont, de quem foi o discipulo predilecto. Seguindo as pegadas d'este illustre mestre, conseguiu ser considerado um dos melhores gravadores do seu tempo.

E. A. Rousseaux obteve no *Salão* de 1863 uma medalha de 2.^a classe e na Exposição Universal de 1867 uma medalha de 3.^a classe.

Das suas melhores estampas a descripta neste Catalogo é uma das mais notaveis.

N.º 295. — Retrato de Madame de Sevigné, segundo Roberto Nanteuil.

Em busto, a tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, com longos anneis de cabello aos lados do rosto, cahindo-lhe sobre os hombros, e um fio de perolas ao pescoço; dentro de um oval, sobre uma peanha. Vê-se em baixo: no meio, sobre a peanha e o oval, o brazão da retratada; á esquerda do oval, « *R. Nanteuil pinx. 1666.* »; e á direita, « *E. Rousseaux sculp. 1874.* » Na margem inferior occorrem: 1.º, « SOCIÉTÉ FRANÇAISE DE GRAVURE. »; 2.º, « Imp. Ch. Chardon aîné. Paris. »; 3.º, entre estes dois dizeres, o n.º de ordem do exemplar, 17, impresso em caracteres moveis, com tinta differente.

Altura, 322 millimetros; largura, 243 millimetros.

Bellissima estampa, comprada no tempo da administração do ex-Bibliothecario, Sñr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

GAILLARD (CLAUDIO FERNANDO)

Claudio Fernando Gaillard, pintor e gravador á agua-forte e a buril, nascido em Paris em 1834, foi discipulo de Leão Cogniet.

Seguiu simultaneamente os cursos de pintura e de gravura na Escola de bellas-artistas da cidade natal; depois foi á Roma; e voltando para Paris, ahi se estabeleceu definitivamente. Em 1856 alcançou, como gravador, o grande premio de Roma; por vezes expoz em Paris pinturas, desenhos e gravuras e obteve medalhas em 1867, 1869 e 1872 por obras de gravura e neste ultimo anno tambem uma medalha por trabalhos de pintura. Pela facilidade do buril e pela arte com que sabe reproduzir os seus modelos Gaillard goza de bem merecida reputação. D'entre as suas mais notaveis estampas citaremos: *A Virgem do doador*, segundo João Bellini; *A Virgem da casa de Orléans*, segundo Raphael; os retratos do *Conde de Chambord*, de Pio IX, e de *Leão XIII*; e *S. Sebastião*, segundo as proprias composições.

Andresen e Larousse chamam ao nosso artista Claudio Fernando Gaillard; mas a *Gazette des beaux-arts* denomina-o, em mais de um lugar, Fernando Claudio Gaillard.

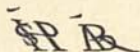
N.º 296. — Retrato do Papa Pio IX.

Em busto, quasi de frente, olhando para a esquerda; dentro de um oval, sobre uma peanha. Na parte inferior do oval, o braço do retratado; na peanha: « PIVS IX / PONTIFEX MAXIMVS »; e na margem inferior: 1.º, « Dessiné d'après nature à Rome en 1873 & Gravé au burin par F. Gaillard. »; 2.º, « *Romæ, anno Pontificatus 28.º ætatisque 82.º* »; 3.º, « PUBLIÉ CHEZ L'AUTEUR, RUE DE MADAME, 54, PARIS. », á esquerda; 4.º, « Imp. Ch. Chardon aîné, 30, rue Hautefeuille. », á direita. Sem data (1874).

Altura, 396 millimetros; largura, 245 millimetros.

Estampa muito bella, comprada pelo ex-Bibliothecario, o Sñr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

ESCOLA HESPANHOLA

RIBERA (JOSÉ DE), dito o *Hespanholeto*


N.º 31.

José de Ribera, dito o *Hespanholeto*, famoso pintor e gravador á agua-forte, nasceu em Xativa (hoje S. Philippe) no então reino, actual provincia de Valença, a 12 de Janeiro de 1588, segundo J. B. Cean Bermudez, citado por Ch. Blanc (*Histoire des peintres: École espagnole*, Ribera), e falleceu em Napoles em 1656.

Foi discipulo de Francisco Ribalta, em cuja escola muito aproveitou. No intuito de estudar o antigo e os mestres italianos, passou-se, muito moço ainda, para a Italia, onde viveu a maior parte da vida. Em Roma frequentou a principio a Academia de pintura, trabalhando com extrema assiduidade e grande aproveitamento, apesar da infima miseria em que vivia. Por ser hespanhol, muito moço, de baixa estatura e franzino, os romanos o appellidaram então *Spagnoletto*, cognome pelo qual é mais conhecido na historia da arte. Em 1606 entrou para a escola de Miguel Angelo Amerighi, dito o *Caravaggio*; mas, infelizmente para o nosso artista, pouco tempo depois (1609) morreu aquelle celebre mestre. A boa nomeada, de que então gozava o *Correggio* (Antonio Allegri), induziu J. de Ribera a ir á Parma, para estudar as obras d'este mestre, em cuja maneira suave e graciosa trabalhou um pouco, mas afinal tornou ao estylo brutal e feroz do *Caravaggio*, que condizia mais com as proprias inclinações; entretanto o estudo do *Correggio* contribuiu muito para temperar os arroubos do seu genio.

De Parma tornou J. de Ribera novamente á Roma, onde continuou por muitos annos a viver na obscuridade e a lutar contra a sorte adversa. Considerando que em Roma encontraria muitos competidores e consequentemente pouco trabalho, resolveu passar-se para Napoles. Desde então começou a fortuna a sorrir-lhe. Em Napoles travou relações com um rico mercador de quadros, o qual lhe deu em casamento sua filha unica, Leonor Cortese. Trabalhou assiduamente com tanta facilidade e mestria, que não só floresceu em fama, sinão tambem nadou em riquezas e grandezas: Dom Pedro Giron,

Duque de Ossuna, Vice-Rei de Napoles por parte da Hespanha, nomeou-o pintor da Côte, com 60 dobrões de pensão mensal e aposentado no seu palacio; e o Papa agraciou-o com o habito de Christo (1644).

Como pintor José de Ribera foi de espantosa fertilidade; todos á porfia, particulares, grandes senhores, conventos, fabriquiteiros e cabidos das igrejas e Principes faziam-lhe encomendas, das quaes se desempenhava prompta e cabalmente. Entretanto, apesar da elevada posição, a que chegou, e da consciencia do proprio merecimento, a mais negra inveja, levada ás vezes até á perversidade, marearam o lustre de tão eminente artista. Mancommunado com dois discipulos, que lhe eram muito somenos e cuja concurrencia não podia portanto receiar, Belisario Caracciolo e Correnzio, fez com que Annibal Carracci, Guido Reni e o *Josefino* (José Cesari), encarregados de pintar a Cartucha de S. Martinho e a cathedral de Napoles, abandonassem os trabalhos começados e fugissem; Francisco Gessi, que collaborava com seu mestre, Guido, permaneceu ainda por algum tempo em Napoles, mas viu-se tambem na necessidade de retirar-se, receiando ter sorte semelhante á de dois discipulos seus que morreram afogados em um passeio, que fizeram pelo mar, de companhia com Caracciolo e Correnzio; diz-se tambem que envenenára o *Dominiquino* (Domingos Zampieri), encarregado de pintar juntamente com elle a cathedral de S. Januario, depois de ter-lhe amargurado a existencia com grandes desgostos durante cêrca de tres annos (1638 - 1641).

J. de Ribera comprazia-se em pintar de preferencia assumptos asperos e horrorosos: scenas de tortura e de supplicio, martyrios, agonias, deformidades e fealdades; entretanto por mais que essa ferocidade desgoste, não se pôde deixar de admirar nas suas pinturas a correcção do desenho, o bem ordenado da composição, o vigor do colorido e a magia do claro escuro. Em todas as galerias da Europa ha quadros de J. de Ribera; o Museu de Napoles possui as suas melhores obras.

José de Ribera foi membro da Academia de S. Lucas de Roma (1630).

A feroz maneira do *Hespanholetto* não morreu com elle, antes sobreviveu nos seus discipulos: João Do; Arrigo, o *Flamengo*; Bartholomeu Passante; Angelo Falcone; André Vaccaro; os Fracanzanis (Cesar e Francisco) e o célebre Lucas Jordão.

Na historia da arte é J. de Ribera igualmente famoso como gravador, ainda que a sua obra gravada conste apenas de dezoito estampas.

« As estampas do *Hespanholetto*, diz Bartsch (xx, 78), contam-se geralmente no numero das mais notaveis producções da gravura á agua-forte. O seu *Martyrio de S. Bartholomeu* é um verdadeiro primor da arte; é impossivel elevar a mais alto grau de verdade a expressão da cabeça do santo e da do carrasco que o escorcha. Em todas as obras do nosso artista admira-se a pureza e a exactidão do desenho, principalmente das extremidades; a delicadeza da ponta e a engenhosa maneira com que os traços acompanham as fórmas dos musculos e das roupagens. Aliás as suas aguas-fortes manifestam ponta facil e cheia de bom gosto, trabalho variado, adaptado com intelligencia aos differentes objectos e tão pouco burilado, que se chega a duvidar si ha nellas talhos de buril, que entretanto existem apenas quantos bastam para dar-lhes harmonia, effeito e vigor. »

N.º 297. — S. Jeronymo.

Assentado no meio da estampa, escrevendo, o santo é surprehendido pelo som de uma trombeta, que o chama ao juizo final, e tomado de pavor volta o rosto para o alto, á direita, onde se vê um anjo entre nuvens tocando uma trombeta. Em baixo, á esquerda, a cabeça de um leão, e á direita, os dois monogrammas de que usava o artista (vide o n.º 31 da Taboa dos monogrammas). Sem data.

Altura, 312 millimetros; largura, 231 millimetros.

N.º 4 de B. (xx, 80), o qual diz d'esta estampa: « Belle piéce et rare. »

Da Real Bibliotheca.

PALOMINO (JOÃO BERNABÉ DE)

João Bernabé de Palomino, pintor e gravador a buril, trabalhou em Madrid na primeira metade do XVIII seculo. Foi artista muito perito; d'elle são as gravuras que occorrem na edição hespanhola, completa, da obra de seu tio D. Antonio Palomino de Castro y Velasco: « *El Musco pictorico y Escala optica...* Madrid, 1715-1724 », em 3 tomos.

N.º 298. — Retrato de Bartholomeu Murillo.

A meio corpo, de tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, com os cabellos cahidos; dentro de um oval, tendo por baixo um cartucho, em que se lê: « *In laudem D. Bartholomæi Murillo celebrari Pictoris Hispani.* » e o distico:

« *Huic Similes dedit una Viros Hispania multos:
Arte sua huic nullum protulit illa parem.* »

Na margem inferior, á direita, occorre: « *I.º à Palom.º del et sculp. M.º* » Sem data.

Altura, 208 millimetros; largura, 141 millimetros.

Da Real Bibliotheca.

SELMA (FERNANDO)

Fernando Selma, gravador a buril, nasceu em Madrid em 1748 (Andresen e Nagler, *Lexicon*), ou em Valença, 1750 (Bryan), e falleceu naquella cidade em 1810.

Diz-se que fôra discipulo de Manuel Salvador Carmona; foi porém em Paris que se aperfeiçoou na gravura. Depois de ter estado por algum tempo nesta cidade voltou para Madrid, onde trabalhou até morrer.

F. Selma é um dos mais peritos gravadores hespanhoes; a sua primeira maneira assemelha-se á de seu mestre M. S. Carmona, mas nos ultimos tempos seguiu o estylo e maneira de Gerardo Edelinck. Abriu retratos e assumptos historicos; em geral as suas estampas fazem parte de series e collecções, das quaes a mais notavel é a publicada sob o titulo: « *Collección de las estampas grabadas a buril de los cuadros pertenecientes al Rey de España* », que foi feita em collaboração com outros gravadores.

F. Selma foi professor da Academia de S. Fernando de Madrid; cultivou tambem, além das artes, a mathematica e a poesia.

N.º 299. — Herodias, segundo Guido Reni.

De frente, a meio corpo, segurando com as duas mãos uma bacia contendo a cabeça de S. João Baptista. Na margem inferior occorre: 1.º, « *Guido Reni lo inventó, y pintó.* », á esquerda; « *Fernando Selma lo gravó en Madrid año de 1774.* »,

á direita ; 2.º, « HERODIAS. », no meio ; 3.º, « *Se hallará en la Calcografía de la Imprenta Real.* », por baixo do precedente dizer.

Altura, 299 millímetros ; largura, 215 millímetros.

N.º 7 de Andresen (II, 497) ; N.º 9 de Nagler, *Lexicon* (XVI, 231).

Bella estampa, que pertenceu á Real Bibliotheca.

ESCOLA PORTUGUEZA

VIEIRA LUSITANO (FRANCISCO VIEIRA
DE MATTOS, dito)

F. L. E. F. P. L. Vieira Lusitano
* invento e fez de

N.º 28.

« Eis aqui um Pintor Portuguez, que póde competir com muitos dos mais egregios das Nações Estrangeiras. Nasceu em Lisboa em 4 de Outubro de 1699, e apenas tinha passado os annos da puericia quando deo signaes de que viria a ser tão extremoso amante, como insigne Pintor. Parece, que a Natureza infundio nelle ao mesmo tempo estas duas raridades para o fazer duas vezes famoso. Como, e quando começou amar a sua D. Ignez ; como se recebeo com ella a furto dos seus parentes ; como estes cheios de furor a clausurárão logo no Convento de Santa Anna, aonde a obrigárão a professar, inda que ella protestasse, que era casada, e como passados annos pôde sahir para viver com elle ; são cousas que não só por mui sabidas, mas por exactamente contadas no Livro do Pintor Insigne nos podemos dispensar de repetir. Diremos comtudo alguma cousa a respeito dos seus progressos na Arte.

« O Marquez de Abrantes tendo visto o muito, que o seu genio estava promettendo, com beneplacito de seus paes o conduzio a Roma aonde foi como Embaxador Extraordinario de D. João o 5.º ao Papa Clemente XI. Allí foi discipulo de Lutti, e depois de Trevisani. Esteve 7 annos, e no fim delles ganhou hum 1.º premio da Academia na 1.ª classe. Quando veio mandou-lhe El-Rei fazer hum grande painel do Santissimo Sacramento para servir na Procissão do Corpo de Deos, e

outros para a Patriarchal, os quaes não acabou; e sem se despedir partio segunda vez para Roma a procurar o recurso, que lhe não valeo, para tirar a mulher do Convento. No seu primeiro estylo, menos acabado, e mais pintoresco, são feitos os dous paineis que estão em S. Roque de Santo Antonio pré-gando aos peixes, e prostado diante de Nossa Senhora. Pedro Alexandrino (*de Carvalho*) louvava muito a distribuição das luzes deste quadro. O corpo nú de Lucifer he huma bellissima Academia pintada com grande franqueza, e intelligencia de Anatomia.

« Antes de fazer a segunda viagem tinha elle em 22 de Outubro de 1719 entrado na Irmandade de S. Lucas, e vê-se no Livro dos assentos, que o seu nome era Francisco Vieira de Mattos. No anno seguinte servio na Meza. Esteve mais 6 annos em Roma, e foi feito Academico de merito na Academia de S. Lucas. Voltou, e conseguiu a suspirada posse da Esposa que sahio da Clausura vestida de homem; mas foi gravemente ferido com hum tiro de pistola pelo Irmão della. O agressor sahio do Reino soffreo os males da pobreza, e veio por fim a mendigar o pão daquelle a quem havia tão atrozmente maltratado. Vieira receoso de algum novo insulto retirou-se por algum tempo para o Convento dos Paulistas, aonde em 1730 e 31, pintou os famosos Eremitas para o Cruzeiro da sua Igreja. Para viver tranquilo resolveo a terceira viagem de Roma, e chegou até Sevilha em 1733. Dali, sendo chamado, tornou a esta Côte como Pintor do Rei com ordenado de 60\$ réis cada mez, e as obras pagas. Muitos dos seus paineis queimárão-se pelo terremoto; mas ainda restão o Santo Agostinho da Portaria da Graça, painel famoso, pintado em 1736; os bellissimo quadros de Povolide que representão Santo Antonio, S. Pedro, S. Paulo, a Familia Sagrada, e Santa Barbara, e forão executados desde 1736 até 1740. A celebre Sacra Familia do Conde de Assumar. O grande painel de S. Francisco despojado dos habitos seculares, que está no Menino Deos; o quadro tambem respeitavel da Capella Mór da Cartuxa.

« Em S. Francisco de Paula tem o quadro do mesmo Santo na Capella Mór; e nas Capellas menores o da Senhora da Conceição, o da Sagrada Familia, e o de Santo Antonio, que forão feitos por 1765. Em Mafra, na Capella dos sette altares está outra Familia Sagrada em grande painel, regeitado pelas intrigas dos seus emulos. Na Casa de Cadaval havia huma réplica desta pintura. Na Ermida de S. Joaquim ao Calvario ha varias pinturas suas, brilhando muito a da Sagrada Familia que está sobre o Altar. O Conde de Lipe por 1762 visitou Vieira, e obteve delle hum Santo Antonio que levou para Alemanha.

Guilherme Hudson tambem conduzio a Inglaterra o celeberrimo original da Adoração dos Reis. Tambem he sua a Conceição que está na Junta do Commercio. Braz Toscano de Mello, escultor empregado em Mafra, possuia outro Santo Antonio de Vieira; e Pedro Alexandrino falla em hum painel do mesmo Santo, e do mesmo Author que se acha na Collecção de Borba. Entre os quadros deste Author, que devorou o incendio de 1755, era assás famoso o do tecto dos Martires, pintado em 1750, de que nos restão os desenhos: representava a tomada de Lisboa aos Mouros por D. Affonso 1.º, e Guilherme de Longa espada, protegidos por Nossa Senhora dos Martires. Custou 1:000\$ rs. Pelos gabinetes dos Curiosos ha varios esbocetos seus. Fez um número prodigioso de optimos desenhos, dos quaes a maior parte delles possui a Inglaterra, aonde os Amadores da Arte os pagavão muito bem, e muitos forão alli estampados: tambem abriu elle mesmo alguns a agua forte, contando-se entre os melhores o de Neptuno e Coronis, e o das Parcas cortando o fio vital de seu Irmão (*adiante descriptos*). Foi igualmente sábio em Architectura como se vê em muitas das suas obras, e no desenho que fez para huma fonte de Neptuno entre duas Casas de prazer para hum jardim de Alexandre de Gusmão. Vimos em Roma paineis seus, e estampas copiadas pelas suas invenções.

« Vieira professou na Ordem Militar de S. Tiago em 1744. Em 75 enviuvou, e deo então fim á sua carreira pinturesca. Deixando Mafra, onde D. Ignez espirou, veio viver para o sitio do Beato Antonio, cheio de mágoa, e saudades; desejando muito sahir desta vida para ir fazer companhia á sua idolatrada esposa. Publicou em 1780 o seu livro do Pintor Insigne e leal Amante (*), assistio a hum acto da Academia do nú a S. José, e tres annos depois acabou os seus dias (*a 13 de Agosto de 1783*), tendo vivido exemplarmente soccorrendo os pobres, e frequentando com muita devoção os Santuarios. » (*Cyrillo*, pp. 99-103).

Vieira Lusitano teve alguns discipulos e bastantes imitadores: entre aquelles contam-se sua irmã Catharina Vieira e o Morgado de Setubal; entre estes Joaquim Manuel da Rocha, Antonio Joaquim Padrão, Pedro Mattheus e outros. Alguns pintores ajudaram por vezes o nosso artista na execução dos seus quadros: D. André Rubira, que com elle viera de Sevilha, foi um dos seus collaboradores.

Da obra gravada de Vieira Lusitano descreve Nagler (*Lexicon*, xx, pp. 234-235) sete estampas; d'ellas possui a

(*) O titulo exacto da obra não é esse. Vide na Bibliographia: *Vieira Lusitano*.

Bibliotheca Nacional as de n.º 4, 5 (descriptas neste Catalogo sob n.ºs 300 e 301) e 6, frontispicio allegorico da obra de Diogo Barbosa Machado *Memorias para a Historia de Portugal*. D'esta ultima existem duas cópias tambem na mesma obra: uma gravada por Francisco Harrewyn, em Lisboa, sem data; outra por Pedro de Rochefort, em Lisboa, 1739. Além d'estas possui a Bibliotheca Nacional mais as seguintes estampas do artista:

1). Santo Antonio de Lisboa. Á esquerda o Santo, de perfil para a direita, ajoelhado, com os braços extendidos para receber o menino Jesus das mãos da Virgem Santissima, que se vê em uma gloria, em cima, á direita. Em baixo: no meio, uma vieira (marca parlante do artista), tendo em volta um rosario, cuja cruz está collocada no meio d'ella; á esquerda, « *Fran.º Vieira Luz.º Pintor Academico | inventou deliniou e abriu e... Lx.º Occ = 1729* ». Altura, 255 millimetros; largura, 127 millimetros.

2-3). Duas estampas, sem data, com 89 millimetros de altura e 110 a 113 millimetros de largura, provavelmente fazendo parte de uma serie, cópias das gravadas por Antonio Tempesta para as suas *Metamorphoses de Ovidio* (n.ºs 638-787 de Nagler, *Lexicon*), a saber: a) « *Hyppolitum Dianæ impulsu ad vitam revocat Æsculapius et Virbius vocatur* »; b) « *Hecuba a Græcis (Troia exusta) rapitur*. »

4). Frontispicio allegorico, no 2.º estado, da obra de D. Antonio Caetano de Sousa *Historia genealogica da Casa Real Portugueza*. No meio, sobre um alto pedestal com as armas portuguezas, o Genio de Portugal sob a fórma de uma mulher sentada em um leão, de frente, de sceptro e coroa, tendo na mão esquerda uma cornucopia; aquem do pedestal, Minerva em pé, tomando um livro da mão de um personagem trajado á antiga, coroadado de louro, visto de costas, ajoelhado e acompanhado de uma mulher moça de coroa radiada á cabeça, com uma romã na mão esquerda e uma coroa de hera no braço correspondente (ambos á direita); á esquerda: uma moça escrevendo com um estylete em uma taboa e uma mulher mais idosa sustentando um grande vaso com a arvore genealogica da casa de Bragança, reinante em Portugal. Em um poial, em baixo, á esquerda: « *F. V. LUSIT — | — ANUS. | INVENTIT | ET F.* »; e na margem inferior, á direita: « *ACabado ao buril por P. de Rochefort. 1735.* » Altura, 254 millimetros; largura, 178 millimetros.

No 1.º estado que conhecemos, mas que não existe na Bibliotheca Nacional, faltam os dizeres: « *F. V. LUSIT... ET F.* » e « *ACabado... 1735.* »

5). Attribuimos tambem a Vieira Lusitano a seguinte estampa, pela maneira por que é gravada, caracter da letra dos dizeres, &: — Allegoria satyrica no genero extravagante de Callot, com tres figuras: á esquerda, a Pintura incensando um sujeito em fórma de hermes que está no meio; á direita, uma figura, vista pelas costas, meio despida, agachada, expellindo de si uma immensa columna de outro *incenso* de propria producção. No alto da estampa, em uma taboleta: « D. CASTRO / GAL... P. A. / TESTIC. MAX. »; nas margens lateraes e inferior muitos dizeres em latim e italiano; os d'esta começam assim: « *amici, e, Professori delle arti liberali... &* ». Sem data, sem nome, monogramma ou marca do gravador. Altura, 175 millimetros; largura, 148 millimetros.

Vide: Taborda, pp. 230 e seguintes; Cyrillo, pp. 99 e seguintes; Raczyński: *Dictionnaire*, pp. 296 e seguintes e *Lettres*, pp. 241, 265, 270, 279, 290, 294, 295, 357, 383, 384, 445 e 447; Nagler, *Lexicon*, xx, pp. 234-235.

N.º 300. — Neptuno e Coronis.

Em uma paizagem á beira mar, Neptuno, de perfil, correndo para a esquerda, com os braços extendidos, tenta segurar Coronis, que lhe foge voando; entre elles interpõe-se Pallas, suspensa nos ares, afastando com a mão direita a moça do seu perseguidor. Em cima, á direita, Cupido com o indicador da mão direita na bocca e o arco e setta na esquerda. Em baixo occorre: á direita, « *Fran. Vieira inu. pin. 1724* »; e á esquerda, escriptos em uma taboleta os seguintes versos:

« *Se Palas divide ancioza
Coronis do Rei do Mar
he por ella assim rogar
fogindo-lhe rigorosa;
Que fora couza orrorosa
e tirania sem par
quando a quizesse apartar
se lhe foce amante espoza* »,

e o dizer, « *Fran. V.^{ra} Luzit. inv. pinxit | et sculpsit Romæ. | 1724.* »

Altura, 285 millimetros; largura, 215 millimetros.

N.º 2 de Andresen (II, 661); N.º 4, 2.º estado, de Nagler, *Lexicon* (xx, 234).

Bella estampa, que procedeu da Real Bibliotheca.

N.º 301. — A morte de João Vieira de Mattos ;
allegoria.

Dez figuras, as tres Parcas, o Tempo, a Morte e a Verdade, dentro de um redondo, inscripto em um parallelogrammo. No meio da estampa, vê-se, deitado em um colchão sobre um estrado, um mancebo, a quem Atropos, acompanhada de suas irmãs, corta o fio da vida ; á esquerda: no alto, o Tempo, abraçado pela Morte, tem suspensa sobre a cabeça do mancebo a ampulheta, indicando que elle chegou ao termo da existencia, e em baixo, uma criança sentada, chorando ; á direita, quatro figuras tristes ou chorosas, e a Verdade mostrando um espelho a uma d'ellas ; no alto, entre nuvens, dois grupos de duas moças, um á esquerda, perto do arco iris, outro á direita, á entrada de um templo circular. No corpo da estampa encontram-se os seguintes dizeres : « REQUIESCAT = », por baixo do arco iris ; « IN PACE ÆTERN », no friso do templo ; « LVSTR III », na estriga enrolada na roca de Clothos ; e « IOANNES = / NOMEN EIUS », em uma téla meio esboçada, á esquerda do menino que chora.

Na margem inferior lê-se: « *Meu diletissimo Irmam em | sinal daquelle fraterno Amor q̃. | sempre me merecete, esta demôstra= | çam de minha perpetua Saudade, em teu | Louvor Consacro aos meus Amigos PINTORES. | Sei q̃. nam menos relevarão elles o exeço da mi= | nha pena do q̃. tu agradeceras o meu puro dezejo q̃. | he so de q̃. se lembrem da tua Gentil Alma nas suas = | oraçõis ~ | Seu parcialissimo Am.º* », á esquerda ; « *Carissimi amici PITTORI... salutarvi di vero Core ~ Vostro partial.º affetionato* » », á direita ; e no meio, a subscripção do artista como vem representada na Taboa dos monogrammas (n.º 28). Sem data.

Dimensões do parallelogrammo : altura, 372 millimetros ; largura, 369 millimetros ; diametro do circulo (um tanto irregular), 35º a 36º millimetros.

N.º 5 de Nagler, *Lexicon* (xx, 234).

Bella e rarissima estampa, que foi da Real Bibliotheca.

PADRÃO (ANTONIO JOAQUIM)

Padrão sculps

N.º 8.

Antonio Joaquim Padrão, pintor e gravador á agua-forte.

« Pintou o S. José, que está no Mosteiro dos Bentos, á Estrella; Nossa Senhora do Carmo para a Capella do Arcebispo d'Adrianopoli; o painel chamado da competencia porque o fez n'huma especie de concurso com o Rocha (*Joaquim Manuel da*): he a Annunciação de Nossa Senhora feita pela estampa do Baroccio, e bem se vê que poz alli todo o seu saber, conseguindo talvez igualar o seu modêlo, no colorido, graça, suavidade, e expressão. Este quadro está na Galeria de Borba. Tambem soube pintar com magisterio paizes, e retratos, e faz-lhe muita honra o de D. Fr. Manoel do Cenaculo Arcebispo de Evora, que está em Jesus. Na Sacristia da Ermida da Piedade, á Boa-Morte, está outra pintura sua feita para a bandeira do Terço, e foi huma das ultimas cousas que fez; assim como o Menino Jesus representado na idade adolescente para o P. Antonio Luiz, bem conhecido pelo zelo, e caridade com que educava os orfãos; o qual passou para a collecção do Marquez d'Angeja. Fez os esbocetos, que forão para França para por elles se executar o grande retrato do Marquez de Pombal expulsando os Jesuitas. Abrio muito bem a agua forte. Morreu moço, e tísico pelos annos 1760.

« O Lobo (*Francisco Xavier*) o elogia muito e diz, que era melancolico, e estudioso; que não poupava deligencia alguma para se aperfeiçoar, e que sabia abrir os Livros com gosto raro. Foi mestre de João Silverio Carpineti, e de José Caetano Syriaco. » (*Cyrillo*, 114-115).

N.º 302. — *Regina Angelorum*, segundo Vieira Lusitano.

Dois anjos, de perfil, ajoelhados, um á esquerda, outro á direita, levantam sobre um escudo a Virgem Santissima cercada de uma aureola, com a mão esquerda no peito e os olhos erguidos para o ceo, tendo na cabeça uma coroa real e na mão direita um sceptro.

Na margem inferior lê-se: « *Eg. Vieira Lus. inv.* », á esquerda; « *A. I. Padrão sculps.* » (como no monogramma n.º 8), á direita. Sem data.

Altura, 177 millímetros; largura, 125 millímetros.
Estampa rara, não descripta.

Da Real Bibliotheca.

N.º 303. — S. José, segundo Vieira Lusitano.

Em pé, sobre um hemispherio, a tres quartos para a esquerda, com o rosto de frente, tendo na mão direita a sua vara, adornada de angelicas, sustenta nos braços o Menino Jesus, que com um sceptro aponta para um escudo, seguro por um anjo á esquerda da estampa, no qual se vê uma vara de angelica com o seguinte dizer em volta: « DIVI JOSEPHI PATROCINIUM. »

Na margem inferior occorre: 1.º, « *Equês F. Vieira invenit* », á esquerda; e « *Antonius Ioachim Padrão Sculp.* », á direita; 2.º, « SALUS NOSTRA IN MANU TUA EST: RESPICIAT NOS TAN = / TUM DOMINUS NOSTER, ET LÆTI SERVIEMUS REGI. *Gen. 47.* » Sem data.

Altura, 235 millimetros; largura, 148 millimetros.
Bella e rara estampa, não descripta.

Da Real Bibliotheca.

ROCHA (JOAQUIM MANUEL DA)

Joaquim Manuel da Rocha, pintor e gravador á agua forte, nascido em Lisboa a 18 de Janeiro de 1730, foi discipulo de André Gonçalves II e de Domingos Nunes, pintor, que a mandado d'El-Rei D. João V tinha ido estudar á Roma, e que pouco produziu por ter perdido a vista.

« O Rocha teve no principio colorido agradável, depois usou muito de preto de marfim a que chamava preto santo, e da terra rossa, que dá na côr de tijolo. Copiou quantos desenhos pôde de Vieira; e copiava-os tambem que se equivocavam muito com os originaes. Pelos annos 1760 pintou o panno da embocadura para o Theatro do Bairro alto, aonde representou Apollo com as Musas, e hum bellissimo Tejo. Custou-lhe muito a manejar as tintas, e não quiz pintar mais nada a tempera. Como não fazia pannos para ornar casas, e não queria ir pintar em tectos, nem em lugar algum fóra da sua casa, achava-se ás vezes sem encommendas, e nesses intervalos pintava fôgos, buzios, conxas, e outros objectos da natureza morta, tudo com a maior verdade, optima composição, e toque magistral. Tambem gravou mui pintoirescamente a agua forte. O seu costume era pintar de manhã, e passear de tarde, até que sendo admittido como Lente na Aula Regia do Desenho, que então se estabeleceu, dahi por diante em-

pregou as tardes nas lições da sua escola. Fez bastantes quadros para Igrejas, e são « o da Sagrada Família para o Carmo; os da Ultima Cêa na Conceição dos Freires, e no Loreto, os da Senhora da Conceição em Santa Isabel, na Sacristia dos Paulistas, e nas Sete Casas. O da Ermida do Morgado da Alagoa, o S. Paulo Eremita na Portaria dos Paulistas. Anunciação do Baroccio, e hum Apostolado na Ermida de Feliciano Velho. Para os Oratorios dos Jooens hum Jordão, e a Senhora do Rosario. Estes commerciantes inspecionárão as obras da Igreja de S. Paulo, para onde fez o Rocha o famoso painel de S. Pedro e S. Paulo. Os 4 Arcanjos para a Capella do Senhor da Paciencia na Convalescença. Hum S. Jorge para Paulo Jorge, hum que está na Capella Mór, e dous na Sacristia de S. Pedro d'Alcantara. Sete paineis tambem de Igreja para a Ilha Terceira. O de S. João Evangelista na Capella Mór do Beato Antonio, e dous em huma das outras Capellas; e outros mais.

« Tambem fez retratos: o seu, o de sua Mãe, o de Francisco Vieira Lusitano, como a cabeça de um Monge, e a Senhora de Trevisani, todos pintados por elle, estão na Collecção de Borba. No ante-côro de Jesus está o de Mayne, e outros 5 seus successores, e Bispos. Em 1780 concorreu para a Academia do nú a S. José; e depois tambem ajudou a dirigir a da rua dos Camillos. Entrou na Irmandade de S. Lucas em 22 de Outubro de 1752, e morreu em 28 de Setembro de 1786. Pedro Alexandrino (*de Carvalho*) diz que desenhava bem, mas que em os seus nús usava muito das linhas rectas, ou quasi rectas; cousa que conduz ao estylo magro. O Lobo (*Francisco Xavier*) o louva muito, e diz mais, que era sisudo na côr, e forte no claro-escuro. » (*Cyrillo*, 116-118).

Jaz sepultado na igreja parochial do SS. Sacramento de Lisboa.

Na sua escola formaram-se os seguintes discipulos: Bernardino da Costa Lemos, natural do Porto de Mós, que, descontente da fortuna, desamparou a arte, trocando a palheta e os pinceis pelo tinteiro e penna de escrivão na sua patria; seus dois filhos: Joaquim Leonardo da Rocha (o mais velho), pintor e gravador á agua-forte, que foi director da aula de desenho da Ilha da Madeira, e João Francisco da Rocha, menos habil que o precedente; e o Conego da Igreja de Evora, José Jacintho.

Vide: Raczynski, *Dictionnaire*, na palavra *Rocha* (*Joaquim-Emmanuel da*); e Taborda, 235-237.

N.º 304. — Nossa Senhora das Dores e Resgate.

Dentro de um retabulo : a Virgem Santissima, sentada ao pé da Cruz, tendo uma espada cravada no peito, exprimindo no semblante dor intensa, sustenta no seu regaço Jesus Christo morto ; em baixo, á esquerda, a coroa de espinhos e os tres cravos. Na margem inferior, lê-se : 1.º, « *N. S.ª das Dores, e Resgate* » ; 2.º, « *Joaq.ª M.ª da Rocha. sculp.* », á esquerda.

Dimensões da folha (que está um tanto mutilada de margens) no seu estado actual : altura, 105 millimetros ; largura, 132 millimetros.

Estampa rara, não descripta, que pertenceu á Real Bibliotheca.

AGUILAR (MANUEL MARQUES DE)

Manuel Marques de Aguilar, gravador a buril.

« Nesta escola (*a aula de desenho sustentada pela Companhia dos vinhos da cidade do Porto*) estudou Manoel Marques de Aguillar até o anno 1793, e depois partio para Londres com huma pensão de 600\$000 réis para estudar a pratica da gravurá com Thomaz Milton, parente do Poeta, o qual abria muito bem paisagens, e figuras. Voltou em 96 ou 97, e foi pensionado com 480\$000 réis para no Jardim Botânico fazer costumes da Asia, e objectos de Historia Natural. Gravou tambem os retratos de Suas Magestades. Nasceu na mesma Cidade do Porto em 1767 ou 1768. » « *Cyrillo*, 297 - 298).

Suppomos que João Balbino de Aguilar, tambem gravador, é seu filho. D'este possui a Bibliotheca Nacional um retrato com os seguintes dizeres : « *Copiado em Lisboa A. d' 1817.* » — « *Aguilar filho gravou de idade de 11 an.ª* » — « D. MARIA ISABEL DE BRAGANÇA, | Rainha de Espanha e das Indias » — « DEDICA, E OFFERECE A SUAS MAG.ªS FIDELISSIMAS. | João Balbino de Aguilar. »

M. M. de Aguilar vivia e trabalhava ainda em 1814, data que occorre em um retrato de *Arthur Wellesley, primeiro Duque da Victoria*, existente na Bibliotheca Nacional, por elle gravado.

N.º 305. — Retrato de Luiz Pinto de Souza Coutinho, Visconde de Balsemão, segundo Domingos Antonio de Siqueira.

Em busto, de tres quartos para a direita, fardado, com diversas condecorações; dentro de um oval, emmoldurado em um parallelogrammo. Por baixo do oval ha uma taboleta em branco. O fundo do oval é constituido por traços obliquos dirigidos de cima para baixo e da esquerda para a direita. Sem lettra; sem data (1801 nos outros estados da estampa).

Altura, 333 millimetros; largura, 228 millimetros.

Ha cinco estados d'esta chapa; a estampa exposta pertence ao 1.º, e vem descripta no *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil* sob n.º 17814. Quanto aos outros estados, vide os n.ºs 17815-17818 do mesmo Catalogo.

Estampa rara, que foi da Real Bibliotheca.

RIVARA (JOÃO CAETANO)

João Caetano Rivara, gravador a buril.

« Sendo filho de estrangeiros nasceu em Lisboa, aonde frequentou a Aula do Castello. Foi para Roma em 1788 pensionado pela Intendencia, e alli por 3 annos foi escolar de Labruzzi. Passou depois para a Escola de Pedro Vitali, Veneziano, frequentando tambem o estudo de Volpato, Gravador famoso. Rivara gravou huma Sacra Familia do Ticiano de palmo e meio, dous ovados de Teniers representando hum pastor, e huma pastora, em meios corpos; o busto de Antenori em ovado pequeno &c. Voltou a Lisboa em 99, e depois foi a Londres estudar com Bartolozzi, tendo de pensão 600\$000 réis. Alli gravou os retratos da Senhora Rainha, e do Principe Regente de Portugal. Seguiu o estilo de Strange, e nesse mesmo estilo desenhou á penna hum Fauno, e huma Bachante, que estiverão no gabinete do Secretario de Estado, Antonio de Araujo e Azevedo. Em 1803 regressou a Lisboa, e foi ser Professor de gravura no Jardim Botânico, aonde tem aberto plantas, e outros objectos de Historia Natural. » (*Cyrillo*, 295-296).

Parece certo que J. C. Rivara estivera e trabalhára no Rio de Janeiro. A esse proposito diz o Sñr. A. do Valle Cabral, nos seus *Annaes da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro de 1808-1882*, pag. XLIX: « ... provavelmente (*J. C. Rivara*) veio para o Brazil com a familia real em 1808, e trabalhou

na Impressão Régia, como se deduz da direcção que deu na gravura da Planta do Rio de Janeiro aberta por F. Souto. »

De feito, na alludida planta, mencionada sob n.^o 295 dos referidos *Annaes* é 2579 do *Catalogo da Exp. de Hist. do Brazil*, se lê: « ... Na Impressão Régia. 1812. Dirigida por I. C. Rivara, e Gravada por P. S. F. Souto. Desenhada no R. A. Militar por J. A. dos Reis. »

Não nos foi possível colher outras informações biographicas mais completas e precisas acêrca d'este artista.

N.^o 306. — Retrato de Dona Maria I, Rainha de Portugal.

Em busto, a tres quartos para a direita, com o habito da Ordem de Christo ao peito, uma triplice facha de Grans-Cruzes a tiracollo, e o manto real sobre o hombro esquerdo; dentro de um oval, inscripto em um parallelogrammo. Por baixo do oval, em uma taboleta, occorre o titulo, com o escudo das armas do Reino de Portugal de permeio :

MARIA I. (*Brazão*) PORT. & ALG.
Regina Fidelissima. »

Sem outros dizeres, e sem data (1800?).

Altura, 234 millimetros; largura, 155 millimetros.

N.^o 17957 do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil*.

Bella e rara estampa, que faz *pendant* ao retrato de D. João, Príncipe Regente de Portugal, gravado pelo mesmo artista (20 de Agosto de 1800) e descripto no mencionado Catalogo sob n.^o 17979.

Existe no Rio de Janeiro, no Paço Imperial da cidade, o retrato a oleo pelo qual foi feita esta estampa.

O exemplar exposto foi offerecido á Bibliotheca Nacional pelo Sñr. Barão Homem de Mello.

SILVA (DOMINGOS JOSÉ DA)

De Domingos José da Silva, gravador a buril, diz Raczyński (*Dictionnaire*, pag. 273) o seguinte:

« Este artista foi o que mais aproveitou das lições de Bartolozzi; imitou-o e ainda o imita (1847) perfeitamente. É

bom desenhador. Não executou muitas gravuras, mas as que fez são boas; taes como: *S. Antonio de Lisboa*; *Jesus Christo crucificado*, chamado *da Bôa Sentença*; *S. Felix de Cantalicio*; *os retratos do Padre* (José) *Agostinho de Macedo, de Bocage*, e alguns para a obra « *Varões e Donas illustres* », entre outros o de *Mademoiselle Sicard*. É actualmente professor de gravura historica na Academia das Artes de Lisboa. Copiou a pennejado, imitando a gravura, o quadro classico da *Disputa*. A illusão produzida por esta obra é perfeita. Gravou tambem o diploma da Academia, que ainda não serviu, e occupa-se em fazer o *retrato do ministro Costa Cabral*, Conde de Thomar. » (*Comunicação do Sñr. Santos, gravador da Academia*).

D. J. da Silva vivia ainda em 1847 na idade de cêrca de sessenta e um annos.

N.º 307. — Retrato de Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, segundo Henrique José da Silva.

A meio corpo, de tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, vestido de habitos prelaticios, com a cruz pastoral ao peito, sentado, escrevendo; no fundo uma livraria. Na margem inferior occorrem os seguintes dizeres: 1.º, « *H. J. da Silva delin. 1816.* », á esquerda; « *D. J. da Silva esculp.* », á direita; 2.º, o titulo e 3 versos hexametros latinos, com o braço do retratado de permeio:

<p>« D. JOZE, BISPO TRO TEMPO DE <i>Hunc, inter magnos Lusorum virtutibus, Illius ut nomen, sic</i></p>	(Brazão)	<p>D'ELVAS, EM OU- PERNAMBUCO. <i>clarum Brasilia jactat, litteris, Orbis honorat: picta colatur imago.</i> »;</p>
---	---	--------	---	--

3.º, por baixo: « *Dedicada e Offerecida | por | João Joaquim d'Andrade Conego Prebendado da Sé d'Elvas.* »

Altura, 124 millimetros; largura, 99 millimetros.

N.º 18893 do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil*.

Estampa rara, que proveiu da Real Bibliotheca.

PRIAZ (JOÃO VICENTE)

João Vicente Priaz, gravador a buril, era de origem piemontez. Foi discípulo de Francisco Bartolozzi em Portugal; trabalhou no principio do seculo actual em Lisboa e, segundo Cyrillo, pag. 291, « regressou para o Piemonte, patria de seu pae. »

N.º 308. — A Virgem Santissima com o Menino Jesus em pé sobre uma mesa, segundo Raphael.

Vista até aos joelhos, sentada, quasi de perfil para a esquerda, tendo o rosto de frente, com os olhos baixos, conchega a si, com a mão direita, seu Divino Filho, de pé sobre uma mesa, segurando-lhe ao mesmo tempo o pé esquerdo com a outra mão. O Menino Jesus abraça sua Mãe, olhando risonho para a frente. Na margem inferior lê-se: 1.º, « *Raffaël Sanzio de Urbino Pintou* », á esquerda; « *J. V. Priaz Desenhou e Gravou.* », á direita; 2.º, « A VIRGEM NOSSA SENHORA E O MENINO JESUS | *Dedicada a Sua Magestade Imperial e Real | o Senhor D. João Sexto | Pelo seu respeitoso submisso e fiel vassallo João Vicente Priaz.* » Sem data (1825 a 1826).

Altura, 264 millímetros; largura, 188 millímetros.

O quadro de Raphael segundo o qual foi gravada esta estampa, descripto á pp. 120-121 do II de Passavant, *Raphael d'Urbín et son Père Giovanni Santi* (édition française, 1860), pertenceu em outro tempo á Galeria d'Orléans.

Bella e rara estampa, graciosamente offerecida á Bibliotheca Nacional pelo ex-Bibliothecario, o Sñr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

FONTES

N.º 309. — Nossa Senhora das Dores e Santo Sepulchro.

Em um nicho: a Virgem Santissima, em corpo, de frente, com as mãos postas no peito, cujo lado esquerdo é atravessado por uma espada, tendo o manto sobre a cabeça e em redor d'esta um resplendor com oito estrellas e uma aureola. Em

um sepulchro, por baixo do nicho, vê-se Jesus Christo, morto, deitado, com a cabeça cercada de um resplendor e o corpo coberto com uma colcha. No alto do nicho, em um cartucho floreado, lê-se: « N. S. DAS DORES, E S. SEPULCHRO / da Ordem Terceira de S. Francisco. »; e na margem inferior, no meio: « Fontes. fez. 1829. »

Altura, 181 millímetros; largura, 120 millímetros.

A estampa representa as imagens de roca, que se veneram na igreja da Ordem Terceira de S. Francisco da Bahia.

Offerecida pelo Dr. J. Z. de M. Brum.

QUINTO (A. J.)

N.º 310. — Retrato de Dom Frei Bartholomeu do Pilar, segundo J. Cunha.

Em busto, a tres quartos para a direita, vestido de habito carmelitano, de cruz pastoral ao peito, com a mão direita um pouco levantada, segurando uma penna; dentro de um oval, ao alto. Por baixo do oval occorre: 1.º, « *J. Cunha delin.* », á esquerda; « *A. J. Quinto Sculp.* », á direita; 2.º, o titulo, com o braço do retratado de permeio:

« D. FR. BARTHO-	(Braço)	LOMEU DO PI-
LAR, PRI-				MEIRO BIS-
PO DO				PARÁ.

Sem data.

Dimensões da chapa: altura, 174 millímetros; largura, 114 millímetros.

N.º 18479 do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil.*

Rara.

Da Real Bibliotheca.

ESCOLA AMERICANA

ANONYMO XVII,

da officina da *American Bank Note C.^o*,
de New-York.

N.^o 311. — Retrato do Barão Homem de Mello,
segundo Miguel Cañizares, hespanhol.

Em busto, a tres quartos para a esquerda, de *pince-nez*, vestindo farda de Presidente de Provincia, com as insignias de dignitario da Ordem da Rosa, em uma moldura oval, ornada de ramos de loureiro. Por fóra da moldura, em uma especie de *passe-par-tout*, estão representadas varias figurás allegoricas: a Fama, a Religião, a Abundancia, a Lavoura; e escriptos diversos dizeres, dos quaes, uns referem nomes de Bahianos illustres: « CORONEL / SEBASTIÃO DA ROCHA / PITTA »... « DE PEDRA BRANCA », com uma coroa de Visconde por cima; e outros são allusivos a factos concernentes á administração do retratado, como Presidente da Provincia da Bahia: « RUA / DO / BARÃO / HOMEM / DE / MELLO »... « ESCHOLA DA PIEDADE ».

No alto da estampa, no meio, duas donzellas sentadas sustentam com uma das mãos o escudo das armas da cidade da Bahia (em campo azul, uma pomba branca voando, com um ramo de oliveira no bico), tendo um B por baixo da pomba (*), emquanto com a outra levantam no ar, por cima do escudo, uma coroa de Barão.

Por baixo da moldura oval, occorre a seguinte dedicatória, em uma taboleta tambem oval: « AO ILL.^{MO} E / Ex.^{MO} SNR. CONSELHEIRO / BARÃO HOMEM DE MELLO, / PRESIDENTE DA PROVINCIA / DA BAHIA. / A BAHIA AGRADECIDA / ANNO 1878. »; e na margem inferior, á direita: « AMERICAN BANK NOTE C.^o NEW-YORK ».

Altura: aos lados, 312 millimetros; no meio, 344 millimetros; largura, 253 millimetros.

N.^o 18698 do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil*.

Offerecido á Bibliotheca Nacional pelo Sñr. Barão Homem de Mello.

(*) As armas da Bahia são, segundo Gabriel Soares e Rocha Pitta, em campo verde, embora Varnhagen, *Historia geral do Brazil*, diga que em campo azul, e não tem o B por baixo da pomba; mas o mote: « Sic illa ad arcam reversa est », em redor.

ANONYMO XVIII,

da officina de W. Welstood & C.^{ia},
de New-York.

N.º 312. — Retrato do Visconde do Rio Branco.

Em busto, a tres quartos para a direita, olhando para a frente. Na margem inferior occorre: « *Engraved & Printed by W. Welstood & CO. N. Y.* »; 2.º, « *Visconde do Rio Branco* » (fac-simile da assignatura do retratado); 3.º « *Offerecido aos Assignantes do Novo Mundo* ». Sem data.

Dimensões da chapa: altura, 252 millimetros; largura, 176 millimetros.

N.º 19106 do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil*.

Offerecido á Bibliotheca Nacional pelo Sñr. Conselheiro José Maria da Silva Paranhos, filho do retratado.



III

DESENHOS

ESCOLA BRAZILEIRA

LECÓR (LUIZ PEDRO)

Luiz Pedro Lecór, filho do Marechal de Campo João Pedro Lecór, nascido na cidade de Faro, em Portugal, a 10 de Abril de 1805, veio para o Brazil em 1820.

Assentou praça de cadete no regimento de dragões da provincia Cisplatina (então portugueza) em 1.º de Agosto de 1820 e seguiu a carreira militar até ao posto de capitão, em que foi reformado a 13 de Setembro de 1837.

Não se sabe com quem aprendeu o desenho e a pintura. Foi desenhador e pintor a oleo e á aguada; cultivou varios generos: retratos, pintura historica e paizagem. A 27 de Março de 1854 foi nomeado desenhista do Archivo Militar da Côrte, emprego que exerceu até 1878.

A sua obra consta de: quadros historicos; retratos a oleo e em miniatura, em poder das familias dos retratados; paizagens á oleo e á aguarella, pela maior parte pertencentes a seu irmão o Major Antonio Pedro Lecór; uma collecção de orchideas, de tamanho natural, á aguarella, feita para o Dr. Brandão, director do Jardim-Botanico; figurinos para novos uniformes do exercito, &c. Os trabalhos de cartographia (cópias de diversos originaes), que fez como desenhista do Archivo Militar, são muito notaveis não só pela exactidão e nitidez do desenho, mas tambem pelas bellas pinturas á aguada de nankin que os adornam.

Falleceu no Rio de Janeiro a 11 de Agosto de 1879.

N.º 313. — Retrato do Visconde de Cayrú.

A meio corpo, de tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, tendo na mão esquerda um livro fechado. Na margem inferior occorre: 1.º, « VISCONDE DE CAYRÚ [*Jose da Silva Lisboa*], no meio; 2.º, « *Luis Lecor dez.* », á direita. Sem data (1878).

Desenho original a dois lapis.

Dimensões da folha : altura, 394 millímetros ; largura, 278 millímetros.

O retrato foi offerecido á Bibliotheca Nacional pelo Sñr. Alfredo do Valle Cabral.

SANTO ANGELO (MANUEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE, BARÃO DE) *

Na então villa, hoje cidade, do Rio-Pardo, da provincia do Rio-Grande-do-Sul, nasceu Manuel José de Araujo a 29 de Novembro de 1806.

Aos cinco annos de idade perdeu seu pae ; tendo sua mãe passado a segundas nupcias, foi seu padrasto quem o mandou educar. Aprendeu as primeiras lettras em Porto-Alegre e no Rio de Janeiro, onde estivera por algum tempo em 1816. Já era o primeiro e o mais instruido na escola, quando pela primeira vez gazeou para ir ver pintar a illuminação que a Camara de Porto-Alegre mandára fazer pelo nascimento do Principe da Beira. Nas aulas, que então havia nesta cidade, de latim, francez, philosophia, geographia, algebra e geometria, fez os estudos classicos com o maior aproveitamento.

Desde a infancia mostrou sempre muita inclinação para o desenho e as sciencias naturaes, pois passava as horas vagas a pintar e a colher productos da natureza, dos quaes tinha no seu quarto um museuzinho preparado por elle.

Aos dezeseis annos querendo ter uma profissão, escolheu a de relojoeiro. Já ajudava a seu mestre, J. Jacques Rousseau, e trabalhava na confecção de rodas e carreteis, quando chegou a Porto-Alegre um joven francez, Francisco Ther, que havia estudado alguma cousa de desenho. M. J. de Araujo ligou-se de amizade com elle, que era hospede de seu mestre, e começou a pintar ; mas em pouco tempo o excedeu, porque Ther era apenas um curioso. O seu mestre de relojoaria, vendo aquella vocação tão pronunciada, aconselhou-o a seguir a pintura, avivando-lhe o espirito com a narração que lhe fazia das maravilhas de Paris e da Hespanha, onde tinha servido e batalhado no tempo de Napoleão I.

Havia então em Porto-Alegre um retratista por nome Manuel José Gentil e um pintor de decorações chamado João

(*) A benevolencia do Sñr. João Maximiano Mafra, discipulo predilecto e amigo intimo do Barão de Santo Angelo, devemos a fineza de ter consultado uma cópia da autobiographia de seu illustre mestre, da qual é na maxima parte extrahido quasi textualmente este esboço biographico.

de Deus; o primeiro não queria ensinar a ninguém, e o segundo era apenas um bom encarnador de imagens. Pelo que observava nas poucas vezes que era admittido a ver trabalhar estes homens, aprendeu o manejo das tintas a oleo e começou por si mesmo a fazer alguns paineis.

Mandou buscar ao Rio de Janeiro estampas elementares e alguns livros, e divertia se em copial-as e em pintar paizagens segundo as que encontrava nas bocetas de madeira de Brunswich. Em um theatro particular, onde representava, fazia tambem algumas pinturas com os seus amigos Justino Antonio Pinto e José Simeão de Oliveira.

Sem conhecer a menor regra de perspectiva, vivia em grande afflicção por não saber dar profundidade ao scenario e representar as cousas ao longe, com é preciso. Haviam-lhe emprestado uma gravura representando o interior dos Banhos romanos de Nimes, e elle contemplava aquella perspectiva, procurando estudar os meios de fugir os objectos. De repente começou a notar que certas linhas iam todas convergir a um ponto; pôe em cima da estampa duas reguas, examina todas as linhas do pavimento e cimalthas e tão contente se achou d'aquelle descobrimento que desmaiou de prazer! Como era noite, não pode dormir e, logo que amanheceu, correu ao theatro para fazer applicação do seu achado, pelo que foi comprimmentado pelos seus amigos, todos discipulos somente da natureza.

Seduzido por José Simeão para ajudal-o nas pinturas que estava fazendo em uma casa, tomou gosto por este genero de trabalho e começou a trabalhar por conta propria; taes progressos fez que o orgulhoso João de Deus não duvidou convidal-o para o ajudar nas pinturas que estava fazendo em outra casa.

Vendo nesta a gravura de C. S. Pradier, segundo João Baptista Debret, representando o desembarque de S. Alteza Real a Archiduqueza D. Carolina Leopoldina, depois 1.^a Imperatriz (n.º 17472 do C.E.H.), e sabendo que o pintor estava no Rio de Janeiro, concebeu então a ideia de vir para a Côte aprender a pintura com J. B. Debret; mas não pode realizar o seu desejo, não só por não ter animo de deixar sua mãe sozinha, mas ainda porque esta se não resignava a separar-se do filho.

No recrutamento que fez em 1826 o Presidente da Provincia Salvador José Maciel foi incluído o joven artista e mandado assentar praça no regimento de dragões do Rio-Pardo; violencia motivada por vingança do Capitão Mór João Thomaz

Coelho, irritado por haver M. A. Porto-Alegre (*) collocado sua filha mais velha em 1.º lugar no rol que elle e outros formaram das moças feias da cidade.

Entretanto poude o recrutado obter a protecção do Visconde de Castro e por intermedio d'elle a sua baixa. Esta occurrencia decidiu M. A. Porto-Alegre e sua mãe a consentirem na mutua separação e a partida d'elle para o Rio de Janeiro foi immediatamente resolvida e realizada.

Levando no bolso apenas algumas dobras, que havia ganho em retratos e pinturas, e cartas de recommendação, partiu em Outubro de 1826 para esta Côrte, onde chegou a 14 de Janeiro do anno seguinte, indo hospedar-se na casa do Monsenhor Antonio Vieira da Soledade, Senador pelo Rio Grande do Sul.

No dia 27 (**) de Janeiro de 1827 entrou para a aula de J. B. Debret, professor de pintura historica da Academia de Bellas-Artes; logo depois frequentou tambem os cursos de architectura e de esculptura da mesma Academia, e com tanto aproveitamento se dedicou a todas estas disciplinas que na Exposição de 1830 obteve tres premios, um de pintura, um de architectura e outro de esculptura.

Frequentou os primeiros annos da Escola Militar; a aula de philosophia do beneditino P.º M.º Fr. José Polycarpo de S. Gertrudes Maia; estudou anatomia e physiologia com o Dr. Claudio Luiz da Costa, a quem deve o gosto que adquiriu pela leitura; e a perspectiva estudou-a com seu mestre J. B. Debret e consigo mesmo. Dissecou por dois annos no Hospital da Santa Casa da Misericordia e assistiu algumas vezes ás lições do professor de anatomia, Dr. Domingos José Marques, e ás do Dr. Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, depois Barão de Iguarassú.

Tendo feito alguns paineis para o Bispo do Rio de Janeiro, D. José Caetano da Silva Coutinho, mereceu a sympathia e boas graças d'este venerando Prelado, em cujo palacio foi hospedar-se quando se retirou para o Rio-Grande do Sul o Senador A. V. da Soledade. Ali moravam então jovens esperançosos pelo seu talento, com os quaes se relacionou, entre outros: o P.º Manuel Joaquim da Silveira, depois Bispo do Maranhão, Arcebispo da Bahia e Conde de S. Salvador,

(*) Logo depois da Independencia muitas pessoas mudaram de nome, substituindo ou augmentando os seus appellidos de familia por outros derivados de cousas do Brazil: seguindo a moda, passou Manuel José de Araujo a chamar-se Manuel de Araujo Pitanguera, nome que mais tarde trocou pelo de Manuel de Araujo Porto-Alegre e depois se tornou célebre na republica das letras e das artes.

(**) A *autobiographia* dá esta data, mas o Catalogo da *Exposição da classe de pintura historica da Academia das Bellas-Artes de 1830* reza: «Manoel d'Araujo Porto-Alegre, discipulo, principiou o Dezenho em 26 de Janeiro de 1827.»

e o P.^o João Antonio dos Santos, actual Bispo de Diamantina.

Tendo-lhe o Dr. Claudio Luiz da Costa pedido um painel representando o Imperador D. Pedro I entregando o decreto (9 de Setembro de 1826) de reforma das Escolas de cirurgia ao director da do Rio de Janeiro em presença do corpo academico (n.^o 1 do Catalogo da *Exposição publica... na Imperial Academia das Bellas-Artes no anno de 1830* e n.^o 17488 do *C.E.H.*), para presentear com elle a mesma Escola, o joven artista poz mãos á obra com todo o esmero e gratidão. Em um dia (1830) em que foi á Academia de Bellas-Artes viu o Imperador o quadro, que estava por acabar, e notando a semelhança de quasi todos os retratos, menos o seu, o do Visconde de S. Leopoldo e o do Dr. Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, quiz ver o artista; mas informado de que estava ausente, disse: « Bem, pela minha parte não ha duvida; mas pela do Peixoto e do S. Leopoldo é diferente, porque um está em França e o outro no Rio-Grande. »

De volta ao paço da cidade viu o Imperador á entrada do palacio o artista, que ali tinha ido para apanhar-lhe as feições; fel-o vir á sua presença e ordenou-lhe que no dia 12 pe Outubro fosse a S. Christovão para tirar o seu retrato. De feito Porto-Alegre cumpriu a ordem; no fim da audiencia disse-lhe o Imperador: « A Imperatriz quer este retrato, porque o acha o mais parecido de todos, e logo que o acabares lhe virás entregal o; depois me has de fazer outro, e o d'ella e de meus filhos, os quaes irás tu mesmo levar á minha sogra em Munich, e de lá partirás para a Italia, ou onde melhor te convier estudar, e pelo tempo que quizeres, com tanto que lá não fiques. » Mas o homem pôe e Deus dispõe. Essa promessa de estudar em Europa á custa do bolsinho imperial não poude realizar-se por ter M. A. Porto-Alegre logo depois adoecido gravemente e o Imperador abdicado. Pretendia fazer a viagem á sua custa, pois tinha recentemente recebido cinco mil cruzados, parte da herança paterna; ainda d'esta feita ficou burlado o seu intento á falta de dinheiro, por ter emprestado por dias a um parente e amigo de infancia os seus cinco mil cruzados, que nunca mais lhe foram restituídos. Tal era porém a força de vontade do joven artista que não desanimou. Mediante a benevola protecção de Evaristo Ferreira da Veiga, que lhe entregou Rs. 400\$000, producto de uma subscrição por elle agenciada, de Monsenhor A. V. da Soledade, que lhe deu uma ordem para receber em França a mezada de Rs. 20\$000 fortes, e de José Bonifacio de Andrada e Silva, que do Almirante Grivel lhe obtivera passagem gratuita no

navio de guerra francez *Durance*, poude emfim partir para França, em companhia de seu mestre João Baptista Debret, a 25 de Julho de 1831, chegando a Brest em Setembro e a Paris no dia 4 de Outubro do mesmo anno.

Poz-se desde logo a estudar pintura sob a direcção do Barão Gros e com tão bom exito que obteve na Escola de Bellas-Artes o 32.º lugar em um concurso (1832) e a 3.ª medalha em outro (1833). Na mesma Escola seguia tambem o curso de anatomia. Assistindo um dia á aula do professor Émery (Dr. Eduardo Felix Estevão), succedeu que este não pudesse continuar a lição á falta do preparador; M. A. Porto-Alegre offereceu-se para substituil-o e in-continenti preparou os musculos da coxa com tanta mestria e destreza, que mereceu publico elogio do professor e desde logo captou a sua estima e a de todos os estudantes.

Tendo fallido o seu correspondente no Rio de Janeiro, M. A. Porto-Alegre não só perdeu Rs. 600\$000, que sua mãe lhe mandára, como tambem deixou de receber a mezada com que Monsenhor A. V. da Soledade o suppria; reduzido ás mais criticas circumstancias deixou de frequentar a escola do Barão Gros, por não poder pagar-lhe a mensalidade e outras despezas da aprendizagem e vendeu tudo quanto tinha de algum valor; só não desamparou a aula de architectura do professor Francisco Debret, por ser gratuita. Nesta conjunctura valeram n'º o ministro do Brazil em França, José Joaquim da Rocha, a quem Antonio Carlos Ribeiro de Andrada o recommendára, emprestando-lhe algum dinheiro, e seu mestre J. B. Debret, dando-lhe pousada na sua casa. Apesar d'isto, porém, a situação pecuniaria do nosso artista era muito embaraçosa. Por esse tempo (1834) chegou a Paris Luiz de Menezes Vasconcellos de Drummond, o qual sabendo das suas más circumstancias, offereceu-lhe vinte mil francos para ir á Italia terminar os seus estudos; mas de tão generoso offerecimento M. A. Porto-Alegre só se utilizou em parte, recebendo apenas quatro mil francos.

A 4 de Outubro de 1834 partiu para Roma, em companhia de seu amigo o Dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães, depois Visconde de Araguaya, e ali se demorou por um anno estudando e trabalhando como pintor.

Ao voltar a Paris em 1835 soube que a Assembleia geral lhe tinha concedido, em 29 de Julho d'esse anno, uma subvenção annual de Rs. 600\$000 durante tres annos para aperfeiçoar se no estudo das bellas-artes em Europa. Visitou Londres, viajou pela Belgica e Hollanda e tencionava ir á Grecia e ao Egypto, quando, sabendo da situação precaria de

sua mãe na sua provincia natal, em consequencia da guerra civil que desde 1835 a assolava, resolveu voltar para o Brazil.

Chegando ao Rio de Janeiro (14 de Maio de 1837), já não encontrou vivos os seus amigos e protectores, o Bispo D. José, Monsenhor A. V. da Soledade e Evaristo Ferreira da Veiga; mas nem por isso perdeu a coragem e, confiado no seu saber e actividade, não hesitou um só instante; estabeleceu-se na Côrte e mandou vir sua mãe para viver na sua companhia.

Logo depois foi nomeado professor da Academia de Bellas-Artes e, em 28 de Julho de 1840, pintor da Imperial Camara. Desgostoso pela opposição que soffria naquella Academia, sollicitou a sua transferencia para a Escola Militar, onde vagára o lugar de substituto de desenho, sendo nelle provido (1848) com geral applauso do corpo docente da mesma Escola.

Nomeado Director da Academia de Bellas-Artes, tomou posse do emprego a 11 de Maio de 1854. No seu novo posto o distincto artista foi tão bom organizador como habil administrador; assim propoz e levou a effeito a reforma da Academia: dando-lhe nova organização; reunindo-lhe o Conservatorio de musica (14 de Maio de 1855); reformando a bibliotheca; construindo a Pinacotheca; contribuindo para o augmento dos vencimentos dos professores; e elevando a seis annos, em vez de tres, o tempo de estudo dos pensionistas do Estado em Europa. As amarguras que soffreu na direcção da Academia levaram-n'o a pedir a sua exoneração, que lhe foi concedida a 14 de Outubro de 1857. Pouco depois foi tambem jubilado á seu pedido na Escola Militar, onde já era professor cathedratico.

Como pintor M. A. Porto-Alegre dedicou-se a varios generos: retratos, pintura historica e paizagem. Os Catalogos das Exposições da Academia de Bellas-Artes do Rio de Janeiro fazem menção de alguns trabalhos seus: os n.ºs 11 - 24 no de 1829, os n.ºs 1 - 12 no de 1830, e os n.ºs 268 - 270 no de 1879. Além d'isto M. A. Porto-Alegre decorou a Varanda (tambem de seu risco) para a sagração e coroação do Sñr. D. Pedro II em 1841, o Paço da cidade para o casamento dos actuaes Imperantes em 1843, e os arcos triumphaes, &, para os festejos feitos por occasião dos baptizamentos dos Principes D. Affonso e D. Pedro, desempenhando-se cabalmente de todos estes encargos e a contento geral.

Em architectura deixou tambem M. A. Porto-Alegre trabalhos de arte: a Pinacotheca da Academia de Bellas-Artes,

o grande armazem da Alfandega, a igreja nova de Santa Anna (em cuja execução não tem sido seguido á risca o seu plano), o Banco do Brazil, o projecto para um novo edificio destinado á Faculdade de Medicina, nunca levado a effeito, todos no Rio de Janeiro; &.

O seu talento fecundo e omnimodo e a sua infatigavel actividade não se limitaram a trabalhos de arte somente; cultivou esmeradamente as lettras, em cuja republica deixou nome honroso como litterato e como poeta. As revistas e diarios do Rio de Janeiro estão cheios de escriptos da sua amestrada penna, entre outros: a *Minerva brasiliense*, a *Iris*, o *Ostensor brasileiro*; a *Guanabara* e sobretudo a *Revista trimensal do Instituto Historico*, onde foram publicados muitos discursos seus, elogios historicos dos socios fallecidos e memorias. D'estas citaremos duas por dizerem respeito a assumptos de arte: *Memoria sobre a antiga escola de pintura fluminense* (Supplemento ao tomo III, 1841, pp. 33-43) e *Iconographia brasileira* (XIX, pp. 349-378), onde o autor traça as biographias do Padre José Mauricio Nunes Garcia, de Valentim da Fonseca e Silva e de Francisco Pedro do Amaral. Escreveu comedias e dramas e publicou muitas poesias, d'entre as quaes faremos especial menção, como obras de folego e de grande merecimento litterario, das *Brasilianas* e do poema *Colombo*. Além das produções litterarias dadas á luz da publicidade, é certo que M. A. Porto-Alegre deixou muitas outras, talvez hoje perdidas.

Prestou ainda outros serviços á patria: foi director da secção de archeologia e numismatica do Museu Nacional do Rio de Janeiro, concorreu para a fundação do Conservatorio Dramatico e da Opera Nacional, serviu como vereador suplente da Ill.^{ma} Camara Municipal (1852), foi membro da commissão encarregada de erigir a estatua equestre de D. Pedro I, que actualmente se vê na praça da Constituição.

Tão illustre brasileiro depoz enfim a palheta, os pinceis e a penna para servir a patria na carreira consular, como nosso Consul na Prussia (1859) e em Portugal (1867).

Em 1873 veiu ainda ao Rio de Janeiro, onde se demorou apenas tres mezes; foi o derradeiro adeus ao seu Brazil, que tanto amára e honrara pelo seu talento.

De volta ao seu posto em Lisboa, ali falleceu a 29 (*) de Dezembro de 1879.

M. A. Porto-Alegre foi por vezes agraciado pelo Sñr.

(*) O elogio historico do B. de Santo Angelo, *Rev. do Inst. Hist.* diz 29; a correspondencia de Lisboa no *Jornal do Commercio* de 24 de Janeiro de 1880 confirma esta data; mas o telegramma do dito *Jornal* de 1 de Janeiro de 1880 e o *Almanach de Lembranças* dão a morte a 30 de Dezembro de 1879.

D. Pedro II com diversas condecorações e em 1874 com o título de Barão de Santo Angelo ; era membro de grande numero de sociedades artisticas, scientificas e litterarias, nacionaes e estrangeiras.

No seu testamento diz elle estas palavras, que retratam com verdade o seu caracter :

« Nunca provoquei lutas ; porém a amizade me levou ao campo muitas vezes e o direito sempre.

Nunca amei os homens pela sua posição ; nunca adorei o dinheiro, tendo sempre vivido pobremente, e nunca tive outra ambição que não fosse a de um nome sem mancha.

Soffri pela amizade e pela justiça, porque sempre detestei a deslealdade e o despotismo.

E de meus paes, de meu soberano, e dos homens honestos fui sempre respeitoso e dedicado amigo. »

Para mais pormenores sobre a vida do Barão de Santo Angelo, não concernentes á sua carreira artistica, vejam-se : Wolf, pp. 169-175 da 1 p. e pp. 198-212 da 11 ; Dr. Moreira de Azevedo, *O Rio de Janeiro*, 11, pp. 201-207 ; *Revista trimensal do Instituto Historico*, tomo XLIII, 11 p., pp. 527-540 ; Dr. Teixeira de Mello, *Ephemerides Nacionais*, 11, pp. 321-323 ; Innocencio, *Diccionario*, v, pp. 264-266 ; *Novo Almanach de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1884*, pp. v-xxiv, acompanhado do seu retrato.

N.º 314. — Retrato de Dom José Caetano da Silva Coutinho, 8.º Bispo do Rio de Janeiro e 1.º Capellão Mor.

Em busto, com o corpo a tres quartos para a direita, e o rosto a tres quartos para o lado opposto, de cruz pastoral ao peito. Em baixo lê-se: para a esquerda, « *Porto Alegre* » ; e á direita « *Melhor* ».

Desenho original a dois lapis. Sem data.

Dimensões da folha : altura, 148 millimetros ; largura, 110 millimetros.






N.º 18860 do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil*.

O retrato foi offerecido á Bibliotheca Nacional pelo Sñr. Antonio Luiz Pinto Montenegro.


TABOA

DOS








MONOGRAMMAS, MARCAS, LETTRAS INICIAES, NOMES
ABREVIADOS E ESTROPEADOS CITADOS
NESTE CATALOGO.

N.os (nostri)	Monogrammas, etc.	EXPLICAÇÃO	
		em letras	in extenso
1	IBM.	I.BA.MA.	I(oão) Ba(ptista) Ma(n- tuano).
2	CA	CMA	C(ornelio) Ma(tsys).
3 a		AD	A(lberto) D(urero).
3 b			
3 c			
4	Æ.V.	Æ. V.	Æ(neas) V(ico).
5	MF	MAF	M(arco) A(ntonio) F(e- cit).
6		AG	A(Ide) G(rever).
7	Alex	AH ex	A(?) H(?) ex(cudit).
8	<i>A Padrão sculps.</i>	A I Padrão sculps.	A(ntonio) I(oaquim) Pa- drão sculps (it).
9		AS	A(damo) S(cultore).



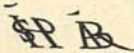







Nomes dos artistas	Numeros (dos autores)
João Baptista Ghisi, dito o <i>Mantuano</i>	22, I. ^a , Br.
Cornelio Matsys.	225, I. ^a , Br.
Alberto Durerro.	239, I. ^a , Br.
Eneas Vico.	311, I. ^a , Br.
Marcos Antonio Raimondi.	354, I. ^a , Br.
Henrique Aldegrever.	398, I. ^a , Br.
?	
Antonio Joaquim Padrão.	
Adão Ghisi, dito o <i>Mantuano</i> .	704, I. ^a , Br.

N. os (nostri)	Monogrammas, etc.	EXPLICAÇÃO	
		em letras	in extenso
10			(Mestre do) Caduceu.
11	<i>Berrighem.</i>	C. Berrighem.	C(laes) Berrighem.
12	EB	C— B	C(ornelio) — B(os).
13	IB	HIBC; ou I—BC	H(ans) I(acob) B(inck) C(oloniensis); ou I(a- cob) — B(inck) C(olo- niensis).
14	<i>CVB. in.</i>	CVB. in.	C(rispim) V(anden) B(roeck). in(venit). †
15	SB	SDB	S(tephanus) D(ella) B(el- la).
16	DB	DVB	D'avid) V(incken) B(o- oms).
17	HSB	HSB	H(ans) S(ebald) B(eham).
18	<i>ECVan. der. maer fe</i>	ECVan. der. maes fe	E(vert) C(?) Van der maes fe(cit).







Nomes dos artistas	Numeros (dos autores)
Jacob de Barbary.	3260, I. ^a , Br.
Nicolau Berghem.	
Cornelio Bos ou Bus.	810, I. ^a , Br.
Jacob Binck.	826, I. ^a , Br.
Crispim van den Broeck.	846, I. ^a , Br.
Estevão Della Bella.	872, I. ^a , Br.
David Vinckenbooms.	875, I. ^a , Br.
João Sebaldo Beham.	1003, I. ^a , Br.
Evert Van der Maes.	

N. ^{os} (nostri)	Monogrammas, etc.	EXPLICAÇÃO	
		em letras	in extenso
19		FC	F(ernando de) C(oburgo).
20	<i>France. ꝛ Sc.</i>	JCFrance Sc.	J(oão) C(arlos) France (ois) (Cruz dobrada da Lorena) Sc(ulpsit).
21		CG (ás avessas)	(Mestre das iniciaes) CG.
22	<i>Visscher Fecit</i>	CI Visscher Fecit	C(laes) I(anszen) Visscher Fecit.
23		CM	C(laudio) M(ellan).
24		CVP	C(rispim) V(an) P(asse).
25			Brazão dos Duques de Saxonia.
26 a			(Mestre do) Dado.
26 b			
27	<i>ID Gheyn Inuen.</i>	ID Gheyn Inuen.	I(acob) D(e) Gheyn In- uen (it).
28	<i>FRANCISCO VIEIRA LUZITANO inventor e fey do</i>		= Francisco Vieira de

Nomes dos artistas	Numeros (dos autores)
Dom Fernando de Saxonia Coburgo Gotha.	16 do II vol. de Nagler, <i>Die Monogrammisten.</i>
João Carlos François, Loreno.	
?	1249, I. ^a , Br. ; 55 do II vol. de Nagler, <i>Die Mono-</i> <i>grammisten.</i>
Nicolaus Joannis Piscator, ou Nicolau Ennes Visscher.	1344 a, I. ^a , Br.
Claudio Mellan.	1399, I. ^a , Br.
Crispim de Passe ou Passeu, Senior.	1435, I. ^a , Br.
Lucas Cranach Senior.	3276, I. ^a , Br.
Daddi (B...?)	3235, I. ^a ; e 2805, II. ^a , Br.
Jacob de Gheyn Junior.	1561, I. ^a , Br.
Mattos, dito <i>Vieira Lusitano.</i>	

N.ºs (nostri)	Monogrammas, etc.	EXPLICAÇÃO	
		em letras	in extenso
29 a		HG	H(enricus) G(oltzius).
29 b	<i>Holtzius</i>	HGoltzius	H(enricus) Goltzius.
30		GP	G(eorge) P(encz).
31		HISP RIBERA	HISP(anus) RIBERA
32	HM	HM	(Mestre das iniciaes) HM.
33		HO	(Mestre das iniciaes) HO.
34		HSP	H(ans) S(ebald) P(cham)
35		HSS	(Mestre do monogramma) HSS.
36		IB	(Mestre das iniciaes) IB.
37		L	L(ucas).
38		L	(Mestre da inicial) L.
39	M † S	MS	M(artim) S(chongauer).
40		MT	M(artim) T(reu).

Nomes dos artistas	Numeros (dos autores)
Henrique Goltzio.	2116, I. ^a , Br.
Jorge Pencz.	2222, I. ^a , Br.
José de Ribera, dito o <i>Hespagnoleto</i> .	2338 b, I. ^a , Br.
?	2412, I. ^a , Br.
?	2449, I. ^a , Br.
João Sebaldo Beham.	2471, I. ^a , Br.
?	2515, I. ^a , Br.
?	1324, II. ^a , Br.
Lucas Huygens, dito <i>de Leyden</i> ou <i>de Hollanda</i> .	1810, II. ^a , Br.
?	
Martim Schongauer.	2896, II. ^a , Br.
Martim Treu.	2958, I. ^a , Br.

N. ^{os} (nostri)	Monogrammas, etc.	EXPLICAÇÃO	
		em letras	in extenso
41 a		Noel	Noel (Garnier).
41 b		Noel	Noel (Garnier).
41 c		Noel G	Noel G(arnier).
42			
43		RS ; ou SR	R(avennas) S(culpsit); ou S(cultore) R(avignano).
44		VS	V(irgilio de) S(olis).

Nomes dos artistas	Numeros (dos autores)
Noel Garnier.	
Marcos Antonio Raimondi.	3286, I. ^a , Br.
Marcos Dente, dito <i>de Ravenna</i> .	3101, I. ^a , Br.
Virgilio de Solis.	3145, I. ^a , Br.

INDICES

INDICE DOS ARTISTAS

(POR PAGINAS)

A

AGUILAR (Manuel Marques de), 881.
ALDEGREVER (Henrique), 686.
ANONYMO I, 607.
ANONYMO II, 623.
ANONYMO III, 624.
ANONYMO IV, 627.
ANONYMO V, 638.
ANONYMO VI, 638.
ANONYMO VII, 645.
ANONYMO VIII, 646.
ANONYMO IX, 678.
ANONYMO X, 740.
ANONYMO XI, 752.
ANONYMO XII, 753.
ANONYMO XIII, 758.
ANONYMO XIV, 768.
ANONYMO XV, 771.
ANONYMO XVI, 794.
ANONYMO XVII, 887.
ANONYMO XVIII, 888.
AUBERT (Miguel), 842.
AUDRAN (Bento I), 825.
AUDRAN (Gerardo), 807.
AVELINE (Pedro), 850.

B

BARBARI (Jacob de), dito *O Mestre do Caduceu*, 612.
BAZIN (Nicolau), 815.
BEHAM (João Sebaldo), 682.
BELLA (Estevão Della), 640.
BERBE (João), 769.
BERGHEM (Nicolau), 770.
BINCK (Jacob), 681.
BLOEMAERT (Cornelio), 732.
BLOOTELING (Abrahão), 739.
BONASONE (Julio), 625.

BOS ou BOSCH (Cornelio van den), 742.
Bos (Jacob van den), 745.
BOUCHARDY, 864.
BOUCHER-DESNOYERS (Augusto, Barão), 857.
BOULANGER (João), 799.
BRICCI ou BRIZIO (Francisco), 635.
BROECK (Crispim van den), 746.
BRONCHORST (João Gerritsz van), 734.
BRUN (Francisco), 695.
BUS (Cornelio), 742.

C

CADUCEU (Mestre do), ou Jacob de Barbari, 612.
CALAMATTA (Luiz), 661.
CALLOT (Jacob), 787.
CANTARINI (Simão), dito *Simão Pesarense* ou *de Pesaro*, 644.
CARPIONI (Julio), 644.
CARRACCI (Agostinho), 632.
CARRACCI (Annibal), 633.
CARRACCI (Luiz), 631.
CARS (Lourenço), 841.
CHAPERON }
CHAPPRON } (Nicolau), 798.
CHAPRON }
COBURGO GOTHA (Dom Fernando, Duque de Saxonia), ou Dom Fernando II, Rei de Portugal, 708.
CORTOLANO (Bartholomeu), 639.
CORT (Cornelio), 714.
CRANACH SENIOR (Lucas), 679.

D

DARET (Pedro), 800.
DAULLÉ (João), 846.

DEBRIE (Guilherme Francisco Lourenço), 842.

DEBUCOURT (Philiberto Luiz), 853.

DELFF, ou Delphio (Guilherme Jacobsz), 724.

DENON (Domingos Vivant, Barão), 852.

DENTE (Marcos), dito *Marcos de Ravenna*, 621.

DOLENDO (Zacharias), 719.

DORIGNY (Miguel), 803.

DREVET (Claudio), 848.

DREVET (Pedro), 826.

DREVET (Pedro Imbert), 839.

DUPUIS (Carlos), 830.

DURERO (Alberto), 666.

DYCK (Antonio Van), 763.

E

EDELINCK (Gerardo), 817.

F

FALCK (Jeremias), 699.

FARJAT (Bento), 824.

FERNANDO II (Dom), Rei de Portugal, ou Dom Fernando, Duque de Saxonia Coburgo Gotha, 708.

FLAMENG (Leopoldo), 865.

FONTES, 885.

FRANÇOIS (João Carlos), 851.

G

GAILLARD (Claudio Fernando), 867.

GALLEU SENIOR (Cornelio), 759.

GARNIER (Noel), 779.

GERRITZ (Hessel), 728.

GHSI (Adão), dito *O Mantuano*, 630.

GHSI (João Baptista), dito *O Mantuano*, 620.

GOLTZIO (Henrique), 717.

GUIDO (O), ou Guido Reni, 635.

H

HENRIQUEL-DUPONT (Luiz Pedro), 860.

HESPANHOLETO (O), ou José de Ribera, 868.

HOGARTH (Guilherme), 775.

HOLLAR (Wenceslau), 697.

HONDIO (Guilherme), 729.

HULSIO (Frederico), 696.

J

JODE JUNIOR (Pedro de), 766.

K

KITTENSTEYN (Cornelio), 738.

L

LARMESSIN JUNIOR (Nicolau de), 831.

LECÓR (Luiz Pedro), 891.

LEFEBRE ou LEFEBVRE (Valentim), 772.

LEVIEUX (Reinaldo), 813.

LEYDEN (Lucas de), ou Lucas de Hollanda, 710.

LOLI (Lourenço), 646.

LONGHI (José), 659.

LUCAS DE HOLLANDA, ou Lucas de Leyden, 710.

M

MAES (Evert van der), 739.

MANTEGNA (André), 611.

MANTUANO (O), ou Adão Ghisi, 630.

MANTUANO (O), ou João Baptista Ghisi, 620.

MARCO-ANTONIO, 615.

MASSARD (João Baptista Raphael Urbano), 855.

MATHAM (Jacob), 723.

MATHAM (Theodoro), 726.

MATSYS (Cornelio), 747.

MATTIOLI (Luiz), 652.

MELLAN (Claudio), 797.

MERZ (Gaspar Henrique), 707.

MESTRE DA INICIAL L (n.º 38 da Taboa dos monogrammas), 695.

MESTRE DAS INICIAES I B (n.º 36 da Taboa dos monogr.), 690.

MESTRE DO DADO, 625.

MESTRE DO MONOGRAMMA n.º 21 da Taboa dos monogrammas, 691.

MESTRE DO MONOGRAMMA n.º 32 da Taboa dos monogrammas, 694.

MESTRE DO MONOGRAMMA n.º 33 da Taboa dos monogrammas, 692.

MONTAGNA (Benedicto), 615.

MORGHEN (Raphael), 656.

Müller (João), 721.

MUSI (Agostinho di), dito *O Veneziano*, 618.

N

NANTEUIL (Roberto), 805.

P

PADRÃO (Antonio Joaquim), 877.
 PALOMINO (João Bernabé de), 870.
 PASQUALINI (João Baptista), 639.
 PASSEU SENIOR (Crispim), 715.
 PENCZ (Jorge), 684.
 PERELLE, 795.
 PERRIER (Francisco), 782.
 PESARENSE ou de PESARO (Simão),
 ou Simão Cantarini, 644.
 PETRI (Pedro Antonio de), 653.
 PICART, dito *O Romano* (Es-
 tevão), 813.
 PONCIO, ou DU PONT (Paulo), 765.
 PORTO-ALEGRE, Barão de Santo
 Angelo (Manuel de Araujo), 892.
 POTRELLE (João Luiz), 859.
 PRIAZ (João Vicente), 885.

Q

QUINTO (A. J.), 886.

R

RAIMONDI (Marcos Antonio), 615.
 RAVENNA (Marcos de), ou Marcos
 Dente, 621.
 REMBRANDT HARMENSZ VAN RYN,
 734.
 RENI (Guido), 635.
 RIBERA, dito *O Hespanholeto* (José
 de), 868.
 RIVARA (João Caetano), 882.
 ROCHA (Joaquim Manuel da), 879.
 ROMANO (O), ou Estevão Picart,
 813.
 ROSA (Salvador), 647.
 ROSBACH (João Frederico), 703.
 ROSSI, o VELHO (Jeronymo), 651.
 ROUSSEAU (Emilio Alfredo), 866.
 ROUSSELET (Egídio), 802.

S

SADELERO (Egídio), 756.
 SADELERO SENIOR (João), 748.
 SADELERO (Justo), 760.
 SADELERO SENIOR (Raphael), 753.

SAENREDAM (João), 719.
 SALATHÉ (Frederico), 704.
 SANTO ANGELO (Manuel de Araujo
 Porto-Alegre, Barão de), 892.
 SCHALCKEN (Godofredo), 741.
 SCHMIDT (Jorge Frederico), 700.
 SCHONGAUER (Martim), 664.
 SCHUPPEN SENIOR (Pedro van), 769.
 SCHUT SENIOR (Cornelio), 761.
 SCOTIN (Gerardo), 823.
 SELMA (Fernando), 871.
 SILVA (Domingos José da), 883.
 SILVESTRE (Israel), 804.
 SIMONNEAU (Carlos), 816.
 SIRANI (Isabel), 651.
 SIRANI (João André), 642.
 SOLIS (Virgilio), 692.
 SUAVIO (Lamberto), 743.
 SURUGUE (Luiz), 836.
 SWANEVELT (Hermano), 730.

T

TARDIEU (Nicolau Henrique), 828.
 TARDIEU (Pedro Alexandre), 856.
 THOMASSIN (Henrique Simão), 838.
 TREU (Martim), 694.
 TROYEN (João van), 737.

V

VENEZIANO (O), ou Agostinho di
 Musi, 618.
 VICO (Eneas), 628.
 VIEIRA LUSITANO (Francisco
 Vieira de Mattos, dito), 872.
 VIEIRA DE MATTOS, dito *Vieira
 Lusitano* (Francisco), 872.
 VISSCHER (Nicolau Ennes), 725.
 VOERST (Roberto van der), 727.
 VOLPATO (João), 654.
 VOUET (Simão), 784.

W

WAGNER (Frederico), 706.
 WATTEAU (Antonio), 833.
 WESTERHOUT (Arnoldo van), 774.
 WILLE (João Jorge), 702.
 WYNGAERT (Francisco van den),
 767.

Z

ZENOI, ou ZENONI (Domingos), 630.

INDICE DAS ESTAMPAS

(POR NUMEROS)

(Abreviaturas: B. = Bella; BB. = Bellissima; R. = Rara;
RR. = Rarissima)

- Adão e Eva. — BB. — RR., 56.
Adão e Eva expulsos do paraíso depois do peccado, 205.
Adão e Eva expulsos do paraíso terrestre, depois da sua desobediência, 145.
Adoração dos pastores (A). — Grav. pelo Anonymo XI, 178.
Adoração dos pastores (A). — Grav. por João Sadeler Senior, 173.
Adoração dos pastores (A), dita *O Presepe de Carracci* (Annibal). — BB. — RR., 24.
Alexandre Magno visitando Diogenes assentado á entrada do seu tunnel, ás portas de Corintho, 44.
Alliança de Baccho e de Venus (A), 240.
Ama de leite favorita de Antonio Van Dyck (A). — B. — R., 47.
Americo Vespucio (Retrato de). — R., 140.
Amores de Marte e Venus (Os), 18.
Anjo annunciando aos pastores o nascimento do Messias (O). — Grav. pelo Anonymo XIII, 186.
Apocalypse de S. João (O), 90.
Apollo dansando com as Musas. — RR., 212.
Apollo e Marsias, 88.
Aragão (Retrato de Francisco Alberto Teixeira de). — R., 293.
Arlequin, Pierrot et Scapin, 273.
Arundel (Retrato de Thomaz Howard, Conde de). — Grav. por Wenceslau Hollar, 125.
Arundel (Retrato do Conde de). — Grav. por Pedro Alexandre Tardieu, 289.
Azeredo Coutinho (Retrato de Dom José Joaquim da Cunha de). — R., 307.
Balsemão (Retrato de Luiz Pinto de Souza Coutinho, Visconde de). — R., 305.
Barlaeus (Retrato de Gaspar), 151.
Batalha de Arbelles (A). — BB., 250.
Batalha do terçado (A), 7.
Batalha dos Amalecitas (A), 34.
Batalhas de Alexandre Magno (As). — BB., 249-252 e 258.
Boll, pintor de Malinas (Retrato de João), 143.
Bom Samaritano (O), 100.
Bossuet, Bispo de Meaux (Retrato de Jacob Benigno). — BB., 276.

- Broucke (Retrato de Mattheus vanden). — B. — RR., 167.
 Buena-dicha (A), 277.
 Busto de um moço, 285.
 Calamidades da guerra (*As grandes*). — BB. — R., 215-232.
 Carlos Gustavo, depois Carlos X, Rei da Suecia (Retrato do Príncipe), 126.
 Casal feliz (O), 274.
 Cavalleiro da morte (O). — BB. — RR., 58.
Cavalleiro de Raphael Morghen (O), ou Retrato de Francisco de Mondada, a cavallo. — BB. — R., 52.
 Cayrú (Retrato do Visconde de), 313.
 Ceia de Jesus Christo com os Apostolos (A). — Grav. por Frederico Wagner. — B., 131.
 Ceia de Jesus Christo com os Apostolos (A). — Grav. por Morghen (Raphael). — BB. — R., 50.
 Circumcisão (A). — BB. — RR., 89.
Christo de Caprarola (O), ou A Piedade. — BB. — RR., 25.
 Colbert (Retrato de João Baptista), 265.
 Combate de centauros. — R., 122.
 Comicos italianos (Os). — RR., 256.
Coquettes, 275.
Cosinha de Bassano e dos Sadleros (A 1.^a), ou O Opulento guloso regalando-se á mesa e o mendigo Lazaro. — Grav. por João Sadeler Senior. — BB., 176.
Cosinha de Bassano e dos Sadleros (A 2.^a), ou Jesus Christo na casa das irmãs Martha e Magdalena. — Grav. por João Sadeler Senior. — BB. — R., 175.
Dansa da Magdalena (A), ou a Magdalena entregue aos prazeres mundanos. — BB. — RR., 135.
 David (Retrato de Jacob Luiz), 291.
 David cantando os louvores de Deus, 255.
 Descanço na fuga para o Egypto (O). — Grav. por João Saledero Senior, 174.
 Desposorios da Virgem Santissima (Os). — B., 53.
 Desposorios de Jesus Christo com Santa Catharina (Os), 363.
 Destruição de Jerusalem por Tito e suas legiões (A). — B. — R., 132.
 Diana. — Grav. por Miguel Dorigny, 246.
 Diana. — Grav. por Noel Garnier. — RR., 211.
 Dido, 12.
 Divindades dos sete (?) planetas (As). — RR., 207-211.
 Dois Amores lutando, 43.
 Dois Genios (Os), 98.
 Duas cabras, 200.
 Duas crianças, 46.
 Duas sereias, 118.
 Durero (Retrato de Alberto), 259.
 Enterro de Jesus Christo (O). — Grav. pelo Anonymo XV. — BB. — RR., 202.
 Enterro de Jesus Christo (O). — Xylogr. por Lucas Cranach Senior, 95.
 Entrada triumphante de Alexandre em Babilonia. — BB., 252.
 Esclavonia (A). — B., 185.
 Escravidão (A), 20.
 Evreux (Retrato de Luiz de La Tour d'Auvergne, Conde d'), 127.
 Explicação de doutrina (?). — R., 168.

- Familia de Dario aos pés de Alexandre (A), dita *A Tenda de Dario*. — BB., 258.
- Festejadores da boda (*Os grandes*). — B. — R., 113-115.
- Festejadores da boda (*Os pequenos*). — B. — R., 108-112.
- Feuquières (Retrato de Catharina Mignard, Condessa de), 280.
- Frederico III, o Sabio, Eleitor de Saxonia (Retrato de), 59.
- Freund (Retrato de João Christovão), 129.
- Ganymedes raptado pela aguia de Jupiter, 17.
- Grande Sacra Familia do Louvre (A)*, ou *A Sacra Familia de Francisco I.* — BB., 257.
- Grande S. Miguel do Louvre (O)*, ou S. Miguel victorioso do demonio, 244.
- Grandes festejadores da boda (Os)*. — B. — R., 113-115.
- Guerreiro (O), 8.
- Hemicyclo do Palacio das Bellas-Artes de Paris (O). — BB., 292.
- Herodias. — B., 299.
- Heyn (Retrato de Pieter Pieterzen). — Grav. por Cornelio Kittensteyn, 163.
- Heyn (Retrato de Pieter Pieterzen). — Grav. por Hessel Gerritz. — RR., 153.
- Historia de Adão (A), 145.
- Historia de Loth (A). — B. — R., 105 e 106.
- Historia do filho prodigo (A). — R., 120.
- Homem das dôres (O), 91.
- Homem de Mello (Retrato do Barão), 311.
- Homem entre duas idades e suas duas amantes (O), 278
- Homero e a Musa da Poesia, 264.
- Howard, Conde de Arundel (Retrato de Thomaz). — Grav por Wenceslau Hollar, 125.
- Inverno (O). — Grav. por Perelle, 237.
- Jesus Christo cercado de crianças. — BB. — RR., 99.
- Jesus Christo crucificado, pranteado pelos anjos, dito *Jesus Christo dos anjos*, 282.
- Jesus Christo descendo ao limbo. — RR. — BB., 2.
- Jesus Christo, descido da cruz, pranteado pelas santas mulheres. — Xylogr. por Lucas Cranach Senior, 94.
- Jesus Christo dos anjos*, ou Jesus Christo crucificado, pranteado pelos anjos, 282.
- Jesus Christo na casa das irmãs Martha e Magdalena. — Grav. pelo Anonymo XII. — R., 179.
- Jesus Christo na casa das irmãs Martha e Magdalena. — Grav. por Saledero Senior (Raphael), 180.
- Jesus Christo na casa das irmãs Martha e Magdalena, estampa dita *A 2.ª cosinha de Bassano e dos Sadeleros*. — Grav. por João Sadelero Senior. — BB. — R., 175.
- Jesus Christo perante Caiphaz. — Xylogr. por Lucas Cranach Senior, 92.
- Jesus Christo ultrajado no pretorio. — BB. — RR., 134.
- Jogos de Amores, 16.
- Judith mettendo a cabeça de Holophernes em um sacco, 162.
- Juizo de Salomão (O). — BB. — R., 107.
- Julgamento de Páris (O). — Grav. por Marcos Antonio Raimondi. — BB., 6.
- Julgamento de Páris (O). — Grav. por Sadelero Senior (Raphael), 183.
- Julienne e Antonio Watteau (Retratos de João de), 268.

- Jupiter. — RR., 208.
 Laet (Retrato de João de), 159.
L'après dinée, 271.
 Largillière (Retrato de Nicolau de), 269.
 Laubrière, Bispo de Soissons (Retrato de Carlos Frederico Le Febvre de), 281.
 Le Bret (Retrato de Margarida Henriqueta de La Briffe, 4.^a mulher de Cardin Le Bret, por isso dita Madame), 283.
 Liberti (Retrato de Henrique), 195.
 Lição de anatomia (A). — B., 294.
 Lonck (Retrato de Henrique Cornelio). — BB. — RR., 154.
 Loth impedindo que os habitantes de Sodoma ultrajem seus hospedes, 106.
 Loth recebendo dois anjos em sua casa, 105.
 Loucura (A), 284.
 Lucrecia, 37.
 Luiz XIV a cavallo (Retrato de), dito *A These da Paz*. — BB., 261.
 Magdalena entregue aos prazeres mundanos (A), dita *A Dansa da Magdalena*. — BB. — RR., 135.
 Magdalena junto do Sepulchro com S. João e S. Pedro (A), 181.
 Magdalena penitente (A), 31.
 Marco Curcio, 102.
 Maria I, Rainha de Portugal (Retrato de Dona). — B. — R., 306.
 Marte. — RR., 209.
 Marte e Venus. — BB., 136.
 Matança dos Innocentes (A). — BB. — RR., 10.
 Mauricio de Saxonia (Retrato de), 128.
 Maximiliano Henrique, Arcebispo Eleitor de Colonia (Retrato de). — B., 199.
 Medicis (Retrato de João de). — B., 19.
 Menasse Ben Israel (Retrato de). — B. — R., 161.
 Mercado (O), 116.
 Mercurio e Jupiter na casa de Philemon e Baucis, 188.
 Mignard, Condessa de Feuquières (Retrato de Catharina), 280.
 Minerva mostrando o templo da gloria a um joven guerreiro, 213.
 Mireu (Retrato de Auberto), 194.
 Mirevelt, pintor (Retrato de Miguel), 149.
 Molé (Retrato do Conde). — B., 54.
 Moncada (Retrato de Francisco de), a cavallo, dito *O Cavalleiro de Raphael Morghen*. — BB. — R., 52.
 Montanha (A); paizagem. — B., 156.
 Morte da Virgem (A). — B. — RR., 55.
 Morte de João Vieira de Mattos; allegoria (A). — B. — RR., 301.
 Moysés e Aarão, 124.
 Mucio Scevola, 117.
 Mulher da harpa (A), 104.
 Murillo (Retrato de Bartholomeu), 298.
 Musicos (Os), 137.
 Nemours (Retrato da Duqueza de), 266.
 Neptuno e Coronis. — B. — RR., 300.
 Nieuhoff (Retrato de João), 166.
Noti me tangere, 148.
 Nossa Senhora das Dores e Resgate. — R., 304.
 Nossa Senhora das Dores e Santo Sepulchro, 309.

- Opulento guloso regalando-se á mesa e o mendigo Lazaro (O), dito *A 1.ª cosinha de Bassano e dos Sadeleiros*. — BB., 176.
- Outomno (O). — Grav. por Cornelio Schut Senior. — R., 192.
- Outomno (O). — Grav. por Perelle, 236.
- Paizagem, 286.
- Paixão (A pequena). — Xylogr. por Alberto Durero. — BB. — RR., 60-87.
- Paixão de Jesus Christo (A). — Grav. por Lucas de Hollanda. — BB. — RR., 134.
- Paixão de Jesus Christo (A). — Xylogr. por Lucas Cranach Senior, 92-95.
- Pan vencido pelo Amor, 23.
- Panorama do Rio de Janeiro. — R., 130.
- Páris enamorado de Enone. — BB., 101.
- Passagem do Granicho (A). — BB., 249.
- Passeio á galeria do *Palais Royal*, em Paris. — BB. — RR., 287.
- Pedro I (Retrato do Imperador Dom) — B., 288.
- Pequena Paixão (A). — Xylogr. por Alberto Durero. — BB. — RR., 60-87.
- Pequenos festejadores da boda (Os)*. — B. — R., 108-112.
- Peregrinos de Emaüs (Os), 32.
- Philosopho casado (O), 270.
- Piedade (A), dita *O Christo de Caprarola*. — Grav. por Annibal Carracci. — BB. — RR., 25.
- Piedade (A). — Grav. por Domingos Zenoi, 21.
- Pilar (Retrato de Dom Frei Bartholomeu do). — R., 310.
- Pilatos lavando as mãos. — Xylogr. por Lucas Cranach Senior, 93.
- Pio IX (Retrato do Papa). — BB., 296.
- Plutão e Proserpina, 146.
- Poesia (A), 13.
- Póro ferido, levado á presença de Alexandre. — BB., 251.
- Presepe de Carracci (O)*, ou A Adoração dos pastores. — BB. — RR., 24.
- Primavera (A). — Grav. por Cornelio Schut Senior. — R., 190.
- Primavera (A). — Grav. por Perelle, 234.
- Purgatorio (O). — B. — R., 48.
- Quatro cavalleiros montados em cavallos de diferentes côres (Os). — BB. — RR., 90.
- Quatro estações (As). — Grav. por Cornelio Schut Senior. — R., 190-192.
- Quatro estações (As). — Grav. por Perelle, 234-237.
- Quatro idades do homem (As). — R., 279.
- Recrutas indo reunir-se ao seu regimento (Os). — RR., 272.
- Regina Angelorum*. — R., 302.
- Rembrandt e sua mulher Saskia Uylenburg (Retratos de). — BB. — R., 160.
- Repouso na fuga para o Egypto (O). — Grav. por Levieux (Reinaldo). — BB. — RR., 253.
- Repouso no Egypto (O). — Grav. pelo Anonymo VII, 41.
- Repouso no Egypto (O) — Grav. por João Müller, 147.
- Retrato de um maneebo, 138.
- Rio Branco (Retrato do Visconde do), 312.
- Ruyter (Retrato do Vice-Almirante Miguel Adriano). — BB. — R., 165.
- Sacra Familia (A). — Grav. por Guido Reni, 27.
- Sacra Familia (A). — Grav. por Henrique Goltzio, 142.
- Sacra Familia (A). — Grav. pelo Mestre do Caduceu. — BB. — RR., 3.

- Sacra Familia (A). — Grav. por Simão Cantarini, 40.
 Sacra Familia (A). — Grav. por Simão Vouet, 214.
 Sacra Familia com S. João e S. Zacharias (A), 203.
Sacra Familia de Francisco I (A), ou *A grande Sacra Familia do Louvre*. — BB., 257.
 Sacra Familia (A), dita *A Virgem do sacco*. — Grav. por Morghen (Raphael). — BB. — R., 51.
 Sacra Familia e Santa Clara (A). — BB., 28.
 Sacra Familia (A), tambem dita *A grande Sacra Familia do Louvre ou de Francisco I*. — Grav. por Gerardo Edelinck. — BB., 257.
 S.¹ Brisson (Retrato de Pedro Seguier, Marquez de), 248.
 Santa Anna e S. Joaquim na porta aurea. — Grav. por Crispim van den Broeck, 171.
 Santa Barbara, 15.
 Santa Catharina, 196.
 Santa Cecilia cantando os louvores de Deus, 254.
 Santa Magdalena, 39.
 Santa veronica de Jesus Christo (A), 238.
 Santo Antão, o Eremita, 97.
 S. Jeronymo. — B. — R., 297.
 S. Jeronymo no deserto, lendo um livro, 139.
 S. João Baptista. — Grav. por Evert van der Maes, 164.
 S. João Baptista no deserto. — Grav. por Valentim Lefebre, 204.
 S. João baptizando Jesus Christo no Jordão, 172.
 S. Joaquim abraçando Santa Anna na porta aurea. — BB. — RR., 88.
 S. José. — B. — R., 303.
 S. José e a Virgem Santissima preparando-se para fugirem para o Egypto, 189.
 S. Lucas pintando o retrato da Virgem Santissima, 158.
 S. Miguel victorioso do demonio, dito *O grande S. Miguel do Louvre*, 244.
 S. Paulo, o Eremita, 4.
 S. Pedro e S. João curando um paralytico sob o portico do templo. — BB. — RR., 169.
 S. Pedro libertado da prisão, 245.
 S. Philippe Nery, 187.
 S. Roque distribuindo esmola aos pobres, 29.
 Sapateiro remendão (O), 133.
 Saturno. — RR., 207.
 Scipião ferido na batalha do Tessino, 14.
 Seguier, Marquez de S.¹ Brisson (Retrato de Pedro), 248.
 Sevigné (Retrato de Madame de). — BB., 295.
 Silva Coutinho (Retrato de Dom José Cactano da), 314.
 Soldado e sua familia (O), 96.
 Souza Coutinho, Visconde de Balsemão (Retrato de Luiz Pinto de). — R., 305.
 Suzanna accommettida por dois velhos ao sahir do banho. — B. — R., 197.
 Tarquinio, 103.
Tenda de Dario (A), ou *A Familia de Dario aos pés de Alexandre*. — BB., 258.
 Tamar, 141.
These da Paz (A), ou Retrato de Luiz XIV a cavallo. — BB., 261.
 Ticiano e sua amante. — BB. — RR., 193.
 Ticiano Vecelli (Retrato de), 260.

- Tour d'Auvergne, Conde d'Evreux (Retrato de Luiz de la), 127.
 Transfiguração (A). — B., 290.
 Tres cães de caça, 201.
 Tribunal (O). — B., 206.
 Triumpho da musica (O), 119.
 Triumpho de Galathéa (O). — RR., 1.
 Tumulo do Conde Francisco Algarotti no Campo Santo de Pisa (O).
 — B., 49.
 Um Amor tocando cravo, 9.
 Um arlequim, 123.
 Um rapaz tirando passarinhos de um ninho. — R., 150.
 Uma dama, 121.
 Uma mulher, de perfil para a direita, sentada em um escabello, de
 pernas cruzadas e com os braços envoltos em um manto, 35.
 Uma mulher, de perfil para a esquerda, esforçando-se por conter um
 boi preso por uma corda, 36.
 Uylenburg e seu marido Rembrandt (Retratos de Saskia). — BB. —
 R., 160.
 Velha com pretenção á mocidade provoca o riso da moça (A). —
 RR., 170.
 Venus. — RR., 210.
 Venus ferida por um espinho de roseira. — BB., 11.
 Verão (O). — Grav. por Cornelio Schut Senior. — R., 191.
 Verão (O). — Grav. por Perelle, 235.
 Verien (Retrato de Nicolau), 262.
 Vespucio (Retrato de Americo). — R., 140.
 Vida da Virgem (A), 88 e 89.
 Virgem com o Menino Jesus, sentada em um throno e coroada por
 anjos (A). — B., 144.
 Virgem da legenda (A). — BB., 45.
Virgem do sacco (A), ou a Sacra Familia. — Grav. por Morghen
 (Raphael). — BB. — R., 51.
 Virgem e o Menino Jesus, com S. João, Santa Isabel e S. Zacha-
 rias (A), 184.
 Virgem, o Menino Jesus e um anjo (A), 177.
 Virgem Santissima com o Menino Jesus (A). — Grav. pelo Ano-
 nymo V, 30.
 Virgem Santissima com o Menino Jesus (A). — Grav. pelo Ano-
 nymo VIII, 42.
 Virgem Santissima com o Menino Jesus (A). — Grav. por Bartho-
 lomeu Coriolano, 33.
 Virgem Santissima com o Menino Jesus em pé sobre uma mesa (A).
 — B. — R., 308.
 Virgem Santissima contemplando o Menino Jesus que dorme (A), 241.
 Virgem Santissima dos anjos (A), 22.
 Virgem Santissima e o Menino Jesus (A). — Grav. por Alberto Du-
 rero. — B. — R., 57.
 Virgem Santissima e o Menino Jesus (A). — Grav. por Claudio
 Mellan, 239.
 Virgem Santissima e o Menino Jesus (A). — Grav. por Nicolau Hen-
 rique Tardieu, 267.
 Virgem Santissima e o Menino Jesus (A). — Grav. por Pedro Daret, 242.
 Virgem Santissima e o Menino Jesus (A). — Grav. por Pedro Daret, 243.
 Virgem Santissima e o Menino Jesus com uma maçã na mão (A), 182.

- Virgem Santissima e o Menino Jesus, em um nicho (A), 198.
Virgem Santissima, o Menino Jesus e S. João com um cartaz na
mão (A), 157.
Virgem Santissima sentada em um throno (A), 5.
Virgem Santissima voltando do Egypto para a Judéa (A). — Grav.
por Francisco Brizio, 26.
Vista de um porto de mar, nas costas de Roma, 247.
Vista do Louvre, 233.
Voerst (Retrato de Roberto van), 152.
Watteau e João de Julienne (Retratos de Antonio), 268.
Weerdenburg (Retrato de Theodoro de). — BB. — RR., 155.
-

INDICE DAS MATERIAS

	<i>Paginas</i>
INTRODUÇÃO.....	555
ESBOÇO HISTORICO.....	559
BIBLIOGRAPHIA.....	591
CATALOGO.....	603
I. Nigellos.....	605
II. Gravuras.....	609
Escola italiana.....	611
» allemã.....	664
» hollandeza.....	710
» flamenga.....	742
» ingleza.....	775
» franceza.....	779
» hespanhola.....	868
» portugueza.....	872
» americana.....	887
III. Desenhos.....	889
Escola brazileira.....	891
IV. Taboa dos monogrammas, etc.....	901
INDICES :	
Indice dos artistas cujas obras são descriptas neste Catalogo	915
Indice das estampas.....	919
Indice das materias.....	927

NUMISMATICA

ESBOÇO HISTORICO

Ninguém duvidará por certo da utilidade da numismática como poderoso auxiliar dos estudos históricos.

Em um punhado de moedas, em algumas medalhas, estuda-se muitas vezes um periodo interessante da historia, a vida de uma geração que floresceu e passou. Quantas datas duvidosas, graças a esses incontestaveis testemunhos, não foram precisamente conhecidas? Quantos erros se não corrigiram? Quanta luz nos seus symbolos, nas suas legendas? Assim como a historia transmite ás idades futuras os feitos d'aquelles que se tornaram illustres por armas, virtudes, sciencias, lettras ou artes, a numismática envia ás mesmas éras os traços physionomicos d'essas fronteas privilegiadas. Irmãs, companheiras inseparaveis, collaboram juntas na nobre missão de levar á posteridade os feitos e o perfil d'esses heroes! A numismática é pois o complemento indispensavel de uma grande bibliotheca. Entretanto, a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, tão opulenta, tão apreciada por quantos sabios nacionaes e estrangeiros a têm visitado, tão liberal para com os homens estudiosos que a procuram, não possuia o mais insignificante mealheiro, nenhuma só moeda, nenhuma só medalha!

Foi durante a administração do illustrado Sñr. Dr. Ramiz Galvão que se deu o primeiro

passo no sentido de dotar a Bibliotheca com uma collecção numismatica.

Em 1881 dizia o Sñr. Dr. Ramiz Galvão em relatorio dirigido ao Ex.^{mo} Sñr. Barão Homem de Mello, Ministro do Imperio :

« Propositalmente deixei para capitulo distincto a noticia d'esta creação. A Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, ex.^{mo} sñr., não possuia moedas nem medalhas por um vicio de organização que é facil de explicar ; quando creada, pensou-se que esses trabalhos eram antes objecto de curiosidade, e por isso os deixaram fazendo parte do Museu Nacional. Alli se-acha ainda hoje uma bella collecção, que o zeloso e intelligente sñr. dr. Ladisláu Netto tem conseguido augmentar. É todavia incontestavel que moedas e medalhas são antes de tudo documentos subsidiarios da historia, e que por consequencia o seu lugar proprio não é ao lado das collecções de historia natural, que por si sós dariam assumpto sobejo para a actividade dos illustres trabalhadores do Museu ; o lugar da numismatica é ao lado da historia, e o da historia é na Bibliotheca Nacional. Pensando assim todas as grandes bibliothecas da Europa têm a sua secção numismatica ; onde semelhantes objectos se não encontram é no Jardim das Plantas de Paris nem no de Kew em Londres, porque fôra uma incongruencia têl-os alli.

« Mas o que é certo é que no Brazil não se procedeu egualmente, e por isso ficámos privados até agora de uma curiosa e importante especialidade que nos-competia. Por minha parte, não quiz dar o alarma, visto acharmo-nos por emquanto assoberbados de trabalho com o arranjo e a nova classificação das especies litterarias propriamente dictas, e principalmente por que nada possuimos que pudesse servir de base a uma collecção.

Tres brasileiros porém tomaram a si a iniciativa. Em Setembro proximo passado o sñr. dr. J. A. Teixeira de Mello, digno chefe da secção de mss. da Bibliotheca, offerecendo-nos 406 moedas e 3 medalhas; poucos dias depois o sñr. Francisco Ferreira Soares, nos-trazia 364 moedas de prata e cobre (das quaes 284 brasileiras); a estes se seguiu v. ex.^a, que com louvavel empenho, ao saber do que occorria, depositou em minhas mãos 114 moedas e 10 medalhas, que enriqueciam o seu opulento gabinete historico. Não parou entretanto aqui a obra dos tres benemeritos. O sñr. F. Ferreira Soares era um collector intelligente e dedicado; ao vêr que acolhiamos com grande interesse a dadiva que nos-fizêra, impellido por um movimento patriotico, digno de todo o louvor, resolveu entregar á Bibliotheca o fructo de seu trabalho de muito tempo, e veio trazer-nos em seguida mais 1,242 moedas. Estava inaugurada *ipso facto* a collecção numismatica; tinhamos para começar 2,126 moedas e 13 medalhas, comprehendendo ahi quasi toda a collecção brasileira de cobre que nos-vinha do mealheiro Soares.

« De Outubro a Dezembro fizemos mais aquisição de 382 moedas e 131 medalhas, a saber:

- 113 medalhas offerecidas pela Casa da Moeda do Rio de Janeiro, cujo illustre director foi promptissimo em acudir ao meu pedido;
- 54 moedas (algumas d'ellas preciosas) e 1 medalha, offerta do sñr. capitão-tenente Frederico Guilherme de Lorena;
- 6 moedas, offerecidas pelo sñr. Pedro Paulino da Fonseca;
- 2 medalhas — pelo sñr. dr. João Severiano da Fonseca;
- 3 medalhas — pelo sñr. Costa Miranda;

- 1 medalha, — pelo sñr. J. J. Moraes Tavares;
 13 moedas, — pelo sñr. C. A. de Lima Cirne;
 11 moedas, e 4 medalhas, — pelo sñr. E. A. da Costa Passos;
 1 barrinha de ouro, toque 23 e peso 1-5-24, cunhada em Sabará em 1814, gentil obsequio do sñr. dr. Henrique Cesidio Samico;
 65 moedas e 1 medalha, que tive a honra de oferecer;
 157 moedas permutadas por livros duplicados da Bibliotheca, com o sñr. dr. H. A. de Carvalho; e finalmente
 75 moedas de prata e 6 medalhas compradas a um particular.

« Reunidas estas acquisições ao que haviam offerecido os 3 fundadores da collecção, resulta que ao findar o anno de 1880, e apenas 4 mezes depois de inaugurado o mealheiro, possuíamos 2,508 moedas e 144 medalhas.

« É força confessar, ex.^{mo} sñr., que estes exemplos animadores enchem de esperança o coração de quantos se interessam pelo destino d'esta grande instituição.

« A numismática brasileira, que é a que por emquanto mais nos-importa, nunca foi cabalmente tractada, pois que se-resentem de muita deficiencia os trabalhos dos sñrs. Lopes Fernandes e Teixeira d'Aragão, unicos que até hoje se-occuparam com mais cuidado d'este assumpto.

« É meu intuito agora reunir na Bibliotheca a maior somma de materiaes que me-fôr dado colligir, e pôr mãos a esta obra que não será dos menores serviços prestados pela Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. A v. ex. cabe hoje, mais que a qualquer outro, a obrigação moral de

desenvolver e avigorar esta criação, que também é sua; creio que o primeiro expediente a tomar-se para esse fim seria sollicitar do Ministerio d'Agricultura a remoção do bello mealheiro do Museu Nacional, visto que não tem explicação plausivel a annexação dos estudos de numismatica aos d'aquelle estabelecimento, ao qual sobra trabalho na proporção em que lhe-escasseam os recursos e o espaço.

« Parece obvio que a bella collecção numismatica do Museu deve vir para a Bibliotheca Nacional; é mais facil completar uma collecção do que duas, nem vejo razão para que o Estado se -obrigue a duplicar despezas mantendo e enriquecendo dous mealheiros na mesma capital, pelo simples motivo de conservar um *statu quo*, que foi filho da inadvertencia de nossos antecessores.

« Dir-se-ha que a fundirem-se as duas collecções, deve desaparecer a mais moderna em proveito da outra?

« Não colhe o argumento. Nestes assumptos a antiguidade pouco val; mede-se a utilidade de uma idéa pelo que ella tem de proficuo e racional, não pelos annos que conta. Ora a razão manda separar moedas e medalhas de objectos de historia natural; a utilidade manda collocar os documentos historicos juncto a seus congeneres; a economia exige que se não mantenham duas collecções identicas á custa do Estado sem maior beneficio do publico.

« Tenho pois por inconcussa, ex.^{mo} sñr., a conveniencia da medida que tomo a liberdade de propôr a v. ex. e acrédito que ella não deverá de modo algum magoar nem de leve á esclarecida direcção do Museu Nacional, cujas luzes e cujo zelo pelo serviço publico sou o primeiro a reconhecer ».

Pelo relatorio que acabamos de transcrever vê-se como teve principio o nosso mealheiro e qual o seu estado ao terminar o anno de 1880; vejamos agora qual tem sido o seu desenvolvimento desde essa epoca até o momento em que escrevemos.

Em 1881 adquirimos 583 moedas e 171 medalhas, que nos foram generosamente offerecidas pelos Sñrs.:

A. P. de Araujo Bessa
 Dr. G. M. de Villanova Machado
 L. J. Ribeiro
 H. A. de Lemos
 Miguel Tejera
 Cap. de Fragata L. F. de Saldanha da Gama
 J. Garcez Palha
 F. M. Cordeiro
 Dr. Ferreira de Araujo
 Bernabé A. Dias
 F. F. Soares
 J. J. de Lima e Cirne
 Costa Miranda
 J. S. Soares
 Victor Delamare
 Francisco R. Paz
 J. R. Dunlop
 M. Pereira da Silva
 Lepelle França
 Octaviano Hudson
 João Matta
 Dr. F. Augusto de Miranda
 Commendador Pedro de Andrade.

Em 1882, assumindo a direcção da Bibliotheca o Sñr. Dr. João de Saldanha da Gama por haver pedido exoneração o Sñr. Dr. Ramiz Galvão, continuou o novo Bibliothecario a envidar esforços

para enriquecer o nascente mealheiro tão lisongeiramente encetado pelo seu digno antecessor. Neste anno recebemos 366 moedas e 153 medalhas offerecidas pelos Sñrs.:

Luiz Rodrigues da Costa Junior
 Commendador Coruja Junior
 J. R. Dunlop
 Mendes Antas
 Chefe de Divisão Soido
 Conde de Iguassú
 D. Francisco B. da Silveira
 Alfredo Dias
 Sousa Diniz
 J. G. Valle Brandão
 Militão Maximo de Sousa
 Miguel Archanjo Galvão
 J. J. da Graça
 M. A. Peixoto
 Dr. Assis Bueno
 M. C. da Rocha
 J. F. de Andrade Leite
 M. J. Valentim
 Dr. Carlos Escobar
 Costa Miranda.

Entraram mais 256 moedas e medalhas compradas ao Sñr. Commendador Pedro de Andrade.

Em 1883 obtivemos 185 moedas e 8 medalhas offerecidas pelos Sñrs.:

Dr. Ferreira de Araujo
 J. J. P. de Oliva
 Dr. J. Z. de Menezes Brum
 J. R. Dunlop
 Carlos F. Portella
 J. F. de Andrade
 Modesto Omiste

Dr. Ramiz Galvão
 Siqueira Torres
 Dr. Mello Oliveira
 Bernardo A. Pinheiro
 M. J. Valentim.

E mais 1,872 moedas e medalhas compradas
 ao Sñr. Commendador Pedro de Andrade e
 23 moedas compradas ao Sñr. Alfredo Dias
 Carneiro.

Em 1884 vieram enriquecer o nosso gabinete
 38 moedas e 14 medalhas offertadas pelos Sñrs.:

Principe D. Pedro Augusto
 M. J. Valentim
 Dr. Mello Oliveira
 Viriato da Silva Guimarães
 Jayme A. O. Reis
 Carlos von Koseritz
 A. A. Gomes Barroso

Tal é o estado actual do nosso mealheiro, de
 cuja importancia pôde fazer-se alguma idéa pelo
 pequeno numero de exemplares expostos. Si a
 subsecção de numismatica da Bibliotheca Nacional
 não está ainda na altura de ser considerada como
 um repositório de primeira ordem, comtudo forçoso
 é confessar que muito se tem feito, attendendo á
 sua recente creação e aos modestos recursos de
 que dispomos para novas e sempre custosas
 acquisições. Nutrimos porém fundadas esperanças
 de ver em breve consideravelmente augmentada a
 nossa collecção, quando se lhe annexarem as riquezas
 numismaticas, hoje existentes no Museu Nacional.

O illustrado Director d'esse Estabelecimento,
 sendo o primeiro a reconhecer a conveniencia
 d'esta junção, só espera para realizal-a a venia
 dos poderes competentes. Oxalá, vejamos em

breve posta em pratica esta utilissima medida, não só em proveito das duas Repartições, como d'aquelles que estudam e de todos quantos se interessam pelo engrandecimento da patria.

Bibliotheca Nacional, 2 de Outubro de 1885.

ANTONIO JOSÉ FERNANDES DE OLIVEIRA.



CATALOGO

MEDALHAS BRAZILEIRAS

D. JOÃO VI

N.º 1. — Medalha concedida pelo Príncipe Regente D. João aos pacificadores de Montevideo em 1813.

À margem de um rio, uma oliveira, com a corôa real, enlaçada por um Dragão, (timbre da Casa de Bragança). Por baixo do rio a palavra: — URUGAYA —. Chumbo.

Exemplar *fac-simile*, fundido sobre a medalha original que se acha no Museu Nacional e é muito rara. 30^{mm}.

O Sr. Tenente-General H. de Beaurepaire Rohan offereceu á Bibliotheca Nacional copia do Decreto que concedeu a medalha, extrahida do original que se conserva no archivo do Supremo Conselho Militar de Justiça.

Eis os termos do Decreto:

« Querendo Eu dar, pelo meio o mais demonstrativo, e evidente á todos os Officiaes Generaes, Coroneis, e mais Officiaes, Officiaes Inferiores, Cadetes, Soldados, e mais Empregados Civis do Meu Exercito Pacificador, que passou a Campanha de Montevideo manifestas provas da Minha Real Satisfação, pelo valor, soffrimento, e distincção com que procederão: Sou Servido Ordenar, que todos os Officiaes Generaes, que passarão á Sobredita Expedição tragão por distinctivo sobre o braço direito huma Medalha Elliptica dourada, que represente huma Oliveira á margem do Uruguay, com corôa Real, enlaçada por hum Dragão, Timbre da Casa de Bragança, conforme o desenho, que baixou com este; e que os mais Officiaes, Cadetes, e Empregados Civis, a tragão de prata, e os Officiaes Inferiores, e Soldados, de estanho, sendo-lhes estas ultimas distribuidas á custa da Minha Real Fazenda.

« Outro sim Sou Servido Ordenar, que todos os individuos, feridos na mesma Campanha, tenham, por maior distincção, na Medalha, hum furamen no tronco da Oliveira, indicando huma cicatriz. E Prohibo, sob as penas estabelecidas para os que uzão de Titulos, e Insignias, que lhes não competem, tragão a sobredita Medalha, sem que tenham servido na dita Campanha, e se achê para isso previamente habilitados pelo General

em Chefe do referido Exercito. O Conselho Supremo Militar o tenha assim entendido, e faça executar. Palacio do Rio de Janeiro em vinte de Janeiro de mil oitocentos e treze. (Com a rubrica do Principe Regente D. João.) »

E' a esta medalha que se refere Lopes Fernandes, á pag. 89 da sua *Memoria das medalhas e condecorações portuguezas... Lisboa, 1861, in-4.º*, lamentando não conhecer nem a simples data do decreto que a concedeu. O mesmo autor acrescenta:

— « O Sñr. D. Pedro I, como Imperador do Brazil, a alterou, formando uma ordem com a mesma insignia, collocada no centro de uma cruz, e pendente ao peito com fita amarella. »

Isto é confirmado pelas seguintes palavras do Sñr. A. A. Pereira Coruja, em carta dirigida á Bibliotheca Nacional, em 11 de Agosto de 1884, referindo-se á noticia que dá o *Jornal do Commercio* da aquisição da nossa medalha:

— « A medalha do braço foi mais tarde mudada para o peito por um decreto, que me lembro de ter lido, mas cuja data não posso precisar; parece que foi em um decreto que creou outra Medalha e que em um dos artigos tratava d'essa mudança. »

A que traziam ao peito é provavelmente a medalha concedida por D. Pedro I em 31 de Janeiro de 1823.

Offerecida pelo Sñr. Dr. Ladislau Netto.

N.º 2. — Medalha offerecida pela Camara Municipal do Rio de Janeiro a El-Rei D. João VI, commemorando a sua acclamação na mesma cidade.

JOANNES. VI. D. G. U. R. PORT. BRAS. ET. ALG. REX. Busto do Rei, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — Z. FERREZ. 1820. — Rg. Um templo de quatro columnas; no centro, o busto do soberano reinante com a figura da Abundancia á esquerda. Aos lados da escadaria, duas pilastras com anjos. No exergo: JOANNI. SEXTO. SENATUS. / FLUMINENSIS. SEXTO. / FEBR. ANNI. DOM. / 1818. / — R. 50^{mm}.

N.º 16505 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. No mesmo catalogo, figura outro exemplar de cobre, sob o n.º 16506, e o Gabinete de Numismatica da Bibliotheca Nacional possui ainda outro exemplar de cobre prateado.

O *fac-simile* d'esta medalha ocorre na obra do Sñr. Lopes

Fernandes, *Memoria das medalhas e condecorações portuguezas e das estrangeiras com relação a Portugal*, Lisboa, 1861, in-4.º, sob o n.º 90.

Eis o que nos diz o mesmo autor sobre ella :

« O Senado da camara do Rio de Janeiro de que era presidente o Sñr. Desembargador Antonio Lopes de Calheiros e Menezes, querendo commemorar o dia 6 de Fevereiro de 1818, em que o Senhor D. João VI foi acclamado Rei do reino unido de Portugal, Brasil, e Algarves, mandou, em 1820, cunhar umas medalhas de ouro para as Pessoas Reaes, e outras de prata, e de cobre, para dar a varias pessoas de distincção. »

« Esta medalha serviu depois de molde para fundir duas medalhas, nos annos de 1820, e 1821, no Arsenal Real do Exercito do Brasil, para conhecer a qualidade do bronze, tendo no anverso o busto de El-Rei e as mesmas legendas, e no reverso foram polidas, e lhe gravaram as seguintes inscrições :

ARSENAL REAL DO EXERCITO DO BRASIL.

No campo da medalha :

1.^a

FUNDIÇÃO
D'ARTILHERIA EM
6 DE DEZEMBRO
DE 1820.

ARSENAL REAL DO EXERCITO DO BRASIL.

No campo da medalha :

2.^a

FUNDIÇÃO
D'ARTILHERIA EM
26 DE MAIO
DE 1821.

« Existem na collecção da Academia Real das Sciencias de Lisboa. »

D. PEDRO I

N.º 3. — Medalha cunhada em honra de José Bonifacio de Andrada e Silva.

JOZE BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA. Busto do patriarcha da independencia, á esquerda, vestido, tendo por

baixo o nome do gravador: — Z. FERREZ — R_s. NASCEO EM SANTOS A 13 DE JUNHO 1763 FALLECEO NO RIO DE JANEIRO A 6 DE ABRIL 1838. Entre dois ramos, um de fumo e outro de café: INDEPENDENCIA / DO / BRAZIL / 7 DE SEPTEMBRO / DE 1822 /. Por cima, uma estrella. — Æ dourada. 46.^{mm}.

N.º 16510 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. No mesmo catalogo, sob o n.º 16508, figura um exemplar de prata, e, sob o n.º 16509, outro de cobre.

O mealheiro da Bibliotheca possui ainda outra medalha cunhada em honra do mesmo estadista. Eis a sua descripção:

— JOZE BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA. Busto do patriarcha, á esquerda, vestido, sem o nome do gravador. — R_s. 7 / DE / SETEMBRO / DE / 1822. / — Æ. 20 $\frac{1}{2}$ ^{mm}.

D. PEDRO II

N.º 4. — Republica Rio-Grandense.

REPUBLICA RIO-GRANDENSSE (*sic*). No campo, entre raios, um barrete phrygio, suspenso por uma adaga nua, que duas mãos unidas seguram; aos lados: 20. / 7^{mo} /. No exergo, entre duas pequenas rosetas: 1835. — R_s. Igual ao anverso. — Æ. 38^{mm}.

N.º 16514 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. A medalha tem 38 millímetros de diametro, e não 63^{mm} como se declara naquelle catalogo.

N.º 5. — Fundação do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

AUSPICE PETRO SECUNDO. A *Historia*, com corôa mural, tendo em terra o joelho direito e segurando com a mão esquerda uma pedra tosca, escreve nella a data: 21. Por baixo: — Z. FERREZ (nome do gravador). No exergo: PACIFICA SCIENTIÆ / OCCUPATIO /. — R_s. INSTITUTUM / HISTORICO GEOGRAPHICUM / IN URBE FLUMINENSE / CONDITUM / DIE XXI OCTOBRIS. / A. D. MDCCCXXXVIII. / — Æ. 50 $\frac{1}{2}$ ^{mm}.

N.º 16519 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Na mesma exposição figurou um exemplar de prata, sob o n.º 16518.

N.º 6. — Desembarque do Príncipe de Joinville no Rio de Janeiro.

À direita o Brazil, representado por um cacique, em acção de receber o Príncipe de Joinville, que acaba de desembarcar. No segundo plano, á esquerda, vêem-se os mastros e o velame de um navio de alto bordo. No fundo, a bahia do Rio de Janeiro com o Pão de Assucar. No exergo: C. C. DE AZEVEDO / INV. E GRAV. / — Rs. O PRINCIPE / DE JOINVILLE / DESEMBARCANDO / NO / RIO DE JANEIRO / 18 $\frac{5}{1}$ 38 /. — Æ. 37^{mm}.

O Gabinete de Numismatica da Bibliotheca Nacional possui outro exemplar em cobre, que figurou na Exposição de Hist. do Brazil sob o n.º 16520.

N.º 7. — Chegada do Príncipe Eugenio de Saboia Carignano ao Rio de Janeiro.

PRINCIPE EUGENIO DE — SABOIA CARIGNANO. Busto do Príncipe, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — MONTEIRO F. — Rs. APORTOU / AO / RIO / DE JANEIRO / EM / 18 $\frac{28}{4}$ 39 /. — Æ. 38^{mm}.

N.º 16525 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Na mesma exposição, sob o n.º 16524, figurou um exemplar de prata, e o Gabinete da Bibliotheca Nacional possui ainda outro de ferro.

N.º 8. — Lançamento da pedra fundamental do novo Hospital da Santa Casa da Misericordia no Rio de Janeiro.

D. PEDRO II IMP. CONST. E DEF. PERP. DO BRAS. Busto do Imperador, fardado, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — AZEVEDO G. — Rs. A fachada do centro e partes lateraes por terminar do novo Hospital da Santa Casa da Misericordia; por baixo: LANÇOU

A PEDRA FUNDAMENTAL / DO NOVO HOSPITAL
DA SANTA / CASA DA MISERICORDIA / 18 $\frac{2}{7}$ 40 /
— Æ. 51^{mm}.

N.º 16527 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Na mesma exposição figurou um exemplar de prata, sob o n.º 16526.

O Gabinete da Bibliotheca ainda possui outro em cobre, cunhado em Paris á vista de um exemplar primitivo, que para lá se remettêra. Este ultimo (n.º 16528 do referido catalogo), differe do exemplar exposto em não ter o nome do gravador por baixo do busto; além d'isso, tem menos espessura, modulo menor, e traz na borda, que é lisa: + CUIVRE.

N.º 9. — Sagração e coroação de S. M. o Senhor D. Pedro II.

PETRUS II BRAS. IMP. Busto do Imperador com manto, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — AZEVEDO G. — R_s. ORDO ET FELICITAS. O Imperador, de manto e sceptro, sentado á direita, e o Brazil, á esquerda, representado por um cacique, em attitude de collocar-lhe a corôa na cabeça, pisa com o pé direito um dragão. No exergo: 18 $\frac{18}{7}$ 41. — Æ. 59 $\frac{1}{2}$ ^{mm}.

N.º 16533 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. O Gabinete da Bibliotheca possui ainda um exemplar de cobre com 60^{mm} de diametro, e outro de ferro com 58^{mm}. Estes ultimos tambem figuraram naquella exposição, sob os n.ºs 16534 e 16535.

N.º 10. — Assignatura do contracto de casamento de S. M. o Imperador o Senhor D. Pedro II com a Princeza das Duas Sicilias a Senhora D. Thereza Christina Maria, em Vienna d'Austria.

20-DE MAIO / DE 1842 /. No centro, a mão do Imperador, com canhão bordado, aberta a da Imperatriz, com bracelete e annel. — R_s. Escudos das armas do Brazil e de Anjou unidas e dentro de um manto em fôrma de docel; por cima, a corôa imperial. — Æ. 38^{mm}.

N.º 16536 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

N.º 11. — Lançamento da pedra fundamental da Matriz de N. S. da Glória no Rio de Janeiro.

D. PEDRO II IMP. CONST. E DEF. PERP. DO BRAS. Busto do Imperador, fardado, á esquerda, dentro de uma corôa de louro; por cima, a corôa imperial. — Rs. Dentro de um circulo de raios e estrellas: LANÇOU A PEDRA / FUNDAMENTAL DA / MATRIZ / DE N. S. DA GLORIA / 18 $\frac{17}{7}$ 42 /. — Æ. 47^{mm}.

N.º 16538 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Na mesma exposição figurou ainda, sob o n.º 16537, um exemplar de prata pertencente ao Museu Nacional.

N.º 12. — Nupcias de S. M. o Imperador o Senhor D. Pedro II com S. M. a Imperatriz a Senhora D. Thereza Christina Maria, no Rio de Janeiro, a 4 de Setembro de 1843.

NUNQUAM CÆLO TERREQUE ACCEPTIOR. Figura do Hymeneo com os attributos. Por baixo: NUPTIA IMPERATORIA IN / URBE FLUMINENSE / MDCCCXLIII — Rs. Os escudos das armas do Brazil e das Duas Sicilias unidos e dentro de um docel; por cima, a corôa imperial. — Æ. 55^{mm}.

N.º 16544 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

N.º 13. — Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Premio Imperial de 1847.

D. PEDRO II IMP. CONST. E DEF. PERP. DO BRAS. Busto do Imperador, fardado, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — AZEVEDO G. — Rs. INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO. No centro: PREMIO / IMPERIAL / 1847. / — Æ. 51^{mm}.

N.º 16545 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

N.º 14. — Nascimento e morte do Príncipe Imperial D. Affonso, filho de S. M. o Imperador o Senhor D. Pedro II.

D. AFFONSO PRINCIPE IMP. Busto do Príncipe, á direita, tendo por baixo as iniciaes do gravador: E. S. S. G. — Rs. Á esquerda, atravessado: NASCEO A 23 DE FEVEREIRO / DE 1845. / Á direita, idem: FALLECEO A 11 DE JUNHO / DE 1847. / No centro, um catafalco singelo, tendo por cima uma almofada e sobre esta uma corôa de Príncipe. Por baixo: 1848. — Æ. 46^{mm}.

N.º 16546 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

Esta medalha já é hoje de difficil aquisição em razão de se terem partido os cunhos.

N.º 15. — Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Sessão de 15 de Dezembro de 1849.

D. PEDRO II IMP. CONST. E DEF. PERP. DO BRAS. Busto do Imperador, com manto e laureado, á esquerda. — Rs. INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO. No centro: SESSÃO / DE 15 DE DEZEMBRO / DE 1849. / — Æ. 37^{mm}.

N.º 16547 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

N.º 16. — Combate do Tonelero na campanha naval do Rio da Prata.

D. PEDRO SEGUNDO IMPER. DO BRAZIL. Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo o nomê do gravador: — MONTEIRO G. — Rs. CAMPANHA NAVAL DO RIO DA PRATA E C. DO TONELERO * . Dentro de uma corôa, formada de dois ramos de louro: 17 / 1851 / 12 / — Æ. 60^{mm}.

N.º 16549 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

N.º 17. — Organização do Corpo Diplomático Brasileiro.

AO EX.^{ma} SR. SENADOR PAULINO JOSÉ SOARES DE SOUSA O MINISTRO QUE REFERENDOU A LEI DE 22 DE AGOSTO DE 1851. O CORPO DIPLOMATICO BRASILEIRO RECONHECIDO. Busto do ministro, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — AU-MOITTE. F. — R._s. LEI / DA ORGANISAÇÃO / DO / CORPO DIPLOMATICO / DE / XXII DE AGOSTO / DE / MDCCCLI /. — Æ. 60^{mm}.

N.º 16550 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

Esta medalha em bronze é rara, visto se terem cunhado poucos exemplares nesse metal.

N.º 18. — Batalha de Monte Caseros na Campanha do Uruguay e de Buenos-Aires.

D. PEDRO SEGUNDO IMPER. DO BRAZIL. Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — MONTEIRO G. — R._s. CAMPANHA DO URUGUAY E DE BUENOS AYRES. Dentro de uma corôa, formada de dois ramos de louro: TRES / DE / FEVEREIRO / DE / 1852 /. Por baixo: — C. DA M. (*Casa da Moeda*). — Æ. 60^{mm}.

N.º 16552 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. O anverso é o mesmo da de n.º 16 d'este catalogo.

O Gabinete da Bibliotheca possui ainda outra medalha de cobre, de 30^{mm}. de diametro, commemorando o mesmo facto. Esta, que tambem figurou naquella exposição, sob o n.º 16553, tem o mesmo anverso da exposta, sem o nome do gravador. No reverso occorre a mesma legenda, e dentro de uma corôa singela de louro vem a data: 3 / 1852 / 2. Não traz as iniciaes C. DA M., que se lêem na outra.

N.º 19. — Campanha do Uruguay.

D. PEDRO SEGUNDO IMPER. DO BRAZIL. Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — MONTEIRO G. — R._s. CAMPANHA DO URUGUAY. Dentro de uma corôa, formada de varas amarradas por duas fitas cruzadas terminando em laçada: 1852. Por baixo: C. DA M. (*Casa da Moeda*) — Æ. 60^{mm}.

N.º 16554 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. O anverso é o mesmo das de n.ºs 16 e 18 d'este catalogo.

O Gabinete da Bibliotheca possui ainda outra medalha de cobre, de 30^{mm}. de diametro, commemorando a mesma campanha. Esta, que tambem figurou naquella exposição, sob o n.º 16555, tem o mesmo anverso da exposta, sem o nome do gravador. O reverso é tambem o mesmo, com a differença de serem as varas da corôa amarradas por uma só fita, cujas pontas se não vêem, e de não trazer as iniciaes C. DA M.

N.º 20. — Lançamento da pedra fundamental da Pinacotheca da Imperial Academia de Bellas-Artes do Rio de Janeiro.

D. PEDRO SEGUNDO IMPER. DO BRAZIL. Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — MONTEIRO G. — R_s. 1854 / NO DIA 2 DE DEZEMBRO / LUIZ PEDREIRA DO COUTO FERRAZ / MINISTRO DO IMPERIO / LANÇOU A PEDRA FUNDAMENTAL / DA PINACOTHECA / IMPERIAL /. — Æ. 60^{mm}.

N.º 16559 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

O anverso é o mesmo das de n.ºs 16, 18 e 19 d'este catalogo.

N.º 21. — Fundação da Sociedade Estatística do Rio de Janeiro.

REINANDO / D. PEDRO II. / IMPERADOR DO BRAZIL / FOI FUNDADA A / SOCIEDADE STATISTICA / NA CIDADE DO / RIO DE JANEIRO / EM 22 DE MARÇO / 1855 /. — R_s. Em tres linhas circulares: TERRITORIO. STATISTICA. COLONISAÇÃO. ADMINISTRAÇÃO. FORÇA ARMADA. / JUSTIÇA POPULAÇÃO RENDAS NAVEGAÇÃO / INSTRUCCÃO AGRICULTURA INDUSTRIA COMMERCIO /. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro, e no zodiaco: — BRAZIL. — Æ. 61^{mm}.

N.º 16560 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

N.º 22. — Primeiro concerto de Sigismundo Thalberg no Rio de Janeiro.

ESTE CELEBRE ARTISTA DEO O SEO PRIMEIRO CONCERTO NO RIO DE JANEIRO A 25 DE JULHO. Busto de S. Thalberg, vestido, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — FARIA. No exergo: 1855. — R_s. AO / CAVALLEIRO S. THALBERG. / O. D. C. / OS PROFESSORES DE MUZICA / DO / RIO DE JANEIRO / A. D. MDCCLV. / — Æ. 60^{mm}.

N.º 16561 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

O Gabinete da Bibliotheca ainda possui outra medalha cunhada em honra do mesmo artista, e que figurou na mesma exposição sob o n.º 16562. Eis a descripção:

— O CAVALLEIRO S. THALBERG. Busto do pianista, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — LÜSTER F. — R_s. AO / ARTISTA / PELO / CONCERTO DADO EM BENEFICIO / DO / HOSPICIO DE SANTA THEREZA / EM 26 DE SEPTEMBRO / 1855 / RIO DE JANEIRO / — Æ. 60^{mm}.

N.º 23. — Visita imperial á Casa da Moeda em 3 de Dezembro de 1855.

D. PEDRO SEGUNDO IMPERADOR DO BRAZIL. Busto do Imperador, fardado, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — FARIA. No exergo, um pequeno dragão. — R_s. Á AUGUSTA VIZITA IMPERIAL Á CÁZA DA MOEDA. Uma machina de cunhar. No exergo: — TRABALHANDO PELA PRIMEIRA VEZ / A NOVA MAQUINA DE CUNHAR / A 3 DE DEZEMBRO DE / 1855. / — Æ. 58 ¹/₂^{mm}.

N.º 16565 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

N.º 24. — Visita das Princezas D. Isabel e D. Leopoldina á Casa da Moeda em 17 de Novembro de 1856.

* P. I. D. IZABEL * P. D. LEOPOLDINA * Bustos das Princezas sobrepostos á direita, tendo por baixo o nome do gravador: — LÜSTER F. — R_s. Dentro de dois ramos: SS.

AA. II. VIZITÃO / A / CAZA DA MOEDA / — * — / 17 DE NOV. / 1856 /. — *Æ.* 29^{mm}.

N.º 16570 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

O Gabinete da Bibliotheca possui ainda outro exemplar d'esta medalha, em cobre, o qual figurou naquella exposição, sob o n.º 16571.

N.º 25. — Inauguração da Sociedade Propagadora das Bellas-Artes.

Busto de Minerva, á esquerda, com capacete liso, dentro de uma larga corôa de folhas de louro ; por baixo : FARIA (nome do gravador) ; aos quatro lados, dividindo a corôa e dentro de círculos, os emblemas do desenho, musica, escultura, e pintura. — *R_s*. SOCIEDADE PROPAGADORA DAS BELLAS ARTES. No campo da medalha e dentro de uma corôa de folhas : INAUGURADA / NO / DIA 20 DE JANEIRO / DE / 1857 /. No exergo : RIO DE JANEIRO. — *Æ.* 46^{mm}.

N.º 16575 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* O Gabinete da Bibliotheca ainda possui outro exemplar em zinco, que figura no mesmo catalogo, sob o n.º 16576 ; este tem mais espessura que o exposto.

Ainda figuraram na mesma exposição varias medalhas da Sociedade Propagadora das Bellas-Artes ou do Imperial Lyceu de Artes e Officios por ella mantido, quasi todas pertencentes á Bibliotheca Nacional.

N.º 26. — Inauguração da Estrada de Ferro de D. Pedro II.

DOM PEDRO SEGUNDO IMPERADOR DO BRAZIL. Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador : — CHR. LÜSTER F. — *R_s*. ESTRADA DE FERRO DE D. PEDRO II * / INAUGURADA EM 29 DE MARÇO DE 1858. / No centro uma locomotiva ; no exergo : — GRAVADA E CUNHADA PELA / CAZA DA MOEDA. / 1858. / — *Æ.* 60 ¹/₂^{mm}.

Na Exposição de Historia do Brazil figurou um exemplar em cobre d'esta medalha, sob o n.º 16587, tambem pertencente ao mealheiro da Bibliotheca Nacional.

N.º 27. — Lançamento da pedra fundamental da Casa da Moeda.

✠. PETRVS. II. D. G. CONST. IMP. ET. PERPETVVS. BRASILLIAE. DEFENSOR. ✠ / Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — CHR. LÜSTER F. — Rs. / . AEQVA . LANCE . — . PROVIDET . ET . FIRMAT . / No centro : / . AEDEM . MONETARIAM . / . NVMMORVM . PVBLICI . VSVS . OFFICINAM . / . PETRVS . II . IMP . AVG . / . SEBASTIANOPOLI . / . AEDIFICARI . / . EJVSQVE . ANGLVAREM . PETRAM . / . DIE . FAVSTI . OMINIS . DECEMBRIS . II . / . ORTVS . SVI . EPONYMA . / . ANNO . AVTEM . M . DCCC . LVIII . / . REGNI . XXVIII . / . APPONI . JVBET . / Por cima, uma balança; por baixo, um tridente com duas serpentes enroscadas. — Æ. 60 $\frac{1}{2}$ mm.

N.º 16585 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

N.º 28. — Medalha oferecida a S. M. I. a Senhora D. Thereza Christina Maria pelo Recolhimento de S.^{ta} Thereza.

D. THEREZA CHRISTINA IMPERATRIZ DO BRAZIL. Busto da Imperatriz, com diadema, á direita, tendo por baixo o nome do gravador: — CHR. LÜSTER F. — Rs. A AUGUSTA / PROTECTORA / DA INFANCIA DESVALIDA. / — * — / A MEZA ADMINISTRATIVA / DO RECOLHIMENTO DE / S.^{ta} THEREZA. / — / 1858. / — Æ. 60 $\frac{1}{2}$ mm.

N.º 16586 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

N.º 29. — Medalha oferecida ao tenor Mirate.

D. THEREZA CHRISTINA IMPERATRIZ DO BRAZIL. Busto da Imperatriz, com diadema, á direita, tendo por baixo o nome do gravador: — CHR. LÜSTER F. — Rs. AO / TENOR MIRATE / OFFERECE / A IRMANDADE DE N. S. DA PIEDADE / A / EFFIGIE DE SUA AUGUSTA / PROTECTORA / 18 $\frac{12}{9}$ 59 / . — Æ. 60 $\frac{1}{2}$ mm.

N.º 16588 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

O anverso é o mesmo da precedente.

N.º 30. — Exposição Nacional de 1861 no Rio de Janeiro.

DOM PEDRO SEGUNDO IMPERADOR DO BRAZIL / PROTECTOR DAS ARTES / E DA INDUSTRIA /. Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — C. LÜSTER F. No exergo, um pequeno dragão. — Rs. No campo, o palacio da Exposição embandeirado (edificio da antiga Escola Central, hoje Polytechnica, no largo de S. Francisco de Paula), tendo por baixo, á direita, o nome do gravador: — LÜSTER F. Por cima: — EXPOSIÇÃO NACIONAL / DECRETO IMP. / DE 17 DE JULHO DE 1861 / Por baixo: — INAUGURADA / NO / RIO DE JANEIRO / A 2 DE DEZEMBRO DE 1861 /. — Æ. 51 $\frac{1}{2}$ mm.

N.º 16605 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

O mealheiro da Bibliotheca possui outro exemplar d'esta medalha no mesmo metal, e ainda dois exemplares em cobre do premio conferido na mesma exposição. Eis a descripção do premio :

— DOM PEDRO II IMPERADOR DO BRAZIL. Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo o nome do 1.º gravador: — C. LÜSTER F. — Rs. Dentro de uma corôa, formada de dois ramos de louro: PREMIO / CONFERIDO / NA / EXPOSIÇÃO / NACIONAL / DE / 1861 /. Por baixo, entre as pontas dos ramos, as iniciaes do 2.º gravador: E. R. S. — Æ. 37mm. (N.º 16606 do mesmo Cat.)

A Exposição Nacional de 1861 foi a primeira realisada no Brazil. Da segunda, que teve lugar em 1866, a Bibliotheca possui os premios de primeira, segunda e terceira classes, todos de cobre. Elles vem descriptos no Catalogo citado, sob os n.ºs 16639, 16640 e 16641.

N.º 31. — Exposição Mineira de 1861. Premio.

BENEMERENTIUM * PREMIUM * Corôa imperial dentro de um circulo raiado. — Rs. Dentro de uma corôa formada de dois ramos de louro: EXPOSIÇÃO / MINEIRA / DE 1861 / LEI N.º 1079 / OURO PRETO /. — Æ. 37mm.

N.º 16608 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

No mesmo catalogo, sob os n.ºs 16610, 16616, 16617, e 16618, figuram outras medalhas de diferentes exposições realisadas na provincia de Minas Geraes, todas ellas pertencentes ao mealheiro da Bibliotheca. São as seguintes :

a.) — BENEMERENTIUM * PREMIUM * . Corôa imperial dentro de raios. — R_s. Dentro de uma corôa formada de dois ramos de louro: EXPOSIÇÃO / MINEIRA / DE 1862 / LEI N.º 1079 / OURO PRETO /. — Æ. 37^{mm}.

Differe da exposta na data e em não ter o circulo limitando as extremidades dos raios.

b.) — DOM PEDRO SEGUNDO IMPERADOR DO BRAZIL / PROTECTOR / DA INDUSTRIA /. Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador:—LÜSTER F. No exergo, um pequeno dragão. — R_s. EXPOSIÇÃO MINEIRA DE 1863, LEI 1079. * OURO PRETO. * Dentro de uma corôa formada de dois ramos, um de louro e outro de carvalho: BENE- / MERENTIUM / PREMIUM /. — Æ. 37^{mm}.

c.) — O mesmo anverso da anterior. — R_s. 5.ª EXPOSIÇÃO MINEIRA. 1870. LEI 1079. * OURO PRETO * Dentro de uma corôa formada de dois ramos, um de louro e outro de carvalho: BENE- / MERENTIUM / PREMIUM /. — Æ. 37^{mm}.

d.) — O mesmo anverso da anterior. — R_s. EXPOSIÇÃO MINEIRA * UNIÃO E INDUSTRIA * JUIZ DE FORA * Dentro de uma corôa formada de dois ramos, um de louro e outro de carvalho: BENE- / MERENTIUM / PREMIUM /. — Æ. 37^{mm}.

N.º 32. — Calendario de 1867.

Dentro de seis linhas circulares e em lettras microscopicas o calendario de 1867. No centro, o busto laureado do Imperador, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — LÜSTER —, e em redor: DOM PEDRO II IMP. DO BRAZIL. — R_s. No campo, um parallelogrammo rectangulo com a tabella do nascimento e occaso do sol e da lua. Aos lados, os eclipses. Por cima: as datas do descobrimento, independencia, e juramento da Constituição do Brazil, e das victorias nacionaes no Rio da Prata. Em baixo: A U. S. CASA IMPERIAL DO BRAZIL. — Æ. 41^{mm}.

N.º 16661 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Sob o n.º 16660 do mesmo catalogo esteve exposto um exemplar de prata d'esta medalha, pertencente ao Museu Nacional.

N.º 33. — O Gr.: Or.: do Brazil ao Visconde do Rio Branco.

O GR.: OR.: DO BRASIL AO VAL.: DO LAVRADIO / AO SEU GR.: M.: VISCONDE DO RIO BRANCO /. No centro, o busto do Gr.: M.:, á direita, tendo por baixo, á esquerda, o nome do gravador: — ERNESTO F. No campo, aos lados, a esquadria e o compasso, o nivel, a regua, a colhér e o malhete. — R_s. PRESIDENTE DO CONSELHO DE MINISTROS O VISCONDE DO RIO BRANCO * LEI N. 2040 DE 28 DE SETEMBRO DE 1871 * A Liberdade, sentada á direita, mostra a um grupo de mulheres e de ingenuos um papel desenrolado, em que está escripta a data 1871. Á direita tambem, o Brazil representado por um cacique. No exergo, á direita, o nome do gravador: — CARNEIRO F. — *Æ.* 70 $\frac{1}{2}$ ^{mm}.

N.º 16691 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. O mealhete da Bibliotheca possui outro exemplar no mesmo metal; e naquella exposição, sob o n.º 16690, figurou ainda um exemplar de prata do Museu Nacional.

N.º 34. — Encerramento da 3.^a Sessão da 14.^a Legislatura do Parlamento Brasileiro.

D. ISABEL PRINCEZA IMPERIAL REGEO O IMPERIO. * 25 DE MAIO DE 1871 Á 1 DE ABRIL DE 1872. *. O Busto da Princeza, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — F. CARNEIRO F. — R_s. ENCERRAMENTO DA 3.^a SESSÃO, em linha curva; e em linhas rectas: DA / 14.^a LEGISLATURA /. No centro, o edificio do Senado embandeirado; por baixo, á direita: CARNEIRO F. (nome do gravador); no exergo: SENADO. — *Æ.* 61 $\frac{1}{2}$ ^{mm}.

N.º 16689 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

N.º 35. — Terceira Exposição Nacional no Rio de Janeiro, em 1873.

DOM PEDRO II IMPERADOR E DONA THEREZA CHRISTINA MARIA IMPERATRIZ. — Bustos do Imperador e da Imperatriz, á direita. — R_s. 3.^a EXPOSIÇÃO NACIONAL. No centro, o palacio da Exposição embandeirado

(edifício da antiga Escola Central, hoje Polytechnica, no largo de S. Francisco de Paula). No exergo: RIO DE JANEIRO / 1873 /. — *Æ.* 51 $\frac{1}{2}$ ^{mm}.

N.º 16697 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

Na mesma Exposição de Historia do Brazil figuraram, sob o n.º 16698, um exemplar em cobre d'esta medalha, e, sob os n.ºs 16700 e 16701, exemplares de prata e de cobre do premio conferido nessa Exposição Nacional, o primeiro e o ultimo pertencentes ao mealheiro da Bibliotheca. Eis a descripção do premio :

— DOM PEDRO SEGUNDO IMPERADOR DO BRAZIL —*— / Busto do Imperador, á esquerda, sem nome de gravador. — *R_s*. Dentro de uma corôa, formada de dois ramos de louro : PREMIO / CONFERIDO / NA / TERCEIRA / EXPOSIÇÃO / NACIONAL / —*— / 1873 /. — *Æ.* 37^{mm}.

N.º 36. — Primeira Exposição Horticola de Petropolis, em 1875.

D. ISABEL PRINCEZA IMPERIAL * — Busto da Princeza, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador :— CARNEIRO F. — *R_s*. Dentro de uma corôa formada de dois ramos de louro : PRIMEIRA / EXPOSIÇÃO / HORTICOLA / DE / PETROPOLIS / —*— / 2 DE FEVEREIRO / DE / 1875 /. — *Æ.* 27^{mm}.

N.º 16721 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Sob o n.º 16718 do mesmo catalogo figura uma medalha de palladio commemorativa do mesmo facto, com 46^{mm}. de diametro, e do mesmo gravador que a exposta ; esta ultima medalha é semelhante á do n.º 43 d'este catalogo.

N.º 37. — Quarta Exposição Nacional no Rio de Janeiro, em 1875.

DOM PEDRO SEGUNDO IMPERADOR DO BRAZIL. Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador :— ERNESTO F. — *R_s*. No campo, o palacio da Exposição embandeirado (edifício da Secretaria de Estado dos Negocios da Agricultura, na praça D. Pedro II). Por cima : 4.ª EXPOSIÇÃO NACIONAL. Por baixo : RIO DE JANEIRO / 1875 /. — *Æ.* 56^{mm}.

N.º 16714 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. O gabinete da Bibliotheca possui outro exemplar no mesmo metal. Um exemplar de prata figura no mesmo catalogo, sob o n.º 16713.

N.º 38. — Idem.

DOM PEDRO SEGUNDO IMPERADOR DO BRAZIL / PROTECTOR DAS ARTES / E DA INDUSTRIA /. Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo as iniciaes do gravador: — F. J. P. C. — Rg. No campo, dentro de uma corôa formada de dois ramos de louro, dois apparatus telegraphicos montados. Por cima: 4.ª EXPOSIÇÃO NACIONAL / DE / 1875 /; e nas pontas da fita que ata os ramos, a inscripção: EXPOSIÇÃO / NACIONAL. / — Æ. 54^{mm}.

N.º 16715 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

N.º 39. — Idem. Medalha de Merito.

DOM PEDRO SEGUNDO IMPERADOR DO BRAZIL / PROTECTOR DAS ARTES / E DA INDUSTRIA /. Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo as iniciaes do gravador — F. J. P. C. — Rg. QUARTA EXPOSIÇÃO NACIONAL. No centro, dentro de uma corôa formada de dois ramos de carvalho e louro: AO MERITO. Por baixo: 1875. — Æ. 54^{mm}.

N.º 16716 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. O anverso é o mesmo da precedente.

N.º 40. — Idem. Medalha de Trabalho.

D. PEDRO SEGUNDO IMPERADOR DO BRAZIL / PROTECTOR DAS ARTES / E DA INDUSTRIA / Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo as iniciaes do gravador: — F. J. P. C. — Rg. QUARTA EXPOSIÇÃO NACIONAL. No centro, dentro de uma corôa formada de dois ramos de louro, uma colmeia sobre uma mesa tosca, tendo aos lados e e em redor flores e abelhas voando, e em baixo, em campo de grama, instrumentos de lavoura. Por cima, em

uma fita, a inscripção: TRABALHO. Por baixo: 1875.
— Æ. 54^{mm}.

N.º 16717 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. O anverso é o mesmo das de n.ºs 38 e 39 d'este catalogo.

N.º 41. — Segunda Exposição Horticola de Petropolis, em 1876.

D. ISABEL PRINCEZA IMPERIAL. Busto da Princesa, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — CARNEIRO F. — Rs. SEGUNDA / EXPOSIÇÃO / HORTICOLA / DE / PETROPOLIS / — 20 DE JANEIRO / DE / 1876 /. — Æ. 27^{mm}.

N.º 16722 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

O anverso é o mesmo da de n.º 36 d'este catalogo.

A Bibliotheca possui ainda outra medalha commemorativa do mesmo facto, semelhante á de n.º 43 d'este catalogo, e que se acha representada no mealheiro por dois exemplares, um de madeira com 46^{mm}, e outro de cobre com 46½^{mm} de diametro. Este ultimo exemplar figurou na Exposição de Historia do Brazil com o n.º 16723.

N.º 42. — Prova da prensa monetaria feita na Casa da Moeda.

PRENSA MONETARIA FEITA NA CASA DA MOEDA DO BRAZIL. No campo da medalha: P. II., tendo a corôa imperial por cima; no exergo, uma estrella. — Rs. PROVA / CUNHADA / NA / EXPOSIÇÃO / INTERNACIONAL / DE / PHILADELPHIA /. No exergo: 1876. — Æ. 27^{mm}.

N.º 16728 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. O Gabinete da Bibliotheca possui outro exemplar d'esta prova em cobre. (N.º 16729 do cat. cit.)

N.º 43. — Terceira Exposição Horticola de Petropolis, em 1877.

D. ISABEL PRINCEZA IMPERIAL DO BRAZIL. Busto vestido da Princesa, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — F. CARNEIRO F. — Rs. Dentro de

uma corôa formada de dois ramos de louro: TERCEIRA EXPOSIÇÃO / HORTICOLA / DE / PETROPOLIS / — — / 8 DE ABRIL / DE / 1877 /. — Æ. 46 $\frac{1}{2}$ mm.

N.º 16725 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

O mealheiro ainda possui outra medalha de cobre, do mesmo gravador, com 27^{mm} de diametro, commemorativa do mesmo facto. Esta, que figurou na Exposição de Historia do Brazil sob o n.º 16724, é semelhante ás expostas sob os n.ºs 36 e 41 do presente catalogo.

N.º 44. — A Santa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro ao Barão de Andarahy.

A figura da Caridade, de braços abertos, em attitude de cobrir com o manto grupos, á esquerda e á direita, de mulheres, crianças e enfermos. No exergo, sobre ramos de café e de fumo, as armas do Imperio e as da S. C. da Misericordia, separadas por tres settas atadas por uma fita. — Rs. Dentro de ramos de café e de fumo: AO / BENEMERITO IRMÃO / DA SANTA CASA / DA MIZERICORDIA / DO RIO DE JANEIRO / MILITÃO MAXIMO / DE SOUSA / BARÃO DE ANDARAHY / 1878 /. — Æ. 73^{mm}.

N.º 16731 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

N.º 45. — Associação Promotora da Instrucção. Medalha de Beneficencia.

ASSOCIAÇÃO PROMOTORA DA INSTRUCÇÃO / 1874 /. No centro, attributos da instrucção sobre nuvens, tendo em cima uma estrella raiada. — Rs. DELIBERAÇÃO DE 5 DE MARÇO DE 1882. Dentro de uma corôa formada de dois ramos de louro: MEDALHA DE BENEFICENCIA. — V. 46^{mm}.

N.º 46. — Medalha commemorativa da inauguração da estatua de D. Pedro I.

Dentro de uma corôa, formada de dois ramos, um de louro e outro de carvalho, e no alto da medalha, as armas da Casa de Bragança; por cima, a constellação do Cruzeiro

do Sul; por baixo, em uma fita, da qual pende a insígnia da Ordem do Cruzeiro, a legenda: EMANCIPATIO. / IMPERIUM. / CONSTITUTIO. Em seguida, dois dísticos latinos:

VINCULA BRAZILLÆ PETRUS SERVILIA RUMPT
 DUPLEX MAGNANIMUS NON DIADEMA VOLENS;
 IMPERIUM GENITO REDDIT, NATÆQUE CORONAM;
 HOC MAJOR NEMO, PAR NEQUE IN ORBE FUIT.

C. LOPES.

Por baixo dos dísticos, um livro aberto, e sobre elle, uma balança e uma espada nua cruzadas (symbolos das leis e da justiça). No exergo, o nome do gravador: — LÜSTER F. A outra face lisa. — Æ. 64^{mm}.

N.º 16609 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

Não foi acabada. No Gabinete da Bibliotheca se conserva outro exemplar d'esta medalha cunhado em madeira.

MOEDAS BRAZILEIRAS

BRAZIL COLONIAL

D. PEDRO II

N.º 47. — *Quatro mil reis.*

PETRVS. II. D. G. PORTVGAL. REX. Armas de Portugal, tendo á esquerda, o valor 4000, e á direita, tres rosetas. — RS. ET. BRASILLIÆ. DOMINVS. ANNO. 1700. Cruz de S. Jorge dentro de quatro arcos. — *N.*

N.º 15968 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Sob o n.º 15969 do mesmo catalogo figura um exemplar semelhante, raro, com a data 1702, e quatro PP nas junções dos arcos.

A moeda exposta faz parte de uma série de ouro comprehendendo os seguintes valores: 4000 rs.; 2000 rs.; 1000 rs.

N.º 48. — *Dois mil reis.*

PETRVS. II. D. G. PORT. G. REX. Armas de Portugal, tendo á esquerda, o valor 2000, e á direita, tres rosetas.

— Rs. ET. BRASILIAE. DOMINVS. ANNO 1699. Cruz de S. Jorge dentro de quatro arcos. — *N.*

N.º 15970 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence á serie do n.º 47.

N.º 49. — *Mil reis.*

PETRVS. II. D G. PORTVG. REX. Armas de Portugal, tendo á esquerda, o valor 1000, e á direita, tres rosetas. — Rs. ET. BRASILIAE. DOMINVS. ANO. 1699. Cruz de S. Jorge dentro de quatro arcos. — *N.*

Pertence á serie do n.º 47.

N.º 50. — *Duas patacas.*

PETRVS. II. D G. PORT. REX. ET. BRAS. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda, o valor 640, e á direita, tres rosetas; aos lados da corôa 16-95. — Rs. SVBQ. SIGN. NATA. STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — *R.*

N.º 15972 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. O Gabinete da Bibliotheca possui mais dois exemplares semelhantes, com a data 1701, tendo sobre a esphera um P (*Pernambuco*).

A moeda exposta faz parte de uma série de prata comprehendendo os seguintes valores: 640 rs.; 320 rs.; 160 rs.; 80 rs., e 40 rs.

N.º 51. — *Uma pataca.*

PETRVS. II. D G. PORT. REX. ET. BRAS. D N. Armas de Portugal; á esquerda, o valor 320, e á direita, tres rosetas; dos lados da corôa 16-96. — Rs. SVBQ. SIGN. NATA. STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — *R.*

N.º 15974 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. No mealheiro da Bibliotheca, além de um duplicado, ainda existe outro exemplar semelhante com a data 1701, tendo sobre a esphera um P (*Pernambuco*).

A moeda exposta pertence á serie de n.º 50.

N.º 52. — *Meia pataca.*

PETRVS. II. D G. PORT. REX. ET. BR. D N. Armas de Portugal; á esquerda, o valor 160, e á direita, duas rosetas; aos lados da corôa: 16-99. — R_s. SVBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — Æ.

N.º 15976 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. A Bibliotheca ainda possui, além de um duplicado, outro exemplar semelhante com a data 1701, tendo sobre a esphera um P (*Pernambuco*).

A moeda exposta pertence á serie do n.º 50.

N.º 53. — *Quatro vintens.*

PETRVS. II. D G. PORT. REX. E. B. D. Armas de Portugal; á esquerda, o valor 80, e á direita, uma roseta; dos lados da corôa: 16-99. — R_s. SVBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — Æ.

N.º 15978 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence á serie do n.º 50.

N.º 54. — *Dois vintens.*

PETRVS. II. D G. P. REX. B. D N. Armas de Portugal, tendo á esquerda, o valor 40, e á direita, duas rosetas. — R_s. SVBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — Æ.

N.º 15980 do *Cat. da Exp. de Historia do Brazil*. No mealheiro ainda existe outra moeda da mesma epoca e do mesmo valor, com variedade de typos e legenda. Tanto esta como a exposta não trazem data. Pertencem á serie do n.º 50.

N.º 55. — *Vintem.*

PETRVS. II. D. G. PORTVG. R. ÆTHIOP. Armas de Portugal, escudo com ornamentos. — R_s. MODERATO * SPLENDEAT * VSV. 1697. No campo, no meio de quatro arcos com florões, nos pontos de junção, quatro PP, e no centro: X*X. — Æ.

N.º 56. — *Vintem.*

PETRVS. II. D. G. PORTVG. R. D. ÆTHIOP. Armas de Portugal, escudo com ornamentos. — Rs. MODERATO * SPLENDEAT * VSV. 1698. No campo, no meio de quatro arcos com florões, nos pontos de junção, quatro PP., e no centro: X*X. — Æ.

N.º 15984 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Além d'esta e da precedente, a Bibliotheca possui outros exemplares do mesmo valor com as datas 1694 e 1699, e outros, carimbados com o escudo de Portugal, datados de 1697 e 1698. No reverso de todos acham-se os quatro PP, nos pontos de junção dos arcos.

N.º 57. — *Dez reis.*

PETRVS. II. D. G. PORTVG. R. D. ÆTHIOP. Armas de Portugal, escudo com ornamentos. — Rs. MODERATO * SPLENDEAT * VSV. 1695. No campo, no meio de quatro arcos com florões, nos pontos de junção, quatro PP, e no centro: X. — Æ.

N.º 15988 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. No meelhoiro existe outro exemplar, carimbado com o escudo de Portugal, e cuja data não se póde lêr.

O typo da moeda exposta é o mesmo das de n.º 55 e 56.

D. JOÃO V

N.º 58. — *Dobrão.*

IOANNES. V. D. G. PORT. ET. ALG. REX. Armas de Portugal, tendo á esquerda, o valor 20000, e á direita, cinco rosetas entre dois pontos. — Rs. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +. 1726. Cruz da Ordem de Christo, cantonada por quatro MM (*Minas Geraes*). — N.

N.º 16004 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

N.º 59. — *Moeda.*

IOANNES. V. D. G. PORT. ET. ALG. REX. Armas de Portugal; á esquerda: 4000; á direita, quatro rosetas. — Rs. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +. Cruz da Ordem de Christo, cantonada por quatro RR (*Rio de Janeiro*). Em cima: 1720. — *A*.

N.º 15995 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

Esta moeda faz parte de uma serie de ouro comprehendendo os seguintes valores: moeda = 4000 rs; meia moeda = 2000 rs; quarto ou quartinho = 1000 rs.

N.º 60. — *Moeda.*

IOANNES. V. D. G. PORT. ET. ALG. REX. Armas de Portugal; á esquerda: 4000; á direita, quatro rosetas. — Rs. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +. Cruz da Ordem de Christo, cantonada por quatro BB (*Bahia*). Em cima: 1722. — *A*.

N.º 15993 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

Faz parte de uma serie de ouro comprehendendo os mesmos valores da serie do n.º 59.

N.º 61. — *Quatro mil reis.*

IOANNES. V. D. G. PORTVG. REX. Armas de Portugal; á esquerda, o valor 4000, e á direita, tres rosetas. — Rs. ET. BRASILLÆ. DOMINVS. ANNO. 1749. Cruz de S. Jorge dentro de quatro arcos. — *A*.

Rara.

N. 15990 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Faz parte de uma serie comprehendendo os seguintes valores: 4000 rs.; 2000 rs.; 1000 rs.

N.º 62. — *Meia moeda.*

IOANNES. V. D. G. PORT. ET. ALG. REX. Armas de Portugal; á esquerda: 2000; á direita, quatro rosetas. — Rs. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +. Cruz da Ordem de Christo, cantonada por quatro BB (*Bahia*). Em cima: 1715. — *A*.

Pertence á serie do n.º 60.

N.º 63. — *Quarto ou quartinho.*

IOANNES. V. D. G. PORT. ET. ALG. REX. Armas de Portugal; á esquerda: 1000; á direita, quatro rosetas. — Rs. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +. Cruz da Ordem de Christo, cantonada por quatro RR (*Rio de Janeiro*). Em cima: 1726. — *N.*

N.º 16000 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence á serie do n.º 59.

N.º 64. — *Mil reis.*

IOANNES. V. D. G. PORT. REX. Armas de Portugal; á esquerda, o valor 1000, e á direita, tres rosetas. — Rs. ET. BRASILIÆ. DOMINUS. ANNO. 1749. Cruz de S. Jorge dentro de quatro arcos. — *N.*

Rara.

N.º 15992 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence á serie do n.º 61.

N.º 65. — *Duas patacas.*

IOANNES. V. D. G. PORT. REX. ET. BRAS. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda, o valor 640, e á direita, tres rosetas; aos lados da corôa: 17-49. — Rs. SVBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esfera, e no centro d'esta um R (*Rio de Janeiro*). — *R.*

N.º 16021 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

Esta moeda pertence a uma serie de prata compreendendo os seguintes valores: 640 rs.; 320 rs.; 160 rs.; 80 rs.

N.º 66. — *Uma pataca.*

IOANNES. V. D. G. PORT. REX. ET. BRAS. D. Armas de Portugal; á esquerda, o valor 320, e á direita, duas rosetas. Aos lados da corôa: 17-49. — Rs. SVBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esfera no centro. — *R.*

N.º 16018 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence a uma serie de prata compreendendo os mesmos valores da do n.º 65.

N.º 67. — *Meia pataca.*

IOANNES. V. D. G. PORT. REX. ET. B. D. Armas de Portugal; á esquerda, o valor 160, e á direita, tres rosetas; aos lados da corôa: 17-49. — Rs. SVBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — Æ.

N.º 16019 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence á serie do n.º 66.

N.º 68. — *Quatro vintens.*

IOANNES. V. D. G. PORT. REX. ET. B. D. Armas de Portugal; á esquerda, o valor 80, e á direita, uma roseta. Aos lados da corôa: 17-49. — Rs. SVBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — Æ.

N.º 16020 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence á serie do n.º 66.

N.º 69. — *Dois vintens.*

IOANNES. V. D. G. P. ET. BRASIL. REX. Armas de Portugal, (escudo das quinas coroadas), com tres rosetas de cada lado. — Rs. ÆS + VSIBVS + APTIVS + AVRO + 1722 +. No campo, no centro de uma corôa de murta: XL, tendo em cima e em baixo tres rosetas. — Æ.

N.º 16024 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

N.º 70. — *Vintem.*

IOANNES. V. D. G. P. ET. BRASIL. REX. Armas de Portugal, (escudo das quinas coroadas), com tres rosetas de cada lado. — Rs. ÆS + VSIBVS + APTIVS + AVRO + 1722 +. No campo, no centro de uma corôa de murta: XX, tendo em cima e em baixo tres rosetas. — Æ.

N.º 16027 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. O typo d'esta moeda é o mesmo da precedente.

N.º 71. — *Vintem.*

IOANNES. V. D. G. P. ET. BRASIL. REX. No campo, dentro de um circulo de pontos e entre tres rosetas: XX; em cima, a corôa real; em baixo: 1730. — R_s. PECUNIA. TOTVM. CIRCVMIT. ORBEM. Esphera, com um B (*Bahia*), no centro. — Æ.

N.º 16039 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

N.º 72. — *Vintem.*

IOANNES. V. D. G. P. ET. BRASIL. REX. No campo, dentro de um circulo de pontos e entre tres rosetas: XX; em cima, a corôa real; em baixo: 1736. — R_s. PECVNIA. TOTVM. CIRCVMIT. ORBEM. Esphera no céntr. — Æ.

N.º 73. — *Dez reis.*

IOANNES. V. D. G. P. ET. BRASIL. REX. No campo, dentro de um circulo de pontos e entre duas rosetas: X; em cima, a corôa real; em baixo: 1730. — R_s. PECVNIA. TOTVM. CIRCVMIT. ORBEM. Esphera, e no centro d'esta um B (*Bahia*). — Æ.

N.º 16041 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* O typo d'esta moeda é o mesmo da de n.º 71.

N.º 74. — *Dez reis.*

IOANNES. V. D. G. P. ET. BRASIL. REX. No campo, dentro de um circulo de pontos e entre duas rosetas: X; em cima, a corôa real; em baixo: 1735. — R_s. PECVNIA. TOTVM. CIRCVMIT. ORBEM. Esphera no centro. — Æ.

N.º 16035 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* O typo d'esta moeda é o mesmo da de n. 72.

D. JOSÉ I**N.º 75.** — *Dois mil reis.*

IOSEPHUS. I. D. G. PORTUG. REX. Armas de Portugal; á esquerda: 2000, e á direita, tres rosetas. — R_s. ET.

BRASILIAE. DOMINUS. ANNO. 1752. Cruz de S. Jorge dentro de quatro arcos. — *N.*

N.º 16045 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Esta moeda faz parte de uma serie de ouro comprehendendo os seguintes valores: 4000 rs.; 2000 rs.; 1000 rs.

N.º 76. — *Dois mil reis.*

JOSEPHUS. I. D. G. PORTUG. REX. Armas de Portugal, tendo á esquerda, o valor 2000, e á direita, tres rosetas. — Rs. ET. BRASILLÆ. DOMINUS. ANNO. 1773. Cruz de S. Jorge dentro de quatro arcos. — *N.*

N.º 16049 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. O modulo d'esta moeda é menor que o da precedente. Ella faz parte de outra serie de ouro comprehendendo os mesmos valores da do n. 75.

N.º 77. — *Mil reis.*

JOSEPHUS. I. D. G. PORT. REX. Armas de Portugal, tendo á esquerda, o valor 1000, e á direita, tres rosetas. — Rs. ET. BRASILLÆ. DOMINUS. ANNO. 1771. Cruz de S. Jorge dentro de quatro arcos. — *N.*

Pertence á serie do n. 76.

N. 78. — *Duas patacas.*

JOSEPHUS. I. D. G. P. REX. ET. BRAS. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda, o valor 640, e á direita, tres rosetas. Aos lados da corôa: 17-55. — Rs. SVBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — *R.*

N.º 16059 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Com esta moeda começa uma serie de prata comprehendendo os seguintes valores: 640 rs; 320 rs; 160 rs; 80 rs.

N.º 79. — *Seis tostões.*

No centro, entre duas rosetas: J; em cima, a corôa real; á esquerda, entre dois pontos: 600; á direita, tres rosetas; em baixo: 1758. — Rs. SVB. Q. SIGN. NATA STAB. Cruz

da Ordem de Christo com a esphera; no centro d'esta um R (*Rio de Janeiro*). — *R.*

N.º 16070 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Esta moeda faz parte de uma serie de prata comprehendendo os seguintes valores: 600 rs; 300; 150; 75 rs.

N.º 80. — *Pataca.*

IOSEPHUS. I. D. G. PORT. REX. ET. BRAS. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda, o valor 320, e á direita, duas rosetas. Aos lados da corôa: 17-56. — *R_s*. SVBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — *R.*

N.º 16056 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

N.º 81. — *Tres tostões.*

No centro, entre duas rosetas: J; em cima, a corôa real; á esquerda, entre dois pontos: 300; á direita, tres rosetas; em baixo: 1757. — *R_s*. SVB. Q SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera; no centro d'esta um R (*Rio de Janeiro*). — *R.*

N.º 16078 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence á serie do n.º 79.

N.º 82. — *Meia pataca.*

IOSEPHUS. I. D. G. PORT. REX. ET. B. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda, o valor 160, e á direita, tres rosetas. Aos lados da corôa: 17-52. — *R_s*. SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — *R.*

N.º 16057 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. O typo d'esta moeda assemelha-se ao da pataca do n.º 80.

N.º 83. — *Meia pataca.*

JOSEPHUS. I. D. G. PORT. ET. B. D. Armas de Portugal, tendo a esquerda, o valor 160, e á direita, tres rosetas. Aos lados da corôa: 17-68. — *R_s*, SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — *R.*

Pertence á serie do n.º 78.

N.º 84. — *Cento e cinquenta reis.*

No centro, entre duas rosetas: J; em cima, a corôa real; á esquerda, entre duas rosetas: 150; á direita, tres rosetas; em baixo: 1771. — R_s. SVB. Q. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera; no centro d'esta um R (*Rio de Janeiro*). — Æ.

Pertence á serie do n.º 79.

N.º 85. — *Quatro vintens.*

JOSEPHUS. I. D. G. PORT. REX. ET. B. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda, o valor 80, e á direita, duas rosetas. Aos lados da corôa: 17-70. — R_s. SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — Æ.

N.º 16063 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence á serie do n.º 78.

N.º 86. — *Setenta e cinco reis.*

No centro, entre duas rosetas: J; em cima, a corôa real; á esquerda, entre duas rosetas: 75; á direita, quatro rosetas; em baixo: 1754. — R_s. SVBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera; no centro d'esta um R (*Rio de Janeiro*). — Æ.

N.º 16082 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

Pertence á serie do n.º 79.

N.º 87. — *Dois vintens.*

IOSEPHUS. I. D. G. P. ET. BRASILLÆ. REX. No campo, no centro de um circulo de pontos e entre tres rosetas: XL; em cima, a corôa real; em baixo: 1753. — R_s. PECVNIA. TOTVM CIRCVMIT. ORBEM. No centro, a esphera. — Æ.

N.º 16085 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

Esta moeda faz parte de uma serie de cobre comprehendendo os seguintes valores: 40 rs; 20 rs; 10 rs; 5 rs.

N.º 88. — *Dois vintens.*

JOSEPHUS. I. D. G. P. ET. BRASILIÆ. REX. No campo, dentro de um círculo de pontos e entre tres rosetas, o valor XL; em cima, a corôa real; em baixo: 1774. — Rs. PECUNIA. TOTUM CIRCUMIT. ORBEM. No centro, a esphera. — Æ.

N.º 16104 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*
Typo differente do da anterior.

N.º 89. — *Vintem.*

IOSEPHUS. I. D. G. P. ET. BRASIL. REX. No campo, no centro de um círculo de pontos e entre tres rosetas, o valor XX; em cima, a corôa real; e em baixo: 1753. — Rs. PECUNIA. TOTVM CIRCVMIT. ORBEM. No centro, a esphera. — Æ.

N.º 16089 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.º 87.

N.º 90. — *Vintem.*

JOSEPHUS. I. D. G. P. ET. BRASIL. REX. No campo, no centro de um círculo de pontos, o valor XX, entre tres rosetas; em cima, a corôa real, e em baixo: 1774. — Rs. PECUNIA. TOTUM CIRCUMIT. ORBEM. No centro, a esphera. — Æ.

N.º 16107 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* O typo d'esta moeda, diverso do da precedente, é o mesmo da de n.º 88.

N.º 91. — *Dez reis.*

IOSEPHUS. I. D. G. P. ET. BRASIL. REX. No campo, no centro de um círculo de pontos e entre duas rosetas: X; em cima, a corôa real; em baixo: 1753. — Rs. PECUNIA. TOTVM CIRCVMIT. ORBEM. No centro, a esphera. — Æ.

N.º 16092 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*
Pertence á serie do n.º 87.

N.º 92. — *Cinco reis.*

IOSEPHUS. I. D. G. P. ET. BRASIL. REX. No centro de um círculo de pontos e entre duas rosetas: V; em cima, a corôa real; e em baixo: 1753. — R_s. PECVNIA. TOTVM CIRCVMIT ORBEM. No centro, a esfera. — Æ.

N.º 16094 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

Pertence á serie do n.º 87.

D. MARIA I E D. PEDRO III**N.º 93.** — *Dois mil reis.*

MARIA. I. ET. PETRUS. III. D. G. PORTUG. REGES. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 2000, e á direita, tres rosetas. — R_s. ET. BRASILLÆ. DOMINI. ANNO. * . 1778. * . Cruz de S. Jorge dentro de quatro arcos. — A.

N.º 16130 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Esta moeda faz parte de uma serie de ouro comprehendendo os seguintes valores: 4000 rs.; 2000 rs.; 1000 rs.

N.º 94. — *Mil reis.*

MARIA. I. ET. PETRUS. III. D. G. PORTUG. REGES. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 1000, e á direita, tres rosetas. — R_s. ET. BRASILLÆ. DOMINI. ANNO. * 1779. * . Cruz de S. Jorge dentro de quatro arcos. — A.

N.º 16131 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.º 93.

N.º 95. — *Duas patacas.*

MARIA. I. ET. PETRUS. III. D. G. PORT. REGES. ET. BRAS. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 640, e á direita, tres rosetas. Aos lados da corôa: 17-85.

—Rs. SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — R.

N.º 16136 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Esta moeda dá começo a uma serie de prata que abrange os seguintes valores: 640 rs. ; 320 rs. ; 160 rs. ; 80 rs.

N.º 96. — *Pataca.*

MARIA. I. ET. PETRUS. III. D. G. PORT. REGES. ET. BRAS. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 320, e á direita, duas rosetas. Aos lados da corôa: 17-80. —Rs. SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — R.

N.º 16137 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence á serie do n.º 95.

N.º 97. — *Meia pataca.*

MARIA. I. ET. PETRUS. III. D. G. PORT. REGES. ET. BRAS. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 160, e á direita, tres rosetas. Aos lados da corôa: 17-80. —Rs. SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — R.

N.º 16138 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence á serie do n.º 95.

N.º 98. — *Quatro vintens.*

MARIA. I. ET. PETRUS. III. D. G. PORT. REGES. ET. BRAS. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 80, e á direita, duas rosetas. Aos lados da corôa: 17-82. —Rs. SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — R.

N.º 16139 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence á serie do n.º 95.

N.º 99. — *Dois vintens.*

MARIA. I. ET. PETRUS. III. D. G. P. ET. BRASIL. REGES. No meio, em um circulo de pontos e entre tres rosetas: XL; em cima, a corôa real; em baixo: 1778.

— R_s. PECUNIA. TOTUM CIRCUMIT. ORBEM. Esphera no centro. — Æ.

N.º 16140 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Esta moeda pertence a uma serie de cobre comprehendendo os seguintes valores: 40 rs.; 20 rs.; 10 rs.; 5 rs.

N.º 100. — *Vintem.*

MARIA. I. ET. PETRUS. III. D. G. P. ET. BRASIL. REGES. No meio, em um circulo de pontos e entre tres rosetas: XX; em cima, a corôa real; em baixo: 1782. — R_s. PECUNIA. TOTUM CIRCUMIT. ORBEM. Esphera no centro. — Æ.

Pertence á serie do n.º 99.

N.º 101. — *Dez reis.*

MARIA. I. ET. PETRUS. III. D. G. P. ET. BRASIL. REGES. No meio, em um circulo de pontos e entre duas rosetas: X; em cima, a corôa real; em baixo: 1781. — R_s. PECUNIA. TOTUM CIRCUMIT. ORBEM. Esphera no centro. — Æ.

N.º 16146 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence á serie do n.º 99.

N.º 102. — *Cinco reis.*

MARIA. I. ET. PETRUS. III. D. G. P. ET. BRASIL. REGES. No centro de um circulo de pontos e entre duas rosetas: V; em cima, a corôa real; em baixo: 1784. — R_s. PECUNIA. TOTUM CIRCUMIT. ORBEM. Esphera no centro. — Æ.

N.º 16148 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence á serie do n.º 99.

D. MARIA I

N.º 103. — *Quatro mil reis.*

MARIA. I. D. G. PORTUG. REGINA. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 4000, e á direita, tres rosetas.

— R_s. / . ET. BRASILIE. DOMINA. . ANNO. 1801. / Cruz de S. Jorge dentro de quatro arcos. — *N*.

N.º 16150 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Esta moeda pertence a uma serie de ouro comprehendendo os seguintes valores: 4000 rs. ; 2000 rs. ; 1000 rs.

N.º 104. — *Dois mil reis.*

MARIA. I. D. G. PORTUG. REGINA. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 2000, e á direita, duas rosetas. — R_s. ET. BRASILÆ. DOMINA. ANNO. * . 1787. * . / Cruz de S. Jorge dentro de quatro arcos. — *N*.

N.º 16151 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Faz parte da serie do n.º 103.

N.º 105. — *Mil reis.*

MARIA. I. D. G. PORTUG. REGINA. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 1000, e á direita, tres rosetas. — R_s. ET. BRASILÆ. DOMINA. ANNO. * . 1787. * . / Cruz de S. Jorge dentro de quatro arcos. — *N*.

N.º 16152 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Faz parte da serie do n.º 103.

N.º 106. — *Duas patacas.*

MARIA. I. D. G. PORT. REGINA. ET. BRAS. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 640, e á direita, tres rosetas. Aos lados da corôa: 17-99. — R_s. SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera, e no centro d'esta um B (*Bahia*). — *R*.

N.º 16159 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Substitue a moeda de duas patacas da serie do n. 107, a qual differe da exposta somente em não ter a letra B sobre a esphera.

N.º 107. — *Pataca.*

MARIA. I. D. G. PORT. REGINA. ET. BRAS. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 320, e á direita, duas rosetas. Aos lados da corôa: 17-87. — R_s. SUBQ. SIGN.

NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — *R.*

N.º 16156 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. A moeda exposta pertence a uma serie de prata, comprehendendo os seguintes valores: 640 rs., que não existe no mealheiro; 320 rs.; 160 rs.; 80 rs.

N.º 108. — *Meia palaca.*

MARIA. I. D. G. PORT. REGINA. ET. BRAS. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 160, e á direita, tres rosetas. Aos lados da corôa: 17-87. — *R.* SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — *R.*

Pertence á serie do n.º 107.

N.º 109. — *Quatro vintens.*

MARIA. I. D. G. PORT. REGINA. ET. BRAS. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 80, e á direita, duas rosetas. Aos lados da corôa: 17-87. — *R.* SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centró. — *R.*

N.º 16158 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence á serie do n.º 107.

D. JOÃO PRINCIPE REGENTE

N.º 110. — *Barrinha.*

Á esquerda e dentro de um circulo de pontos as armas de Portugal; em cima: N 1953 (letras incusas), 1814 e as iniciaes I. P. P. em monogramma; em baixo: TOQUE 23; em seguida dois pontos raiados; 1-5-24. (letras incusas) (peso). — *R.* A esphera á esquerda, dentro de um circulo de pontos. — *A.*

Correu como moeda em Minas Geraes.

N.º 16245 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

N.º 111. — *Quatro mil reis.*

JOANNES. D. G. PORT. ET. ALG. P. REGENS. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 4000, e á direita, tres rosetas. — R_s. ET. BRASILIÆ. DOMINUS. ANNO. 1807. Cruz de S. Jorge dentro de quatro arcos. — *N*.

N.º 16182 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

N.º 112. — *Tres patacas.*

JOANNES. D. G. PORT. P. REGENS. ET. BRAS. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 960, e á direita, tres rosetas. Aos lados da corôa: 18-17. — R_s. SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera e um R (*Rio de Janeiro*), no centro. — *R*.

N.º 16191 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Conserva vestigios bem visiveis de cunho anterior. O cunho antigo é o de um *patacão* ou *columnario* de D. Carlos III de Hespanha, semelhante ao descripto sob o n.º 16184 do mesmo catalogo.

Esta moeda dá principio a uma serie de prata que abrange os seguintes valores: 960 rs.; 640 rs.; 320 rs.; 160 rs.; 80 rs.

N.º 113. — *Duas patacas.*

JOANNES. D. G. PORT. P. REGENS. ET. BRAS. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 640, e á direita, tres rosetas. Aos lados da corôa: 18-13. — R_s. SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera e um R (*Rio de Janeiro*), no centro. — *R*.

Pertence á serie do n.º 112.

N.º 114. — *Pataca.*

JOANNES. D. G. PORT. P. REGENS. ET. BRAS. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 320, e á direita, duas rosetas. Aos lados da corôa: 18-09. — R_s. SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera e um R (*Rio de Janeiro*), no centro. — *R*.

N.º 16193 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie de n.º 112.

N.º 115. — *Meia pataca.*

JOANNES. D. G. PORT. P. REGENS. ET. BRAS. D.
 Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 160, e á direita,
 tres rosetas. Aos lados da corôa: 18-10. — R_s. SUBQ.
 SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a
 esphera e um R (*Rio de Janeiro*), no centro. — Æ.

Pertence á serie do n.º 112.

N.º 116. — *Quatro vintens.*

JOANNES. D. G. PORT. P. REGENS. ET. BRAS. D.
 Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 80, e á direita,
 duas rosetas. Aos lados da corôa: 18-16. — R_s. SUBQ.
 SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a
 esphera e um R (*Rio de Janeiro*), no centro. — Æ.

N.º 16195 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence
 á serie de n.º 112.

N.º 117. — *Quatro vintens.*

JOANNES. D. G. PORT. ET. BRAS. P. REGENS.
 Dentro de um circulo de pontos e entre cinco rosetas: LXXX;
 em cima, a corôa real, e em baixo: 1818. — R_s. PECUNIA.
 TOTUM CIRCUMIT. ORBEM. Esphera no centro com
 um R (*Rio de Janeiro*). — Æ.

N.º 16218 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

N.º 118. — *Dois vintens.*

JOANNES. D. G. P. ET. BRASILIÆ. P. REGENS.
 Dentro de um circulo de pontos e entre tres rosetas: XL;
 em cima, a corôa real; em baixo: 1802. — R_s. PECUNIA.
 TOTUM CIRCUMIT. ORBEM. Esphera no centro, sem
 letra. — Æ.

N.º 16196 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

N.º 119. — *Vintem.*

JOANNES. D. G. P. ET. BRASILIÆ. P. REGENS. Dentro de um circulo de pontos e entre tres rosetas: XX; em cima, a corôa real, e em baixo: 1816. — R_s. PECUNIA. TOTUM CIRCUMIT. ORBEM. Esphera no centro com um B (*Bahia*). — Æ.

N.º 16214 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

N.º 120. — *Dez reis.*

JOANNES. D. G. ET. BRAS. P. REGENS. Em um circulo de pontos, e entre duas rosetas: X; em cima, a corôa real, e em baixo: 1816. — R_s. PECUNIA. TOTUM CIRCUMIT. ORBEM. Esphera no centro com um B (*Bahia*). — Æ.

Sem o P (*Portugaliae*) na legenda.

D. JOÃO VI

N.º 121. — *Quatro mil reis.*

JOANNES. VI. D. G. PORT. BRAS. ET. ALG. REX. Cruz de S. Jorge, dentro de quatro arcos. No exergo, entre duas rosetas: 1822. — R_s. Armas do reino unido de Portugal e do Brazil. No exergo o valor 4000. — N.

N.º 16246 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

N.º 122. — *Tres patacas.*

JOANNES. VI. D. G. PORT. BRAS. ET. ALG. REX. No campo, entre dois ramos de louro: 960 / 1820 / * R * / (*Rio de Janeiro*); por cima, a corôa real. — R_s. SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo, tendo no centro a esphera com o escudo das armas de Portugal. — R.

Semelhante ao n.º 16252 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

Esta moeda faz parte de uma serie de prata que comprehende os seguintes valores: 960 rs.; 640 rs.; 320 rs.; 160 rs.; 80 rs.

N.º 123. — *Duas patacas.*

JOANNES. VI. D. G. PORT. BRAS. ET. ALG. REX.
 No campo, entre dois ramos de louro: 640 / 1820 / + R + /
 (*Rio de Janeiro*); por cima, a corôa real. — Rs. SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo, tendo no centro a esphera com o escudo das armas de Portugal. — R.

N.º 16256 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence á serie do n.º 122.

N.º 124. — *Pataca.*

JOANNES. VI. D. G. PORT. BRAS. ET. ALG. REX.
 No campo, entre dois ramos de louro: 320 / 1820 / , R. / (*Rio de Janeiro*); por cima, a corôa real. — Rs. SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo, tendo no centro a esphera com o escudo das armas de Portugal. — R.

N.º 16257 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence á serie do n.º 122.

N.º 125. — *Meia pataca.*

JOANNES. VI. D. G. PORT. BRAS. ET. ALG. REX.
 No campo, entre dois ramos de louro: 160 / 1818 / * R * /
 (*Rio de Janeiro*); por cima, a corôa real. — Rs. SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo, tendo no centro a esphera com o escudo das armas de Portugal. — R.

N.º 16258 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence á serie do n.º 122.

N.º 126. — *Quatro vintens.*

JOANNES. VI. D. G. PORT. BRAS. ET. ALG. REX.
 No campo, entre dois ramos de louro: 80 / 1818 / . R. / (*Rio de Janeiro*); por cima, a corôa real. — Rs. SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo, tendo no centro a esphera com o escudo das armas de Portugal. — R.

N.º 16259 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence á serie do n.º 122.

N.º 127. — *Quatro vintens.*

JOANNES. VI. D. G. PORT. BRAS. ET. ALG. REX.
No campo, dentro de um circulo de pontos e entre cinco rosetas: LXXX; em cima, a corôa real; em baixo: * 1822 * / * R * / (*Rio de Janeiro*). — R_s. PECUNIA. TOTUM CIRCUMIT. ORBEM. No centro, a esphera com o escudo das armas de Portugal. — Æ.

N.º 16281 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Esta moeda pertence a uma serie de cobre comprehendendo os seguintes valores: 80 rs.; 40 rs.; 20 rs.; 10 rs.

N.º 128. — *Setenta e cinco reis.*

JOANNES. VI. D. G. PORT. BRAS. ET. ALG. REX.
No campo, dentro de um circulo de pontos e entre duas rosetas: 75; em cima, a corôa real; em baixo: + 1819 + / + M + / (*Minas Geraes*). — R_s. PECUNIA. TOTUM CIRCUMIT. ORBEM. No centro, a esphera com o escudo das armas de Portugal. — Æ.

O typo d'esta moeda é o mesmo da de n.º 130.

N.º 129. — *Dois vintens.*

JOANNES. VI. D. G. PORT. BRAS. ET. ALG. REX.
No campo, dentro de um circulo de pontos e entre tres rosetas: XL; em cima, a corôa real; em baixo: + 1821 + / + R + / (*Rio de Janeiro*). — R_s. PECUNIA. TOTUM CIRCUMIT. ORBEM. No centro, a esphera com o escudo das armas de Portugal. — Æ.

N.º 16286 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence á serie do n.º 127.

N.º 130. — *Trinta e sete reis e meio.*

JOANNES. VI. D. G. PORT. BRAS. ET. ALG. REX.
No campo, dentro de um circulo de pontos e entre duas rosetas: 37 $\frac{1}{2}$; em cima, a corôa real; em baixo: / . 1821 . /

. M. / (*Minas Geraes*). — Rs. PECUNIA. TOTUM CIRCUMIT. ORBEM. No centro, a esphera com o escudo das armas de Portugal. — Æ.

O typo d'esta moeda é o mesmo da de n.º 128.

N.º 131. — *Vintem.*

JOANNES. VI. D. G. PORT. BRAS. ET. ALG. REX. No campo, dentro de um circulo de pontos e entre tres rosetas: XX; em cima, a corôa real; em baixo: /. 1822 ./. R. / (*Rio de Janeiro*). — Rs. PECUNIA. TOTUM CIRCUMIT. ORBEM. No centro, a esphera com o escudo das armas de Portugal. — Æ.

N.º 16292 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence á serie do n.º 127.

N.º 132. — *Dez reis.*

JOANNES. VI. D. G. PORT. BRAS. ET. ALG. REX. No campo, dentro de um circulo de pontos e entre duas rosetas: X; em cima, a corôa real; em baixo: 1821 /. B. / (*Bahia*). — Rs. PECUNIA. TOTUM CIRCUMIT. ORBEM. No centro, a esphera com o escudo das armas de Portugal. — Æ.

N.º 16274 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence a uma serie de cobre analoga á do n.º 127.

BRAZIL IMPERIO

D PEDRO I

N.º 133. — *Dobra.*

PETRUS. I. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF. Busto fardado do Imperador, á esquerda. No exergo: + 1824. R + (*Rio de Janeiro*). — Rs. + IN + HOC + SIGNO + VINCES. Armas do Brazil, tendo por baixo o valor 6400. — A.

N.º 16301 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

N.º 134. — *Quatro mil reis.*

PETRUS I. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF. Busto fardado do Imperador, á esquerda. No exergo: + 1824. R + (*Rio de Janeiro*). — R_s. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +. Armas do Brazil, tendo por baixo o valor 4000. — *N*.

N.º 16302 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. O typo d'esta moeda é o mesmo da de n.º 133.

N.º 135. — *Meia dobra ou peça.*

PETRUS. I. D. G. BRASILIÆ. IMPERATOR. Busto do Imperador, á esquerda, corôado de louro. No exergo: + 1822 + R + (*Rio de Janeiro*). — R_s. Armas do Brazil tendo ao redor da esphera: IN HOC SIG VIN, e por cima a corôa real. — *Æ*. (*Ensaio*).

Rara.

N.º 16304 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. O original de ouro, igualmente raro, vem descripto no mesmo catalogo sob o n.º 16303.

N.º 136. — *Tres palacas.*

+ PETRUS. I. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF +. No campo, dentro de uma grinalda e entre oito rosetas, o valor 960. No exergo: 1823. R (*Rio de Janeiro*). — R_s. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +. No centro, as armas do Brasil. — *R*.

N.º 16306 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Esta moeda dá principio a uma serie de prata com os seguintes valores: 960 rs. ; 640 rs. ; 320 rs. ; 160 rs. ; 80 rs.

N.º 137. — *Tres palacas.*

+ PETRUS. I. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF +. No campo, dentro de uma grinalda e entre oito rosetas, o valor 960. No exergo: 1824. B (*Bahia*). — R_s. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +. No centro, as armas do Brazil. — *R*.

N.º 16305 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

N.º 138. — *Duas patacas.*

+ PETRUS. I. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF +. No campo, dentro de uma grinalda e entre oito rosetas, o valor 640. No exergo: 1824. R (*Rio de Janeiro*). — Rs. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +. No centro, as armas do Brazil. — R.

N.º 16307 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence á serie do n.º 136.

N.º 139. — *Pataca.*

+ PETRUS. I. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF +. No campo, dentro de uma grinalda e entre oito rosetas, o valor 320. No exergo: 1825. R (*Rio de Janeiro*). — Rs. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +. No centro, as armas do Brazil. — R.

N.º 16308 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence á serie do n.º 136.

N.º 140. — *Meia pataca.*

+ PETRUS. I. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF +. No campo, dentro de uma grinalda e entre oito rosetas, o valor 160. No exergo: 1826. R (*Rio de Janeiro*). — Rs. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +. Armas do Brazil no centro. — R.

N.º 16310 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Tem as folhas da grinalda voltadas para a esquerda, o que não se nota em todas as outras.

N.º 141. — *Setenta e cinco reis.*

+ PETRUS. I. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF +. No campo, dentro de uma grinalda e entre oito rosetas, o valor 75. No exergo: 1823. G (*Goyaz*). — Rs. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +. No centro, as armas do Brazil. — R.

Rara.

N.º 16344 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Cunhada sobre uma moeda colonial de D. João VI, cujas legendas se lêem mais facilmente que as do novo cunho, as quaes estão quasi invisiveis.

N.º 142. — *Trinta e sete reis e meio.*

+ PETRUS. I. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF +. No campo, dentro de uma grinalda e entre sete rosetas, o valor 37 $\frac{1}{2}$; por baixo, um M (*Minas Geraes*); no exergo: 1826. — R_s. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +. No centro, as armas do Brazil. — Æ.

N.º 16375 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

D. PEDRO II

143. — *Moeda de dez mil reis.*

PETRUS II. D. G. C. IMP. — ET PERP. BRAS. DEF. Busto do Imperador, á esquerda, com manto. No exergo: 1849. — R_s. Armas do Brazil, tendo por cima, em linha recta: IN HOC S. — VINCES. — A.

N.º 16421 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

N.º 144. — *Moeda de dez mil reis.*

PETRUS II. D. G. C. IMP. — ET PERP. BRAS. DEF. Busto do Imperador, á esquerda. No exergo: 1872. — R_s. Armas do Brazil, tendo por cima, em linha curva: IN HOC SI—GNO VINCES.—A.

Esta moeda faz parte de uma serie de ouro comprehendendo os seguintes valores: 20,000 rs.; 10,000 rs.; 5,000 rs.

Falta ainda á nossa collecção a moeda de *vinte mil reis*.

N.º 145. — *Meia dobra ou peça.*

+ PETRUS. II. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF +. Busto do Imperador, quando criança, á direita. No exergo: 1832. R (*Rio de Janeiro*). — R_s. + IN

+ HOC + SIGNO + VINCES +. Armas do Brazil no centro.
No exergo: 6400 (valor).—*N.*

N.º 16418 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Com o mesmo typo d'esta moeda existe uma de 4,000 rs., exposta sob o n.º 149.

N.º 146. — *Meia dobra ou peça.*

PETRUS. II. D. G. C. IMP. — ET. PERP. BRAS. DEF.
Busto do Imperador, quando criança, á direita. No exergo: 1839. — R_s. Armas do Brazil, tendo por cima, em linha curva: IN HOC S — VINCES.—*N.*

N.º 16416 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

N.º 147. — *Meia dobra ou peça.*

PETRUS. II. D. G. C. IMP. — ET. PERP. BRAS. DEF.
Busto do Imperador fardado, á esquerda. No exergo: 1842. — R_s. Armas do Brazil, tendo por cima, em linha curva: IN HOC S. — VINCES.—*N.*

N.º 16417 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

N.º 148. — *Moeda de cinco mil reis.*

PETRUS II. D. G. C. IMP. — ET PERP. BRAS. DEF.
Busto do Imperador, á esquerda. No exergo: 1855. — R_s. Armas do Brazil, tendo por cima, em linha curva: IN HOC SI—GNO VINCES.—*N.*

N.º 16426 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence á serie do n.º 144.

N.º 149. — *Moeda de quatro mil reis.*

+ PETRUS. II. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF +. Busto do Imperador, quando criança, á direita. No exergo: 1832. R (*Rio de Janeiro*). — R_s. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +. No centro, as armas do Brazil; no exergo: 4000 (valor).—*N.*

N.º 16419 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. O typo d'esta moeda é o mesmo da meia dobra ou peça do n.º 145.

N.º 150. — *Dois mil reis.*

PETRUS II. D. G. CONST. IMP. ET PERP. BRAS. DEF. Dentro de uma corôa de louro, o valor 2000. No exergo: 1851. — R_s. Armas do Brazil com escudo estreito, tendo por cima, em linha recta: IN HOC S. — VINCES. — R.

N.º 16439 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Esta moeda faz parte de uma serie de prata comprehendendo os valores: 2,000 rs.; 1,000 rs.; 500 rs.

N.º 151. — *Dois mil reis.*

PETRUS II. D. G. CONST. IMP. ET PERP. BRAS. DEF. Dentro de uma corôa de louro: 2000. No exergo: 1865. — R_s. Armas do Brazil com escudo largo, tendo por cima, em linha curva: IN HOC SI-GNO VINCES.—R.

Esta moeda faz parte de uma serie de prata abrangendo os seguintes valores: 2,000 rs.; 1,000 rs.; 500 rs.; 200 rs.

N.º 152. — *Dois mil reis.*

PETRUS II D. G. C. IMP. — ET PERP. BRAS. DEF. Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: LÜSTER F. No exergo, entre uma esphera e uma cruz da Ordem de Christo: 1869. — R_s. Armas do Brazil, tendo por baixo: 2000 REIS.—R.

N.º 16449 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

Esta moeda dá principio a uma serie de prata com os seguintes valores: 2,000 rs.; 1,000 rs.; 500 rs.; 200 rs.

N.º 153. — *Mil e duzentos reis.*

PETRUS. II. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF. Dentro de uma corôa de louro: 1200. No exergo: 1834. — R_s. Armas do Brazil, tendo por cima, em linha curva: IN HOC S. — VINCES.—R.

N.º 16431 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Esta moeda pertence a uma serie de prata comprehendendo os seguintes valores: 1,200 rs.; 800 rs.; 400 rs.; 200 rs.; 100 rs.

N.º 154. — *Mil reis.*

PETRUS II. D. G. CONST. IMP. ET PERP. BRAS. DEF. Dentro de uma corôa de louro, o valor 1000. No exergo: 1852. — R_s. Armas do Brazil com escudo estreito, tendo por cima, em linha recta: IN HOC S. — VINCES.—R.
Pertence á serie do n.º 150.

N.º 155. — *Mil reis.*

PETRUS II. D. G. CONST. IMP. ET PERP. BRAS. DEF. Dentro de uma corôa de louro: 1000. No exergo: 1865. — R_s. Armas do Brazil com escudo largo, tendo por cima, em linha curva: IN HOC SI-GNO VINCES.—R.
N.º 16443 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence á serie do n.º 151.

N.º 156. — *Mil reis.*

PETRUS II D. G. C. IMP. — ET PERP. BRAS. DEF. Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: LÜSTER F. No exergo, entre uma esphera e uma cruz da Ordem de Christo: 1869. — R_s. Armas do Brazil, tendo por baixo: 1000 REIS.—R.
N.º 16450 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence á serie do n.º 152.

N.º 157. — *Tres patacas.*

+ PETRUS. II. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF + | 1832. R | (*Rio de Janeiro*). Dentro de uma grinalda e entre oito rosetas: 960. — R_s. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +. Armas do Brazil no centro.—R.
N.º 16427 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. A serie a que pertence esta moeda comprehende os seguintes valores: 960 rs.; 640 rs.; 320 rs.; 160 rs.; 80 rs.

A moeda de duas patacas desta serie (640. 1832. R), é muito rara, pois apenas se conhecem dois exemplares, um dos quaes figura naquelle Catalogo sob o n.º 16428. Da pataca (320), não se conhece nenhum.

N.º 158. — *Oitocentos reis.*

PETRUS II. D. G. CONST. IMP. ET PERP. BRAS.
 DEF. Dentro de uma corôa de louro: 800. No exergo:
 1846. — R_s. Armas do Brazil, tendo por cima, em linha
 curva: IN HOC S. — VINCES.—R.

N.º 16432 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence
 á serie do n.º 153.

N.º 159. — *Quinhentos reis.*

PETRUS II. D. G. CONST. IMP. ET PERP. BRAS.
 DEF. Dentro de uma corôa de louro, o valor 500. No
 exergo: 1852. — R_s. Armas do Brazil com escudo estreito,
 tendo por cima, em linha recta: IN HOC S. — VINCES.—R.

N.º 16441 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence
 á serie do n.º 150.

N.º 160. — *Quinhentos reis.*

PETRUS II. D. G. CONST. IMP. ET PERP. BRAS.
 DEF. Dentro de uma corôa de louro: 500. No exergo:
 1865. — R_s. Armas do Brazil com escudo largo, tendo por
 cima, em linha curva: IN HOC SI.-GNO VINCES.—R.

Pertence á serie do n.º 151.

N.º 161. — *Quinhentos reis.*

PETRUS II D. G. C. IMP. — ET PERP. BRAS. DEF.
 Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo as iniciaes
 do gravador: C. L. (*C. Lüster*). No exergo, entre uma
 esphera e uma cruz da Ordem de Christo: 1868. — R_s. Armas
 do Brazil, tendo por baixo: 500 REIS.—R.

N.º 16451 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence
 á serie do n.º 152.

N.º 162. — *Quatrocentos reis.*

PETRUS. II. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS.
 DEF. Dentro de uma corôa de louro: 400. No exergo:
 1834. — Rs. Armas do Brazil, tendo por cima, em linha
 curva: IN HOC S. — VINCES.—R.

N.º 16433 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence
 á serie do n.º 153.

N.º 163. — *Duzentos reis.*

PETRUS. II. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS.
 DEF. Dentro de uma corôa de louro: 200. No exergo:
 1844. — Rs. Armas do Brazil, tendo por cima, em linha
 curva: IN HOC S. — VINCES.—R.

N.º 16435 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence
 á serie do n.º 153.

N.º 164. — *Duzentos reis.*

PETRUS II. D. G. CONST. IMP. ET PERP. BRAS.
 DEF. Dentro de uma corôa de louro: 200. No exergo:
 1865. — Rs. Armas do Brazil com escudo largo, tendo por
 cima, em linha curva: IN HOC SI-GNO VINCES.—R.

N.º 16447 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence
 á serie do n.º 151.

N.º 165. — *Duzentos reis.*

PETRUS II D. G. C. IMP. — ET PERP. BRAS. DEF.
 Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo as iniciaes
 do gravador: C. L. (*C. Lüster*). No exergo, entre uma
 esphera e uma cruz da Ordem de Christo: 1868. — Rs. Armas
 do Brazil, tendo por baixo: 200 REIS.—R.

Pertence á serie do n.º 152.

N.º 166. — *Duzentos reis.*

DECRETO N.º 1817 DE 3 DE SETEMBRO DE 1870 *
 No campo: 200 / RÉIS. — R_s. Armas do Brazil no centro,
 tendo por cima: IMPERIO — DO BRAZIL; e por baixo a
 data 1871 entre duas estrellas. — Nickel.

N.º 16455 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. A serie
 a que pertence esta moeda comprehende os seguintes valores:
 200 rs.; 100 rs.; e 50 rs. Esta ultima é rara pois não entrou
 na circulação.

N.º 167. — *Meia pataca.*

+ PETRUS. II. D. G. CONST. IMP. ET. PERP.
 BRAS. DEF + / 1833. R / (*Rio de Janeiro*). Dentro de uma
 grinalda e entre oito rosetas: 160. — R_s. + IN + HOC +
 SIGNO + VINCES +. Armas do Brazil no centro. — R.

N.º 16429 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence
 á serie do n.º 157.

N.º 168. — *Cem reis.*

PETRUS. II. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS.
 DEF. Dentro de uma corôa de louro: 100. No exergo: 1846.
 — R_s. Armas do Brazil, tendo por cima, em linha curva:
 IN HOC S. — VINCES. — R.

Pertence á serie do n.º 153.

N.º 169. — *Cem reis.*

DECRETO N.º 1817 DE 3 DE SETEMBRO DE 1870 *
 No campo: 100 / RÉIS. — R_s. Armas do Brazil no centro,
 tendo por cima: IMPERIO — DO BRAZIL; e por baixo a
 data 1871 entre duas estrellas. — Nickel.

Pertence á serie do n.º 166.

N.º 170. — *Quatro vintens.*

+ PETRUS. II. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS.
DEF + Dentro de uma grinalda e entre oito rosetas: 80.
Por baixo: 1832 R (*Rio de Janeiro*). — R_s. + IN + HOC
+ SIGNO + VINCES +. Armas do Brazil no centro. — Æ.

Com o carimbo do Maranhão $\frac{M}{XX}$ para alterar o valor.

N.º 16471 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

N.º 171. — *Quatro vintens.*

* PETRUS II. D. G. CONST. IMP. ET PERP. BRAS.
DEF. * / 1832 G / (*Goyaz*). Dentro de uma grinalda e entre
oito rosetas: 80. — R_s. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +.
Armas do Brazil no centro. — Æ.

N.º 16463 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*.

N.º 172. — *Quatro vintens.*

+ PETRUS. II. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS.
DEF + / 1833. R / (*Rio de Janeiro*). Dentro de uma grinalda
e entre oito rosetas: 80. — R_s. + IN + HOC + SIGNO +
VINCES +. Armas do Brazil no centro. — Æ.

N.º 16430 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence
à serie do n.º 157.

N.º 173. — *Cincoenta reis.*

DECRETO N.º 1817 DE 3 DE SETEMBRO DE 1870 *
No campo: 50 / REIS. — R_s. Armas do Brazil no centro,
tendo por cima: IMPERIO — DO BRAZIL; e por baixo a
data 1871 entre duas estrellas. — Nickel.

Rara. Não foi posta em circulação.

N.º 16458 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*; faz parte
da serie do n.º 166.

N.º 174. — *Dois vintens.*

* PETRUS. 2. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF * / 1832. G. / (*Goyaz*). Dentro de uma grinalda e entre oito rosetas: 40. — Rs. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +. Armas do Brazil no centro. — Æ.

N.º 16465 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. O typo d'esta moeda é o mesmo da de n.º 171.

N.º 175. — *Dois vintens.*

PETRUS II D. G. C. IMP. — ET PERP. BRAS. DEF. / Busto do Imperador, á direita, tendo por baixo as iniciaes do gravador: E. S. R. C. No exergo, entre uma esphera e uma cruz da Ordem de Christo, a data 1873. — Rs. Armas do Brazil sem os ramos de fumo e de café, tendo á esquerda: 40, e á direita: R²⁰ — Æ.

N.º 16480 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Esta moeda pertence a uma serie de cobre comprehendendo os seguintes valores: 40 rs.; 20 rs.; 10 rs.

N.º 176. — *Vintem.*

PETRUS II D. G. C. IMP. — ET PERP. BRAS. DEF. / Busto do Imperador, á direita, tendo por baixo as iniciaes do gravador: C. L. (*C. Lüster*). No exergo, entre uma esphera e uma cruz da Ordem de Christo, a data 1869. — Rs. Armas do Brazil sem os ramos de fumo e de café, tendo á esquerda: 20, e á direita: R²⁰ — Æ.

N.º 16481 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Pertence á serie do n.º 175.

N.º 177. — *Dez reis.*

PETRUS II D. G. C. IMP. — ET PERP. BRAS. DEF. / Busto do Imperador, á direita, tendo por baixo as iniciaes do gravador: C. L. (*C. Lüster*). No exergo, entre uma esphera e uma cruz da Ordem de Christo, a data 1869. — Rs. As armas do Brazil sem os ramos de fumo e de café, tendo á esquerda: 10, e á direita: R¹⁰ — Æ.

Pertence á serie do n.º 175.

MEDALHAS EXTRANGEIRAS

MEDALHAS ANTIGAS

EUROPA

MEDALHAS ROMANAS

Republica : —

N.º 178. — *As.*

Cabeça laureada de Jano bifronte, tendo por cima a marca — I — R_s. Prôa de navio, á direita; por cima : — I; no exergo : — ROMA.

Grande bronze da Republica Romana, conhecido pelo nome de *As*. Descripto por Barthelemy, *Numismatique Ancienne*, Paris, 1866, sob o n.º 3; e pelo Sñr. Teixeira de Aragão, no n.º 16 da *Descrição historica das moedas romanas... Lisboa, 1870*, in-8.º Naquelle autor occorre o *fac-simile*.

O numismatico portuguez faz na obra citada um importante estudo sobre a moeda de cobre romana; com a devida venia transcrevemos aqui a parte que se refere á republica e mais especialmente ao *As*.

« *As* —. Depois da troca dos generos começaram os romanos a usar peças informes de metal sem marca, para as suas permutações; a esta moeda primitiva e grosseira, chamada *As rude*, foi depois fixado o peso de uma libra e tomou o nome de *As libralis*. Testemunham Plinio e Ovidio que Servio Tullio, sexto rei de Roma, fez fundir moeda de cobre com a figura de um boi ou carneiro, etc.

« O *As*, com o peso de doze onças durou, segundo diz Eckhel, até á primeira guerra punica no anno 490 de Roma; o *As grave* designava a libra do peso romano, tambem composta de doze onças.

« Plinio conta que na primeira guerra punica a republica, pelas grandes despezas a que se viu obrigada, reduziu o peso do *As* a duas onças. Mas encontrando-se muitos *Asses* de pesos intermediarios como de quatro onças, tres, etc., provam que tal redução não foi immediata. E como crer nas palavras de Plinio? Erraria neste ponto o sabio historiador, ou haveria ommissão de algumas palavras nas copias, como quer

mr. Cohen? Pela conjectura d'este numismatico, durante esta guerra, houve uma diminuição successiva e rapida de doze a duas onças, sendo a fabrica dos pesos intermediarios similhante.

« Com o *As* foram feitas as suas subdivisões — o *semis*, o *triens*, o *quadrans*, o *sextans*, a *uncia* e a *semi-uncia*.

« Fundiram-se pela mesma epoca os multiplos — o *decussis* que valia dez *Asses*, o *tripondii* tres, e o *dupondii* dois.

« Encontra-se variado peso no *As*; confrontando-se exemplares muito bem conservados, encontraram-se dos seguintes pesos em onças — onze, dez, nove, oito, seis, cinco, quatro, tres, duas, uma e um terço, uma e um quinto, uma e meia. (Vid. mr. Dureau de la Malle dans son *Traité de l'économie politique des romains*. T. 1., pag. 77 e 78).

« Eckhel opina que o *As* de duas onças, chamado *sex-tantarius* durou do anno 490 até á dictadura de Q. Fabio Maximo em 537; que o *As* de uma onça, *As uncialis*, durou de 537 até á lei Papiria, e o *As semiuncialis* desde esta lei até o fim da republica.

« No tempo de Marco Antonio e Julio Cesar, quando o *As* estava reduzido a meia onça, foi desaparecendo da circulação, dando logar aos bronzes imperiaes. O *As libella* foi substituido pelo grande bronze, o *semis* ou *sembella* pelo mediano bronze, e o *teruncius* ou *quadrans* pelo pequeno bronze.

« O nome *rátiti* (rates) vem muitas vezes addicionado ao *As* e suas subdivisões; pela razão de terem cunhado em uma das faces um navio. Plinio faz uma differença entre *rates* e *rostrum navis*, mas tanto nos *Asses* fundidos como nos cunhados e suas subdivisões, não se conhece senão um typo uniforme, o que torna incomprehensivel o historiador.

« Na face opposta tem o valor pela seguinte fórma:

« — *As*, a marca I e a cabeça de Jano bifronte.

« — *Semis*, a inicial S ou seis pontos, e a cabeça laureada de Jupiter.

« — *Triens*, quatro pontos e a cabeça de Roma com capete.

« — *Quadrans*, tres pontos e a cabeça de Hercules com a pelle de leão.

« — *Sextans*, dois pontos e a cabeça de Mercurio com o chapeo alado.

« — *Unzia*, um ponto e a cabeça de Marte com capete.

« Fabricaram-se tambem os *quincunx* (cinco onças). Cabeça laureada de Apollo á direita. — Rs. Os dioscures a cavallo, galopando á direita; por baixo, ROMA, e no exergo cinco

pontos. Esta subdivisão é muito rara. Mr. Cohen duvida que seja de fabrica romana; dá-lhe a estimação de 40 francos e apresenta o seu desenho na pl. LXX, n.º 10.

« Existe uma grande quantidade de *Asses* de fabrica mais perfeita, conhecidos por *Asses italicos*, com as mesmas subdivisões do *As* romano e typcs variadíssimos. Alguns exemplares tem os nomes das cidades, escriptos em caracteres etruscos, oscos ou samnitas, assim: *Volaterra*, na Etruria; *Tuder d' Ariminium e Iguvium*, na Ombria; *Firmum e d' Hadria*, no Picenum. Grupadas com estas moedas encontra-se o *quincussis* (cinco *Asses*), o *quadrussis* (quatro *Asses*) com a fórma quadrilonga, chamados algumas vezes *lateres* pela similhaça com um tijolo. Mr. Cohen, que os julga antes um peso, tambem os não considera de fabrica romana, e apresenta os seus dois desenhos; o primeiro, com o caduceo de um lado e o tridente do outro; e o segundo, tem um boi em ambas as faces. (Vid. pl. LXXIII e LXXIV e no texto pag. 394 e 350, nota). »

Segundo a opinião geralmente acceita, diz ainda o Sñr. Aragão, « os romanos começaram a moeda de cobre no reinado de Numa Pompilio ou de Servio Tullio; a de prata em 485 de Roma, e a de oiro sessenta e dois annos depois, em 547. »

A collecção das medalhas e moedas romanas do Gabinete Numismatico da Bibliotheca Nacional é bastante importante; tem muitas moedas de prata, e um avultado numero de grandes, medianos e pequenos bronzes, sendo quasi todos estes das tão procuradas *moedas imperiales*. Só a absoluta falta de espaço nos impede de expôl-os á apreciação dos entendidos.

N.º 179. — LUCRECIA. (Familia patricia e depois plebéa.)

TRIO. Cabeça de Pallas, á direita, com o capacete alado; adiante: X. — Rs. CN. LVCR. | (*Cnæus Lucretius*).

ROMA. Os Dioscures a cavallo, marchando á direita. — R.

O Sñr. Teixeira de Aragão, descrevendo esta medalha sob o n.º 290 da op. cit., acrescenta a seguinte nota:

« Julga Cavedoni que foi fabricada em 558 (196 ant. de J. C.); mr. Cohen considera-a mais moderna, attendendo ao seu estylo. »

Como já dissemos no numero precedente a moeda de

prata só começou a apparecer em Roma no anno 485 da sua fundação.

Sobre a moeda de prata da republica romana, eis o que nos diz o Sñr. Aragão, que tanto nos tem auxiliado com o seu importante trabalho :

« Durante a republica pouca regularidade no peso presidia ao fabrico da moeda de prata ; parece que se contentavam de achar, em um dado peso (a libra) um certo numero de peças, sem cuidarem na exactidão de cada uma de per si, e, por isso, encontramos tão notaveis differenças em exemplares cunhados pelos mesmos individuos e na mesma época.

« Estas irregularidades tornam-se mais notaveis nos *quinarios* e *sestercios* que, relativamente aos *dinheiros*, eram moedas fracas.

« Assim : o *dinheiro* em prata, com as marcas, X, X (cortado no centro por um traço horisontal) e algumas vezes XVI, valia dez *Asses*, sendo a media do peso 3^{sr.},93^{o.}.

« O *quinario* apresenta um V ou um Q ; valia cinco *Asses*, tendo de peso a media, 1^{sr.},79^{o.},05^{m.}.

« O *sestercio*, com a marca IIS ; valia dois e meio *Asses* e encontra-se-lhe no peso a media de 87^{o.},01^{m.}.

« Nos primeiros tempos da republica cunhou-se em prata o *nummus*, ou dois dinheiros, com o dobro do peso e valor. Os exemplares que temos observado pertencem ao grupo dos incertos de fabrica campaniana, e regulam entre 6^{sr.},40^{o.} a 6^{sr.},75^{o.}.

« Do *dinheiro* em prata, do tempo da republica romana, entravam 84 peças em libra, representando quasi a drachma dos gregos. Nem sempre o exemplar de maior peso é o mais exacto : observam-se algumas do mesmo typo, mas em diversa conservação, e a *safada* pesa mais do que outra á flor do cunho.

« Os romanos denominavam tambem as suas primeiras moedas de prata, pelo que representavam nos reversos, assim : *bigati*, *quadrigati* e *victoriati*, talvez para as distinguirem do typo mais antigo e commum os — Dioscures.

« As moedas *victoriadas*, são mais pesadas proporcionalmente, e ha tres variedades, a grande ou antiga victoriada, a pequena e a meia.

« As primeiras, cujo typo parece imitado das medalhas de Capoua e de Atella ; cunhadas, segundo a opinião de Cavendoní e Borghesi, desde o anno 526 (228 ant. de J. C.) até ao meio do seculo VI de Roma, tem de peso, termo medio, 27^{sr.},6^{o.}.

« Á pequena *victoriada*, com a cabeça de Jupiter e no reverso a Victoria coroando um tropheo, se refere, provavelmente, o dito de Plinio: *Qui nunc victoriatu appellatur lege Clodia percussus est.*

« A lei Clodia foi decretada por Claudio Marcello, tribuno do povo, no anno 650 (104 ant. de J. C.)

« A meia *victoriada* tem o mesmo peso da pequena *victoriada*, com a differença de representar a cabeça de Apollo em vez da de Jupiter, e são da mesma época.

N.º 180. — BAEBIA. (Familia plebéa.)

TAMPIL (*Tamphilus*). Cabeça de Pallas, á esquerda, com o capacete alado. — Rs. / ROMA. / BAEBI. / Apollo na quadriga, galopando á direita, com um ramo, um arco e uma flecha. — R.

O Sñr. Teixeira de Aragão, na *Descrição historica das moedas romanas...*, menciona esta medalha sob o n.º 97, e acrescenta a seguinte nota:

« Esta medalha foi cunhada por Marco Baebio Tamphilo, filho de Quinto, consul em 573 (181 ant. de J. C.), com Publio Cornelio Cethego. O reverso com Apollo refere-se á peste que houve em Roma nesse anno e no seguinte. Esta allegoria é attribuida aos gregos, que assim o representaram em uma moeda de Selimonta, cidade aonde a peste reinava habitualmente. Em alguns typos as legendas são em abreviatura, signal de pertencerem aos primeiros tempos da cunhagem da prata em Roma, e as de cobre pelo seu peso indicam tambem a primeira época. Os numismaticos descrevem em prata seis typos, sendo um quinario e outro Victoriado; em cobre sete, dois *Asses*, *semis*, *triens*, *quadrans* *sextans* e *uncia*. »

No anverso da medalha descripta pelo Sñr. Aragão existe um X adiante da cabeça de Pallas; e a legenda completa do reverso é: ROMA. M. BAEBI. Q. F. (*Roma. Marcus Baebius Quinti Filius.*)

N.º 181. — TITURIA. (Familia de origem incerta.)

SABIN. Cabeça nua de Tacio, á direita; adiante, uma palma. — Rs. — L. TITVRI. Dois soldados romanos levando uma sabina. — R.

O Sñr. Teixeira de Aragão (op. cit., n.^{os} 469-474), descreve seis medalhas d'esta familia, sendo que a do n.^o 471 assemelha-se muito á nossa, differindo apenas no seguinte ponto: naquella os dois soldados romanos levam duas sabinas, uma cada um, e não os dois uma só mulher como se vê na medalha exposta.

Sobre a origem desta familia faz o Sñr. Aragão as seguintes considerações :

« A cabeça de Tacio, o rapto das Sabinas e a morte de Tarpeia, denunciam que esta familia era de origem sabina; sendo estes factos muito conhecidos para nos demorarmos em explical-os. Cavedoni considera estas medalhas cunhadas em 666 (88 ant. de J. C.) attribuindo-as a Lucio Titurio Sabino, pae de Quinto Tiberio Sabino, logar-tenente de Julio Cæsar nas Gallias em 696 (58).

« São seis os typos conhecidos em prata, e em cobre apenas o *as* que descrevemos. (n.^o 474). »

N.^o 182. — VIBIA. (Familia plebéa.)

PANSA. Cabeça laureada de Apollo, á direita; adiante, um symbolo. — R_s. C. (*Caius*) VIBIVS. C. F. Pallas na quadriga, galopando á direita, levando um tropheu e a lança. — A.

O Sñr. Teixeira de Aragão, (op. cit., n.^{os} 494-505), descreve doze medalhas d'esta familia, entre as quaes está a nossa, sob o n.^o 495; e, referindo-se a esta e mais tres outras do mesmo Caio Vibio, diz:

« Estas quatro medalhas foram fabricadas, aproximadamente, no anno 668 (86 ant. de J. C.); pertencem a Caio Vibio Pansa, que morreu compromettido na proscricção de Sylla em 673 (81); e foi pae de Vibio Pansa, consul em 711 (43 ant. de J. C.). »

N.^o 183. — CLAUDIA OU CLODIA (familia patricia.)

Cabeça de Apollo, á direita; atraz, uma lyra. — R_s. P. (*Publius*) CLODIVS | M. F. | (*Marci filius.*) Diana em pé com dois tocheiros. — A.

Vide Teixeira de Aragão, op. cit., n.º 150.

Este distincto numismatico descreve sob o n.º 151 est'outra medalha do mesmo Publio Clodio:

« — Cabeça radiada do Sol, á direita; atraz uma aljava. — Rs. P. CLODIVS. M. F. Crescente no meio de cinco estrellas. — R. »

E accrescenta a seguinte noticia:

« Publio Clodio foi monetario de Marco Antonio e de Octavio, e estas duas medalhas foram cunhadas em 716 (38 ant. de J. C.). Mr. Cohen inclue na descripção, por lhes serem communs, dois exemplares da familia Cornelia, um da Neria e outro da Urbinia, que trataremos nas respectivas familias. Excluindo estas conhecem-se ao todo onze cunhos em prata, sendo um com modulo de quinario; tres reproduzidos em oiro, e mais tres typos especiaes neste metal. Em cobre apenas um pequeno bronze, e dois outros communs e descriptos nas familias Livineia e Statilia. »

Imperio: —

N.º 184. — Julio Cesar.

CAESAR. Elephante, á direita, calcando aos pés uma serpente. — Rs. Não tem legenda; no campo: simpulo, aspergilio, ácha e barrete de flamine. — R.

Moeda Imperial. — Foi cunhada pouco mais ou menos no anno 704 da fundação de Roma (50 a. de J. Christo). Vide: Teixeira de Aragão, op. cit., n.º 525; — H. Cohen, *Description historique des monnaies frappées sous l'Empire Romain...*, 2.º éd. Paris, 1880, tom. 1, n.º 49 das de Julio Cesar, onde se encontra o *fac-simile*.

Segundo Cohen ha duas variedades d'esta medalha: em uma o elephante tem a pelle rugosa; em outra a pelle é lisa. No exemplar exposto, a pelle é enrugada nos membros anteriores e posteriores, sendo lisa no resto do corpo.

Eis o que nos diz o Sñr. Aragão sobre a moeda de prata no tempo do imperio romano no occidente e no oriente:

« No imperio romano as moedas de prata são puras até Septimo Severo, que começou a augmentar a liga, e cresceu esta até Gallieno, tendo, por ultimo, as moedas de *prata* só o nome e o valor nominal, que sempre conservaram o mesmo.

Diocleciano foi o seu restaurador mandando cunhar em prata limpa de liga, e assim se continuou até á queda do imperio do oriente.

« As moedas de prata imperiaes, além da quantidade do metal, constituem grandes differenças entre si, relativamente ao peso, assumpto que não cabe no acanhado desenvolvimento d'este escripto. »

« Dissemos que Diocleciano regenerou a moeda de prata fazendo-a fabricar do mesmo toque da do começo do imperio romano, e entrando 96 peças em libra. Grande numero d'estas moedas, conhecidas com o nome de *centenionalis*, e, talvez, de *milliarenis*, tem no exergo XCVI, marca do seu peso. Pouco depois cunharam-se, ainda que em menos quantidade, os *medius-centenionalis*.

« Nos reinados de Constancio II e Juliano II os *centenionalis* de 96 peças em libra romana foram substituidos por uma moeda de menos peso, chamada *silique*, entrando 144 em libra; 2 faziam um *milliarenis*, e 24 um soldo de ouro.

« Pela lei de Arcadio e Honorio, que prohibiu em 395 a cunhagem de moedas com o peso superior a $\frac{1}{96}$ de libra, é evidente haver corrido uma ou mais moedas de prata com superior peso e valor. Mommsen nota a falta absoluta de relação entre o valor e peso das moedas d'essa epoca, e a enorme differença que existe entre os *siliques* de Justino e os do seu successor, como entre os *siliques* de um e os *meios siliques* do outro.

« Os *siliques* de Justino I, com a marca CN (250 unidades) pesam $0^{\text{sr}},60^{\circ}$ a $0^{\text{sr}},62^{\circ}$.

« Os *siliques* de Justiniano I, com a mesma marca pesam $1^{\text{sr}},36^{\circ}$ a $1^{\text{sr}},38^{\circ}$, isto é, mais do dobro dos anteriores.

« Os *meios siliques* de Justino I ou de Justiniano I, com a marca PKE (125 unidades) pesam, termo medio, $0^{\text{sr}},62^{\circ}$.

« Os *meios siliques* dos mesmos imperadores, com a marca PK (120 unidades) pesam de $0^{\text{sr}},63^{\circ}$ e $0^{\text{sr}},64^{\circ}$.

« Heraclio e seus successores até Justiniano II, Rhinotmete, organisaram outro systema para a moeda de prata, estabelecendo :

« *Milliarenis* ou *milliarsia*, de que entravam 48 em libra ($6^{\text{sr}},72^{\circ}$). O typo d'estas moedas no reverso é uma cruz sobre um globo no cimo dos degraus, e a legenda DEVS AIVTA ROMANIS. A sua cunhagem terminou em Jus-

tiniano, que já muito pouco fabricou com seu filho Tiberio IV.

« *Medius milliarenis*, 96 faziam a libra, pesavam metade dos anteriores, com o mesmo typo e tendo mais duas palmas aos lados.

« Doze *milliarenis* faziam um soldo de oiro, e parece que o *milliarenis* representava a millesima parte de uma libra de oiro, assim a empregavam os romanos no fim do IV seculo. Os gregos designavam-n'a por *miliarsia*.

« Depois do reinado de Leão III até ao uso das moedas concavas, torna-se difficil descobrir a nomenclatura e o valor da moeda de prata, que se tornou muito escassa em relação á de oiro. Apesar das notaveis differenças encontradas nestas moedas, parece haverem sido conhecidas pelo nome commum de *keration*, de que 24 faziam um soldo de oiro.

« A introdução das moedas concavas parece que não alterou nem o valor nem o peso da moeda de prata.

« As moedas de prata cunhadas em Constantinopla, em geral, não indicam o logar do fabrico, e rarissimas são as excepções a esta regra; conhecem-se apenas dois exemplares de Anastacio, cinco de Justiniano I, dois de Constante II, uma de Leão V e de Constantino VII, e outra de Basilio I. »

N.º 185. — JULIO CESAR.

Cabeça de Venus, á direita, com o diadema; atraz, Cupido. — R_s. CAESAR. Tropheo com dois escudos e duas trombetas gaulezas; á esquerda, uma mulher sentada, chorando; á direita, um captivo nú com as mãos atadas atraz das costas. — R.

Moeda Imperial. — Foi cunhada aproximadamente no anno 706 da fundação de Roma (48 a. de Christo.). Vem descripta pelo Sñr. Teixeira de Aragão, op. cit., n.º 522; e por H. Cohen, op. cit., tom. I, sob o n.º 13 das de Julio Cesar; neste ultimo occorre o *fac-simile*.

Segundo o douto numismatico portuguez, Julio Cesar foi o primeiro romano a quem o senado conferio o direito de cunhar o seu retrato nas moedas. Elle cunhou nos tres metaes, ouro, prata e cobre.

N.º 186. — OCTAVIO AUGUSTO.

DIVVS AVGVSTVS PATER. Cabeça radiada de Augusto, á esquerda. — R_S Raio alado; aos lados: S / C / (*Senatus Consultus*).

Moeda Imperial. — Medio bronze, cunhado no reinado de Tiberio.

N.º 527 de Aragão, op. cit. Vem tambem descripto com o *fac-simile* em H. Cohen, *Description Historique des monnaies frappées sous l'Empire Romain...*, Paris, 1880, no Tom. I, pag. 97, n.º 249 das medalhas de Octavio Augusto.

O Sñr. Aragão auxilia-nos ainda com as seguintes informações sobre a moeda de cobre no tempo do imperio romano:

« O Systema monetario estabelecido para as moedas de cobre durante a republica desapareceu, sem que se saiba a razão, no tempo de Augusto; assim, os termos por que se designava o *As* e as suas subdivisões não se podem adaptar ás moedas do imperio. Os numismaticos teem dividido as moedas de cobre imperiaes em: *grandes-bronzes*, *medios-bronzes*, *pequenos-bronzes*; esta divisão arbitraria tem sido universalmente adoptada, e na incerteza em que se está dos seus valores, é por certo a que melhor satisfaz.

Só em algumas moedas de cobre de Nero observamos marcas que parecem indicar o seu valor: assim II encontra-se nos typos de Macellum, da Segurança e da Victoria. A marca I acha-se nas do modulo entre o mediano e pequeno bronze; modulo, que não é frequente senão em Nero, e rarissimo em alguns dos seus successores, nos typos do genio e de Nero, cantando com acompanhamento de lyra. Mr. Cohen viu esta marca em um mediano bronze que existe no gabinete de França, mas attribue-o a erro do moedeiro.

A marca S apparece nas medalhas de pequeno bronze que teem os typos — a mesa dos jogos e Roma assentada. Na collecção real ha exemplares com estas tres marcas.

Se as letras II significam *dupondius*, o I o *As*, e o S o *semis*, como nas medalhas de cobre da republica, os grandes bronzes deviam ser os *tripondius* ou *quadrussis*. Esta suspeita muito vaga pouco ou nada adianta a questão que o conde de Borghesi com tanto afinco tem procurado resolver.

As moedas de cobre romanas, desprezadas geralmente no vulgo pelo seu pequeno valor intrinseco, são para a sciencia do maior alcance historico; nos seus typos não só foram impressas quasi todas as cunhadas em oiro e prata, mas outras muitas especiaes, interessantissimas pelos factos que representam.

N.º 187. — NERO.

NERO CAESAR AVG. GERM. IMP. Cabeça laureada de Nero, á direita. — Rs. Victoria elevando-se no ar, á esquerda, com o escudo, onde se lê: S. P. Q. R. Aos lados: S / C.

Moeda Imperial. — Medio bronze. Entre as 446 moedas de Nero descriptas por H. Cohen, op. cit., a nossa figura sob o n.º 288.

O Sñr. Teixeira de Aragão não a menciona.

N.º 188. — MARCO AURELIO.

DIVVS M. ANTONINVS PIVS. Cabeça nua e barbada de Marco Aurelio, á direita. — Rs. CONSECRATIO. Aguia, á direita e olhando para a esquerda, em pé sobre um altar ornado de grinaldas. Aos lados: S / C.

Moeda Imperial. — Grande bronze.

Vide Teixeira de Aragão (op. cit., n.º 1143), o qual declara ter sido cunhada esta medalha depois da morte de Marco Aurelio.

N.º 189. — FAUSTINA FILHA.

DIVA FAVSTINA PIA. Busto á direita. — Rs. CONSECRATIO. Pavão á direita. — Æ.

Moeda Imperial. — É o n.º 1178 da obra do Sñr. Teixeira de Aragão, o qual nos fornece a seguinte noticia:

« Annia Faustina, filha de Antonino e de Faustina, e mulher de Marco Aurelio, morreu junto ao monte Tauro, em 928 (175 de J. C.). Recebeu os titulos de Augusta, e de mãe dos campos; e teve filhos — Aurelia Sabina, Fadilla, Domicia Faustina, Lucilla, Commodo e seu irmão gêmeo Antonino, Annio Vero, e outros de quem são desconhecidos os nomes.»

N.º 190. — GORDIANO III, O PRO.

IMP GORDIANVS PIVS FEL AVG. Busto laureado do Imperador, á direita. — Rs. / P. M. TR. P. IIII. COS. II. P. P. S. C. / Apollo meio nú, sentado á esquerda, com o ramo de louro e encostado á lyra.

Moeda Imperial. — Grande Bronze. Foi cunhado aproximadamente no anno 994 da fundação de Roma (241 da éra christã). Entre as 45 medalhas ou moedas de Gordiano III descriptas pelo Sñr. Teixeira de Aragão, (n.º 1431 - 1475 da op. cit.), não se encontra a que está exposta.

MEDALHAS BYZANTINAS.

N.º 191. — ANASTACIO I. *Follis*.

DN. ANASTASIVS. PP. AVG. Busto de Anastacio I, com diadema, á direita. — Rs. O indicio M entre duas estrellas; por cima, uma cruz; por baixo: A; no exergo: CON. — Æ.

Moeda byzantina conhecida pelo nome de *Follis*.

N.º 2341 de Aragão, op. cit., da qual extrahimos os seguintes dados sobre a moeda de cobre byzantina:

« Neste reinado (*de Anastacio I*), começa a moeda a apresentar o typo byzantino, encontrando-se quasi constantemente, no fim das legendas dos reversos as letras numeraes gregas. »

« Os antigos escriptores tinham noções muito incompletas e vagas das relações existentes entre as moedas de oiro, prata e cobre byzantinas, suas verdadeiras denominações e variadas alterações que ellas soffreram no peso e valor. Estas alterações, principalmente na moeda de cobre, foram em taes proporções de abaixamento que nos demonstram que taes peças pela sua insignificancia acabaram por não ter senão um valor legal.

« Os termos de que se servem os auctores antigos, para designar estas moedas, são umas vezes gregos e outras latinos, tornando-se difficil reconhecer o valor que elles exprimem e sobretudo de os fazer concordar entre si. A esta

confusão se junta ainda, na moeda de cobre, a diferença das marcas monetarias expressas por letras ou numeros.

« Muitos tem sido os estudos sobre esta classe de moedas, descobrindo-se todos os dias *typos ineditos*. Conhecer com precisão o seu *systema monetario* é um problema que debalde se tem tentado resolver, e tarde o será.

« Parece que nos imperios de Honório e Arcádio se deixou de fabricar moeda de cobre de grande modulo. Zênão mandou cunhar alguns bronzes de segunda grandeza, com a marca XL, mas são rarissimos.

« Anastacio, em 498, reformou a moeda de cobre estabelecendo quatro tamanhos diversos, com o respectivo valor marcado; pratica seguida até o reinado de Miguel III; e segundo esta moeda era destinada a circular nas provincias do oriente ou do occidente, assim a marca do valor era inscripta em caracteres gregos ou latinos; exprimindo a unidade que pelas épocas se intendia por *denarius* ou *nummium*.

« O *dinheiro* vem mencionado em grande numero de auctores mas com diversas significações, designando a maior parte das vezes uma pequena moeda de cobre. Cassiodoro dá ao soldo de oiro 6.000 dinheiros de cobre. Nos bronzes de Mauricio, Focas e Heraclio encontra-se aos lados da cifra as duas letras N — M (*nummium*), assim como pelas palavras *decanumnumium* e *pentanumnumium* se designa nas moedas de cobre o conterem dez ou cinco unidades.

« *Systema monetario* de Anastacio:

« *Follis*, moeda de 40 *nummias* e marcada M — XXXX ou $\frac{XX}{XX}$. O soldo de oiro valia conforme a epoca, entre 210 a 180 peças de *follis*.

« *Tres quartos de follis*, moeda de 30 *nummias*, assim marcada Λ ou XXX. Julga-se haverem começado no tempo de Tiberio Constantino, e são rarissimas.

« *Meio follis nummus* ou simplesmente *nummus*, como era conhecido no tempo de Justiniano, valendo então o *silique* 12 *nummias*, — moeda de 20 *nummias* e marcada K — XX ou $\frac{X}{X}$. No seculo VIII eram chamadas estas peças, por Cedrenus, indistinctamente *follis* ou *nummus*, e no fim do imperio havia moedas a que chamavam *eikosarion* ou *obolo*.

« *Decanumnumium*, moeda de 10 *nummias*, assim marcada: I — X ou V + V.

« *Pentanumnumium*, moeda de 5 *nummias* e assim marcada: E — Υ ou V.

« A unidade monetaria *nummum*, *nummus* ou *denarius* não tem valor inscripto, havendo alguns typos de Justiniano I com a cruz, o leão, ou a letra M no reverso; e é muito provavel que depois d'este imperador deixasse de ser moeda effectiva, ficando moeda de conta. »

O Sñr. Aragão continúa o seu importante estudo, occupando-se com as moedas cunhadas em Alexandria, no Egypto, em Thessalonica e Kherson, no tempo do imperio byzantino.

N.º 192. — JUSTINIANO I (Flavio Anicio). *Decanummia*.

Busto de Justiniano I, de face, com capacete e escudo, tendo na mão direita o globo com a cruz. No campo, á direita, uma cruz. Legenda destruida. — Rs. O indício I entre duas estrellas de seis raios, e o todo dentro de uma corôa. — Æ.

Moeda byzantina conhecida pelo nome de *Decanummia*.

Sabatier, na *Description des monnaies byzantines... Paris, 1862*, in-8.º, descrevendo as moedas do reinado de Justiniano I, cita, á pag. 190, n.º 109, uma *Decanummia*, cuja legenda é: — DN. IVSTINIANVS. PP. A. —, a qual confere em todos os outros pontos com o nosso exemplar. O Sñr. Teixeira de Aragão (op. cit., n.º 2390), repete a mesma classificação de Sabatier para um exemplar do Gabinete Numismatico de S. M. o Sñr. D. Luiz I.

Será o nosso exemplar identico aos que foram apontados? Não podemos decidil-o categoricamente; entretanto, comparando-o com o *fac-simile* que occorre em Sabatier, parece-nos mui provavel que seja identico.

A respeito da moeda de cobre do tempo de Justiniano I, (527-565), faz o Sñr. Aragão as seguintes considerações:

« Desde o anno 539 as moedas de cobre de Justiniano apresentam o busto de face, no reverso, geralmente á esquerda do indício, inscripta a palavra ANNO, e á direita, a cifra do anno do reinado. A sua moeda de cobre é variadissima em marcas de valor, datas, lugares em que foi fabricada, e é tambem a mais abundante do oriente. É possivel haver cunhado em todos os trinta e nove annos do seu reinado, mas não se tem encontrado além do 37.º »

MEDALHAS MODERNAS

RUSSIA

N.º 193. — CATHARINA II.



Legenda em caracteres russos com o nome da soberana reinante. Busto de Catharina II, á direita, coroada, tendo uma

subscripção em caracteres russos. — R_s. Uma mulher, sentada á direita sobre um feixe de trigo, coroada de flores, tendo na mão esquerda um caducêo, e a direita estendida na acção de coroar um campo, no qual se vê um homem guiando um arado, puchado por dois bois. Em cima, sobre uma fita, uma legenda ainda em caracteres russos. — *Æ.* 66.^{mm}

Para as legendas do anverso e reverso e para a subscripção do busto de Catharina II, vide o *fac-simile*.

Bella medalha.

A Bibliotheca Nacional possui ainda dez medalhas russas de prata, todas mui bellas e perfeitamente gravadas, entre as quaes se contam quatro de Nicoláo I, cujos bustos estão primorosamente executados. Ellas deixam de ser expostas por não existirem no mercado do Rio de Janeiro os caracteres russos necessarios para a reproducção das legendas. *Foi sómente por este motivo, e não pela sua raridade, que se mandou abrir o fac-simile da acima descripta.*

N.º 194. — Ao Principe Demetrio da Russia.

DEMETR. PRINC. GALITZIN. CATH. II. RVSS. IMP. AD. AVL. CAES. ORATOR. Busto do Principe, á direita. — R_s. Figura de Pallas, á direita, olhando para uma oliveira, que se acha á esquerda, tendo por baixo, tambem á esquerda, os attributos das artes liberaes. Por cima: AMICO—HVMANITATIS; e por baixo: NAT. ABOAE. MDCCXXI. / MORT. VINDOBONAE. / MDCCXCIII. / — *Æ.* 50.^{mm}

SUECIA E NORUEGA

N.º 195. — Familia real. Carlos XIV, Oscar I e Carlos XV.

No centro, em cima, a cabeça de Carlos XIV, tendo á esquerda: CARL XIV, e á direita: JOHAN. Por baixo: á esquerda, a cabeça de Oscar I, tendo á esquerda: OSCAR I.; á direita, a cabeça de Carlos XV, tendo á direita: CARL XV. No exergo: L. BORMANN. Todas as cabeças são voltadas para a direita. — R_s. No centro, em cinco linhas: KONUNGAR / AF / SVERIGE / OCH / NORRIGE /. — *Æ.* 42.^{mm}

INGLATERRA

N.º 196. — Exposição Universal de Londres, em 1862.

No centro, Minerva sentada e voltada para a esquerda, com a mão esquerda sobre o escudo da Inglaterra, tendo na direita uma corôa de louro; adiante e atrás, dois grupos de mulheres, que lhe apresentam os attributos das artes mecanicas e da agricultura; a seus pés, um leão deitado. No exergo: — D. MACLISE R. A. DES. — LEONARD C. WION FEC. — R₈. No centro de uma corôa formada de dois ramos de carvalho: — 1862 / LONDINI / ————— / HONORIS / CAUSA /. No exergo: L. C. WYON FEC. / — Æ. 76^{1/2}₂^{mm}.

Na borda lê-se: BARON M. M. DIAZ DA CRUZ. CLASS IV.

O exemplar exposto é um verdadeiro primor.

É realmente admiravel a delicadeza do trabalho do relevo, tanto nas figuras principaes como nos accessorios, sendo todos os contornos executados com a maior perfeição. Os dois ramos de carvalho do reverso estão perfeitamente acabados, nada deixando a desejar em todas as suas partes. Tudo nesta medalha revela a mão adestrada de um artista consummado.

FRANÇA

N.º 197. — Moinho de Bazacle fundado em 1190.

MOULIN DU BAZACLE FONDÉ EN 1190. Entre dois feixes de trigo, uma Cruz com duas travessas. No exergo, entre duas rosetas: — TOULOUSE. — R₈. S. Martinho, a cavallo, dando metade da capa a um mendigo. No exergo, á esquerda: BESSAIGNET. — Æ. 37.^{mm}

Na borda desta medalha lê-se: X CUIVRE.

N.º 198. — João Gutenberg. — Exemplar da *Series Numismatica Universalis Virorum Illustrium*.

JOHANNES GUTTEMBERG. Busto de Gutenberg, á direita, tendo por baixo: GAYRARD F. — R₈. NATUS / MO-

GUNTLE / IN GERMANIA / AN. MCCCC. / OBIIT / AN. M.CCCC.LXVIII. / — / SERIES NUMISMATICA / UNIVERSALIS VIRORUM ILLUSTRUM. / — / M.DCCC.XVIII. / DURAND EDIDIT. — *Æ.* 40 $\frac{1}{2}$.^{mm}

Na borda lê-se : MONACHII (*Munich*).

É desnecessario justificar o lugar que occupa esta medalha na exposição ; — o busto de Gutenberg ahi devia figurar incontestavelmente. Neste catalogo, sob o n.º 1 da secção de impressos, o leitor curioso encontrará os dados mais importantes sobre a vida e o grande descobrimento do illustre moentino.

Da *Series Numismatica Universalis Virorum Illustrum* a Bibliotheca Nacional possui 104 medalhas com os bustos das maiores notabilidades de todas as epochas. Nesta homenagem, prestada por Durand á memoria de tantos homens illustres, collaboraram os melhores gravadores da escola franceza do seculo actual.

Em todos os exemplares da nossa collecção encontra-se na borda a palavra — MONACHII (*Munich*) ; porque ahi se acha esta palavra, não sabemos explicar, pois ella não está em todos os exemplares cunhados, como tivemos occasião de verificar. A casa da Moeda do Rio de Janeiro possui em seu gabinete numismatico uma boa parte d'esta collecção ; mas, na grande maioria, os seus exemplares têm a borda completamente lisa, lendo-se sómente em alguns d'elles a designação d'essa cidade.

Não nos foi possível verificar com exactidão o lugar em que se gravou esta serie ; mas os nomes dos artistas e sobretudo o estylo da gravura parecem indicar como mais provavel a origem franceza ; é por essa razão que assim a classificamos.

A serie foi generosamente offerecida á Bibliotheca Nacional pelo Sñr. Conde de Iguassú.

N.º 199. — Luiz de Camões. — Exemplar da *Series Numismatica Universalis Virorum Illustrum*.

LUDOVICUS CAMOES. Busto laureado de Camões, á direita, tendo por baixo : — CAQUÉ F. — R_S. NATUS / OLYSIPONE / IN LUSITANIA / AN. M.D.XVII. / OBIIT / AN. M. D. LXXIX. / — / SERIES NUMISMATICA / UNIVERSALIS VIRORUM ILLUSTRUM. / — / M.D.CCC.XXI. / — *Æ.* 40 $\frac{1}{2}$.^{mm}

Na borda lê-se : MONACHII (*Munich*).

As datas do nascimento e morte de Camões, que occorrem no reverso d'esta medalha, estão erradas. Segundo a maior probabilidade, o poeta nasceu em 1524, e, pelo documento encontrado pelo Sñr. Visconde de Juromenha, é hoje incontestavel que falleceu aos 10 de Junho de 1580. Vide as medalhas n.º 212 e 213 d'este catalogo.

O Sñr. Lopes Fernandes, na *Memoria das medalhas e condecorações portuguezas e das estrangeiras com relação a Portugal*, Lisboa, 1861, sob o n.º 102, dá noticia de tres copias da medalha exposta, gravadas e cunhadas em Lisboa no anno de 1830:

« Ensaios dos gravadores na casa da moeda de Lisboa, em 1830. — Os Srs. Francisco de Borja Freire, Luiz Gonzaga Pereira, e Caetano Alberto Nunes de Almeida, pretendentes ao logar de primeiro gravador de cunhos da casa da moeda de Lisboa, fizeram para este concurso, no anno de 1830, cada um delles, uma medalha com o busto de Minerva, e alguns emblemas allegoricos. Não agradando ao governo os emblemas destas medalhas, se lhes ordenou que lavrassem outras, e que fossem em tudo similhantes áquella que se publicou em Paris, no anno de 1821, gravada por *Caqué*, e dedicada por *Durant* ao nosso poeta *Luiz de Camões*, sendo uma das que compõem a — *Serie Numismatica Universal dos Homens Illustres*. —

« Cada um destes tres pretendentes gravou esta medalha, pondo-lhe no reverso a mesma data de 1821, como se achava no modêlo, abrindo depois o Sr. Freire outro reverso para a sua medalha, pondo-lhe a verdadeira data de 1830 em que foi gravada, com o qual se cunharam alguns exemplares, sendo esta a mais perfeita das tres então cunhadas, as quaes existem na nossa collecção. »

Quanto ás razões por que esta medalha está classificada entre as francezas, vide o numero antecedente.

Offerecida pelo Sñr. Conde de Iguassú.

N.º 200. — Visita do Infante de Portugal D. Miguel á Casa da Moeda de Paris, em 28 de Julho de 1824.

DOM. MIGUEL INFANT. DE PORTUGAL VISITE LA MONNAIE R.^{LE} DES MÉDAILLES. No centro, a esphera com o escudo de Portugal, e em cima uma corôa de principe. (Armas do Infante). Por baixo da esphera: — BARRE F. — ; e no exergo: 28 JUILLET 1824. — R^S. RERUM. GEST. FIDEL. ET. ÆTERN. No centro, uma prensa

monetaria, tendo á esquerda uma mulher gravando em uma pedra apoiada no joelho esquerdo; e á direita, outra mulher com uma moeda na mão esquerda. (Allegoria á gravura e cunhagem das moedas.) Por baixo: Æ. A. A. F. F. (*Æri. Auro. Argento. Flando. Feriundo.*) — Æ. 41^{mm}.

Vem descripta, com o *fac-simile*, pelo Sr. Lopes Fernandes, op. cit., n.º 96.

Como bem observa o mesmo autor, as abreviaturas que se encontram no reverso são semelhantes ás usadas nas medalhas romanas.

N.º 201. — Medalha cunhada em honra de Jorge Canning.

GEORGE CANNING. Busto á esquerda, tendo por baixo: GALLE F. — Rs. No centro de um circulo: LIBERTÉ / CIVILE / ET / RELIGIEUSE / DANS / L'UNIVERS. / — / 1827. / Por cima: A LA CONCORDE DES PEUPLES. — Æ. 51^{mm}.

N.º 202. — Inauguração da Capella de S. Fernando, levantada em memoria do Duque de Orleans Fernando Philippe Luiz.

FERDINAND PHILIPPE LOUIS C. H. DUC D'ORLÉANS. Busto á direita, tendo por baixo: BORREL F. — Rs. CHAPELLE SAINT FERDINAND / SOUS L'INVOCATION DE NOTRE DAME / DE LA COMPASSION /. Vista da Capella, tendo á esquerda: BORREL; e á direita: 1844. Por baixo: ÉLEVÉE A LA MÉMOIRE / DE S. A. R. L. F. P. DUC D'ORLÉANS / PRINCE ROYAL / INAUGURÉE LE 11 JUILLET / 1843. / — Æ. 52^{mm}.

Na borda d'esta medalha lê-se: ~~Æ~~ CUIVRE.

N.º 203. — Conselho Municipal da Communa de La Villette no departamento do Sena.

No centro de uma corôa, formada de dois ramos de carvalho unidos por um cacho de uvas: CONSEIL / MUNICIPAL / — / 1856 /. Por cima: * COMMUNE DE LA VILLETTE *; e por baixo: DEPARTEMENT DE LA SEINE. — Rs. Um escudo, tendo no centro, em campo vermelho,

uma embarcação antiga com a vela enfunada. Por cima, uma corôa mural; e aos lados, dois ramos de louro unidos por um laço de fita. (Armas da cidade de Paris, sem o mote.) No exergo: ALBERT BARRE. — \mathcal{A} . 35 $\frac{1}{2}$ mm.

N.º 204. — Exposição Universal de Paris em 1878.

REPUBLIQUE FRANÇAISE * Cabeça da republica, á esquerda, tendo em cima uma estrella, e por baixo: OUDINÉ. — Rs. EXPOSITION UNIVERSELLE / PARIS 1878 /. No centro, o palacio da exposição, tendo por baixo: PALAIS DU TROCADERO. No exergo: ADMIN.^{on} DES MONNAIES / ET MÉDAILLES / ALPHÉE DUBOIS /. — \mathcal{A} . 51mm.

Na borda d'esta medalha lê-se: + BRONZE.

BELGICA E HOLLANDA

N.º 205. — Medalha commemorativa da inauguração da estatua de Antonio Van Dyck, em Antuerpia.

ANTOINE VAN DYCK. Busto de Van Dyck, á esquerda, tendo por baixo, á direita: CHARLES WIENER. — Rs. Estatua de Van Dyck, tendo á esquerda: NÉ / À ANVERS / 22 MARS / 1599 /; e á direita: DÉCÈDÉ / À LONDRES / 9 DECEMB. / 1641 /. Em baixo: STATUE ERIGÉE À ANVERS 1856. No exergo: CH. WIENER. D'APRES L. DE CUYPER. — \mathcal{A} . 68mm.

N.º 206. — Entrevista de Leopoldo I da Belgica e de Guilherme III da Hollanda, em Liège.

LEOPOLD I ROI DES BELGES. GUILLAUME III ROI DES PAYS BAS. Bustos sobrepostos dos dois soberanos. No exergo: LEOP. ET CH. WIENER. — Rs. ENTREVUE DES SOUVERAINS À LIEGE. Tres mulheres: duas, aos lados, dando-se as mãos em signal de alliança: a da esquerda apoia a mão esquerda sobre uma pá; a da direita toma o seu manto com a mão esquerda; por detraz da primeira o escudo das armas da Hollanda encostado a uma ancora, e

por detraz da segunda o escudo das armas da Belgica, encostado a uma columna que tem as letras L. G. aos lados; no meio, a terceira mulher, com um ramo de oliveira na mão direita, toma pelos hombros as duas outras conchegando-as como que para as congregar. No exergo: 19 OCTOBRE 1861 / — Æ. 70^{mm}.

SUISSA

N.º 207. — Quinquagesimo anniversario da reunião de Genebra á Suissa.

No centro, duas mulheres abraçadas, representando a Suissa e Genebra, tendo em baixo, á esquerda: — ANT —, e á direita: — BOVY. — Por baixo da mulher que fica á direita: D'APRES DORER. Por cima, á esquerda: — * UN POUR TOUS; no centro, uma estrella; e á direita: — TOUS POUR UN *. No exergo: 12 SEPTEMBRE 1814. — Rs. 50. ^{ms} ANNIVERSAIRE DE LA RÉUNION DE GENÈVE A LA SUISSE. No centro de uma corôa de carvalho: — CÉLÈBRE / A GENÈVE / LE 12 SEPT. ^{ms} / 1864 /. Por baixo, uma roseta. — Æ. 47^{mm}.

AUSTRIA

N.º 208. — Exposição Universal de Vienna em 1873. Medalha de merito.

FRANZ JOSEPH I., KAISER VON OESTERREICH KOENIG VON BOEHMEN ETC., APOST. KOENIG VON UNGARN. — Busto laureado de Francisco José, á direita, tendo em baixo: J. TAUTENHAYN. No exergo, uma estrella. — Rs. Á direita, uma mulher em pé, com a cornucopia da abundancia, entrega uma corôa de louro a uma outra que está sentada, á esquerda, com uma roca; no centro, um homem em pé, tendo na mão direita uma corôa de louro, e a esquerda descansada sobre um martello apoiado em uma bigorna. No fundo, á direita, um arado. Por cima: WELT-AUSSTELLUNG 1873 WIEN.; e por baixo: DEM / VERDIENSTE. / — Æ. 70 ^{1/2} ^{mm}.

Esta medalha foi perfeitamente gravada e cunhada com esmero. O busto, muito saliente, está bem executado.

PORTUGAL

N.º 209. — Nossa Senhora da Conceição Padroeira do Reino de Portugal.

IOANNES. IIII. D. G. PORTUGALIÆ. ET. ALGARBIÆ. REX. Cruz da Ordem de Christo, tendo no centro o escudo das armas de Portugal, e por cima a corôa. — R_s. TVTELARIS REGNI — Imagem de N. S. da Conceição, tendo por baixo a meia lua sobre o globo com a serpente e a data 1648; dos lados: o Sol; o Espelho; o Horto; a Casa de Ouro; a Fonte Selada; e a Arca do Santuario. — *R.* 40^{mm}.

Vem descripta por Lopes Fernandes, sob o n.º 15 da sua *Memoria das medalhas e condecorações portuguezas e das estrangeiras com relação a Portugal*, Lisboa, 1861, in-4.º

O mesmo autor nos fornece a seguinte noticia:

« Nas Côrtes celebradas em Lisboa no anno de 1646, declarou o Senhor D. João IV, que tomava a Virgem Nossa Senhora da Conceição por Padroeira do reino de Portugal, prometendo-lhe em seu nome e dos seus successores, o tributo annual de 50 cruzados de ouro. Ordenou que os estudantes na Universidade de Coimbra, antes de tomarem algum grão, jurassem defender a Immaculada Conceição da Mãe de Deus. Consta do registo da casa da moeda de Lisboa do L. 1, a pag. 256 v., que Antonio Routier foi mandado vir de França, trazendo um engenho para lavrar umas medalhas de ouro de 22 quilates, com o pêso de 12 oitavas, e outras semelhantes, mas de prata, com o pêso de uma onça, dedicadas a Nossa Senhora da Conceição, as quaes foram depois admittidas por lei como moedas correntes; as de ouro por 12000 réis, e as de prata por 600 réis.

« Estas medalhas são excessivamente raras, e as que temos visto cunhadas são as reproduzidas na casa da moeda de Lisboa no tempo do Senhor D. Pedro II, e vem estampadas na *Historia Genealogica da Casa Real*, Tom iv., Taboa EE, Fig. 1. »

O nosso exemplar pertence ao numero dos ultimos; é apenas uma reproducção fundida sobre a medalha primitiva; nelle mal se percebe a data 1648 sobre o globo, a qual se encontra no *fac-simile* e descripção dados por Lopes Fernandes.

A medalha, e depois moeda da Conceição vem apontada pelo Sñr. Teixeira de Aragão, na sua *Descripção geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e go-*

vernadores de Portugal, Lisboa, 1874-80, no Tom. II, n.º 13 das do reinado de D. João IV. Segundo o mesmo autor o seu preço estimativo actual é 13\$500 rs. fortes.

N.º 210. — Medalha cunhada em honra do Marquez de Pombal.

SEB: JOS: DE CARVALHO E MELLO MARCH: DE POMBAL. Busto do Marquez de Pombal, com grande cabelleira, á direita. — Rs. HAEC META LABORUM. Figura de Hercules, em pé, á direita, com as divisas e espolios do seu valor, offerecendo os pomos de ouro á cidade de Lisboa, sentada á esquerda e voltada para a direita, tendo na cabeça uma corôa e ao lado o escudo das armas portuguezas. Por cima, a Fama tocando o clarim. No exergo: — MDCC LXXII /. — R. 52 ½^{mm}.

N.º 49 da obra citada de Lopes Fernandes, onde se pôde vêr o *fac-simile*.

O mesmo autor declara que existe outra medalha semelhante e com menor diametro, cunhada no anno de 1771, da qual viu um exemplar na collecção do Sñr. Francisco de Paula Ferreira da Costa.

A medalha exposta foi gravada e cunhada em Lisboa por ordem de Luiz José de Brito, contador geral de uma das contadorias do Real Erario, em signal de gratidão ao grande ministro de D. José I. D'ella existem exemplares em ouro, prata e cobre.

N.º 211. — Real Companhia do novo estabelecimento para as fiações e torcidos das sedas, estabelecida em 1802.

NO TEMPO DA FELIZ REGENCIA. Figura de Pamphilia dobando a seda, sentada á esquerda e voltada para a direita, collocada entre duas amoreiras. No exergo: MDCCCII. — Rs. Armas de Portugal com ornamentos, tendo por baixo: EM PREMIO DO MERECEMENTO. — R. 49^{mm}.

N.º 73 da op. cit. de Lopes Fernandes, na qual occorre o *fac simile*.

Eis as indicações que nos dá o mesmo autor sobre esta medalha:

« O Sr. D. João, Príncipe Regente, attendendo á apresentação, com vinte e quatro condições, assignada pelos sete negociantes, — *Jacinto Fernandes Bandeira*, — *João Antonio Lopes Fernandes* — *Joaquim Pereira de Almeida* — *Gaspar Pessoa Tavares* — *Carlos Francisco Prego* — *João da Silva Mendes* — *Antonio José Ferreira*, e rubricadas por D. Rodrigo de Sousa Coutinho, Conselheiro d'Estado, e Ministro e Secretario d'Estado, houve por bem, por Alvará de 6 de Janeiro de 1802, de confirmar as mesmas condições, nas quaes pediam os auctorisassem para estabelecerem uma nova companhia denominada — *Real companhia do novo estabelecimento para as fiações e torcidos das sedas*, — que duraria doze annos, ou os mais que á companhia depois lhe conviesse, concedendo-lhe muitos privilegios, e entre elles, aos fundadores, a mercê do habito de Christo, e a todos os capitalistas o reputarem-se nobres, para sem outra habilitação poderem ser admittidos aos empregos honorificos, não exercitando empregos incompatíveis com elles. Poderiam authenticar os seus papeis com as armas que tenham a figura de Pamphilia, que se diz inventora da arte de manobrar a seda; mandando tambem cunhar umas medalhas de prata que tivessem a mesma figura, para serem distribuidas aos lavradores que mostrassem ter feito crescer a lavra da seda, e a cultura das amoreiras, pelas fiadeiras que se distinguissem na puresa da fiação, e por aquelles que se reputassem benemeritos em qualquer dos objectos deste estabelecimento. Querendo o Príncipe Regente mais effizantemente proteger esta companhia, ordenou ao Presidente do Real Erario, que estabelecesse annualmente quatro premios de 1:600\$000 réis cada um, dados pelos rendimentos da Fazenda Real, dois nas provincias de Traz dos Montes, propostos por esta companhia, e os outros dois nas mais provincias do reino, propostos pelos Deputados da Junta do Commercio, ás pessoas que mostrassem haver plantado de viveiro maior numero de amoreiras, que transplantadas tivessem fructificado, e vendido á companhia maior porção de casulo.

« Estas medalhas são bastante raras; conservamos uma que nos foi dada em 1807, quando fomos nomeado Socio desta companhia, como filho unico e herdeiro do fallecido segundo dos fundadores que assignou as condições da representação. »

O exemplar do Sñr. Lopes Fernandes pesava 13 oitavas e 6 grãos; e, segundo elle, a medalha foi gravada por José Gaspar, natural de Flandres.

N.º 212. — A Camões a Sociedade de Geographia de Lisboa por occasião do terceiro centenario de sua morte.

POR MARES NUNCA D'ANTES NAVEGADOS. No centro, a esphera com o escudo de Portugal, tendo por baixo, á esquerda: — L. C. INV. —; e á direita: O. L. GRV. — R_s. A / CAMÕES / A / SOCIEDADE / DE / GEOGRAPHIA / DE / LISBOA / MDCCCLXXX / * /. — Æ. 50 ¹/₂^{mm}.

N.º 213. — Homenagem a Camões no terceiro centenario de sua morte.

Busto laureado de Camões, á esquerda, tendo por baixo: J DE SOUZA. Em cima: — A LUIZ DE CAMÕES —; em baixo: — MDXXIV - MDLXXX. — R_s. No centro de uma corôa de carvalho e louro: — PROGREDIOR —, no meio de raios. Por cima: — « DIZEI, QUE OLHEM A MIM, CRERÃO A ELLA ». Por baixo: MDCCCLXXX. Sobre uma fita, que se enrola na corôa, os seguintes dizeres, da esquerda para a direita: — UNIVERS. / 1537 —; — SEROES LX. / 1543 —; — AFRICA / 1547 —; — INDIA / 1553 —; — MECON / 1558 —; — VOLTA LX. / 1570 —; — LUSIADAS / 1572 —; — MORTE LX. / JUN. 10. — Æ. 76 ¹/₂^{mm}.

ITALIA

N.º 214. — Restauração da Basilica de S. Paulo em Roma.

Busto de Pio IX á esquerda, tendo á esquerda: — PIVS IX. —; e á direita: — PONT. MAX. — No exergo: — I. BIANCHI F. — R_s. PIVS. IX. P. M. BASILICAM. PAVLI APOST. AB. INCENDIO. REFECTAM. SOLEMNI. RITV. CONSECRAVIT. IV. ID. DEC. MDCCCLIV * — No centro, a nave da Igreja de S. Paulo de Roma, tendo em baixo, á direita: — I. BIANCHI F. —; e no centro: — AL. POLETTI. ARCH. INV. — Æ. 82^{mm}.

Esta medalha é um verdadeiro primor de arte. O busto está perfeitamente gravado. No reverso o effeito da perspectiva é lindissimo; a columnata, o tecto, o chão, o fundo, tudo foi tratado com a maior delicadeza. Assim, o lugar que occupa nesta exposição é absolutamente merecido.

Foi offerecida em 1884 com S. A. o Principe D. Pedro Augusto.

N.º 215. — Medalha cunhada em honra de S. Mayr e de Donizetti.

NELLE SOLENNI ONORANZE A MAYR E DONIZETTI. BERGAMO 7BRE 1875. — Busto de Donizetti, á direita, tendo por baixo: DONIZETTI. — Rs. Busto de Mayr, á esquerda, tendo na base: — A POJADIII. F. —; e por baixo: S. MAYR. — Æ. 51 $\frac{1}{2}$ mm.

AMERICA

ESTADOS-UNIDOS

N.º 216. — Centenario da independencia dos Estados-Unidos.

THESE UNITED COLONIES ARE, AND OF RIGHT OUGHT TO BE, FREE AND INDEPENDENT STATES. No centro, uma mulher, com o joelho em terra e uma espada na mão direita, ergue o braço esquerdo para o céu, onde se veem as estrellas da União radiadas. Por baixo: — 1776. — Rs. BY AUTHORITY OF THE CONGRESS OF THE UNITED STATES. No centro de uma corôa de folhas: — IN / COMMEMORATION / OF THE / HUNDREDTH / ANNIVERSARY / OF / AMERICAN / INDEPENDENCE /. Por baixo: 1876. — Æ. 37 $\frac{1}{2}$ mm.

N.º 217. — Idem.

THESE UNITED COLONIES ARE, AND OF RIGHT OUGHT TO BE, FREE AND INDEPENDENT STATES. No centro, uma mulher, com o joelho em terra e uma espada

na mão direita, ergue o braço esquerdo para o céu, onde se veem as estrellas da União radiadas. Por baixo: 1876. — Rs. Na orla: IN COMMEMORATION OF THE HUNDRETH ANNIVERSARY OF AMERICAN INDEPENDENCE. No centro, a figura da republica, com os braços abertos, corôa duas mulheres que estão a seus lados, cercadas de emblemas das artes mecanicas e liberaes. Por baixo: 1876. No exergo: ACT OF CONGRESS JUNE 1874. — Æ 57 $\frac{1}{2}$ mm.

O anverso d'esta medalha é o da anterior ampliado.

N.º 218. — Exposição Internacional de Philadelphia, em 1876.

Dentro de um circulo de estrellas, cortado por quatro pequenos medalhões ovaes, representando a America, Europa, Asia e Africa, uma figura de mulher, coroada de louro, sentada á direita e voltada para a esquerda, com o braço direito estendido segura uma corôa de louro, e tem o esquerdo apoiado sobre o escudo das armas dos Estados Unidos da America. A seus pés, instrumentos d'arte; e, no fundo, á direita, uma fabrica. No exergo: HENRY MITCHELL. DES. & SC., BOSTON, U. S. A. — Rs. INTERNATIONAL EXHIBITION / PHILADELPHIA, MDCCCLXXVI. Dentro de uma corôa de louro e em letras incusas: *To | Capt. Luiz de Saldanha. | Naval Attaché, | for Services.* | — Æ. 101 $\frac{1}{2}$ mm.

N.º 16727 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*. Foi offerida á Bibliotheca Nacional pelo Sr. Capitão de Fragata da Armada Imperial Luiz Philippe de Saldanha da Gama.

N.º 219. — Idem.

Dentro de um circulo de estrellas, cortado por quatro pequenos medalhões ovaes, representando a America, Europa, Asia e Africa, uma mulher, coroada de louro, sentada á direita e voltada para a esquerda, com o braço direito estendido segura uma corôa de louro, e tem o esquerdo apoiado sobre o escudo das armas dos Estados Unidos da America. A seus pés, attributos das artes; e, no fundo, á direita, uma fabrica. No exergo: — H. MITCHELL. SC.

— R_s. INTERNATIONAL EXHIBITION, / PHILADELPHIA, MDCCCLXXVI. No centro de uma corôa de louro : — AWARDED BY / UNITED STATES / CENTENNIAL / COMMISSION /. — Æ. 76^{mm}.

O anverso d'esta medalha é o mesmo da precedente reduzido, differindo apenas na subscrição. O reverso é tambem o mesmo, exceptuando a inscrição collocada dentro da corôa de louro.

BOLIVIA

N.º 220. — Homenagem do Municipio de Potosi ao libertador D. José E. A. Goyeneche.

D. D. JOSEPHUS EMANUEL A GOYENECHÉ AREQUIPENSIS ORIGINE. — Busto á direita, tendo na base : — MONCAYO /. — R_s. Na orla : MUNICIPIUM POTOSI IN GRATULATIONEM ASSERTORIS LIBERTATIS PATRIÆ A 1811 — * — /. No centro : — MILITUM / CEGREGIUS MAGIS / TER SUB FERD. VII / AUGUSTO CONFREGIT / ARGENTINA CASTRA IN / CONFLICTU CAMPESTRI D / HUAQUI ET SYPESEPE, ATQUE / SUBEGIT COMITER CIVITA = / TES SUBERSAS POTOSI, PAZ, / COCHABAMBA, ET CHUQUISA / CA, IN PERPETUM CONSILIA / TIONIS MONUMENTUM / POPULORUM, IURIUM, / ET REGIS. — Æ. 43 $\frac{1}{2}$ ^{mm}.

N.º 221. — Inauguração da Casa da Moeda a vapor de Potosi, em 1869.

BOLIVIA TIENE CREDITO POR LA PAZ. — Busto á esquerda, tendo por baixo : — M. G. — R_s. Na orla : LA PATRIA AGRADECIDA AL PRESIDENTE. — ; e no centro : — MELGAREJO / POR LA / INAUGURACION / DE LA / MONEDA A VAPOR / POTOSI DIBRE. / 28 DE 1869 /. — Æ. 24^{mm}.

REPUBLICA ARGENTINA

N.º 222. — Exposição Nacional de Cordova em 1871.

Uma mulher coroada de louro, sentada á direita e voltada para a esquerda, tem na mão direita uma corôa de louro, e o braço esquerdo apoiado sobre o escudo das armas da Republica Argentina. Á esquerda estão duas mulheres em pé e uma de joelhos, que apresentam os attributos das artes e da agricultura. Por cima: — REPUBLICA ARGENTINA —; e por baixo, em uma fita enlaçando um arado: — EXPOSICION NACIONAL EN CORDOBA (em lettras incusas). No exergo: J. S. & A. R. WYON SC. — R_s. No centro de uma corôa de louro: — AL MERITO / EL / GOBIERNO ARGENTINO / BAJO LA / ADMINISTRACION / DE / D. F. SARMIENTO /. Em cima: — LIBERTAD Y TRABAJO. Por baixo: AÑO MDCCCLXXI. — Æ. 56 $\frac{1}{2}$ mm.

N.º 223. — O Municipio de Buenos Aires ao libertador Dom José de San Martín por occasião do seu centenário.


EL PUEBLO AGRADECIDO AL LIBERTADOR D.^a JOSE DE SAN MARTIN EN SU CENTENARIO * Busto de San Martín, á direita, no meio de uma corôa formada de dois ramos de louro. — R_s. EL MUNICIPIO DE BUENOS AIRES AL GRAN CAPITAN DE LA INDEPENDENCIA AMERICANA *. Dentro de um circulo, o mar com dois navios e uma ancora. Por baixo: 25 DE FEBRERO DE 1878. — Æ. 34 $\frac{1}{2}$ mm.

N.º 224. — Exposição Continental de Buenos Aires, em 1882. Medalha da inauguração.


EXPOSICION CONTINENTAL. No centro, o palacio da exposição, tendo por cima, em linha curva: ENTRADA PRINCIPAL; e por baixo, no meio de duas folhagens cruzadas formando tres ovaes: — CLUB — INDUSTRIAL — ARGENTINO —. Nos pontos de cruzamento das folhagens, quatro pequenas rosetas. No exergo: BUENOS AIRES.

— R_s. Escudo oblongo, tendo no centro: — INAUGURADA / EL XV DE MARZO / M DCCC LXXXII. Sobre o escudo, que é radiado na parte superior, nove bandeiras com os nomes de diversos estados da America, que são, a partir da esquerda: — BOLIVIA; — ECUADOR; — VENEZUELA; — MEXICO; — ... BLICA ARGENT...; — BRASIL; — CHILE; — PARAGU.; — e REP: URUGUAY. No exergo: R. GRANDE — B: AIRES. — *ZV*. 60 $\frac{1}{2}$ mm.

N.º 225. — Exposição Continental de Buenos Aires, em 1882.

Armas da Republica Argentina, tendo por cima:—PROTECCION AL TRABAJO—; e por baixo:—REPUBLICA ARGENTINA. — R_s. No centro de uma corôa formada de dois ramos de louro: — RECUERDO / DE LA EXPOSICION / CONTINENTAL / INAUGURADA EN / BUENOS-AIRES / EL 15 DE FEBRERO 1882 / BAJO EL PATROCINIO / DEL GOB.^{NO} NAC.^{AL} / —  /. Por cima, uma estrella. — *Æ*. Dourada. 42^{mm}.

N.º 226. — Idem. Grande Premio de honra.

No campo, as armas da Republica Argentina, tendo por baixo, em uma fita: GRAN PREMIO AL MERITO; e logo abaixo da fita: GRANDE. Em cima: LA REPUBLICA ARGENTINA; em baixo: * PRESIDENCIA DEL GENERAL ROCA *. — R_s. Um cortiço de abelhas, tendo por cima, em linha curva: EXPOSICION CONTINENTAL; e por baixo, em linhas rectas: REALIZADA POR EL CLUB / INDUSTRIAL ARGENTINO / BAJO EL PATROCINIO DEL / GOBIERNO NACIONAL /  /. No exergo, em linha curva: BUENOS AIRES 1882. — *N*. 37 $\frac{1}{2}$ mm.

Grande Premio de Honra conferido á Bibliotheca Nacional nessa exposição pelo seu *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil*.

O diploma que acompanhou a medalha é um trabalho de arte que honra as officinas da Republica Argentina. Este diploma, dentro de uma elegante tarja ornamentada, tendo no alto as armas d'essa republica, é concebido nos seguintes termos:



República Argentina

El Gobierno de la Nación acuerda este Diploma
á la Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro) que obtuvo
Gran Premio por su catálogo de la historia del Brasil
en la Exposicion Continental, realizada por el Club Industrial Argentino, bajo
el patrocinio del Gobierno Nacional, el año 1882.

Dado en el Palacio de Gobierno, en Buenos Aires, Diciembre 29 de 1884.

PRESIDENTE DE LA REPÚBLICA

Julio S. Roca

MINISTRO DE HACIENDA

J. de la Plaza

PRESIDENTE DEL CLUB INDUSTRIAL ARGENTINO

*Enrique Urien**

A. A. Calvo

PRESIDENTE DE LA COMISION INSPECTORA

Andrés Lamas

PRESIDENTE DEL CONSEJO DE JURADOS

MOEDAS EXTRANGEIRAS

EUROPA

INGLATERRA

N.º 227. — CARLOS I. — *Meio Soberano.*

CAROLVS D: G: MAG: BR: FR: ET HI: REX +.
 Busto, de Carlos I, coroado e com manto, á esquerda, tendo
 atraz um X. — R_s. * CVLTORES SVI DEVS PROTEGIT.
 Escudo das armas da Inglaterra com a corôa. — *N*.

N.º 228. — CARLOS I. — *Um Shilling.*

CAROLVS. D. G. MAG. BRI. FR. ET. HI. REX.
 Busto de Carlos I, coroado e com manto, á esquerda, tendo
 atraz: XI. — R_s. CHRISTO AVSPICE REGNO. Escudo
 das armas da Inglaterra, sem a corôa, tendo á esquerda C, e
 á direita R. — *R*.

N.º 229. — CARLOS II. — *Corôa.*

CAROLVS. II. DEI GRATIA. Busto de Carlos II
 laureado, á direita. — R_s. MAG. BR. FRA. ET. HIB.
 REX. 16-71. Quatro escudos coroados da Inglaterra, Irlanda,
 Escossia e França, formando uma cruz, tendo nos intervallos
 dois *OC* cruzados. — *R*.

N.º 230. — GUILHERME e MARIA. — *Meia Corôa.*

GVLIELMVS. ET. MARIA. DEI GRATIA. Bustos
 sobrepostos de Guilherme e Maria, á direita, sendo o primeiro
 laureado. — R_s. MAG. BR. FR. ET. HIB. REX. ET.
 REGINA. 16-89. Armas da Inglaterra. — *R*.

N.º 231. — ANNA. — *Um Shilling.*

ANNA. DEI. GRATIA. Busto da rainha, á esquerda. — Rs. MAG. BRI. FR. ET. HIB. REG. 17-JJ. (1711.) Quatro escudos coroados da Inglaterra, Irlanda, Escossia e França, formando uma cruz. — Æ.

N.º 232. — JORGE III. — *Dollar ou Cinco Shillings.*

GEORGIUS III DEI GRATIA REX. Busto laureado de Jorge III, á direita. — Rs. Dentro de um oval, tendo em cima: FIVE SHILLINGS; e em baixo: DOLLAR, uma mulher sentada, á esquerda, tendo na mão direita um ramo de oliveira, e na esquerda uma lança. Á direita, o escudo da Inglaterra; por baixo do escudo, a cornucopia d'abundancia; e no ultimo plano, á esquerda, uma colmêa. Por cima do oval, uma corôa mural; por baixo: 1804; e dos lados: BANK OF — ENGLAND. — Æ.

N.º 233. — JORGE III. — *Penny?*

GEORGIUS III. D: G. REX. Busto laureado de Jorge III, á direita. — Rs. Mulher sentada, á esquerda, tendo aos pés o mar, na mão direita um ramo de oliveira, e na esquerda um tridente. Á direita, o escudo da Inglaterra, e á esquerda, no ultimo plano, um navio. Por cima: BRITANNIA. Por baixo: 1797. — Æ.

N.º 234. — JORGE III. — *Meio Penny.*

SHAKESPEARE. Busto de Shakespeare, á esquerda. — Rs. Mulher sentada, á esquerda, com emblemas de mecnica, tendo por cima: HALF PENNY, e por baixo: 1790. — Æ.

FRANÇA

N.º 235. — LUIZ IX. (S. Luiz.) — *Gros tournois d'argent.*

No centro, uma cruz, tendo em volta: LVDOVICVS. REX ✠; por fóra, a legenda: B̄NDICTV̄; SIT; NOMĒ; D̄NI; N̄RI; DEI; I·I;V. XPI ✠. — Rs. No centro, um castello tornez com uma cruz, tendo em volta: TVRONVS. CIVIS ✠. Na orla, um circulo composto de doze flôres de lys. — R.

Esta moeda vem reproduzida em *fac-simile* no *Glossarium mediæ et infimæ latinitatis* de Ducange, vol. IV, in-fine, Tab. VI, n.º 14.

N.º 236. — JOÃO II. — *Escudo.*

IOHANNES: DEI.. GRA ... FRANCORVM: REX ✠. No centro, o rei sentado no throno; á direita, um escudo com quatro flôres de lys. — Rs. XPC: VINCIT: XPC: REGNAT: XPC: IMPERAT ✠. No centro de quatro arcos com ornatos nos pontos de junção, uma cruz floreteada, tendo tres folhas em cada extremidade. — V.

Tem *fac-simile* em Ducange, *Glossarium*, vol. IV, Tab. IX, n.º 12.

N.º 237. — LUIZ XI. — *Escudo.*

LVDOVICVS: DEI: GRATIA: FRANCOR: REX. Armas de França, tendo de cada lado uma flôr de lys com uma corôa por cima. — Rs. XPC: VINCIT: XPC: REGNAT: XPC: IMPERAT. (Uma pequena corôa). No centro de quatro arcos dobrados, uma cruz ornamentada, tendo nos intervallos quatro corôas. — V.

Esta moeda é mui semelhante á que vem reproduzida no *Glossarium* de Ducange, Tab. XIII, n.º 1, do vol. IV; differença-se porém d'ella em alguns pontos.

N.º 238. — FRANCISCO I. — *Escudo.* (Escu au soleil.)

✠ FRANCISCVS DEI GRA: FRANCO: R. REX. F. ✠.
Armas de França. — Rs. ✠ XPS. VINCIT. XPS. REGNAT.
XPS. IMPERAT. F. ✠. No centro, uma cruz, tendo em cada
extremidade uma flôr de lys, e nos intervallos, em diagonal,
duas flôres de lys e dois FF. — *N*

No vol. iv do *Glossarium* de Ducange, Tab. xiv, n.º 17,
occorre um *fac-simile* de uma moeda de Francisco I, — *demi
escu au soleil*, semelhante á exposta. A nossa, porém, não se
encontra entre as que ahi vem reproduzidas.

N.º 239. — CARLOS IX. — *Escudo.*

CAROLVS.VIII. D. G. FRANCOR. REX * . Armas
de França. — Rs. CHRIST. REGNAT. VINCIT. ET. IMP *
1567 ✠. No campo, quatro flôres de lys formando uma cruz,
e no centro d'ellas um B. — *N*.

Não vem reproduzida no *Glossarium* de Ducange.

N.º 240. — LUIZ XIII. — *Escudo branco.* (Louis
d'argent ou écu blanc.)

LVDOVICVS. XIII. D: G. FR. ET. NAV. REX.
Busto laureado do rei, á direita. — Rs. SIT. NOMEN.
DOMINI. Q. BENEDICTVM. 1643 :: Armas de França.
— *R*.

Tem *fac-simile* em Ducange, *Glossarium*, vol. iv, Tab. xviii,
n.º 8.

N.º 241. — LUIZ XIV. — *Double Louis d'or.*

LVD. XIII. D. G.. FR. ET. NAV. REX. Cabeça lau-
reada do rei, á direita, tendo por baixo: 1711. — Rs. / . CHRS.
.REGN.. VINC..IMP+. Oito L coroados, reunidos dois a
dois formando uma cruz, tendo nos intervallos o sceptro e a
mão da justiça cruzados. No centro, dentro de um redondo,
um V. — *N*.

Não vem reproduzida no *Glossarium* de Ducange.

N.º 242. — LUIZ XVI. *Escudo de seis libras.*

LOUIS XVI ROI — DES FRANÇOIS. Cabeça do rei, p esquerda, tendo por baixo um leão. No exergo: 1792. Rs. — REGNE — DE LA LOL. — Um Anjo, em pé, á esquerda, voltado para a direita, escreve a palavra — CONSTI / TUTION / sobre uma taboa, que descansa em um pedestal. Á esquerda, uma lyra e um feixe de varas com o barrete da liberdade; á direita, um gallo, e a lettra A —. Por baixo: — L'AN 4 DE LA / LIBERTE. / — R.

Tem *fac-simile* em Ducange, *Glossarium*, Vol. iv, Tab. XXI, n.º 5.

N.º 243. — HENRIQUE V. — *Meio Franco.*

HENRI V. ROI DE FRANCE. Cabeça do rei, á esquerda. — Rs. Armas de França, tendo por baixo: 1833. Á esquerda do escudo: $\frac{1}{2}$, e á direita: F. — R.

BELGICA
N.º 244. — *Dois Francos.*

Cabeças sobrepostas de Leopoldo I e Leopoldo II, tendo á esquerda: — LEOPOLD I; e á direita: — LEOPOLD II; por cima, uma estrella; e por baixo: — L. WIENER. — Rs. ROYAUME DE BELGIQUE. Armas da Belgica, tendo á esquerda — 2 — e á direita — F. Por baixo: — 1830. 1880. — R.

HOLLANDA
N.º 245. — GUILHERME III. — *Um Gulden.*

WILLEM III KONING DER NED. G. H. V. L. Busto do rei, á direita, tendo por baixo: — I. P. S. — Rs. MUNT VAN HET KONINGRYK DER NEDERLANDEN. 1863. Armas da Hollanda, tendo á esquerda: 1, e á direita: G. Por baixo: 100 C. — R.

Na borda lê-se: GOD * ZY * MET * ONS *

ALLEMANHA

Schleswig-Holstein :

N.º 246. — CRISTIANO VII. — *Um Rygsdaler?*

CHRISTIANUS. VII. D. G. DAN. NORV. V. G. REX. Busto do rei, á direita, tendo por baixo: B. — R_s. / 60. SCHILLING. SCHLESW. HOLST. COURANT. 17 M. F. 88. / Armas do Schleswig-Holstein, tendo á esquerda: — 1.—, e á direita: — SP. — \mathcal{R} .

Rostock :

N.º 247. — *Seis Pfenning.*

Dragão á esquerda, tendo por baixo: ROST. — R_s. / * 6 * / PFENNING / 1761 /. No exergo: — IHB. — $\mathcal{Æ}$.

Hamburgo:

N.º 248. — *Cinco Marcos.*

FREIE UND HANSESTADT HAMBURG. Armas de Hamburgo, tendo por baixo: — J. — R_s. DEUTSCHES REICH 1876 * FÜNF MARK * Armas da Allemanha. — $\mathcal{Æ}$.

Na borda lê-se: GOTT ~*~ MIT ~*~ UNS ~*~

Hannover :

N.º 249. — ERNESTO AUGUSTO. — *Um Thaler.*

ERNST AUGUST KOENIG VON HANNOVER. Busto do rei, á direita, tendo por baixo: — B. — R_s. EIN THALER, XIV EINE F. M. Armas do Hannover, tendo por cima: — BERGSEGEN DES HARZES; e por baixo: — 1850. — $\mathcal{Æ}$.

Na borda lê-se: NEC ASPERA TERRENT.

Saxonia :

N.º 250. — FREDERICO AUGUSTO V. — *Um Thaler.*

FRIEDRICH AUGUST V. G. G. KOENIG V. SACHSEN. Busto do rei, á direita, tendo por baixo : — F. — R_s. — EIN THALER XIV EINE F. M. 18-51. Armas da Saxonia. — *Æ.*

Na borda lê-se : * GOTT * SEGNE * SACHSEN *

Francoforte :

N.º 251. — *Dois Thalers.*

FREIE STADT FRANKFURT. Busto de mulher, á direita, tendo na base : — A. V. NORDHEIM. — R_s. ZWEI VEREINSTHALER. XV EIN PFUND FEIN * 1861 * Armas de Francoforte. — *Æ.*

Na borda lê-se : * STARK * IM * RECHT *

Baden :

N.º 252. — GRÃO-DUQUE FREDERICO. — *Um Thaler.*

FRIEDRICH GROSHERZOG VON BADEN. Busto á direita. — R_s. EIN VEREINSTHALER XXX EIN PFUND FEIN. 18-59. Armas de Baden. — *Æ.*

Wurtemberg :

N.º 253. — GUILHERME. — *Dois Gulden.*

WILHELM KÖNIG V. WÜRTEMBERG. Busto do rei, á esquerda, tendo por baixo : — G. VOIGT. — R_s. Armas do Wurtemberg, tendo por cima : — ZWEY GULDEN — ; e por baixo : — 1847. — *Æ.*

Na fita, por baixo do escudo, acha-se a legenda : *Furchtlos und treu.* — , em caracteres gothicos.

Baviera :

N.º 254. — MAXIMILIANO JOSÉ. — *Um Escudo.*

D. G. MAX. IOS. U. B. D. S. R. I. A. & EL. L. L. / Busto do rei, á direita. — Rs. PATRONA BAVARIAE. No centro, a Virgem sentada com o menino, tendo por baixo: 1769. — *Æ.*

Na borda lê-se: DEO * . * . * CONST.

N.º 255. — MAXIMILIANO JOSÉ. — *Um Escudo.*

MAXIMILIANUS IOSEPHUS BAVARIAE REX. — Busto do rei, á direita. — Rs. PRO DEO ET POPULO. No campo, uma espada e um sceptro cruzados, tendo por cima uma corôa, e por baixo: — 1814. — *Æ.*

Na borda lê-se: BAIERISCHER KRONTHALER.

SUISSA

N.º 256. — *Cinco Francos.*

HELVETIA. Figura de mulher, coroada de espigas, sentada á direita e voltada para a esquerda, tendo o braço direito estendido, e a mão esquerda sobre um escudo com as armas da Suissa; por detraz, um arado e espigas. No fundo, á esquerda, montanhas. — Rs. No centro de uma corôa, formada de dois ramos, um de carvalho e outro de fumo (?): 5 FR. / 1874 /. Por baixo: — B. — *Æ.*

N.º 257. — *Dois Francos.*

Uma mulher em pé, coroada de espigas, e olhando para a esquerda, tendo na mão direita uma lança, e na esquerda um escudo com as armas da Suissa. Dos lados, vinte e duas estrellas em circulo. No exergo: — HELVETIA. — Rs. No centro de uma corôa formada de dois ramos, um de carvalho e outro de fumo (?): 2 FR. / 1874 /. Por baixo: B. — *Æ.*

N.º 258. — *Dez Centesimos.*

CONFEDERATIO HELVETICA * 1880 * Cabeça de mulher, á direita, com diadema, sobre o qual a palavra: — LIBERTAS. — Rs. No centro de uma corôa formada de duas palmas de carvalho: — 10 —. No exergo: — B. — Nickel.

Berne:

N.º 259. — *Vinte Kreuzer.*

MONETA REIPUB. BERNENSIS. Armas de Berne. — Rs. DOMINUS PROVIDEBIT. No centro de um escudo formado por duas palmas e ornamentos: — 20 / KREUT = / = ZER. / 1756 /. — R.

Genebra:

N.º 260. — *Vinte e cinco Centesimos.*

. POST. TENEBRAS. LUX. — Armas de Genebra, tendo por cima, dentro de um sol: IHS. — Rs. REP. ET CANT. DE GENEVE. No centro: — 25 / CENTIMES / 1839 /. — R.

PORTUGAL

N.º 261. — D. João II. — *Espadim ou Meio Justo.*

+ IOANIS. SECUNDVS. DEI. GRAT. Armas do reino entre dois pontos. — Rs. IOHANES: II: R: P ET: A: D: GVINEE: No centro de quatro arcos cantonados por quatro pontos, a mão segurando uma espada pela parte superior da lamina, a qual, voltada para baixo, corta a legenda em seguida á letra P. — N.

O Sñr. Teixeira de Aragão, na *Descripção geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*, Lisboa, 1874-80, 3 vols, in-8.º gr., menciona um unico *espadim* ou *meio justo* do reinado de D. João II, cujas legendas differem muito das do exemplar exposto. (Vide o Tom. 1, n.º 5 das d'esse reinado.)

Segundo o mesmo autor as moedas de D. João II eram as seguintes: — De ouro: *Cruzado*; *Justo*; *Espadim* ou *Meio Justo*. — De prata: *Real*; *Meio Real*; *Cinquinho*. — De cobre: *Ceutil*.

O preço estimativo actual do *Espadim* ou *Meio Justo* é 30\$000 reis fortes.

N.º 262. — D. JOÃO III. — *S. Vicente*.

IOANNES: III: REX: PORTV: ET: ALG: Armas do reino. — Rs. VSQVE ADMORTEM — ZELATOR FIDEI. No centro, entre duas estrellas, S. Vicente em pé, á direita, com a palma e o navio. — N.

Segundo o Sñr. Teixeira de Aragão as moedas do reinado de D. João III eram as seguintes: — De ouro: *Portuguez*; *Cruzado*; *S. Vicente*, e *Meio S. Vicente*. — De prata: *Tostão*; *Meio tostão*; *Real* ou *vintem*; *Meio real* ou *meio vintem*; *Cinquinho*; *Real portuguez* ou *dois vintens*; *Real portuguez do brado* ou *quatro vintens*. — De cobre: *Dez reaes*; *Tres reaes* - *Real*; *Ceutil*.

O preço estimativo actual da moeda exposta é 20\$000 réis fortes, segundo o mesmo autor, que a descreve sob o n.º 7 d'aquelle reinado.

N.º 263. — D. SEBASTIÃO. — *Dez Reaes*.

SEBASTIANVS: I: D: G PORT: ET ALGARBIO-RVM. Armas do reino, tendo de cada lado cinco pontos em fôrma de cruz. — Rs. REX. SEXTVS. DECIMVS. No campo, entre duas estrellas, um X, tendo por baixo cinco pontos em fôrma de cruz, e por cima o mesmo numero de pontos dispostos da mesma maneira. — Æ.

O Sñr. Teixeira de Aragão, na op. cit., Tom. 1, n.º 26 das moedas de D. Sebastião, descreve um exemplar que só differe do nosso em ter no anverso, aos lados do escudo, as letras L — G, em vez das cruces de pontos que se acham neste. No n.º immediato da mesma obra se pode vêr a descripção de outra moeda do mesmo valor, tendo no reverso o carimbo do açôr mandado pôr por D. Antonio, prior do Crato, em Angra, e cuja legenda está assim escripta: REX. SETVS. DECIMVS.

As moedas do reinado de D. Sebastião eram as seguintes: — De ouro: *S. Vicente*; *Meio S. Vicente*; *Moeda de 500 reaes*;

Moeda de 500 reaes, vulgarmente conhecida pelo nome de *engenhoso*. — De prata: *Tostão*; *Meio tostão*; *Vintem*; *Meio vintem*. — De cobre: *Dez reaes*; *Cinco reaes*; *Tres reaes*; *Real*; *Ceítíl*.

O preço estimativo actual das moedas de *dez reaes* varia, segundo o Sñr. Aragão, entre 500 rs. e 2\$000 rs. fortes.

N.º 264. — D. JOÃO IV. — *Cruzado*.

∴. IOANNES. IIII. DEI. GRATIA. PORTVG. ET. ALG. REX. Armas do reino, tendo á direita: 400, designação do primitivo valor. — Rs. ∴. IN ∴. HOC ∴. SIGNO ∴. VINCES. — Cruz da Ordem de Christo com um ponto no centro e cantonada por quatro PP (*Porto*). Carimbo de 500 com uma corôa por cima. — *Æ*.

As legendas do anverso e reverso foram postas com a nova orla e sarrilha sobre a moeda, conforme a lei de 14 de Junho de 1688, sendo que a do anverso apagou parte do escudo do reino.

O exemplar descripto pelo Sñr. Aragão (op. cit. Tom. II, n.º 15 d'este reinado), é differente do nosso.

As moedas do reinado de D. João IV eram as seguintes, segundo o mesmo autor: — De ouro: *Moeda da Conceição*; *Moeda de quatro cruzados*; *Moeda de dois cruzados*; *Moeda de cruzado*. — De prata: *Moeda da Conceição*; *Cruzado*; *Meio cruzado* ou *dois tostões*; *Tostão*; *Meio tostão*; *Quatro vintens*; *Dois vintens*; *Vintem*; *Dez reis*. — De cobre: *Cinco reis*; *Tres reis*; *Real e meio*.

Da *Moeda da Conceição* aqui indicada a Bibliotheca Nacional possui um exemplar de prata, da reproducção feita na Casa da Moeda de Lisboa no tempo do rei D. Pedro II, o qual exemplar figura neste catalogo sob o n.º 209.

O preço estimativo actual dos cruzados de prata d'esta epoca varia entre 2\$000 rs. e 4\$000 rs. fortes.

N.º 265. — D. PEDRO II. — *Dez Reaes*.

PETRVS. D. G. P. PORTVGALIAE. Armas do reino ornamentadas. — Rs. ANNO SEXTO DECIMO REGIM. SVI. 1683. No centro de quatro arcos ornamentados e entre quatro rosetas: — X —, designação do valor. — *Æ*.

N.º 28 de Aragão, op. cit. (Tom. II, pag. 48.)

As moedas do reinado de D. Pedro II eram as seguintes: — De ouro: *Moeda; Meia moeda; Quarto de Moeda.* — De prata: *Cruzado; Cruzado novo; Meio cruzado ou dois tostões; Doze vintens; Tostão; Meio tostão; Seis vintens; Tres vintens; Quatro vintens; Dois vintens; Vintem; Meio vintem.* — De cobre: — *Dez reis; Cinco reis; Tres reis; Real e meio.*

O preço estimativo actual da moeda exposta é 2\$000 rs. fortes, segundo nos informa o mesmo Sñr. Aragão.

N.º 266. — D. PEDRO II. — *Tres réis.*

PETRVS. D. G. P. PORTVGALLIÆ. Armas do reino com ornamentação. — Rs. ANNO SEXTO DECIMO REGIMINIS SVI. 1683. No centro de quatro arcos ornamentados e entre quatro rosetas: — III —, designação do valor. — Æ.

N.º 30 de Aragão, op. cit., (Tom. II, pag. 48.)

O seu preço estimativo actual é 2\$000 rs. fortes.

N.º 267. — D. JOÃO V. — *Quatro mil réis.* (Moeda de ouro).

IOANNES. V. D. G. PORT. ET. ALG. REX. Armas do reino, tendo á esquerda: 4000, e á direita, quatro rosetas entre dois pontos. — Rs. * IN * HOC * SIGNO * VINCES * . 1707. Cruz da Ordem de Christo cantonada por quatro rosetas. — N.

O Sñr. Teixeira de Aragão, na op. cit., Tom. II, n.º 3 das moedas de D. João V, descreve um exemplar semelhante ao nosso, differindo apenas na data, que é 1719.

As moedas d'este reinado são as seguintes: — De ouro: *Dobrão de cinco moedas; Dobrão de quatro moedas* (ensaio monetario); *Dobrão de duas moedas e meia; Dobrão de duas moedas* (ensaio monetario); *Moeda; Meia moeda; Quartinho; Cruzado novo; Dobra de vinte e quatro escudos* (ensaio monetario); *Dobra de dezeseis escudos* (ensaio monetario); *Dobra de oito escudos; Dobra de quatro escudos* (Peça); *Dobra de dois escudos* (Meia peça); *Escudo; Meio escudo; Cruzadinho.* — De prata: *Cruzado novo; Doze vintens; Seis vintens;*

Tres vintens; Tostão; Meio tostão; Vintem. — De cobre: *Des reis; Cinco reis; Tres reis; Real e meio.*

A moeda exposta valia na primitiva 4\$800 rs., dinheiro portuguez. O seu preço estimativo actual é 8\$000 fortes, segundo o Sñr. Aragão.

ITALIA

Veneza :

N.º 268. — FRANCISCO DANDOLO, Doge.

✠ FRA. DANDVLO DVX. Busto do Doge, á esquerda. — Rs. S. MARCVS VENETI. ✠. Leão de S. Marcos, em pé, com a bandeira. — R.

Francisco Dandolo foi Doge de Veneza desde 1328 até 1339.

N.º 269. — LUIZ CONTARINI, Doge. — *Sequim.*

Christo á esquerda abençôa o Doge á direita, que tem na mão uma cruz, junto á qual estão em ordem vertical as letras — DVX. Á esquerda : — S. M. VENET. — ; e á direita : — LVDOV. CONTARIN. — Rs. REGIS. ISTE. DVCA SIT... (O resto da legenda apagado e mutilado.) No centro de uma lisonja, Christo, cercado de estrellas, aponta para o Céu. — *N.*

Luiz Contarini foi Doge de Veneza desde 1676 até 1684, tendo succedido a Nicolau Sagredo.

Estados da Igreja :

N.º 270. — PAULO III, Papa.

PAVLVS. III. PONT. MAX. Escudo das armas do Papa. — Rs. S. PAVLVS VAS ELECTIONIS. No centro, S. Paulo, em pé, com uma espada na mão direita e um livro na esquerda. — *N.*

O Papa Paulo III (*Alexandre Farnese*), governou a Igreja Romana desde 1534 até 1549.

N.º 271. — CLEMENTE XII, Papa.

CLEM. XII. P. M. A. IX. — Busto do Papa, á direita. — R_s. Dentro de uma corõa formada de dois ramos de louro: — DE. LVTO. / FÆCIS / 1738 /. — *N*.

N.º 272. — BENEDICTO XIV, Papa.

BEN. XIV. P. M. A. IX. 1741. — Uma mulher sentada sobre nuvens, tendo em torno da cabeça uma auréola, na mão direita duas chaves, e na esquerda uma casa. — R_s. DE CÆLO REPENTE. — Armas do Papa. — *N*.

N.º 273. — PIO VI, Papa. — *Escudo.*

PIVS SEXTVS PONT. M. A. VI. Armas do Papa. — R_s. AVXILIVM DE SANCTO. 1780. Uma mulher sentada sobre nuvens, tendo em torno da cabeça uma auréola, na mão direita duas chaves, e na esquerda uma casa. Por baixo, um braço de armas, encimado por um chapéu de bispo. — *Æ*.

N.º 274. — LEÃO XII, Papa. — *Sequim.*

LEO. XII. PON. MAX. ANNO. V. — Busto do Papa, á esquerda, tendo por baixo as iniciais — CG — em monogramma, entre dois pontos. — R_s. SUPRA * FIRMAM * PETRAM. No centro, uma mulher em pé, tendo em torno da cabeça uma auréola, na mão direita o calix e a hostia, e na esquerda uma cruz; junto a ella, um carneiro sobre um pedestal. Por baixo: /. R. / 1828 /. — *N*.

Reino das Duas Sicilias:

N.º 275. — CARLOS II.

CAROLVS. II. D. G. REX. HISP. — Busto coroadado de Carlos II, á direita, tendo atraz: — ^A_A^G —. No exergo, uma roseta entre dois pontos. — R_s. VTRIVS. SICIL. HIERVS. G. 50. — Armas do reino das Duas Sicilias. Por baixo: 16-89. — *Æ*.

N.º 276. — FERNANDO IV e M. CAROLINA.

FERDINANDVS. IV. ET M. CAROLINA. VNDIQ. FELICES. — Bustos sobrepostos dos dois esposos, tendo por baixo: P. — Rs. SOLI. REDVOI. Parte do zodiaco, tendo por baixo o sol e a terra, e $\frac{A.P.}{M.}$ 17-91. — \mathcal{R} .

REPUBLICA DE RAGUSA

N.º 277. — Moeda de prata da republica cunhada no anno de 1776.

RHACVSIN. RECTOR. REI. Busto á esquerda, tendo á esquerda: — D, e á direita: — M, — Rs. DVCAT. ET. SEM. REIP. RAC. 1776. Armas de Ragusa, tendo por baixo, á esquerda: — D, e á direita: — M, — \mathcal{R} .

O territorio d'esta republica foi annexado ao Imperio d'Austria pelos tratados de 1815.

ROMANIA

N.º 278. — *Dez Bani.*

Armas da Romania, tendo por cima: ROMANIA. — Rs. No centro de dois ramos, um de louro e outro de carvalho: 10 / BANI / 1867 /. No exergo: WATT / & C.º — \mathcal{A} .

N.º 279. — CARLOS I.

CAROL I DOMNUL ROMANIEI. Busto á esquerda, tendo por baixo: KULLRICH. — Rs. Armas da Romania, tendo por cima: — ROMANIA —, e por baixo: 1880. Á esquerda: — 5 —, e á direita: — L —. Em baixo, á esquerda: — B —; á direita, uma palma. — \mathcal{R} .

GRECIA

N.º 280. — OTHON I. — *Cinco Drachmas.*

ΟΘΩΝ ΒΑΣΙΛΕΥΣ ΤΗΣ ΕΛΛΑΔΟΣ. Busto de Othon I, á direita, tendo por baixo: Κ. ΨΟΙΤ. — Rs. Armas da Grecia, tendo por baixo: 5 ΔΡΑΧΜΑΙ / 1844 /. — Æ.

N.º 281. — JORGE I — *Dez Leptas.*

ΓΕΩΡΓΙΟΣ ΑΙ ΒΑΣΙΛΕΥΣ ΤΩΝ ΕΛΛΗΝΩΝ. 1879. Busto do rei, á esquerda, tendo por baixo: ΒΑΡΡΕ. — Rs. Dentro de uma corôa formada de dois ramos de louro: 10 / ΛΕΠΤΑ /. Por cima: ΔΙΩΒΟΑΟΝ. Por baixo: Α. — Æ.

MALTA

N.º 282. — Francisco Ximenes de Texada, Grão-Mestre.

FR. D. FRANCISCVS XIMENEZ DE TEXADA / . M. Busto do Grão-Mestre da Ordem de Malta, á direita, tendo por baixo: / . 1774. / — Rs. / . M. H. HOSPITALIS ET SANCTI SEPV: / — Armas de Malta, tendo á esquerda: — S, e á direita: — 20. — N.

Esta ilha pertence hoje á Inglaterra.

AMERICA

COLONIAS INGLEZAS DO NORTE

Terra Nova :

N.º 283. — VICTORIA. — *Meio Dollar.*

VICTORIA DEI GRATIA REGINA. Busto laureado da rainha, á esquerda, tendo por baixo: NEW FOUNDLAND. — Rs. Dentro de um circulo de pontos com ornatos externos: 50 / CENTS / 1874 /. — Æ.

Não occorre na obra de Weyl, da qual nos servimos para rever todos os numeros d'este catalogo que se referem á America.

Canadá :

N.º 284. — VICTORIA. — *Um quarto de Dollar.*

VICTORIA DEI GRATIA REGINA. Busto da rainha com diadema, á esquerda, tendo por baixo : — CANADÁ. — R_s. Dentro de uma corôa, formada de dois ramos de folhas atados por uma fita : — 25 | CENTS | 1870 |. Por cima, a corôa real. — Æ.

É o n.º 73 da obra de Weyl, intitulada: *Die Jule's Fonrobert'sche Sammlung überseeischer Münzen und Medaillen. Ein Beitrag zur Münzgeschichte aussereuropäischer Länder. Bearbeitet von Adolph Weyl.* Berlin, 1878, in-8.º, parte relativa á America.

Nova Escossia :

N.º 285. — VICTORIA. — *Um Penny.*

VICTORIA D: G: BRITANNIAR: REG: F: D: Busto da rainha com diadema, á esquerda, tendo por baixo : L C W. No exergo: 1856. — R_s. PROVINCE OF NOVA SCOTIA. No centro, um ramo de folhas e flores. Por baixo: ONE PENNY TOKEN. — Æ.

N.º 166 de Weyl, op. cit., *America.*

ESTADOS UNIDOS

N.º 286. — *Um Dollar.*

Busto da Liberdade, á direita, tendo por cima: LIBERTY —, e por baixo : — 1800 —. Á esquerda, sete estrelas ; e á direita, seis. — R_s. UNITED STATES OF AMERICA |. Armas dos Estados Unidos, com a legenda: E PLURIBUS UNUM, sobre uma fita. — Æ.

Na borda lê-se : ** ONE ** DOLLAR ** OR ** UNITED *** HUNDRED ** CENTS ** .

N.º 434 de Weyl, op. cit., *America.*

N.º 287. — *Um Dollar.*

Cabeça da Liberdade com diadema, á esquerda, circulada por treze estrellas. No diadema lê-se a palavra: LIBERTY. — Rs. UNITED STATES OF AMERICA. No centro de uma corôa formada de dois ramos de louro: — 1 / DOLLAR / 1853 /. — *N.*

N.º 807 de Weyl, op. cit., *America.*

N.º 288. — *Um Dollar.*

No centro, a Liberdade com diadema, sentada sobre um fardo e voltada para a esquerda, tendo na mão direita um ramo de louro, e na esquerda uma fita, onde se lê a palavra: — LIBERTY —; por detraz, um molho de trigo; em volta, treze estrellas; na base: — IN GOD WE TRUST —; e por baixo, no exergo: 1878. — Rs. UNITED STATES OF AMERICA. / No campo, as armas dos Estados Unidos, tendo por cima, sobre uma fita, a legenda: — E PLURIBUS UNUM —, e por baixo: — 420 GRAINS, 900 FINE. / S / TRADE DOLLAR. / — *R.*

Não vem descripta na obra citada de Weyl; é, porém, semelhante á do n.º 1320 do mesmo autor, exceptuando-se unicamente a data, que naquella é 1873.

N.º 289. — (California.) — *Um quarto de Dollar.*

Cabeça da Liberdade com diadema, á esquerda, circulada por nove estrellas. — Rs. No centro de uma corôa formada de dois ramos de louro: — $\frac{1}{4}$ / DOLLAR / 1871 /. — *N.*

Moeda octogna.

N.º 1428 de Weyl, op. cit., *America.*

N.º 290. — (California.) — *Um quarto de Dollar.*

Cabeça da Liberdade com diadema, á esquerda, circulada por treze estrellas. Por baixo: 1871. — Rs. No centro de uma corôa formada de dois ramos de louro: — $\frac{1}{4}$ / DOLLAR / CAL /. (*California.*) — *N.*

Esta moeda é circular.

E muito semelhante ao n.º 1433 de Weyl, op. cit., *America*; na moeda exposta, porém, não se encontra a inicial G, que existe naquella, por baixo da cabeça da Liberdade.

N.º 291. — (California.) — *Um quarto de Dollar.*

Cabeça de índio, á esquerda, circulado por treze estrellas, e tendo por baixo: 1876. — R_s. Dentro de uma corôa formada de dois ramos de louro: $\frac{1}{4}$ | DOLLAR | CAL |. (*California*). — A.

Esta moeda é octogona.

Não vem descripta na op. cit. de Weyl; mas é semelhante á do n.º 1445 do mesmo autor, exceptuando-se unicamente a data, que naquella é 1875.

N.º 292. — *Tres Centesimos.*

UNITED STATES OF AMERICA. Cabeça da Liberdade com diadema, á esquerda, tendo por baixo: — 1865 —. No diadema lê-se a palavra: LIBERTY. — R_s. Dentro de uma corôa, formada de dois ramos de louro atados por uma fita: III. — Nickel.

Rara.

Esta moeda foi retirada da circulação por faltar no reverso a palavra CENTS, e substituída por outra com essa palavra.

N.º 1185 de Weyl, op. cit., *America*. A prova d'esta moeda foi cunhada em cobre, como se deduz do n.º 1184 da mesma obra.

N.º 293. — *Um Centesimo.*

Cabeça da Liberdade, á direita, com o barrete phrygio na ponta de uma lança apoiada no hombro esquerdo; por cima: LIBERTY —; e por baixo: 1794. — R_s. UNITED STATES OF AMERICA. Dentro de uma corôa, formada de dois ramos de louro atados por uma fita: ONE / CENT /. No exergo: $\frac{1}{100}$ /. — A.

Na borda: ONE HUNDRED FOR A DOLLAR.

Sobre esta moeda e mais tres typos que lhe são muito semelhantes, vide os n.ºs 381-384 de Weyl, op. cit., *America*.

N.º 294. — *Um Centesimo.*

Cabeça da Liberdade, á direita, tendo por cima: — LIBERTY —, e por baixo: 1797. — R_s. UNITED STATES OF AMERICA. Dentro de uma corôa, formada de dois ramos de louro atados por uma fita: ONE / CENT /. No exergo: $\frac{1}{100}$ / . — Æ.

O reverso d'esta moeda é muito semelhante ao da precedente. Na borda não existe a inscripção que se lê na outra. N.º 419 de Weyl, op. cit., *America*.

MEXICO

Primeiro Imperio :

N.º 295. — AGOSTINHO I. — *Um Peso.*

.AUGUSTINUS DEI PROVIDENTIA. / Busto de Agostinho I, á direita, tendo por baixo: — M. 1823 / . — R_s. / . MEX. I. IMPERATOR CONSTITUT. / Armas do Mexico, tendo por baixo: — 8 R. I. M / . — Æ.

N.º 6560 de Weyl, op. cit., *America*.

O mesmo autor menciona tres typos muito semelhantes, que se differencam apenas por uma pequena particularidade do reverso. No primeiro typo a cruz da corôa, que está sobre a cabeça da Aguia, acha-se collocada por baixo do primeiro traço do A da palavra *Imperator*; no segundo ella está entre os dois traços do A; e no terceiro por baixo do ultimo traço da mesma lettra. A moeda exposta pertence ao primeiro typo.

Primeira Republica :

N.º 296. — (Provincia de Zacatecas). — *Um Peso.*

REPUBLICA MEXICANA. Armas da republica sobre dois ramos, um de carvalho e outro de louro. — R_s. No campo, o barrete da liberdade, circulado de raios, com a palavra: — LIBERTAD —. Por baixo: — * 8 R. Z.º 1848. O. M. 10 D.º 20 G.º — Æ.

Não vem descripta na op. cit. de Weyl. Semelhante á do n.º 7137 do mesmo autor, excepção feita da data.

N.º 297. — *Um Quarto.* (Cuartilla).

REPUBLICA MEXICANA. Armas da Republica. — R_s. Entre duas palmas atadas por uma fita, formando uma corôa: $\frac{1}{4}$, e logo depois:— M. A. 1830 —, em linha curva por baixo do valor. — *Æ*.

N.º 6605 de Weyl, op. cit., *America*.

N.º 298. — (Guanaxuato). — *Um quarto de Real.* (Cuartino).

Cabeça da Liberdade, á esquerda, tendo á esquerda: Gº; e á direita: L. R. — R_s. REPUBLICA MEXICANA. No centro: — $\frac{1}{4}$. Por baixo: — 1848. — *Æ*.

N.º 6864 de Weyl, op. cit., *America*.

Segundo Imperio:

N.º 299. — MAXIMILIANO I. — *Meio Peso.* (Tostão).

MAXIMILIANO — EMPERADOR. Busto do Imperador, á direita. — R_s. IMPERIO — MEXICANO. Armas do imperio, tendo por baixo: 50 CENT. — 1866 Mº. No oval do escudo: EQUIDAD EN LA JUSTICIA * (em letras incusas.) — *Æ*.

N.º 6705 de Weyl, op. cit., *America*.

HAITI

Republica :

N.º 300. — PRESIDENTE BOYER. — *Meio Gourde.* (Cincoenta Centesimos.)

J * P * BOYER — PRESIDENT * / . Cabeça do Presidente, á esquerda, tendo por baixo: *E. Dejoie* / . No exergo: AN 25 / (1828). — R_s. REPUBLIQUE — D'HAITI * / . Armas da Republica, tendo por baixo: 50 * C / . — *Æ*.

N.º 7542 de Weyl, op. cit., *America*. Vide tambem o numero immediato do mesmo autor que é o mesmo typo da moeda exposta com uma pequena variante.

Imperio :

N.º 301. — FAUSTINO I. — *Seis centesimos e um quarto.* (Tres Soldos.)

FAUSTIN 1^{er} EMPEREUR D'HAITI /. Busto do Imperador, corôado, á esquerda, tendo por baixo a data — 1850. — R_s. LIBERTÉ INDEPENDANCE. Armas do imperio, tendo por baixo : SIX CENTIMES UN QART /. — Æ.

Vide os n.ºs 7612 e 7613 de Weyl, op. cit., *America*.

AMERICA CENTRAL

Republica de Honduras :

N.º 302. — *Um Real.*

REPUBLICA DE HONDURAS. Armas da Republica, tendo por baixo, á esquerda : AMERICA ; e á direita : CENTRAL. No exergo, entre uma ancora e uma estrella : — BARRE /. — R_s. No centro de uma corôa, formada de dois ramos de louro atados por uma fita : 1 / REAL / 1870 /. — Nickel.

N.º 7451 de Weyl, op. cit., *America*.

COLOMBIA

Republica Colombiana :

N.º 303. — Popayan. *Escudo.* (Dois Pesos.)

REPUBLICA DE COLOMBIA. Busto, á esquerda, com a palavra : — LIBERT —, em letras incusas, tendo por baixo : /. 1835. / — R_s. POPAYAN. Armas da republica entre duas rosetas, tendo por baixo : — * 1 . E * R . U * — N.

Não vem descripta por Weyl, op. cit., *America*. É semelhante ao n.º 8231 do mesmo autor, excepção feita da data.

Republica de Nova Granada:

N.º 304. — *Meio decimo de Real.* (Meio Centavo.)

REPUBLICA DE LA NUEVA GRANADA. No centro, o barrete da Liberdade, circulado de raios, com a palavra — LIBERTAD. No exergo: 1848. — Rs. No centro de uma corôa, formada de dois ramos de flores, fructos e folhas atados por um fita: $\frac{1}{2}$ / DÉCIMO / DE REAL /. — Æ.

Não vem descripta na op. cit. de Weyl. É semelhante ao n.º 8113 do mesmo autor, excepção feita da data.

Estados Unidos da Colombia:

N.º 305. — *Medellin.* (Meio Peso.)

ESTADOS UNIDOS DE COLOMBIA. Busto de mulher, á esquerda, tendo sobre uma fita nos cabellos a palavra — LIBERTAD — muito apagada; por baixo: 1873. No exergo, nove estrellas. — Rs. / G. 12,500. CINCO DECIMOS. LEI 0,835. / Armas da republica, com a legenda: — LIBERTAD I ORDEN, sobre uma fita, em cima do escudo. Por baixo: MEDELLIN. — Æ.

Na borda lê-se: DIOS. LEI. LIBERTAD / em letras incusas.

Não vem descripta na op. cit. de Weyl. É semelhante ao n.º 8205 do mesmo autor, excepção feita da data.

PERÚ

N.º 306. — *Lima.* — *Um Peso.* (Meio escudo.)

No averso, o campo está dividido em tres partes por duas linhas perpendiculares; em cima: á esquerda, uma lhama em campo azul; e á direita, uma arvore em campo de prata; em baixo, a cornucopia da abundancia em campo vermelho. (Emblemas do escudo das armas do Perú.) — Rs. No centro, uma corôa de folhas, tendo por cima: — LIMA M. B. —; e por baixo: /. 1856. / — A.

Não vem descripta na op. cit. de Weyl; é, porém, semelhante ao n.º 9071 da mesma obra, exceptuando-se unicamente a data, que naquella é 1841.

N.º 307. — *Cinco Pesetas.*

PROSPERIDAD Y PODER POR LA JUSTICIA. Cabeça da Liberdade, á esquerda, coroada de flores e espigas. Por baixo: 1880 —. R_s. REPUBLICA PERUANA LIMA. 9 DECIMOS FINO. B. F. / Armas da Republica, tendo na parte inferior, entre as pontas da fita, um B—. Por baixo, entre duas rosetas: CINCO PESETAS. — \mathcal{R} .

N.º 308. — *Dois centavos do Sol.*

No centro, o Sol radiado, tendo por cima: — 1864, e por baixo: REPUBLICA—PERUANA /. — R_s. No centro de uma corôa, formada por duas cornucopias com flores, folhas e fructos: DOS / CENTAVOS /. — \mathcal{E} .

N.º 9145 de Weyl, op. cit., *America*.

BOLIVIA

N.º 309. — Potosi. — *Um Peso.* (Meio Escudo.)

LIBRE POR LA — CONSTITUCION. Busto laureado de Bolivar, á direita, tendo por baixo: — BOLIVAR. — R_s. REPUBLICA BOLIVIANA —. No centro, o cerro de Potosi illuminado pelo sol, tendo á esquerda uma lhama, e á direita um feixe de trigo com um ramo de louro na parte superior. (Emblema do escudo das armas da Bolivia.) Por baixo, seis estrellas; no exergo, as letras S T P. (entrelaçadas em monogramma) $\frac{1}{2}$. 1843. L. R. — *N*.

Não vem descripta na obra citada de Weyl; é, porém, semelhante ao n.º 9532 da mesma obra, exceptuando-se a data, que naquella é 1842.

N.º 310. — Potosi. — *Meio Boliviano.*

REPUBLICA — BOLIVIANA. Armas da republica, tendo por baixo nove estrellas. — R_s. LA UNION ES LA FUERZA. No centro de uma corôa formada de dois ramos, um

de louro e outro de carvalho: — MEDIO B.^o / 50 CENT.^a / 12 G.^a 500 M.^a 9 D.^a FINO /. Por baixo, a data—1873, tendo á esquerda as letras S e P, entrelaçadas em monogramma, entre dois pontos; e á direita: F. R. — R.

N.^o 9734 de Weyl, op. cit., *America*.

CHILE

N.^o 311. — Santiago. — *Um Peso*.

POR LA RAZON O LA FUERZA. / No centro, um condor com o pé esquerdo sobre um escudo, que tem, em campo azul, um machado com um feixe de varas circulos por treze estrellas. Por baixo: J. S /. No exergo, entre duas estrellas: 1856 /. — R._s. REPUBLICA DE CHILE. S /. No centro de uma corôa, formada de dois ramos de louro, as armas do Chile. Por baixo, entre duas estrellas: UM PESO /. — R.

N.^o 9925 de Weyl, op. cit., *America*.

N.^o 312. — Santiago. — *Um Peso* (Um decimo do Condor ou meio Escudo.)

REPUBLICA DE CHILE * /. No centro, uma mulher em pé, com o barrete da Liberdade, tendo a mão direita sobre um livro que descansa em uma pilastra, e a esquerda sobre um feixe de varas. Á direita, uma cornucopia. Por baixo: S. — R._s. IGUALDAD ANTE LA LEI * /. No centro de uma corôa formada de dois ramos, um de carvalho e outro de louro: — 1 / PESO / 1860 /. — N.

N.^o 9942 de Weyl, op. cit., *America*.

N.^o 313. — Santiago. — *Um centavo do Peso*.

REPUBLICA DE CHILE /. Cabeça da Liberdade, á esquerda, com o barrete phrygio, coroada de flores, espigas e folhás de carvalho e de louro, tendo por baixo: S.—R._s. ECO-

NOMIA ES RIQUEZA /. No centro de um circulo de pontos: UN / CENTAVO /. Por baixo, entre duas estrellas, a data — 1872 /. — Nickel.

Semelhante á do n.º 9972 de Weyl, op. cit., *America*; d'ella differe sómente pela data.

N.º 314. — *Meio centavo do Peso.*

REPUBLICA DE CHILE. / No centro, uma estrella. Por baixo: 1853 /. — R_s. ECONOMIA ES RIQUEZA /. No centro de uma corôa formada de dois ramos de louro: — MEDIO / CENTAVO /. No exergo, uma estrella de quatro raios. — Æ.

N.º 9917 de Weyl, op. cit., *America*.

REPUBLICA ARGENTINA

N.º 315. — *Um Peso.*

Cabeça da Liberdade, á esquerda, com o barrete phrygio, tendo por baixo: OUDINÉ. Por cima: * LIBERTAD *; á esquerda: UN PESO; á direita: 9 D^{os} FINO; no exergo, uma estrella. — R_s. REPUBLICA ARGENTINA. Armas da Republica, tendo por baixo, entre duas estrellas: 1882 /. — Æ.

Na borda lê-se: IGUALDAD | * ANTE * LA | * LEY
* * * * |

N.º 316. — Provincia de Cordova. — *Meio Peso.*
(Quatro Reales.)

PROVINCIA DE CORDOBA. No campo, um castello com uma bandeira no centro e tres outras de cada lado. No exergo, dois ramos de louro unidos por uma roseta. — R_s. No centro, o sol radiado, tendo por cima: CONFEDERADA, e por baixo: 4 R 1851 9 D. — Æ.

Vide os n.ºs 10132 e 10133 de Weyl, op. cit., *America*.

N.º 317. — *Um Centavo.*

Dentro de um círculo de pontos, a cabeça da Liberdade, á esquerda, com o barrete phrygio, tendo por baixo do collo: OUDINE. Por cima: * LIBÉRTAD */; por baixo: UN CENTAVO /. — R_s. * REPUBLICA ARGENTINA */. Dentro de um círculo de pontos, as armas da Republica. Por baixo: 1883 /. — Æ.

PARAGUAY
N.º 318. — *Dois centesimos do Peso.*

REPUBLICA DEL PARAGUAY. Dentro de uma corôa formada de dois ramos, um de louro e outro de carvalho, uma estrella radiada. Por baixo, uma estrella simples. — R_s. Dentro de uma corôa de louro e no centro de um círculo, o valor — 2 —, em campo azul, tendo por cima, sobre uma fita, a palavra: — CENTESIMOS. Por baixo: 1870, tendo á direita: SHAW. — Æ.

N.º 10197 de Weyl, op. cit., *America*.

N.º 319. — *Um duodecimo do meio Real?*

No centro de uma corôa formada de dois ramos de louro, um leão, voltado para a direita, e, por detraz, uma lança cravada no chão, tendo na ponta o barrete da liberdade radiado. — R_s. REPUBLICA DEL PARAGUAY /. Dentro de um círculo, em campo azul: $\frac{1}{12}$; no exergo: 1845. — Æ.

N.º 10182 de Weyl, op. cit., *America*.

Vale $\frac{1}{192}$ do Peso.

URUGUAY
N.º 320. — *Um Peso forte.*

REPUBLICA ORIENTAL DEL URUGUAY. 1844. Armas da republica. — R_s. SITIO DE MONTEVIDEO.

10 $\frac{1}{2}$ D.^s Dentro de um circulo de nove estrellas: — UN PESO / FUERTE /. — \mathcal{R} .

N.^o 10156 de Weyl, op. cit., *America*. Foi cunhada durante o sitio dirigido pelo General Manoel Oribe.

N.^o 321. — *Um Peso.*

REPUBLICA ORIENTAL DEL URUGUAY. Armas da republica, tendo por baixo uma estrella. — R_s. LIBRE Y CONSTITUIDA. No centro de uma corôa formada de dois ramos de louro: 1/PESO / — o o o — /; e logo abaixo, ainda dentro da corôa, um A, tendo á esquerda uma ancora, e á direita uma abelha. No exergo: 1877. — \mathcal{R} .

Não vem mencionada na obra citada de Weyl; mas approxima-se da que elle descreve sob o n.^o 10175, tendo demais que ella a ancora, a inicial A e a abelha.

ASIA E AFRICA

COLONIAS PORTUGUEZAS

India :

N.^o 322. — D. JOSÉ I. — *Rupia.*

Busto do rei, á direita, tendo á esquerda: 1777, e á direita: RUPIA. — R_s. Armas do reino. — \mathcal{R} .

Foi descripta pela primeira vez pelo Sñr. Teixeira de Aragão, na *Descrição geral e historica das moedas cunhadas em nome dos Reis, Regentes e Governadores de Portugal*, Tom. III, Lisboa, 1880, á pag. 330, n.^o 11.

Esta moeda foi cunhada no tempo de D. José Pedro da Camara, 92.^o Governador da India Portuguesa, o qual exerceu este governo desde 24 de Setembro de 1774 até 26 de Maio de 1779.

N.º 323. — D. MARIA II. — *Tanga.*

Armas do reino entre dois ramos de louro, tendo por baixo: 1840. — R_s. Dentro de uma corôa formada de dois ramos de louro: 60 / R / . — Æ.

Vide Teixeira de Aragão, Tom. III da op. cit., pag. 377, n.º 22.

Esta *tanga* foi cunhada no tempo de José Joaquim Lopes de Lima, 112.º Governador da Índia Portuguesa, o qual exerceu este governo desde 24 de Setembro de 1840 até 27 de Abril de 1842.

Angola:

N.º 324. — D. MARIA I. — *Doze Macutas.*

MARIA. I. D. G. REGINA. P. ET. D. GUINEÆ. Armas do reino ornamentadas. — R_s. AFRICA * PORTUGUEZA * * * 1789 * * * No centro de uma corôa de folhas: — MACU / TAS / * 12 * / . — Æ.

N.º 325. — D. JOÃO PRINCIPE REGENTE. — *Duas Macutas.*

JOANNES. D. G. PORT. P. REGENS. ET. D. GUINEÆ. No centro, o globo com o escudo das armas de Portugal. Por cima, a corôa real. — R_s. * AFRICA. PORTUGUEZA. * 1815. Dentro de um circulo de pontos, e entre cinco rosetas: — MACU / TAS / 2 / . — Æ.

Moçambique:

N.º 326. — D. MARIA II. — *Barrinha.*

Parallelogrammo rectangular de 25^{mm} por 12^{mm}. Em uma das faces, tem um outro quadrilongo com os angulos cortados, e no centro de um circulo de pontos muito irregular, um M

(*Moçambique*), contramarcado por uma roseta. — R₈. Sobre a superfície lisa: $2 \frac{1}{2}$ | (*Dois e meio maticaes*). — A' com liga de prata.

Esta *barrinha* vem descripta pelo Sñr. Teixeira de Aragão, no Tomo III da op. cit., pag. 442, n.º 1.

A *barrinha* começou a ser fundida em 1835, no tempo da junta governativa composta de: Candido da Costa Soares, major de artilheria; Antonio Ramalho de Sá, juiz de direito; Padre Custodio José Vaz; Antonio Francisco Cardoso, director da alfandega, e José Ignacio de Almeida Nery. Esta junta foi nomeada por Carta Regia de 4 de Setembro d'aquelle anno, e assumiu o poder em 3 de Março seguinte.

As *barrinhas* e as *meias barrinhas*, fundidas na cidade de Moçambique desde aquella epoca, eram feitas com o ouro vindo de Rios de Sena; a *barrinha* pesava 288 grãos e valia $2 \frac{1}{2}$ *maticaes*, sendo o seu preço estimativo actual 8\$000 rs. fortes; a *meia barrinha* pesava 144 grãos e valia $1 \frac{1}{4}$ *de matical*, sendo o seu preço estimativo actual tambem 8\$000 rs. fortes.

O Sñr. Aragão, que nos forneceu estas informações, accrescenta:

« As contramarcas foram postas em 1851. A liga das *barrinhas* deve ser de $\frac{1}{5}$ de prata e $\frac{4}{5}$ de oiro puro, o que dá approximadamente o valor intrinseco de 6\$500 réis; mas havendo muitas cerceadas e de toque inferior, mesmo entre as contramarcadas estabeleceu-se alguma desconfiança e difficuldade no seu curso.

« As *meias barrinhas* eram de oiro de 22 quilates e por isso desapareceram do mercado. »

As contramarcas foram postas no tempo de Joaquim Pinto de Magalhães, juiz de direito de Moçambique, despachado governador interino por decreto de 3 de Julho de 1851, o qual desembarcou em 20 de Outubro, e dois dias depois tomou posse.

« Para estudar as causas das frequentes alterações de valor na moeda circulante, o governador interino nomeou em 18 de Outubro uma commissão composta de oito membros, e a seu pedido a junta da fazenda em sessão de 8 de Novembro elevou a onze os membros da dita commissão, e mandou affixar um edital para as *barrinhas*, *meias barrinhas* de oiro e *patacas* de prata serem levadas no praso de trinta dias á contadoria geral para se contramarcarem e assim correrem pelos mesmos valores, emquanto se não adoptavam novas providencias. O edital

continha também varias disposições para regularisar a sua execução, sendo a mira principal d'esta medida inutilisar as *barrinhas* de oiro e as *patacas* de prata de toque ou de peso falseado, que tanto abundavam no mercado da provincia, e fazer o seu recenseamento. Parte das disposições regulamentares foram logo modificadas na sessão de 19 do mesmo mez por proposta do escrivão da junta. »

A commissão terminou os seus trabalhos em 22 de Dezembro do mesmo anno. Quanto aos resultados a que chegou, vide Aragão, *loc. cit.*, pag. 446.



INDICE

INDICE

DOS DESENHADORES E GRAVADORES

(POR NUMEROS)

- | | |
|--|--|
| ALMEIDA (Caetano Alberto Nunes de), 199. | I. H. B? 247. |
| AUMOITTE, 17. | I. P. S., 245. |
| AZEVEDO (C. C. de), 6, 8, 9, 13. | KULLRICH, 279. |
| BAPPE, 281. | L. C., 212. |
| BARRE (Alberto), 200, 203, 302. | LÜSTER (Chr.), 22, 24, 26, 27, 28,
29, 30, 31, 32, 46, 152, 156, 161,
165, 176, 177. |
| BESSAIGNET, 197. | MACLISE (D.), 196. |
| BIANCHI (I.), 214. | M. G., 221. |
| BORJA FREIRE (Francisco de), 199. | MITCHELL (Henrique), 218, 219. |
| BORMANN (L.), 195. | MONCAYO, 220. |
| BORREL, 202. | MONTEIRO, 7, 16, 18, 19, 20. |
| BOVY? (Ant.), 207. | NORDHEIM (A. V.), 251. |
| CAQUÉ, 199. | OUDINÉ, 204, 315, 317. |
| CARNEIRO (F.), 33, 34, 36, 41, 43. | POJADHI (A.), 215. |
| C. L., 212. | POLETTI (Al.), 214. |
| CUYPER (L. de), 205. | VOIT (K.), 280. |
| DEJOIE (E.), 300. | ROUTIER (Antonio), 209. |
| DORER? 207. | SHAW? 318. |
| ERNESTO, 33, 37. | SOUZA (J. de), 213. |
| E. S. R. C., 175. | TAUTENHAYN (J.), 208. |
| E. S. S. G., 14. | VOIGT (G.), 253. |
| FARIA, 22, 23, 25. | WATT & Co., 277. |
| FERREZ (Z.), 2, 3, 5. | WIENER (Carlos), 205, 206. |
| F. J. P. C., 38, 39, 40. | WIENER (L.), 244. |
| GALLE, 201. | WYON (J. S. e A. R.), 222. |
| GASPAR? (José), 211. | WYON (Leonard C.), 196. |
| GAYRARD, 198. | |
| GONZAGA PEREIRA (Luiz), 199. | |
-

INDICE GERAL

INDICE GERAL

PREFACIO, por João de Saldanha da Gama..... *Pags.*
V

SECÇÃO DE IMPRESSOS E CARTAS GEOGRAPHICAS

ESBOÇO HISTORICO, por José Alexandre Teixeira de Mello 15
CATALOGO, por João de Saldanha da Gama, José Ale-
xandre Teixeira de Mello, Antonio Jansen do Paço
e João Ribeiro Fernandes..... 37
INDICES, por João de Saldanha da Gama..... 443

SECÇÃO DE MANUSCRIPTOS

ESBOÇO HISTORICO, por Alfredo do Valle Cabral..... 457
CATALOGO, pelo mesmo..... 471
INDICE, pelo mesmo..... 549

SECÇÃO DE ESTAMPAS

INTRODUCCÃO, por José Zephyrino de Menezes Brum.... 555
ESBOÇO HISTORICO, pelo mesmo..... 559
CATALOGO, pelo mesmo..... 603
TABOA DOS MONOGRAMMAS, pelo mesmo..... 901
INDICES, pelo mesmo..... 913

NUMISMATICA

ESBOÇO HISTORICO, por Antonio José Fernandes de Oli-
veira..... 931
CATALOGO, por Luiz Ferreira Lagos e Antonio Jansen do
Paço 941
INDICE, por João de Saldanha da Gama e Antonio Jansen
do Paço 1061

FIM.

ERRATA

<i>Paginas</i>	<i>Linhas</i>	<i>Erros</i>	<i>Emendas</i>
27	32 e 33	la independencia Española	la independencia de la America Española
33	23	in-4.º gr.	in-8.º gr.
107	29	<i>amigo</i>	<i>amigo</i>
110	10	<i>Brasilacam</i>	<i>Basilacam</i>
181	39	estranhas	extranhas
184	5 e 6	explendido	esplendido
259	20	palavra	palavras
295	8	publicada, antes de Pedro Nunes	publicado, antes do de Pedro Nunes
369	9	por que se o considere	por que se elle considere
379	31	Deu caso	Deu causa
394	38	deve-se citar	devem citar-se
499	20	Diogo Gonçalves	Francisco Gonçalves
528	26	Deve-lhe	Deve-se-lhe
613	39	Mestre Caduceu	Mestre do Caduceu.
614	15	Caduceu	do Caduceu
648	14	offeçoou-se	affeçoou-se
700	28	<i>pinx.</i>	<i>pinx.</i>
706	31	<i>Marie</i>	<i>Maria</i>
746	3	por esta não ter	por não ter
776	3	officina do pintor	officina de pintor
802	26	superior	inferior
835	40	<i>Sevent</i>	<i>Sevent</i>
893	14	com	como
974	2	JOSEHUS	JOSEPHUS

<i>Páginas</i>	<i>Linhas</i>	<i>Erros</i>	<i>Emendas</i>
1013	9	WION	WYON
1014	14	homemagem	homenagem
1016	31	La Villete	La Villette
1023	6	com	por
1024	2	1876	1776

Erros que escaparam só em parte da edição

1028	2	<i>acueraa</i>	<i>acuerda</i>
1029	1	ESTRANGEIRAS	EXTRANGEIRAS
1029	20	OCruzados	OC cruzados
1030	25	emblema	emblemas
1037	22	pois	dois

RECTIFICAÇÃO

á noticia biographica de Luiz Calamatta, de pp. 661-663.

L. Calamatta nasceu a 21 de Junho de 1801; foi para Paris em 1823; nomeado director do Gabinete de gravura de Milão, ali falleceu a 8 de Março de 1869; os seus despojos mortaes foram solemnemente trasladados d'esta cidade para Civita-Vecchia a 27 de Agosto do corrente anno, parecendo portanto inexacta a versão de Vapereau (*Diction. Universel des Contemporains*, Paris, 1870), que o dá como inhumado no castello de Nohant. A sua obra gravada consta de 116 estampas. Vide: *L'Illustrazione Italiana*, n.ºs 36 e 38 de 6 e 20 de Setembro de 1885.

ESTAMPAS

reproduzidas por photo-lithographia segundo as descriptas

á pp. 780-782, sob n.^{os} 207 - 211.





HELIOGRAPHIA

LAEMMERT & CO







